S. Paulo — Numero programma — Brazil

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno..... 10$000
Pagamento adiantado

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PUBLICA-SE UMA VEZ POR SEMANA
PROPRIEDADE DE
~~Josephina Alvares de Azevedo~~
PROFESSORA

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno..... 12$000
Pagamento adiantado

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

Victor Hugo.

A FAMILIA

S. Paulo, 18 de Novembro de 1888.

E' dever de todo o jornal que apparece dizer o que vem fazer, o titulo porém desta minha revista, d'isto me poderia dispensar; tal não succede, visto que, não venho unicamente fazer uso da imprensa, para ensinar a mulher paulista a educar seus filhos, porque isso sabe ella.

Instada por algumas amigas afim de fazer umas conferencias sobre a « Educação da Mulher », fiz-lhe notar que a palavra em meus labios era pallida, não tinha as scintillações do verbo de Stael, nem o colorido suave e puro do estylo de Sévigné, nem a energica expressão da palavra de Louize Michel, e que por tanto faria uso da imprensa, escolhendo de preferencia a bella cidade de S. Paulo, d'onde trouxe gratissimas recordações, para ahi dar á luz, á modesta publicação que tem por titulo *A Familia*.

Eu represento simplesmente uma convicção e um exforço, nada mais. Effectivamente, [illegible] necessidade desta tarefa gloriosa talvez, mas de certo muito superior ao que posso. Embora, a ella submetto-me resignadamente.

As novas doutrinas impõe-se acima de tudo pela força mysteriosa da imprensa.

A imprensa que fulmina o erro, tambem desperta as consciencias adormecidas. Porque ella é como o raio que fende a rocha e perfura o chão. E ha effectivamente uma grande erro a fulminar.

A consciencia universal dorme sobre uma grande iniquidade secular — a escravidão da mulher.

Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto principio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a elles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funcções especiaes, como elles pela mesma razão as tem. Mas isso não é razão de inferioridade, porque essa traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens — no governo da familia, como na direcção do estado.

Somos victimas de um erro, se outra cousa menos decente não é que nos traça um plano inferior nos destinos das nações.

As sociedades assentam suas bases sobre dois principios cardeaes: — o principio da força e o principio da ordem. O principio da força é o homem, o principio da ordem é a mulher. Assim pensando, até me parece que compete-nos de preferencia a direcção das sociedades. Porque o homem é e foi sempre a negação da ordem, sem a qual não ha sociedade possivel. E em abono desta opinião eu vos trarei um exemplo muito vulgar — o governo de uma casa. E' raro o homem que sabe dirigil-a: Pois bem, elle que não é capaz de governar uma casa, que se compõe de algumas pessoas, como poderá governar um estado, que se compõe de muitas centenas de casas? Entretanto não é nosso o dominio dos povos e das nações. Eu sei que isto não deve ser dito assim, com tanta franqueza ainda estamos longe, muito longe de pretendermos esses direitos. [illegible] consideram exclusivamente seus. Oh! muito longe!

E aqui no Brazil, principalmente, as cousas infimas até espantam, dão origem a commentarios desrasoados, e o que é peior, affectam um caracter de dolorosa crueldade.

De crueldade, disse, e com razão. Haveis de ter visto que sempre que se crêa para a mulher uma posição nova, abrindo diante de suas necessidades uma fonte de conforto — uma occupação remunerada, onde ella possa exercitar a sua actividade, ganhando, á luz do dia, pelo trabalho, o pão que teria de obter na escuridão hypocrita do vicio, dentro de casa; quando isso se dá, o acto da pessoa que teve a iniciativa do bem é ridicularisado e todos murmuram das primeiras raparigas que procuram utilisar-se do beneficio que vem poupar-lhe dos perigos em que a miseria assedia a honestidade de cada uma. Nem isso parece um erro, parece uma perseguição!

Em face destes exemplos, devemos confessar com toda a franqueza, que ha nas sociedades uma escravidão mais barbara do que todas as escravidões que a historia nos aponta — é a nossa escravidão. P ior do que todas, até mesmo porque não ha nem nunca houve para nós um termo de rehabilitação, ainda que para isso concorra a excepção phenomenal do talento. Extranho capricho dos homens.

Tarquinio o escravo etrusco subiu as cumiadas do poder da Roma civica. Para a mulher não ha merecimento que a rehabilite nas sociedades! Nenhuma subiu ainda pelo seu merecimento, e é triste dizel-o! até hoje, as que se tem tornado engrandecidas tem pago com o tributo da deshonra as ephemeras glorias deste mundo!

Semiramis, a grande rainha da Babilonia, que edificou maravilhas no ar, como os sonhadores edificam no pensamento, subiu ao throno, não pelos altos dotes de espirito que possuia, mas trahindo os laços conjugaes que a prendiam a um official do exercito, fazendo-se amante e esposa do rei.

Nos tempos modernos, nós vemos a Sra. Roland, dirigindo pelos seus extraordinarios talentos [illegible] toda aquella pleiade de Girondinos de que Verigniau era orgão na Assembléa da Republica Franceza; administrando ao mesmo tempo uma das pastas de que seu esposo era portador; sendo a alma de uma nação revolucionada, em dado momento daquelle longo periodo de agitação e de lutas sem treguas.

A senhora Roland não teve um gráo, uma distincção qualquer entre os seus concidadãos como pessoa politica, ella que era um genio, porque... (monstruoso absurdo!)... porque era uma mulher! Ella que era tudo perante a verdade dos factos e a consciencia da historia, entretanto — nada! — perante seus concidadãos.

A historia dos povos de todos tempos está cheia destas injustiças; e as leis e pragmaticas sociaes replectas destas ingratidões para comnosco. Tudo isso devemos ao egoismo do

homem, a estulta apprehensão de que fóra deste estado infimo não ha salvação possivel para nós e para elles. Estará tudo irremediavelmente perdido. Porque os homens pensam que nós seremos menos escravas de nossos conscienciosos deveres, do que da treloucada e tyrannica preponderancia que exercem sobre os nossos legitimos direitos.

Pensam que seremos melhores na qualidade detestavel de cousas do que na excepção justa e logica de pessoas; peiores sendo companheiras do que sendo escravas! E emfim um prejuizo secular que não pode ainda ser vencido pela razão, pelo sentimento de igualdade, que é o apanagio das civilisações modernas.

Eu não pretendo, qual Joanna d'Arc, de uma crusada santa, conduzir exercitos á victoria, desfraldando o estandarte aurifulgente da legitima e sagrada — Emancipação da mulher,— porque não tenho força nem talento para tanto; mas não deixarei jámais de pensar assim e dizer francamente aquillo que penso. Não interceptemos os raios do sol com a transparencia de uma cambraia.

A mulher deve ser livre e equilibrada em suas funcções como o homem na sociedade. Tenhamos este principio por base, que só elle é verdadeiro. Entre nós falla-se muito da educação da mulher; mas tudo sem descernimento. Referem-se a uma especie de polimento de espada que não se destina a ferir, senão a brilhar ingloriamente. E em que consiste essa tão decantada educação? No seguinte:—saber mal o portuguez, a arithmetica, o francez, o canto e o desenho, e muito mal arrumar a casa.

E' o grande ideal! Porque, aqui para nós — parece que nem tudo isso sabemos.

O caso é que a tal decantada educação não nos adianta idéa... Se nós não temos um ideal mais nobre!... Se não temos a aspiração que nos edifique!... Aquella que consegue romper este acanhado circulo de ferro em que agimos, e pelo estudo e sabedoria chega ao conhecimento das cousas, essa só consegue uma cousa envolver-se em uma atmosphera de descrença e de tedio, em um meio em que a sua individualidade, que ella começa a descernir, não tem objectivo digno de si.

Algumas pessoas concordam em que a mulher deve ser educada para ser boa mãe de familia. E' justo. Mas alem desse mister o que faremos de uma educação solida, que possa ter desenvolvimento nesta ou naquellas aptidões especiaes aproveitaveis á sociedade, isto quando não tenhamos filhos a educar? Nós não somos mães todos os dias e ás vezes não o somos nunca.

Ha nestas multiplas questões que se prendem ao magno problema da Educação da Mulher, problema de uma natureza particular e de uma difficuldade transcendente.

E' preciso estudar muito, banhar o espirito na luz da sciencia; mergulhar o pensamento na historia; fazel-o surgir no direito. Além disso é preciso ter fé e esperança no futuro, que hade amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral. Mas é preciso desde já romper com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado aos seus caprichos, começando por estabelecer bem positivamente as bases dos nossos direitos.

Estou certa de que caminharei commigo na senda desta ardua propaganda, incitadas tambem pelo exemplo das nossas amigas que na França e na Inglaterra desfraldaram aos ventos do porvir o estandarte das nossas liberdades.

A revolução que deu ao mundo a igualdade do homem teve por theatro uma das mais gloriosas nações da vetusta Europa, pode estar reservada á joven America a immensa gloria de ser o theatro da grande conquista da nossa igualdade. Luz e progresso, é hoje uma legenda americana. Seja tambem nosso esse patrimonio bemdito.

E esse enthusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brazil, que me viu nascer, e que eu desejo ver engrandecido no apogêo de todas as glorias, e em cujo seio a mulher seja nobre, instruida e livre.

Josephina Alvares de Azevedo.

AS MAES

E' do intimo e mysterioso reccesso da familia, onde se divinisam as grandes virtudes, que sahe o filho querido para o rude combate da lucta pela vida.

E, se a influencia profunda, incessante, quasi soberana que as mães exercem sobre os filhos com os seus exemplos, os seus conselhos e ás vezes com as suas lagrimas, for condignamente aproveitada no louvavel intuito de desenvolver os nobres instinctos que engrandecem ao homem, estamos certas de que jamais a mão do crime extinguirá de seu coração o sello indelevel das virtudes que lhe forem incutidas. Sobre este assumpto assim se expressa um notavel escriptor: "Principia a educação no berço da criancinha recentemente nascida, e já a pronunciar natureza revel e ruim de caprichos que é mister sopear-lhe».

E' portanto a mulher a primeira mestre do homam, seu primeiro instrumento e talvez ultimo de educação. Não a exauthoremos de tal privilegio, porque de Deus lhe vem, ao interpol-a em meio dos homens, anjo do bem-fazer e do amor.

A mais desgraçada educação é uma, em que não se nos deparam vestigios de mulher, que quebra com affectos a rigidez das paixões fogosas e matiza a sociedade humana com uns realces de condescendencia mutua — symbolo exterior e profundo de civilisação." Se as mães têm, pois a parte mais importante e séria na educação da primeira idade, que é quando se formam o gosto e as observações que toda a vida nos encaminham; justo é que o seu desenvolvimento physico, moral e intellectual não seja mais comprimido nos atrophiadores moldes, que nos legou a idade media. E, effectivamente, essa educação longe de dispol-as para a nobre e elevada missão que as espera na sociedade, procura attingir fins inteiramente oppostos, aquelles que se deveria desejar.

Entretanto ninguem deixará de convir, que em relação á sua instrucção manifesta-se um movimento progresesivo, e que existe tal ou qual empenho em instruil-as porém bem superficialmente; quanto da educação — como já disse algures — parte inseparavel da instrucção, nem no lar domestico, nem nos estabelecimentos apropriados ao ensino, quasi ninguem d'ella cuida. Trabalha-se incessantemente para ornar-se a memoria mas o entendimento e a consciencia jazem adormecidas.

Onçamos em referencia e isto a voz authorisada de Aimé Martin: "A memoria deve ser bella para attrahir a attenção e agradar; deve ser meiga e submissa, para ser ouvida e estimada diz uma mãe a sua filha; o que tanto vale dizer-lhe; em tudo deve substituir as apparencias á realidade — vaidade nos adornos, vaidade nos talentos agradaveis, vaidade na instrucção. Com poucas excepções o que contitue hoje a educação é o parecer, e não o ser.

O que a vaidade diz é o que a mulher quer e o que o homem executa; tal é a marcha do mundo.

E o que succede! A volubilidade d'um sexo influe necessariamente nos habitos do outro; ellas são futeis para agradecerem; é preciso que os homens se tornem frivolos para, por a sua vez as seduzirem.

D'ahi provêm sem duvida, muitos dos males que affligem a sociedade, que affrouxam os laços da familia, que enfraquecem a sua energia primitiva sujeitando a vida ás formulas coprichosas, e ás vezes degradantes.

E, como diz Mme. Bernier, a ignorancia em que as mulheres estão dos seus deveres e o abuso que fazem do seu poder, fal-as perder o mais bello e o mais precioso de seus dotes — o de serem uteis.

No meio da decadencia moral d'esta epocha, em que vê-se gradualmente ir-se extinguindo do coração do povo a confiança na crença piedosa, em que a unica paixão predominante é accumular riquezas, d'onde resultam esse egoismo marmoreo, essa indifferença glacial e orgulhosa que quasi nos têm feito olvidar o santo amor da humanidade, só as mães podem impedir as infesta torrente do materialismo, que ameaça invadir tudo. Sim, aquellas que aspiram a felicidade dos seus filhos, a solidez e aconchego do seu lar devem juntar-se aos esforços de todos que amam ao bem, para educar dignamente a nova geração, em cujas mãos estão os destinos de amanhã; tendo em vista que a instrucção por si só é uma iarma perigosa, e que o seu cultivo unicamente não basta para o engrandecimento da humanidade; que ambem lhe é isdispensavel essa cultura moral, esse pensamento religioso despido dos prejuizos e superstições d'outras éras, afim de tornal-a feliz pela virtude, pela intelligencia e pela luz.

ANALIA FRANCO.

Pretendem que as mulheres não são capazes d'estudos, como se a sua alma fosse de especie differente da do homem, como se ellas não tivessem tambem uma razão que dirigir, uma vontade que regrar, paixões que combater, ou se lhes fosse mais facil do que a nós satisfazer todos estes deveres, sem aprenderem coisa alguma.

Padre FLEURY

Influencia da muiher na educação social

Fermina exornat dies et intellectus hominis et civitatis.

ZOROASTRO.

Sempre que se trata de um assumpto de alta magnitude, como o vigente, indeclinavelmente manuseia-se a historia, mestra da vida, na phrase de Cicero, escrinio dos conhecimentos humanos no sentido de Zenon, para com a eloquente nomenclatura dos factos demonstrar-se irrefragavelmente o proposito a que nos commettemos. assim com a historia em frente demonstrarei á saciedade que a mulher em todas as épocas foi, como é, o principal factor da educação social.

Remontando-se aos primeiros tempos da vida humana quando as tribus procuravam um nucleo commum o principal chefe das mesmas no conselho deliberativo, ouvia em primeiro logar as mulheres das tribus, assim como no fim do conselho dava a ellas a palavra para — completar e determinar os acontecimentos, é o que dizem Cesar Cantú, Leopardi Momusen historiadores de primeira esphera.

Deprehende-se pois, que segundo a historia a sociedade em sua eclosão dependeu directamente da influencia da mulher, e assim a educação desses povos foi trabalho della, exclusivo.

Na antiguidade o povo mais avançado em conhecimentos, a Grecia, reunia em seu «Agora» as mulheres para que emittissem a fórma de proceder nos acontecimentos da nação determinando como se devia instruir o povo.

Em Roma no «Forum» todas as celebridades pediam que na decisão dos destinos da patria, «verbi gratia», o preparar a intelligencia do homem fosse a mulher incumbida.

Na media edade, quando se curava da reorganisação social pensaram os governos que a mulher era o elemento essencial dessa reconstrucção segundo dizem aquelles historiadores supra mencionados.

Nos tempos hodiernos, a mulher é o principal movel da educação e engrandecimento dos povos.

Demonstraremos: A unificação da patria de Manzini, e Garibaldi não se deve a esses proeminentes vultos, porém, aos labores e hombridade de Josephina Zoglia essa heroina siciliana como diz Luigi Setembrine.

Na Russia o nihilismo uriundou-se da influencia de Thereza Rokwou porque a mulher era nesse paiz considerada até essa época como uma propriedade do homem. Na França sabemos que Jeorge Sand, Stael e Danphine, foram o elemento destruidor do cesarismo Napoleonico, sendo o mais importante e quiçá unico elemento da nova ordem de acontecimentos na educação desse povo.

Educar é estabelecer e constituir costumes que se amoldem á moral, quer do individuo, quer para aquelles com quem esse individuo tem impreterivelmente de conviver.

Ora a mulher por sua natureza e pelos factos que a todos os momentos laboram na vida humana, é a organisadora desses costumes, por tanto a mulher é a unica, e a principal constituição, com diz Emilio Castellar, a phalange heroica das grandesas no organisar da força e dos triumphos do povo, é a educação provinda dos labios da mulher que connosco convivendo nos mais intimos momentos da vida, onde aberto é o nosso coração a todas as sinceras expressões da verdade, faz que estejamos adaptados ao sublime em prol de todos os concidadãos.

Não se pode colher argumento mais favoravel para a sustentação do principio que encima esse artigo, do que procurar na propria vida quotidiana do homem que se manifesta nos minimos actos bons ou máos, a maneira porque recebeu na sua infancia os dictames da educação.

Para não nos alongarmos diremos, educar ou propriamente constituir costumes, e com elles prejulgar do caracter, valor intellectual e moral daquelle com quem temos por dever social de entreter relações, é poder que deu á mulher até hoje a supremacia nos destinos sociaes, porque sómente ella póde organisar e fazer brotar no coração do ser que se diz forte os habitos bons, e respeitadores da harmonia de nossas relações,

ISABEL DILLON.

Côrte, 15 de Novembro de 88.

A educação das mulheres é mais importante que a dos homens; por isso que a destes é sempre obra d'aquellas.

FÉNELON.

A MINHA IRMA

Uma irmã é uma amiga que a Providencia nos envia, e que muitas vezes nos serve de verdadeira mãe.

A irmã mais velha, principalmente, exerce grande predominio sobre os irmãos mais moços, de quem ás vezes é madrinha; é o *ai-Jesus* da familia, que n'ella concentra todas as suas affeições; é o braço direito da mãe, que não pode accudir a todos os cantos da casa, onde se requer a sua presença; é o anjo tutelar dos creados e dos empregados; é a *bem-vinda* dos pobres e indigentes.

Eu fiz o retrato de minha irmã idolatrada.

HONORIA AUGUSTA DE CAMPOS.

EXPEDIENTE

Faz parte da redacção e collaboração desta folha a Exma. Sra. Doutora Isabel de Mattos Dillon.

A EDUCAÇÃO DAS MULHERES

Inauguron-se em Paris o Lycen de Molière, destinado á educação feminina em Paris.

O Sr. Lockroy, ministro da instrucção publica, assistio á ceremonia e pronunciou um brilhante discurso, que foi muito applaudido.

Fez notar a necessidade de reformar o ensino da mulher moderna e terminou com as seguintes palavras:

" A honesta liberdade do pensamento, a gravidade simples do sentimento, eis o que é preciso antepor a tudo; eis o que é preciso adquirir e propagar depois em volta de si: é com estes elementos que a mulher se pode tornar verdadeiramente igual do homem, e tornar-se digna do unico papel que hoje lhe convem — o de educadora do paiz

A inscripção antiga resumia nestas palavras o elogio de uma verdadeira mãe de familia. "Amou o marido com todo o coração; olhou pela casa, e fiou a lã"

A mulher moderna deverá tambem merecer esses louvores, mas é preciso accrescentar-lhes ainda isto: "Fez dos seus filhos cidadãos esclarecidos e viris, capazes de servir a patria, tanto dentro como fóra do paiz."

« O futuro de uma creança, dizia Napoleão, é sempre obra de sua mãe » e o assignalado varão folgava de repetir que devia á sua o ter chegado á grandeza a que chegou!

AIMÉ MARTIN.

A CASA

I.

Doce palavra que de todos os prazeres consola!

Oasis da vida, retiro encantador da mulher, grato albergue do homem! Quanto devemos estimar-te todos os que sabemos o que é amar e sentir!

A "minha casa!" Aquelle que possue ao menos o pão diario, deve contar como a primeira, como a maior das felicidades, o poder pronunciar estas palavras.

A casa deve ser o sanctuario da mulher e o sitio onde deve achar-se melhor que em outro algum, e, não obstante, vemos mulheres que passam a vida de festa em festa, e que apenas entram no lar para comer e dormir. Lamentamos profundamente, e sempre que vejo algumas d'ellas, acode-me á lembrança a triste historia seguinte:

II.

Uma menina muito bonita e muito da moda, casou-se ha uns tres annos com um homem a quem amava; era elle intelligente, mas ambicioso, e conhecia perfeitamente a grande frivolidade de sua mulher; olhava-a como um dos formosos quadros da sua bonita galeria de pinturas.

A esposa não dispunha nem da mais pequena parte da fortuna conjugal; quasi nunca sahia com o marido, este quando tinha spleen ou algum desgosto, encerrava-se no seu quarto; quando estava alegre ia jantar com os amigos.

Preciso é dizer, que em compensação, deixava sua esposa na mais completa liberdade, e que ainda não tinha manifestado desejos de possuir um vestido novo, um enfeite, umas rendas de elevado preço, uma joia — e já tinha no seu guarde-facto ou no seu joalheiro.

Que mulher tão feliz! diziam ás suas amigas. Em quanto foi solteira divertio-se quanto quiz; fez depois soberbo casamento e vive agora como uma rainha!

O mundo engana-se com as apparencias, como succede sempre, com a mulher leviana, que pouco antes só pensava em theatros e bailes, a gentil amazonas que percorria essas ruas seguida de uma nuvem de adoradores, tinha principiado a reflectir no isolamento e na solidade de sua casa.

Tinha a cabeça oca, mas o coração bom e amante, e isso comprehendeu que não occupava o logar, que era seu, nem no lar, nem no amor nem na consideração do marido.

Não era sua amiga, nem sua companheira; era uma coisa bonita de quem só cuidava como das porcellanas, de seus consolos; era uma figura mechanica, como o authomato jogador do xadrez, que por elevado preço tinha comprado na Allemanha.

III

Um dia, a pobre mulher foi ter com o esposo, quiz fallar-lhe e desatou em pranto.

— Que tens! perguntou-lhe o marido. Desejas um vestido novo? Terás dois. Uma carruagem? Estreial-a-has amanhã.

— Não, não desejo nada d'isso! respondeu a pobre esposa. O que anhelo é o teu amor.

— Que motivos de queixa tens de mim?

— Não sou tua amiga! vou sósinha a todas as partes! Não me confias os teus pezares! Finalmente não tenho em tua casa o logar que me pertence como esposa.

— Ora, adeus! tornou-lhe o marido, conserva o logar que tens, porque não saberias estar n'outro.

— Pois que! exclamou ella exasperada, negas-me toda a sensibilidade e toda a intelligencia?

— Vi-te desde que te conheci, sob o aspecto mais frivolo; não me casei comtigo para que compartisses os pezares e fadigas da vida, mas sim, porque és bonita e desejo ver-te sempre.

— Ah! exclamou a triste mulher, levantando o semblante empallidecido pela dôr e pela ira. Eu sou uma coisa bonita que tu compraste, mas dás o teu amor e todo o teu tempo á outra mulher! Sei tudo e não quero calar-me por mais tempo.

Um silencioso fastidioso succedeu a estas palavras.

— Não quero negar-te o que já sabes, disse o marido, grave e tristemente. Consola-te, porém, com saber que essa mulher é tão feia como formosa tu és, sendo, além d'isso, mais adiantada em annos.

— Então que é que nella te captiva?

— A sua elevada intelligencia, a sua conversação encantadora, a sua profunda sensibilidade; coisas estas que nunca esperei encontrar em ti; a intimidade da alma, a sympathia das idéas como outro ser, constituem uma necessidade irresistivel para o homem; e aquelle que encontra lar vasio vai sentar-se n'outro, onde acha o que no seu lhe falta.

Desde aquelle dia, a jovenil esposa quiz provar a seu marido que podia compartir com elle o peso da existencia, dedicou-se a aformosear a casa e, retirada nella mudou completamente o seu methodo de vida; lia, e aperfeiçoava-se na musica, costumava-se a pensar, e chegou a ser, finalmente uma alma, que achou o caminho da de seu marido, do qual prevenia todos os desejos, e compartia todas as impressões.

O marido chegou a entender que tinha em sua casa alguma cousa mais do que um movel como os demais; affeiçoou-se tambem aos tranquillos gosos do lar, desde que, em vez de o encontrar solitario, o achava guardado por sua formosa esposa; e elle que lhe

fallara com tão rude franqueza, teve então um prazer infinido em allumial-a com os raios do seu proprio talento, offuscado pelas nevoas do materialista e frivolo da sociedade. Já ella é amiga, a companheira e o unico amor do homem, a quem ligou o seu destino, a que constitue a maior, e, talvez, a unica felicidade positiva da mulher, que nasceu com um coração bom e sensivel.

IV

A casa! O lar!

Onde se descança melhor, onde se encontra maior satisfação e mais suave bem estar.

Vão ás festas mais explendidas do mundo, e raro será que não voltem para casa com o corpo fatigado e o espirito igualmente fatigado; mas na doce tranquilidade de suas casas nunca estarão sós; os moveis, os livros, o piano, o periodico que traz as mais lindas noticias da moda, o passarinho que canta na gaiola, o ramo que lhes dá o perfume, todos estes objectos lhes parecem, e com razão outros tantos amigos que lhes sorriem e os amam, alli não ha decepções, alli não ha inveja nem malidicencia, alli tudo é paz socego, harmonia e repouso, alli desde a sagrada imagem que nos escuta os rogos, até os visinhos da sacada, tudo é querido, como queremos a tudo quanto vive nos nossos cuidados.

A mulher que não se encontra bem em sua casa, em balde procurará a felicidade no ruido e nas festas, porque no mundo, e no meio dos seus mais explendidos boliços a alma da orphã está tão isolada como nas mais vastas soledades, como nos mais horrorosos desertos.

MARIA.

Duvier, attribuia a sua mãe a felicidade dos seus estudos e a gloria das suas descobertas.

AIMÉ MARTIN.

OS CABELLOS

Quem me dera possuir uns cabellos tão lindos como algumas de minhas amigas! Havia de penteal-os e enfeital-os cada dia de seu modo.

Os meus não são feios, graças a Deus porém eu queria tel-os ainda mais bonitos; negros, negros da cor da noite, me ficariam a matar: dizem...

Gosto de ver uns cabellos pretos em carinha de jambo, cabellos castanhos em rosto claro, e dourados em face mimosa e alvissima.

Os cabellos pretos indicam natureza ardente, os castanhos amor sereno, e os dourados indifferença.

Pelo feitio do penteado bem se póde ajuizar do bom ou máo humor de quem o traz, pois o penteado baixo quér dizer "desanimo," o alto "vaidade," o nem alto nem baixo "bom senso;" cabello solto indica "devaneio," em caixos "affectação," em tranças "ternura".

Escusado será dizer que o meu penteado está sempre no justo "meio termo".

AMELIA VALLE.

A ignorancia em que as mulheres estão dos seus deveres, e o abuso que praticam do seu poder, fazem-lhes perder o mais bello e o mais precioso dos seus dotes, o de serem uteis.

Mme. BERNIER.

PRIMAVERA

Oh! na primavera as flores
São outras, tem mais frescura;
Tem mais vida, mais odores,
Tem uma seiva mais pura.

O campo é mais verdejante,
As fontes mais crystalinas,
A brisa mais sussurrante,
As rosas mais purpurinas.

Cardumes de borboletas
Doudejam pelos vallados,
Pousando alegres, inquietas,
Nos castos lyrios nevados.

As gottas d'agua, trementes,
São perlas amarantinas
Que brilham, bellas, algentes,
Pelas relvosas campinas.

Oh! na primavera as flores
Tem outra seiva no seio...
Assim tambem os amores
Tem outro encanto, outro enleio.

JOSEPHINA A. DE AZEVEDO.

Não acho motivo para tratar as mulheres com menos seriedade que os homens, para lhes disvirtuar a verdade sob a fórma de um preconceito, e o dever sob a apparencia d'uma superstição; ellas teem direito ao dever, teem direito á verdade, por isso que são capazes d'ambos.

Mme. de RÉMUSAT.

CONSELHOS

Jeovah, o pae de misericordia, de perdão e de amor, muitas vezes permitte que Lusbel, o feio espirito trevoso, o condemnado de seculos, segundo as lendas biblicas se associe, tambem, na feitura de suas obras.

Foi assim que Jeovah, vendo um dia o desalento que iria por esses mundos se não lançasse n'elles uma fibra de seu coração immenso, lembrou-se de crear o *amor*... e Lusbel que não dorme, e espia atravez dos seculos; o que pensais que fez? Suppondes que se humilhou contricto ante esta scentelha que vinha illuminar as orbes? Lusbel, Lusbel creou simplesmente o *ciume*... e desde então, por tal fórma as duas creações se associarão, que hoje, é quasi impossivel separal-as; e fostes vós miseras filhas de Eva, as mais aquinhoadas nessa herança tremenda.. e nem tendes de quem queixar-vos, porque, filhas ingratas olvidastes os preceitos maternos— Mergulhai nos mais fundos abysmos do passado, revolvei o Exodo e o Genesis e não achareis noticia, de que fosse cinmenta a nossa mãe commum E' que ella bem sabia, o poiro della, nunca percorreu europicas terras, creio mesmo que nunca se affastou do *paraiso perdido*, é que ella sabia que o ciume degrada e avilta, corróe e martyrisa

Aprendei, pois, que os vossos labios se fizerão para repetir palavras de amor e de consolo, e que portanto nunca sejão contrahidos pelo ciume que produz o odio.

Aprendei que o vosso olhar, onde deve residir a esperança e a fé, se não desvaire, aos embates desse sentimento feroz

Aprendei que o vosso talhe arredondado e gracioso, para tudo se fez, menos para o movimento brusco e arrebatado que o tal *bichinho* provoca.

Aprendei, finalmente, que o ciume é a mais flagrante prova de vossa inferioridade, que elle vos amesquinha, a vós que sois o mais bello producto sahido das mãos de Deus, a vós que sois as intermediarias entre o céo e a terra, porque abrigaes em vossos seios a pureza e o amor, a esperança e a fé.

JOSEPHINA A. DE AZEVEDO.

O ENSINO

Sciencias e artes, tudo requer uma aprendizagem maior ou menor, para dar fructos saborosos, como diziam os antigos, — *é preciso dar tempo ao tempo.*

Mas, de todas as aprendizagens, a

do *ensino* é a mais ardua e melindroza.

A professora que se presa, tem muitas vezes vertigens, só com o lembrar-se de que estão confiadas aos seus cuidados, futuras donas de casa e mães de familia pois, em um paiz christão como o nosso, o cidadão educa-se na familia, e nesta reina a mãe, a mulher.

Cada mestre tem seu methodo especial na exposição e desenvolvimento da materia que ensina; e a cada momento precisa complical-a ou resumil-a, invertel-a ou modifical-a, conforme o grão de intelligencia e desenvolvimenta intellectual, dos seus alumnos.

Todos os dias sahem á luz da imprensa novos methodos de ensino que, a acreditarmos no que d'elles se diz, são a ultima palavra sobre a materia, e por isso nada mais ha a descobrir e aperfeiçoar.

Annuncios posteriores de novas obras mostram-nos porém, que se havia tomado a nuvem por Juno, e que elevados engenhos sequiosos do progresso se haviam deixado illudir pela miragem do deserto.

E' que a sciencia do ensino é na verdade difficilima!

Todo o methodo de ensino é bom comtanto que se saiba fazer uzo d'elle; ha porém uns methodos melhores do que os outros.

Lê-se em Fræbel — *Tout education et tout enseignment doivent être a leur debut indulgents, flexibles, souples se borner á proteger et á sueveiller, sans partis pris et sans système arrêté.*

MARIA DA PIEDADE PINTO.

SONHANDO

E Call adormecera...

O pallido rosto immerso em ondas de cabellos, destacava suavemente na moldura de Bruges da almofada.

Sonhava e estremecia, fazendo scintillar as gottas de luz que a lampada de Saxe entornava, indefferente, pelo bordado de prata da colcha de setim.

Sobre o seu leito inclinavam-se risonhas, as duas violetas que elle lhe mandara.

Eram fadas agora; uma, a dos olhos azues, que escutara, a tremer, a sua aspiração, segredava-lhe, mysteriosa, o que elle dissera pouco antes. A outra, deusa dos sonhos de amor, contava e mo lhe suspirava o poema da sua alma, com a descripção e suavidade do seu perfume e cor!

Mas que elle, ao respirar-lhe o aroma, sorrira e dissera: «Vae adoravel mensageira d'ese amor deconhecido, eu nao tenho por habito responder... a anonymas!»

Call empallidicia, escutando-a, e dizia-lhe a chorar:

«Voa, deusa dos sonhos de amor, conserva-te sempre junto d'elle a fallar-lhe da minha adoração; si insistir em me saber o nome, diz-lhe que sou uma desgraçada, a quem chamariam louca, si atravéz da espessa camada de gelo, que apparentemente a envolve, deixasse transluzir a chamme do amor que a queima!»

E voltando-se: «Tu fada dos sonhos azues, sê a minha inseparavel companheira. Embala-me docemente até adormecer no esquecimento da morte!»

Call despertou.

Ria o sol pela guipure da janella.

Nos seus grandes olhos pretos dois circulos escuros contrastavam singularmente com a alvura lyrial do rosto talhado em marmore de Paros.

N'essa noite, a sahida de S. Carlos, conchegando aos hombros a capa de pelucia, Call, sentia ainda nos ouvidos a vóz melodiosa do duque Mantua.

E quando ao adormecer, lhe passou pela vista a «sua» figura airosa e deslumbrante que a entontecia e extasiava sorriu e murmurou com tristeza:

— A unica cousa que nos é permittida a nós, mulheres, eternas visionarias é sonhar... sonhar!

MARGARIDA DE SIQUEIRA.

CAPRICHO

Tens razão! Do seio oppresso,
ermo de risos e flores,
heide arrancar os fulgores
que alli deixou teu olhar.
Heide esmagar, uma a uma,
as illusões cor de rosa
que essa voz harmoniosa
na minh'alma fez brotar.

Tens razão! Has de julgar-me
descrente, orgulhosa e fria,
gelada estatua sombria
que a luz do sol não dourou.
Heide fingir-me indifferente!
Dizer-te a aridez immensa
d'um seio onde a luz da crença
se extinguio.. se dissipou!

E quando tu, commovido,
vieres contar-me sorrindo,
que é immenso, extremo, infindo,
o affecto que te une a mim;
quando vieres revelar-me
teus projectos de ventura,
os teos sonhos de loucura,
teus devaneios sem fim...

Heide mostrar-te a ironia
no riso acerbo e pungente!
no gesto o sarcasmo ardente!
atroz cynismo no olhar!
Dizer-te que feneceram
as minhas crenças mais queridas,
como essas folhas caidas
que o vento leva ao passar!

ANNA D'ALBUQUERQUE.

LE POETE

Le Poete succède à la Sœur désolée;
Et son visage aussi
Retrace la douleur d'une âme inconsolée
Qui demande merci.

Il dit: «Fille des cieux! vierge exempte de crainte!
Pure divinité,
Par qui doit se confondre en une seule étreinte
Toute l'Humanité!

MARIE DE RUTE.

ESCUTA

A MINHA IRMÃ SUZANA DE O. COSTA

" A vida é uma cadeia de mentira!...
Sempre o demonio ao pé do seraphim!...
A sombra da desgraça e do exterminio
Sempre toldando os lustres do festim!

Fagundes Varella.

Quando os meus dias sorriam serenos por entre as harmonias da infancia, muitas vezes o anjo de minha

phantasia, cortando nevoeiros com as niveas azas, transportava-me a um mundo ignoto e incompativel com a minha idade.

Habitava-o uma sociedade amavel, tão amavel que me attrahia!

Em cada labio, a flux, eu via florir um sorriso tão seductor que me arrebatava nos arminhos do extasis...

Em cada olhar avelludado uma centelha viva e ardente irradiava com tanto encanto e fixidez que me commocionava e prendia...

Eu bebia a longos sorvos os sorrisos meigos, tão meigos que me enlevavam os olhares abrazadores que me deslumbravam, e as falsas ternas, tão ternas que repercutiam-me aos ouvidos como uma cavatina celeste, incitando-me ao amor.

Ao amor!.. E soberia eu o que era amor? Não. Mas sentia-o... e sentia que era um oasis verdejante e ameno em cujo seio placido vamos repousar das fadigas cruciantes da vida.. que era uma flor olente e mimosa, tão mimosa como um ideal de Deus, pura, tão pura! que ondeava alvinitente por sobre o sentimentalismo de nosso coração!..

Era o amuleto que contra os escolhos da existencia, nos dava o Ser Supremo.

E eu sentia que amava e amava essa sociedade tão bella, tão pura, tão attrahente pela sua superficie, e... amava-a!

Minh'alma pura, virgem, incauta, desenroulou suas gazes para envolver as crenças tão loucas que agitavam-se me, emergidas pelas seducções desse mundo para mim altruista que acabava de, qual ousado Colombo, descobrir bello, ridente e magestoso!

E, descobrindo-o disse ao anjo de minha phantasia:

— Como são bellas estas paragens!.. Parecem ungidas das bondades do céo!

O anjo olhou-me... sorrio-se com ternura e disse-me:

— Caminha. E fez-me approximar de uma mulher formosissima, cheia de magicos explendores, envolta em ondas de mysticismo immergida nas essencias perfumosas de seus encantos divinaes.—

Era a illusão — que accolhendo-me com um inconcebivel sorriso, com um amplexo feiticeiro, levou-me pela mão aos seus dominios amplos e luminosos.

Ella engolphou-me nas suas meiguices, embalou-me com a symphonia de seus osculos embriagadores.

E eu adormeci... e adormeci no seio dessa gentil chimera, á sombra da crença eda esperança que sobre mim curvavam graciosamente seus galhos viçosos eflorido1.

Mas, oh! uma sombra que ante mim surgiu — o infortunio — não consentiu que o meu somno fosse muito prolongado e arrebatou-me á essa doce mancenilha que me disputara... E eu despertei...

E despertando procurei com o olhar o numem, o genio que me instillava n'alma tanta ventura! Mas, oh! fatalidade! elle havia fugido sem deixar após si vestigios de sua passagem.

Uma nota triste, tão triste como o olhar do moribundo, desferiu-me o alaúde d'alma, que foi encontrar com o sorriso meigo e compassivo, tão compassivo como o das virgens martyres do christianismo, o qual desabrochou nos labios de meu anjo, sobre a alfombra, reclinado em crepe.

E eu perguntei-lhe:

Onde jaz agora minha encantadora illusão?

— Espera!

E rasgando os sendaes de neblina que interceptavam-me os passos e annuviavam-me os olhos, mostrou-me dous perfis de mulher. Um com a fronte sombria e descahida humedecia o regaço com as bagas crystalinas de seu pranto e o outro sereno e illuminado— era a razão.

A attitude, a expressão soffredora da primeira, commoveu-me, attrahio-me e incitou-me a interrogal-a:

— Quem és? Porque choras?

— Infeliz!.. atalhou a razão... vai, segue teu caminho... não te aproximes della... não sabes quem ella é..,

— Não, não a seguirei sem que me digas qual é a origem de tal dor... respondi-lhe:

— Prouvéra que o não soubesse. Mas o teu fado me enternesse e com ardor anceias o segredo da vida... Vê e ouve a revelação da triste e desconsoladora realidade...

E voltando se para a mulher triste, tão triste como o sonho do poeta no exilio, disse-lhe:

— Falla lhe... esclarece-a...

E ella erguendo o busto debil principiou assim:

Não vês, além aquella multidão que te acena, que te abraça, te sorri... não vês?

Pois bem; aquelles amplexos não os perfuma a sinceridade e aquelles sorrisos são desabrochados pela aura subtil da dissimulação!

Olha: em cada palavra, em cada rosto, não vês alguma cousa que não é natural... uma linha que dá uma feição mais dura áquelle todo apparentemente perfeito?

— Sim, sim.. respondi-lhe descorando e tremula de emoção... Julgo ver agora projectar-se atraz d'aquellas transparecencias tranquillisadoras a sombra de uma... ironia!

— Muito bem! Alli está o patibulo de teu idéal, desmoronamento de todas as tuas bellas esperanças!

E eu em soluços retorqui-lhe n'um grito um pouco abafado:

— Oh! por Deus! Quem és tu cuja tetrica figura atterra-me e aniquilla-me, e infiltrando-me a descrença e o desalento n'alma!... tu, cujo contagio fana as flores mimosas de minha mocidade, os santos perfumes da minha adorada existencia,—o meu acariciado talisman.

E o sombrio espectro avançando para mim com um pallido e medonho sorriso, soprou-me n'um halito gelido e desdenhoso esta fatidica sentença:

— Eu?... eu sou o Desengano!!

Maria Lucia Romariz.

O MORCEGO

Um morcego presumido
Fez nas trevas mil projectos,
Dizendo, que a luz não era
Essencial aos objectos.

Que para subir tão lato
Como as aguias, bastaria
Ir subindo para o ar
Antes que nascesse o dia.

Sem mais calculos fazer
Sem suas forças medir,
Bateu as dentadas azas
E começou a subir.

A madrugada, entre nevoas
Assomando no horisonte,
Inda sossobrou um pouco
O nosso novo Phaetonte:

E logo que a luz serena
Do formoso sól luzio,
Foi subindo até aos astros,
E lá de cima cahio.

Cahio por terra, coitado:
Mas o seu engenho opaco
Não descobriu outro abrigo
Mais que um escuro buraco.

Marqueza d'Alorna.

NOVIDADES

BRAVO!

Na Faculdade de Direito do Recife terminaram o respectivo curso, devendo receber em breve o grão de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, as Exmas. Sras. DD. Palmira Secundina da Costa, Maria Fragoso e Maria Coelho da Silva Sobrinho.

São estas as primeiraa senhoras que no Brazil se formam em Direito.

Que tenham muitas imitadoras é o que sinceramente almejamos.

—

SALVE!

A illustre senhora rio-grandense, doutora Rita Lobato, abriu o seu consultorio medico na cidade de Porto-Alegre.

—

Na Irlanda existe uma grande associação de senhoras, dirigida por Anna Parnell, a qual tem por fim trabalhar pela autonomia irlandeza de accordo com a Liga Agraria.

No Brazil, existe uma sociedade de dança, dirigida por senhoras.

Sempre é alguma cousa!

—

Está na Corte a illustre cirurgian dentista, Doutora Isabel Mattos Dillon, que segundo nos consta vae alli abrir o seu gabinete.

Quantos paes julgam ter educado suas filhas, por lhes haverem pago mestres.

Mme. Bernier.

O ESPIRITISMO

Madame de Girardin, um dos mais finos e graciosos talentos de que a França justamente se orgulha, tinha em subido grau a superstição das mezas girantes.

Eis a anedocta referida a esse respeito, por Luiz Ulbach. Um dia (em 1855) Theophilo Gautier veio á Revue de Paris prevenir-nos que jantara na vespera em casa da Sra. de Girardin, que esta chegara das ilhas da Mancha trazendo noticias frescas de Victor Hugo exilado, e que estava disposta a escrever a descripção da sua viagem, para ser publicada na Revue. Tratava-se apenas de nos irmos entender com a escriptora. Tomei, acto continuo, uma carruagem e corri á casa da rua de Chaillot. A Sra. de Girardin referiu-me o que tencionava referir no artigo, fallou me com enternecimento das impressões que trazia do exilio. O seu bello rosto illuminou-se de indignação contra o imperio. Eu estava arrebatado. Via raiar a aurora de uma obra prima.

—Quanto tempo lhe é necessario para escrever isso? perguntei cheio de alvoroço. Guardar-se-lhe-ha o espaço. Vi um véu cobrir a illuminação que me deslumbrara. Uma grande perturbação pintou-se nas feições da Sra. de Girardin.

—Não escreverei essas impressões de viagem! volveu ella com um suspiro.

—Porque?

—Porque m'o prohibiram

—Quem? Hesitou um pouco, depois disse-me: A minha meza.

—A meza sobre a qual escreve? Impossivel!

—Nada mais verdadeiro. Hontem, depois da partida de Gautier, pensei na projectada narrativa. N'essa occasião apparecen o Sr. de Saulcy. Fallámos de mezas girantes e divertimonos a fazer girar a meza.

Lembrou-me interrogal-a e naturalmente interroguei-a sobre o que me preoccupava. Occorreu-me dizer-lhe:

— « Sabes qual é o trabalho que quero fazer?

— « Sim, responden a meza.

— « Deverei começal-o já?

— « Não.

— « Farei melhor renunciando a elle?

— « Sim. »

Fiquei perturbada. Insisti.

Repeti a pergunta. De todos as vezes, a meza obstinada respondia-me da mesma maneira. Declarou-me que se eu insistisse temerariamente em dar-lhes o artigo, resultariam d'ahi grandes desgostos para mim e grandes desgostos para Victor Hugo... Accuse-me de fraqueza, tem razão, por que a verdade é que não me sinto com a coragem necessaria para desprezar este augurio. Tentei em vão fazer mudar de resulução a Sra. de Girardin. Ella persistiu no seu proposito e eu deixei-a, confundida perante o poder de um prejuizo inventado pela moda. O peior é que este absurdo prejuizo reviveu e conta hoje mais proselytos do que nunca.

EXCAVAÇÕES

Houve tempo em que uma d'essas tempestades bravias que passam desapercebida, assolando uma existencia, desfechára contra mim. Era pelo correr dos fins de 1857, e eu regressava de casa de minha irmã onde passára o serão. Acompanhava-me um poeta distincto, que muito me honrou permittindo-me appellidal-o— meu mestre. Fallou-me da grandeza, toda harmoniosa, das obras de Deus; descreveu-me as orbitas dos planetas, e, prophetas de jubilos, porque a sua alma estava tranquilla, anteviu futuras felicidades ao genero humano quando se diffundisse a luz da sciencia! Eu escutava-o soffreando a impaciencia.

Rugia-me n'alma o inferno; que me importava a mim o céo?! Deu meia noite. E eu vi um vulto deitado ao longo de uma porta: era um homem que dormia socegadamente com a cabeça encostada a uma vassoura.

Parei um momento a contemplar aquelle quadro... Alli, a força, o vigor, a innocencia da ignorancia repousando! Ao meu lado um homem fraco, palido, com a mente mergulhada em illusões!..

—O que é? perguntou o poeta.

—E' a resolução do poblema da sciencia.

—Como?..

—E' um homem ahi a resfloga tranquillo sobre as pedras da calçada; tem por cabeceira a vassoura, o seu ganha-pão, e por docel o céo estrellado.

—Que quer dizer com isso?..

—Digo que é feliz; que não precisa de sciencias para o ser; que apparenta uma saude robusta e uma consciencia tão placida, como esse somno que dorme

—Sim, é verdade; são mui limitadas as suas precisões; não duvido que seja feliz.

—Pois então, Sr. Castilho, deixemonos de antever paraisos! O mundo passará por todas as transformações materiaes; mas o coração humano ha de ser sempre o mesmo; feliz, quando fôr ignorante; desgraçado á proporção que a esphera da intelligencia se alarga.

O poeta calou-se: os eccos da noite não repetiram mais que as curtas expressões da nossa despedida á porta da minha casa.

E hoje que a sua alma, tão meiga como sublime, paira pelos mundos desconhecidos, que terá ella sabido d'essas futuras harmonias que restituiriam a humanidade ao primitivo Eden?

Mysterio!

Maria José Canuto.

ANNO I — S. Paulo, 8 de Dezembro de 1888. — NUM. 2

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

O NOSSO FIM

A *Familia* vem occupar a posição que ha longo tempo a aguardava na imprensa desta provincia, onde ha muito se fazia sentir a necessidade de um orgam que se prendesse unicamente á educação da familia.

SECÇÃO LITTERARIA

A *Familia* terá sua secção litteraria, na qual sairão a lume todas as novidades que nas lettras forem apparecendo. Além disso, possue uma numerosa REDACÇÃO LITTERARIA, composta de mulheres de lettras de todo o modo habilitadas, que fornecerão ás paginas do nosso periodico os fructos de seus trabalhos, com os quaes brindarem os aos nossos leitores.

CRITICA

Abalizadas litteratas exercerão uma severa critica que, com imparcialidade e delicadeza, externará estudos sobre todas as composições em prosa e verso, que forem enviadas á redacção d' *A Familia*.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

Fazem parte da collaboração de nossa folha, as illustres senhoras Adelia Barros e Felicidade de Macedo, rezidentes nesta cidade.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, nº 1 (sobrado.)

A FAMILIA

S. PAULO, 8 DE DEZEMBRO DE 1888.

É uma fatalidade, que todos os propagandistas terão lamentado, que o preconceito social, o egoismo e todos os sentimentos menos puros, tomem o lugar que á razão e á logica competem, quando na discussão de alguns principios se tenta estabelecer o predomnio de novas idéas. Com a *Educação da Mulher* dá-se exactamente essa fatalidade, em gráo mais apurado, que com qualquer outro problema social.

A *Educação da Mulher*, na sua verdadeira accepção, sem vicios nem prejuizos, tem como consequencia forçosa, a nossa emancipação, isto é, a igualdade de direitos, em relação ás aptidões de cada uma de nós. Dahi essa guerra desarazoada, titanica, sanguinea, póde se dizer, porque até vae de encontro aos seus proprios interesses, levantada a impulso d'aquelles sentimentos máos, contra os legitimos direitos e os mais fortes interesses das sociedades.

Em principio—todo o individuo tem na completa accessão de sua actividade moral e material o unico limite logico de sua competencia.

As organisações sociaes, pelas suas exigencias, é que restringem essa actividade, mas por modo que os direitos e deveres impostos a cada um revertam quanto fôr possivel em beneficio de todos.

Ahi então inspiram as leis da logica, organisando os seus raciocinios com o material das sciencias physiologicas, para imporem as principaes bases das agremiações sociaes que evolucionam pela senda da perfectividade possivel.

Pensando assim, não póde ninguem deixar de concordar comnosco—que a *Educação da Mulher* deve render á sua emancipação, e nós devemos pretender e obter nas sociedades um lugar—que não é o que temos—de legitimas collaboradoras da elaboração do progresso dos povos, de sua prosperidade material e moral, pelo igual desempenho de deveres, pela igual conquista de direitos, segundo as aptidões de cada uma.

Temos o agradavel prazer de communicar ás nossas leitoras, que a Ex.ma Sra. Donna Izabel de Mattos Dillon, que ora se acha na Côrte, virá em breves dias para esta Capital, afim de fazer parte da redacção da *Familia*.

Tratemos de nós

A emancipação da mulher brazileira deve dispertar, creio eu em todo o coração altruista, vehemente interesse ; já porque é o elemento integral do progresso, já porque o seculo é essencialmente evolucionista.

A hetero geneidade do sexo não obsta o mutuo desenvolvimento intellectual. A natureza, concedendo á mulher intuição, talento, aptidões, para arrojadissimos commettimentos, outorgou-lhe simultaneamente direitos identicos aos do homem, e, o que é mais, deveres melindrosos, que para desempenhal-os devidamente é-lhe mister uma instrucção solida sob pena de não estraviar-se nos invios caminhos da incerteza.

Si fosse ella convenientemente educada, si ampliassem-lhe a esphera limitada em que gyra, si permutassem os conhecimentos acanhados á que circumscrevem-n'a pela acquisição das sciencias, tenho plena convicção que os vicios enervantes que corroem a sociedade teriam menos adeptos.

A mulher que em lucubrações litterarias encanece a fronte, que conduz o filho á senda da virtude, que, de permeio com os osculos santos do amor materno, illumina lhe o espirito, merece a mais sublime apotheose !

Protestamos contra essa phalange

de homens detractores de nossas faculdades physicas—sattellites de vetustos preconceitos, que crêm-nos apenas uma entidade material.

Possuindo a humanidade, sem distincção sexual, os mesmos elementos cellulares, o que attesta a biologia, é a mulher por consequencia accessivel ás mais altas leis da logica.

Oh ! a mulher scientifica é a syntese viva da perfectibilidade intellectual.

Entretanto seria louca vaidade almejar que todas as brazileiras sigam ás pégadas scintillantes de Antonieta Cezar Dias, futurosa rio-grandense, que, inspirando-se na evolução do grandioso seculo das luzes, abraça a medicina.

Sigam-n'a aquellas que aureolam as irradiações diamantinas do genio.

Aspiramos, porém, que toda a mulher, sem privilegio de classes, consagre ás lettras, advogue seus direitos incontestaveis — emancipe-se — fuja ás tredas noites da ignorancia, que a condemnam ao perpetuo ostracismo do templo luminoso de Minerva, para surgir radiante na esplendida alvorada de porvir '...

Só assim nossa Patria adorada trilhará, sem lethargos, a senda aurifulgente do progresso !

Só assim a felicidade, essa peregrina diva, destendendo seu manto doirado, irradiará em doce plenilunio !...

Sonharei uma utopia ?

LUIZA CAVALCANTI FILHA.

A mulher bôa e meiga mas ignorante, póde ainda assim—tornar o lar domestico n'um asylo casto, n'uma enseada tranquilla.

A mulher doce, instruida, de talento com a dupla chamma immaterial do amor e da intelligencia a flammejajar-lhe no coração e no cerebro, essa tornará o recinto da familia prestigioso como um templo, invencivel como as mais rouqueiras cidadellas.

A mulher, sua educação e instrucção

Muito se tem escripto a respeito da mulher ; o assumpto é, porém, inexgotavel, por isso vamos ainda que ligeiramente tratal-o.

Tendo a mulher tanto talento como tem o homem, tem ella mais penetração, mais delicadeza de sentimentos e uma resignação admiravel para os soffrimentos physicos e moraes.

Quando ella é esposa, sua dedicação ás vezes vai até o exagero ; nas costas de Coromandel as mulheres queimavam-se sobre os tumulos dos maridos.

Se ficam viuvas tornam-se inconsolaveis, tanto assim, diz Helvetius : para consolo de uma viuva foi inventada a immortalidade da alma.

Nos dias sanguinolentos de 1793, Mme. Lefort obteve a permissão de penetrar no carcere do qual seu marido não devia sahir senão para caminhar para o cadafalso. Ella trocou as vestimentas com as de seu marido, e com essa troca o prisioneiro poude escapar da prisão.

No dia seguinte o logro foi descoberto, amarraram Mme. Lefort e levaram-n'a á presença do austero representante do povo que, muito admirado perguntou-lhe : Desgraçada, o que fizeste ?

— Meu dever, respondeu ella : carrasco fazei o vosso.

Margarida d'Anjou, grande general, intrepido soldado, sustentou por muito tempo um marido doente ; quebrou duas vezes os ferros, deu doze batalhas, fez-se prisioneira e supportou corajosamente o captiveiro até o momento em que Luiz XI lhe deu a liberdade.

Para exemplos de coragem temos Joanna d'Arc, o terror dos inglezes e a gloria da França.

Em negocios publicos, Semiramis, a Grande, que encheu o antigo mundo de maravilhas.

Em eloquencia Cornelia Morelli, foi celebre, igual á Petrarca teve a honra de ser coroada no Capitolio.

Muitas foram notaveis em sciencias, Diotime, celebre por seus conhecimentos philosophicos, Socrates entretinha-se ás vezes em ouvil-a ; Aspasia de Milet, Mme. Staël, mulher genio, foi a admiração dos sabios de sua época ; e a historia grega nos mostra muitos nomes de mulheres notaveis nas lettras.

Em esculptura e pintura muitas se têm tornado notaveis, assim tambem na musica e na arte dramatica.

Quando a mulher é mãe ella é de uma sublimidade indefinivel, tanto assim que melhor do que o marido póde e a ella unicamente compete a importante missão de educar ; mas para cumprir esse dever em ordem resta saber o principal ; é preciso que ella se eduque desde que a deixaram de educar, porque a mulher deve pensar que a luz da sciencia é tão bella quanto é o encanto da virtude.

Muitas mães são possuidoras de altas qualidades, entretanto só cuidam da educação das filhas, esquecendo a instrucção, e outras cuidam de instruir e esquecem-se de educar ; é preciso bem comprehender que a instrucção deve ser companheira inseparavel da educação e que esta deve começar desde o berço.

Tasso diz, que a mãe não sendo doente não deve recuzar o seio a seu filho, é então que a creança está disposta a receber todas as impressões e vicios no leite de sua ama, o que póde influir mais tarde no seu temperamento e caracter, até mesmo na saude.

A economia tambem faz parte da educação e deve ser um dos cuidados da mãe de familia ; sem privar-se das modas e das toilettes elegantes, não precisando andar em caza descuidadamente vestida ; quando a singeleza e correcção do vestuario faz parte da esmerada educação.

A theoria da educação, não é senão um supplemento que nos ensina necessariamente a pratica da vida, a delicadeza de maneiras, e a força de conhecer as cousas que nos cercam por todos os lados.

Quanto a instrucção, ella evita algumas vezes a miseria e garante o futuro, a ignorancia é muito triste, quasi sempre traz a illusão de si mesma, e vê muitas vezes em um objecto, não aquillo que póde e não deve ver. A mulher deve saber dividir e aproveitar o tempo para nos momentos vagos dedicar-se a instrucção, e por mais instruida que seja pensar como Socrates, que dizia : tudo quanto sei é como se nada soubesse.

Instruir o espirito é educar os sentimentos do coração, é engrandecer a nobreza da alma ; e a mulher que é igual ao homem não deve nesse ponto tornar-se inferior a elle. E' preciso instruir-se, escrever manifestando as suas opiniões, e não recuar diante dos que a censurarem por isso ; porque se não houvesse criticos ninguem procurava aperfeiçoar o talento.

Alguns entendem que a mulher nascen para viver amarrada ás algemas da humildade e que as lettras só pertencem ao homem ; julgando a mulher apenas uma companheira para cuidar dos arranjos da casa.

Deve-se arguir esse pensar dos homens materiaes e de algumas de nos-

sas companheiras, que procuram negar o merito das outras, que realmente o tem, porque ás vezes a presença de talento as importuna.

Quando a mulher tem o espirito cultivado sabe conhecer essas frivolidades, sabe perdoar; proseguindo sempre nos seus estudos scientificos. Os grandes escriptores não tem soffrido censuras?

Malherbe preferia Stace a todos os outros poetas; Scaber considerava Homero e Horacio, como inferiores a Virgilio e Juvenal.

Por mais censuras que se faça a Boileau, não se deixa por isso de ser forçado a concordar que elle, aperfeiçoando a arte da versificação, mereceu realmente o titulo de inventor.

Entretanto, Descartes, Locke, Hobbes e Baccon, foram sempre felizes; a luz clara de seus talentos unida ao genio e a invenção, nunca soffreram criticas; mas nem todos podem ter essa felicidade.

A educação e a instrucção formam dois corpos os mais robustos e mais fortes, espiritos lucidos e almas virtuosas, e nos ensinam a base principal da nossa vida — a religião. Sem essa sublimidade da vida, os esplendores não teriam encantos, mas para merecermos do Christo os dotes de que carecemos, é necessario tambem não darmos occasião a elle repetir o anathema que foi lançado a Eva, tu desobedeceste; a Sara, tu te tornaste indigna pela tua incredulidade; a Rebéca, fizeste em favor de Jacob muito artificio contra Esaú; a Judith, tu assassinaste! E a Esther, és muito vaidosa, perdes todo o tempo em preparar-te para agradares á Assuéro.

Educando o corpo, instruindo o espirito, deve-se tambem abraçar a religião, ella é o murmurio de um regato suavisando os ouvidos; é a ambrosia das amarguras, é o ambiente puro e perfumado affagando a alma: é a flôr das crenças abrindo seus calices de inebriante perfume, purificando e alegrando a vida.

ROSA.

A mulher tem um sorriso para todas as alegrias, uma lagrima para todas as dôres, um conforto para todas as miserias, uma desculpa para todas as faltas, uma esperança para todos os infortunios; o coração da mulher é um fóco de caridade e abnegação.

SAINT FOIX.

Teu nome

Quando a aurora despontando;
Vem seu manto desdobrando,
Da mais bella e para côr,
Já meu peito tão sentido
Recorda um nome querido...
E os labios dizem—amor.

Quando os passaros trinando.
As flores todas beijando,
Vêm logo o dia saudar.
Já teu nome tão singelo.
—Que para mim é tão bello—
Ha muito quiz soletrar!

Quando a rosa perfumada
De orvalhos toda banhada,
Deixa perfumes fugir,
Já em seu calice cheiroso
Nesse calix tão mimoso
Vou teu nome proferir.

Mas, si borboleta formosa
Vejo chegar a tal rosa
E longos beijos lhe dar:
Já meu peito com ciumes
Canta os mas tristes queixumes
Por teu nome, ella beijar.

Em tudo leio teu nome.
Que nem a ausencia consome,
O' minha adorada flôr!
Quer nas flores mais formosas,
Ou nas violetas mimosas
—Eu vejo-te, ó meu amor!

ADELIA BARROS.

Os Filhos

A mão destruidora do tempo, qual ferrea lima que tudo gasta, bem depressa vae arrebatando uma a uma todas as nossas mais caras illusões.

A mocidade, os dias de ventura, o amor, tudo esvae-se ao gelido sopro da fatalidade; mas esse sentimento immenso, profundo, que tão fortemente faz vibrar as fibras mais delicadas do coração da mulher—o amor maternal—, esse resiste a todos os embates, a todas as vicissitudes, e só a morte tem o poder de extinguil-o. Quantos exemplos admiraveis da mais heroica abnegação, não nos tem dado o sublime amor de mãe!

Com rarissimas excepções, e o que só póde dar-se em creaturas hibridas, um coração de mulher só é mudo e insensivel ao suave imperio do amor materno.

É o affecto de mãe, fervorosa de ternura, diz um escriptor eminente, que estabelece a extremosa sociedade de irmãos, fomentando o amor fraternal entre seus filhos.

O amor de mãe, diz ainda o mesmo escriptor, é o raio mais ardente que irradia d'aquelle fóco de amor de familia. Ao seu calor leve dão-se no coração do filho sentimentos brandos, que não soubera a meiguice d'um pae lá germinal-os.

Entretanto, cumpre notar-se, que este sentimento vehemente, e aliás excessivo no coração de muitas mães, póde tornar-se por vezes funesto não só á boa educação dos filhos, como ainda assim á sua propria existencia.

Não ha muito tempo, conheci uma mãe, cujo amor estremecido pelos filhos chegara a uma insensatez tal, que cercando-os das mais estolidas e frivolas precauções, longe de contribuir para o seu desenvolvimento á força de cuidados excessivos atrophiava-lhe a natureza physica e moral.

A mulher, diz um escriptor é excessiva em tudo, e se nós por uma facil intuição ou mesmo por uma experiencia propria conhecemos que o excesso é sempre prejudicial, devemos restringir e abafar os impulsos da nossa ternura, especialmente quando se trata do futuro e bem estar dos nossos filhos.

Todas as aspirações de uma mãe, resumem-se na felicidade dos seus filhos, e por isso jamais deve ella olvidar, que essa felicidade depende unicamente dos bons sentimentos que lhe forem incutidos.

Quantas vezes para lhes poupar uma pequena contrariedade, ou um momentaneo desgosto, não vemos tantas mães, prejudicarem a educação dos filhos, preparando-lhes talvez um futuro repleto de amargores, com a sua culpavel indulgencia?

Os infinitos thesouros de affectos que encerra o seu coração, não devem cegal-a a ponto de deixar seus filhos na ignorancia, e entregues aos seus maus instinctos.

Do seu vivo e puro amor deve tirar ella força necessaria, para arrastar animosa o sacrificio, que lhe é imposto, quando torna-se preciso corrigil-os. A experiencia de todos os dias nos tem demonstrado, que os filhos mais extremecidamente amados, *les enfants gâtés*, cuja educação tem sido descurada ou estragada com mimos excessivos, são justamente os mais ingratos a seus paes.

Não quero com isso aconselhar a severidade, antes pelo contrario, penso como um illustre escriptor quando dizia:—A virtude risonha

acompanha-nessa tola a parte, amolda-se ao tempo, cinge-se ás occurrencias. Não se impõe, insinua-se; não castiga, seduz.

Se é unicamente á mulher a quem Deus concedeu essa energia extraordinaria e quasi sobre-humana, com a qual póde velar noite e dia junto ao leito do filho martyrisado, prodigalisando-lhe com tanta abnegação, com tanta perseverança, esses assiduos cuidados de todas as horas, de todos os instantes, que não raras vezes os salva da morte, se a mulher repito ainda, que tantos exemplos tem dado de profundo amor, de dedicação completa, se revistisse por vezes d'uma pequena parcella dessa força, d'essa perseverença, com que sabe acompanhar o filho na dôr, para guiar-lhe os passos na senda do dever, quantos beneficios relevantes não prestaria ella á sociedade?

Fallando relativamente sobre a influencia poderosa da educação da familia, assim se exprime um sabio orador:

«O professor poderá á custa de muito zelo e muito talento, fazer desabrochar na criança os melhores sentimentos e provocar as melhores resoluções, mas, só por si não poderiam chegar até á profundidade onde assentam os habitos definitivos. Além do continuo exemplo que os paes dão aos filhos, ha entre elles os laços de sangue, isto é, uma relação intima, energica e continua, que participa do caracter do pae e da mãe.

«É a familia, emfim, com a sua physionomia, com a sua historia accidentada de mil alternativas, mas cheia de lições e de força educadora, nas suas alegrias e nas suas provações partilhadas em commum, sobretudo na luta incessante e aspera para conquistar o pão quotidiano ou a abastança do dia seguinte. Que escola será capaz de supplantar esta? Todas as instituições pedagogicas, ainda as mais aperfeiçoadas, são como que artificiaes ao pé desta instituição natural, e digna de se denominar divina, se no mundo houvesse alguma cousa mais divina.»

Neste seculo activo, questionador e positivo, cujos admiraveis progressos nos fazem conceber as mais lisongeiras esperanças sobre o futuro bem-estar dos homens, contrista-nos vêr, quanto é tenra e descurada a educação moral e religiosa da mocidade. A instrucção por si só não basta, precisamos tambem de crenças firmes e consoladoras, que nos suavisem os males da vida, e para que não digamos com razão, o mesmo que dizia um escriptor contemporaneo a respeito da França actual:

«A incredulidade entrou nas cousas da terra, como nas do céo: o medico não crê na medicina, o juiz nas leis, o padre na religião, o soldado na gloria, o mancebo no amor: nem sequer os reis já crêem na realeza: e o desgosto que corroe todas as almas, precipita-as em desesperadas ambições.»

Ao amor paternal, cumpre dirigir a infancia de modo a desvial-a d'essa tão lastimavel situação, fortificando-a com as armas poderosas d'uma educação moral e religiosa, profunda e inflexivel ás agruras da vida, e aos embates da impiedade.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO.

Drama no arvoredo

Duas pobres pintasilgas pequeninas
Pousavam sobre os ramos, como flores.
Talvez a procurarem, entre folhas,
Onde esconder seus ninhos, seus amores.

Eis passa um caçador. Do dedo lesto,
A arma á altura d'elles faz subir.
Dispara: as avesinhas n'um momento
Impavidas no chão as vê cahir.

Seus pequeninos corpos vão rolando
Debater-se no pó, tremendo em dôr,
Exangues, inda os membros palpitando.
Ei-las mortas no chão; causava horror.

Então o caçador, entre o arvoredo,
Quando ia seguindo o seu caminho,
Julgou ouvir nas auras, quasi a medo
Nos ramos murmurar: ós assassino.

LEONOR ADELAIDE DE FIGUEIREDO.

Ha alguma cousa de divino no coração de uma mãe.

A' Imprensa

O nosso humilde orgam tem merecido de muitos jornaes tanto desta Capital como de fóra noticias encomiasticas, saudando o seu apparecimento.

Cumprimos o grato dever de agradecer a esses illustres collegas essas provas de sympathia, que podem ser traduzidas como incitamento para a propaganda que fazemos em prol dos nossos direitos.

A mulher Ingleza

NOS CARGOS PUBLICOS

Foi em 1870 que o governo inglez poz em pratica a idéa de utilizar os serviços da mulher nas repartições do estado e ordenou que se fizesse o primeiro ensaio neste sentido:

Ellas foram empregadas nas repartições do correio quando se estabeleceu o serviço telegraphico, e desde então tem continuado a desempenhar admiravelmente a manipulação dos apparelhos electricos e o serviço geral das repartições.

Grande numero foram tambem empregadas nas repartições de communicações postaes, desempenhando serviços em differentes repartições annexas á thesouraria, contadoria geral e caixa economica, onde os serviços são de importancia e de responsabilidade.

As horas de repartição estão estabelecidas, desde ás 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e a tarifa dos vencimentos é a seguinte: empregadas de 2ª. classe, que é mais inferior, 65 libras annuaes, com augmento de 5 libras por anno, até o maximo de 80 libras annuaes; empregadas de 1ª. classe, 85 libras annuaes com augmento de 7 libras e meia por anno até o maximo de 100 libras; empregadas principaes, 100 libras annuaes com augmento de 10 libras por anno até ao maximo de 150 libras; superintendentes geraes recebem 215 libras annuaes com um augmento de 15 libras por anno até attingir o maximo de 410 libras.

Para optarem por collocação as pretendentes têem que sujeitar-se a exame publico por concurso.

Emprega-se tambem o bello sexo nas repartições do correio no trabalho de apartar as distribuições; estas empregadas são de categoria inferior, e os seus vencimentos muito mais reduzidos, que as que exercem logares de maiores recursos intellectuaes.

O numero total de mulheres no serviço das repartições do correio, ha dois annos ascendia a 3456, das quaes 619 são guarda-livros e escripturarias, e 2757 telegraphistas, distribuidoras, classificadoras, etc. Estes empregos secundarios são tambem adquiridos por concurso.

O satisfatorio exito obtido pela pratica nas repartições do correio, com o emprego da mulher no desempenho dos differentes cargos fez com, que se utilizassem os seus serviços em outros ramos de administração publica, o que induzio muitos estabelecimentos commerciaes a seguir este exemplo.

O suicidio

Quando o ente humano sae do carcere maternal e vê a luz, a primeira impressão que sente é a dôr. A contracção das pequeninas feições e os vagidos doloridos traduzem esse sentimento. E' por tanto certo que a dôr nasce com o homem, e muito feliz seria elle se essa dôr se restringisse ao soffrimento physico e não emanasse com outro não menos acerbo e pungente — o soffrimento moral !

Estes dois companheiros da nossa existencia são filhos, um do desiquilibrio das funcções vitaes e dos accidentes externos : outro das vicissitudes da vida humana e suas consequencias. Tanto um como o outro nos seguem por toda a parte e estão suspensos sobre a nossa cabeça por um fio tão tenue como o estava a espada de Damocles !

Não é, pois, tapetada de relva e orlada de flores a vereda, que se nos prende no berço e vae mergulhar no tumulo ; é muitas vezes e pela maior parte ericada de espinhos e de penetrantes abrolhos. Caminhar n'essa vereda tão difficil e escabrosa, ferir-se n'esses espinhos, rasgar as carnes n'esses abrolhos até a época prescripta para termo da vida humana, tal é a lei imposta aos filhos de Eva por Aquelle que rege os mundos e que creou no homem o mais nobre satellite do seu poder. A rebellião contra essa lei, a infracção d'esse preceito é um crime, que attinge a maxima gravidade. Eis ahi o que é o suicidio !

E', pois, o suicida o mais criminoso, o mais infame, o mais cobarde, o mais egoista e o mais descrente de todos os homens !

O mais criminoso, sim, porque ainda que o parricida seja na escala criminal reo de maior delicto, que se commette sobre a terra, por extinguir a vida ao auctor da sua, ficam-lhe as lagrimas, que, se não lavam o negro ferrete que lhe está impresso no rosto, escaldam-lhe as faces como escaldaram as do discipulo que renegou o Divino Mestre. Fica-lhe o coração para se corroer e ralar de remorsos, como devia corroer-se e ralar-se o do fraticida Caim ! Fica-lhe a vida para praticar actos meritorios, que lhe attenuem o crime. Mas o suicida se porventura tem lagrimas, leva-as geladas nos olhos. O coração se era de carne petrificou-se, e ficou sendo de marmore. A vida destruio a por um acto de inaudita barbaridade.

E' infame, porque não temeu deixar após de si um rasto de deshonra, de horror, de vergonha e de descredito. O suicida é cobarde, porque não teve animo para luctar com as difficuldades da vida, difficuldades que porventura elle mesmo creou, taes como a do jogo, pustula asquerosa d'este seculo, ruina de tantas familias, victimam innocentes das loucuras dos que deviam ser-lhes arrimo ; ou taes como as demasias em despender numerario, que na baze trazem a infalivel ruina de quem as faz : ou tambem as paixões exageradas da gente moça, que encontra estorvos ao que aspira. Egoista, porque não viu na terra senão a sua individualidade, e não lhe alcançaram os olhos a dos que iam ser affectados com o seu abominavel attentado. Descrente, porque da religião que lhe embalou o berço e que sua mãe lhe insuflou entre caricias, nada restava na sua alma ; e a esperança, filha do céo e consoladora da humanidade, tinha abandonado seu coração endurecido.

As gerações passadas não conheciam o suicidio, e apenas a historia sagrada nos apresenta um exemplar em Judas, o discipulo traidor, que depois de vender o Homem Deus por trinta dinheiros, se enforcou n'uma figueira, e lá ficou pendente da arvore o fructo amaldiçoado ! Eis ahi o prototypo do suicida !

A Egreja condemnou o suicidio, nega-lhe as orações dos mortos e a sepultura ecclesiastica. A sociedade horrorisa-se perante o suicidio, e lamenta o miseravel que calcou aos pés a mais santa das leis — a defeza e guarda da propria existencia ainda á custa da alheia !

Que, pois, esta debil voz, filha de um coração de mulher, echoe no tympano dos que naseeram no gremio da religião catholica e viram a luz n'este paiz, tão orthodoxo de costumes tão doces e tão benevolos, e lhes insinue que o peior dos remedios para os males da vida, a peior das soluções nas difficuldades que se nos levantam na existencia, é entrar no tumulo pela porta do crime !

MARIA DO PILAR OZORIO.

A' transmissão do pensamento é sempre difficil e incompleta : poucos são dotados desse fogo eletrico que se communica, exhalando-se.

PRINCEZA RATAZZI.

O pessimismo

O pessimismo vai tendo a pretenção de aniquillar em nós este amor ardente da vida, que fez do homem o vencedor de todos os monstros, o victorioso de todas as luctas, o triumphador de todos os combates. Combatamos por nossa vez o pessissimo : sejamos pela primeira vez vencidos.

Sim, eu bem sei que esta quadra, prenuncio e symptoma de decadencia fatal de todo um mundo, de todo um passado em ruinas, é triste a mais não ser.

Mas, emquanto existe um vislumbre de vida, existe o dever de luctarmos pelo seu prolongamento.

Se as mulheres tivessem um pouco mais de consciencia da sua missão, não seriam ellas das mais intrepidas combatentes nesta pugna suprema ?

A' indifferença opponhamos o amor : á duvida opponhamos a fé.

O céu tem ainda o azul radiante dos dias da mocidade, a Natureza é ainda a bella que assiste radiosa e illuminada ás nossas dores de um dia, ás nossas lagrimas eternas que o vento enxuga n'um momento.

Contemplemos de mais alto a evolução das idéas e a transformação das causas. Se na terra somos ephemeros de uma hora, nunca se quebra a cadeia que se vai forjando dos velhos ideaes que concebemos no passar. Nós partimos, mas ficam os nossos feitos !

Soffremos : tal é o nosso destino e quasi que o nosso dever ; mas amemos, que é o meio de tornarmos fecunda para os outros a dor que é a inspiração de todo o *bom* de todo o *bello* que em nós existe.

O pessimismo leva á abdicação da vontade, a propria negação do soffrimento, pela incompleta insensibilidade a que aspira, e que de vez em quando já começa a attingir.

A quoi bon ? eis a divisa da nossa desolada geração. Pois é necessario que em contradicção e em protesto a este egoistico lemma se levante dos nossos corações de mulheres, um grito de amor intenso, um grito de amor fecundamente poderoso.

. . . . . .

Rehabilitemos o amor ! Façamos delle alguma cousa de mais e de menos dominador do que o fazem os mestres da litteratura contemporanea, simples photographos dos costumes decadentes da época.

Elle não é a suprema e ultima embriaguez embrutecedora, na qual a humanidade tende adormecer, com

essa litteratura de agonisante e requintado sensualismo parece querer provar ; pelo contrario elle póde ser ainda a fonte de eterna juventude da qual os velhos da precoce velhice deste seculo, velhice que se traduz pelo excesso morbido do pensamento e da sensação, podem ainda partir para as grandes iniciativas transformadoras, para as poderosas e viris energicas, para os sonhos radiosos da Virtude e do Bem.

MARIA AMALIA.

As mulheres é que dão ser ás gerações ; eduquemol-as e nós seremos melhores.

AIMÉ MARTIN.

O amor maternal

Uma mãe carinhosa é fiel quando abraça o filhinho, quando lhe sorri, quando o ostenta nos braços, quando o beija e acaricia. Nenhum cuidado lhe parece afanoso, nenhuma attenção a enfada nenhuma vigilia a fatiga : essa mãe, d'antes tão debil e receiosa, esquece-se de si mesma para curar quasi exclusivamente do bem estar do filho, e resguardal-o quanto possivel de todos os perigos. Formou-o com a sua substancia, trouxe-o no seio, sustentou-o com o seu sangue : depois de lhe ter dado a vida, com risco da sua, alimenta-o ainda com o seu leite.

Mais assidua, outr'ora, na sua mocidade, perto da sua propria mãe, foi testemunha dos afans e desvellos que uma mãe extremosa tinha pelos filhos e os cuidados continuos que tem pelos seus, seguindo esse exemplo, fazem-n'a conchegar mais a elles.

Quanto mais sacrificios faz, mais os ama e acaricia ; — tudo isto produz, anima e sustenta a affeição maternal, que faz da mulher o esteio da vida.

ADELAIDE SARMENTO.

O aço não é mais duro, o vime não é mais flexivel, o oceano não é mais vasto, o fogo não é mais subtil, o mel não é mais doce, que o coração de uma mãe.

O Divino Salvador dos homens não teve nem irmão, nem irmã, nem esposa, e quiz ter uma mãe.

Chromo

De Abril em tarde serena,
Canta uma moda hespanhola.
Ao doce som da viola,
Formosa moça morena.

A escuta, rindo, o marido,
Em tosco banco sentado,
Tendo ao seio conchegado
O filhinho estremecido.

No entanto, d'alli bem perto,
Lamenta-se o pobre Alberto,
Porque morreu-lhe o cãozinho,

Que, ao pôr-se o sol no horizonte,
Indo mirar-se na fonte,
Afogou-se—coitadinho!

LUIZA CAVALCANTI FILHA.

A luz do teu olhar

(Á MINHA AMIGA ESTHER)

Uma tarde noite, que viva e incessante,
escura mariposa andava-te ao redor,
Como quem sente n'alma, andaz e delirante,
uma paixão febril, um insansato amor :

Affastou-se uma vez, porém voltou ; constante,
parece que a chamava um imam seductor ;
parece que a attrahia a chamma desumbrante,
do teu olhar profundo, ardente, encantador !...

Chegou-se pois p'ra ti, a pobre borboleta,
(poi'cia delirar, como delira um poeta,
quando a su'alma vôa em dúlcido sonhar...)

Chegou-se pois para ti, chegou-se mais ouzada,
e subita cahio, exhausta e fulminada,
porque as azas queimára á luz do teu olhar !

ALICE MOREIRA.

A penna e o tinteiro

Uma penna, presumida
D'escrever grandes sentenças,
Fallava das suas obras
Tão sublimes como extensas.
«Sem mim disse ella ao tinteiro,
Pouca figura farias :
Cheio de um licor immundo,
Sem mim, triste, que serias ?»
O tinteiro injuriado
Vasou logo a tinta fóra,
E voltou-se para a penna
Dizendo-lhe : «Escreve agora».
Assim responde aos ingratos
Muitas vezes a razão :
Muita gente ha como a penna,
Como o tinteiro outros são.

MARQUEZA D'ALORNA.

O chapéo da caboça

A escolha do chapéo, de senhora, não é o que o povo pensa ; é mais difficil escolher um chapéo do que um senador.

« Conheci, diz o Visconde de Maremnes, uma modista celebre... Para saber se uma côr, uma fórma convinha a alguem, não fazia provar o chapéo ; dirigia algumas perguntas e, conforme as respostas era tão sagaz que chegava a consequencias materiaes de infallivel exactidão.

« Um dia acompanhei a um dos meus amigos, que deseja comprar uma touca para a mãi e um chapéo para a irmã, ambas ausentes em Baden-Baden.

—Que idade tem a senhora sua mãi ? perguntou ella ao meu amigo com apurada civilidade.

—Pouco mais de cincoenta annos, responden elle.

—Vê muita gente ?

—Não, vive retirada.

—Consagra muito tempo as praticas religiosas ?

—Algumas horas todos os dias.

—Que fór na tem o rosto della ?

—Oval.

—E a côr dos olhos ?

—Azul ferrete.

—O nariz ?

—Aquillino.

—Muito Bem.

Tocou a campainha : veio uma empregada madura :

—Traga-me, disse a modista, uma touca T. R. C. n. 21.

Foi obdecida. A touca quadrava muito bem. De repente, a modista exclamou :

—Meu Deus ? como ando distrahida ! Esquecia-me perguntar se o senhor seu pai ainda vive.

—Já morreu.

Nesse caso a côr é muito escura, é preciso cousa mais leve,— e dirigindo-se á empregada, accrescentou : traga o chapéo X. B. D. n. 17.

—Agora, disse ella, occupemo-nos da senhora sua irmã. Creio que me disse ter ella 18 annos de idade.

—Ainda não tem.

A modista tocou outra campainha, e, desta vez appareceu uma joven, empregada com vestuario mais elegante.

—Permitta, disse a modista, que lhe dirija uma pergunta importante : a senhora sua irmã é bonita.

—Acham-n'a bonita.

—Gosta de musica ?

—Gosta.

—De que côr tem o cabello ?

—Louro cinzento.

—Dansa bem ?

—Gosta apaixonadamente da dansa.

Fez um signal á joven empregada, que voltou com um lindissimo chapéo de cabeça.

—Amanhã pela manhã, disse ella, está tudo prompto.

Cumprio a promessa.

Nunca houve touca e chapéo que assentassem melhor e que fossem mais elegantes.

***

A Rehabilitação

MAIS VALE TARDE DO QUE NUNCA

Pelas penedias escabrosas da villa, donde sahira havia vinte annos, lá ia o velho Simão montado na mula pachorrenta e docil, assidua viajora d'esse caminho traçado na montanha.

Alugara-se em baixo, no sópé da serra, a um caboclo de voz arrastada e muscula, grande cabelleira negra, alto e musculoso, barba á nazarena, curta e rala, morbidez no olhar e fara á cinta.

O caboclo não o enganára: o animal era bom; e pizava com firmeza, afitava as orelhas ao menor rumor, desviava-se das ribanceiras, que desciam da estrada barrenta, secca e batida pelo sol, á grota sombria, mysteriosa, rumorejante d'agua a correr, solucando entre pedras limosas e troncos cobertos de musgo. Os seixos, deslocados pelas patas da mula, rolavam pela ladeira ingreme, uns após outros: o velho Simão, com grande chapéu de Chile a sombrear-lhe o rosto vermelho de cansaço, a bolça a tiracolla, o casaco de brim manchado de suor, os olhos cerrados á muita claridade do dia azul e quente, o velho Simão não parava um momento, e no seu cerebro as ideias, succediam-se, perdendo-se umas após outras, como os seixos do caminho.

Eram quatro horas quando vio ao longe a casaria da villa.

Chegara a um ponto de paragem onde havia sombra e um regato, que serpeava alegremente n'um tapete de relva; deu redea ao animal, que curvando o pescoço, bebeu soffregamente da agua em que o arvoredo estendia a marcha negra das frontes.

O velho tirou o chapéu, limpou a fronte humedecida, aspirou aquelle suave frescor, que vinha perfumado da floresta e estendeu a vista para além, para a villa, que se elevava risonha, florida, como um presepe armado pela mais crente devota.

Sahira d'ali havia vinte annos, por uma noite escura e triste como uma enchovia, perseguido e acabrunhado. Nem uma estrella, nem um canto, a não ser o das corujas pousadas nos galhos dessas mesmas arvores, que estavam agora cheias de aves gorgeadoras e felizes!

Lembrava-se tão bem de tudo!

A mulher amaldiçoava a sua sorte, apertando ao peito o filho recemnascido, que chorava por não encontrar o leite, que o desespero seccara; a filha mais velha tinha febre, ia gelada, coitadinha, e a tossir muito!...

Elle supplicava de mãos postas que tivesse paciencia; ao que a mulher respondia com uma ironia e a filha com um soluço. Que noite interminavel fôra aquella!

Nem um amigo! Fugira como um assassino, elle que estremecia de horror quando qualquer criança atravessava com um alfinete o delicado corpo de uma borboleta!

—Ah! que se ella não tivesse mulher e filhos... matava-me! dizia elle, nessa noite tragica, com as mãos crispadas.

Qual tinha sido o seu crime?

Fallira: dera grande prejuizo á gente principal da terra; ameaçaram-n'o com a prisão e anonymamente com a morte.

O ultimo, o unico recurso que se lhe apresentou foi esse, tão ignominioso—a fuga: fugiu.

No outro dia, na villa, choveriam sobre o seu nome todas as accusações todos os epithetos infamantes. Havia de ser assim; e afinal, elles teriam razão; e isto é que lhe doia muito—o elles terem razão!

Ah! que se não fossem a mulher e filhos... repetia elle a todo o instante.

Eram passados vinte annos: no entanto, aquella noite sentia-a ainda a obumbrar-lhe o espirito.

E' que lhe tinha deixado na alma toda a sua escuridão e o tetrico piar das corujas.

Durante esse intervallo trabalhou muito o pobre simeão: economisou moeda a moeda: fez-se avarento, o infeliz!

Os filhos não tinham aspirações, a mulher acabára resignando-se, elle não; instigava-o um pensamento unico, redobrava de actividade a proporção que diminuia de forças.

Um dia entrou radiante de alegria em casa. A mulher parou de coser, a filha de engomar, interrogando o velho anciosamente. Elle chorava e ria, o poltrão! Agruparam-se attonitos ao redor delle que, que aclarou o mysterio da sua alegria, dizendo que já tinha com que pagar aos seus credores!

No outro dia, ao despontar da aurora, poz-se a caminho por aquellas montanhas: descera-as a tactear nas trevas, e tremecendo de medo ao menor rumor da folhagem, com a alma pequena, o passo vacilante, o corpo enfraquecido: e tinha então menos vinte annos! Agora palpitava-lhe jubiloso o coração ao subir aquella mesma serra, á clara luz do sol brilhante e pura, a sancta e divina luz!

Sentia uma força, um vigor estranho; sorria admirava a natureza, via cousas que não vira havia vinte annos, vinte annos em que trabalho dia a dia com os olhos fitos no mesmo ponto—a sua reabilitação.

De porta em porta bateu o velho pagando com lealdade as suas dividas. Ninguem o esperava já, por isso admiravam-se, manifestando-lhe abertamente o seu espanto, ao que elle respondia satisfeito: *mais vale tarde que nunca.*

Finda esta missão, voltou o honrado homem ao seu lar. Pelo caminho ia gozando de um sentimento novo, suave, festivo, com o que experimentaria um gaiél a quem tivessem dado a liberdade.

* * *

Cantavam as aves, prateava-se o sol, doirando a ramaria das mattas e elle ia, o velho, com a fronte levantada, o sorriso nos labios: sabia, oh! se o sabia! que havia de encontrar em casa a pobreza, mas a sua consciencia sorria-lhe, mas voltava honrado, mas podia agora morrer abençoando os filhos, que haviam de respeitar-lhe a memoria, e abençoal-a tambem.

Ah! a honra, a honra é uma cousa sancta!

* * *

Quando o velho Simão chegou a casa esperavam-no alegremente todos. Nem fome, nem miseria, elle nada vio senão os braços das filhas que se estendiam saudosos e o sorriso da esposa, terno, acariciador.

Então por uma transpiração subita, lembrou-se do que pensara na mulher e filhos... matava-me! e afastando essa recordação amarga fitou feliz o olhar naquelles rostos amados, assim como o nauta deve olhar para o pharol que o salvou do naufragio, guiando-o como uma bôa estrella.

JULIA LOPES.

COMO NOS TRATAM

Temos sobre a meza o numero programma de uma interessantissima publicação—*A Familia*—dedicada ás mães de familia, e de que é proprietaria a distincta professora Josephina Alvares de Azevedo.

Este numero é realmente magnifico, excellentemente collaborado, redigido com muito criterio e illustração.

Cumprimentamos a sympathica e intelligentissima escriptora, augurando á sua publicação um futuro de prosperidade.

Do *Diario Mercantil*.

«A Familia»

Recebemos hontem o nº 1 d' *A Familia*, revista semanal publicada sob a direcção da ex.ma sra. d. Josephina Alvares de Azevedo.

A Familia é um jornal litterario dedicado á educação da mãe de familia, sendo o seu artigo programma lançado neste sentido.

Traz diversos escriptos assignados por intelligentes escriptoras.

Saudamos a talentosa directora d' *A Familia*, e desejamos-lhe compensadoras prosperidades na sua ardua mas brilhante empreza.

Do *Correio Paulistano*.

«A Familia»

Sob este titulo appareceu nesta capital ante-hontem, o primeiro numero—numero programma—de uma folha litteraria que continuará a sahir uma vez por semana.

E orgam dedicado á educação da mãe de familia, e, além de propriedade da sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, está tambem sob sua direcção.

Occupa 8 paginas de formato in-folio e traz diversos artigos relativos ao seu programma, assignados por distinctas senhoras e bem assim algumas poesias.

O numero-programma é convidativo. Si *A Familia* seguir os moldes que vasou, terá a mãe de familia na folha da sra d. Josephina de Azevedo uma bôa e leal companheira para o lar.

Nossas saudações.

Do *Diario Popular*.

«A Familia»

Sob esse titulo acaba de apparecer nesta capital uma revista hebdomadaria, sob a redacção da distincta professora ex.ma sra. d. Josephina Alvares de Azevedo.

Sobre uma apparencia elegante, no formato in-8º, o novo orgam, cujo lemma—Veneremos a mulher!—bem traduz as nobilissimas intenções do novo campeão, traz o primeiro numero escolhidos artigos, firmados por varias ex.mas senhoras.

O artigo de fundo da redactora é uma peça de folego, firme e bem escripta.

As ex.mas sras. dd. Analia Franco, doutora Isabel Dillon, Honoria Augusta, Maria, Amalia Valle, Maria Pinto, Margarida de Siqueira, Lucia Romariz e Maria Canuto dissertam egualmente com proficiencia e erudicção sobre varios interessantes assumptos.

Merece e ha de ter o collega um caminho de flôres. Nós de coração lh'o desejamos.

Do *Diario de Noticias*.

«A Familia»

Recebemos o primeiro numero de uma revista litteraria e destinada á educação das mães de familia, publicação semanal, propriedade da ex.ma sra. Josephina Alvares de Azevedo, professora.

Intitula-se *A Familia* e é impressa nesta capital.

Sinceramente, causou-nos a mais agradavel sorpreza o jornal cuja sacrosanta divisa é aquella phrase celebre de Victor Hugo:—*Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!*

Estylo fluente e correcto, conceitos sisudos e preceitos beneficos, franqueza e verdade, ausencia de pretenções do sexo rude, uma revindicação sensata de direitos incontestaveis, uma propaganda verdadeira de bons principios de educação, eis o que resulta da preciosa revista, cuja prosperidade e acceitação sinceramente desejamos.

A Familia tem collaboradoras cuja habilidade e illustração muito honram a intelligente redactora-chefe.

Nossos parabens e agradecimentos.

Da *Gazeta do Povo*.

«A Familia»

Recebemos o numero programma desta revista semanal. Apparece nesta cidade, é redigida pela ex.ma sra. d. Josephina Alvares de Azevedo e collaborada por muitas illustres escriptoras.

O artigo da redacção tem por epigraphe estas palavras de Victor Hugo:

«Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!»

Inteiramente de accordo, ex.ma senhora.

Permitta-nos, porém, que humildemente lhe digamos que a mulher para ser venerada, glorificada e sobretudo santificada não deve competir com o homem na «direcção do estado» e em muitas cousas mais, como v. V. Exc. sustenta esquer.

E' de justiça dizer-se que a revista está escripta com brilhantismo.

Da *Provincia de S. Paulo*.

«A Familia»

Com a honroza vizita da distincta professora, a ex.ma sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, recebemos um numero-programma d' *A Familia*, elegante e mimoso jornal litterario, dedicado á sagrada missão da educação das mães de familia, e redigido por uma pleyade de talentos femininos.

N'este genero de maxima utilidade e de grande importancia, é o primeiro que nos apparece, e de um modo tão correcto, que faz honra ás suas distinctas collaboradoras. A imprensa paulistana póde orgulhar-se, ao receber em seu gremio a joven collega, cujo 1º numero traz leitura bastante util e amena.

Agradecemos cordealmente a distincta professora sua vizita, e o numero do jornal de que é redactora e proprietaria, com que nos mimoseou.

Do *Federalista*.

TYP. UNIÃO— S. PAULO

ANNO I — S. Paulo, 15 de Dezembro de 1888. — NUM. 3

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Faz parte da collaboração da *Familia*, a Exma. Sra. D. Analia Franco, professora na cidade de Taubaté.

O nome da illustre escriptora é bastante conhecido e dispensa qualquer recláme.

—

Temos o agradavel prazer de communicar ás nossas leitoras, que a Exma. Sra. Doutora Isabel de Mattos Dillon, que ora se acha na Côrte, virá em breves dias para esta Capital, afim de fazer parte da redacção da *Familia*.

—

Fazem parte da collaboração de nossa folha, as illustres senhoras Adelia Barros e Felicidade de Macedo, rezidentes nesta cidade, bem como a Exma. Sra. D. Maria Zalina Rolim, filha do illustrado juiz de direito da cidade de S. Roque, nesta provincia.

Talento brilhante e fecundo, a Exma. Sra. D. Maria Zalina, vem enriquecer as paginas do nosso modesto orgam, com as suas soberbas producções.

Congratulamo-nos com as nossas leitoras, por essas bellissimas acquisições que óra fazemos.

—

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

—

A correspondencia desta folha póde ser derigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, nº 1 (sobrado.

A FAMILIA

S. PAULO, 15 DE DEZEMBRO DE 1888.

E' evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da familia e consequentemente da sociedade.

A ella é que está affecta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanatica ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e pessima será a sociedade em que influir elles.

Diz Aimé Martin :

«Uma mulher amotina o povo, arma os principes, deita Mazarino fóra de Paris ; outra mulher faz disparar o canhão da Bastilha contra o rei, que só entra no seu palacio depois de ter visto fugir o grande Condé : eis o começo do seculo de Luiz XIV. Alguns annos se passão, e o moço principe apparece rodeado dessa côrte brilhante, cujos nomes pertencem todos á historia : no meio do brilho das festas e do reboar da guerra, o reino das mulheres continúa ; os maiores poetas, capitães, ministros, servem de acompanhamento ao grande rei ; este dá que fallar á Europa das suas victorias e dos seus amores e a Europa assombrada proclama o seu seculo uma das quatro épocas gloriosas do espirito humano. E' então que se ouve uma voz supplicante implorar alguma compaixão em favor das mulheres que, não obstante isso, têem na sua mão os destinos do paiz, mas cuja educação tinha sido inteiramente esquecida no meio de tantas maravilhas.

«Que admiração ! E que miseria ! Era um ecclesiastico, que se accusava de um grande paradoxo, dizendo : «que as meninas devem aprender mais alguma cousa além do cathecismo, costura, cantar e dansar, vestir-se, fallar civilmente e saber fazer mesuras».

A educação das mulheres é mais importante que a dos homens : por isso que a destes é sempre obra daquelles ! Eis a doutrina de Fénélon.

A vantagem do desenvolvimento intellectual das mulheres, é no proprio interesse dos homens que ella está. Ouçamos ainda Aimé Martin :

«Mesmo no fóco da civilisação, as mulheres são acaso o que devem ser, e a sua educação não testemunha ainda hoje a nossa ingratidão e o nosso descuido ? Vendo a maneira porque as educamos não se diria que as suas boas ou más vontades devem ficar sem resultado ?

«Mulheres ! E' bem certo que por toda parte os homens insensatos vos condemnão á desgraça e á abjecção ! Por toda a parte vos tratão como ludibrio, vos encerrão como idolos, vos regateão como vil mercadoria !

«Os povos mais civilisados, longe de vos esclarecerem a razão, longe de vos elevarem a alma, fazem consistir a sua felicidade na vossa corrupção : ensinão-vos a considerar os ornatos como a primeira necessidade da vida e a belleza como a primeira das qualidades humanas : reduzem-vos a uma belleza fugitiva, e, para cumulo de estupidez, depois de vos haverem depravado os corações, morto a intelligencia, e obscurecido a razão, basêão a sua honra nas vossas virtudes.

«E por isto que ardor vemos nós nas mulheres pelas cousas frivolas, e que indifferença pelas importantes ! A sua alma continuamente agitada pelas idéas fantasticas que as occupárão durante o dia volta-se com paixão para as cousas do nada : é por estas cousas que ellas se disfarção, que se contrafazem e torturão, que soffrem o frio, o calor e a fome ; que destróem a sua saude e arriscão a vida. Oh ! Ainda mal que damos as nossas filhas habitos estragados, e as nossas mulheres uma instrucção de crianças, e, ao depois, pedimos ao céo gloria e ventura ! E o que succede ? A volubilidade de um sexo influe necessariamente nos habitos do outro : as mulheres são futeis para nos agradarem ; é preciso que nós

nos tornemos frivolos para tambem as seduzirmos.

«A nossa indifferença politica e moral, a ignorancia dos nossos interesses e dos nossos deveres, o esquecimento da patria, as nossas vaidades, os nossos defeitos e os nossos males são obra das mulheres ; o seu caracter tem-se tornado o caracter nacional : temos precisado receber d'ellas o que ellas devião receber de nós.

«Fação-se, porém, nossas mãis cidadãs, e tudo se mudará : em lugar de apostarem, como amas, qual terá filhos mais corados e mais bem vestidos, apostem qual lhes ha de plantar, como diz o bom Amyot, virtudes na alma e vigor no espirito ; e o paiz em que isto succeda se tornará o modelo das nações.

«Legisladores ! E' tempo de cuidar disto : estas mulheres que esqueceis formão metade do genero humano : quereis ter magistrados, guerreiros, cidadãos ; fazer florecer um reino, uma republica ? Dirigi-vos ás mulheres, porque se ellas não prenderem a nossa alma ás vossas instituições, as obras do vosso genio ficarão inertes no meio dos povos. Mas que ! Escrevendo as vossas leis, redigindo os vossos codigos, dignastes-vos lembrar-vos de que existem mulheres? Sabeis o que é o amôr de mãe? Lembrastes-vos de que a sua voz é o primeiro som que echôa aos nossos ouvidos, os seus olhos a primeira claridade que alegra os nossos, o seu canto a primeira harmonia que ouvimos, as suas caricias os prazeres que sentimos ? Pesastes vós bem essa influencia de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos e as indeleveis impressões que d'ahi vão resultar ?

«Pois bem ! Tudo isto é apenas um fio dos muitos com que a Providencia teceu a omnipotencia das mulheres : quando filhos, educão-nos ; quando maridos, inspirão-nos : o amôr de mãe nos chama ao bem ou ao mal ; o amôr de amante e de esposa completa os nossos destinos.

«Trabalhar, trabalhar na sua educação, pois que é trabalhar na nossa; dar-lhes nobres e elevados pensamentos é matar por uma só vez as nossas mesquinhas paixões e ambições : tanto mais valeremos quanto melhores ellas fôrem ; e pela sua parte ellas não nos tornarão melhores sem serem mais felizes. Ainda hoje a existencia das mulheres acaba aonde acabão as homenageus : a sua mocidade é um reinado, a sua velhice um abandono.

«Pois bem ! Estes tão tristes e compridos annos podem-se tornar annos de encanto ; ha um poder superior ao da belleza, é o que dá o cumprimento esclarecido de um dever ; aqui está um meio de ser sempre bella e moça, e que ainda merece ser tentado. Ainda não pára aqui : a mulher que vive rodeada da sua familia, que se instrue para a instruir, que engrandece a sua alma para exercer toda a sua influencia, torna-se por este simples facto inaccessivel a seducções. As previsões da natureza são cheias de graça ; ella collocou no coração da mãe a fonte das virtudes do filho ; e, por agradavel retribuição, quer que a innocencia do filho seja o amparo da virtude da mãe.»

Depois d'isso, ainda restará alguma duvida sobre a necessidade da educação da mulher ?

Emancipemo-nos

Si é condição essencial de progresso social a nobilitação da mulher, porque é que ainda não somos emancipadas ?

Um grande pensador deste seculo escreveu a nosso respeito que :— é uma lei de reciprocidade de eterna justiça, que o homem não possa humilhar a mulher sem cahir em degradação, nem exaltal-a sem se tornar melhor.

As revoltas do espirito humano, que arrastaram comsigo idéas mais justas sobre as nossas condições, tiveram mais influencia no progresso social, do que as que simplesmente exprimiam as exigencias dos philosophos de todos os tempos.

Os povos asiaticos, que viram nascer as primeiras civilisações, que se engrandeceram nas sciencias e na guerra, que tiveram legisladores como Confuncio e guerreiros como Mahomet, não chegaram nunca á conquista definitiva do mundo christão, porque entre elles a mulher nunca foi a digna companheira do homem, a elle igual, mãe e esposa.

Na Asia a condicção da mulher é obscura como a origem dos seus mysterios ; estaciona n'uma degradação dilacerante como essas civilisações, paralysadas, semelhantes a monumentos erguidos nas areias solitarias, e que se deterioram sob a acção implacavel do tempo.

Como que são um legado de decadencia os barbaros costumes desses povos, que tem reduzido uma metade do genero humano á mais vil condicção ! Mesmo na Grecia, que outr'ora foi grande, e que hoje não póde attestar ao mundo a lyra das Corinas, nem o heroismo das antigas espartanas. Vejamos um quadro miserrimo em que a mulher é aviltada :

—

« Poucos mezes ha que os jornaes publicaram o relatorio de um medico inglez, que por curiosidade, viajára pelo Oriente ; chegando casualmente a um mercado de escravas, avistou umas vinte mulheres gregas, seminuas e deitadas no chão, esperando comprador.

« Uma d'ellas fixára a attenção de um velho turco : o barbaro apalpoulhe as espaduas, os braços, as orelhas, examinou-lhe a bocca e o pescoço com minucioso cuidado, como quem examina um cavallo, e, durante a inspecção o mercador gabava-lhe a belleza dos olhos, a elegancia da estatura e outras que taes perfeições; jurava que a pobre moça não tinha mais de treze annos, que era donzella, que de noite não sonhava nem rosonava.

« Em breve, pois de severo exame e de alguma contestação ácerca do preço, a grega foi vendida em corpo e alma por 1375 francos ; a alma pouco pesou, é verdade na balança de um e do outro.

« A mesquinha, quasi sem sentidos, nos braços de sua mãe (porque esse pacto infernal era concluido á vista da propria mãe) implorava, com vozes que rasgavam a alma, o soccorro de suas tristes companheiras, como ella arrebatadas ás agradaveis regiões da Grecia ; mas nesta barbara terra todos os corações são de bronze, porque a lei faz o homem insensivel aos males que consente.

« O negocio estava concluido e a moça foi entregue.

« Assim se desvaneceu para ella, como para todas as mulheres, nesta parte do mundo, esse encantador de felicidade e amor que lhes prepara a natureza !

« Attentado execrando ! Crime de lesa humanidade ! Quem poderá de futuro acreditál-o ? !

« Esta scena infernal passava-se na Europa, em 1829, a seiscentas leguas de Paris e de Londres, as duas capitaes do genero humano ; e, a estas horas em que escrevemos, é a historia viva dos dois terços dos habitantes do globo !»

—

Após a triste revelação de tão monstruoso episodio deve-se lamen-

tar a mulher que é roduzida a uma cousa tão vil, ella que tem de ser mãe, uma cousa tão santa;—mas deve-se tambem lastimar o orgulho dos homens, que se amesquinham porque amesquinham aquellas que lhe dão origem.

—

A precaria condicção social da mulher nas sociedades asiaticas não podia permanecer, se não amesquinhando a civilisação de um continente inteiro.

Alli, onde a humanidade teve o berço, o espectaculo que fere a vista e dóe n'alma é o da decadencia e da inercia.

Na Europa, com os barbaros que a devastaram povoando, teve a mulher importancia e ao seu benefico influxo cresceram as sociedades.

Com o feudalismo foi nobilitada a mulher, por honra de quem os paladinos praticavam verdadeiros heroismos.

Falta-nos, como ainda hoje nos faltam, prerogativas civis que nos igualassem em direitos; comtudo, longe estavamos dos horrendos espectaculos da escravidão asiatica.

Nos tempos modernos é que temos conseguido prerogativas que a civilisação conquista e que os homens deviam ampliar em proprio interesse, porque é uma condicção do progresso humano a nobilitação da mulher.

O que é verdade é que a medida que a mulher se eleva, as sociedades progridem; e o seculo XIX que é o seculo das grandes idéas tem tido a ventura de vêr discutido á luz dos principios as bases de nossos direitos sociaes.

Seja a mulher igual ao homem e a sociedade será perfeita.

Onde a mulher é rainha, a sociedade é culta; onde a mulher é escrava é barbara a sociedade. E' uma lei historica, que a razão não contesta.

MARQUES GOMES.

A mulher na China.

Mãe

Mãe! nome abençoado, terno como o suspiro das auras, doce como a felicidade, nome que se imprime na alma em caracteres indeleveis, nome que resiste á ausencia, que não se apaga na ventura, que não desapparece no auge das mais fortes commoções, provenientes da dor ou do prazer.

Mãe! palavra magica, cujo ecco repercurte em todos os corações; palavra que encerra um poema de ternura, sacrificios e amor.

Por isso se diz com tanta verdade como eloquencia:

Nada existe no mundo superior a mulher, a não ser uma mãe. A mãe é o pharol que illumina as densas nebulosidades da vida. A mãe é o primeiro annel d'essa interminavel cadeia chamada sociedade: é ella o anjo que vela os nossos sonhos infantis, que recebe o nosso primeiro respiro, o primeiro anhelo da nossa alma e o primeiro beijo dos nossos labios. A mãe é a perola que sobrenada no pelago da vida: é um nectar delicioso, uma essencia que adoça e perfuma o calice do soffrimento.

A mãe resume toda felicidade na ventura dos filhos: a mãe corre um véo espesso sobre o seu passado, esquece o presente e não quer outro futuro senão o de seus filhos, com os quaes ri, se exultam e padece dores acerbas, se soffrem. A mãe não alimenta outra ambição além do jubilo e gloria do filho. Exercendo dignamente o seu augusto sacerdocio, ao mesmo tempo que ensina o filho a balbuciar o nome do pai, inocula-lhe no coração o germen do bem e da virtude. O coração materno é a pyra inextinguivel do amor, o manancial dos sentimentos elevados, o fóco da ternura e dos nobres pensamentos. Sacrificio e abnegação! Eis a synthese da mãe.

A mãe representa o ideial do amor divino transmittido ao coração da mulher. Toda poesia do lar está concentrada na mãe. A alma materna é uma egloga, o coração um idyllio, o olhar um poema, as palavras uma canção de amor. Que suaves são as expressões de uma mãe quando partem da alma, lyra harmoniosa que parece vibrada pelos anjos!—Ao lado de uma mãe virtuosa respira-se um ambiente de pureza e santidade.

A mãe é o nosso genio tutelar, o nosso mentor, o anjo que adeja em torno das nossas frontes. A mãe é um oasis nos desertos da vida. O estouvado, o indifferente, o libertino sentem pulsar o gasto coração ao relembrarem o nome da mulher que lhe deu o ser.

A mãe é a mensageira do paraiso que deverá conduzir-nos. A mãe é o supremo do arbitrio do Universo, porque no seu regaço se formam as gerações. As épocas em que floresceram maior numero de genios coincidiram com aquellas em que brilharam mães, verdadeiramente sublimes.

Ha poucos dias, dizia-me um homem distincto e de notavel intelligencia:

«Os meus sentimentos elevados, a pureza das minhas idéias, a immaculada innocencia do meu coração e da minha lealdade, devo-os a minha mãe, e a minha mãe que me insuflou a essencia do bello que é o bom, aperfeiçoando-a com o seu delicado cinzel. A memoria de minha mãe perfuma-me incessantemente a minha alma e não me deixa commetter uma acção má.»

Conto isto, porque as palavras de um homem honrado devem-se gravar em caracteres de oiro no templo da immortalidade. As lagrimas que borbulhavam nos olhos do meu amigo, ao alludir a sua mãe com ineffavel transporte, eram verdadeiras perolas.

Mães! o sceptro do mundo pertence-vos. Tendes diante de vós um bello futuro radioso e feliz. E visto que as modernas sociedades levantaram as mulheres da situação humilhante em que jazia para erguel-a sobre um pedestal magestoso, é preciso que correspondaes á sublimidade dos principios proclamados n'esta era culta e civilisada.

A mulher está destinada por sua natureza a ser a grande figura da humanidade: Mãe! para saber educar a alma do filho o desenvolver no seu coração os sentimentos elevados, é forçoso que conheça ás leis da justiça a que todas as cousas estão subordinadas.

A importancia da mulher, tanto na vida moral como na physica, é incalculavel.

Schiller disse: «Honrai as mulheres, ellas cobrem de rosas divinas os caminhos da terra; apertam os laços do amor, e sob o pudico véo das graças alimentam a flôr immortal dos bons sentimentos.»

A grande idéia que hoje deve preoccupar a humanidade, é educar a mulher para ser mãe, porque á mulher cumpre o encargo de illuminar a alma de seu filho, desenvolvendo-lhe os sentimentos puros e generosos; impossivel, porém, será inspirar-lhe a virtude e heroismo, se não possuir uma educação superior.

Daniel Stern escreveu: «Os deveres da maternidade identificam-se com as grandes idéias, mas não podem alliar-se aos gostos frivolos. Uma mulher no momento em que

amamentar seu filho póde sonhar com Plutão e meditar com Descartes; nem por isso perderá a serenidade do espirito ou correrá o risco de se alterar a pureza do leite ; mas a mulher que se enfeita, perde as noutes, dança, irrita-se, envolvida na intriga das salas, perderá o vico do seio e seu filho soffrerá.

Qual é o motivo que instiga os homens a condemnarem tão severamente a mulher philosopha, ao mesmo tempo que acolhem com tanta indulgencia a «coquette?»

«O futuro de uma creatura é quasi sempre obra de sua mãe», dizia Napoleão , phrase profundamente verdadeira, porque as idéias que a mãe transmitte ao filho são as mesmas que o homem transmitte á sociedade.

Conceição Gimeno de Flaquer.

Em uma época em que o mal universal é o egoismo, os homens, influenciados por todos os interesses positivos, devem ter menos generosidade, menos sensibilidade do que as mulheres.

Mme. Stael.

Major Diogo Antonio de Barros

A morte, diz Montaigne, é uma das leis de ordem do universo, é uma lei da vida do mundo.

Pois bem, essa morte, a qual não podemos fugir, acaba de arrancar a vida a um dos caracteres mais nobres e mais honrados desta cidade, o Major Diogo Antonio de Barros.

Sobre tão infausto acontecimento, assim se expressa o nosso illustrado collega do *Diario Mercantil* :

«Victima de uma pertinaz enfermidade, falleceu ante-hontem, ás 2 horas da madrugada, com 42 annos de edade, o major Diogo Antonio de Barros, filho do finado barão de Piracicaba. Na alta sociedade paulista, onde o finado gosava de numerosas relações e sympathias, a que tinha subido direito pela fidalguia do seu caracter, causou a sua morte profundissima magoa.

«Dotado de grande energia e intelligente actividade, o major Diogo de Barros, fundára n'esta cidade uma importante fabrica de tecidos de algodão e mais tarde uma fabrica de chitas, conseguindo encarreiral-as n'uma época, em que a industria era quasi nascente, e leval-as a um ponto de grande prosperidade.

«Educára-se na Europa e vivia com muito gosto, cercando-se de todo o bem-estar, e revelando sempre uma notavel superioridade. O seu temperamento de trabalhador não o deixava descançar e pedia-lhe uma acção constante e tenaz.

«Estivera na campanha do Paraguay, fazendo parte do 7.° de voluntarios e ahi recebeu alguns ferimentos, conquistando o posto de major.»

A sua illustre familia, apresentamos os nossos sinceros pesames, pela irreparavel perda que acaba de soffrer.

A ordem social, que admitte a igualdade de todos os nossos semelhantes perante a lei, como diante de Deus, está tão de accordo com a religião christã como com a verdadeira liberdade; uma e outra, em espheras differentes, devem seguir os seus principios.

Mme de Stael.

Conversação com a leitora

Leitora gentil, não chames importuna e inutil a esta erupção inesperada do teu gabinete perfumado e morno. Entorpecida por essa atmosphera que te põe no corpo e no espirito negligencias preguiçosas, estás talvez recostada na tua *causeuse* fôfa e commoda, deixando borboletear o espirito pelas coisas mais varias e caprichosas deste mundo, e assim, nesse quebramento placido abandonaste a tua phantasia, onde promiscuamente passam em voltas e rodopiantes :—o baile que projectas, o vestido que encommendaste, as plantas do teu jardim, a compra do teu magnifico Binder de oito mollas, a acquisição dos teus cavallos de raça, brancos, de pernas nervosas e ageis, que hão de transportar-te n'uma carreira triumphal, expondo-te á admiração invejosa das que não teem como tu as finas opulencias.

Assim despreoccupada, risonha, pensando em nadas dourados, inebriando-te em perspectiva deliciosas, não leves a mal, minha querida, que eu venha pôr, neste ambiente descuidoso, uma nota discordantes, lembrando-te um dever nas reflexões que vou expôr ácerca das tuas encantadoras creanças, talvez uns lindos rebentos, roseos, loiros, e, naturalmente, muito risonhos, muito traquinas, bulindo curiosos nas bijouterias elegantes das tuas *étageres*, triturando audaciosamente as folhas das tuas begonias, arrancando, n'uma admiração enthusiasta as estampas dos teus livros, trepando-te ao pescoço em caricias arrebatadas, com prejuizo do teu vestuario e do teu penteado, que os seus impetos alegres não respeitam.

Talvez descontente por estas paixões tumultuosas, lhes beijes apenas os labios rubros, lhes afagues as pequeninas cabeças desenvoltas, e um pouco enfastiadas os entregues de novo ao preceptor, recommendando-lhe vigilancia.

Julgando assim teres cumprido os teus deveres de mãe carinhosa, ficas n'uma dilatação d'alma satisfeita, sem te occupares mais d'elles, certa como estás de que o preceptor a quem pagas generosamente, lhes dá pelo teu dinheiro aquillo, que, todavia, só a tua alma de mulher e de mãe póde dar-lhes pelo seu amor.

Esqueces, minha amiga, que a unica paga que pode ser recompensa e estimulo a quem se entrega á educação dos pequeninos entes, é o prazer intimo de lhes vêr fructificar no espirito os esforços empregados para o fazer progredir nas varias ramificações dos conhecimentos uteis, e que esse prazer e por conseguinte essa recompensa e esse estimulo só verdadeiramento o póde sentir a tua alma repartida pelos anjinhos meigos, que são teus filhos.

Deslumbrada por umas falsas promessas de goso, cercas-te dos mil nadas mentirosos, que constituem o que muita gente suppõe ser a felicidade. E's rica. A tua phantasia, o teu gosto artistico, os teus caprichos nada mais teem que exigir ; tudo é satisfeito, realisado com a celeridade facil que dá o dinheiro. Mas, confessa, o teu espirito está fatigado e doente: a tua imaginação não tem mais que pedir, e a repetição do que gosaste enfastia-te. Olhas em volta da tua opulencia olympica com um olhar triste de saciedade desoladora, cheia de fastio e de tedio, sentindo que não és feliz.

Não teus uma alegria sincera a inundar-te o coração atrophiado pelos sobresaltos enervantes de uns prazeres falsos, que teem deslumbrado, aturdido, lisongeado a tua vaidade, mas nunca afagado e satisfeito a tua alma. Para te arrancar a esse es-

tado morbido, é necessario haver alguma coisa sempre nova, desconhecida, palpitante, apoz a qual tu corras n'uma anciedade de goso insaciavel, famélico. E' preciso vibrar na tua alma uma escala interminavel de sensações ignotas, que se tornem pelo sentimento n'uma orchestração divina, de felicidades perduraveis.

— Mas como obter isso? perguntas, abanando a tua graciosa cabeça n'um movimento desalentado e sceptico.

— Facilimo. E' d'ora avante dares aos teus filhos mais do que beijos affectuosos; é não continuares a affastal-os de ti, a despeito mesmo dos desalinhos que elles façam no teu vestuario, nas tuas bijouterias; é entregares-te a elles n'um cuidado vigilante pelo desenvolvimento da sua intelligencia infantil. Desenfastia-te lendo junto ao seu leito, enquanto dormem, a *Educação desde o berço* de B. Perez, e folhea de vez em quando o systema de ensino exposto na *Educação intellectual, moral e physica* de H. Spencer. Poupa-te ao pesar de veres um estranho torturar o cerebro dos teus pequeninos, com mil coisas complexas de mais para a sua comprehensão debil. Abandona os velhos methodos desalientadores, que fatigam as creanças; dá ás suas perguntas unicamente explicações indispensaveis, e deixa que a sua curiosidade lhes traga o gosto do estudo e os conduza por si mesmos a experiencias, a conclusões, que sem esforço e sem aborrecimento levem o seu espirito a passar do empirico ao racional, do concreto ao abstracto nos varios ramos dos conhecimentos humanos.

E, n'este prazer sempre novo, de descobrir todos os dias nos teus cherubins adoraveis uma nova aptidão, uma nova prova de intelligencia, ajudada a desenvolver pelas tuas sollicitudes; admirando-te umas vezes das suas observações logicas, rindo-te outras das suas theorias pueris, conseguirás restituir á tua alma a alegria sempre viva, sincera e palpitante, que todos os deslumbramentos fascinantes das festas ruidosas não conseguiram dar-te.

ELIZA CADOUR.

Não foi Clovis, foi Clotilde quem fundou a monarchia franceza: bella, modesta e christã, fez a educação do povo e do rei pelo Evangelho; subjugou os vencedores e os vencidos,

ESTEVÃO JOUY.

Sombras

Se um dia eu te dissesse que a esperança
Brilha em minh'alma, com fulgor immenso,
Se tudo eu te dissesse, quanto penso,
Ta'vez que me chamasses de creança.

Talvez que com sorriso de ironia
Zombasses de meus sonhos, duramente
E teu olhar volvendo tristemente
Dissesses—Tambem eu assim dizia...

Mas ah! que esse sorriso desdenhoso
E' mais que duro, triste e desdenhoso,
Por elle vê-se que uma dôr intensa,

Faz d'esse coração, feliz outr'ora,
Abysmo onde a tristeza crua mora
Envolta em negro manto de tristeza.

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

O Laço da Virgem

A RACHEL DE AZEVEDO

Dizia, triste, a creança
Prostrada junto do altar:
Virgem mãe, fanal d'esp'rança,
Venho teu nome invocar.

Vejo meu pae tão afflicto,
Carpindo a mãe que morreu!
Meu peito humilde e contricto,
Magoado procura o Teu!

O' Virgem, dá-lhe saude,
Consola-o na sua dôr,
Premeia a sua virtude,
Envolve-o no teu amor.

Que eu prometto á tua imagem,
Do meu extremo um signal
Que perpetue a homenagem
Do meu sentir filial!

Ouviu a Virgem piedosa
Aquella prece, aquelle ai,
Nota sublime e queixosa
D'angustia que n'alma vae;

E d'esse pranto de filha
Fundiu os raios de luz,
A alegria que hoje brilha
Onde a dôr tinha uma Cruz.

Então, na rude capella
Onde o voto se prestou
Reconhecida a donzella
Um laço azul desdobrou.

Que diz na sua eloquencia,
Na formosa e etherea côr,
Da sua fé, toda a ardencia,
Da sua alma—todo o amor.

AMELIA JANNY.

MIRANTE

Duas respostas

Não posso deixar sem resposta a apreciação feita pelo *Jahuense*, sobre o apparecimento da minha revista *A Familia*.

Diz o collega:

«Cremos que por engano a intelligente redactora deixou sahir no cabeço da folha «—jornal litterario.—» se é semanal não póde ser jornal que é diario.»

O collega é que está em erro, por affirmar que uma publicação deixa de ser jornal, desde que não é diaria.

Procure conhecer a genealogia da palavra *jornal*, e diga-nos quem commetteu o erro.

O Jahuense, deixa por ventura de ser jornal, por não ser diario?

—

A proposito do artigo de fundo inserto no primeiro numero d'*A Familia*, o meu illustrado collega da *Provincia de S. Paulo*, em uma ligeira noticia, achou que a mulher para ser venerada, glorificada e santificada não deve competir com o homem na «direcção do estado» e em muitas cousas mais.

E' justo que eu dê mais algumas razões do meu asserto, e outros tantos exemplos que auctorisaram a minha opinião.

Como mulher e nesta missão de deffender todas as do meu sexo, devo ferir os assumptos, principalmente, pela face porque elles offendem a nossa dignidade.

Que a mulher não se involva nos negocios do estado, nós já sabemos que os homens não querem, mas, que ella não possa com elles competir, isso é que o collega não poderá affirmar com asserto.

A rainha Victoria, dirige a Inglaterra, e nem por isso, a Inglaterra deixa de ser a nação mais respeitada do mundo.

A lei mais brilhante do Brazil, a lei 13 de Maio, foi sanccionada por uma mulher.

Entretanto, póde ser que eu tenha usado de uma linguagem menos polida, se é que não basta para isso sermos constantemente calumniadas a todos os respeitos e ainda mais, consideradas — um fardo! — por esses mesmos que deviam estar de accordo comnosco.

Se é que ha erro, tenho culpa; mas tambem eu devo merecer a des-

culpa que não se nega a quem apenas tem iniciado a sua modesta carreira jornalistica.

JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO.

Uma morte feliz

Clarinda interessante creatura de 17 annos, encantadora e formosa creança, corria alegremente pelo jardim, colhendo as mais mimosas e perfumadas flores

Dir-se-hia ser uma travessa borboleta em busca de mel.

Subito parou. Tinha ouvido além... atravez da ramagem florida dor arvoredos, um melodioso canto.

Que amenidade, que doçura que encanto n'aquella vóz !

E o seu coração, até então adormecido, parece despertar suavemente ao som melifluo d'aquelle canto !

* * *

Desde esse dia vinha Clarinda, todos as tardes ao cahir da noite, ao jardim e anciosa esperava ouvir as notas argentinas, a voz d'aquelle que amava sem conhecer.

E o seu coração de adormecido que era, começava a despertar suavemente ao som melifluo d'aquelle canto !

* * *

Alvaro amava-a com todo o ardor de seus 22 annos. No entanto, sempre que lhe jurava o seu amor, via em seus labios um contrafeito sorriso e lobrigava em seus seus seios uma indifferença de gelo !

Como me fazes soffrer dizia elle então—Tu não me amas !

E ella abanando tristemente a cabeça :

—Quero-te muito, sou muito reconhecida pela preferencia que me deste mas... não te posso amar.

E' que seu coração adormecido só despertava suavemente ao som melifluo d'aquelle canto.

* * *

Foram noivos. Casaram-se.

Desde o seu casamento jámais se ouvira aquella voz. Uma tarde, á hora do crepusculo, sentada n'um dos bancos do jardim, triste, sentia-lhe invadir a saudade. Relembrava-a as maviosas notas d'aquelle canto argentino, quando cahiu a seus pés um pequeno papel. Ergueu-o e leu :—« Esta manhã cantarei no jardim. Vem ouvir-me, se me amas. Teu R.»

E seu coração quasi adormecido, de novo despertou ao lembrar-se que ia ouvir o som melifluo d'aquelle canto

* * *

Apesar de não amar ainda seu esposo, não queria ser-lhe infiel Jurou não ir mas... foi.

Quem póde refrear os impulsos do coração ? !

Soava quatro horas quando ella descia a escada de pedra que dava para o jardim.

A aurora pallida mostrava os primeiros albores no horisonte e á sua luz Clarinda póde escrever algumas linhas.

Em seguida sentou-se : tirou do seio um pequeno frasco e levou-o repetidas vezes aos labios.

E elle cantava... cantava. Sua voz sonora e bem tymbrada, parecia vir do céo quebrar o silencio da terra !

Quando a ultima estrophe perdeu se no espaço, tambem o ultimo suspiro de Clarinda subia...subia aos céos !

E o seu coração adormeceu para sempre ao som melifluo d'aquelle canto !

* * *

Nas faces pallidas como a aurora, deslisavam vagarosamente duas crystallinas lagrimas. Chegou-se a ella um vulto... Era elle... Alvaro que sempre cantava e que cantava essa manhã pela ultima vez !...

Era elle que desta maneira quizera experimentar a fidelidade de sua esposa ! Pegou-lhe na mão e tirando o papel que ella apertava de encontro ao seio, leu :

«Alvaro, meu terno esposo—Quando leres estas linhas, talvez eu já descanse no seio de Deus. Nunca te amei, bem o sabias. Me encontrarás no jardim, onde pela ultima vez, vou ouvir a voz d'aquelle que amo sem conhecer.

Não tenhas receio. não serei infiel. Trago n'um pequeno frasco a salvação de nossa honra. Tua fiel—Clarinda.»

—Oh ! terna e carinhosa esposa ! – exclamava elle—Como foste virtuosa e bôa ! Espera que eu irei aos céos comtigo.

E apertando-a de encontro ao seio, sorveu dos labios as gottas do veneno que ella tomára e morreu feliz e resignado !

* * *

E depois... não mais se ouviu o som melifluo d'aquelle canto.

S. Paulo.

ADELIA BARROS.

Supplica !

Bebé era galante, como a nuvemsinha branca que surge, vaporosa, em céo de primavera. Adorava a mãe, de quem absorvia, com um exclusivismo despotico, todos os instantantes, todos os cuidados, todos os affectos. Com os lindos olhos pretos quebrados ao peso das pestanas, e os cabellinhos louros em uma desordem pittoresca Bebé era espertissimo. Conhecia todas as pessoas pelos seus nomes, sem os confundir ; respondia apropositadamente a qualquer pergunta, queria saber tudo, era um prodigio, emfim, com dois annos e meio.

Gostava doidamente, de tomar banho, revolvia-se na tina, atirava com a esponja, desfazia o sabonete ; mas, ao sahir da agua, era um choro, uma gritaria, um desgosto enorme. Conhecendo, porém, o nenhum resultado dos seus gritos, socegava e com a carita emmoldurada nas franjas do lençol e os lindos olhos pousados nos da mãe, Bebé pedia sempre um beijo.

Um dia constipou-se. O medico prohibiu o banho diario. Tinha pois de lavar-se meio vestido. A primeira vez que a grande toalha o cobrio todo, e elle se viu a contas com a lavagem da cara fóra do banho, ficou rouco de chorar. Mas no dia seguinte, ao repetir-se o *supplicio*, franziu tristemente os labios rosados, e contendo as lagrimas, disse, supplicante : «Mamã, oh! mamãsinha, as orelhas, não !... não ?»

MARGARIDA DE SIQUEIRA.

O pudor é sublime por ser a natureza que se deffende.

O fingimento d'elle é odioso por ser uma mascara. Debaixo do pudor ha uma mulher ; debaixo do fingimento uma imbecil.

ARSÉNE HOUSSAYE.

Amelia

Queres ouvir uma historia curta e singella, como os sonhos dos cherubins ? Queres, Amelia ?

Pois bem, escuta.

Foi em uma das nossas poeticas noites de luar dos primeiros dias de Agosto que passa.

Debruçada sobre o parapeito da janella do meu sotão, mergulhava o olhar pelo horisonte por cima dos tectos da casaria proxima que dominava d'essa eminencia. Grandioso e imponente era o especto do céo.

O firmamento offerecia ás vistas avidas do bello o mais encantador dos espectaculos.

Aqui e alli as nuvens agglomerando-se similhavam a flócos de neve que deslisavam-se indolentemente pelas immensas plagas do infinito. Ás vezes paravam, confrontando-se, como para combinarem sobre a rota que deviam seguir.

A lua, essa encantadora rainha noctivaga, essa meiga confidente dos nossos pezares, seduzia nos com a opulencia ostentosa de suas galas.

Parecia-nos dizer em linguagem mysteriosa ás virgens: vinde, que iniciarvos-hei na divina e mystica sciencia dos amôres.

Que de grandioso e imponente tinha o aspecto do céo n'essa noite de luar!

O mar, a flôr a brisa, a veiga, o ninho, tudo parecia ajoelhar-se em dôce culto, ante a magnitude do complexo das bellezas que o céo expandia em seus lumes.

E minh'alma, pobre, mendiga de venturas, prescutadora incessante dos arcanos d'essa natureza, avára de explicações, que se engasta na azulada concha do mysterioso infinito, extasiava-se na contemplação do bello - sublime da cerulea tela.

E eu então, a quem a apathia e o tédio dominam quasi sempre como consequencia das reacções que o desgosto e o soffrimento provocam em minh'alma, violei meus antigos habitos de vida laboriosa, vesti-me e sahi acompanhada de minha pequena Antonieta que com innocente garridice me dizia:

Mamãsinha, eu quero ir comtigo, levas-me?

Sahi... porque era muito estreito o ambito de meu aposento para responder ás impressões que me invadiam o espirito,—a onda de sentimentos que me enchia o coração.

Anciava por esmagar, ao menos por instantes esse marasmo que devastava-me a alma, e que como parasita corrosiva se emmaranhava por todo o meu ser!

Calculas, Amelia, que preponderancia exerce sobre a vida de tua pobre amiga esta importuna entidade!

Oh! como isso é cruel, Amelia!... e como todo o meu eu se revolta contra a aberração d'esse absolutismo que me tyrannisa o espirito!

Amelia, como isso é cruel!

Todavia que fazer?... se temos por adversarios inimigos mais fortes do que nós?

Mas desculpa, querida, por ter insensivelmente passado a contar-te aqui a molestia de minh'alma.

E' que não ha quadro sem sombra; serão as minhas magoas as sombras d'este.

Então eu te dizia?... que tinha sahido; sim. Sahi com a alma repleta de emoções inexplicaveis, mas êrma de prazeres.

Era uma peregrina, ainda joven, mas perseguida pelas sombras das passadas illusões, que desalentada ia procurar além no regaço tepido e suave de um tecto hospitaleiro e honesto, algum calor para as crenças que myrravam-se-me ao gélido sôpro do infortunio.

E sahi em busca de uma consolação e sedenta de doces alegrias.

Caminhei... vaguei a esmo uma longa hora, esfolhando uma saudade, em cujas petalas que o vento frio da noite dispersava, irisavam as perolas de meu pranto... E vaguei a esmo uma longa hora, esfolhando uma saudade!

Meu espirito flutuava por sobre as vagas da indicisão... Não sabia que ponto deveria preferir.

Mas, ventura!... Penetrei no lar sagrado de uma familia que tambem é minha;—em casa de minha bôa mãe.

Oh! como o destino foi generoso para commigo n'essa occasião, Amelia! E sabes porque?

E' que lá estavas, como uma nuncia celestial, bôa, meiga, innocente e pura...

E' que lá estavas, para me estenderes a pequena mão admiravelmente esculpturada...

E' que lá estavas para me dizeres com um mimoso sorriso, cuja aura subtil irisára as duas petalas deliciosamente macaradas de teus labios:

D. Maria Luiza, nutro grande sympathia pela senhora. Julgar-me-hia ditosa se fizesse parte do gremio de suas intimas relações Offereço-lhe minha amisade; acceita?

Ah! Amelia, que bem me fizeram estas tuas palavras!

Se soubéras! Foram para minhas crenças que se inclinavam quaes delicados lyrios ao sopro da viração despertina o que o rocio da manhã é para as flôres crestadas nos ardores do meio dia!

Que bem, Amelia, me fizeram tuas palavras!

Desde então anceio por vasar em teu seio de virgem os doces effluvios da amisade que em mim d'crisol das confidencias de minh'alma.

Amelia, que grinalda fascinadora de sympathia te cinge a fronte para nos prender, attrahir e emocinar com os seus inebriantes olores!

. . . . . .

. . . . . .

Amelia, estou a sós no meu gabinetesinho a repassar as impressões que trouxe-me o dia de hoje, os momentos agradaveis que passei junto de ti!

Que deliciosos instantes gozei!

Sabes onde, querida?

Lá naquella casinha, cuja deslumbrante brancura lembra-nos os flócos de espumas que balouçam-se docemente por sobre o dorso das ondas.

Lá na tua casinha, Amelia!

Oh! que deliciosos instantes gozei!

Escuta-me: Antes de ir vêr-te ao teu doce ninho, escrevia para distrahir-me um pouco da monotonia que me cercava.

Mas de subito, suggeriu-me á imaginação uma ideia que logo abracei com transporte.

Queres que te diga qual foi ella? Ora, aposto que não te ha de desgostar, pois no malicioso dizer de alguem, nós ás mulheres não nos convem nunca com a ideia do mysterio.

Estás de accôrdo com esta opinião, Amelia? Ah!.. estás? Magnifico! Mata pois a fome á tua curiosidadesinha com estas phrases mui pouco castigadas...

—Vou vêr Amelia .. Sim, ah, que bôa lembrança!.. disséra eu.

Só poderias alcançar a doçura d'essa idéa para meu espirito, Amelia, se estivesses convencida da profundesa da estima que nutro por ti.

Foi, pois, a sorrir que me encaminhei para a tua casa.

Lá estavas á porta. Como estavas linda de envolta com as ondas perfumosas de tuas vestes alvas!

E como assentavam ellas bem na tua mimosa côr de begonia! Como se cercava de uma aureola de innocencia, candura e meiguice todo o teu ser! Como estavas linda, Amelia, de envolta com as ondas perfumosas de tuas vestes alvas!

Palpitante de prazer te abracei e a convite teu entrei no purissimo recinto do teu lar.

Quanto aroma inebriente não trescalava de sua athesmosphera hospitaleira meu Deus!

E como não estaria, se tu, escolhe flôr ahi o extravasavas de tua alma pura e innocentinha?...

De quanto aroma inebriante se impregnava a sua athesmosphera hospitaleira!

E eu o aspirava e não podia te agradecer, porque... não tens reparado algumas vezes que, quando o acaso nos depara com algum quadro magnificente, ao passo que sentimos nossas idéas dilatarem-se ficamos mudas e quêdas ante a sua sublimidade?... assim eu, ante as graças que espargias com prodigalidade de louca, só sabia admirar-te extasiada.

O que eu sentia nesses momentos, lá, não sei dizer'-o, Amelia.

Mas, ah! na ampulheta do tempo teve de escoar-se minha ventura.

Voltei ao meu pobre e solitario ninho com o pomo acré-dulce da saudade no coração...

A amizade consolidára-se em seu casulo.

E voltei saudosa de ti, derramando pelo espaço que me circundava as essencias da virtude que bondosa vazastes na urna de meus affectos, para novamente aspiral-as com avidez.

Que conforto e esperança me infundistes n'alma, Amelia!

E' que na tua fronte bella, pura, e virginal, onde nenhuma sombra negra se projecta ainda; é que nas transparencias celestes de teus olhos negros e scentilantes eu vi escripto em caracteres indeleveis—a castidade, candura e innocencia.

E eu balbuciei: quanta opulencia de dons angelicos não existe no recesso de teu seio de virgem, creança!

Oxalá as virgens, como tu, se mirem no espelho de tua alma, reflectida em teus olhos e sigam a mesma senda que trilhas sombranceira.

. . . . . .

Ah! não, não sabes o que eu gozei lá no teu suave conchego, e quanta saudade esfolhei ao murmurar-te.

—Adeus! Amelia.

MARIA LUCIA ROMARIZ.

Qual é meu norte?

Eu serei como o oceano
Que não calla o seu gemer?...
Ou como a garça ferida,
Vôa, vôa, até morrer?...
Eu serei como a creança
Que solúça na orphandade?
Ou como a amante esquecida,
Morrendo na soledade?...
Eu serei como a violeta
Que murchou na primavera,
Entregando as folhas sêccas
Ao tufão que além impera?
Eu serei qual mãe saudosa
Que via as filhas morrer?...
Ou como a rôla do bosque
Gemebunda no fenecer?...
Eu serei como a barquinha
Que intenta chegar á praia,
Quando a onda se revolta,
E a luz da lua desmaia?...
Eu serei como a açucena
Que se debruça no mar
Embalada pela brisa,
E por fim a desfolhar!...
Eu serei qual nivea estrella
Que nuvem negra occultou!
Ou como um sonho doirado
Que jámais se realisou?...
Eu serei qual o pampeiro
Que desaba na solidão?...
Ou como a folha já secca
Nas azas de atroz tufão?...
Eu serei como os archanjos
Que esboaçam n'amplidão,
Pousados nas nuvens negras
Em noites de escuridão?...
Eu serei como a conchinha
Que róla na branca areia?...
Ou descantando toadas,
Eu serei como a sereia?..
Eu serei qual branca lua
A resvelar sobre o céo?...
Ou como a virgem já morta,
Envolvida em branco véo?...
Ai, não! não sei ainda
Qual será a minha sorte...
A minha estrella apagou-se,
Não sei qual seja o meu norte!

AMALIA FIGUEIRÔA.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Com este doce e sympathico titulo, a 18 do corrente, distribuiram-se nesta cidade o numero programma de uma importante revista litteraria, dedicada á educação da mãe de familia e habilmente redigida pela illustrada professora Ex.ma Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Seu programma é simples e terminante:—dar á mulher uma educação solida afim de que possa ella occupar tanto no seio da familia como na sociedade em geral, logar que de facto lhe compete.

Entre os bem elaborados artigos de que vem repleto, todos firmados por senhoras, cuja leitura nos proporcionou momentos bastantes agradaveis, deleitou-nos sobre modo o intitulado—A Caza—, modestamente firmado por—Maria.

A Familia vem preencher no seio do nosso jornalismo um vacuo desde ha muito sentido e se impõe á sympathia do bello sexo paulista, por isso que é escripta por senhoras inteiramente dedicada a seus interesses. E a unica revista de seu genero em toda a provincia.

Gratos pela honra com que fomos distinguidos, retribuimos-lhe a finesa enviando-lhe o nosso humilde periodico.

Da *Imprensa Evangelica.*

Recebemos o n. 1 d'*A Familia*, interessante revista semanal dirigida por D. Josephina Alvares de Azevedo, e publicada em S. Paulo. A nova revista é bem redigida e conta excellentes collaboradoras.

Da *Gazeta de Noticias.*

«A Familia»

Tivemos a satisfação de receber o primeiro numero deste importante jornal, que como noticiamos, surgiu á luz da publicidade em S. Paulo.

Está esplendido, quanto á sua impressão caprichosa e nitida, trazendo excellentes artigos, em referencia á educação da mulher, primando entre elles o de apresentação habilmente elaborado pela geniosa Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Muito bem!

A mulher, que em todos os tempos tem sido o pharol luminoso que guia os romeiros do progresso para as regiões da immortalidade, hoje melhor preparada e illuminada pelo facho de luz que necessariamente desseminará o novo jornal, que só se dedicará exclusivamente em preparar a coração feminino pela conveniente educação e o cerebro da mulher pela instrucção, poderá prestar mais auspiciosos auxilios á familia e á sociedade emfim.

Congratulamo-nos com a illustrada directora d'*A Familia*, dando parabens ao bello sexo paulistano.

Da *Gazetinha.*

TYP. UNIÃO— S PAULO

ANNO I — S. Paulo, 22 de Dezembro de 1888. — NUM. 4

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

REDACTORA
Josephina Alvares de Azevedo.

COLLABORADORAS
Doutora Isabel de Mattos Dillon,
Professora Amalia Franco,
Maria Zalina Rolim,
Adelia Barros,
Felicidade de Macedo.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, nº 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 22 DE DEZEMBRO DE 1888.

São taes os prejuizos, de que somos victimas, que no fim do seculo XIX, seculo das luzes e do progresso, nos conservamos estacionarias, sem avaliarmos de que imponente poder somos doctadas, para influir no desenvolvimento moral e intellectual de nossa sociedade.

Quereis conhecer a situação politica e moral de um povo? Diz Aimé Martin : perguntai que lugar nelle occupam as mulheres.

Libertando-se a mulher da horrivel escravidão que tem vivido até hoje, será um forte alicerce da sociedade e da familia ; continuando escrava, será um fardo que pesará sempre sobre aquelles que a tenhão manietado pelos preconceitos da velha rotina.

Ouçamos Aimé Martin :

« Ninguem deixa de concordar na realidade do poder ; mas alguem objecta que esse poder só se exerce na familia, como se a nação fosse alguma cousa mais do que uma associação de familias ! Pois não vedes vós que os homens apresentam em publico as idéas, de que se occupão, ao canto do lar, as suas mulheres ? E' acolá que realisam pela força, o que lhes foi inspirado pelas caricias, ou insinuado pela submissão : quereis limitar as mulheres ao governo material de sua casa, apenas as instruis para isto, e não vos lembrais de que é da casa de cada cidadão, que sahem os erros e os prejuizos que governam o mundo. »

A educação da mulher deve ser completa, solida, para que ella possa preencher dignamente todas as funcções que lhe competem.

Não temos a pretenção de alcançar para o nosso sexo aquella emancipação completa, que a razão calma e reflectida nos promette, sem termos de conquistar palmo a palmo o terreno de nossos direitos tomado ingloriamente pelo egoismo do homem á fraqueza da mulher inerme.

Não. Assim como as conquistas philosophicas do direito e da igualdade do homem atravessarão seculos de lutas, a liberdade da consciencia sacrificou muitas victimas ; a conquista de nossa elevação moral nas sociedades modernas está destinada a fazer do mundo civilisado o theatro dessa outra revolução fecunda, que hade dar á mulher o seu lugar ao lado do homem.

O que nós temos feito para aviltar as mulheres, diz Aimé Martin, e o que ellas têm feito para nos civilisar, offerece o espectaculo mais moral e mais dramatico da nossa historia. Houve tempo, em que a sua belleza lutava só contra a barbaridade : encerradas como prisioneiras, ellas civilisão os guerreiros, que desprezão a sua fraqueza ; que adorão porém os seus encantos : accusadas de ignorancia por aquelles que as privão da instrucção, aviltadas pelos prejuizos e deificadas pelo amor, fracas, timidas, só vendo em torno de si soldados e armas, ellas seguem as paixões dos seus tyrannos, mas seguindo-as, modificão-nas, eil-as dirigindo pois os combatentes em defeza do fraco. »

Antigamente, era um crime a mulher saber ler, e para prova disso, ouçamos ainda Aimé Martin :

« Nossos avós confundirão muito tempo a ignorancia com a innocencia ! E d'ahi vieram todos os seus males : querião as mulheres estupidas no interesse dos maridos, e os povos ignorantes no interesse do poder.

« As mulheres, assim assimilhadas ao povo, não receberão como este, especie alguma de instrucção ; tudo foi contra ellas, a sciencia, a legislação e a theologia—a theologia, que era tomada, pela religião e que só lhe mostrava a virtude debaixo dos vergões das disciplinas e das austeridades da penitencia. Eis como nossos avós entendiam a pureza e a virtude de suas mulheres : era privando-as da alma, entregando-as a essas praticas sem moral, que elles esperavam conserval-as puras e sem manchas. »

Em Sparta, as mulheres formavam heróes porque eram cidadãs.

Negão ás mulheres as liberdades e prerogativas que gosam os homens. Porque ? Dizem uns que o homem tem o direito de governar, e a mulher a obrigação de obedecer ; se assim é, isso é uma tyrannia, é um despotismo que precisa acabar.

E' necessario demonstrarmos que não somos essas estupidas, essas fragilidades, que deixam-se facilmente illudir, deixando-se escravisar. A mulher de hoje, tambem pensa, tambem estuda, sabendo conhecer o que é bom e o que é máo para a familia.

Ella tambem quer o progresso, tambem quer o engrandecimento da humanidade, pela realisação das idéas modernas.

A mulher e a sua educação

No meio dos mais assombrosos emprehendimentos, e da poderosa e explendida civilisação do ultimo quartel do seculo XIX, não é por certo para alegrar aos corações patriotas, a deficiente e mal orientada educação que ainda hoje se dá á mulher.

Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual possamos encarar a sua instrucção, reconhecemos que a idéa sempre discutida, sempre debatida da emancipação feminina, que tanto tem inquietado aos partidarios do nosso obscurantismo, não passa entre nós d'uma vaga e longiqua aspiração.

Ainda que os paizes de adiantada civilisação como a Inglaterra e outros, sejam de opinião geral que as faculdades intellectuaes, todas as aptidões da mulher são das mais proprias para desempenhar os arduos trabalhos de officina nas grandes administrações, sendo tambem capaz de elevar-se pelo pensamento ao nivel do homem; nada ha porêm mais difficil do que destruir-se a barreira tenaz dos preconceitos estolidos, das convenções erroneas da sociedade; que levanta-se sempre com todas as suas resistencias, para o retardamento de qualquer idéa civilisadora de grande alcance social.

Por entre as irradiações scintillantes de alguns raros talentos femininos, que tem surgido entre nós, deixando em sua passagem um rastilho luminoso, contrapõe-se o quadro negro da nossa supina ignorancia. E ainda para mais aggravar-se uma tal situação, o limitado e superficial ensino que nos dão, dirige-se muito exclusivamente á intelligencia, ao passo que a nossa vontade e a nossa sensibilidade postas de parte, interrompem o seu desenvolvimento e ficam incuravelmente debeis.

Assim mal armadas contra as nossas proprias paixões, mal preparadas para sentil-as e dominal-as, quando sôa-nos a hora do aspero combate quotidiano, e da reciprocidade dos deveres que temos a preencher na sociedade, não raras vezes compromettemos e sacrificamos a familia, base essencial da ordem.

E realmente, se a mulher continuar a aprender só o que até hoje se tem ensinado, o seu entendimento medianamente illuminado, bem longe de attingir esse grau de consciencia e de cultura indispensaveis para o longo conflicto da luta incessante pela vida, onde n'uma civilisação adiantada as necessidades se multiplicam, ha de enlaguecer-se na ignorancia, vivendo na eterna dependencia.

Todavia não podemos deixar de convir que a mulher do presente, tem aberto diante de si um largo horisonte, e que se fôsse educada n'uma elevada intuição de liberdade, alliada a uma forte comprehensão do direito, poderia conquistar os mais lisongeiros destinos, estudando os mais difficeis problemas da sciencia, aperfeiçoando e animando as lettras e as artes, incitando a industria a novas producções e o commercio a novos commettimentos, sem comtudo ultrapassar os limites dos negocios publicos, do fôro e da politica; mas como diz um autor de nota, se a educação dos homens entre nós é incompleta, para logo se vê quanto deve ser deficiente a das mulheres.

Na sua *Voyage au Brésil*, Mr. Agasis, foi com razão que discorrendo sobre a nossa acanhada instrucção, assim se exprimiu:

«Pouco tenho a dizer das escolas de meninas. O Brasil quasi não se importa com a educação das mulheres. O nivel do seu ensino mesmo é pouco elevado. Até nos collegios frequentados pelas filhas das classes ricas, todos os mestres se queixam de lhes serem tiradas as alumnas, justamente na idade em que a intelligencia começa a desenvolver-se.»

E a prova d'isso vêmos na *Gazeta de Noticias*, de Outubro de 1885, que de seis milhões de senhoras, cinco milhões trezentas e vinte cinco mil são analphabetas !!...

Ninguem póde contestar, diz Neville, que a sociedade de qualquer nação, não seja modelada pelas mulheres, ellas não fazem as leis, mas amoldam o espirito dos legisladores; e segundo a opinião de um notavel escriptor, «se ao homem cabe a missão de fundir nos moldes preparados pelo espirito nacional, a formosa estatua da Civilisação, á mulher cabe o suave encargo de limar as asperezas da fundição, de aperfeiçoar e completar a obra do homem.»

N'esta partilha vê-se que são igualmente elevados e absolutamente irmãos os destinos do homem e da mulher.

E se o progresso actual individualisou o servo libertando-o, deve tambem individualisar a mulher igualando-a ao homem pelo desenvolvimento de todas as suas faculdades, com o fim de preencher dignamente, cada uma sua missão na sociedade como filha, como esposa e como mãe.

Taubaté.

ANALIA FRANCO.

Conhecendo-se os homens e as cousas, pode-se levar a vida tranquillamente no meio d'elles, sem embargo das suas ciladas, sempre armadas.

GUIOMAR TORRESÃO.

A Mulher

«Dáe ás paixões todo ardor que puderdes, ao sentido a maxima energia e convertei o mundo em paraiso, mas tirae d'elle a mulher; o mundo será ermo e melancolico, e os deleites o preludio do tedio.»

Assim dizia o sublime escriptor do Presbitero de Cartea arrastado pelo sentir de seu coração engrandecido de nobresa, e levado pelos arroubos de sua fervida e eloquente imaginação.

Santa prophecia, bemdita verdade escripta por tão consummado apostolo das lettras, nem mesmo para os indifferentes poderá jamais ser duvidado; e como a melodia que expira tão branda em noites de infindo luar, o nosso coração desperta suspenso suas azas do mais vivo enthusiasmo ao ouvir tão sublime idéa! A crença essa scentelha sagrada que vem radiante nobilitar e fortificar o nosso espirito ás vezes abatido pelas lutas constantes da adversidade, então enflamando o nosso ser, nos vem dar idéas novas e consoladoras a favor da causa que abraçamos e havemos defender pia e devotamente.

*
* *

A mulher, essa perola brilhante formada pela mão do Eterno, tem sobre seus delicados hombros uma missão, tão elevada como cercada de penetrantes espinhos; tão repleta de deveres imperecivéis como de sonhos da imaginação e palpitante esperança; tão cheia de lagrimas e de soluços como de ineffavel doçura e suprema felicidade; tão cheia de sacrificio como de prazeres, de amor e de gloria: a missão da mãe de familia.

Feliz aquella que sabe dissipar as trevas do mal, e distinguir o bem!'

abençoada a que comprehende a brevidade do tempo e a grandeza do céo, entregando-se de coração ao culto da familia !

Como a flôr que abrilhanta o prado, e embalsama o ambiente com seu olente perfume em manhã serena do festejado mez da primavera, ella se torna digna da mais sincera admiração e geral estima.

Quem pode duvidar que a mulher concorre para o bem e prosperidade social ? Quem deixará de extasiar-se considerando os predicados que ornão o coração da mãe de familia ? Haverá porventura quem não a ame, não a respeite muito ao vêl-a cheia de abnegação e devotamento no desempenho dos arduos deveres que a natureza lhe traçou ? Ninguem por certo, por necio que seja !

Não são os louros e trophéus das glorias conquistadas no campo da batalha que assombram o espirito da mulher, se bem mais de uma vez tenha nessas lutas ella dado nobres exemplos de heroismo, como se encontra nas paginas da historia da humanidade.

As lutas partidarias tambem não sabem incital-a, senão quando ella alli apparece como o anjo da paz e da harmonia ; outro é o seu destino, outros feitos lhe assoberbam o coração, fazendo-a completamente ditosa. Todas suas nobres ambições resumem-se no santo amor da familia, na sua educação e prosperidades, procurando por todos os meios de que a natureza a dotou, desenvolver essa these com tanta sublimidade traçada por Aimé Martin.

Os exemplos que dimanam do coração materno tão grande influencia exercem na indole dos filhos, que as mais das vezes decide do futuro d'elles e por tanto da sociedade em que vivem ; é no collo maternal que bebemos as primeiras licções de moral e religião, e essas quasi sempre permanecem indeleveis, como se fossem buriladas no bronze.

A mulher virtuosa que se compenetra da missão sublime que tem sobre a terra, é o orvalho que alimenta e vivifica o coração do homem, seu companheiro de lutas, dourando-lhe a existencia com uma luz brilhante e pura, em todas as phases de sua vida como : filha, esposa e mãe.

No oceano da vida, quando o vento triste do infortunio nos açoita a fronte com indisivel melancolia ; quando vemos o nosso futuro, tantas vezes imaginado brilhante, toldar-se de côres negras fazendo perder até a esperança, é o anjo tutelar do lar domestico que allivia taes soffrimentos com os conselhos da prudencia, os exemplos de mansidão, amor e palavras de consolação, que ás mais das vezes retemperam as forças abatidas pelas dôres !

Quer ella em tão edificante scena do lar seja filha, esposa ou mãe, é sempre a mulher !

Oh ! e ainda assim ha insensatos, que se entregam ao prazer satanico, de fallarem da mulher procurando disvirtual-a e tisnar-lhe os merecimentos, esquecidos do seio que os amamentou e dos braços que os acalentaram em tantas noites de vigilias ? Mas, o coração da mulher é generoso ; não se queixa d'esses entes sem fé ; como o fumo que se perde no espaço, morrem sem eco essas sombrias idéas e em noss'alma ergue-se viva a esperança de encontrarmos a justiça para um ente votado á uma vida de sacrificios.

Unamo-nos todas nesta santa crusada e teremos conquistado a victoria para a mulher, para aquella a quem o Filho de Deus escolheu para sua mãe e da humanidade.

EMILIANA DE MORAES.

Pagina triste

Sou bem pouco feliz. Na minha vida
Inda não tive um dia de prazer ;
Talvez não acreditem que bem vezes
Sinto immensa vontade de morrer !

A vida é tão sómente desejada
Por entes que não têm no coração ;
Um tormento continuo a laceral-o,
Uma dôr, um pesar, uma afflicção.

Porém eu q' não tenho uma estrelinha
Que doire o negro céo do meu futuro ;
E não tenho siquer uma esperança
Que torne meu viver menos escuro !

Que tudo quanto vejo me aborrece
E só me apraz da noite a solidão ;
Que fujo dos prazeres e das festas
E descrente já tenho o coração.

Eu que sou ainda moça e já me sinto
Abatida e cançada de viver,
Pois minha vida ha sido indifferente
A todos, e tambem o meu soffrer.

Só devo desejar a sepultura
E deixar este mundo de maldade,
Embora no sepulchro onde m'encerrem
Ninguem vá collocar uma saudade.

EMILIA AUGUSTA.

Rosita

Rosita tinha oito annos.

Era fresca como a rosa entre-aberta e travessa como a brisa da manhã.

Gostava de correr pelas campinas molhando os sapatinhos na relva humida do orvalho matutino.

Sentia-se prazer em roubar os ninhos das pobres avesitas que apenas viam-n'a surgir entre o arvoredo fugiam assustadas.

Mas era tão linda quando saltava entre as companheiras, com os cabellos de ouro a acariciar-lhe o rostinho vivamente rosado, e os olhos travessos e scintillantes de alegria !...

A sua mãesinha dizia-lhe muitas vezes : Olha, minha Rosa, não quero que te affastes tanto do meu lado, és tão pequenina !... Sempre que te não vejo a meu lado estou sem socego e nervosa.

Mas, era tempo perdido. Qual é a creança que gosta de saltar e fazer travessuras na frente da mãe ?

As creanças são como os passarinhos, que cantam ; cantam delirantes, saltando de ramo em ramo, mas, se ouvem o ruido de alguem que se aproxima calam-se repentinamente assustados, estendendo as cabecinhas entre a folhagem, ou fogem velozmente para longe.

Sómente havia uma cousa que Rosita não perdoava as suas amiguinhas :—Zombar dos velhos O riso que brincava constantemente em seus labios côr de rosa, mudava-se em expressão de suavidade e doçura se via um velho.

Os cabellos brancos eram para Rosita um templo.

Muitas vezes as companheiras admiradas viam-n'a no meio da mais ruidosa alegria, tornar-se subitamente silenciosa e mestrando-lhes com o olhar commovido e vagamente triste o vulto grave e tremulo de um velho que passava vagarosamente.

E d'ahi até a noite a menina não mais folgava descuidosa como antes ; o seu riso argentino não tinha a mesma vivacidade d'alegria.

Brincava, mas o seu rostinho angelico conservava-se velado.

Então as amiguinhas retiravam-se dizendo entre si :—Que terá Rosita, para temer os velhos ? Ah ! se nós pudessemos cural-a desta mania !...

Mas era debalde, Rosa não as escutava, e nem consentia que as suas amigas desatassem a rir na presença de um velho.

—Mas que tem ? perguntavam as pequenitas.

—Não sei, mas, não quero que atormentem os coitados. E depois, que prazer encontraes em zombar dos pobresinhos? nenhum. Pois desde que é assim para que contrariar-me?

E quem havia de resistir a esta supplica, formulada por uns labios tão mimosos e com a voz tão suave e tremula?!...

E era tão pequena a exigencia! Um pouco de respeito para com os velhos, e eis ahi tudo.

Mas as meninas, a mesma facilidade que tinham para acceder aos desejos da amiguinha, encontravam para contrarial-a, logo que disto lhes resultasse alguma travessura.

***

Um dia logo de manhã-sinha, subiram as meninas a brincar pelos arredores. Estava linda a manhã.

Havia no espaço uma melodia estranha, talvez o som argentino dos sorrisos dos anjos.

As flôres silvestres entre-abriam os perfumados calices. Milhares de borboletas voejavam doidamente poisando o espaço, na relva humedecida. O céo de um azul diaphano era semeado por pequenas nuvens...

—Olha, Mariquinhas, chamou Rosita, vem ver este cacho de amoras que encontrei bem escondido entre as folhas. Estão saborosas! Queres uma?

—Sim, sim, respondeu a interpellada acudindo pressurosa ao chamado, e levando aos labios de coral a fructa côr de azeviche. Ah! Rosa, se nós não fossemos hoje á escola...

—Oh! sim, interrompeu Rosita, brincariamos tanto...

—Sabes? tenho uma idéa...

—Qual é? diz e depressa. Exclamaram todas.

—Se nós fizessemos zangar a professora, não mais voltariamos á escola, e...

—Não,—interrompeu Rosa,—assim não quero; mamãe ficaria triste, e depois é tão triste não saber lêr... Ainda hontem foi em casa a boa Josephina pedir a mamãe para lêr uma carta do filho que estava doente na roça e que escrevia-lhe então dando noticias.

A pobresinha chorava que fazia pena...Desde pela manhã que tinha a carta nas mãos sem encontrar quem lh'a quizesse lêr... Vejam como é triste não saber...

—Olha bella,—interrompeu Mariquinhas chamando uma das pequenitas; lá vem o velho da lagôa, vamos encontral-o?

—Sim,—respondeu a menina,—e havemos de fazel-o derrubar o bordão.

Não quero!—exclamou Rosa.

—Havemos de ir.

—Não quero!—insistio nervosamente Rosa.

—Pois então fica—disseram as outras e correram.

A victima aproximava-se lentamente. Era um pobre velho alquebrado e que a custo caminhava. Os cabellos encanecidos cahiam-lhe sobre os hombros esguios e ponteagudos. A fronte rugosa pendia para o chão como a arvore annosa sacudida pela tempestade.

Quando avistou o bando infantil e comprehendeu-lhe os designios ergue os olhos para o céo e parou.

Mariquinhas chegou antes das outras, mas antes que podesse escarnecer do pobre velho, foi affastada pela mão de Rosa, que depois de fazer o mesmo ás outras traquinas, acercou-se do ancião, levantou-lhe o chapéo que cahira das mãos tremulas e depois de fital-o um instante com os olhos humidos disse simplesmente:—Adeus.

E seguio diante das amigas.

O velho petreficado um instante, olhou-a desorientado e afinal juntando as mãos, emquanto uma grande lagrima rolava-lhe pela face macilenta, ergue os olhos ao céo murmurando: Meu Deus! Não foi uma creança, foi um anjo do céo que eu vi.

As meninas foram em seguimento de Rosa e interrogam-na anciosas.

—Mas que tem os velhos, para ti Rosita?! Agora vemos que não é medo, pois que, te aproximaste d'elle.

—Nada – respondeu a menina—não gosto de vel-os soffrer.

—Mas, diz-nos, porque?

– Pois bem, quereis saber porque? —Lembra-me de vôvô... e affastou-se rapidamente, mas não antes que as amigas pudessem vêr com os grandes olhos admiradas, o seu lindo rostinho orvalhado de lagrimas.

S. Roque.

Maria Zalina Rolim.

Emquanto a educação da mulher brazileira fôr a que até hoje tem sido, continuaremos a ser o que de ha muito somos, um paiz de indolentes e de preguiçosos, um paiz de hepaticos e de nervopathas, na valente phrase de José do Patrocinio.

Jorge Pinto.

PORTE MONNAIE

Lisa

O amor é um prisma.

Torna rapidos e prazeiveis os monotonos dias da existencia. Produz encantos nas cousas mais ferteis. Tudo é vida, é delicia!! tudo é côr de rosa.

Mas de quantas cores negras não carrega o quadro da despedida...

Mas ainda assim causa beneficios.

Com elle a saudade alimenta-se e a esperança de ver-se o objecto amado, bem suavisa as dores dos momentos de ausencia.

ooo

A natureza era explendida nesse momento!

O sol claro, brilhante, e o firmamento de um azul purissimo, marchetado de prata, vinham orgulhosamente reflectir-se nas crystalinas aguas do rio.

Além um canoeiro, contente, no continuo vae-vem do remo, fazia delicados frisos na superficie calma do rio e entoava uma melodiosa canção.

Lisa e Arthur, sentados sobre a relva, extasiados, contemplavam a sublime inspiração de Deus nesse soberbo quadro.

Lisa com a mão apoiava a gentil cabeça e com a esquerda apontava todos os encantos que se lhe apresentavam.

Agora, um lindo passarinho, trinando, pousava nas aquaticas folhas; depois, era um prateado peixinho que nadava á tona da correnteza; emfim essas mil pequenas cousas que fazem o encanto dos nossos dias tropicaes.

Arthur tambem, com a cabeça apoiada á mão esquerda, tinha na direita uma varinha com a qual simulava, repetidas vezes, escrever o nome—Lisa—sobre a relva, e com adoravel ternura fictava-a apaixonadamente. Uma amiga de Lisa, que sentada a margem do rio, divertia-se em ver as aguas coarem-se-lhe por entre os dedos, vendo-os assim exclamou:

Desejava vêl-os casados e tão felizes como parecem agora.

Arthur respondeu-lhe!

—Sim, hade ver-nos. Então verá quão felizes seremos, e quão firme será nosso amor. E voltando-se para sua amada perguntou:

Não será, Lisa ?

Ella com um olhar e um sorriso disse tudo quanto os labios poderiam dizer. Pouco depois elle tomou o seu chapéo de palha com fita azul que descansava sobre a relva e com elle occultou o rosto. Passado alguns momentos ella levantou-o suavemente e perguntou-lhe com voz terna e apaixonada :—Dormes ?

Elle abriu os bellos olhos negros, sorriu e respondeu :

—Não meu amor. . pensava. .

—Em que ?

—Em eternisar estes momentos : em ser sempre feliz como agora, em ter-te sempre a meu lado.

Ella tirou dos cabellos uma rosa beijou-a e disse-lhe :

Em paga de tanto amôr, recebe um beijo que te leva essa flôr.

Elle beijou-a mil vezes, e guardou com cuidado a fiel mensageira de Lisa.

E foram de braços dados, repetindo os mesmos juramentos de amôr achando encantos em tudo que os cercava, até que lá chegaram.

Quando todos reunidos conversavam alegremente, e faziam a descripção do passeio, elle e ella, calados, trocavam olhares furtivos e significativos...

Chegou emfim o momento de separarem-se ! Que contrariedade para essas duas almas apaixonadas !

Retirava-se a familia de Lisa.

Neste momento ouviram-se vozes. Eram as familias de Lisa e Arthur que os chamavam para regressarem á casa.

A' despedida, quando todos desciam a escada que dava para o jardim, Arthur chegou-se á Lisa e pouzou-lhe os labios na face ; ella á este contacto morno e suave recuou e olhou-o.

—Não te assustes, meu amor, disse elle sorrindo, julguei beijar a flôr que ainda ha pouco me deste...

Alguns momentos depois ainda se viam dois lenços brancos ao longe trocando saudosos adeuses . . . .

. . . . . .

S. Paulo.

ADELIA BARROS.

A mulher precisa ser moralmente mais forte do que o homem, para conseguir levar a cabo a tarefa relativamente superior que a natureza e a sociedade lhe impõem.

MARIA A. VAZ DE CARVALHO.

O estudo

E' no estudo apurado das Lettras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes nas salas festivas,
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus ;
Estudar é buscar ao trabalho
Desvendar das sciencias os veos.

Estudai, pois, oh flôres singellas,
Meigas virgens que em trevas viveis ;
Que aureo premio de vossos trabalhos,
No saber muito breve achareis.

JULIETA MONTEIRO.

O estudo e o trabalho

A estes grandes motores do progresso, deve a humanidade uma parte de suas mais arriscadas emprezas.

Por meio d'elles tem desenvolvido e aperfeiçoado os commettimentos e invenções que hão dado a marcha dos seculos poderosos elementos para a perfectibilidade universal

São o estudo e o trabalho auxiliares necessarios aos povos, pois desvendam os mais reconditos segredos da sciencia, elevam as artes e todos os ramos de industrias, fazendo raiar a evolução nos tempos modernos.

Sem elles, o genero humano, estacionaria em face do desconhecido apresentaria ás idades uma scena de decadencia, um espectaculo de ruinas.

O trabalho quer intellectual, quer material, guiado por acurado estudo, mostra uma época feliz : reedifica, construe, espalha o pão espiritual e corporal, na certeza de esmagar o monstro da ignorancia para dessassombrado seguir um itinerario util e glorioso aos paizes.

Incontestavelmente está reconhecida esta asserção nas terras civilisadas, pelo sem numero de transformações porque tem passado o mundo desde os tempos primitivos.

A' mocidade pois como segura e robustecida guarda do futuro, cumpre jámais abandonal-os ; com estabilidade e fé, deve a nova legião levantar sua tenda nos campos de acrysolado trabalho, sob o imperio do profundo estudo.

REVOCATA DE MELLO.

A educação

A educação é para a alma, o que o papel é para os livros, o que o vestuario é para o corpo.

Nenhuma de nós nasceu perfeita. Somos, ao contrario, todas cheias de imperfeições, ainda que mais favorecidas da sorte umas do que outras.

E' só por uma educação bem entendida, que nós poderemos corrigir os defeitos da natureza. Nossos paes extremosos, e mesmo alguns parentes generosos que por nós se interessam, tão compenetrados estão desta verdade que, para nos tornarem mais felizes, muitas vezes fazem sacrificios superiores ás suas forças.

Se aproveitarmos bem o tempo no collegio, concorreremos para a nossa ventura, neste mundo e no outro; mas, se o desperdiçamos, commetteremos de uma só vez tres acções muito censuraveis, illudiremos nossos paes, que em nós depositavam toda a confiança, e comprometteremos as nossas professoras, que nenhu na culpa têm do nosso pouco juizo ; fazemos a nossa propria infelicidade, contrahindo o habito de indolencia, e privando-nos de conhecimentos uteis, de que mais tarde havemos de precisar na sociedade.

Sejamos, pois, sensatas, minhas collegas, estudando com afinco as nossas licções quotidianas e sendo sempre doceis aos conselhos de nossas carinhosas professoras.

THEREZA DE JESUS LANNA.

Proudhomm representa a força, porque é homem ; eu a fraqueza porque sou mulher. Mas existe uma cousa superior á dialectica mais engenhosa, é o bom senso.

A causa que eu defendo tem essa superioridade ; todavia a lucta exige um combate sem treguas e um exforço sem limites. Coragem ! Affrontemos o combate, e o que é peior o ultraje !

JULIA LAMBER.

Impressões do Natal

Por entre as poeticas e graciosas festividades populares que tanto nos falam ao coração, sobresae o Natal, a festa dos espiritos simples e rectos, a festa das mães e das creanças.

Ha quasi mil e novecentos annos, que junto ao funebre monumento de Rachel, nasceu pobre e desconhecido n'um estabulo de Belem, aquelle que devia presidir, mais tarde, o destino do mundo, illuminando-o e aperfeiçoando-o com a luz radiosa de sua sublime philosophia. Infelizmente porém ao passo que a sociedade se eleva ao maior gráu de civilisação, vão rareando os logares em que as deliciosas e pittorescas tradições dos nossos avós se não apagaram de todo, perdendo, pouco a pouco o seu caracter essencialmente nacional.

E, assim a festa do Natal com a classica Missa do gallo e os seus devotos presepios ornados com tanto gosto, já não têm em muitas das nossas cidades, a sua poetica originalidade.

Destituidas do caracter pittoresco, estas festividades vão perdendo a sua primitiva importancia, e não inspiram mais ao povo, esse sentimento religioso profundo, que a fé intensa tornava outr'ora tão viva, tão sincera.

«Fatal condição do progresso humano, diz um escriptor notavel: Será pois uma lei da natureza, que cada passo no caminho dos melhoramentos sociaes e do aperfeiçoamento intellectual, tenha de ser comprado á custa d'um abaixamento do nivel moral e poetico de originalidade e de verdadeiro genio! Pungente revelação que envolve um grande problema philosophico.»

Vivendo por alguns annos em uma civilisação um tanto diversa, apenas conservava d'esta festividade, que entrevira na minha infancia, a lembrança que me ficára como uma d'essas vistas luminosas esplendidas que se não podem descrever, porém que se estampam na mente para nunca mais se apagarem.

Entretanto quando ouvi o ruido da exuberante alegria d'este bom povo, que com os festivos sons metalicos dos foguetes e girandolas, annunciava ás nuvens do céo o nascimento do Redemptor do mundo, experimentei, (eu o confesso francamente) a mais agradavel sorpresa, a mais intraduzivel commoção. Senti aureolar-se em torno de mim, como que uma voz suave e doce evocando as lembranças ineffaveis do passado, n'essa época florida tranquilla e deliciosa da infancia, sob o perfumado bafejo do lar paterno.

Oh! como tive então saudades d'aquella alegria tão franca, em que com o espirito perfeitamente desprendido de cuidados e inquietações, eu via tudo esplendido e brilhante como uma primavera sempre luminosa!

O céo me parecia mais limpidamente azul, constellado de astros mais resplandecentes.

A noite tinha para mim reflexos de aurora, e o dia harmonias dulcissimas.

A flôr mais vulgar que matisava os campos, as vistosas rosas que esmaltavam os jardins, inebriando-me com os seus deliciosos aromas, os insectos multicores, os alados cantores que iriavam a plumagem ao mais esplendido sol; tudo emfim na natureza, parecia entornar a flux torrentes de luz e harmonias.

N'essa época em que o coração se expande a tudo quanto é bello e grande e em que se confia em tudo, sente-se uma verdadeira sensação de enthusiasmo para tudo quanto nos sorri, e a cada creatura formosa que encontramos, crêmos serem os anjos que a Providencia envia do céo á terra, para acrysolarem a nossa fé, falando-nos d'um mundo ideal, povoado de cherubins risonhos, de apparições luminosas, e repleto de delicias infindas.

Oh! doces e bellos tempos com que commoções sempre vivas, sempre novas, eu não contemplava os presepios da minha terra, tão cheios de inesperados encantos para o meu coração juvenil?! Riam-se muito embora os sectarios da philosophia materialista, das escolas satanicas e ultra-realistas, que a suave poesia da creança consoladora, as doces puerilidades de infancia, hão de aureolar sempre com todos os seus prestigios seductores, as frontes candidas das creanças, illuminando-lhes os seus mais bellos e felizes dias; e para a alma que sonha e crê ainda que abalada pelos dolorosos attritos d'uma existencia repleta de vicissitudes e contradicções esmagadoras as suas festividades religiosas, tão cheia de sentimentos profundos na sua simplicidade, têem o poder de encadeiar-lhe docemente o espirito, desprendendo-o das preoccupações terrenas para eleval-o ás regiões ignotas do mysterio, a extasiar-se por instantes na contemplação da divindade!

Taubaté.

ANALIA FRANCO.

Uma paixão desigual

Julio tinha reunidas em si tantas e tão bellas qualidades que se podia dizer d'elle, em phrase vulgar, que era um bello rapaz.

A intelligencia e a instrucção eram os predicados que mais o distinguiam, pois nunca consentira que seus condiscipulos o precedessem. Uma occasião em um café do Rio de Janeiro, travou-se entre elle e outros rapazes de sua idade o seguinte dialogo:

—Eu, dizia um, sou o mais feliz dentre vocês todos.

—Eu sou ainda mais, dizia um fatuo, porque todas as moças me adoram.

Não é assim Julio?

—Não sei se vocês são felizes, respondeu Julio, mas para mim não desejo outra felicidade além da que tenho.

Meus paes tem para commigo os carinhos de uma filha: tenho alguns amigos, e nisto consiste a minha felicidade.

E Julio assim era, mas não havia notado que a par de todos os dotes moraes, apparecia o seu physico desageitado que embora por mau entender, fazia-o desmerecer diante do sexo fraco.

Mas, perguntará o leitor, era Julio máu filho? Máu cidadão? Não. Mas era feio.

Feio! creio que não ha vocabulo que em regra geral tenha mais triste echo no coração das moças.

Julio era portanto um infeliz. D'entre as casas que frequantava preferia passar as tardes dos Domingos em uma poetica casinha situada no pittoresco bairro de Icarahy e habitada por respeitavel casal, de que era filha a formosa, a encantadora Aracy.

Era ahi que Julio, o feio Julio gostava de ir. Era com Aracy que costumava ir frequentemente divagar pela extensa praia de areias claras. Iam a catar conchinhas côr de rosa, como a côr de rosa dos dedinhos della, que prendiam pelas quatro contas do lencinho de cambraia que as recolhia.

Ella, como doido colibry a esvoaçar em roda do delicado calix das flôres n'elle mergulhando o seu biquinho azul, mergulhava tambem os seus pésinhos de boneca nas finas areias de prata, fugindo com a ligeireza da corça ás languidas ondas que em homenagem obediente vinham deitar-se-lhe nos mimosos pésinhos. Dessa doce convivencia, resultou a infe-

licidade do feioso Julio. Que scenas indiscriptiveis passavam-se entre os dois! Elle apaixonado como Plutão; ella indifferente como Proserpina, Elle feio como Murat, ella uma rival de Helena! Formavam ambos uma antithese até mesmo pela instrucção e não podiam por isso mesmo as conciliar A cruel Aracy, repellia o Julio, e o pobre moço que tão feliz não tinha sido entre os seus amigos, vivia agora retirado de todos e de tudo que constitue os folguedos dos rapazes. Pobre Julio! Já não encontrava prazer em frequentar a casa da linda Aracy, porque ella occultava-se. Bailes e concertos, passeios e espectaculos, já não tinham o mesmo attractivo para elle. Triste e pensativo, hia sosinho sentar-se no alto cáes que guarnece a esplanada do nosso passeio publico, e na doce contemplação d'um extase melancolico parecia-lhe vêr a elegante imagem da adorada Aracy de seus sonhos.

Uma tarde, em que a brisa como que soltando uns leves suspiros e rumorejando nas altas cercanias das praças parecia trazer-lhe com mais frequencia o nome que havia tecido raizes em seu coração, Julio tomando uma resolução subita e delicada dirigio-se á morada de Aracy. Ahi chegando foi encontral-a á janella.

Momento solemne! Branco como a alva do padecente, com o coração a querer saltar-lhe do peito para cahir aos pés da moça a voz tremula balbuciou: Aracy! Porém ella temendo ouvir uma declaração, atalhou intencionadamente:—Quer fallar a papae? Eu vou chamal-o.

E antes que Julio tivesse tempo para fallar, desappareceu ligeira como a gazéla. Entre o coração e o cerebro de Julio, travou-se uma luta terrivel! Deveria ficar? Declarar aquelle amor até ali occulto?

Não!

Nunca soffreria o vexame de uma recusa. Attonito, desorientado mesmo, enviou um olhar á linda praia e inconsciente achou-se de novo no seu predilecto passeio publico. Encostado ao caes, como que procurava nas maravilhosas vagas consolo para sua grande dôr. O doce murmurio das ondas sobre as pedras, lembrara-lhe a melodiosa voz de Aracy e parecia-lhe divisar nas aguas, unicas confidente do seu amor, o lindo sonho do passado feliz. E assim quedou se por longo tempo, olhando attentamente para o mar que o attrahia, ouviu-se um baque sobre as aguas, e de seu seio sahiu um doloroso queixume. Muitas pessoas correrão ao logar d'onde partira o rumor, mas nada virão. Ouviram no entanto um nome que subia como um suspiro do leito das ondas – Aracy!

. . . . . .

E uma nuvem doirada dessas que brincão errantes no lindo manto azul da ceu de nosso Brazil, prepassou sobre a face chrystallina da lua como para occultar-lhe aquelle poema commovente'...

ERNESTINA RICHARD.

Conto

Todas as fadas estavam reunidas em torno do berço de uma creança. O pae e a mãe escutavam commovidos e respeitosos, os votos de cada uma d'ellas.—«Creança, serás bella, grande, gentil; cingir-te-hão a fronte corôas de ouro! Serás heróe! a multidão acclamar-te-ha; os teus admiradores em delirio conduzirão o teu carro: farás rir, chorar, tremer e estremecer os povos. Os poetas espalharão as suas perolas aos teus pés, os musicos afinarão as lyras para cantarem os teus louvores. Serás amado por cem heroinas differentes. O veneno, o punhal, serão impotentes contra ti; a tua fama atravessará os montes e os oceanos.»

A mãe cahira de joelhos, dando graças ás fadas.

Mas a porta abriu-se bruscamente, e a fada das eternas glorias appareceu.

« Não posso, disse ella, rehaver os presentes de minhas irmãs; mas para as punir, pelo seu esquecimento, eis qual é o meu voto: As corôas de ouro serão de cartão; elle rirá, chorará, amará, mas só pela vontade de outrem. Os mesmos que o acclamarem recusar-lhe-hão descasoavelmente o signal distinctivo concedido aos cidadãos illustres. O povo, de quem elle será o idolo, despedaçal-o-ha em plena gloria e arrastal-o-ha ainda palpitante, das ovações da vespera, sob as rodas do carro do novo heróe.

Os louros transformar-se-hão, na sua fronte em perpetuas, e elle morrerá na tristeza e no esquecimento, não deixando nada, absolutamente nada!»

O que será elle então? exclamou o pae aterrado.

«Será Comediante!»

Então a fada da morte ergueu-se lentamente e disse:

«Creança, vingar-te-hei: depois de tua morte, esmagaremos o artista principiante sob o peso da tua memoria...»

SARAH BERNHARDT.

SECÇÃO ALEGRE

No tribunal:

—Sabe o motivo porque foi preso?

—Não senhor.

—Chama-se ignorancia?

—Não senhor. Chamo-me Ambrosio do Rego, um seu creado.

O barão de... possuia uma magnifica galeria de quadros.

Um dia, estando no seu escriptorio, vieram annunciar-lhe a visita de dois amigos, que pediam licença para lhe apresentarem um amador e distincto collecionador de quadros d'autor.

—Com o maior prazer, respondeu aos apresentados, ponho a minha galeria á disposição de v. ex. podendo visital-a sempre que lhe aprouver, no que me dá muito gosto.

Encaminha-se para a sala em que estava disposta a sua rica collecção.

Chegados alli, o apresentado diante de um dos quadros exclamou:

—Este conheço eu, é de Raphael.

O barão, indignado, replicou:

—Perdão, observo a v. ex. que tudo quanto aqui está é meu e só meu: não pertence a Raphael nenhum.

Um sujeito entra n'uma loja de modas:

—Tem chapéos para senhoras?

—Tem; que fórma deseja?

—A que quizer, contanto que tape bem a cara. E' para minha sogra.

N'uma sala:

—Que moça encantadora aquella!

Sim,é. Desgraçadamente interrompeu a sua educação quando começou a aprender a ler.

RECEITAS DOMESTICAS

Eis uma receita para se fazer excellente doce de sobremesa conhecido pelo nome de *Sonhos a Delphina*:

Faça-se massa com farinha de trigo e assucar (partes iguaes) quanto baste, aromatizando-a com agua de flores de larangeiras e cascas de limão verde raladas, e ajunte-se-lhe claras de ovos. Amasse-se e sove-se bem, e logo que a massa estiver em ponto, corte-se em pedaços da fórma que se quizer e frijam-se os pedaços em manteiga.

Promptos, polvilhe-se o doce com assucar crystalisado.

Para impedir que o leite se altere, e tornar o coalhado á sua fluidez natural, ajunta-se-lhe em quanto quente, uma colher de leite ordinario, em que se desfaz uma pitada de carbonato de potassa, ou bicarbonato.

Esta substancia que é pouco dispendiosa e se encontra em qualquer pharmacia, não communica ao leite sabor desagradavel.

E' conveniente que se deite alguma quantidade desta substancia no leite, antes de o ferver, quando houver receio de que elle se altere ou azede, como muitas vezes acontece no verão, durante os grandes calores e especialmente no tempo de trovoada.

BISCOITOS A' LA KERMESSE

Tomem-se 2 libras de farinha de araruta e juntem-se-lhes 12 ovos com claras e gemmas, 250 gr. de manteiga, 1 libra de assucar e algumas gottas de agua de flôr de larangeira, bata-se bem esta massa e quando completamente sovada, cortem-se os biscoutos com as respectivas formas, levem-se em bandejas untadas de manteiga ou banha ao forno regular.

ALZIRA DIAS DA SILVA

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Tal é o titulo de um jornal de oito paginas que acaba de sahir á luz em S. Paulo sob a direcção da Ex.ma Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

O numero que temos á vista que é considerado—Numero Programma—traz bem lançados artigos de diversas collaboradoras e tendo todos elles por ponto objectivo a educação da mãe de familia.

A Familia é pois um jornal de muita utilidade e de merecimento real e certamente não lhe faltará apoio e protecção.

Agradecemos a visita e desejamos longa vida ao novo batalhador.

Da *Gazeta da Bocaina*.

«A Familia»

Acaba de apparecer na capital de S. Paulo, *A Familia*, orgam litterario dedicado á educação da mãe de familia.

E' redigido pela Ex.ma Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo e collaborado por distinctas escriptoras.

Bem redigido, o primeiro numero d'*A Familia* que temos á vista, offerece leitura variada, amena e instructiva.

Fazemos votos pela prosperidade do novo orgam.

Do *Monitor Campista*.

«A Familia»

Temos entre mãos o 1º numero d'este interessantissimo collega, que vem, cheio de esperança e forças, defender os largos direitos femininis que até aqui se tem querido contestar grosseiramente.

E' publicado sob a intelligente direcção da sra. Josephina Alvares de Azevedo, cujo nome tem a recommendação de uma gloria brazileira.

Ao illustre collega desejamos uma vida de rosas e triumphos.

Do *Noticiarista*.

«A Familia»

Com este titulo surgio á luz da publicidade, na capital, o primeiro numero—numero programma—de uma folha litteraria que continuará a ser publicada uma vez por semana.

A Familia é orgam dedicado á educação da mãe de familia, e occupa 8 paginas de formato in-folio, estando a sua redacção confiada a habeis escriptoras.

A'frente de sua direcção está a Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Fazemos votos para que *A Familia* tenha longa duração, e que comsiga a realisação de seus desejos.

Do *Iguapense*.

«A Familia»

Recebemos o 1º numero de um orgam que com este titulo começou a ser publicado em S. Paulo, sob propriedade e redacção da exma. sra. d. Josephina Alvares de Azevedo.

Propõe-se exclusivamente á educação do mãe de familia.

A tão nobre commettimento, cabe-nos augurar a mais propicia existencia, na deficiente senda do jornalismo.

Da *Tribuna do Norte*.

«A Familia»

Revista semanal, da qual é muito digna directora a exma. sra. d. Josephina Alvares de Azevedo, e collaboradoras, diversas illustres senhoras, de S. Paulo.

O numero programma que acabamos de receber traz bem bons artigos, cuja leitura recommendamos ás exmas. sras.

Agradecemos a visita da illustradissima collega e promettemos retribuir.

Do *Seculo*

«A Familia»

Appareceu na capital de S. Paulo uma nova revista semanal dedicada á educação da mulher.

Intitula-se *A Familia* e a sua redacção acha-se a cargo da intelligente professora a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Agradecemos a visita e desejamos que a collega encontre a consideração do bello sexo para o seu caminhar triumphante na arena do jornalismo.

Da *Gazeta de Rezende*.

«A Familia»

Fomos obsequiados com o numero-programma desta interessante folha litteraria e dedicada á educação da mãe de familia, cuja redacção está a cargo da sua proprietaria, a distincta professora D. Josephina Alvares de Azevedo.

Saudando o novo jornal imploramos a continuação de suas honrosas visitas que retribuiremos.

Do *Norte de S. Paulo*.

TYP. UNIÃO— S PAULO

ANNO I — S. Paulo, 29 de Dezembro de 1888. — NUM. 5

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

REDACTORA
Josephina Alvares de Azevedo.

COLLABORADORAS
Doutora Isabel de Mattos Dillon,
Professora Analia Franco,
Maria Zalina Rolim,
Adelia Barros,
Felicidade de Macedo.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 29 DE DEZEMBRO DE 1888.

Tem sido bastante lisongeiro o acolhimento que a minha modesta revista *A Familia*, tem obtido do illustrado publico desta cidade, bem como dos meus illustres collegas de imprensa.

Que a educação da mulher, é uma das maiores necessidades do seculo actual, isso é que não merece a menor contestação, e a prova tenho-a eu, nas innumeras felicitações que tenho recebido de todos os meus collegas da imprensa do Brazil, bem como da Republica Argentina, no incalculavel numero de cartas em que sou felicitada pela missão ardua e nobre que tomei sobre meus hombros—a educação da familia.

Ha algumas senhoras, porém, que não comprehendendo a verdadeira sublimidade da minha tarefa, tem-me recebido com um certo ar de indifferença que me compunge sinceramente, e recusado a assignar a minha revista, pretextando, o serem assignantes de outros jornaes, e não verem necessidade na acquisição d'*A Familia*.

Felizmente isso tem sido em pequeno numero, que se tal não fosse, ver-me-hia obrigada a suspender a publicação da folha, que com tanto enthusiasmo fundei nesta provincia, que sem medo de errar póde-se dizer a mais adiantada do Brazil.

Uma acquisição de grande valor acabo de fazer, convidando a Exma. Sra. Doutora Izabel de Mattos Dillon, a vir commigo collaborar na grande obra da emancipação da mulher. A mesma Exma. Sra., accedendo ao convite, virá fazer parte da redacção d'*A Famila*, no dia 22 de Janeiro proximo, dia em que deve chegar a esta cidade.

Outros melhoramentos tambem importantes que tenciono fazer em minha revista, é o de illustral-a com gravuras, bem como figurinos, secção de modas, etc., mas para isso, é preciso que o auxilio publico venha ajudar a publicação de minha folha.

O povo paulista, que tem sempre caminhado na vanguarda do progresso, não deixará por certo de concorrer com o seu contigente para o meu jornal, cuja necessidade no seio da familia é de incontestavel valor.

Que a mulher paulista, comprehenda a necessidade que ha na existencia d'*A Familia*, é o que desejo, e só assim verei coroados os esforços que tenho empregado, afim de ver a mulher brasileira collocada no lugar a que tem direito pelo seu talento e illustração.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

A Mãe

E' notavel a influencia benefica que uma mãe virtuosa exerce sobre os filhos, principalmente se elle empregou todos os seus esforços, todo o seu zelo no intuito de implantar nos seus corações a piedade, a pureza de costumes, o amor ao trabalho e o respeito ás leis sagradas e civis. Quanto mais a mãe comprehende o que é bello, grande e sublime, tanto mais se esforça em inspirar e fortalecer no animo dos filhos, o amavel complexo dessas nobres virtudes que são a honra e fazem o poder dos povos. No seu lar não existirão por certo o egoismo que suffoca a caridade, o interesse que sacrifica o patriotismo, e nem os vicios que degradam a humanidade.

Jámais uma familia assim constituida se circumscreverá no circulo estreito e miseravel dos gosos materiaes.

Desde que é o sentimento e não a razão quem encaminha os bons instinctos e corrige os máos, a mãe esclarecida que souber misturar a lição com o sentimento ha de se insinuar por tal forma no animo dos filhos, que a sua memoria e as suas lições viverão com elles até ao fim da vida.

Nada poderá igualar-se ao seu amor terno e desinteressado, e a essas sabias e piedosas doutrinas, onde a cada passo se trescala o sopro vivificante e sa-

grado da biblia, porque como diz Fénelon, a piedade nada tem de fraco, nem de triste, nem de acanhado, engrandece o coração, é simples e amavel. O reino de Deus não consiste n'uma escrupulosa observancia de pequenas formalidades; consiste para cada qual nas virtudes proprias de seu estudo.

O conde José de Maistre escrevendo a sua filha tornada mãe, dizia com razão: «E' sobre os joelhos da mãe que se forma o que ha de mais excellente no mundo.»

Entretanto, pode muito bem acontecer que um filho cuidadosamente educado, se deixe arrebatar pela torrente devastadora do vicio, e que nos gosos ficticios e corrompidos desperdice a vida sem que lhe reste um só desejo, ou uma só esperança que o eleve acima da pesada materialidade: mas quando chegarem-lhe os gelos dos desenganos quando vêr tantas esperanças mallogradas, tanto trabalho esteril, tantas lagrimas vertidas, ha de sentir por certo o vaccuo e a prostração; e então nesse momento de triste desalento, como um rocio fecundo virá orvalhar a aridez de sua alma, a grata recordação da mãe. As suas virtudes, os seus conselhos, e mais que tudo o seu amor sublime, reapparecerão de novo, com todo o poder encantador de que ella outr'ora dispunha, e derramará n'aquelle coração que esmorecia na sua mesquinhez, um impulso salutar. Eil-o que ergue-se e dilata-se agora, para comprehender a superiminente sciencia do amor de Deus! Ella já não existe talvez, mas a sua sagrada memoria ainda póde guiar o filho estraviado, para as cousas grandes e boas.

A mão destruidora do tempo será impotente contra a mãe que conseguiu formar o caracter dos filhos em affectuosos sentimentos e elevadas idéas, que espalhou no seu lar o conforto e a doçura.

A sua lembrança será sempre apreciada e honrada não só pela progenie feliz, como pela sociedade a quem ella legou cidadãos virtuosos e uteis. A influencia da mulher se tem manifestado sempre; e isto desde o estado degradante a que foi reduzida pelo paganismo antigo, até os tempos modernos, em cujos feitos tanto sobre os individuos como sobre as nações, vê-se figurar uma mulher. No tempo em que a mulher era escravisada, privada de vontade e de toda a sorte de instrucção, vejamos qual era a sua perniciosa influencia; ouçamos o que diz em referencia a isto um historiador moderno.

«Tudo quanto ha de admiravel no modo como se pintam uma Porcia e a mãe de Gracchos é-me assaz conhecido; todavia acautelemo-nos de tomar estas nobres e bellas imagens como sendo o typo das mulheres de Roma.

A conjuração das bacchantes, as conspirações secretas contra o pudor, os abominaveis divorcios, os adulterios sem disfarce, a regra commum dos costumes depravados, que nos são descriptos pelos historiadores, pelos philosophos e satyricos, o que obrigou o imperador Augusto a procurar remedio nas leis politicas, porque as domesticas eram sem efficacia—tudo isto nos demonstra o estado deploravel em que se achava a sociedade romana.»

A mulher despresada pelos nossos barbaros antepassados, ainda assim era quem lhes amoldava no espirito os habitos e as acções.

Aquella sociedade aviltada até ao ultimo requinte de corrupção não era senão um reflexo do estado degradante a que elles tinham subjeitado a mulher.

Felizmente, porém, com o lento volver dos tempos operou-se uma salutar transformação.

Dos confins da Galiléa apparece um homem sobrenatural, um homem divino, que vibrando fortemente todas as cordas sensiveis da humanidade, pela imaginação e pela magia de sentimento, arrebata e domine as turbas. E' elle, quem desfecha um tremendo e profundo golpe sobre a impia instituição chamada escravidão, e assim promove Christo a maior de todas as rehabilitações—a elevação da mulher escrava, para a mulher social. Uma vez emancipada pela religião, pelos costumes e pelas leis; diz M. Maynard, a mulher refaz, a seu turno a familia, e a sociedade. Em seus diversos estados, de filha, de irmã, de esposa, de mãe, de viuva e de avó, ella influe sobre seus paes, seus irmãos, seu marido, seus filhos e sobre toda a posteridade; ella faz a familia inteira á sua imagem. Na familia social, forma ou reforma o homem, e eleva tambem a sociedade a um nivel superior. E ainda mais: na origem de quasi toda a sociedade encontra-se uma mulher, uma Helena ou uma Clotilde, que é então a mãe. Filha da mulher, a sociedade christã é nutrida e mantida pela mulher, que se faz apostolo pela palavra e pelas obras; pela caridade e pelo martyrio. Por toda a parte como se observa, ve-se mulheres que sustentam imperios, outras que os convertem. E' ainda pela cultura das lettras, por sublimes abnegações, por todas as causas emfim, que se alimenta o grande drama da idade média. Desde então as mulheres marcham á frente do seu seculo, conduzem grandes acontecimentos, figuram na primeira plana da historia do seu paiz.»

Entretanto, ainda ha nesse sentido muito a desejar, especialmente em nossa cara patria, onde nem todos os espiritos comprehendem a nobre e grandiosa missão da mulher como mãe e primeira educadora dos seus filhos; a sua influencia moral e moralisadora sobre a familia e por conseguinte sobre toda a posteridade.

Aquelles paes que esquecidos da parte importante e séria que as mulheres têm na educação; menosprezam a instrucção de suas filhas, deixando-as na ignorancia de todos os seus deveres, compromettem e sacrificam com esse deploravel esquecimento, o futuro bem-estar de quasi toda a sociedade.

ANALIA FRANCO.

Mães e mestras

EDUCAÇÃO PRATICA DAS MULHERES

POR

Mlle. Nathalie de Lajoiais

TRADUCÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA, POR JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO.

I

EDUCAÇÃO EM GERAL

Muitas pessoas confundem instrucção com educação: muitas outras tratam exclusivamente da primeira com prejuizo da segunda: no entanto instrucção e educação são cousas muito differentes por sua natureza, mas que nunca deveriam estar separadas em vista da necessidade que uma tem da outra. Uma emprega-se em formar a alma e os costumes, e a outra em traçar o espirito e a intelligencia.

A educação propriamente dita são licções de virtude. Consiste ella na força que empregarmos para praticar o bem e fugirmos do mal.

E' vicio a fraqueza com que cedemos ás nossas inclinações más.

A Natureza, a Moral e a Religião, nos ensinam as regras do bem e do mal. A Natureza nos inspira os sen-

timentos de humanidade e todos os actos que della decorrem. Consiste a Moral na noção simples e na pratica do dever. Ella se revella pela consciencia, seu orgam, e brilha com suave e limpida luz no Evangelho. A Religião regula os nossos deveres para com Deus e é a confirmação e o complemento da moral.

O fim da educação é habituar a alma a sujeitar o corpo, a vencer desejos, reprimir os affectos reprehensiveis, a seguir somente aquillo que a razão esclarecida, unida ao sentimento religioso indica como melhor; n'uma palavra, a ser docil a essa voz intima que é a consciencia, e que ás vezes attribuimos ás creanças denominando-a: *voz do bom anjo*.

No ponto de vista individual, é a educação considerada reguladora da vida inteira, pois que, são as primeiras impressões, que dicidem do caracter de cada um. Nas relações da familia e da sociedade ella ensina os seus deveres para com os outros e o obriga ao cumprimento d'esses mesmos deveres. Podendo comparar-se a creança com um livro cujas folhas em branco esperam que nellas se escreva, veremos quanto é necessaria que seja mão mestra e segura que estampa n'esse livro em caracteres indeleveis a virtude; quanto é preciso a mãe ou mestra cuidar em estabelecer sua autoridade na educação, para que essa autoridade opére no espirito do alumno como um principio natural e sagrado.

Na alma de cada individuo ha, assim como no rosto, um certo que de particular que a distingue de todas as outras, e com certeza não se encontrão duas creanças que possam ser dirigidas pelo mesmo methodo. Todavia, a educação das creanças, exige geralmente mais bondade que rigor, firmesa de caracter, moderação de indulgencia e circumspecção, exemplo junto ao preceito, e finalmente um sacrificio que só a ternura e a religião podem inspirar.

O grande segredo para saber dirigir a creança quando a razão nella se manifesta é saber empregar os meios mais apropriados á sua natureza

Por peior que seja a inclinação do alumno, della se tira utilidade em proveito do mesmo. O orgulho, a ambição, o amor proprio, até mesmo o egoismo devem concorrer por meio de sabia e prudente direcção para o seu bem moral. O amôr e o temor, influem muito especialmente na menina. O desejo de agradar a seus paes, o apreço que ella dá ás suas caricias assim como a estima e consideração dos que a cercão, não será que a fazem tão interessante e tão amavel? Não será o temor da opinião para toda a sua util existencia, a garantia mais forte contra os perigos do mundo?

«As pessoas espiritualistas, dizem que o amôr pelo Creador, deve dominar todos os motivos da vida humana, se desejarmos que a virtude seja solida e os guie á suprema felicidade.»

Este argumento a certos respeitos é mais que justo. Devemos admittir tambem este principio como ponto de partida e como fim da existencia. Exceptuando algumas almas privilegiadas, inclinadas naturalmente ao bem, achamos que convém, ao maior numero, reunir a este forte movel das acções humanas aquelles que cada qual estima, segundo o seu caracter, as convicções e impressões que o dominam, uma vez que a razão as approve.

E tanto assim é que uns operam por obediencia religiosa na esperança do justo premio além da vida, outros o fazem motivados por uma satisfação intima, outros por humanidade, e ainda outros por contemplação do objecto de seus affectos: estes abalos muito embora de ordem secundaria, nem por isso deixão de dar bons resultados.

São como muitos outros crystallinos canaes que banhão suas margens, e cujas aguas congrassadas formam um puro e transparente lago.

Convem mostrar que o melhor systema d'educação, consiste em demontrar os elementos de que se compõe o genero humano, para bem os conhecer, regular, pôr em equilibrio e para estabelecer entre elles a suave harmonia que é o sublime segredo da sabedoria.

(Continúa.)

Cada mulher tem a sua missão. Ha as predestinadas ás pompas e ás obras de Satanaz, e ha as que são enviadas á terra para n'ella derramarem um perfume de graça divina.

Estas, á semelhança das antigas vestaes, velam pela sua virtude e ao mesmo tempo pelo seu amor. O berço em que embalam os filhos protege-as nos dias de perigos; de modo que alcançam a praia mais venturosas com as renuncias que com as tempestades da voluptuosidade.

ARSENE HOSSAYE

A mulher d'este seculo

De dia a dia mais se manifesta quão natural é o desenvolvimento, a fecundidade de pensamentos e formosas inspirações em uma imaginação de mulher.

Reconhece-se perfeitamente que o poder da época, desta época banhada pelas aguas de uma fonte limpida, vivificadora, certamente trará um baptismo de novas e sublimes idéas, verdadeiras antagonistas desse estacionario viver que anniquilla as forças intellectuaes e moraes.

A mulher de hoje enthusiasmada saúda a voz electrisadora que acompanha o silvo das locomotivas, o transmittir dos telephones e telegraphos, e as viagens dos arrojados aereostatas.

Graças aos dedicados adeptos do seu progredir—, ella parece compenetrar-se de sua obscura posição no sumptuoso litigio dos nobres commettimentos; encara enlevada os largos caminhos das artes e das industrias, comprehendendo toda a grandeza da promettedora marcha desse assombroso tren onde tremúla a rubida bandeira do progresso.

Não virá tarde a feliz éra em que a mulher, aprofundando as sciencias, os vastos conhecimentos, ria do impossivel, e possa ao lado do homem douto resolver os mais intrincados problemas e acompanhal-o nos serios e proveitosos estudos de gabinete.

Ella saberá mostrar que essa obscuridade em que a deixaram durante largo tempo não foi mais que um lethargo em umbrosa selva, onde penetrando a luz de uma aurora de evolução, apontou-lhe todas as maravilhas que convivem com o saber.

A' mulher caberá então uma apotheose levantada pela sociedade moderna, será a perfeita educadora do coração e do espirito, o manancial do lar domestico.

Saudemos essa época bem vinda.

REVOCATA DE MELLO.

A mulher deve ler, mais tarde no pleno uso das suas faculdades mentaes, e da sua força moral, ella póde ler tudo sem perigo, é indispensavel que uma educação anterior a tenha preparado e fortalecido, é indispensavel que haja o maior cuidado na cultura intellectual que ella deve receber na infancia e adolescencia.

MARIA AMALIA.

Paysagem

(A' festejada litterata D. Josephina de Azevedo)

Eu via ao longe a relva verdejante,
Casinhas brancas ir além surgindo,
Em natureza, como que sorrindo,
Ostentava esse quadro deslumbrante.

A cachoeira no echo sussurrante
Já as vozes da brisa traduzindo,
E ante esse painel, triste carpindo
Por ti eu soluçava, ó meu amante!

Cahiam nevoas no azulado monte!...
E o sol mergulhando no horisonte
Um raio, um loiro raio despedia...

Canta a cigarra no crepusculo triste,
E se é verdade que o amor existe,
Nasce na hora que termina o dia.

Corte 20—12—83.

IZABEL DILLON.

O beija-flôr

A ESMERALDA VASCONCELLOS

Travessa, douda alegrinha,
Uma gentil avesinha
Vivia outr'ora a cantar;
Mal a aurora dispontava
Ella seu ninho deixava,
E vinha Phebo saudar.

Sempre feliz, descuidada,
Vinha na flôr perfumada
O nectar doce libar:
E assim em doidos harpejos
O mel trocava com beijos,
E ali sonhava seu lar!

Depois no espaço adejando
Ia maninho entoando
Uma canção divinal,
Levando ás flôres de neve
Das larangeiras em breve
A saudação matinal.

E tudo ouvir parecia
A suave melodia
Dessa avesinha gentil;
A natureza rosada,
O rosicler da alvorada
Do céo o formoso anil.

As auras frescas ligeiras
Nas suas plumas faceiras,
Vinham de leve roçar;
Contando os lindos segredos
Que havia nos arvoredos
A' tibir luz do luar.

E quando a noite descendo
Seu bello manto estendendo
Sorrindo as flôres beijava;
Além na palmeira erguida
Um canto de despedida
Ella feliz modulava.

Mas, na doirada chimera
Na ridente primavera
Um quer que fosse faltava!...
Talvez as notas maviosas
D'umas canções amorosas
Do colibri que sonhava.

Mas, eis que um dia em seu ninho
Veio ter um passarinho
Um mimoso beija-flôr!
N'uma celeste harmonia
O lindo amante dizia...
Vim supplicar teu amor.

Quiz repellir o insolente
Que n'esse canto inclemente
Vinha o socego roubar-lhe,
Mas tão lindo era seu canto...
Tão repassado de encanto...
Que quiz tambem escutar-lhe.

Emquanto o amante cantava
A cabecita curvava
Num terno arroubo de amor;
Se depois elle partia,
Inda essa maga poesia
Escutava com fervor!

Depois...—feliz prisioneira—
Já não ia na palmeira
De Phebo se despedir,
Só por—elle—então vivia
De seus cantos a harmonia
Jamais puderam fruir.

Mas, se um dia elle não vinha
Já suspirando tristinha
Quasi morria de dôr;
Era que tinha receio
De vêr murchar em seu seio
As flôres do seu amor.

. . . . . .
. . . . . .

Escuta agora em segredo
Eu vou contar-te o enredo
Desta historia, ó meu amor;
Eu sou a ave amorosa
Que te busca caprichosa
Tu meu anjo ó beija-flôr!

20—Novembro 88.

ADELIA BARROS.

Chromo

(Ao GAU'CHITO)

Habita n'uma choupana,
Tendo bem perto um *banhado*,
Onde a gaúcha *vaqueana*
Campeia matreiro gado.

Sahe uma vez na semana
N'um *pingo* bem aperado
Com sua linda badana
Tendo o rebenque prateado.

Voltando o guasca largado
No *malacara* montado,
Solta coxilhos, e lagos

E diz, fallando ao campeiro,
Temos ahi o pampeiro,
Patricio, vou p'ra meus *pagos*.

Côrte 20—12—88.

IZABEL DILLON.

Homens e aves

(Traducção do hespanhol)

Me comprazo á hora somnolenta
Em que o sol se reclina no Occidente,
E o céu azul uma corôa ostenta
De rosa e açucena, com a mente
Seguir as aves que a seus ninhos vão;
Bem como escutar seu vago vozerio,
Mas doce e brando que o rumor de um rio,
Então eu pergunto: «As aves o que dirão?»

«Que darão ao voltar ao seu recanto
Occultas pelos bosques, silenciosas,
Desta terra de martyrio e de encanto,
Desta cidade, que em dores angustiosas
Eleva ao céu a voz de eternal soffrer?
Que dirá a ave em seu doce enleio
Peregrina que se hospeda em nosso seio,
Do ruido de Madrid, do seu viver?

«Que pensará, que julgará da lama
Que cobre aqui as casas e as almas?
Que é feito desse povo que applaude e ama,
Que diante da victoria bate palmas,
Como o povo de Roma ou de Stambul?
Que é feito das vozes q' no abysmo gemem,
E das virtudes que o crime tem
Que ri impune debaixo d'um céu azul?»

«Que dirás, aves de innocencia amena
Da fraude, do rancor, da traição,
Que do homem as horas envenena?
E que só pezar traz ao coração.
O que é feito dos nossos odios e amor?
Não é verdade, que em teus Cantos argentinos,
Renderás graças, com ardentes trinos,
Por não haver-te feito homem o Creador?»

J. A.

Sogras e madrastas

Sogras e madrastas! Os demonios da sociedade, murmurarão talvez os leitores: não, as victimas d'ella accrescentaremos nós.

Não sabemos qual a razão porque estas duas posições a que todas as mulheres podem estar sugeitas, e que em verdade devem ser pesadissimas, a mór parte das vezes só servem para acarretar verdadeiras antipathias.

Não existirão *sogras* e *madrastas* bôas?

Por certo que existem.

E não haverá acaso algum genro mau, ou enteado?

Muitos e muitos sem duvida alguma.

Pois bem, que motivos temos nós então contra essas desventuradas creaturas, para derramarmos sobre ellas toda a nossa terrivel bilis?

França Junior, o incansavel folhetinista que tanto e tão vantajosamente tem estudado a nossa sociedade já em um de seus apreciadissimos escriptos fallou-nos das sogras e das injustiças de que as miseras se tem tornado alvo.

No provecto escriptor encontraram ellas, pois um distincto defensor, dispensando por esse motivo, quanto em seu favor podessemos dizer.

A opinião do illustre folhetinista é tambem a nossa.

O *grande*, o *immenso crime* das sogras, é o não poderem as mais das vezes assistir impassiveis aos martyrios, aos soffrimentos, ou emfim ao abandono em que veem as pobres e queridas filhas.

Se o amor de mãe é como geralmente se apregôa o mais puro e santo de todos os affectos, como esperar que, aquellas que o sentem em todas as suas sublimes manifestações, procedam de modo diverso do que o fazem em tão criticas circumstancias?

Para um genro bom, não crêmos que exista uma sogra má.

Conhecemos muitos exemplos.

* * *

Com as madrastas dá se identico caso: dai-lhes bons enteados e vêl-as-heis velando por elles como se fossem seus filhos.

Imaginai, porém, uma senhora distincta, de uma educação esmerada, que nasceu e viveu sempre cercada de todas as commodidades que a fortuna nos póde proporcionar, e que um dia por uma dessas fatalidades inexplicaveis cuja origem não nos propomos neste momento desvendar, une-se a um homem que lhe leva uma filha teimosa, malcreada, insolente mesmo, que desobedece-lhe sempre para a vêr incommodada, que arranca-lhe do jardim as flôres que ella mais presa, trepa nas cadeiras, pede tudo quanto vê, tem maus costumes, não deixa a infeliz madrasta ter um momento de seu, buscar um livro por exemplo, para entreter-se, vem logo para junto d'ella gritar, dizer tolices, aborrecel-a finalmente; e accrescentai a tudo isto a voz publica a lamentar a creança e a accusar a sua madrasta que não lhe faz mimos, que não a beija, que não acha graça em em todas essas cousas, e tereis diante de vós o algoz tão fallado; tal qual elle é: uma victima digna de toda a compaixão.

Se a missão de mãe é grande e sublime, porém tambem ardua, difficil; se os deveres de professora encerram responsabilidade illimitada; o papel de madrasta é por todos os respeitos muito mais pesado.

A mãe—a não ser por uma d'essas raras excepções—não se vê censurada por castigar os filhos, por admoestal-os muitas vezes, ser mesmo severa para com elles: diz se geralmente:—tenho pena de E. porque vê-se louca com os filhos. são endemoninhadas aquellas creanças; e ninguem ousa dizer:—deploro a sorte d'ellas por causa dos castigos que dá-lhes a mãe!

Sabe-se que ella se procede assim, é porque é necessario para a boa educação dos filhos: tudo quanto faz é justo e para o bem estar d'elles.

A professora tem tambem o seu quinhão de desculpa. Castiga porque é necessario, porque os paes dos alumnos querem vêr o lucro do seu dinheiro, e os pequenos por meio de palavras apenas, não se querem corrigir dos seus mil defeitos; em uma palavra, fal-o tambem porque è bôa; a madrasta porém, nunca tem razão.

Com que direito castiga as creanças? Não são seus filhos!

Se a misera dá-lhes excessiva liberdade, é má porque cria-os á lei da natureza—e pouco se importa com o mal que d'ahi lhes póde provir; se os prende, se lhes prohibe o andarem com as outras creanças, temendo que elles tomem os maus costumes d'aquellas: é tambem má pois não deixa que os pobrezinhos brinquem e aproveitem a sua infancia; que fazer então?

Soffrer no silencio e deplorar comsigo a sua sorte, é quanto lhes resta, e é o que muitas d'ellas fazem.

Finallisando, diremos: educar os filhos alheios é de todas a mais cruel missão que póde ter a mulher. Ser sogra, deve ser triste; ser madrasta, simplesmente horrivel!

* * *

Felizmente quem traça estas linhas, tem a felicidade de não ser madrasta, e a firme convicção de que tambem jámais será sogra.

JULIETA MONTEIRO.

Saber bem doutrina constitue um dos deveres de uma educação primorosa, e no entanto a filha que aprendeu, a mãe que a mandou ensinar, ignoram todos os deveres a que esta sciencia, a ser bem comprehendida, as obrigaria.

MARIA AMALIA.

A vingança das flores

(IMITAÇÃO DE FEILIGRATH)

Anoitecera A alcova, hermeticamente fechada, era apenas illuminada pela fraca luz que coava-se pelo globo opaco da lampada. No leito, coberta com suas roupagens, ornada de lindas rendas transparentes, repousa a formosa donzella.

A mimosa cabeça sobresahia nas alvas cambraias, os longos e dourados cabellos formam-lhe uma aureola, e ligeiras madeixas brincam em sua pallida fronte.

Sobre o marmore da mesinha ostenta-se um viçoso ramo de flores, que, vencidas pelo tepido ar do aposento, inclinam suas hastes semi-crestadas, sobre o dourado friso da rica jarra de Sévres que as contém.

Reina profundo silencio na alcova. Apenas a fraca respiração da gentil adormecida, suavemente eleva-se ao ar.

Mas eis que pouco a pouco um leve murmurio perturba o silencio. E' das flores que parte. E de instante a instante torna-se mais forte o murmurio.

Eis, porém, que as flores agitam-se, erguem seus calices ha pouco ainda pendidos, e as corollas entreabrindo-se deixam surgir de seu interior estranhas figuras.

Do seio da Rosa ergue-se uma magestosa mulher, de rubras faces, e com a fronte ornada por aurea corôa;

Do Lyrio, um altivo mancebo, de pallida e pensativa fronte ;

Da Magnolia, uma nobre princeza ostentando o esplendor de seus arminhos ;

Do Amor-Perfeito, um joven que em seu triste olhar revela profundo desespero ;

Da Violeta, uma menina que modestamente abaixa os meigos olhos ;

Do Narcizo, um formoso mancebo, que approximando-se da donzella, que repousa no leito, imprime-lhe ardentes beijos nos labios ;

Da Camelia, uma mulher de deslumbrante formosura, mas em cujo rosto só se lê immensa vaidade e gelida indifferença ;

Do Louro, um cavalleiro que com galhardia sustenta a sua rutillante espada ;

Da Papoula, um turco em esplendidas vestes, com a pallidez profunda e o amortecido olhar dos fumadores de opio ;

Do Cravo, um arrogante fidalgo, envolto em purpurea capa ;

Da Flôr de Larangeira, uma pallida noiva coberta de branco véu ;

Do Jasmim da India, uma ardente bayadeira com seus cabellos de azeviche e seus olhos mais negros ainda;

Da Granada, uma graciosa hespanhola agitando risonha as suas castanholas ;

Da Saudade, uma descousolada mulher coberta do crepe da viuvez ;

Do Junquilho, um moreno filho dos tropicos, cujos ardentes olhos castanhos deslumbram e fascinam ;

Da Sempre-Viva, uma triste donzella em cujo rosto parece estar estampada uma dôr eterna.

Do Myrto, um pretencioso velho que persegue a imagem da rosa com seus cubiçosos olhares ;

Do Cactus, finalmente, um mancebo bello, vaidoso e insignificante...

Uma a uma das estranhas figuras rodearam o leito em que estava reclinada a donzella, e de novo se repetem os murmurios, que, lentamente ateando-se, formam o seguinte côro:

«Donzella, cruel donzella, porque nos arrebataste do jardim em que tão felizes eramos? Nascemos, crescemos na liberdade e aos fecundos beijos da brisa ; um a um desabrocharam nossos botões.

«Quão bellas eram as manhãs de então, quando ao romper da aurora, o zephyro em nossos seios depunha seus inebriantes beijos ; quando sob o ardor dos beneficos raios do sol, languidamente nos inclinavamos, para, após, recuperarmos novo viço e brilho ; quando, uma a uma, as diamantinas gottas do rocio sobre nossas petalas tombaram! Oh! quão bella era a vida então... e tu, criança cruel, por um capricho nos roubaste toda a alegria, toda a felicidade, para fenecermos, longe de tudo que amavamos, morrermos quando mais bella se nos antolhava a vida, morrermos longe da terra, mãe querida e commum.

«Colheste-nos em todo o viço para ornar teu aposento virginal, e para, depois de rapida extincção de nossa vida, lançar nossos pobres cadaveres com indifferença nos braços de nossa amada mãe, a cujos beijos então seremos insensiveis, insensiveis mesmo aos beijos do nosso adorado Zephyro.

«Desapiedada donzella, não te commoven nossa sorte ; á morte nos votaste ; pois bem : és bella, joven, cheia de vida e de esperanças, e vais morrer !...»

Uma a uma se inclinam sobre a virgem adormecida, e na cálida atmosphera da alcova cada vez mais intensos se tornam os perfumes.

Sobre as lindas faces da donzella, que tão brancas se destacam entre as douradas madeixas, uma rosea mancha se desenha, e cada instante decorrido mais rubra as torna...

. . . . . .

E quando á noite succedeu o dia, acharam a pallida donzella immovel e mais branca ainda que as transparentes rendas em que repousa sua loura cabecinha.

Sem vida tambem, junto ao bello cadaver, jazem os cadaveres não menos bellos das flôres, na vida rivaes d'ella pela belleza, e na morte irmãs!...

CAROLINA VON KOSERITZ.

Lagrimas Bemditas

Sempre te vejo doudejante e bella,
Sempre em sorriso, a cantar radiante ;
Nunca uma nuvem de tristeza vela
Esse teu meigo e angelical semblante !...

Se alguem te falla de pesar singella
Os olhos ergues para o céo brilhante,
Como se acaso lá do azul na tela
Pudesse lêr o teu porvir distante.

Nunca um suspiro n'esses labios dôces !
Como se bronze ou marmore tu fosses,
Nunca um soluço n'esse peito ainda !

Mas, não... espera... eu já te vi chorando...
Era uma tarde... ia-se o sol deitando ;
Dava uma esmola essa tua mão tão linda !

S. Roque.

MARIA ZALINA ROLIM.

A surpresa de Lili

A viscondessa era incontestavelmente uma mulher de bom gosto. Conseguira tornar o seu *boudoir* n'um pequenino museu, onde a par da profusão artistica dos *bibelots* se admiravam os relevos delicados dos *lambrequins*, e os rendilhados exquesitos dos elegantes moveis de bule e pau rosa. Um verdadeiro encanto, o *boudoir* da viscondessa! Havia, porém, um genero, pelo qual ella era perfeitamente fanatica,—as louças do Japão e da India.

A sua collecção era já bastante notavel, mas... havia n'um d'esses bazares, onde se amontoam, deslumbrando nos, um mundo de objectos esplendidos e de riquissimo valor artistico, uma jarra original, elegante, formando dois bem torneados bojos, apertados n'uma curva delicadissima, admiravel!

Era um primor a jarra! E a viscondessa, reclinada no braço do marido, fazia-o notar muito aquella belleza, e enviava ás carantonhas horrendas dos japonezes, alli desenhados, uns sorrisos seductores, em que se advinhavam uns ardentes desejos de possuil-os, de vel-os sempre no seu *boudoir!*...

O visconde não sabia resistir a um capricho de sua mulher. Importava um sacrificio á sua algibeira, mas... d'alli a instantes, a jarra pertencia á viscondessa, que a enviava para casa, n'uma alegria doida, quasi infantil, antegosando já o momento em que a veria habilmente collocada, naquelle sitio que ella escolhera, e onde ficaria tão bem...

Lili era uma creança encantadora. Loura, rosada, bonita a valer, e com uns mimos deliciosos, cheios de teimosia e maldade, a revelarem-se n'uns despotismos de *rei absoluto*, no seu pequenino reinado de polichinellos, bonecas arrebicadas, pretas extravagantes, etc... etc...

A mãe, que a adorava, achava-lhe uma graça unica n'aquellas teimas, n'aquelle vertiginoso *quebrar* de tudo que alcançava á mão, e dizia cheia de sorrisos, cobrindo de beijos a pequena despotasinha, que nunca lhe tocaria, «o pobre anjinho!»

Partir-se-lhe-hiam as mãos se um dia lhe désse um pequeno açoite!

Lili veio esperar, n'um delirio de bater de palmas e de gargalhadas, a mãe á entrada, gritando: «Uma surpresa, mamãe! preparei-te uma sur-

presa ! vem, vem ! » E puxava-a pelas mãos : «Que viesse depressa, ver a surpresa ! »

A mãe não percebia nada, mas ria muito, muito... a doidinha ! E beijava-a, n'uma sofreguidão de mãe carinhosa, e o pae ria com o riso idiota de pae pusillanime. Entraram no *boudoir* ; era para lá que a pequena os conduzira, e... caso extraordinario !

A viscondessa não via a sua jarra ! Mas a pequenita gritava : «Olha mamã, aqui, aqui separei-as antes de chegares, vês ?»

A viscondessa vio afinal ! Cruel decepção ! Lili despedaçára pela curva, aquella curva que tanto encantára sua mãe, a magnifica jarra, tornando-a maravilhosamente... em duas ! Fôra a surpresa que preparára á mamã !

. . . . . .

Lili levou n'esse dia os primeiros açoites.

A viscondessa não partiu as mãos... e não teve mais d'aquelles caprichos !...

IDALINA TAVARES.

Nas mãos da mulher está a tranquillidade, o socego, a ventura e a honestidade do lar, porque ella deve ser a perseverança inalteravel, a bondade suprema e inexgotavel, a intelligencia allumiada pela doce luz que dimana do coração.

MARIA AMALIA.

Os males que affligem a sociedade que affrouxam os laços da familia, que contaminam e dissolvem lenta, mente os costumes, provem de uma causa, composta de muitas causas complexas, e para combater a qual devem juntar-se os esforços de todos os que amam o bem.

MARIA AMALIA.

NOVIDADES

Sublime !

A Exma. Sra. D. Veridiana Prado e outras distinctas senhoras, promoveram no Club Germania, uma festa de caridade, cujo producto reverteu em beneficio da Santa Casa de Misericordia.

Acções d'esta natureza não se commentam, registram-se.

Philantropia

As Exmas. Sras. Baroneza da Limeira e D. Paulina de Souza Queiroz, remetteram no dia 26 do corrente, ao provedor da Santa Casa, a primeira cem mil réis, e a segunda, duzentos, como donativos para o estabelecimento.

Bem provado está que estas Exmas. Sras. jámais se esquecem das sublimes palavras de Christo :

«Quem dá aos pobres, empresta a Deus.»

Ao correio

Muitas são as reclamações que temos recebido, como tambem muitas são as reclamações que a imprensa d'esta capital, tem dirigido ao mesmo correio, por faltas por elle commettidas.

Assim pois, sollicitamos do muito digno director d'essa repartição, providencias, afim de não se verem os nossos assignantes privados da leitura d'A *Familia*, quando não lh'a remettemos com toda a pontualidade.

A repartição do correio, é dirigida pelo sexo *forte*, e por tanto não deveria commetter esses abusos que acabamos de citar.

A *Gazeta de Campinas* e o *Correio de Santos*, são jornaes que se publicão diariamente, no entanto passão-se dias em que não temos o prazer de os vêr.

E' a *Familia*, uma publicação que ora começa, e essas faltas podem trazer o descredito para a nossa empreza.

Bravo !

Defendeu these perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Exma. Sra. D. Ermelinda Lopes de Vasconcellos.

E' esta senhora, a primeira que forma-se em medicina por aquella faculdade.

A evolução lenta, porem efficaz porque as idéas e os principios vão passando successivamente, garantenos de um modo indubitavel, que a emancipação da mulher não se fará esperar por muito tempo no nosso paiz.

Parabens pois a Exma. Sra. D. Ermelinda, digna filha do honrado negociante da Côrte, o Sr. Joaquim Lopes de Vasconcellos.

SECÇÃO ALEGRE

Uma senhora que ajusta criada :

— O que principalmente lhe recommendo é muito aceio.

— Neste particular verá a senhora que não terá razão de queixa de mim. Eu sou mulher que só para não sujar os pannos de limpar a louça, limpo os pratos aos pannos sujos.

Por occasião da missa, um rapaz divertia-se em puchar pela aba do fraque de outro. Aconteceu que no momento de uma dessas *gracinhas*, o sacerdote virou-se e disse : — *Orate, fratres* .

O nosso incommodado tambem voltou-se rapidamente e disse ao patusco :

— Estás ouvindo ! O padre disse : *Larga o fraque !*

Um patusco muito sujeito a distracções conversando com uns amigos, despejou da janella um copo de agua sobre um individuo que passava.

Este, furioso com o banho, gritou :

— Vem cá abaixo que quero darte uma sova.

— Olhe, ainda que vossê dês-e-me duas, eu lá não ia.

Entre amigos :

— Homem, andas tão triste, que tens tu ?

— Ando levado do diabo. Tenho uma sucia de credores que me não deixam dormir.

— Deves então grandes quantias ?

— Não, muito pequenas, e, como sabes, as dividas são como as crianças, quanto mais pequenas mais berram.

RECEITAS DOMESTICAS

Eis a formula para se fazer a *Agua de Hebe* contra as sardas : Essencia de alfazema 125 grammas ; essencia de cidra 30 grammas ; essencia de rosas 3 1/2 grammas : summo de limões 40 grammas ; alcool 40 grammas ; agua 500 grammas ; vinagre 300 grammas. Vascoleje-se a mistura em uma garrafa, exponha-se ao sol por quatro dias e filtre-se.

—

BISCOITOS PARA CHÁ

Amasse-se com duas duzias de ovos 1 kilo de assucar, 1 kilo de farinha de araruta, 300 grammas de farinha de trigo espoada e 200 grammas de manteiga fina, não se devendo juntar agua. Depois põe-se esta massa em taboleiros de folha e vae ao forno a coser, fazendo os biscoitos do tamanho e feitio que se quizer.

—

Para se fazer um excellente pudim de batata ingleza : Cosinhada e preparada a porção de batata que se quizer, desfaz-se em massa com uma colher de páu ou com uma mão de pilão. Deitam-se-lhe em seguida 150 grammas de manteiga, pedacinhos de cidra crystalisada, passas de Corintho, cravo, canella e duas ou tres colheres de farinha de trigo para ligar a massa. Para tornal-a melhor, póde-se passar duas ou trez vezes por peneira fina. Feito isto, leva-se a massa a um guardanapo, atando-se-lhe as pontas de modo a formar uma pequena *trouxa*. Lança-se o guardanapo com a massa em um tacho de agua, suspendendo-o pelas pontas por meio de um páu. Logo que a massa estiver cosida, o que se conhece provando-a com um ponteiro que deve sahir limpo, deite-se em calda grossa e polvilhe-se com assucar e canella.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Temos sobre a mesa esta excellente revista semanal dirigida pela intelligente escriptora D. Josephina de Azevedo.

O presente numero é um precioso escrinio de formosas joias litterarias artisticamente trabalhadas por um distincto grupo de conhecidas escriptoras.

E' por certo digna de encomios a festejada litterata D. Josephina de Azevedo por haver congregado n'*A Familia* tão brilhante legião de aparadas pennas.

Agradecemos.

(Do *Correio Paulistano.*)

«A Familia»

Recebemos o n. 2 d'*A Familia*, revista semanal que se publica em S. Paulo, cuja redacção está a cargo da Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

A Familia é uma bem redigida publicação ; traz variados artigos, firmados por varias escriptoras e torna-se digna do apoio publico, por ser uma das melhores revistas que no genero possuimos.

(Do *Diario da Tarde*)

«A Familia»

Está publicado o 2º numero da *Familia*, excellente periodico litterario, dedicado á edudação da mãe de familia e propriedade da intelligente professora Josephina Alvares de Azevedo. Este numero é, como o primeiro, muito bem redigido, contando na sua collaboração artigos de illustres e festejadas escriptoras.

E' de crêr que a sympathica publicação encontre do publico illustrado o mais cordeal e justo acolhimento.

(Do *Diario Mercantil*)

«A Familia»

—A *Familia*, n. 2, dirigida e redigida pela Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Traz bellos artigos e bonitos versos A' *Familia* está sem duvida reservado um futuro prospero e risonho.

(Do *Correio Paulistano.*)

«A Familia»

—A *Familia*. Revista semanal dirigida pela Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo e publicada em S. Paulo. Temos presente os numeros : (programma) 1º e 2º. N'esse periodico se lêm bons artigos assignados por Exmas. senhoras. Desejamos que a Exma. Sra. Alvares Azevedo encontre entre as nossas compatriotas bom acolhimento para o seu periodico, como elle merece.

(Do *Diario do Commercio*)

«A Familia»

Distribuiu-se ante-hontem o segundo numero d'*A Familia*, excellente periodico consagrado á educação da mãe de familia.

O sympathico collega traz interessantes artigos firmados por distinctas senhoras.

Agradecemos a visita.

Do *Diario de Noticias.*

TYP. UNIÃO— S. PAULO

ANNO I — S. Paulo, 5 de Janeiro de 1889. — NUM. 6

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 'sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

A redacção d'A Familia

A's suas leitoras e aos seus collegas

COMPRIMENTA

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 5 DE JANEIRO DE 1889.

Mães e mestras

(CONTINUAÇÃO)

Muitos paes reputam as acções dos filhos como cousas de minima importancia, e deixam as pobres creaturas operarem ao sabor do seu capricho, esperando que o tempo as corrija. E' isto um erro que precisa ser abolido, E' certo que essas acções são de pouco alcance, mas, como disse um notavel escriptor : «Não é pouca cousa o costume. » E verdade é, que do mesmo modo que a nossa organisação se presta aos habitos de uma acção má tambem se presta á uma boa acção, sem que muitas vezes n'isso pensemos ; é por isso mais que necessario o cuidarmos de dar bôa e salutar direcção ás nossas inclinações.

Acções ha, que nos fazem presentir nas creanças as paixões que ellas um dia terão de dominar. A creança que folga em esbordoar e martyrisar entes mais fracos do que ella, será pelo correr do tempo, cruel ; aquella que maltrata e injuria, será désposta ; a que zombar do companheiro por malicia ou por burla, será inclinada á trahição e á falsidade.

A menina que fôr affectada e mentirosa, será um ente despresivel. Estes indicios e muitos outros merecem toda a attenção das mães. Por uma educação esmerada, poderão sem muito esforço obstar e reprimir todas essas inclinações, procurando por meios faceis e suasorios conduzir a creança a bons caminhos, isto é, ao caminho da verdade e do bem.

Depois que as evoluções deram a perceber em todas as classes da sociedade, as grandes alternativas da vida e a nenhuma estabilidade da fortuna, das honras e dos cargos, modificou cada um as suas idéas. Os privilegiados disseram que para não serem colhidos d'improviso pelos revezes da sorte, era prudente reunir o fundo lembrado por Lafontaine na fabula do *Lavrador* ; a classe inferior, lembrando-se do exemplo de tantos meritos de fortuna, resolveu correr o risco da sorte com as vantagens do saber : de maneira que o receio de uns e a esperança de outros derão á educação um impulso novo e benefico.

Mas como o bem se acha sempre equilibrado pelo mal na triste condição dos negocios humanos, a instrucção que faz parte da educação, excedeu muitas vezes o fim racional a que se devera propôr segundo o decôro e a conveniencia dos seres ou da esphera em que cada um fôra posto na vida, e d'aqui precedeu, digamos assim, essa desclassificação universal, que é hoje o cancro da sociedade, isto é, aquella tendencia de subirem a gerarchias superiores, não se importando a mór parte das vezes de subirem pela baixeza, intriga e vicios.

A mocidade tomou um impulso rapido nas escolas, abrangendo indistinctamente sciencias absurdas e artes de luxo, cujo emprego ou cultivo exigem certas condições de independencia ; ella procurou gostos pouco compativeis com suas necessidades reaes ; abandonou as profissões modestas, e concluio atirando-se n'um mundo completamente extranho, onde em constante luta com o orgulho e a miseria, formou uma classe enferma que por fatalidade todos os dias augmenta.

Infelizmente este mal existirá emquanto não quizerem comprehender que o ensino elementar ou *essencial*, deve ser *geral*, e que o ensino *aperfeiçoado* o que attinge todas as sciencias, lettras e artes, deve ser partilha d'aquelles que tem o preciso para o receberem completo, e que o podem gosar sem que para isso se vejam perdidos, abandonados em mundo diverso do de seus paes, de seus amigos, fóra de tudo emfim a que estavam acostumados no meio social em que nasceram.

Quando vier o tempo de estabelecer-se com cautella esta linha de reparação, nem por isso deixarão de declararem-se as vocações especiaes, e menos de receberem convenientissima direcção.

E' facilimo discernir as boas disposições de qualquer moço, e dar-lhe o cultivo que merecem quando esse desenvolvimento possa resultar alguma vantagem ; mas incitar a mocidade em massa para estradas em que nada terão que a sustenha e dirija, dar-lhe a saborear praseres intellectuaes proprios para afastal-a dos serios trabalhos da vida, não tendo relação alguma directa com os conhecimentos que esses trabalhos exigem, não só é uma educação perigosa como até funesta e que torna-se necessario ver a todo o custo dirigida por melhores principios ; porém como o balão é obrigado a parar na subida logo que chega a altura tal em que já a pes-

son que o dirige encontra ar tão dilatado que não o póde respirar, melhor será que venha tempo em que cesse este desordenado movimento.

Dando-o então a conhecer a razão das cousas d'um a outro extremo da cadeia, qual abalo electrico, será afinal demonstrado a todos esses mal entendidos egoismos, a todas essas vaidades e ambições que nada ha melhor do que dar ás creanças instrucção proporcionada ás suas necessidades conforme a sua actual condição e estado natural a que são chamadas, fazendo completa abstracção de todos os calculos ambiciosos.

Convencer-se-ha então cada qual de que é muito mais vantajoso adquirir verdadeiros conhecimentos necessarios e uteis, do que aspirar a uma theoria sempre defeituosa na applicação. Por esta fórma se contarão n'um grande numero e em todos generos, talentos reaes, por quanto a imitação dos que se houverem distinguido n'um ramo d'arte, sciencia ou industria, se dedicará cada um com todo o enthusiasmo.

Como muito bem o sabeis, toda a profissão honrosa é estimada na razão do progresso, mas muito mais o será na razão da bôa reputação que lhe tenham dado os predecessores d'uma familia egual; e essa vertigem que ataca todos os cerebros não será mais do que motivo de escarneo: essa agitação se acalmará, qual rio que com a tempestade sobrepujára por cima de suas margens, e passada ella, torna a correr pacifico recolhido ao seu antigo leito.

Em todo o caso isto não será motivo para queixas e murmurios contra a providencia, porque esta tem os seus designios e de tudo se serve para os cumprir.

E' muito possivel que o desmembramento das classes na gerarchia social, effectuado lentamente pela força das cousas, seja de tempos a tempos preciso para dar nova temperatura aos homens e movimento as idéas? Não será este nosso mundo sublunar inclinado ao vicio da imitação empyrica, e o resultado d'esta não será deixar em perigo os nobres sentimentos e grandes interesses das nações, se grandes renovações não fossem em seu auxilio? Estes problemas só a alta philosophia os pode resolver, e no entanto cumpre-nos submetter o nosso pensamento.

Por isso que, longe de tomarmos parte nos receios dos espiritos que em tudo só querem ver abusos sem que attendam ao bem, julgamos que o futuro não será feliz senão em relação ao adiantamento da instrucção, propagação das luzes, e do tino que se empregar na acquisição dos conhecimentos, e mais que tudo, da moral infundida nos costumes pela educação.

Acreditamos que o mesmo que succede com a sciencia, succederá com a liberdade politica, a qual, depois de haver estonteado muitas cabeças em época de terrivel recordação, pouco a pouco, pelo costume se transformou em regra salutar e indispensavel.

Só as gerações ephemeras soffrem com as mutações e reformas; mas que são estas gerações comparadas a humanidade?

Saudade

Meus fumeiros gemidos
Vão legando á immensidade
Um vasto arcano—a tristeza
Um canto eterno—a saudade!...

CARLOS FERREIRA.

Tenho saudades dos formosos lares
Onde passei minha feliz infancia,
Dos valles de dulcissima fragancia;
Da fresca sombra dos gentis palmares.
Minha plaga querida! Inda me lembro
Quando atravez das névoas do occidente
O sol nos acenava adeus plangente
Nas balsamicas tardes de Setembro;
Lançava-me correndo na avenida
Que a laranjeira enchia de perfumes,
Como escutava tremulos os queixumes
Das auras na lagôa adormecida!
Eu era de meu pae, pobre poeta,
O astro que o porvir lhe illuminava;
De minha mãe, que louca me adorava,
Era na vida a rosa predilecta!...
Mas...
.. que se arabou. A trilha olente
Não mais percorrei d'esses caminhos...
Não mais verei os miseros anjinhos
Que aqueciam na minha a mão algente!
Correi, ó minhas lagrimas sentidas,
Do passado no rôrido sudario;
Bem longe está o cimo do calvario
E já as plantas sinto tão feridas!...
Ai! que seria do mortal afflicto
Que tomba exangue á provação cruenta,
Se no marco da estrada poeirenta
Não devisasse os gosos do infinito?!..
Abrem-me n'alma as dôres da saudade
Um sulco de profundas agonias...
Morreram-me para sempre as alegrias,
Só me resta um conselo... a eternidade!

NARCISA AMALIA.

Louize Michel

Em todas as épocas da existencia do mundo tem apparecido mulheres que se tem celebrisado, já pelo coração, essa particula sensivel do nosso sexo, já pela energia sublime de um caracter austero e muitas vezes revolucionario.

Como tem dito muitos escriptores, desde a nossa primeira mãe, é a mulher sempre o motor da evolução do mundo.

Como negar, se os factos provam exhuberantemente essa asserção?

O nosso sexo reputado geralmente fragil, tem algumas vezes apresentado especimens do contrario.

Louize Michel, por exemplo, que tornou-se revolucionaria para vingar o seu amante!

Quanto ha de sublime no seu procedimento! Que grandeza d'alma! Que exemplo para aquellas de entre nós, que não tem senão um coração para amar e uma alma para soffrer!

Essa infeliz amou, dedicou a sua vida, a sua alma, tudo e afinal, ao culto desse sentimento que só nós podemos dar o unico e verdadeiro valor.

Louize Michel, intentou uma vingança contra aquelles que a feriram no coração, recebeu d'isso um castigo: castigo esse, que sempre póde ser applicado pelo forte contra o fraco. Pois bem, sujeitou-se a elle, reconhecendo sua impotencia perante a força, uma vez que não podia tirar uma desforra digna de si, preferiu soffrer como soffreu aquelle a quem havia dado a sua vida, o seu amôr.

Ah! mas a razão brada alto e clama pela justiça. Louize Michel foi amnistiada. E o que fez essa victima do coração!

Recusou acceitar esse perdão gracioso, para provar aos seus verdugos quanto haviam sido barbaros em roubar-lhe o que ella tinha de mais caro na terra: o seu amôr!

E' esse mais um facto para provar o quanto tem a mulher de sublime em si, e quanta utilidade poderá sobrevir para o mundo, quando nossos paes comprehenderem que devemos receber uma educação mais completa; quando virem claramente provado que devemos ser iniciadas em todos os segredos da vida, para assim deixarmos de ser consideradas como simples escravas, movidas authomaticamente á vontade de barbaros senhores.

O dia de Anno Bom

Apezar de já terem decorrido dezenove seculos, o mysterio augusto que a igreja hoje celebra, ainda nos impressiona e domina, inspirando-nos um sentimento nobre, profundo e religioso. D'este dia começa por assim dizer a grandiosa obra da redempção da humanidade, porque Christo sellou com a primeira effusão do seu sangue, a nova era d'uma religião toda amor, toda doçura, que mais tarde devia erguer-se radiosa, triumphante como um padrão d'esperança para o mundo que ia nascer.

Mas para que possamos comprehender a sublimidade da religião é-nos precisa a fé.

A fé, diz um escriptor, é o raio de luz que se projecta da scentelha do espirito religioso e vae perder-se no seio dessa manhã luminosa, onde se firma o throno do Senhor do céu e da terra.»

Qual peregrino extraviado por senda invia d'árido deserto, extenuado de fome, de tedio e de sede, vendo-se de repente transportado a um Eden de ineffaveis delicias, assim o crente quando ferido pelos dolorosos attritos da vida, com os olhos fitos no céu, abriga-se ao fanal da fé, crisol divino que lhe illumina e retempera a alma, rasgando ao mesmo tempo o tedioso crepusculo dos seus dias de amargura e inconsolado desalento.

Para nós pobres ilotas, condemnadas a tantas dores e humilhações, a quem nada se concede e de quem se exige as mais austeras abnegações, a fé é-nos o mais poderoso auxiliar, o mais firme sustentaculo.

No meio desse cahos monstruoso e incerto de doutrinas contradictorias, de idéas, de affectos e de desenganos que todos os dias nos desfolham uma esperança e nos matam uma crença, deixando-nos tantas vezes vacillantes a beira do fogo profundo da miseria sem horisonte, quantas vezes não nos salva a fé?

Quantas vezes nessas horas tremendas d'angustioso soffrer, não volvemos os olhos em pranto para esse mundo ideal, que a nossa fé religiosa entrevê tão vivo, tão povoado como o mundo real, e não sentimos um balsamo caridoso, qual celestial orvalho refrigerar-nos as dores e dulcificar-nos as lagrimas?

A fé é a scentelha divina que nos accende n'alma o facho da caridade; a sublime virtude que nos ensina a encontrar sempre um perdão para todas as injustiças, uma lagrima unctuosa para todas as dores.

Sem a fé, Maria, a humilde descendente de Judá não seria escolhida para a augusta prerogativa de mãe do mais sublime dos philosophos—o Homem-Deus.

Sem a fé, Clotilde, não teria conseguido na Victoria de Tolbiak, a conversão de Clovis e de todos os seus vassalos.

Sem a fé, Joanna d'Arc, a pobre donzella d'Orleans não seria elevada ao pantheon dos heroes da sua nação, conquistando uma gloria innaccessivel.

«A virtude sem fé, diz Alexandre Herculano, não tem verbo que a explique; é uma linguagem escripta com caracteres hieroglyphicos, que se vêem sem se comprehenderem, em que os eruditos só encontram materia de discussão e de conjecturas.» E nem se leve a mal, que nós as filhas deste seculo de profundo descrer sem educação bem orientada, sem ancora no mar procelloso da vida nos refugiemos aos pés da cruz para nos fortalecer e nos attenuar os impetos das paixões, não com uma devoção oca, vazia de sentimento, mas com a crença firme n'um Deus Omnipotente e Sempiterno.

Se ha cousa que mais nos entristeça, é vermos que a fé vai se amortecendo no espirito das familias christãs.

Quantas mães ha infelizmente que se pejam de apresentar seus filhinhos a Deus, no proprio lar, de fazer-lhes erguer os olhos para o céu, ensinando-lhes a balbuciar as primeiras orações?

E, assim vimos tantas familias completamente absorvidas nos interesses mundanos, devoradas pela avareza ou ambição, pelo orgulho ou pela inveja, sempre insaciaveis em todos os desejos e gosos terrenos, sem um só pensamento, sem uma só esperança que as eleve acima deste mundo!

E' por isso que a corrente devastadora do scepticismo indifferente, do egoismo esterilisador, começa a produzir na vida intima e social, um não sei que de cruelmente desconsolador.

Até no albergue triste, silencioso e esquecido do pobre, que já não derrama lagrimas aos pes da cruz, e nem sente a necessidade de se elevar até Deus, um sensualismo brutal vae substituindo ás crenças piedosas. No seu profundo scepticismo, quando a desventura, ou a miseria lhe bate á porta, elle que já nada espera além desta vida, procura o remedio na embriaguez, a salvação no suicidio. «Quem priva o povo do céu, diz um moralista contemporaneo, deve conceder-lhe a terra. Quando o sacerdocio submetteu a humanidade, deu ao filho da terra que padecia a suave esperança de outro mundo melhor. Vós pharisens compassivos da sociedade livre e da burguezia liberal, que arrancastes do coração do povo a confiança na crença piedosa e não quereis allivial-o do ferreo jugo das vossas machinas—onde está a vossa logica? A logica da historia do mundo é mais forte do que a vossa. Se o céu desapparece cahe o povo justificado em reclamar a terra.»

Grande e inadiavel é pois a nossa missão, pesa sobre nós, uma tremenda responsabilidade; passa a lembrança de ineffavel mysterio d'este dia, fortalecer a nossa coragem, para proseguirmos sem descanço na sagrada tarefa de dirigir as gerações futuras á conquista do bem, restituindo á familia a sua dignidade e importancia social; tendo sempre em vista que quanto mais a intelligencia se distancia de Deus, tanto mais se afasta de sua propria perfeição.

Taubaté.

ANALIA FRANCO.

Acontece com os tolos o mesmo que com as mulheres feias: quanto mais se enfeitam menos agradam.

DELPHINA GAY.

Imprensa

Pharol brilhante de luz, scentelha de viva crença que elevando as inspirações abres vastos horisontes aos destinos da humanidade, sustentando as nações com as sabias doutrinas do dever, és tu, mimosa filha de Gutemberg, que trazendo a civilisação dos povos descortinas a verdade, esse doce bem emanado de Deus.

Rasgando as trevas espessas da negra ignorancia, reputando as idéas atrazadas e erroneas que assaltam o pensamento do homem, registrando factos sublimes que comprovam a grandeza da lucidez de idéas a imprensa caminha sempre na senda do progresso.

O crime se teme d'ella, o vicio se apavora do seu explendor e a fama e

a victoria perpetuará sempre o seu nome glorioso.

Debatendo as falsas theorias o merito elevando, combatendo na arena das discussões tudo faz e sacrifica a prol da causa que defende. Essa grande instituição, obra gigantesca aperfeiçoada pelo homem e mesmo por elle inventada, muito se tem avultado no Panteon da historia antiga e moderna, servindo sempre de norma para a pratica das grandes emprezas.

Em todo mundo estudada, admirada e festejada desde a época mais remota ao seculo das luzes, irradiando sempre os prantos luminosos do pensamento—eil-a caminhando impavida, debatendo com a adversidade, lutando com as torpezas sempre permanente e firme.

Tocada pelos impulsos de sã consciencia, firmando as opiniões bem desenvolvidas, é sempre a imprensa echo da verdade, trazendo aos olhos a innocencia flagellada, calcando a tyrannia, confundindo as miserias da vida publica. Affrontando as mesquinhas paixões que infestam a sociedade mal formada, converge a imprensa nas forças para o desenvolvimento do bem na proporção de educação moral e intellectual do homem.

Debatendo com a surda guerra movida por inveja intencionada, a imprensa envolvida no manto da bandeira que jurava, mede corajosa o perigo deixando sempre se entrever o brilho da estrella que a guia.

Imprensa, rainha do universo, sustentaculo das nações, gloria da patria, vida do progresso, salve, quer relembrando os feitos passados quer prophetisando as glorias futuras.

EMILIANA DE MORAES.

As mães e as filhas

Venho ainda hoje fallar ás mães a respeito das suas filhas.

Creio que é um meio de ser ouvida com attenção. Se as mães são pela maior parte das vezes a causa inconsciente dos males que affligem a educação de seus filhos, não é d'ellas a culpa, que só levam em mira o bem e a felicidade dos queridos fructos das suas entranhas Mas o amor das mães é cego como um instincto, e como tal precisa de ser guiado e dirigido.

Entregues a si, tranviadas pelas noções incompletas que já lhes eivaram de erros funestas a educação que receberam na infancia, ouvindo mais a voz da propria vaidade, que a voz austera da razão, as mães continuam a suppôr que na educação de uma menina se deve attender antes de tudo ás *exterioridades brilhantes*, que farão della a favorita dos salões mundanos, a elegante e afamada de todas as frivolidades sociaes.

Desde a burgueza, que, apenas sae dos desfiladeiros sombrios da miseria, já cuida tão sómente em hombrear com as duquezas que invejam de longe, até á mais aristocrata descendente dos antigos paladinos, todas teem as mesmas noções falsissimas ácerca da educação que suas filhas devem receber. Não estudam os diversos espiritos que se propõem a adornar com as mesmas galassediças; para ellas uma *educação de senhora* não varia. Segue sempre a mesma norma, absurdamente anachronica.

Os filhos são reclamados pela escola, pelo lyceu, pelo instituto, e têem de sugeitar-se ás regras acanhadas e incompletas da educação official; as filhas, debaixo da direcção directa ou indirecta das mães, começam no lar domestico a sua aprendizagem, que é como que a opposição systematica a todos os instinctos poderosos de que a natureza as dotou.

Turbulentas, como é natural que sejam as crianças, aprendem a suffocar a espontanea e salutar actividade dos seus pequenos membros. A primeira obrigação que reconhecem é a de *não fazerem bulha*. Tornam-se taciturnas e sonsas.

O habito de contrariarem incessantemente os impulsos tão naturaes da sua idade, como que lhes abre o caminho para a hypocrisia, o peior e o mais vulgar dos vicios femininos.

Sentindo continuamente pesar-lhes sobre a cabeça uma pressão despotica, de que não podem reconhecer a justiça, aspiram instinctivamente ao livramento, têm surdas revoltas intimas, de que nenhum olhar sonda os segredos. Não se desenvolvem na plena liberdade da natureza, ha nos seus corpos miudinhos um aspecto de enfezamento e de fraqueza, que faz pena.

A vaidade maternal cuida então de as enfeitar; o vestuario das suas pequenas joias torna-se para as mães—para as melhores—um negocio de alta e gravissima importancia. Não ha nada que as satisfaça; os bordados finos, as rendas, as sedas, as plumas, os velludos, tudo se combina para adornar o gracioso e querido anjo. Dois resultados inevitaveis:

A immobilidade a que este luxo condemna as suas victimas pequeninas, e a feroz vaidade de que elle lhes lança n'alma a primeira semente, que mais tarde ha de desatar-se em venenosos fructos. A pequena assim vestida julga-se forçosamente de uma essencia superior ás que não podem competir com ella em opulencia; de um lado levanta-se o orgulho, de outro lado rasteja a inveja. O gosto de ser contemplada, admirada, de excitar emulações raivosas. de ser apontada como um modelo de elegancia infantil, accende no espirito da creança a funesta luz, que mais tarde ha de alluniar os erros da mulher.

Quando sôa emfim a hora em que o espirito exige a sua indispensavel cultura, o mesmo systema que até ali dominou na educação da pequenina, continúa a fazer sentir a sua corruptora influencia, - «Quero que a minha filha se não possa envergonhar de apparecer ao pé das mais ricas!»—diz a mãe enfatuada na sua funesta vaidade. Chamam-se os professores de dansa, de musica, de linguas, de desenho, ou conduz-se a menina ao collegio mais afamado em prendas d'este genero.

Algumas mães exigem tambem que as filhas aprendam a *bordar* a lã, a *bordar* a ouro, a *bordar* sobre escomilha, a fazer *crochet*, flôres, pequenos trabalhos de agulha, proprios para ornamentação de um quarto de pensionista ingenua. Outras, mais dadas á sciencia, querem uns elementos de geographia, alguma historia sagrada e profana, uma leve tintura de arithemetica.

Por cima de tudo isto, um pó dourado de devoção elegante, ministrada pelo director das consciencias do *high-life*. Não se admitte de modo nenhum que um velho sacerdote, obscuro e despretencioso, cujos sermões não tenham fama, cujas predicas não sejam ouvidas entre os suspiros e lagrimas pelas devotas da aristocracia, inicie a pequena neophyta nos mysterios subtis da doutrina catholica.

E' indispensavel um padre galante, perfumado, estrangeiro, que tome o ensino da religião alguma cousa de artistico e de adocicado como elle. *Saber bem doutrina* constitue um dos deveres de uma educação primorosa, e no entanto, a filha que aprendeu, a mãe que a mandou ensinar, ignoram todos os deveres a que esta sciencia, a ser bem comprehendida, as obrigaria. Sabem doutrina como sabem grammatica, quer dizer repetem de cór umas certas e determinadas re-

gras de que não percebem a applicação pratica.

Aos quinze annos, a menina preparada por estes elementos, tem a sua educação completa. Quer seja filha de um duque, quer seja filha de um fabricante, quer o seu destino a reserve para receber n'uma sala faustosa os personagens da politica e da diplomacia, para fazer parte da côrte, para conviver n'um pé de intimidade com todos os grandes, e com os opulentos; quer ella tenha de partilhar as luctas obscuras de um modesto empregado, de um industrial de poucos haveres, de um artista desprotegido, é a mesma a sua educação moral, physica e intellectual. Está do mesmo modo preparada para as luctas e para os combates da vida; tem a mesma força nos musculos, tem as mesmas faculdades no espirito, tem as mesmas noções na consciencia.

A burgueza ou a fidalga, com tanto que tenham dinheiro, têem os mesmos direitos as mesmas aspirações, ambicionam para suas filhas o mesmo lugar na sociedade. Mas o que deve confessar-se, uma vez por todas, é que esta educação, toda vaidade, toda orgulho frivolo, toda inutil ostentação, convém tão pouco á filha da aristocracia e da opulencia, como á filha da burguezia e da mediocridade. Uma collocada nos altos pincaros sociaes, precisa de ter juizo recto e segaro para conhecer os homens, a graça ondeante e fria para os attrahir, o conhecimento profundo dos seus interesses e paixões, para os conciliar entre si, precisa de fallar a cada um a linguagem mais propria para o convencer e dominar, precisa de ser, junto de seu marido, um auxiliar proficuo com que elle conte, uma intima e fiel alliada, que o ajude a conservar dignamente a posição que herdou dos seus avós ou que conquistou com o braço e com o pensamento.

A outra, n'uma esphera que é inferior á da primeira, segundo o ponto de vista social, mas que de feito lhe é superior, porque inclue mais altos e mais complexos deveres a outra precisa de descer com seu marido á arena onde combatiam os modernos trabalhadores, precisa de lhe ser em tudo e por tudo ajuda, guia e conselho, precisa de acceitar para si terriveis responsabilidades, para as quaes nenhuma lição a preparou!

Dir-me hão que o nivelamento democratico das modernas sociedades dá a todos os mesmos direitos, porque dá a todos os mesmos deveres; que a mãe opulenta e nobre que cria suas filhas nos fôfos ocios da riqueza não sabe se em breve terá de vel-as curvadas ao peso da maxima miseria, assim como a mulher de um humilde empregado não sabe se verá sua filha ascender a uma prospera e brilhante posição elevada por um d'esses casamentos que vulgares, como d'antes eram raros.

D'accordo, meus senhores; mas essa hypothese em cousa alguma destróe a minha asserção, pois o que eu disse e repito é que a educação feminina, tal como hoje a entendem, para nenhuma classe da sociedade, para nenhuma posição brilhante ou precaria é util ou conveniente.

***

Que desenvolvimento moral, physico ou intellectual, póde adquirir-se, partindo de tão errados principios?

A que fim se aspira, que fim se attinge, alcançando uma educação que tem por unica base a vaidade? Pois a mulher, que levou annos e annos da sua vida a adquerir conhecimentos inuteis, está porventura armada para resistir ás tentações, ás adversidades, ás miserias, aos combates da vida? Imagine-se, em contraposição a esta falsa cultura, que os burguezes embevecidos em comico enthusiasmo chamam *uma educação muito fina*, imagine-se que as mães, juntando-se n'uma piedosa cruzada, conseguiam crear uma instituição moderna, onde suas filhas recebessem a educação que hoje lhes poderia servir, para se tornarem uteis na sociedade e na familia.

Quantas vezes não tenho eu acariciado em sonhos a idéa dessa escola modelo, onde a creança aprendesse a ser mulher, onde a mulher aprendesse a ser mãe.! onde uma direcção harmonica e intelligente presidisse ao desenvolvimento do espirito, sem despresar o desenvolvimento não menos sagrado do corpo; onde a moral caminhasse a par da sciencia, onde a primeira noção que o entendimento feminino recebesse fosse esta: «todo o trabalho nobilita e exalta a quem o executa com a consciencia de cumprir um dever!»

Eu não quizera por certo prescrever da educação da mulher as graças, que são para ella o que o perfume é para a flôr. Não queria vêr o mundo convertido n'um viveiro de *pedantes*, enfrouhados em sciencia e tornando anthipathica a virtude, á força de lhe darem ares dogmaticos. Se a leitora suppõe de mim tal abominação, é que eu bem pouco tenho conseguido revelar-me aos seus olhos. O meu intento é outro: permitta-me que lh'o torne aqui bem palpavel. V. Exc., minha senhora, tem uma filha, um pequenino anjo, louro e risonho, que é neste mundo o seu enlevo, como que um bocadinho do ceu azul, que lhe cahiu no seio n'um dia abençoado. Tome o meu conselho: não siga na educação do seu pequeno amor o systema que sua mãe seguia comsigo, que as suas amigas seguem com as filhas que têem.

Córte de uma vez este fatal nó gordio da tradição, do costume, da rotina, que faz morrer em flôr tantas innovações beneficas. Tenha a coragem das suas opiniões; inutilise esse formoso e rico enxoval que umas modistas banaes inventaram por ordem sua, deite fóra essas sedas, essas rendas, esses instrumentos de perdição para a alma pequenina que Deus lhe confiou. Vista sua filha simplesmente, com um aceio gracioso e poetico, que revele os seus disvelos de mãe, mas que não denuncie as suas vaidades de rica.

Bem vê que livre de todo aquelle fausto que a incommodava, como um laço de fita incommoda uma ave, a sua doce pequenina se sente mais livre e mais contente.

Eu bem sei que ainda ha pouco uma amiga sua, passando por ella, a mediu dos pés á cabeça, muito espantada e um pouco desdenhosa, perguntando a si mesma se V. Exa. já não era tão rica como ella julgou; mas em compensação d'esta pequena ferida do seu amor proprio, houve uma creança pobre, que, ao parar junto de sua filhinha, ousou estender a bocca de rosas, e beijal-a com um doce e fraterno beijo, como os anjos se dão entre si, e para os quaes Deus, do alto da sua gloria, teve sempre um sorriso bom! Que importam os desdens dos parvos e dos mediocres nos que não teem as invejas dos miseraveis a pezarem-lhe na cabeça como uma eterna maldição? Quando a sua filha passa com o seu vestidinho branco, muito simples e muito aceiado, as mães pobres sorriem-se com amor por dois motivos, ambos santos: porque ella não humilha ninguem, e deixa uma esmola de pão e um rasto de luz no seu caminho de anjo inconsciente. Oh! como são doces ao coração das mães as bençãos que se desfiam, como um rosario de perolas, sobre a cabeça loura de seus filhos!

***

Quando a intelligencia, já viva e

luminosa, da sua filha lhe pedir cultivo, como as flôres pedem agua, não a force a um trabalho pesado e tenaz, nem tão pouco lhe dê da vida uma idéa tão frivola, que ella só aprenda o que é superfluo para não dizer inutil. Abra-lhe com a sua mão maternal, tão delicada e tão subtil, o vasto livro da natureza, e deixe que ella, enlevada e curiosa, o folheie cheia de amor e de fé. Toda a sciencia se encerra nisto, minha senhora. Faça-a penetrar na alma, de todas as cousas para que a vida se não conserve aos seus olhos inanimada e esteril. Em vez de lhe ensinar a doutrina morta que vem nos livros, leve-a brandamente por um declive suave a comprehender o espirito d'essa lei, que é feita de tanto amor!

Conte-lhe as miserias occultas que ha neste mundo, ensine-a, ao antes, deixe que ella advinhe como essas miserias se consolam pela esmola do pão e pela esmola do carinho, e, quando ella voltar do albergue da desgraça, ao seu lado, calada, pensativa, com os olhos humidos cravados nas nuvens alaranjadas do poente, pergunte-lhe então baixinho, com a sua voz de mãe, a unica que nunca perturba nem afugenta os sonhos de uma virgem:—Comprehendes agora as palavras do Christo? *Ama a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a ti mesmo?* Só este vivo commentario das lições do Justo póde fazer com que ellas dêem abençoados fructos! Em vez de lhe occultar os mil subterfugios com que a maldade humana tenta avassallar e corromper a innocencia, innocule-lhe, lentamente, com a sua palavra serena e firme, a força necessaria para vencer e dominar as astucias criminosas e traiçoeiras. Faça-lhe sentir, com a lição e com o exemplo, que a mulher tem quasi sempre em si o seu peior inimigo, e que este inimigo, que toma todas as fórmas imaginaveis, é sempre no fundo o mesmo: o orgulho.

Que ella comprehenda bem que o dominio que a mulher exerce pela sua bondade, nobilita aquelle que se lhe submette, emquanto que o despotismo, que tem como origem a belleza e a graça artificial das seducções, rebaixa o homem que o acceita e a mulher que o põe em acção. Nas cousas triviaes da vida pratica prepare-a para todas as eventualidades. Que se não ache deslocada n'um throno, nem atraz d'um balcão. Eis o ideal. Ha uma dignidade que está comnosco, que participa da nossa propria essencia, que provêm da noção elevada que nós temos dos nossos direitos e dos nossos deveres, e que é portanto independente de qualquer circumstancia exterior. E' esta dignidade que uma educação justa e forte deve dar á mulher, e que em todas as peripecias da vida, por mais desusadas e estranhas, a deve acompanhar. Ter bastante humildade para exercer sem repugnancia os trabalhos menos delicados, e bastante superioridade para comprehender a idéa do dever que os exalta e sobredoira; vêr na vida, primeiramente as obrigações, depois as distracções, eis aquillo que todas as mães devem ensinar ás suas filhas.

No dia em que todas o souberem, teremos então, em vez das creanças fracas e inuteis, que o homem ora protege, ora escravisa, segundo o impulso das suas ephemeras paixões, uns seres pensantes, conscios da sua força, sem ambições desregradas de um poder que lhes não deve pertencer, sem a hypocrita humildade, que faz de cada mulher uma victima pouco sympatica.

As salas terão menos estatuetas de *biscuit*, a maneiradas e ridiculas, mas a familia terá mais elementos de vida e duração; os pianos deixarão de suspirar em noites de luar as suas sentimentaes confidencias, mas a verdadeira comprehensão da arte, da religião, da poesia, penetrará como por encanto nos entendimentos femininos.

Teremos emfim ao lado do batalhador das modernas lides uma companheira, não só digna d'elle, porem capaz de o levantar a um nivel que elle ainda, desacompanhado e desprotegido, não poude desgraçadamente attingir.

Maria A. Vaz de Carvalho.

O amor é como a fé nos milagres: trabalho da imaginação para excitar o coração e paralysar o raciocinio.

G. Sand.

O sol

E' sabido que para se manter a vida se necessita de um certo grão de luz e calor e que esses dois poderosos agentes nos veem do sol. Ao passo que o planeta Vulcano (se Lescarbault e outros se não enganam), pela sua aproximação do pae luminoso deve ter uma temperatura escaldante, impossivel de desenvolver qualquer germen da vida, Neptuno, que occupa os confins do systema planetario, segundo Le Verrier, a uma distancia de 1 billião e 52 milhões de leguas do sol, tendo por isso 900 vezes menos calor e luz do que nós, deve conservar uma temperatura tão baixa que os seus habitantes, se ainda existem, estão a esta hora luctando com as difficuldades afflictivas que esmagarão os habitantes do nosso planeta d'aqui a 160 billiões de annos, visto ser este o tempo que os homens de sciencia teem calculado necessario para se extinguir a enorme spheroide de materia em fusão, que se chama sol e que, segundo varias opiniões, deve ter 8 milhões de gráos d'esse vivificante calor, imprescendivel para nós na distancia de 30 milhões e 700 mil leguas a que estamos d'elle.

Attendendo ás indicações de Laplace, o esfriamento do sol póde ser 1º em 2.000 annos ou 1 grão em 20.000 annos. Estaremos, por conseguinte, d'aqui a 1 billião e 600 milhões de seculos envoltos n'uma treva perpetua, sem a esperança acariciadora de tornar a vêr o precioso astro que põe nos seus raios o equilibrio da existencia humana; isto se Deus, como affirma Luthero, não quizer saber das cousas da terra e não frustar os calculos dos astronomos.

Os geometros Poisson e Faurier, nas suas hypotheses elevam a 3 quatrilhões e 200 trilhões o numero de annos precisos para a total extincção do astro rei. Este famoso numero, se nos tranquillisa, não nos dá em compensação nenhuma especie de alegria.

Assim, a minha amavel leitora, sabendo agora que nem o calor do sol, com uma intensidade de 8 milhões de gráos, resiste á acção do tempo, como poderá d'ora avante ter fé consoladora na perpetuidade, embora mil vezes jurada, das chammas relativamente tenuissimas de um coração?

Era pois melhor que estes sabios não fizessem taes descobertas. Antes privar a sciencia de um progresso, que arrancar a V. Exa., minha bondosa leitora, uma illusão que a fazia feliz.

Eliza Cadour.

A ignorancia é um rocinante que tropeça a cada passo, pondo em risco de vida a quem o monta e pondo em ridiculo a quem o conduz.

Cervantes.

O filho da tristeza

VERSÃO DO HESPANHOL

Ao lado de um buliçoso rio, estava sentada a Tristeza, silenciosa e muito occupada, trabalhando em formar uma estatua de barro.

Que estás fazendo ahi, pensativa mulher? lhe perguntou Jupiter.

— Uma imagem, respondeu ella, porem, só tu senhor, lhe poderás dar a vitalidade.

— Em bôa hora m'o pedes; que viva para mim, exclamou o pae dos deuses.

— Oh! não! não, interrompeu a deusa, deixa m'o.

Então chegou a Terra e disse:

— Este menino me pertence por que sahiu do meu seio.

— Espera, replicou Jupiter, ahi chega quem decidirá.

Quem chegava era Saturno que fallou assim:

— Será para todos os outros, assim o quer o destino. Jupiter, tu que lhe déste a vida, levarás sua alma depois da sua morte: tu oh! Terra, terás seu corpo, não podes pedir mais, e tu Tristeza, que és sua mãe, o possuirás enquanto lhe durar a existencia; sempre estarás com elle e seus padecimentos se prolongarão até o sepulchro.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

A Madrugada

A noite cerrou o seu cortinado e foi repousar tranquilla.

Vem surgindo a manhã: o céo colora-se de nuvens auri-rosadas, que se reflectem nas aguas silenciosas de encantado riacho.

Espreguiçam-se nos galhos das arvores os travessos passarinhos que acabam de deixar os quentes ninhos para irem além buscar subsistencia para a querida prole.

O jasmineiro move vagarosamente os ramos, tapisando o chão de odorosas e brancas pétalas.

A natureza parece sorrir.

No calix das flores brilham as alvinentes gottas de orvalho que durante a noite mão ignota ali foi depositar.

Suave e delicioso perfume espalha-se nos ares.

Começam as aves a ensaiar melodiosos cantos para o concerto que devem effectuar durante o dia.

Abrem-se as portas da casa do operario e elle apparece saudando tambem á aurora, essa maravilha do Creador.

O gallo, batendo as azas, salta do poleiro e vem arrastando a aza as companheiras que o seguem satisfeitas.

O lavrador, de enxada ao hombro, vae em busca do trabalho cantarolando uma canção popular.

Tudo é bello, tudo é grandioso como o Omnipotente!

MARIETTA.

Ha tres grãos do pensamento: a fé, a philosophia e o scepticismo. Para cada um delles, existe a mesma virtude—a tolerancia.

DUQUE DE LEVIS.

O presbyterio

Aquella casinha branca
Sem lavores, sem moldura,
E' o presbyterio d'aldeia
Onde mora o velho cura.

Pelas janellas sem vidros
Cresce rosea trepadeira,
Na frente ha banco de pedra
A' sombra de uma palmeira.

Tem uma sébe de rosas,
Tapando a vista exterior,
Os canteiros onde medram
Alguns craveiros em flôr.

Entre os verdores da horta,
Pequenina e cultivada,
Um veio d'agua rebenta
Sob a relva avelludada.

A' tarde o bondoso velho
Sob a palmeira a scismar,
Contempla a infancia ruidosa
Pelos campos a brincar...

E quantas vezes a saudade
Pungente feril-o vem,
Do tempo em que era creança
E assim brincava tambem...

MARIA ZALINA ROLIM.

A Esperança

A Esperança, dizia um grande pensador, é a ultima flôr que morre no jardim da vida.

Ella é semelhante á virgem santa que, sahindo do seu nicho, vem desprendendo dos coralinos labios os benevolos sorrisos para a pobre humanidade e sobretudo para os desgraçados que o destino cruel deste mundo atiron ao lodaçal da miseria.

E' como o nosso coração, que, uma vez deixando de pulsar, nos faz cahir como que fulminados.

E n qualquer afflicção que estejamos, ainda mesmo immersos na dôr mais profunda da qual sentimos dilacerar-nos o coração, é ella a unica que, surgindo como por encanto, vem derramar sobre a nossa um pallido raio de consolação.

Quando sentimos a grata saudade de uma ausencia que nos é cara, qual é o lenitivo que achamos para a nossa dôr?

E' ella a amiga sincera e leal á quem confiamos todos os nossos segredos que ella guarda no cofre abençoado de uma sinceridade.

Ella, é o horizonte côr de rosa que esparge a cada momento seus luminosos raios no caminho tortuoso do mundo que trabalhamos.

E' a florinha mimosa que sempre germina por entre as lagrimas dos infelizes.

E' o nosso anjo tutelar que divaga no espaço, tendo por viso:—Consolar os afflictos.

Ai de nós, pobre humanidade, se sempre não fossemos embalados na sua rede de chimeras e adormecidos pelos seus divinos cantos?

Seria então a nossa vida cruel, estupida e até impossivel!

A esperança é como a brisa perfumada que passa nos refrigerando a mente incandescida pelas lides deste mundo.

Sendo ella, pois, a deusa de bondade, a flôr de onde emanara tantas felicidades para nós, devemos erigir-lhe um templo, tendo por pedestal—a Amisade como symbolo da nossa gratidão eterna.

ARGENTINA LIMA.

A molestia é uma grande luz: conserva o espirito accessivel e o coração docil para acceitar a verdade

A educação dos povos

A educação livre, sem distincção de classes, fóra de todos esses preconceitos prejudiciaes ás nações cultas, attesta firmemente o adiantamento moral e social dos povos; para ella devemos caminhar resolutas, buscal-a com ardor e perseverança para que possa saturar de luz o estreito ambito em que vivem os filhos do povo.

Façamol-a popular, vasta, para que induza aos membros de que se compõem as mais obscuras escalas sociaes, a abraçarem os bons instinctos, os industriosos commettimentos, por meio de conhecimentos uteis e proveitosos á patria e a si.

Do aperfeiçoamento intellectual da humanidade, nasce o brilhante clarão das noções do bem, do grandioso e sublime, a mostrar ás gerações que despontam a marcha que conduz a um futuro luminoso.

O homem educado rara vez deixa de seguir o caminho recto e conscienciosa da probidade e do saber, para deixar-se arrastar ao abysmo do vicio ou do crime.

Assim é que um ensino imposto, obrigatorio, poderá ser encarado como uma das principaes bases a sustentar uma nação civilisada e florescente, onde os direitos livres, a união, a fraternidade, imperem trazendo um commum accordo aos filhos do paiz.

REVOCATA DE MELLO.

NOVIDADES

Recemos acompanhando a importancia de uma assignatura para *A Familia*, um cartão do Revmo. Sr. Arcypreste Dr. João Jacintho Gonçalves de Andrade, que em termos brilhantes e animadores, saudava a redacção d'*A Familia*, na pessoa de sua redactora.

A tão respeitavel cavalheiro, apresentamos os nossos sinceros agradecimentos.

Temos tido a honra de sermos contemplada com a permutta dos seguintes collegas:

A Provincia de S. Paulo, Diario Mercantil, Correio Paulistano, Federalista, Gazeta do Povo, Diario Popular, Diario de Noticias, Platéa, Imprensa Evangelica, Grito do Povo, Diario do Commercio, Mequetrefe, Gazeta de Campinas, Correio de Santos, Diario da Tarde, Gazeta da Tarde, da Bahia, *Correio Portuguez, Monitor Campista, Gazeta Luzitana, Noticiarista, Las Noticias Illustradas*, de Buenos-Ayres, *Diario de Sorocaba, Gazeta de Botucatú, Seculo, Gazetinha, Norte de S. Paulo, Gazeta da Bocaina, Echo Municipal, Tymburibi, Rezendense, Gazeta de Rezende, Leopoldinense, Irradiação, A Verdade, Tribuna do Norte, Jahuense, Gazeta de Valença, Gazeta de Mogy-mirim, Correio Amparense, Gazeta do Amparo, Descalvadense, Campos Elysios, Treze de Maio, Diario de Belém e Tribuna Liberal.*

A todos os illustres collegas, os nossos agradecimentos.

RECEITAS DOMESTICAS

Preparam-se *sachets* de alfazema pela seguinte receita: Pó de flores de alfazema 50 grammas, benjoin em pó 12 grammas, essencia de alfazema 1 gramma. Misture-se bem e encha-se saquinhos, ou pastas de cambraias ou de seda que se collocam entre as peças de roupa.

O *vinagre rosado* de toucador é uma perfumaria que se usa diariamente para o rosto e mãos; prepara-se por este modo: Em um litro de vinagre branco de vinho deixem-se macerar, por oito dias, petalas seccas de rosas vermelhas, passado este tempo, filtrem-se.

Faz-se um *vinagre rosado*, aromatisando o vinagre branco com essencia de rosas, mas esse processo dá vinagre muito inferior ao que se obtém pela maceração.

Espargos á italiana é um prato que póde figurar, com honra para o amphytrião, no *menu* de qualquer banquete. Prepara-se por este modo: Cosinhem-se os espargos em agua e sal, depois de tel-os raspado ligeiramente, e quando estiverem cosidos, colloquem-se em um prato de metal, de modo que todas as pontas convirjam em circulo. Feito isto, polvilhem-se os espargos com queijo parmesão ralado e untem-se com manteiga derretida, para irem no mesmo prato ao forno.

SECÇÃO ALEGRE

Bébé contempla, enthusiasmado, um regimento que passa, levando a competente banda de musica na frente.

—Ai! como é bonito!... exclama Bébé, batendo as palmas. Mas dize-me, mamãe, para que servem os militares que não tocam musica?

O

E' então verdade, meu filho, que me amas mais do que tudo no mudo?

—Oh! sim, querida mamã, adoro-te, sobretudo pela certeza que tenho de que não serás nunca minha madrasta?...

O

— Que diabo, José! Sempre que entro em casa encontro-te a dormir!

—Oh! meu senhor! é que eu não posso estar sem fazer alguma cousa!

O

Uma viuva bastante feia, vae consultar o medico de casa, homem solteiro e um tanto rude.

—Não é nada, minha senhora, não é nada; case-se e ficará boa.

—Ah! com o doutor, immediatamente!

—Minha senhora, o medico receita o remedio, mas nunca o toma.

TYP. UNIÃO— S. PAULO

ANNO I — S. Paulo, 12 de Janeiro de 1889. — NUM. 7

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO — Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

REDACTORA
Josephina Alvares de Azevedo.

COLLABORADORAS
Doutora Isabel de Mattos Dillon,
Professora Analia Franco,
Maria Zalina Rolim,
Adelia Barros,
Felicidade de Macedo.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, Typ. União, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 12 DE JANEIRO DE 1889.

O Brazil, organisado sob o influxo de constituições liberaes, e cercado de todos os elementos naturaes para o tornarem uma verdadeira nação, atravessa neste momento uma das phases mais importantes do seu desenvolvimento.

Porém a base principal do verdadeiro progresso é a educação, e só se poderá realisar esse enorme passo de tão sublime revolução, com a educação da mulher. Quereis ver o Brazil, em pouco tempo collocar-se ao lado das nações mais civilisadas do mundo ? Educae a mulher. Quereis viver uma vida de prazer e de encantos ? Educae a mulher e vereis as vossas idéas realisare-se, bem como tereis a vossa casa, transformada n'um verdadeiro eden.

Quereis rebaixar a mulher, diz Monsenhor Landriot, convertendo-a n'um simples instrumento de casa, condemnando-a á vigilancia da sua cosinha ?... Isto não é esquecer o que a mulher póde ter de grande, de nobre na intelligencia e no coração ? Não é calcar aos pés todos os germens intellectuaes, que se acham no espirito das mulheres e que, afinal de contas, embora differentes, nem por isso deviam de valer tanto como aquelles de que os homens se vangloriam?»

E' de urgente necessidade o educar-se a mulher, afim de que ella possa compenetrar-se da sua missão, como filha, mãe e esposa.

Ouçamos a voz autorisada do venerando padre Fleury :

«Quem disser que as mulheres não tem capacidade para todos os estudos, revela que julga sua alma diversa da do homem, e como se ellas não tivessem uma razão a dirigir, uma vontade a regrar e paixões a combater, ou se lhes fosse mais facil, do que aos homens, satisfazer todos esses deveres sem nenhuma instrucção.»

E' necessario que se nos applique uma educação solida e variada, afim de podermos com a força de vontade de que somos dotadas, concorrermos com o nosso contingente para o engrandecimento da patria e por consequencia da familia.

Aimé Martin, diz :

«Mesmo nos focos da civilisação, as mulheres são por ventura o que devem ser ? A sua educação não testemunha até hoje, a nossa ingratidão e o nosso descuido ?»

Vejamos o modo porque somos educadas e veremos com tristeza, quão defficiente é a instrucção que nos ministram.

Ensinam-nos a considerar a belleza como um dos principaes ornamentos da vida, e assim obscurecem-nos a razão com mil fatuidades, com mil defeitos !

A mulher de hoje, deve considerar como objecto de primeira necessidade, a leitura ; deve procurar entreter o seu espirito em Aimé Martin, Monsenhor Landriot, Fenélon ; só assim o seu espirito se esclarecerá, e então conhecerá a verdade, e se tornará uma bôa mãe de familia.

A missão que tomamos sobre nossos hombros, é mais que ardua, é espinhosa. Muitas senhoras temos encontrado, que nos dizem ser o jornal de modas, o verdadeiro jornal da familia !...

N'essas occasiões, (confessamos) temos vergonha de sermos mulher !...

Não enfraqueceremos comtudo, e iremos demonstrando sempre á luz da sciencia, que a mulher ignorante não póde ser feliz, não deve existir !

Diz Monsenhor Landriot :

«Ditosa a mulher que conserva ainda algumas nobres idéas, no meio

da invasão das cousas materiaes, e cujo coração permanece elevado sobre as plagas monotonas e baixas da vida !»

Prosigamos ! A nossa missão é sublime !

Mães e mestras

CAPITULO II

Condição e educação da mulher

Não será preciso um grande estudo para nos convencermos qual a sorte da mulher em geral e que a condição que lhe foi designada nunca esteve em relação com a consideração de seu destino com a intelligencia de que a natureza as dotou, nem com o valor de que tão diversas provas ellas teem dado.

No tempo dos patriarchas, tão sem razão chamado *idade d'ouro*, o marido repudiava sua esposa por mera phantasia. No Egypto e na India, ella era humilde companheira, obrigada ás vontades do homem, constrangida nas classes superiores a sacrificar-se no sarcophago do marido. Entre os barbaros, as suas faculdades moraes eram negadas ou desprezadas e degradavam-se pelo effeito de vergonhosa escravidão.

Na Grecia, o seu estado mixto participava da mulher do Oriente e da civilisada ; se a procuravam pela belleza, respeitavam-na como mãe, e estimavam-na como cidadã. Em todo o caso a sua dependencia era ainda muito grande; se uma mulher enviuvava, vinha a ficar sob a tutella de seu filho ; a sua assignatura não tinha valimento algum em juizo, sem que fosse legalmente reconhecida pelos seus tutores.

As mulheres romanas tinham a mesma vida e tutella que as gregas; quanto aos maridos, esses tinham direito de vida e de morte sobre seus filhos Confiavam quasi sempre aos seus escravos o cuidado de castigar-lhes as esposas, e tanto assim era que o eunuco de Justiniano atreveu-se a ameaçar a propria imperatriz.

Na idade media, mais despresivel era ainda a posição das mulheres, e tanto dó mereciam que pareceu effeito do Altissimo a instituição da Cavallaria Andante para amparo das viuvas e dos orphãos opprimidos.

O christianismo, porem, insinuando sentimentos suaves e benevolos em favor da fraqueza, e o espirito de caridade universal, abriu ás mulheres uma época inteiramente nova. Graças ao principio de justiça que elle sempre procurou desenvolver nos corações, foi estabelecido entre os dois sexos um equilibrio egual e deu-se como que uma transformação geral na sociedade.

A mulher por seu estimulo para as admiraveis regiões da intelligencia subiu aos olhos de todos e alcançou um certo grão de superioridade pela pureza dos seus habitos e enlevo de suas convicções religiosas.

«O culto que ella com tanto desvelo defendia, amparava a sua fraqueza ; por elle se havia estabelecido um novo circulo de idéas e de instituições novas. Uma outra ordem social via a mulher diante de si. Se vivia pelo seculo, uma lei sagrada a unia ao esposo que lhe devia ter amisade e attenciosa protecção. Se consagrava-se aos altares só de Deus dependia.»

Com o augmento da civilisação, as leis foram melhorando a sorte da mulher. Mas será completa esta melhora ? Muito embora não queiramos seguir os passos d'esses aventureiros, seja-nos permitido pensar que a mulher ainda na sociedade não occupa o posto que as regras da equidade lhe marcam. E' nossa opinião neste ponto partilhada, e talvez excedida por mais de um escriptor imparcial e erudito.

D'ella se póde julgar por esta simples exposição extrahida da obra bem vulgarisada de Mr. Segur :

«Chamadas apenas a regular os interesses de sua propria familia, trazendo bens que não governam, dando-nos filhos que não dependem d'ellas, tal é a sua sorte. Não temos dizel-o : a sua existencia assemelha-se como a de uma *classe conquistada*, que só deve esperar melhora de situação se para isso empregar meios artificiosos que agradem a seus dominadores, para suavisar a injustiça de sua usurpação e o rigor dos seus caprichos.»

Agora perguntamos nós : não será a esta falsa situação que se deve attribuir o vicio da educação das mulheres, vicio que não é tão difficil remediar se não porque o estado da sociedade actual nega todos os principios que devem formar a base da mesma ? Perguntaremos tambem se esse espirito de ardil, astucia e fingimento, essa exagerada fraqueza e inclinação para cousas frivolas, e essa pueril vaidade que em geral se censura nas mulheres, não serão provalidades d'uma natureza desgarrada sem principio nem fim ? Se a mulher uma vez restituida á sua dignidade, envestida nos direitos á sua propria estima, bem como ao respeito e consideração dos homens, não seria isto um motivo bastante sensivel para melhoramento da sociedade, e não deveria ser esta a tendencia moral ou a prova da civilisação de nossa época?

Finalmente, quando se vê a morosidade com que a verdade se insinúa atravez das idades, com que demora chega o direito a conseguir justiça, não nos podemos admirar de que até hoje a educação da mulher, seja um trabalho imperfeito. Que esta questão interessa por todos os lados a organisação social, que depende de milhares de paixões, de milhares de interesses, de muitas preoccupações, n'uma palavra, que se não pode reformar senão parcialmente por uma irresistivel força de circumstancias e do tempo, isso de ha muito o sabemos ; é por isso que nos devemos conformar com o que existe, e não gritarmos contra o mal mas sim procurarmos remedios urgentes, sollicitar o auxilio de verdadeiros profissionaes e entregarmos o mais á Providencia Divina que sempre auxilia a quem trabalha com vontade.

Apezar de tantos embaraços criados unicamente para nos fazer recuar, ou pelo menos sustar a marcha de nossos direitos, responderemos áquelles que nos perguntarem em tom de mofa : «Quereis a mulher livre?» (Espantalho de que se servem para nos fazerem calar) a despeito de egoismos satisfeitos, seguros sustentaculos do *statu quo* universal, seguirá seu curso a razão das cousas e a sublime causa das mulheres ganhará necessariamente consistencia, provando-se até a evidencia que com mais firmeza e esclarecimento moral, mais vigor na instrucção, ellas farão melhores mestras para seus filhos, companheiros mais seguros e instrumentos universaes de ventura.

Homens, que vos haveis constituido arbitros do destino das mulheres, bem pouco conheceis os vossos interesses, quando pretendeis provar que a sorte actual da mulher é convincente, e que ella não tem razão de se queixar ! Querendo imitar a Sabedoria Divina atrevei vos a dizer : «O que tenho feito está bem feito.» e no entanto cada dia que se passa é um formal desmentido para vós ; porque ao passo que as luzes se derramam, se desenvolve o senso moral, novos costumes e habitos trazem ou-

tras necessidades, as leis se modificam e se supprimem.

Qual a razão porque no meio d'esta geral mudança, a casa santa de vossas mães, esposas e filhas, vos é tão indifferente? Pois não será de vós que deve partir esse nobre e poderoso impulso, que póde melhorar a condição d'aquellas a quem vos encarregastes de proteger? Acreditaes que collocando n'uma das conchas da grande balança, força, poder e liberdade; e na outra, fraqueza, submissão e abatimento, semelhante desigualdade falsifica as consciencias? Julgaes que sois justos? Não, sem duvida. Em vós está pois o principio da nossa moralidade; é a vós por tanto a quem cabe dar-nos vida e fórma.

(Continúa.)

O amor é uma cousa de que involuntariamente se gosta; uma enfermidade d'alma que, quando a sentimos, todos os recursos do raciocinio são empotentes para cural-a.

G. Sand.

O nosso indifferentismo

As nações progridem ao influxo das idéas beneficas, e se ha pessoas que tenham direito á nossa sympathia, e á gratidão publica, são aquellas que empregam todos os seus esforços no intuito de propagar o progresso e desenvolvimento das luzes, e de tudo quanto póde contribuir para o bem estar da sociedade. Uma das feições caracteristicas do nosso seculo utilitario e positivo, é um excesso de prudencia e desconfiança que nos vae apagando nos gelos da indifferença a sagrada chamma do enthusiasmo. As grandes virtudes, as grandes qualidades intellectuaes, as bellas acções já não nos commovem tão facilmente. Tirando de parte excepções brilhantes, que estamos longe de dissimular, na nossa habitual e esterilisadora indifferença não encontramos esforços ou dedicações que valham, nem idéas que sirvam, nada emfim é sufficiente estimulo para arrancar-nos da inercia moral, especie de doença insidiosa que as mais das vezes acolhemos com um riso sceptico, que é o cunho caracteristico do nosso gelido egoismo, a quasi todos os propugnadores do bem, a todos que se occupam seriamente das questões do progresso e civilisação do povo.

Quantas idéas nobres e grandiosas, que brilham apenas alguns instantes com fugitivos clarões, e estiolam ou morrem ao polluto sopro do nosso fatal indifferentismo?

Desgraçadamente para nós, diz uma escriptora notavel, a peior adversaria que a mulher tem n'esta lucta suprema de vida ou de morte intellectual é....—imaginem quem? a propria mulher?

E na realidade é essa uma tristissima verdade. Por falta de discernimento, de gosto e delicadeza moral, muitas ha, cuja vida completamente absorvida por pequeninas vaidades, invejas e esperanças mesquinhas, parecem ter os olhos, o espirito e o coração fechados a tudo o que é bom, a tudo o que é sympathico, a tudo o que se deveria estimar e animar.

Entretanto nós todas sentimos bem latentes no fundo de nossa alma, o amor, a beneficencia, a amisade, e mesmo a precisão de irradiar a nossa existencia por nossas irmãs; porem as incertezas, as fraquezas, as paixões, e os preconceitos conspiram-se para tolher-nos esses nobilissimos sentimentos, que ainda assim, para honra nossa, expandem-se ás vezes até ao supremo heroismo.

Para que qualquer iniciativa civilisadora possa tornar-se uma realisação tangivel, indispensavel é que todos os cerebros que pensam, que todos os corações que sentem reunam os esforços de fraternidade, para pôr em pratica o principio de associação, sem a qual os esforços isolados serão sempre nullos. Possam os exemplos das heroinas do progresso excitar-nos os brios, exaltar-nos o espirito amortecido, e fazer emfim com que pensemos seriamente e trabalhemos com vontade e zelo para adquirirmos a posição que nos compete, formando uma santa cruzada contra a ignorancia que nos esterelisa e affronta.

Façamos nossas as palavras de uma illustre escriptora, que tanto tem trabalhado em nosso favor. «Cumpre-nos esclarecer e desenvolver a nossa razão com todos os principios solidos, com todas as noções positivas; pôr a nossa influencia directa ou indirecta ao serviço de todas as causas generosas; manter bem elevado e bem altivo, n'esta geral debandada das consciencias, o estandarte do bem e do bello, de que nós devemos ser as guardadoras intemeratas.»

Taubaté, 1 de Janeiro de 1889.

Analia Franco.

O estudo

O estudo é tão necessario á nossa alma como o aceio ao corpo. E' a agua lustral que nos purifica o espirito.

Todas devemos possuir a *coquetterie* da intelligencia, que consiste na cultura d'esta. Sem a gymnastica intellectual, a nossa alma permaneceria arida e anemica. A mulher tem obrigação de instruir-se, como a tem de pensar. Ha quem tenha julgado que a intelligencia da mulher fosse inferior á do homem; mas este argumento, empregado para convencel-a de que não deve illustrar-se, é completamente falso. Sendo a intelligencia da mulher mais curta que a do homem, é preciso cultival-a com duplicado esmero, da mesma fórma que se tratassemos de fortalecer o membro mais fraco do nosso corpo ou de dar saude e vigor á fibra mais enferma.

A creança, anemica e doente, carece de maiores cuidados do que a vigorosa e robusta. Deixar a mulher sem instrucção, é convertel-a em automato, em somnambula, n'um ser inconsciente e cego; é reduzil-a á mais baixa das espheras, na gecarchia do pensamento. A illustração eleva, ennobrece e moralisa. Se não quizerdes elevar, ennobrecer e moralisar a mulher, tanto peior para vós. A mulher póde ter um livro na mão, sem se desviar do berço onde o filho demanda os seus cuidados e caricias.

Temeis que a mulher, vendo-se illustrada, se converta n'um ente pedantesco e ridiculo? Ha um remedio para evitar este mal:—generalisar a instrucção. No dia em que todas as nossas mulheres forem illustradas, nenhuma fará estupido alarde da illustração que adquirir, como nenhuma se vangloria hoje de conhecer o alphabeto.

De todos os modos, será sempre mais supportavel a vaidade que se funda em vastos conhecimentos, do que a que se baseia na exhibição de uma luxuosa carruagem ou de uma esplendida *toilette*.

Se a mulher não cifra o seu orgulho em estudar e aprender, ha de cifral-o em saber vestir com elegancia e arte. Para emancipal-as dos vicios intellectuaes, que tão graves males originam, é mister dar-lhe instrucção. Observe-se o que diz diz Dupanloup: «Peço que seja licito á mulher cultivar as artes e as sciencias e esforçar-se por alcançar, no meio em que vive, uma posição mais eminente.»

O estudo regenera. A prosperidade e a força crescente das nações mais adiantadas, devem-se á superioridade intellectual das suas mulheres; creia-se isto. Se o espirito da mulher não fôr illuminado pela vivida luz do saber, vêl-a-heis permanecer indifferente e fria ante as creações da intelligencia humana, sem ter um unico applauso que alente os vossos desejos e premeie os vossos esforços. Se a mulher é ignorante, nenhum valor poderá ter a sua opinião.

O homem que despresa uma mulher ignorante e estupida, revela que só tem sentidos e desce da sua cultura. Se é certo que a palavra da mulher é o dictame universal, quanta cultura de espirito, que são juizo, quanta rectidão de entendimento lhe são precisos para não perder o homem com a sua influencia.

A mulher necessita de instrucção para poder ligar-se a um homem instruido: d'outra fórma não poderá haver entre os esposos equilibrio de almas, associação de idéas, identidade de pensamentos. Para que esta identidade exista, a mulher tem de aprender a pensar.

Quando entre dois seres, unidos pelos laços indissoluveis, não ha a perfeita fusão das almas, dá-se o divorcio moral; e n'este estado, reduzidos á existencia corporea, o matrimonio é um concubinato, a vida um inferno!

De que serve á mulher ter alma, se a limitam a fiar na roca e a cuidar da *panella* caseira? Geralmente, são os estupidos os partidarios da ignorancia da mulher: por pouco que discorram, calculam decerto que quando a mulher se illustre, terá deixado de ser frivola e não poderá soffrer as necessidades dos que se collocam todos os dias na sua frente, incensando-as com o thuribulo da lisonja.

Quem supportará a conversação dos necios, quando as nossas mulheres forem illustradas? Afflige pensar no futuro d'elles, coitados! Illustrae-vos pois, mulheres; tende presente o que diz Stendhal: «uma mulher instruida, se adquirio idéas sem perder as graças do seu sexo, encontrará por força, entre os homens mais distinctos, uma consideração que chegará a attingir o enthusiasmo.»

Ouvi Rousseau quando exclama: «Só um espirito cultivado torna o trato agradavel; e nada ha mais triste para um bom e intelligente chefe de familia, do que ser forçado a conversar comsigo mesmo, por não ter ninguem que o entenda.» Acreditae-me; uma mulher formosa sem instrucção, é um livro luxuosamente encadernado, mas com as paginas em branco.

Não tenham os homens a covardia de temer que a mulher lhes discuta as acções e as idéas, e se declare infallivel. A mulher nunca se proclamará infallivel; equivaleria isso a renunciar ao perdão de muitos peccadilhos veniaes; nem tão pouco praticará o disparate de julgar-se isenta de defeitos, perdendo o direito á tolerancia para algumas das suas leves imperfeições. Quanto mais se illustrar a mulher, maior numero de defeitos de educação corrigirá em si propria.

No dia em que as mulheres receberem uma instrucção mais solida, serão mais sérias e não se occuparão tanto em murmurar das vidas alheias, em seguir os passos da amiga, em fazer chronica pessoal, calumniando e espicaçando toda a gente com o agulhão da inveja. Uma instrucção profunda arrancaria a mulher ás suggestões da vaidade, paixão tão forte n'ella, que chega muitas vezes a conduzil-a ao crime.

Uma mulher illustrada toma mais facil e suave a vida do lar. Guilherme Bilderdyk, celebre poeta hollandez, desposou uma mulher vulgar e foi immensamente desgraçado, tendo que divorciar-se de sua esposa ao cabo de onze annos de desventuras, soffridas em silencio. Morta esta contrahiu nupcias com uma poetisa, chamado Schsveickart e ambos viveram felizes.

O grande pensador e eminente philosopho, Eugenio Pelletan, acha naturalissimo que as mulheres cultivem as lettras e as artes e ácerca d'este assumpto deixou escripto o seguinte pensamento, em um dos seus bellos livros: «A poesia não é senão o desquite da alma contra a realidade; um modo agradavel de nos erguermos ao céu nas azas do lyrismo. Effectuada esta ascensão, pouca importancia dará a mulher a um arrebique de *toilette*, que só poderia servir-lhe para fazer cahir nas suas redes algum imbecil.»

A mulher, por mil razões, tem absoluta necessidade de illustrar-se. Não póde convir ao homem que ella seja um ser passivo, um cego instrumento subordinado á mão que queira manejal-o.

Não, mil vezes não!

A mulher não recebeu uma alma para tel-a adormecida, uma intelligencia para não fazer uso d'ella, e uma vontade para deixal-a dobrar inconscientemente. Em um livro de Roberto Halt, intitulado *Madame Frainex*, prova-se á evidencia que a escravidão envilece ou exaspera. A heroina d'este romance, Julieta, demasiado digna para envilecer, não poude aceitar as imposições despoticas do seu tyranno e viu-se forçada a provocar uma rebellião no proprio lar domestico. O homem não póde rebaixar a mulher sem se degradar: é preciso não esquecer isto nunca.

A mulher ha de ser a sua eterna companheira, a mãe de seus filhos; e para ser boa mãe e cumprir a nobre missão que Deus lhe deu, necessita illustrar-se. Uma mulher ignorante não poderá dar a seu filho mais do que a vida material, tendo de abandonal-o logo depois a mãos mercenarias. Na Inglaterra, entre as classes mais illustradas, são as mães que ministram aos filhos a primeira educação, moral e intellectual. Muito antes dos paes pensarem na educação dos filhos, já estes a têem recebido das mães. Todos os homens reconhecem no seu fôro intimo, embora não se atrevam a declaral-o por preoccupações retrogradas e rotineiras, que a mulher carece de ser illustrada.

Ha poucos annos pronunciou o conde de Casa-Valencia, na Academia Hespanhola, um notavel discurso, que teve por thema encarecer a capacidade que ha na mulher para a cultura das lettras e quanto lhe é util e conveniente cultival-as.

A authorisada voz do sr. Valera, outro academico illustre, disse que a mulher devia escrever; e desde esse momento, póde ella considerar-se com indiscutiveis direitos a fazel-o. A authorisação a que nos referimos, acha-se formulada pela fórma seguinte no bello discurso do sr. Valera: «Se apenas os homens escreverem, a manifestação do espirito humano será incompleta e ficará reduzida a metade. Nos povos onde a mulher vive envilecida na escravidão, sem poder educar-se, nunca a civilisação attingo uma florescencia completa: antes de chegar, corrompe-se ou emmurchece. E' como se á alma collectiva da nação ou raça onde isto succede, cortassem uma das azas. E' como o ser vivente, que tem metade do seu organismo inerte ou atrophiado pela paralysia.»

Esta verdade existia já na maior parte das consciencias antes de ser sanccionada, em uma fórma tão bella, como simples e elegante.

Inspiremos, portanto, á mulher o amor pelo estudo. O estudo é a hygiene do nosso espirito; um manan-

cial de gosos imperecíveis; cinzela-nos o entendimento; fortifica-nos o criterio; illumina-nos a razão.

O amor pelo estudo extingue na nossa alma as paixões mesquinhas, rasga densas trevas e penetra nos mais negros horisontes, como um raio de luz, inundando-os de suaves resplendores.

Maridos, se tendes fortuna, offertae uma bibliotheca a vossas mulheres, pois disse um homem de esclarecido talento, que *todo o mulher que abre um livro escanjura o demonio*. Os antigos faziam o signal da cruz quando se lhes apresentava o demonio sob qualquer fórma: nós, os filhos do seculo XIX, cremos que o melhor exorcismo para o afugentar, é um livro.

CONCEPCION GIMENO DE FLAQUER.

A mulher

Pouco a pouco se vae tornando reconhecido o valor da mulher: comquanto seja por hora apenas considerado quanto á parte sensivel.

Oxalá venha breve o tempo em que a considere a quanto á parte util á sociedade.

Eis o que publicou o *Figaro*:

«Quem é esse nobre vulto, que, depois de ter animado com seu sangue aquelle recem-nascido, o beija, lhe sorri, e o amamenta, lhe ensina depois a balbuciar palavras, e passos, a reflectir e a orar?

E' a mulher mãe.

Quem é esse vulto formoso, que, cheio de encantos e graças, de espirito e corpo, revela, por suas perfeições todo o poder da creação, e que para da alma, sujeita muitas vezes por naturaes impulsos a um sacrificio que toma por complemento da perfeição?

E' a mulher virgem.

Quem é aquella figura sublime, terna companheira do homem, não menos no dia da adversidade e dos trabalhos, que no da prosperidade e dos gosos, que o aconselha, que o guia: que o suavisa: que o anima; que toda vive n'elle e por elle: que toda se estremece de affectos, que toda se desata em dedicação?

E' a mulher esposa.

Quem é aquelle amoroso vulto postado á cabeceira do ancião, minorando-lhe as dores, adoçando-lhe as horas longas, suprindo os olhos (que já não vêem), os ouvidos (que já não ouvem) a bocca (que já não falla)?

E' a mulher filha

Quem é aquelle vulto heroico, atravessando como anjo de paz nos arraiaes da guerra; alçando, entre o sibilar das balas e o ribombo do canhão moribundo, em campo de batalha, surgindo em toda a parte onde ha enfermidade a tratar, uma instrucção a dirigir, uma dor a minorar, ou a limpar uma lagrima?

E' a irmã de caridade.

Quem é essa flor perfumada, fragil, delicada, angelica: esse veneravel vulto dotado pela fé com sobrehumanas forças, que no meio dos tratos mais crueis entoa, em altas vozes, canticos ao Senhor, e para remascer eternamente, soube morrer por elle?

E' a mulher martyr.

Quem é o unico privilegiado vulto que um Deus se dignou de consubstanciar comsigo mesmo, e a quem emquanto esse Deus baixou a ser homem, escolheu dentre a humanidade, por uma antithese mysteriosa, para confecir-lhe as honras supremas da filiação, da paternidade e do consorcio com a mesma divindade?

E' a mulher por excellencia.

Qual ha ahi no universo mais elevada jerarchia do que esta? A humanidade nascida do seio da mulher por ella nutrida, animada, amada, instruida, por ella embellesada a existencia, por ella levantada á maxima elevação, esse admiravel concerto de maravilhas, torna a mulher a mais importante, como já era a mais formosa parte do genero humano.»

Na cabana

A' margem d'aquelle rio,
Sustem casinha de palha...
Emquanto a joven trabalha,
O velho treme de frio...

Salta no chão corrupio,
Descose a rede de malha,
Despe da mesa a toalha,
Soltando agudo assovio,

Uma travessa criança
Que já não toma conselho
Da joven que não descança;

E que do avô, no joelho,
Salta afinal, se embalança
Fazendo sorrir o velho.

ANNA AUTRAN.

O engeitadinho

Nada ha de mais triste e mais digno de nossa sympathia e amô, do que esses pequeninos anjos nascidos em hora nefasta, privados do berço, e muitas vezes sem um lar hospitaleiro, tepido carinhoso onde repouzem.

Nunca essas ineffaveis e deliciosas caricias de mãe, cujo meigo sorriso perfuma e doira a existencia, lhes diffundiram n'alma entristecida pelas agruras da sorte, um só raio de esperança.

Quasi sempre condemnados a um soffrimento constante, desprotegidos e deprimidos, experimentando todos os caprichos da adversidade, a terra é para elles como um paiz ainda pallido; onde vecm todos os dias o despontar da aurora sem que lhes traga uma só esperança, um só consolo.

E se alguns são felizes, quantos porém não succumbem por entre humilhações sem conta, na eterna orphandade de todos os affectos?

Vi muitas vezes a um desses infelizes sentado tristemente a soleira de uma mesquinha taberna. Era um interessante menino de 5 annos talvez. A sua cabecinha loira curvava-se ás vezes sobre o peito e permanecia longo tempo a meditar. Os olhos ingenuos languidos d'uma suavidade indisivel, irradiava em todas as suas vistas uma expressão de tão intimo e resignado soffrer que infundia ao mesmo tempo um mixto de admiração e sympathia.

Ás vezes no meio de um sorriso ficava absorto a pensar, como se a alma de subito arrebatada, voasse pelas regiões do infinito a sonhar com os anjos. As suas roupinhas muito sujas, muito esfarrapadas, mal cobriam-lhe o corpo macilento e debil.

Quando succedia vêr-me um breve sorriso lhe enfloravа os labios mas apagava-se de subito, qual o refulgir do raio, que sómente brilha um instante no espaço, para mais encarecer os horrores das trevas.

* * *

A ultima vez que eu o vi, foi em uma tarde sombria e triste. Encostado negligentemente no balcão da taberna cantava aquella creança. E'-me porém impossivel descrever as impressões multiplas, successivas, que me produziram as notas suavissimas daquelle canto, as quaes ecoavam-me n'alma melancolicas, doridas como as vibrações d'um coração profundamente magoado.

Pouco tempo depois soube que dei-

xára de existir ; mas por vezes á hora em que o crepusculo em trevas desmaia por entre uma confusa harmonia de gorgeios e vagos rumores, creio ouvir como um echo longiquo, as vibrações d'aquelle canto, que ainda repercutem-me n'alma, tal fôra a impressão profunda que nelle recebi.

ANALIA FRANCO.

A amisade é como os ribeirões, que principiam brandos a sua nascença, e depois ganham igualdade e força no seguimento de sua carreira.

Mlle SANDEVY.

O patriotismo

Vedar que o orvalho caia no calice brando da açucena dos valles, não é dado esse poder á borboleta que acesa de ciumes, tenta esvoaçando sobre ella levar a perola celeste no seio multicor ; assim quem pode fazer calar no seio da mulher o doce amor da patria ? !

Não invade a nossa alma essa nobre scentelha que aviventa constantemente o sentir de nosso coração ? !

O doce nome de Mãe ; que em nós desperta constantemente tão suaves emoções porventura nos privará de defender aquella de quem somos filha ? Não, nunca, esse sentimento innato em nosso coração jámais fará desapparecer o sagrado direito de que somos dotadas, e na historia da humanidade encontra-se a todo o instante exemplos frisantes da obrigação da mulher, que sabe levar até o sacrificio o amor da Patria, que tantas vezes fez palpitar as fibras de seu coração, e encontra-se exemplos de uma Joanna d'Arc que, da bandeira de sua Patria foi levada por um fogo intenso que lhe devorava os seios, fazer a mortalha que para sempre devia encerrar tanta aspiração nobre que lhe crestára a vida.

Entre nós mesmos, aqui na terra da America a todo instante podemos levantar epópeias a nomes que tanto se distinguirão pelo amor da Patria e de parte as aspirações da mocidade, o amor da familia tudo figurão para illustrar e defender a terra em que virão a luz á custa do proprio sangue e da vida. Jovita Feitosa, é um exemplo vivo e recente entre nós do que havemos enunciado.

Como os guerreiros de outr'ora de épocas que longe vão, temos tambem—a bandeira—por convicção,—a espada—por conselho, e—a batalha renhida—pelo dom sublime da palavra.

Sempre, que no recondito de nosso lar, no intimo de nossas afanosas lides, é que a criança com riso de ouro e semblante angelical prende a fronte no collo maternal dizendo : ensina-me a comprehender esse vasto theatro a quem chamam MUNDO, e guia meus timidos passos na arena escabrosa da vida.

Mais tarde quando a idade viril toca na fronte ardente do moço, vem o genio e a inspiração relembrar o que na quadra infantil aprendemos a decorar dos labios maternaes e então o manto sumptuoso da fama e altos feitos abrem mais vastos horisontes nos destinos da Patria abençoada.

Como mãe e esposa, assistindo os mais sagrados e intimos mistéres de nosso desempenho é que mais vivo se levanta o nosso patriotismo, e mais nobre se torna a nossa missão ensinando nossos filhos a serem fieis a sua bandeira jurando—fraternidade e igualdade a seus irmãos, e inteira obediencia aos veros dictames de suas limpidas consciencias. Liberdade a natureza que a nossa razão sabiamente nos concedeu, e jámais o despotismo das idéas contrarias e erroneas nos impedirá de amarmos áquelles que devemos venerar como a nossos filhos, por depender da felicidade, prosperidade e engrandecimento dos povos e da historia que perpetua para sempre as gerações futuras.

EMILIANA DE MORAES.

A costureira

Na sala de costura ella sentada,
Tendo em frente de si um bastidor,
A voz eleva e canta apaixonada,
Melodias gentis do *trovador*.

Da janella a cortina regaçada
Dá lugar a que uns olhos curiosos,
Visitem a mansão abençoada
Do lampyrio de sonhos vaporosos.

Pendente da parede uma criança,
Um raio feiticeiro de esperança,
Do meio da moldura se sorri :

No lar a doce paz, ventura amena,
E como que á falar áquella scena
Passa cantando alegre um *bem-te-vi*.

JULIETA MONTEIRO.

A religião

Deus ! Eis a primeira nota que sôa pois alvorada nos hymnos festivos da creação, e o ultimo echo que soluçam as nenias do crepusculo ao despedir-se da noite.

Deus ! Magestica imagem do infinito de que só vemos o pedestal ; colosso immenso da eternidade de que só presentimos o poder ; venerando emblema da virtude de que apenas admiramos a sombra. Elle é o sol da verdade que não conhece poente ; a fonte do bem que não se perde nos mares : o horisonte do bello que não se cobre de nuvens.

Principio de tudo, a humanidade é um effeito de que é elle a causa. D'aqui a relação entre o homem e Deus : como da relação é que nasce a lei, d'esta nasceu a religião. A religião é pois a lei suprema das creaturas racionaes, como definiu La neunais, é o élo invisivel e indissoluvel que prende o finito ao infinito, o homem á Providencia, a consciencia humana á intelligencia divina.

E' uma lei inevitavel e necessaria como a da morte. Elemento integrante de todas as organisações, idéa innata de todas as consciencias ; os proprios athêos não a desconhecem, negam-n'a. E porque ? Não o sabemos dizer : não é facil penetrar o pensamento que move os caprichos dos homens, nem de que lado sopra o vento das paixões.

Perguntai-lhes, porém, quando no isolamento do mundo e no silencio de sua consciencia passar por suas frontes apavoradas e lividas o carro da tempestade, arrebatado pelos fogosos corseis do furacão, que impulso mysterioso precipita as nuvens, arremessa o raio e ensoberbece a vaga ! Deus !

Eis ahi a poesia da religião.

REVOCATA DE MELLO.

Mães e paes

O anjo da vida, estendendo as azas brancas sobre a casa onde habitam dois entes, depõe nos braços da mulher um filhinho rosado e louro. Pela primeira vez, a esposa ha pouco despreoccupada e alegre, inclina a fronte e depõe nos labios carminados da creança o osculo maternal, exhuberante de amôr. Ella, que outr'ora só levantava a fronte para sorrir, curva-a agora para adorar.

O pae ao estreitar o filho nos braços, perde o sorriso folgazão que lhe esvoançava á flôr dos labios, e pela vez primeira sente humedecerem-se-lhe os olhos.

A creança cresce; os paes, ao verem desabrochar no pequenito novas graças e attractivos, sentem se é possivel augmentar o seu amor! Um dia a creança adoece. A mãe, anjo de bondade e dedicação, instala-se junto do berço e ali passa horas e horas contemplando o filho e seguindo, cheia de terror a inquietação, os progressos da doença.

Ao lado d'ella, vê-se o pae, tendo o coração tão sobresaltado como a esposa, mas apparentando maior serenidade e menos afflicção. Um dia o filho começa a sorrir, e os paes já menos inquietos, corôam-lhe a cabeça loira e pequenina com um diadema de beijos e outros de lagrimas.

O amor dos paes, suave, santo e infinito, derrama no coração dos filhos o balsamodulcificador das feridas que sem piedade lhe abrem os estranhos. E' o porto seguro onde os filhos vão abrigar-se das tempestades da vida. A mãe de Deus, quando todos abandonaram o corpo do filho, lá ficou de joelhos junto á cruz, regando com as suas lagrimas o madeiro gotejante do sangue de Christo.

O amôr dos paes semeia de rosas o caminho da vida, que outros cobrem de espinhos.

MAGDALENA DE CARVALHO.

Quando a amisade não é uma consequencia do amor, é mais susceptivel de calculo e mais fria em seus julgamentos.

GEORGE SAND.

Sptecismo e crença

I

Que vale um riso, se tão pouco dura
E' mil promessas de fingida bocca?
Se tudo passa, e se chorando louca
Noss'alma em sonho as illusões procura!...

Quanta doçura, quanto mimo e graça
Nos traz sorrindo um dia a primavera?
Mas, tudo acaba.. tudo é van chimera,
Tudo é mentira, tudo morre e passa!

Oh! a esta vida! acreditei eterno
O lindo sonho que embalou-me o seio,
E o amor tão puro que sorrindo veio ..

Desfaz se ao sopro do gelado inverno.
Olhar, suspiro, o que valeis!.. um nada...
Alma!... desança .. já não sois amada!

II

Amar em ancia idolatrar um ente,
Trocar a vida por um seu sorriso
Sonhar com elle... o mundo um— paraiso!
E' ter em paga a ingratidão somente.

Mas, que m'importa? mesmo as vezes quando
Se vaga em trevas nova luz se avista;
Chorar, não quero!... e que mais alma vista...
A indifferença que já vem chegando!

Talvez um dia a primavera volte
Dentro em meu seio desfolhando flôres;
Tudo se esquece, e esquecendo as dôres...

Talvez um hymno de alegria eu solte,
Mas, hoje a duvida em cruel anceio.
Ferindo mata as illusões do seio!...

Janeiro — 89.

ADELIA BARBOS.

O futuro é um bastidor, em cuja téla, a nossa imaginação borda sobre um desenho incorrecto.

Mme. LESPINASSE.

Os pobres

Nenhum assumpto póde ser mais proprio para a penna de uma mulher, embora ella seja como o é a minha, rude e inutil do que este que escolhi hoje—a pobreza.

A nossa organisação impressionavel, sentimental, nervosa, faz-nos estremecer de piedade diante desse fundo escuro do quadro social, triste oceano de lagrimas onde ha tantos naufragos sem taboa.

Ai, minhas amigas, eu bem sei que muitas d'entre vós adivinham muitas vezes até a mais amarga das pobrezas, a que dissimula, que esconde uma lagrima n'um sorriso, um soluço n'um canto, e a que valem solicitas afastando ao mesmo tempo toda a lamentação que humilha e que o natural orgulho não comporta.

Essas, hão de sentir um praser indefinivel, soccorrendo uma classe infeliz, que se occulta aos olhos estranhos, porque sabe que se aprofundaria ainda mais se transparecesse lá fóra.

O contacto dos pobres envergonha os ricos, como se pelas leis christãs não estivessem invertidos os papeis!

Não é meu intento fallar agora de preconceitos sociaes: o meu nto limita-se puramente a apontar uma das missões mais bellas que a mulher exerce—a caridade.

E' rara a senhora que não tem os seus pobres. Este velhinho aleijado, de olhar amortecido e longas barbas brancas, sabe que a uma porta jámais bateu debalde, elle ahi vê sempre agradecido a mãosinha mimosa de uma menina que vem sorrindo bondosa lá de dentro, trazer-lhe, cheia de carinho a esmola, que já nem pede! O perfume suave dessa alma infantil inunda-o de consolo e elle a bemdiz!

As mães devem sempre dar a esmola pelas mãos das filhas; fazendo-as comprehender dôres alheias, respeitar a velhice, ser affaveis para com os inferiores, formando-lhes assim no coração uma fonte de inexgotavel doçura. Devem ter sempre em mente esta duvida apoquentadora: que lhes reservará o futuro?—e preparal-as para tudo, com o meio mais efficaz para exercitar o coração no bem—que é fazel-o caritativo.

A proposito, lembra me esta scena singela que me ficou gravada na memoria:

Um dia a Sra. L. chamou a sua Julieta e disse:

— Meu amor, está ahi um pobresinho; que devemos fazer?

Dar-lhe uma esmola.

— Mas teu pae levou todas as chaves e não tenho nada!...

— Procure bem... Ah! os seus brincos!

— Oh! meu anjo, replicou rindo a Sra. L., mas com que fico eu?

— Commigo, respondeu ingenuamente a pequenita.

— Não ha joia que se te compare, mas não te posso trazer nas orelhas, bem vês. Depois, estes brincos foram dados por tua avó .. Procura mais...

E a pequenina toda entristecida respondeu:

— Não sei!

— Vae então dizer que tenha paciencia...

—Isso não.. tenho dó .. coitadinho...

Depois, voltando-se a uma idéa subita, correu para o interior. Tornou um momento depois, risonha, triumphante, mostrando á mãe uma moeda segura na ponta dos seus dedinhos roseos.

— Fui pedil-a ao creado— murmurou ella ao passar rapidamente pela mãe, que a viu sumir-se como um raio de luz na sombria obscuridade do longo corredor.

Essas scenas vulgares demonstram clara, nitidamente o fundo do coração de quem as executa. Um riso, uma lagrima, um movimento impellido pela acção de momento, diz tudo, principalmente nessa idade em que a alma desabrocha toda orvalhada do céo, sem affectada meiguice, nem fingida bondade.

A Sra. L. tirara uma brilhante prova da sua Julieta, estava contente.

Podera não!

* * *

Imaginemos agora que uma infeliz viuva, gastas pelos trabalhos, cançeira da vida e fatalidade de uma sorte má, recebe todas as semanas das nossas economias de meninas solteiras um peculio que, embora mesquinho, a faz pela boa vontade com que é dado, extremamente agradecida.

Essa pobre é uma velha, uma ruina: tudo nella inspira compaixão e inspira respeito.

Acostumamo-nos a vel-a á nossa porta, a darmos-lhe almoço, ou um chale, uma tigella de caldo ou uma saia usada; mesmo cousas que não nos fazem falta absolutamente.

Ella affeiçoa-se á gente, aquillo vai assim a pouco e pouco e, sem se saber como, criamos-lhe amizade tambem.

Passam-se semanas, mezes e annos, e um dia em que o nosso pensamento estiver todo absorvido em uma felicidade intensa, quando sentirmos o coração palpitar jubiloso sob a alvura nitente do trage de noivado, não será então doce vêr-se atravez do véo que nos cae sobre a face, o vulto engelhado e tremulo dessa boa velhinha, a nossa protegida, que nos vem abençoar e dar os parabens antes de nos ajoelharmos aos pés do altar?

Ella virá trazer-nos um raminho de flôres mal amanhadas, e a boa recordação de que somos dignas da ventura que possuimos.

E' quanto basta.

E' tão bom concorrer a gente para alliviar um pouco da muita miseria que vae por este mundo!

No Brazil a pobreza não apresenta como na Europa, por exemplo, os mesmos quadros lugubres.

Lá, nas grandes capitaes onde ha accumuladas fortunas collossaes e um luxo scintilante e esplendoroso, a miseria é maior.

Têm o seu inverno gelido e a mesquinhez de salario que os acabrunha e mata; aqui, na terra da primavera eterna, só é verdadeiramente digno de lastima o que não tiver um pouco de forças que o habilitem a lutar pela vida.

Feliz do que póde vencer a incruenta pobreza; infeliz do que se deixa abater por ella! Em todo o caso, gloria aos vencedores e amor aos vencidos.

JULIA LOPES

Saudade

Já dobram as corollas as florinhas.
E as gottas do orvalho vão cahindo:
De solidão a matta vae vestindo
A noite que desponta meu amor.
Emquanto a noite desce das montanhas,
As brisas que me batem nos cabellos,
Me fallam só de ti os meus desvellos
Saudosos despertando com tristor.

Não vens! não vens! esqueces-te incuidoso,
Talvez de que te aguardo na campina.
Emquanto a luz do dia lá se inclina,
E a sombra vae enchendo a solidão!
Entanto a estrella maga dos destinos,
Em que tu lés o meu e teu futuro,
Já mostra-se a luzir no vasto escuro
Do céo que se desdobra n'amplidão.

Oh! vem! oh! vem! que espero te anciosa!
Aqui, junto ao meu peito arfando o seio,
Eu quero te apertar em doce enleio,
Ouvir-te a voz divina, cherubim.
E' forte esta saudade. Ouço teu nome
No som que a brisa espalha murmurando
E o teu retrato salta-me brincando
Das pet'las odorosas do jasmim.

Oh! vem! aqui a sós, entre perfume,
De amor fallando e a taça da ventura
Sorvendo com prazer e com ternura,
Felizes nós seremos sempre assim.
Oh! vem! oh! vem! que espero-te anciosa!
Aqui, junto ao meu peito, arfando o seio
Eu quero te apertar em doce enleio,
Ouvir-te a voz divina, cherubim! ..

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

Ha corações de marmore, sobre os quaes tudo escorrega, que nasceram sem fé e sem conhecimento.

Mme DE PERIZIEUX.

RECEITAS DOMESTICAS

A casca do ovo queimada e reduzida em pó, é bôa para alvejar os dentes; serve ainda para cessar os escarros de sangue sendo queimada, reduzida a pó e bebida com vinho.

—

Faz-se tambem um cimento muito bom para collar porcellanas quebradas, fazendo uma mistura de cal viva, cimento fino, casca de ovo queimada e reduzida a pó, e betume; estando tudo misturado, ajunta-se uma clara de ovo, que se meche bem até formar uma massa homogenea.

Contra a traça tem-se reconhecido que um dos melhores preservativos é este:

Juntam-se partes eguaes do alcool e agua raz, dissolvendo-se n'este liquido 120 grammas de camphora. Molham-se n'esta composição pedaços de papel pardo, que se põem nos cantos dos baluis, gavetas ou caixas; e d'esta fórma desapparece completamente o terrivel insecto.

Para se fazer *massa-pão de côco*, tomem-se 150 grammas de assucar de primeira, dois côcos, 200 grammas de farinha de trigo, 200 grammas de manteiga e seis ou mais ovos.

Levado o assucar a ponto de bala, deitem-se na calda os côcos ralados e em seguida a farinha e a manteiga e por fim os ovos, batendo-se sempre com a colher.

Untadas as fôrmas de manteiga, enchem-se ellas com a massa e leve-se tudo ao forno não muito quente.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Mais um numero desta esplendida revista está distribuido.

Vai de vento em pôpa a sympathica folha, que está de posse das boas graças do publico.

Pela remessa, agradecidos.

(Do *Diario Popular*.)

TYP. UNIÃO— S PAULO

ANNO I — S. Paulo, 19 de Janeiro de 1889. — NUM. 8

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Durante á viagem ao Norte, da redactora desta folha, fica a gerencia da mesma a cargo do Sr. Francisco Dias de Barros.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia União, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 19 DE JANEIRO DE 1889.

Mães e mestras

(Continuação)

Não ha cousa que mais directamente firme estas considerações do que o sentimento que actualmente anima todas as almas nobres e illustradas a respeito da educação da mulher.

Ha já bastante tempo que se começou a conhecer que independente de idéas de conveniencia em que se nprehendiam-se com a sua direcção, ha um motivo mais poderoso ligado tambem ao aperfeiçoamento do seu ser, motivo arrancado da sua propria natureza, e completamente livre da questão material

Não ha no mundo uma só creatura que duvide de que esta metade do genero humano sugeita á outra pela ordem necessaria, que não dimane da mesma origem, e que não volte para o mesmo fim.

Tambem, ninguem poderá duvidar que não existam muitas mulheres cujo estado não depende directamente de homem algum, e que por natural consequencia d'este facto, torna-se necessario educar as meninas para sua felicidade, *seja qual fôr a sorte que as espere no mundo* em vez de as prepararem exclusivamente segundo os habitos e exigencias do homem, em vez de lhes apresentarem o homem de uma maneira vergonhosa por alvo especial de sua virtude.

Resultará d'este novo espirito, differente methodo na educação das mulheres. A menina educada no sentimento religioso de seu destino providencial, do amor do bem, da estima absoluta da verdade, alcançará idéas geraes e grandes que lhe exercitará a alma e ao mesmo tempo a intelligencia ; ella então se illucidará por motivos elevados ; ao mesmo tempo que estudar para *conhecer*, mais se lhe fortificará os affectos virtuosos, e o juizo deixará de ser sacrificado aos jogos pueris da memoria e da phantasia, soccorrendo-se todas as suas faculdades, ella saberá inspirar-se a si propria, mostrar-se alternativamente mulher de intelligencia, de coração, e ainda em dias de provação, a mulher forte da Escriptura.

Tudo nos induz a acreditar que este impulso virá a ser geral em pouco tempo. A pratica demonstra claramente que educando-se as mulheres para se fazer d'ellas unicamente divertimentos de prazer ou de vaidade, instrumentos de economia e commodidade, commette-se um erro gravissimo e desastrado, e que todos os espiritos sinceros estão presentemente preoccupados da necessidade de uma theoria de educação propria para conciliar n'ellas as necessidades moraes da alma com o desenvolvimento da intelligencia e interesses materiaes da vida.

E com effeito, a mulher merece ser cultivada por si mesma e não como essas flôres cujo cheiro aspiramos com arrebatamento. Nunca a mulher deverá ser explorada como mina de ouro.

Collocada n'este mundo com intenções de bondade e de sabedoria, para trabalhar com vigor no seu destino e no de seus semelhantes, para gosar felicidade e communical-a, e para triumphar das penas de sua condição á força de coragem, de penetração e virtude, é preciso primeiro que tudo que se convença do principio e fim directo de sua existencia, que comprehenda a dignidade do seu sêr, e que tenha um fundo de idéas e de sentimentos, procedentes da justiça e da verdade, que devem encaminhar sem isenção á humanidade inteira.

A' mulher cumpre saber que o bem é o unico elemento da ventura, e que deve este ser o alvo, a regra e o mais intimo sentimento da vida, e que a sciencia mais precisa de grangear consiste em pôr esse bem ou essa ventura individual em relação com a da familia e da sociedade.

Estando ella perfeitamente instruida na *natureza e necessidade do dever*, e logo que tiver aprendido a estimar os encargos do dever mais do que todos os outros prazeres, estará sempre disposta para o executar seja qual fôr a fórma em que elle apparece, não sendo essa fórma determinada d'ante-mão por calculos que os acontecimentos folgam de mallograr, tornará sua aspiração d'ahi em diante em caracter essencialmente moral.

Se já a mulher opéra tamanha influencia privada pelo seu papel de esposa e mãe, facil é de precisar o quanto sua acção proveitosa vivificaria a gerações que a rodeiam, quando aos dotes do espirito, da sensibilidade e graças exteriores, ella reunisse tambem força e elevação d'alma ;

quando ella cuidasse ou velasse com illustrado amôr no desenvolvimento de seus filhos ; quando em vez de dar á sociedade medicos, advogados, militares, homens industriosos, artistas e mulheres superficiaes, em que parecesse ter-se esquecido o *ente interior*, observal-a-hiamos formar creaturas nobres, e homens dignos de seu destino ; persuadida finalmente da importancia e virtude de sua missão no mundo, ella se applicasse a desempenhal-a, sem dar o menor apreço á condição que a Providencia lhe tivesse imposto ? Então os progressos da sociedade seriam sensiveis a todos, e tomando cada um parte n'elles, seria abundantemente recompensado de seu trabalho.

Para chegar a este grão de melhoramento é preciso a educação geral corresponder ás duas necessidades da natureza humana, e dar ás faculdades da intelligencia e ás da alma a direcção que lhes é propria, e quando regulando essas faculdades em seu vôo, frustrar as inclinações desordenadas e o vicio da fraqueza. Essa educação que faz o argumento d'esta obra tem seu principio na mesma organisação da creatura racional. Vamos assignalar o nosso ponto de partida dando completa definição do homem tal qual o extrahimos d'um notavel livro coroado pela Academia Franceza. «Existem em nós, dois entes, um material que participa ao mesmo tempo da planta e do animal, e outro puramente espiritual. Segundo a faculdade vegetativa, o nosso sangue gira, os cabellos augmentam, as unhas crescem, e a carne renova-se, nós crescemos, diminuimos e morremos contra nossa vontade.»

— Segundo a faculdade animal, obtemos idéas pelas sensações, multiplicamol-as pela analyse feita ! um methodo naturalissimo que se deve seguir no desenvolvimento da infancia, o de assignar a cada uma parte do ser, emprego accommodado a seus destinos, estender e aperfeiçoar a natureza de cada um, nunca sacrificar um ao outro, e fazel-os concorrer á porfia para o complemento d'essa tarefa providencial que comprehende a um tempo os interesses temporaes e os da eternidade.

Embora muito se precise d'uma reforma radical na educação das mulheres, seria todavia injustiça não confessar os magnificos resultados que tem produzido já, a certos respeitos, a que ellas hoje recebem.

(Continúa.)

George Sand

Chamava-se Armandina Aurora Duprat, e nascera a 5 de Julho de 1804, em plena republica talvez fosse por virtude da atmosphera democratica que respirou ao nascer, ella, que descendia nada menos do que d'um rei da Polonia, que as idéas mais avançadas se enraisaram no seu espirito, e depois as derramou ás mãos cheias nos seus livros.

Mas não foi esta a unica particularidade d'aquella organisação singular.

Aos 18 annos casou com o barão Dudevant, de quem teve dois filhos ; mas os laços do hymineu eram pesado jugo para aquella natureza de fogo. Divorciou-se.

***

Foi para Paris e fez-se escriptora.

Encontrou um dia Julio Sandeau ; conversaram, riram, deram o braço, foram-se em boa companhia.

Assim radicou esta alliança ao ar livre.

Os primeiros livros de Armandina foram escriptos de collaboração com Sandeau. Estes livros eram *Rosa Branca e Indiana*.

Foi quando se tratava de publicar o primeiro destes romances que a baroneza Dudevant entendeu adoptar um nome masculino.

Eis como isto se passou :

Henrique de Latouche era então um escriptor muito em voga. Levaram-lhe os dous associados o romance ; aquelle leu-o, achou-o bom e aconselhou-lhes que o publicassem. Mas havia uma difficuldade. Que nome se lhe havia de pôr na capa.

O nome de uma mulher, joven, linda, divorciada do marido, não convinha apparecer em lettra redonda ; Sandeau que estava a estudar direito, pelo seu lado receiava incorrer nas iras do pae, um bretão de principios austeros, capaz de desancar as costas do filho se soubesse que elle escrevia romances em vez de estudar.

—Nesse caso, disse Latouche para cortar o nó gordio, escolhe-se um pseudonymo.

—Qual ? perguntaram os collaboradores.

—Vejamos. Que santo é hoje ?

—S. Jorge.

—Bem. Agora o appellido. O sr. Sandeau, como escreveu metade do romance, póde dar metade do seu nome.

Seja, respondeu o moço escriptor. Se meu pae se zangar, só me tocará metade da reprehensão.

O nome estava descoberto. O livro appareceu d'ahi a pouco, o autor chamava-se George Sand.

***

E' inutil dizer qual o exito deste romance, ao qual se seguiram outros.

Os francezes leram-nos, com avidez. Aquellas paginas eram o retrato d'uma alma privilegiada. O caminho estava aberto : faltava percorrel-o.

E os dous associados atiram-se a elle, ou para melhor dizer, Armandina engolphou-se pelos silvedos da popularidade emquanto Julio se deixava ficar á margem dos caminhos a ouvir murmurar as fontes e chilrear os passarinhos,

Por isso aquella sociedade, contrahida em um momento de devaneio, não podia durar muito tempo : não se dava com o genio irrequieto, exaltado, insoffrido de Armandina.

Sandeau era um moço de talento : mas tinha uma organisação delicada de mais ; havia nelle alguma cousa d'aquella candura feminina que encanta o coração, ao passo que a sua associada possuia todo o fogo, toda a energia do homem que se sente rei da creação

D'aqui, nova quebra desses laços.

***

Então foi que verdadeiramente George Sand, o homem-mulher, nasceu para o mundo do ruido, do tom, da moda.

Dotada d'um rosto oval perfeitamente modellado, olhos negros penetrantes e fascinadores, bocca levemente franzida por uns toques de sorrir satanico, um conjuncto de graças um pouco selvagens, mas seductoras, irresistiveis, ora passeava nos boulevards vestida de homem, de *badine* e charuto, ora viam-a no bosque de Bolonha, cavalgando fogosos cavallos e trajando de amazonas.

Nos salões era o rei da *fashion*

E quantas paixões inspirou ! A mais celebre, a mais poetica, a mais doida, fatal, foi a de Alfredo de Musset, que depois deveu ás desillusões d'aquelle amor ardente as mais bellas paginas das *Confissões d'um filho do seculo*.

O amor não era planta que se enraizasse no coração d'uma mulher daquella tempera, Musset foi abandonado, como fôra o barão Dudevant, como fôra Sandeau. O coração era

voluvel como o espirito ; o fogo que nelle ardia abrasa depressa.

* * *

Perto de duzentos volumes deixou George Saud firmados com o seu nome. Os melhores são *Indiana* e *Lelia* estes livros hão de sobreviver e passar de geração em geração.

Deixarão na sua passagem traços mais luminosos do que aquelles que assignalaram a vida tempestuosa, extravagante, tristemente celebre da autora que foi como uma aberração da natureza, um capricho ou um erro da creação. Esse erro, teve ella a veleidade de corrigil-o por suas proprias mãos.

Com effeito a mulher morreu aos 25 annos : a escriptora chegou aos 72. Armandina Duprat passou como um meteóro ; Georg Saud viverá atravez dos seculos.

(Traduzido do *Petiz Journal.*)

Educação feminina

Apesar da mais completa indifferença com que quasi todos olham para o importante assumpto da educação feminina, pretendemos expender nestas mal deliniadas notas algumas idéas a esse respeito.

Idéas confusas sem duvida, mas que deixarão transparecer ao menos a nossa convicção e fé profunda na efficacia da educação.

Se o jornal como se diz, nasceu para levar o recreio e a instrucção ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidas da fortuna não podem comprar, a melhor e mais proficua recommendação de uma empresa jornalistica é apresentar ao publico escriptos uteis e amenos, que alarguem a esphera dos nossos conhecimentos e nos encaminhem ao bem.

Com estas palavras, não pretendemos senão, chamar a attenção das nossas leitoras para as idéas dos autores eruditos, que com tanta proficiencia teêm decorrido sobre este assumpto, idéas que não duvidamos transcrever por vezes, visto que bem meditadas podem auxiliar-nos na tarefa augusta que por Deus nos foi imposta na familia.

A idéa de que a educação da mulher deve consistir exclusivamente na acquisição de prendas agradaveis, afim de que ella possa brilhar e reinar na sociedade, é um erro que começa a dissipar-se, mas que está ainda longe de ser geralmente condemnado. A maior parte dos paes teêm receio de dar ás suas filhas uma instrucção mais ampla, julgando que o esmerado desenvolvimento das faculdades seja um incentivo para desvial-as do dever.

Fatal engano suppôr-se a ignorancia e a inexperiencia em que baseiam a sua virtude, como preservativo contra as ciladas das paixões e seducções do coração. Por outro lado quando alguns espiritos esclarecidos e cheios de compaixão para com os seres fracos, elevam a sua voz autorisada, como Michelet, Pelletan, Jourdan e outros, reclamando uma instrucção que a faça independente da especie de escravidão que a subjuga, a essa eterna pariá, condemnada a um ostracismo secular, ergue-se a orgulhosa phalange de alguns homens ciosos dos seus previlegios e verberam a mulher intelligente e cultivada, arremessando-a ao ridiculo com os epithetos de *pedante*, *bas-bleu*, etc. E quando não, apontam-lhe com o mais solemne desdem as celebres *preciosas* de Molière, ou atiram-lhe acerrados epigrammas colhidos nos paradoxos de A. Karr, ou nas homilias de S. Paulo.

«Seria mais nobre, diz um escriptor celebre, mais delicado e mais justo que o homem eluque do que avassale a mulher. Se é o rei da natureza, não esqueça que a mulher é a rainha. Não esqueça que a mulher foi sua mãe, e que é, ou ha de ser a mãe de seus filhos.»

Entre os dois extremos, isto é, entre a mulher erudita que se torna pedante e ridicula, alvo da ironia mais ferina, e entre a mulher ignorante, frivola, incapaz de conceber e realisar um pensamento grandioso em beneficio da humanidade não haverá um justo meio?

Ha, sem duvida, que é a mulher educada na justa comprehensão de todos os seus deveres e de todos os seus direitos, para que possa formar dignamente o caracter dos filhos em affectuosos sentimentos e elevadas idéas.

A preponderancia instinctiva, espontanea com que ella influe naturalmente sobre a familia, que é segundo a opinião de um autor de nota, o grande agente moralisador do genero humano, sendo que cada uma de nós é, até certo ponto a imagem do meio em que passamos os primeiros annos, essa preponderancia pois se fôr bem dirigida póde realisar os mais transcendentes prodigios.

Educar um homem, diz um escriptor, é formar um individuo que nada deixa atraz de si ; educar uma mulher é formar as gerações vindouras.

O celebre economista Say, disse e com justiça, que pela educação da mulher devia começar a dos homens : igual principio ficou tambem consignado pelo sabio Mirabeau.

Assim possuindo a mulher como natural apanagio uma primazia incontestavel para desenvolver pela educação a natureza humana na infancia, indespensavel é illustrar e fortalecer o seu espirito, afim de que ella possa exercer dignamente esta benefica acção. A este respeito assim se exprime um notavel escriptor :

«Quanto mais terna e mais dedicada fôr a mãe que dirige a creança, tanto mais forte e mais completo, será depois o homem.»

Não é, pois, necessario que a sua instrucção seja profunda, mas sim bem dirigida.

E a summa, convençamo-nos de que por mais esmerada que seja a nossa instrucção, se não estiver intimamente ligada com a educação moral em que se baseie todo o cultivo do espirito para attingir o seu fim supremo, podemos conquistar admiração e applausos, porém nunca o amor, o respeito e a estima sincera do homem.

ANALIA FRANCO.

A mãe

Como o sol que desce lá do azul do céo e beija o lyrio nos valles, e doura o cume das montanhas escarpadas, alegrando a natureza, assim o olhar da nossa mãe, cahindo sobre nós em feixes d'amor e de bondade, nos inunda a fronte d'alegria e nos torna joviaes e satisfeitas. Em cada perola que a noite envia sobre a terra, Deus manda a vida á resequida flôr, e se d'essas lagrimas cristalinas, brota a seiva e o vigor, dos olhos da nossa mãe, por seus labios, vem lagrimas humedecer-nos as faces que nos ungem, e sorrisos que amaciam o coração e que nos avigoram a alma.

Não ha quadro mais grandioso : mais seductor do que a mãe acalentando o filhito ao calor do seio, sorrindo-lhe, reminando-se no espelho de sua alma ; mas não ha nada mais repugnante do que vêr a mulher, que é mãe, mas a que a não ensinaram a considerar o filho como a personificação do amor, a parte mais sensivel da nossa alma (!)

O instincto vem-nos da natureza e a educação vem-nos das sociedades.

O coração que primeiro se abre ao amor é sempre o que mais facilmente dá abrigo ao soffrimento Mas a mãe, essa, pela sua propria condição, deve ser affavel, generosa, susceptivel das grandes emoções.

E' a avesinha da selva que no seu chilrear, agremiando em torno de si os filhinhos, para alimentar, nol-o ensina ; é o tigre, astuto e feroz velando pelos seus pequenitos, defendendo-os, que nos indica a bondade d'um coração de mãe ; é ainda o insecto que nas suas republicas e pela sua união, *nos ensina a soletrar* a ultima pagina do livro do amor.

A natureza é um extenso caderno onde o homem aprende as leis porque se rege o mundo, onde estuda as forças que põem em acção a machina do universo, e onde colhe dados para os seus inventos ; mas a mãe, essa, tem outro mundo mais grandioso, todo espiritual, onde tem de estudar as *leis* que a devem reger e conduzir atravez da existencia. Não necessita de conhecer as necessidades humanas ; não tem de investigar d'este ou d'aquelle processo para conhecimento do mundo material : necessita sómente de *conhecer o coração humano* para o aperfeiçoar. E' este o seu cathecismo, é este o seu grande problema.

Mas como poderá ella ser bôa mãe, satisfazer a todos os preceitos que o seu estado permitte ?

Poderá obrar segundo o seu instincto ? Ou deverá o seu espirito ser bafejado pela luz da instrucção e a sua alma educada pelo exemplo ?

A mulher antes de ser mãe, é filha e esposa, e comprehendidos bem os deveres que exornam uma e tornam perfeita a outra, sem duvida a bôa mãe apparecerá completa e digna portanto de tal nome.

E para que possa realizar-se nella a perfeição ; para que o seu mister de mãe attinja a toda a proficuidade, é mister que os principios mais sãos da moral encontrem abrigo no seu peito, é necessario que a razão lhe seja esclarecida, para que *preconceitos atrophiadores* desappareçam do seu cerebro pela *superstição*.

A mãe supersticiosa, cheia de preconceitos maus, em lugar de illuminar o cerebro da creança pelas mil coisas que lhe conta para lhe despertar a curiosidade e avivar a attenção, atrophia-a, impede-a de fantasiar o que é proprio da sua idade, contraria-lhe o melhor, ás vezes, da sua aptidão.

Logo que a mulher seja civilisada, tenha um bom descernimento e comprehenda bem a sua missão sobre a terra, será exemplar como esposa e modelo como mãe.

Os terrores incutidos ás creanças pela mãe, para lhes impedir o choro e a impertinencia, são até de certo um contrasenso, um disparate censuravel a toda a prova, pois que a creança mais tarde ha de resentir-se d'um tal ou qual acanhamento, d'uma tal ou qual timidez.

A mãe deve dispor de immensos recursos para satisfazer ás exigencias e curiosidades dos filhinhos ; deve ter espontaniedade inventiva, para nos seus pequeninos contos excitar a imaginação da creança.

Como são bellos aquelles contos de mouras encantadas que só a nossa mãe nos sabe dizer coroados por um beijo ! Como são consoladoras aquellas oraçõesinhas que ao levantar da cama ella nos ensina n'aquella jovialidade religiosa de uma parceptora paciente ! Essas palavras, esses pequeninos contos relembram-o-los na vida, atravez de todas as vicissitudes.

Chega nos por vezes a ter saudades d'essa primeira idade em que o *papão* é o nosso terror e o bom Deus o nosso algoz.

Eu ainda recordo saudosamente esse tempo em que a minha bôa mãe me ensinava todas essas pequeninas coisas que tanto e tanto nos ferem a imaginação e nos desenvolvem o sentimento.

Ainda repassada da mais viva saudade trago á idéa as suas canções singelas, frescas como o sorrir d'uma alvorada, com que me adormentava.

Tudo, tudo nos vem á idéa : os carinhos, com os pequenos castigos por ella inflingidos para nos corrigir das nossas impertinencias.

Mas os castigos corporaes são sempre contraproducantes. A desobediencia nasce quasi sempre do grande defeito que os pais tem em corrigir as impertinencias dos filhos com os castigos.

A verdadeira harmonia entre o pae e a mãe é a primeira base da educação, diz mui sabiamente Mme. Campan. Temos immensas provas de que o caracter irascivel do homem lhe vem as mais das vezes do modo como foi educado, pelos exemplos dos paes.

A mãe que é sempre a primeira a guiar o espirito do filho deve ter todas as noções do Bem para n'ellas iniciar o fructo do seu amor.

A maior parte das mães não consideram como devem o seu dever, e é por isso que a educação se torna imperfeita. A mãe pouco instruida, sem comprehender bem a sua alta missão, não póde dar exemplos salutares aos pequeninos seres que Deus lhe concedeu ; por isso um dos maiores cuidados hoje de todas as familias é o de mandar educar convenientemente os seus filhos, para os tornar dignos d'uma sociedade distincta.

Não é com o grande numero de conhecimentos que a mulher se torna bôa esposa e bôa mãe : é com o cabal conhecimento de todos os seus deveres que ella satisfará as exigencias da sua missão entre as sociedades.

Moralise se a mulher, torne-se conhecedora de sua missão e veremos como a luz desempana a verdade das trevas densas da ignorancia, e como o Bem e a Verdade triumpham do Mal e da Mentira. A mãe é o astro refulgente, é a luz inextinguivel, no horisonte do nosso viver de creança, quando o seu dever não é atropelado pela vaidade ; mas será a treva pesada e fria cahindo sobre a luz do nosso destino se a sua ignorancia lhe occultar a senda do Dever.

Eduque-se a filha e teremos, pois, a esposa exemplar e a mãe modelo.

ANNA DE SOUZA HOSTEIN.

Mãe

Este nome encerra um poema, mai ainda, encerra um mundo.

Quanta doçura e suavidade encontramos quando junto a uma mulher nós podemos n'um amplexo de ternura e vaidade, chamar-lhe - MÃE!

Como se é feliz ! Como é ditosa a creancinha a quem uma mãe cuidadosa enche de carinhos e afagos, perseverando-a de tudo que lhe possa trazer o mal, educando-a e guiando-lhe os primeiros passos no caminho da vida, para que possa um dia ser util ao seu semelhante ; e então, quando depois livre de todos os cuidados infantis derramar por toda a parte os raios luminosos da sua brilhante intelligencia e illustração, ellapossa dizer contemplando-a cheia de jubilo e justo orgulho :

«Sou sua mãe, aquillo tudo é obra minha, fui eu que a eduquei, fui eu que a elucidei no mais recondito de todos os deveres sociaes, para que hoje possa pregar esta doutrina dizendo ao mundo :—que nada ha mais puro,

mais bello, mais sagrado, do que o lar domestico, do que a familia.»

Mas para isso não basta o que somos. E' necessario que a mulher quebre as cadeias dos velhos preconceitos sociaes e se emancipe da tutella de nossos avós que lhe destinaram um lugar secundario na sociedade, para mostrar ás gerações vindouras que a mulher tem incontestavelmente pela sua capacidade intellectual o mesmo direito que o homem.

E não deixar por mais tempo em todo o explendor o nome de pae, quando egual quinhão, senão mais, compete na educação de seus filhos, á mulher.—Isto é, á MÃE!

PAULINA A. DA SILVA.

A toilette

As mulheres teêm, na generalidade, um costume deploravel! Só se vestem e se enfeitam e querem ser amaveis para o publico.

O marido, ainda o mais feliz e mais extremoso, tem sempre um rival terrivel, um rival exigente, um rival que lhe rouba parte das prerogativas e lhe cerceia parte dos direitos.

Esse rival é o publico, é esse detestavel tyranno chamado *tout le monde*, a quem tudo se sacrifica, e do qual em recompensa só se recebem criticas e desdens!

Para elle nos vestimos, para elle levamos horas a combinar o effeito da nossa *toilette*, para elle estamos defronte do espelho prendendo flôres no cabello, inventando as difficeis architeturas do penteado, para elle sabemos tocar piano e sabemos cantar, para elle desejamos ser formosas! para que elle nos applauda— mentiroso e humilhante applauso! — exhaurimos todos os recursos da nossa imaginação.

Para agradarmos a elle, que é o *extranho*, nos esquecemos dos que são nossos!

Em casa as mulheres pelo menos as mulheres portuguezas, as que eu de mais perto conheço, preferem a tudo, aquillo a que tão impropriamente chamam *estar á vontade*.

Usam uma *robe-de-chambre* desbotada, quando não trazem um vestido velho que já não serve para a rua; trazem o cabello em *papelotes* ou frisado em ganchos, e como querem descançar um pouco das talas que impuzeram aos pés, consolam-nos, mettendo-os em umas largas *babouches* desgeitosas.

Pela manhã, á hora do almoço dão vontade de chorar!

O marido olha para ellas e... de duas uma:—ou sente fastio ou come como um lobo.

De qualquer dos modos manifesta a sua melancolia.

Questão de temperamento que vem ao caso analysar aqui.

Ao meio dia, eis porém, que se lembram das visitas que não tardam, das *inimigas intimas* que veêm colher invejas e semear despeitos, de todas as ferozes exigencias sociaes, de que são submissas escravas!

Desfranzem a testa, ageitam um sorriso malicioso ou sentimental, consoante o genero da physionomia, mergulham o corpo nas tepidas e perfumadas caricias do banho vestem-se, burnem-se, penteia-se, pintam-se... e apparecem transformadas.

Durante umas poucas de horas estão no palco.

O auditorio é escrupulosissimo. Ao menor indicio que lhe destôe, manifesta sem piedade o seu desagrado.

Ellas, no entanto, suam *sous le harnais*, mas são intrepidas até á hercicidade.

Teem caricias felinas, sorrisos que adormecem a tristeza nos corações mais desconsolados, sabem ser engenhosas, cheias de invenções felizes; conseguem plenamente o seu fim, e ao deixarem a scena fica no ar uma impressão boa, quasi enternecida.

Chega a occasião de voltar aos *bastidores*. N'este caso os bastidores são a companhia do marido.

Oh! Como ellas veem cansadas, aborrecidas, cheias de tedio, e de desalento! Despem, com a voluptuosidade com que se despe um cilicio, todas essas elegancias que as torturavam; o sorriso ficticio apaga-se-lhes dos labios, a luz ficticia esmorece-lhes no olhar.

A pelle precisa de *cold-cream*, de *veloutine*, de todos os ingredientes nauseabundos; o cabello cahe-lhes aos pés, solto dos ganchos que o prendiam, e em quanto a aia com um sorriso ladino, os recolhe cuidadosamente na caixa de cartão, o marido contempla assarapantado, cheio de ingenuo e comico assombro, aquella cabeça que ainda ha pouco, no orgulho com que se erguia, na magestade altiva com que ostentava o delicado edificio das tranças e dos *riçados*, lembrava uma das cabeças gentis que o seculo XVIII beijou com enlevos e que a guilhotina beijou com volupia selvagem.

O pé estreito e *cambré*, que ainda ha pouco nos circulos vertiginosos da valsa, fazia pensar n'aquellas andorinhas forasteiras, que roçam a terra com o vôo inquieto e leve, sacode as prisões que o ligavam dolorosamente, e dilata-se á vontade, com uma furia de independencia verdadeiramente demagogica e revolucionaria, na primeira chinella que apparece.

Todo o aspecto physico se desfigura e—consequencia fatal d'esta mesma causa - o aspecto moral transfigura-se tambem.

Como a dissimulação eterna é impossivel ainda aos mais hypocritas, os defeitos que tão cuidadosamente se esconderam ao publico, revelam-se ao marido.

Riamos sem vontade ainda agora!

Com a fortuna! Desabafemos o nosso mão humor, visto que estamos em casa!

Tinhamos paciencia para aturar com expressão interessada e benevola as sensaborias muito estafadas de um senhor engravatado, de luvas côr de canario e bigode retorcido e insolente?...

Sejamos agora desapiedadas para as historias já um pouco velhas, mas em summa bastante apresentaveis que o nosso marido nos quer contar!

Fingir! sempre fingir!... Impossivel!

Sejamos verdadeiras, ao menos n'esta occasião, já que só desagradamos áquelle que tem obrigação restricta de nos aturar, quer queira, quer não!

Isto, que á primeira vista parece insignificante, quasi frivolo, tem um alcance enorme no destino de V. V. Exas., minhas senhoras!

O marido, ao perceber que de todas as mulheres a mais desagradavel é a sua, tem um momento de profunda tristeza, ao qual succedem uns poucos de annos de revolta!

E' assim que se destroe a familia, é assim que se torna desflorido e deserto o lar.

Em compensação enchem-se os salões, os *clubs*, os theatros, os botequins. Resta saber se uma das causas póde n'uma sociedade honesta e bem constituida supprir outra.

Sejam mais garridas em casa, e sejam-no menos fóra; aspirem á elegancia desprezando os mentirosos artificios; procurem, antes de tudo, agradar á familia e conseguirão a pouco e pouco, sem exforço premeditado, agradar aos estranhos.

Uma familia boa, unida e feliz é como um fóco de calor que attrahe e que irradia luz benefica.

Ha casas onde se entra e onde nos sentimos como n'um meio sympatico e captivante.

São sempre as casas em que a mulher possue a intelligencia do coração, essa cousa rara e preciosa, que suppre a formosura, o talento e todos os attractivos do espirito.

Vestir-se com uma graça despretenciosa e simples, rodear-se de cousas bellas, sentir e communicar em torno de si o praser das distracções delicadas, ser em casa um perfume vivo, uma harmonia suave que não causa uma luz serena que allumia e que não deslumbra, eis o que é ser mulher na verdadeira accepção da palavra.

Toda a mulher tem de ser *coquette* para o marido emquanto para o marido a eterna tentação fôr o pômo vedado.

Em geral só se conhecem os dous extremos,

Ou a matrona envolvida na sua virtude como n'uma couraça, terrivel, assanhadiça, formidavel, imaginando merecer todas as homenagens do esposo, porque afugenta com medonho aspecto as homenagens de todos os outros; ou então a mulher dos salões, a flôr exotica das nossas estufas mundanas, Salamandra que vive no fogo, Ninon de *biscuit* que se compraz nas adorações que provoca e que inspira, infativel actriz que só á luz da *ribalta* sabe desenvolver e manifestar todos os seus recursos.

Entre os dous contrastes é que fica a verdade.

Mulheres, desenvolvei no seio da familia as graças que desperdiçaes pelas voragens deste mundo.

Tendo todas as flexibilidades e todas as resistencias, todas as graças e todas as energias; sêde o encanto, sem deixardes de ser a virtude; e sobretudo perdei de vista o publico, esse brutal amante que vos absorve, que vos perde e que nunca vos corresponde.

Maria A. Vaz de Carvalho.

As violetas

O vigario da freguezia de***, no Rio de Janeiro, acabava de almoçar regaladamente e começava a beber com toda a pausa a sua chavena de chá, quando entrou seu sobrinho, o padre Lucio. O tio apontou-lhe uma cadeira perto da mesa e offereceu-lhe almoço.

Sobre a toalha adamascada, nos bonitos pratos de porcellana fina, estavam ainda uns restos de perdiz em salada, bifes, fiambre, ovos e uma garrafa de vinho.

— Come rapaz, dizia o gordo e vermelho vigario, come, que estás magro e amarello de metter medo! E' preciso justificar o que dizem do nosso appetite, homem!

Olha que fama sem proveito...

Mas o padre Lucio não tinha vontade, apezar de estar ainda em jejum e acceitou, unicamente para acompanhar o tio, uma chavena de chá

— E' do preto, affirmava o dono da casa, vasando do bule de electroplate para a taça branca orlada de vermelho, o perfumoso e quente liquido; é do bom .. A proposito, não te esqueças nunca de perguntar ás tuas penitentes nervosas a qualidade de chá de que usam.

Pelo que preferem sei logo a que classe pertencem, e pouco mais ou menos quantas culpas teem...

O padre Lucio estremeceu ouvindo o tio fallar em penitentes, e o vigario desapercebido continuou:

— O caso é mais grave do que se suppõe. O chá verde origina ás vezes muitas cousas más... já o seu uso é um peccado de laso mau gosto, que um padre de bem tem o dever de emendar... eu por mim confesso, concluia elle sempre risonho, que penitente que me disser não poder supportar o bom, o delicioso black-tea, não leva a minha absolvição!

Lucio ouvia sem grande attenção o tio passeando os olhos pelas paredes da sala de jantar cheia de quadros com molduras pretas. Via n'um grupo, aves penduradas pelos pés; n'outro um S. João Baptista abraçado á cabeça felpuda do cordeiro branco; n'outro coelhos de orelhas fitas e olhos redondos espetadinhos e mal feitos; n'um outro, um S. Sebastião crivado de settas, de olhar levantado e doloroso; e ao fundo, n'uma oleographia, sobre o comprido, a ceia do Senhor. Christo no centro com as mãos parallelamente erguidas, os cabellos castanhos-louros espalhados nos hombros em madeixas fartas e ondeadas, e os labios vermelhos como a sua tunica, entreabertos n'um sorriso placido.

Lucio tinha qualquer perturbação na consciencia, isso era evidente, e passeiava distrahidamente os seus grandes olhos azues para todos os quadros e cantos da casa, procurando um meio de desabafar o que sentia lá dentro.

Tinha tomado ordens havia um mez apenas. Era novo, inexperiente, medroso, uma organisação de mulher a d'elle, impressionavel e temente.

No dia em que dissera a sua primeira missa, ao levantar a hostia immaculada vagarosamente, as lagrimas rolaram-lhe pelas faces, e quando depois se voltou para os fieis, entre os quaes estavam a mãe, as irmãs, o tio, o padrinho e os amigos mais intimos, foi com tremura na voz que balbuciou o solemne—*Dominus vobiscum*—a que a mãe lá do seu canto, embevecida e a chorar tambem respondeu alto: — *Et cum spirito tuo!*

O tio sorvera o ultimo gole de chá e ia levantar-se, quando elle, com medo de que lhe fugisse a occasião propicia para uma confissão inevitavel, resolveu-se a dizer tudo naquelle instante mesmo. Se o não fizesse, se transigisse com o infantil receio que lhe tolhia a lingua, o tio sahiria, e elle teria de carregar o dia todo, doze longas horas ainda, a consciencia turbada por uma monstruosa nuvem negra!

Por isso, estendendo a mão esguia e branca para o vigario n'um gesto de pausa, disse-lhe:

— Tenha paciencia, eu preciso fallar-lhe.

O tio olhou interrogativamente para o sobrinho, recostou-se mais na cadeira, descançou no grande ventre arredondado a mão esquerda, emquanto que a direita remexia com a colhersinha de prata o assucar depositado no fundo da chicara, estendeu indolentemente as pernas e esperou.

Lucio passou e repassou nos labios o guardanapo, tossiu, levantou-se, olhou á roda, foi fechar uma porta que dava para o interior, puxou depois para mais perto do tio a cadeira, sentou-se, e curvando o busto anguloso e delgado principiou:

— Entrei hoje pela primeira vez no confissionario....

— Ah! bem! já todos os deveres do sacerdocio te são conhecidos... dou-te as minhas sinceríssimas felicitações....

O vigario voltou-se rapidamente e os seus olhinhos, por effeito talvez da digestão ou de calor, amortecidos preguiçosamente até ahi, arregalaram-se cheios de espanto,

O sobrinho continuou:

— Entrei hoje na Lapa ás nove horas. A egreja estava cheia de fieis, eu devia ir dizer a minha missa no altar de Nossa Senhora como sempre

e ia paramentar-me com todo o socego quando o padre Estacio foi pedir-me que ouvisse de confissão a filha de uma viscondessa.

Eu não posso, dizia elle, porque fui agora mesmo chamado para ir assistir á agonia de um amigo meu, mas já lhe fallei e ella consente em confessar-se a você.

Agradeci ao Estacio a distincção, e, depois de ter dito a minha missa, encaminhei-me para o confissionario.

Tinha acabado de sentar-me quando a penitente se ajoelhou a meus pés. Era uma mulher moça, pallida e formosa; commovida, levantou para mim os olhos, dois olhos negros, brilhantes, onde nadavam lagrimas, e, com voz clara e tremula, balbuciou uma phrase queixosa do seu destino...

O vigario ouvia impassivel, de sobrancelhas franzidas; Lucio curvou-se ainda mais e proseguiu:

— Tinha entre as rendas pretas, a segurar-lhe no peito a mantilha, um ramo de violetas, que me faziam mal, que me perturbavam, que me endoideciam. Eu olhava attentamente para ella, para os seus olhos lacrimosos e doces como os de Magdalena aos pés de Christo!...

O vigario não gostou da comparação, abaixou reprehensivamente a cabeça e o sobrinho, sem entender o movimento, repetiu a imagem e disse mais:

— Ella com certeza julgava que eu a escutava, mas não: eu vi-a, vi-a só, todo embebido n'aquelles olhos, entontecidos pelas violetas! Que aroma! como pode uma creança delicada, fransina, usar flôres, que fazem quasi perder os sentidos a um homem?

Aquillo deleitava-me ao principio, dava-me vertigens por fim!

Acordei, fui chamado á realidade pela voz da minha penitente, que, me perguntou se teria de cumprir grande penitencia e se estava absolvida ...

Corei. Senti que todo o sangue me subia ao rosto!

Se de tudo o que ella dissera eu nada, nada entendera!...

Pensei um momento e depois....

— Absolveste-a?! pergunta assustado o vigario.

— Não! dei-lhe por penitencia nova confissão, amanhã, ás nove horas, na Lapa.

— Fizeste bem; era o unico recurso. E pôz-se depois o vigario a recordar logicamente a Lucio os deveres do confissionario.

Exprobou a fraqueza do sobrinho, fez-lhe ver o diabo malignamente risonho de armadilha preparada para o enlear, declamou, gesticulando, contra a fragilidade do padre, d'esse infeliz padre de vinte e cinco annos, debil e impressionavel, que, aterrorisado do seu grande peccado, escutava-o humilde, contricto, com as mãos cruzadas sobre a batina negra e nova, os olhos baixos, a cabeça pendida sob a saraivada dos adjectivos bombasticos e fulminadores, que como pedradas, lhe cahiam em cima.

O tio era um pregador de recursos. A sua palavra ardente fuzilava no ar. Os seus conceitos ribombavam como trovões pejados de electricidade.

Nas grandes ceremonias, nas occasiões mais solemnes, escolhiam-n'o, a elle, entre todos os prégadores. Seus grandes sermões punham angustiosos medos no coração das devotas. Elle não apontava nunca o céo como o beneficio e doce consolo dos tristes e desgraçados.

A palavra perdão raras vezes lhe sahia dos labios tumidos, e tinha na voz redobrado vigor ao pronunciar, alli, mesmo em frente á imagem do pallido Nazareno atirando-a com um estalido de látego sobre a multidão, a palavra castigo!

As devotas choravam, e por isso elle descia sempre triumphante do pulpito.

N'essa manhã, como na egreja o vigario recorreu ás atordoadoras phrases de seu vastissimo e cruel repertorio, Lucio chegou a tremer d'aquella ameaçadora colera, e sentia dobrarem-se-lhe os joelhos.

Quando a tempestade se acalmou o tio recolheu-se para melhor pensar e orar, dizendo a Lucio que o esperasse e lesse no breviario, que lhe entregou.

Uma hora depois voltava o vigario á sala e dizia ao sobrinho:

— Foi grave a tua culpa, deve ser grande, para ser purificadora, a tua penitencia.

Amanhã ás oito horas vae á egreja do castello e confessa-te lá; depois diz por mim a missa das dez em S. Francisco; eu irei em teu logar ouvir de confissão a filha da viscondessa.

Lucio curvou-se submisso e prometteu cumprir o que lhe ditava o tio.

Toda essa noite passou-a elle em claro, illuminado pelo fulgor de uns olhos negros, os olhos da penitente, que lhe não sahiam da memoria!

Maldição! exclamava, revolvendo-se no leito... imaginando ver, atravez do brilho lacrimoso d'essas pupillas scintillantes o diabo, tal qual o pintára o vigario, a rir malignamente, preparando lhe uma armadilha traiçoeira.

Ancioso de expiar a sua culpa, levantou-se cedo, resou, leu muito, e ás oito horas galgava a largos passos a ladeira do castello, onde iria de novo lavar a sua alma ennodoada e triste....

O vigario cumpriu a sua promessa. Emquanto o sobrinho se penitenciava lá em cima, ouvia elle os peccadinhos da filha da viscondessa. Curvado para ella, sem deixar de ouvil-a com a experiencia de velho confessor, observava-lhe a belleza fresca e meiga, e o ramo de violetas, umas infelizes violetas de panno, sem odor, flores artificiaes bem acabadas, trabalho raro e caprichoso, com a mesma fórma, mas não o mesmo encanto das naturaes, e com que ella segurava, como na vespera, as rendas da mantilha...

Vendo-as, dizia comsigo o vigario: O aroma das violetas foi o brilho d'estes olhos e a mocidade de Lucio... e, elevando no ar a mão assetinada e branca, fez, sobre a cabeça curvada da bella penitente, a cruz clemente da absolvição.

JULIA LOPES.

A avó

Emilio adormeceu risonho como sempre.

Não sentiu, ao cerrar as palpebras rosadas, a lagrima silenciosa, que, deslisando pelas faces da avósinha, foi aninhar-se antre os caracóes dos seus cabellos negros.

No somno placido e tranquillo, era visitado por visões formosas; os seus labios coralinos entreabriam-se n'um sorriso meigo em que havia alguma cousa de celeste... quem sabe se não escutaria a voz carinhosa da mãe que perdera?!

Junto do leito a avósinha contemplava-o silenciosa.

Sobre o velador de madeira lavrada, entre varios objectos esparsos, via-se uma carta aberta. A luz batendo em cheio sobre a parte inferior da pagina alvinitente, permittia a leitura das seguintes linhas;

«Já fallei ao director do internato; amanhã irei á quinta para trazer o Emilio. E' preciso cuidar do seu futu-

ro. Já está um homemzinho! A senhora que tanto o quer, não deve lamentar esta resolução. E' preciso. Mais cedo ou mais tarde, isto devia realisar-se. Não chore, peço-lhe, para não fazel-o soffrer. Emilio é intelligente e bom; tenho fé que será o nosso orgulho como é hoje a nossa esperança...»

Insensivelmente os olhares da boa velhinha pousavam-se nestas phrases com que o pae do menino tentava convencel-a: «E' preciso. Mais cedo ou mais tarde isto devia realisar-se...»

Na parede fronteira, sobre um nicho de marmore cinzelado, de pé sobre uma pyramide de flôres, via-se uma imagem do Deus Menino. Do pedestal do nicho pendia uma grinalda de rosas brancas ainda frescas. Algumas petalas soltas salpicavam o tapete espalhando no ambiente um perfume vago e delicioso...

A avó, dobrando os joelhos curvou-se ante a imagem risonha do filho de Maria e, elevando os olhos murmurou supplicante:

—Meu Divino Jesus! Protegei o meu pobre filho! Estendei a vossa vista protectora para o seu pequeno leito! Velai-lhe o somno quando o pobresinho já não me tiver a seu lado!...

Levantou-se. Depois de conchegar as roupas aos hombros da creança adormecida, cerrou as cortinas de renda e affastou-se de mansinho.

No aposento contiguo, passou revista a todas as peças de roupa espalhadas sobre os moveis, accondicionou-as solicita na grande malla americana, interrompendo-se a espaços para enxugar uma lagrima renitente.

Depois de concluida a disposição de tudo quanto era necessario para a partida do neto, abriu um cofre de madeira antiga e tirou do mesmo um estojo de velludo negro com incrustações de prata. Dentro havia um medalhão contendo uma miniatura que representava uma joven de vinte annos, o maximo: era a mãe de Emilio.

O nascimento do filho custara-lhe a vida.

Deixára o mundo quando a existencia era-lhe eterno sorriso.

Filha unica de uma mãe que a idolatrava: adorada pelo homem que a todas preferira, via desabrocharem-se em torno de seu lar ditoso todas as alegrias de uma existencia venturosa.

A sua morte, o lar, até então, resplandecente e bello, tornou-se ermo e sombrio como o tumulo onde depositaram o seu corpo gelado e marmoreo.

A pobre mãe pensou finar-se de dôr, mas olhou para o netinho que ficava no mundo e enxugou as lagrimas. Dividio, desde então, a sua vida entre as saudades da filha morta e o amor da creancinha orphã.

O esposo desesperado e quasi louco, não verteu uma lagrima. Dias e dias se escoaram sem que pessoa alguma ouvisse a sua voz. Um desespero concentrado e mudo ia minando aquella existencia.

Um dia, depozeram-lhe nos braços o pequenito que ensaiava um sorriso... Então nos olhos seccos do desditoso viuvo despontou a primeira lagrima. Chorou. Era o rocio d'alma que devia fertilisar-lhe o coração devastado.

A creancinha deu-lhe coragem para viver. O ser isso do filho foi desde esse dia a esperança do pae. Ao cabo de alguns annos duplicou a sua fortuna. Emilio crescia robusto e feliz á sombra do carinho inalteravel da amorosa avó.

Quando completou oito annos, sabia tudo quanto a boa velhinha podia ensinar-lhe. A alma estava formada. Aquella creança garrula e risonha havia de ser, com certeza no futuro um caracter nobre e leal.

Era preciso agora despertar-lhe a intelligencia; alargar-lhe os horisontes da vida, fazel-o conhecer o mundo e os homens.

Era preciso dar-lhe os conhecimentos que a alma ingenua da boa velhinha não podia proporcionar-lhe. Era preciso dar-lhe um mestre. Era forçoso mandal-o para o collegio.

Mas, levaram-lhe o seu Emilio?! Pode-se acaso viver nas trevas? E qual será a sua existencia sem o sorriso angelico da creança?!...

A's lamentações da avó respondia a vóz austera da razão:

Queres então que o teu filho cresça na ignorancia? Queres vel-o mais tarde lamentar a sua sorte, maldizendo áquelles que não souberam preparar-lhe o futuro?...

E a velhinha chorava...

*
* *

O trem de suburbios aproximava-se rapidamente com um grande ruido de correntes e rodas de ferro, até que diminuindo gradualmente a velocidade parou na estação.

Enquanto os passageiros entravam e sahiam apressadamente dos carros, o pae de Emilio com a voz que forcejava por tornar calma e austera dizia ao filho:

—Anda, meu filho, abraça á tua avósinha e pede-lhe que não chore... Depressa.

O menino, vagamente impressionado lançou-se nos braços da avó que, tremula e lacrimosa, murmurava-lhe com a voz entrecortada:

—Vae, meu filho,... sê feliz... que Deus te abençôe...

—Vem Emilio; depressa, chamou o pae, cortando aquelle rosario de recommendações e soluços.

O comboio moveu-se e bem depressa desappareceu n'uma volta do caminho...

De pé na *gare*, a avósinha contemplava, com os olhos velados de lagrimas, o listão de fumo que se desfazia no horisonte...

ZALINA ROLIM.

NOVIDADES

Tivemos a honra das visitas do Exmo. Sr. Dr. José Rolim de Oliveira Ayres, digníssimo Juiz de Direito da Cidade de S. Roque, bem como a de sua illustre filha Maria Zalina Rolim, nossa collaboradora.

Agradecemos a distincção com que nos mimosearam.

Parte brevemente para as provincias do norte onde vae observar o systema de educação applicado ás meninas, a redactora desta folha Josephina Alvares de Azevedo.

A mesma Sra., tenciona para o mesmo fim, visitar as republicas do Prata, Lisboa, Paris, Hespanha e Estados-Unidos.

Do proximo numero em diante, começaremos a publicar as conferencias feitas por Monsenhor Laudriot, arcebispo de Reims, ás senhoras da Associação de Caridade.

A traducção é de A. de Campos.

E' um trabalho bellissimo, para o qual chamamos a attenção das nossas leitoras.

RECTIFICAÇÃO

No soneto— Sombras – publicado em o nº 3 d'*A Familia*, no 1º terceto, 2º verso, onde se lê— desdenhoso— leia-se— doloroso; no 2º terceto, 3º verso, onde se lê—tristeza—leia-se— descrença.

Nos versos—O Presbyterio—publicado em o nº 6 da mesma revista, na 6ª quadra, 1º verso, onde se lê—E quantas vezes — leia-se—E quanta vez.

ANNO I — S. Paulo, 26 de Janeiro de 1889. — NUM. 9

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Durante a viagem ao Norte, da redactora desta folha, fica a gerencia da mesma a cargo do Sr. Francisco Dias de Barros.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia União, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 26 DE JANEIRO DE 1889.

Mães e mestras

(Continuação)

Perceber-se-ha por exemplo, que o que ellas perderão na ascendencia social depois que se ensoberbeceu o reinado da seducção, do enredo e das bagatellas, parecem chamadas a receber na vida particular pela ascendencia de um merecimento real. A' medida que seus talentos tomão maior consistencia, seus passatempos serão mais serios ; não sendo a sua actividade distrahida por fora, reconcentrar-se-ha ao interior sobre cousas pequenas, cuidados da familia, e até sobre trabalhos proprios para lhe apurar os attractivos. A sua intelligencia acostumada a comprehender as questões geraes, quer para sua propria satisfação, quer para julgar e encitar judiciosamente as empresas das que com ellas vivem, collocou-as em tão completa relação com os negocios, habitos e costumes novos, que diversas vezes sem se queixarem e sem que por isso soffrão ellas incommodos, tem tomado sobre si a administração dos bens, quando os esposos os abandonam.

Merecem sem duvida, grandes felicitações todos estes indicios da tendencia racionavel de suas idéas. Oxalá que muito breve se realisem as grandiosas esperanças que ellas fazem antever para o futuro .

De tudo quanto exposemos concluiremos o seguinte : que o mundo é dirigido por duas classes de reinados, o da moral e o da força ; que devendo este ultimo andar sempre na mão do homem, o primeiro interesse da mulher é fazel-o moderar por todos os meios ao seu alcance. Esses meios que pertencem á educação dar-lhes a conhecer, estimar e praticar, dependem da doutrina do Evangelho, da razão, do coração, da intelligencia e da natureza. Logo que elles sejam transmittidos de umas a outras gerações como principios sagrados, o curso natural das cousas necessariamente trará ás mulheres segunda phase aperfeiçoada do Christianismo.

Reinado moral ! Aqui temos nós o grande segredo d'essa humana perfectibilidade a que se dirigem todos os corações rectos, todas as almas elevadas. Utopia soberba e consoladora, tratada de pueril por uns, de demencia por outros e que parece brilhar ao longe como lampada misteriosa que a providencia conserva em sua guarda.

CAPITULO III

EDUCAÇÃO COMMUM DAS MENINAS

A menina por causa da grande delicadesa de seus orgãos, é capaz de receber impressões tão fortes e tão profundas que poderão de alguma fórma influir no seu caracter e procedimento, por isso ella não póde estar em melhor abrigo de todo o perigo moral, do que debaixo das azas protectoras de sua mãe.

Chamada a viver no seio de uma familia e a dirigir algum dia uma casa, deve naturalmente procurar antes na escola do lar domestico do que em outra qualquer parte, as obrigações unidas á condicção do seu sexo. A reciprocidade de affeições dá lugar a uma troca continua de desvelos, affagos e obsequios, e ao mesmo tempo que essas affeições desenvolvem as suaves inclinações do coração, prepara a mulher, desde muito creança, para o papel de utilidade e sacrificio que d'antemão lhe está indicado no mundo.

A muitas mães de familia succede terem razões particulares para confiarem a educação das filhas a mestra de collegio, e algumas ha que, ou por falta de saude ou pelo estado social, e muitas obrigações ou por certa fraqueza de caracter não estejão preparadas para desempenhar esta tarefa por si mesmas, e a essas não devemos deixar de apontar as vantagens que offerece a certos respeitos o modo da educação commum, se bem que não dissimulemos o receio e a desconfiança que este modo nos inspira por causa dos inconvenientes inseparaveis delle.

Nada é mais util em um bom collegio do que a disciplina a que as menas estão sujeitas. Ha nessa regra invariavel do emprego do tempo, nessa justa balança do trabalho, alimento e divertimentos, uma influencia bastante salutar para a moral e para o physico. Essa uniformidade para não dizer *monotonia*, de dias e de semanas, é remedio para o espirito ardente e caprichoso da mocidade, a quem assim preserva das provocações muitas vezes inevitaveis no mundo ; ella procede, além d'isso, sobre o caracter, cujas asperesas destroe, tanto como a atmosphera pule os penhascos mais angulosos, á força de lhes limar os espigões.

Pelo regime da vida commum, a saude das creanças se fortalece, porque, por melhor e mais bem disposta que esteja, necessita de medida e regularidade para se desenvolver e bem conservar-se.

Podemos igualmente considerar um beneficio, a differença que vae entre a abundancia das casas particulares e a dos estabelecimentos publicos. Em virtude d'esta differença, a educação evita habitos que muitas vezes lhe podião ser prejudiciaes para o futuro, ainda que não fôra sinão a fraqueza dos progenitores e dos amigos, os desvelos em excesso das amas, as bajulações e lisonjas do servilismo, o gosto das cousas confortativas, os prazeres da jerarquia e do luxo, e tudo quanto forma essa segunda natureza tão custosa de vencer nos dias de provações que os revezes da sorte costumam a trazer comsigo.

Esse tempo de trabalho complicado de sujeição e necessidade, na vida da aula, encerra por outra parte ri quissimas lições, serve para melhor dar a conhecer no futuro as doçuras da existencia pelo motivo de que não se conhecem os bens e os males sinão pelos contrastes, assim como se julga do descanço pelo trabalho, da saude pela molestia, e da liberdade pela prisão. Se a fortuna não é bôa, lembra as luctas da coragem e da perseverança contra todos os obstaculos e o triumpho da vontade.

A educanda intelligente que já viu em pequena escala o que se passa pelo mundo, isto é, a preponderancia da riqueza a despeito da ignorancia, a presumpção da mentira, os resultados da cabula, do enredo, do espirito de companhia, os manejos da inveja, do ciume e de todas as paixões em miniatura, essa alumna, assim fortificada de certa experiencia, deve sentir-se menos principiante e menos embaraçada que outra qualquer nas grandes e serias luctas da existencia.

Olhando a educação commum debaixo de outro ponto de vista, veremos que ella apresenta alguma analogia com aquelle famoso *Palacio da Verdade* que figura não sei em que conto da sra. Genlis. O abandono, a franqueza, o genio maligno e folgazão que reina entre as escolares, não permitte a nenhuma ignorar os defeitos de uma pessôa, e este genero de ensino mutuo, essa precepção clara dos defeitos e ridiculos, é talvez para ella o mais efficaz meio de se corrigir. Esta vantagem da verdade *sem reserva* não se obtem sinão raras vezes n'outra parte.

Apesar do grande cuidado dos paes na educação privada, dir-se-hia que um certo motivo os obriga a não notar todas as imperfeições de seus filhos. E realmente, a natureza os cega sempre n'este ponto, é porque a identidade da natureza dos filhos com a sua é muito propria para dar ao juizo o caracter da parcialidade.

A mestra muitas vezes destroe este inconveniente, mas se a menina teve tempo de ganhar este vicio, por maiores que sejam os esforços empregados pela mestra, jámais conseguirá uma reforma completa.

(Continúa.)

O engeitado

Quem és tu que na pedra do caminho
Pousas a fronte nua, tristemente?
Sombrio o teu aspecto é de doente,
Rôta a veste, o cabello em desalinho

Estás ha muito aqui?—Este é o meu ninho.
—Que dizes?—A verdade! esta sómente,
—Meu Deus! que magua que teu peito sente!
Tão joven, e aqui sem um carinho!

Perdeste o pae talvez? A mãe querida?
—Sou só no mundo.—Só?! Que desgraçado!
—E' peior que a d'um cão a minha vida!

Esse, ao menos, se agora é maltratado,
Chamam-n'o logo, atiram-lhe a comida.
E a mim ninguem me quer! sou engeitado!

HERMENEGILDA DE LACERDA.

Criados e amos

I

Fallemos dos nossos criados.

E' um assumpto este de summa importancia.

Tem relações estreitas com a administração da casa, com o seu asseio, arranjo, conforto e bom governo; com a moralidade que n'ella existe, com a figura que ella representa em relação ás outras casas.

Parece uma questão ridicula e comesinha; tem sido estragada por todas as matronas de máo humor que desafogam nella a superabundancia de sua bilis; é o assumpto obrigado das conversações das mães burguezas, em quanto nas pequenas *soirées* dos quartos andares as *meninas* estafam um desgraçado piano authomatico, os *litteratos* da familia recitam versos a *ella*, e tres commendadores gordos e vermelhos disputam acalorada e ferozmente a uma banca de voltarete.

Ninguem todavia ainda encarou esta questão debaixo do seu verdadeiro aspecto.

Declama-se contra a decadencia e desmoralisação dos criados de hoje, mas ninguem pensou que esta decadencia, que esta desmoralisação, provêm forçosamente de alguma cousa que é necessario conhecer e destruir.

A' primeira vista, observando na familia, esse elemento que se tem tornado tão indispensavel quanto perigoso, nota-se o seguinte:

—Que os criados de hoje não se podem comparar aos criados antigos, nem na fidelidade, nem na lealdade, nem no desinteresse, nem na moralidade.

Já se vê que esta regra tem excepções numerosas, de que não trataremos, mas que reconhecemos e admittimos.

—Que dia a dia se nota nesta classe um desapego mais profundo pelas familias a quem servem, e em cujo seio penetram.

—Que elles são sempre ou quasi sempre os auxiliares da traição, do vicio, da desobediencia, e que portanto é profundamente corruptora a influencia que exercem na familia.

—Que o seu desinteresse consiste em especularem com as fraquezas ou as maldades d'aquelles de quem dependem, e que vivem e medram na immoralidade dos seus superiores.

—Que pelo seu comportamento se revelam inimigos natos de todos que estão acima delles, e que presentindo a vantagem que lhes póde provir do baixamento dos entes de quem receiam a severidade com que são forçados, muito contra a sua vontade, a respeitar, o fim que elles teem, e que procuram por todos os modos attingir, é o seguinte: Penetrar vagarosa e cautelosamente na confiança dos amos, extorquir-lhes os seus segredos, e divulgal-os por séde instinctiva de vingança, ou exploral-os por desejo immoderado de ganho.

Posto isto, provado está que os criados são os nossos *inimigos necessarios*, e que é preciso que para com elles a nossa attitude seja por emquanto inteiramente defensiva.

E dizemos *por emquanto*, por uma razão muito simples.

Porque entendemos que, quando n'uma classe inteira se manifestam symptomas de corrupção e de gangrena, a culpa vem por força de longe, e *de cima*, e que devemos applicar-nos com todas as nossas forças e todos os nossos desejos, a modificar essa culpa, e a redimil-a por fim.

A que póde attribuir-se o contraste notavel que se reconhece entre os criados *antigos* e os criados de hoje?

A muitas causas independentes da nossa vontade, e sobretudo da vontade d'elles ; as causas que têm o seu *quê* de politicas, o seu *quê* de economicas, o seu *quê* de sociaes, o seu *quê* de philosophicas.

Vejam em quantas questões nebulosas e importantes entesta esta humilde questão de criados.

Transformação completa do viver social e do viver domestico.

D'antes a familia era fundada n'um principio de muito menos justiça, mas n'uma base de muito mais solidez.

Havia o *chefe* que acolhia á sua vasta sombra, os irmãos, os parentes pobres, os filhos, os servos que eram tambem uma tradicção e tambem uma herança.

Quando o chefe morria succedia o filho ou o irmão mais velho, que herdava os irmãos, os tios, os parentes pobres, os servos, todos os haveres, e tambem todos os encargos da numerosa communidade.

Os criados entravam ao collo de sua mãe que vinha ser aia, ou varredora, ou engommadeira, ou outra cousa qualquer e sahiam de 60 ou 80 annos no caixão para o cemiterio, deixando na familia nova geração de servos que eram seus filhos.

D'este modo havia estabilidade nos seus empregos. Só eram demittidos por *erro de officio*.

Não receiavam o dia de amanhã, não sentiam a esmagadora indifferença dos superiores a revelar-lhes que na familia eram parias, eram estranhos, eram inimigos.

Não precisavam de se apossar de um segredo, de ameaçar tacitamente com uma denuncia, de lisongear vilmente um vicio ou mesmo uma mania, para darem solidez e garantia de duração á sua posição independente e precaria !

Emquanto que na vasta sala de jantar, de tectos apainelados, e custosos pannos de Arras, em torno da pesada mesa de carvalho, primorosamente entalhada, se reunia alegre e numerosa familia, em que umas poucas de gerações se enlaçavam, na cosinha do palacio, ao lume crepitante das fornalhas enormes, reunia-se tambem a familia ainda mais numerosa dos antigos servos, eram paes, mães, filhos, ás vezes netos.

Não estavam privados de todas as condições humanas, tinham as suas festas intimas, as suas alegrias, os seus affectos !

O seu maior empenho consistia em que a familia de que dependiam, florescesse e prosperasse ; a sorte delles e dos seus, estava por assim dizer, identificada com a sorte dos amos.

Affeiçoavam-se áquellas paredes, ou áquelles moveis, á senhora que era branda e protectora para elles, ás creanças que tinham ajudado a crear. e que um dia viriam a conceder-lhes a mesma protecção que hoje recebiam dos paes.

Eram máos, interesseiros, crueis ás vezes ! Embora ! E' porque eram homens, e não porque eram servos.

Tinham as qualidades boas ou más da humanidade e não as de uma determinada classe.

D'aqui a sua superioridade sobre os criados de hoje.

—

No regimem moderno, a familia tem outra constituição e outros costumes.

As fortunas extremamente divididas já não consentem esse modo de viver opulento e patriarchal. Os menos ricos, que são no fim de contas os grandes financeiros modernos, esses que juntaram a fortuna de que gosam á custa de privações e de trabalho, são egoistas para todos, e particularmente duros para os inferiores.

Na sua opinião os criados são machinas. Umas machinas que vestem casaca, e usam gravata branca.

Exigem d'elles um serviço irreprehensivel, uma obediencia passiva, uma disciplina exemplar.

De resto odeiam-nos porque lhes têem um certo medo.

Comprehendem perfeitamente que são ridiculos, elles que andaram tanto tempo de tamancos, a varer os armazens, a levarem empurrões e maos tractos dos caixeiros grandes da casa, a curvarem-se humildemente dos patrões, dando-se agora aquelles ares superiores e desdenhosos de potentados.

Emquanto comem em pratos de Sevres ou do Japão, uns manjares exquisitos que o cosinheiro de dez ou doze libras por mez, lhes impinge traiçoeiramente, sentem-se acanhados diante do olhar frio, do olhar metallico dos criados de mesa, e imaginam que elles no mudo escarneo d'esse olhar, lhes dizem que estão percebendo o seu desastramento, os seus gestos grosseiros, e até a saudade com que recordam a assorda e o bacalhau salgado dos bons dias da mocidade.

D'esta hostilidade mutua nada bom póde resultar.

Os amos são orgulhosos, cheios de desdem, de indifferença, de duro egoismo ; os criados são hypocritamente humildes, são invejosos, e malevolamente escarnecedores.

Só um laço póde ligar estes sêres ; a cumplicidade.

De cima não haverá brandura emquanto de baixo não houver subserviencia criminosa.

Ambos o comprehendem de sobejo; comprehendem-no sobretudo os criados que andam á mira d'um segredo, d'uma indiscripção, d'uma descoberta qualquer que os faça levantar a cabeça !

No dia em que a aia recebe a primeira confidencia da senhora, no dia em que lhe é escutado o primeiro recado de que a encarregam, invertem-se os papeis, e só continúa apparentemente aquella humildade que a suffocava de colera e de despeito.

Era escrava obediente e muda, hoje é cumplice, o que quer dizer tyranna.

Ao marido em caso identino succede o mesmo.

Moralidade d'esta situação: o criado de hoje triumpha quando seus amos se rebaixam.

(Continúa.)

Maria A. Vaz de Carvalho.

Não é vivendo muito tempo, mas observando muito, que se aprende alguma cousa.

No fim da pagina

I

Que o recrutamento está feio
Não merece contestação,
Já se recrutam mulheres,
Por mera vadiação !

Isso é mais que irrisorio,
Parece até caçoada,
Que se recrutem mulheres
P'ra ter-se roupa lavada.

Ando devéras assustada,
Com o diabo da brincadeira,
Se me recrutam, largo a penna,
E passo a ser lavadeira.

E o caso não é p'ra menos,
Elles não respeitam ninguem,
Pois já recrutam crianças,
Para o exercito tambem.

Zefa.

A cruz do arroio

Atravez de sinuosos meandros de arvores espessas e arbustos, em um atalho quasi ignorado á margem de humilde riacho, via-se n'uma esplendida manhã de primavera uma encantadora menina loura, trilhando com imperturbavel serenidade essa arriscadissima vereda.

Tinha o corpo delgado e franzino, os olhos rasgados e admiravelmente bellos. Os cabellos em fartos anneis cahiam-lhe com profusão até á cintura, atados por uma estreita fitinha azul celeste, sombreando ao de leve a sua fronte clara e assetinada, Os seus trajes eram assás singellos ; trazia um avental preto arregaçado e repleto de flores. Os pésinhos delicados, pisavam nos imperceptivelmente por sobre as silvas e hastes emmaranhadas do caminho, como se trilhasse sobre a mais avelludada alfombra.

Dir-se-hia estar de ha muito habituada a vagar por tão agrestes e intrincadas veredas, no entanto faziam apenas alguns mezes que para alli viera. Um imprevisto revez da fortuna obrigára seus pais a abandonarem a cidade onde viviam, e a virem occultar n'aquella inhospita solidão o infortunio e a miseria a que se achavam condemnados.

A feliz organisação de Evelina, que tinha então 15 annos, nada soffreu com tão brusca mudança, e como nos ditosos dias de sua opulencia, depois de auxiliar a mãe nos mais rudes affazeres domesticos, percorria alegre, feliz sem pesares de hontem, nem cuidados de amanhã quasi todos os arredores d'aquelle sombrio deserto, apenas amenisado pela doçura e attractivos d'um clima suave. A vida da menina deslisava-se pois suavemente, qual brisa tepida e perfumada. Em cada aurora que passava, julgava ouvir um novo hymno, e cada crepusculo trazia-lhe uma nova esperança. A sua alma boa e generosa tinha sempre um manancial inexhaurivel de consolações para todas as dores. Ao pé de si ninguem podia estar triste, os seus desvelos tinham o magico condão de suavisar todos os males. Sempre meiga, serena e ridentissima, até aos seres inanimados estendia a sua constante solicitude.

***

Um dia que alongára mais alem as suas excursões pela floresta, descobriu por entre verdejantes moitas de arvoredo, uma pobre cruz abandonada.

Muitas vezes ella tinha visto á beira das estradas, erguida em toscos pedestaes de musgo e pedras, essa synthese augusta da dor, como que a implorar de ignoto viajor que passa, uma prece, uma lagrima, pela infeliz victima d'uma catastrophe, d'um crime talvez ; mas em todas, ella vira algumas flores murchas, uma fitinha enlaçada, um emblema qualquer attestando não estarem completamente esquecidas.

Só aquella cruz abandonada jazia no olvido, sem duvida ha muitos annos. O solo achava-se alli coberto de sarças e hervas rasteiras que, impavidas s'enlaçavam até aos braços da cruz, já meio derribada pelos destroços do tempo.

A'quella inesperada descuberta não pôde reter uma exclamação de sincera piedade, e algumas lagrimas compassivas rebrilharam-lhe nos olhos.

—Pobresinho !... Oh ! meu Deus tende compaixão do infeliz que aqui morreu talvez no desamparo ! Toda essa noite Elvira sonhou com o desgraçado, cujo tragico fim a cruz abandonada parecia attestar, e no dia seguinte com o auxilio de seu pae conseguiu transformar aquella brenha selvatica n'um poetico e devoto retiro, que a sua piedade comprazia-se em adornar todas as manhãs, das mais bellas e aromaticas flores, orando sempre pelo desgraçado, alli tantos annos esquecido.

As arvores entrelaçando os seus ramos formavam um magnifico pavilhão, no centro do qual hasteava-se a cruz no seu tosco pedestal de pedras, por cujas fendas brotavam mimosas flores, producção expontanea da natureza.

A' pequena distancia via-se filtrando harmoniosa no seu murmurio, a corrente pacifica, serena e limpida d'um arroio que parecia exhalar aromas, dando frescura e viço á mimosa alfombra, que agora graças aos cuidados de Evelina, alcatifava aquelle suave retiro, como um extenso tapete de virente matiz.

***

Na fresca e amenissima manhã que a nossa singela narrativa explica, Evelina lembrara-se de colher as mais bellas e viçosas boninas para adornar a cruz do arroio, como ella a chamava. Alli chegando sentou-se sobre a macia relva e depois de abrir o avental começou a tecer com graça e agilidade incomparaveis, uma linda corôa de candidas boninas, cantando alegremente.

Toda embevecida no trabalho sorria satisfeita, e quando succedia erguer os formosos olhos, fitava-os languidamente sobre a cruz, então dos seus labios parecia escapar uma singela prece, em favor desse infeliz a quem jámais conhecera, porem que habituára-se a amar, como amava a todos os desgraçados

Depois de concluida, enlaçou-a devotamente n'um dos braços da cruz, e affastando-se alguns passos deteve-se a consideral-a no mais religioso enlevo d'alma, respirando com delicias o odorifero perfume das boninas, que ainda orvalhadas pelo rocio matutino scintillavão nos raios brilhantes do sol, como focos de luz. Em seguida Evelina curvou-se olhando para o avental que tinha preso entre as mãos, e vendo quantidade de flores sufficiente dispunha-se a tecer uma outra corôa, quando deixou repentinamente escapar uma exclamação de espanto, recuando toda enrubecida e tremula para junto da cruz, como se invocasse o seu amparo. Tinha avistado a curta distancia uma pessoa completamente desconhecida para ella, a qual parecia contemplal-a absorta em extatica admiração.

O recemvindo vendo-se descoberto, approximou-se d'ella e saudou-a com um sorriso insinuante.

Evelina na sua extraordinaria confusão deixára cahir do regaço as flores que espargidas pelo chão exhalavam os mais inebriantes perfumes.

Entretanto sentiu-se gradualmente tranquillisar-se ao aspecto d'um bello mancebo, de porte airoso, tendo apenas os labios sombreados por um tenue bigode.

—Nada deveis receiar, encantadora joven, disse elle com um timbre de voz agradavel, porque o zelo e sollicitude que dignasteis dispensar a este recinto sagrado, onde perdi o melhor dos paes, inspiram-me por vós um culto santo de agradecido respeito.

Então o moço em breves e succintes palavras referiu-lhe a catastrophe que o tinha reduzido á orphandade.

***

Havia muito tempo, desesete annos talvez, quando um rico caçador ao percorrer com diversos companheiros aquellas paragens, no momento de atirar a uma corça, o cavallo que cavalgava, tropeçando, precipitou-o no chão com tanta infelicidade, que a arma voltando-se contra elle matou-o quasi instantaneamente. A' memoria d'esse infausto acontecimento os amigos erigiram uma cruz no mesmo sitio onde elle expirara. A sua infeliz viuva pouco sobreviveu á sua desgraça, deixando orphão o unico filho que tinham, o qual entregue a um parente affastado foi residir em outros sitios. Chegando porém á sua maioridade, ao tomar posse dos bens que possuia, o seu primeiro cuidado, como bom filho que era, foi informar-se do local onde perdera seu pae.

Cançado porem de inuteis pesquizas, esteve quasi a abandonar semelhante empreza, quando casualmente ouviu a voz argentina da moça, que para alli o guiara, sem que fosse presentido por ella.

Ainda mesmo quando não bastasse o conjuncto harmonioso e irresistivel das graças de Evelina, o cuidado e a affectuosa solicitude com que ella aformoseara aquelle venerando recinto, seriam assas sufficientes para subjugal-o completamente. Desde então aquellas duas existencia, que pareciam talhadas uma para outra, se fundiram n'uma harmonia intima de sentimentos perfeitamente iguaes gosando a encantadora e dulcissima certeza de que o seu mutuo affecto era comprehendido e compartilhado.

Uma sympathia que tivera começo junto a um symbolo tão sagrado, não podia deixar de ser abençoada pelo céo.

* * *

Quando os pais de Evelina viram-n'a alegre, rica, feliz e para sempre ligada ao joven a quem amava, derramando em torno de si a felicidade; ergueram os olhos para o céu, bemdizendo a cruz do arroio, a quem na sua crença piedosa attribuiam a imprevista ventura de que gosavam.

Taubaté, 13 de Janeiro de 89.

ANALIA FRANCO.

E' preciso amar as crianças para as comprehender; advinham-se muito menos pela intelligencia do que pelo coração.

Madame NECKER.

A mulher

(FRAGMENTO DA «SIBYLLA»)

. . . . . .

Vós que usurpar tentaes das luciadas conquistas
O triumphal laurel, soberbos egoistas,
Dizei:— como arrancar das paginas da historia
Um nome feminil, que já sagrou a gloria?.

. . . . . .

Proudhon, grande Proudhon, árbitro orgulhoso,
Que em teu cruel desdem banias, impiedoso,
Da região sublime onde t'equilibravas,
Todo o femineo espirito, no qual tu só marcavas
A orbita do lar: ó grande frente austera,
O que sentiste, diz, quando ascendendo á esphera
Do grave pensador, politico, estadista,
A pallida Royer, a sabia economista,
No ágape sublime, humanitar o gremio,
Soberba, ao lado teu, foi partilhar teu premio?!...
O que sentiste, diz, pungir-te a consciencia,
Ao vêl a irradiando a luz, a intelligencia?

O' Molière, e tu, que a acerba zombaria,
O latego cruel, terrivel da ironia,
Brandindo féro, audaz, em producções famosas,
Arrenessaste o stigma, — as tuas *Preciosas*,
A' face da mulher:—porque irônico, ancioso,
Ia implorar o apoio esse estro victorioso,
Ao juvenil portento, Oraculo divino,
Curvando-te á sancção d'um labio purpurino?!
Porque rojar te aos pés da fada mysteriosa,
Niaon, a «epicurista», a bella voluptuosa?..

. . . . . .

O' pleiade immortal, que a face illuminada,
Passasta envolta em gloria a ethiaya destrellada:
Staël, Sand e Gacy, Roland e Hypathia,
E' Ancelot, e Sapho, a deusa da poesia!
E vós, que ao novo sopro, em radiações eternas,
Um novo ardor inflamma, ó musas hodiernas:
Aston, Bloomer, Audouard, heroicas precursoras;
Tenhuin e Martineau, soberbas pensadoras!..
O' pallida Ackermann, philosopho profundo:
Em cada olhar um astro... em cada idéa um mundo!
Frontes que entresonhando ignotos esplendores,
Sublime olvidaes os insultos detractores:
Impunes ficarão, constellações radientes,
A grande turba vil d'estólidos «pedantes»?!...

. . . . . .

. . . . O' genio, aguia esplendente!.
Onde o teu vôo audaz pairar altipotente,
Ha de rasgar-se a nuvem ao gigantesco adejo,
E fuzilar o raio... o eternal lampejo!...

. . . . . .

. . . . . .

MARIANA DE ANDRADE.

Ha um meio infallivel para impôr uma idéa aos outros: é fazer-lhes crêr que elles a tiveram.

Serões campestres

«A PORTA DO PARAISO»

I

—Mecê não acredita, Inha....

—Acredito, sim, tia Floripa; conte.

Não acredita, eu sei; mas sou capaz de jurar, com as mãos sobre as sagradas escripturas, em como vi abrir-se a porta do Paraiso.

—Conte!

Diz-se que as mulheres são curiosas; eu sou mais do que todas as mulheres.

Muito insisti, tão supplices falaram os meus olhos aos olhos enevoados da velha paulista, que a bondosa creatura, em cuja alma serenissima brilhavam as chammas divinamente bellas da creança e da simplicidade biblica, decidia-se a falar...

II

A noute estava explendida: mas quente.

Abandonamos a casa em busca de uma aura refrigeradora e sentados no terreiro á tenue claridade das estrellas, absorvemo-nos nas nossas recordações e na saudade mordente dos ausentes unados, que ellas acordavam no fundo de nossos corações...

As vozes monotonas dos patricios, partindo de pontos diversos, alternadas em accelerada respondencia, formavam com o canto estridente dos grillos, e zumbido dos insectos noctivagos e os mil rumores indefinidos das paragens agrestes, uma orchestra extranha, que não era destituida de encanto.

Em toda a extensão dos descampados circumdantes, por entre as alvas e ondeantes plumas dos ubás, as formosas touceiras da brejaúva e as folhas elegantissimas das bananeiras guaymbés, brilhavam e extinguiam-se, com phantastica rapidez, as chammas docemente azuladas de milhares de pyrilampos; as grandes arvores de sombras poupadas pelo machado derribador para abrigo das alimarias avultavam magestosas no cimo das imminencias, como atalaias vigilantes destas solidões...

E porque eulucte os mais deliciosos quadros uma sombra expressiva, a voz metalica e agoureira de uma suyndára feria-nos o ouvido, de espaço, pondo uma nota sinistra na doce serenidade daquella formosissima noute primaveril.

III

Illuminára-se a face pallida e rugosa da Tia Florinda; e ella falou-me assim:

—«Eu era pequenina, Inhá, e emquanto minhas irmãs corriam pelo grande terreiro da casa de meu pae, que era sitieiro, brincando—«Bento que bento frades», eu que sempre fui muito fraca e fraquinha, e que não tinha forças para correr com as outras creanças, deitei-me em uma esteira e fiquei a olhar para o céo.

A noite era bonita como esta: o céo estava tão crivadinho de estrellas, que não havia entre ellas espaço para a cabeça de um alfinete, e o caminho de S. Felippe, e de S. Thiago brilhavam tanto, que os olhos doiam-me de olhar para elle.

O céo é baixo aos innocentes. Inhá; á medida porém, que vamos crescendo, em annos e peccados elle vae-se afastando de nós, até que colloca-se tão alto, tão alto, que a gente velha chega a perder toda a esperança de alcançal-o no dia da morte.

Nessa noite eu vi o céo ainda mais proximo do que nas outras; afigurava-se-me que, para alcançal-o, bastava pôr-me de pé e levantar para elle os meus bracinhos.

E eu olhava para o céo, esquecida de todos, esquecida de tudo, sem fartar me de contemplal-o!

Nisto bem perto do caminho de S. Felippe, uma grande nuvem prateada partiu-se em duas; e essas duas nuvens, movendo-se silenciosas, abriam-se como uma porta, mostrando-me o Paraiso!

Ah, Inha, quantos esplendores!

Quantas maravilhas! Havia lá dentro uma luz tão diaphana, tão suave, mas tão intensa, que todos os anjos pareciam trespassados pela celeste claridade!...

Junto á porta um velho alto, vestindo uma comprida tunica flutuante, com longas barbas resplandecentes e a fronte irradiante, sorrio para mim...

Estive muito tempo sem poder falar.

Depois, chamei por minhas irmãs; minhas irmãs chamaram minha mãe, que gritou tambem por meu pae, e todos elles, muito religiosos, rodearam-me para verem os anjos e S. Pedro.

—Onde está a porta da Paraiso, Flor?...

Alli! alli!—gritava eu, designando o ponto em que a distinguia.

Mas S. Pedro molestou-se por eu não ter guardado o segredo.

De subito sumiram-se os anjos, extinguiram-se as luzes e as mesmas nuvens, pouco antes, reluzentes como a prata, fizeram-se negras e cerraram-se trovejando, escondendo-me o céo...

Foi então que eu senti estallarem-me nas costas as cordas dobradas que meu pae tinha na mão; elle deu-me, nessa noute a unica sóva que em pequenina levei.

—Isso é que é a porta do Paraiso! gritava elle, louco de raiva, emquanto me batia. Hoi de ensinar te a brincar com os anjos e com o senhor S. Pedro!

Minhas irmãs choravam; minha mãe arrancou-me de suas mãos e fugia commigo para a casa, e por meu maior castigo, Inhá, por mais que olhasse d'ahi em diante para o céo, nas noites estrelladas e serenas, nunca mais, nunca mais vi abrir-se a porta do Paraiso!»

NARCIZA AMALIA.

A inveja é a admiração da malevolencia.

Reminiscencia

Noutes de minha terra, noutes unicas!
Phenomenos de luz e de harmonia
Que a sombra, a Musa das legendas runicas
Mysteriosa envolve e acaricia.

De longe vos contemplo! Na memoria
Affeiçoavel, tenra da menina
Guardai-vos como em lapida marmorea
Burila o artista uma visão divina.

De longe vos contemplo! Ao sopro cálido
Das brisas do sertão, quantas estrellas
Brotam do arminho d'esse céo mais pallido
P'ra que as rosas da luz abram mais bellas!

E escuta os ecos d'esse enorme cantico,
Desse eterno poema que murmura
A vossos pés o espirito do Atlantico
—Preito de bardo á excelsa formosura.

Aqui posa na fronte um céo de cumulos
Que as estrellas mais lividas que a lua
Véllam, sepultam, quasi dispersos tumulos...
E, a nevoa liberta rente ao chão flutua.

Noutes de minha terra, noutes unicas!
—Phenomenos de luz e de harmonia,
Que a sombra, a Musa das legendas runicas,
Mysteriosa envolve e acaricia.

Pudesse minha inspirada existencia
Refundir-vos agora ao quente seio!
—Vira á flôr de voss'aurea transparencia
Resurgirem os mortos que pranteio!

NARCISA AMALIA.

O bouquet de violetas

(DE CHINCHOLLE)

Eram primos. Ambos jovens, impetuosos e ardentes, amando-se com o enthusiasmo louco dos primeiros amores. Elle tinha um nome perfeitamente adequado á bravura do seu genio audicioso, e se m'o permittem, á elegancia das suas maneiras e das suas *toilettes*, de um modernismo correcto, cheio de bom tom;—chamava-se Leão.

Ella possuia uma alma candida, um coração cheio de pureza e um rosto de notavel brancura. Que outro nome lhe iria melhor de que este?—Clara.

Chamava-se pois assim.

O pae fôra novo para Paris, onde fixou o seu escriptorio de tabellião, juntando uma fortuna razoavel. Entretanto, o pae de Leão ficava na provincia, recebedor de uma pequena comarca que lhe dava para viver, tres mil e seis centos francos. D'esta quantia foram economisados mil e duzentos francos, logo que se decidiu a mandar estudar em Paris o gracioso Leão.

Chegando á capital da França, o pequeno provinciano teve dois deslumbramentos:—a prespectiva arrebatadora da cidade e o rosto encantador da prima.

No meio do turbilhão ruidoso e fascinante de Paris o pobre rapaz pensou que a sua mezada lhe não chegaria se não fosse calculadamente repartida, e o que raras vezes succede, soube pôr em pratica a preciosa theoria.

Receiava da sua inexperiencia e dos desvarios da sua cabeça atrevida. Tratou de prevenir-se contra os desiquilibrios financeiros.

No principio de cada mez, ao chegar a mezada paternal, Leão pagava immediatamente a despeza do quarto e do *restaurant*, em seguida apartava vinte francos para o seu alfaiate, depois dos doze ou quinze que lhe restavam, punha invariavelmente de lado tantas moedas de cobre quantos eram os dias do mez.

Este dinheiro era distinado á compra de *bouquets* de violetas.

Não pensem todavia que isto era um desperdicio inutil. Não senhor. Era um meio engenhoso de que elle se servia para exprimir á formosa priminha que a amava muito.

A graciosa offrenda realisava-se quotidianamente das cinco ás seis da tarde, hora em que Leão visitava Clara.

Aquelles pequenos *bouquets* eram a unica revelação do seu offecto. O perfume e a modestia da flôr traduziam perfeitamente os seus sentimentos.

Clara correspondia, mas tinha um odo particular de o fazer.

Sabem como?

Era assim.

Todas as tardes em troca do *bouquet* d'esse dia, entregava-lhe o ramo da vespera. Até aqui nada ha de notavel, nada que denuncie um sentimento affectuoso. Toda a revelação está no lugar de onde ella tirava o ramo.

Timidamente, com uma expressão de candura no olhar e um sorriso de ingenuidade nos labios, a innocente tirava-o do peito Leão collocava immediata e avidamente os labios n'esta reliquia tão saturada do perfume virginal d'aquelle ente adoravel.

Durante tres mezes, as cousas correram d'este modo. A troca do *bouquet* fazia-se todas as tardes e se o ramo viçoso significava:—«Clara, amo-te muito», as flôres murchas tiradas do peito respondiam:—«Estamos resequidas pelo calor violento do seu coração.»

Isto, porém, não era bastante para Leão que nos seus delirios imperiosos e esbraziados queria, implorava, uma outra resposta. Uma resposta que se não diz, antes se murmura ou apenas se sente; todo o seu ser aspirava pelo primeiro beijo, esse beijo escaldante e devorador; essa confusão da paixão do homem com a timida candura da virgem; essa concessão de duas almas que se entregam; esse consorcio dulcissimo dos labios, d'onde nascem os dois primeiros filhos do amor—o *tu* e o *teu*.

Mas a prima era caprichosa e pudica. O desejado beijo não era concedido; por isso todas as tardes, apesar da sua ventura, Leão sahia triste da casa de Clara.

Se o *bouquet*, que elle levava apertado contra os labios, lhe podesse dizer quantas vezes tinha sido respirado e beijado pela caprichosa que dava ás flôres o que recusava ao amante!...

Se o pequeno ramo podesse repetir todas as doces e bonitas phrases que ella lhe dirigia! E como o perfume das tristes flôrinhas perturbava ás vezes aquelle cerebro irrequieto, produzindo-lhe exaltações febris e loucas! N'esses momentos a sua cabecinha devaneadora reclinava-se para traz, os seus olhos cheios de languidez erravam pelo tecto, os labios murmuravam-lhe confissões arrebatadas, em que o nome de Leão era repetido com desvario e a sua presença desejada com anciedade.

Mas o *bouquet* ficava mudo e o pobre apaixonado, beijando-o soffregamente, não sabia lêr alli os segredos hieroglyphicos do amor.

Isto durava, dissemos nós, havia tres mezes, estavamos pois no fim de Março.

N'aquelle dia, Leão ao passar suavemente a manga do *frac* pelo seu chapéo alto, preparando-se para sahir, não levava no bolso mais que duas pequenas moedas de cobre.

Tinha, é verdade, regulado e perfeitamente repartido a sua mezada, mas o mez estava no fim, portanto não lhe restavam mais que as duas pequenas moedas precisamente conservadas para os *bouquets* de violetas.

Todavia a sua alma alegre, o seu coração esperançoso e repleto de ventura, não o deixaram preoccupar com as pequenas miserias financeiras. Desceu a escada trauteando uma canção descuidosa e risonha, acompanhada pelo tinir compassado que lhe faziam no bolso as duas unicas moedas de cobre.

Eram cinco horas, ia portanto comprar o *bouquet* e leval-o.

Quem sabe, pensava elle, talvez hoje seja mais feliz e alcance o suspirado beijo!... Clara na vespera, tinha sido tão adoravel! Tinha conversado uma hora com elle de mãos dadas e tão juntos, tão juntos, que se lhe não tinha tocado as faces, pelo menos havia-lhe sentido o aveludado; se os seus labios não se encontraram, elle tinha ainda assim respirado o seu halito perfumado. Era tão perto d'ali ao suspirado beijo que podia considerar aquelle incidente uma lettra acceite, com o vencimento breve.

Distraido, immerso n'estas reflexões, Leão caminhava de cabeça erguida, como um apaixonado triumphante ou perto d'isso, e passara já, sem reparar nas *bouquetières* ambulantes que n'aquella epocha do anno percorrem as ruas de Paris com os seus carrinhos perfumados.

Tinha, porém, chegado perto da casa de Clara e era preciso gastar os ultimos cobres no invariavel *bauquet*.

Ia voltar para traz em procura d'alguem que lhe vendesse o mimoso brinde, quando reparou que exactamente junto á porta da priminha havia de um lado uma vendedora de flôres e do outro uma pobre mulher tendo nos braços uma creança doente.

O bom coração de Leão compungio-se ao vêr que teria de deixar sem soccorro a infeliz mendiga ou de renunciar ao ramo que lhe alcançaria n'essa tarde, quem sabe? o desejado beijo. N'esta hesitação afastou-se da pobre, e encaminhando-se para a ramilheteira escolheu o *bouquet* de violetas mais aromatico, mais fresco, mais aspergido de orvalho; ao estender, porém, as duas moedas de cobre que o pagavam, a voz da mendiga implorava:

—Uma esmola, meu rico senhor, uma esmola para o meu filhinho!

Leão estremeceu. Parecia-lhe um crime comprar flôres quando alguem alli ao pé tinha fome...

Mas o beijo! o anhelado beijo passava-lhe na mente como fuscações rubras de uma tentação irresistivel.

Que fazer!

N'aquelle momento a mão da pobre tocou-lhe o braço, Leão olhou-a e viu-a, magra, pallida com o seu filhinho mais magro e mais pallido ainda. Não hesitou, deixou cahir o ramo no cesto e deu o dinheiro á mendiga.

Nada de *bouquet*, por conseguinte, nada de esperança, nada de beijo, pensava elle consigo, cheio de um grande pesar, e subindo a escada de Clara tocou a campainha.

Foi ella mesmo quem veiu abrir, toda alegre, aos saltinhos, com uma pressa desusada, e sem mais preambulos, sem mais receios timidos, abraçou-lhe o pescoço e beijou-o.

Attonito, commovido, o triumphador perguntava a causa da sua ventura que era tão grande como inesperada. E ella tapando-lhe a bocca com um movimento gracioso da sua mãosinha breve, murmurava:

—Cala-te, cala-te! Não queiras negar, vi tudo. Uma bôa acção vale mais que um *bouquet* de violetas; toma e deu-lhe outro beijo.

Leão radiante, transportado, louco, prometteu para solemnisar aquella ventura dar aos pobres, de então em diante, o que até alli gastava em flôres.

ELIZA CANDUR.

Um bom conselho nunca dá prazer senão a quem o dá.

A alma que sonha comprehende a alma que soffre.

NOVIDADES

Ao correio

E' com bastante pesar que lançamos mão da penna para censurarmos uma repartição que só devia merecer-nos elogio

Muitas são as reclamações que todos os dias vêem ao nosso escriptorio, queixando-se da falta do recebimento da nossa folha.

Ha dias recebemos uma queixa do Sr. Eduardo Rudge, morador á rua Aurora n. 59, que diz-nos não ter o prazer de receber *A Familia*, isto ha duas semanas !

A nossa companheira de trabalho Doutora Isabel de Mattos Dillon, queixa-se do mesmo mal.

Nós mesmas não recebemos o *Diario do Commercio*, *Municipio Neutro* e *Tribuna Liberal*, com a regularidade precisa, dias ha em que não temos a honra de os ver.

A quem attribuir tal desleixo ?

Ao correio, sómente ao correio, pois que as folhas que citamos publicam-se com toda a regularidade e a sua distribuição é feita com rigoroso cuidado.

Assim pois, ousamos mais uma vez, pedir ao digno administrador do correio, providencias n'este sentido.

Imprensa

Temos sido honrados com a permutta dos seguintes jornaes :

O Descalvadense, *Revista Illustrada*, *O Trabalho*, *Gazeta de Piracicaba*, *Diario de Santos* e *Diario de Campinas*.

Recebemos a visita do Illm. Sr. Alferes Leovigildo Albertin Duarte, dignissimo collector das rendas geraes e provinciaes na cidade de Araras.

Ao distincto funccionario apresentamos-lhes os nossos comprimentos, pela distincção com que fomos mimosiados.

O Sr. Martin Junior, proprietario da lithographia a vapor á rua de S. Bento, mimoseou-nos com uma linda folhinha.

Agradecemos a offerta.

Chegou ultimamente ao Canadá a proprietaria de onze periodicos illustrados de Nova-York.

Possue um estabelecimento typographico com 400 operarios e 13 artistas paginadores. Recebe semanalmente mais de 600 manuscriptos e conta com um numeroso pessoal de redacção.

Emprega em cada semana 1:200$ em ordenados, 5:000$ em material.

Deduzidas as despezas tem um rendimento annual de 26:000$.

Chama-se Alice Frank Leslie. Esta senhora é viuva, joven, e muito sympathica. Quando enviuvou, os negocios da casa de seu marido estavam muito embrulhados. Com sua actividade, constancia e talento, esta senhora chegou a collocal-os no estado de prosperidade em que hoje se acham.

Quando poderemos competir com elles ?

Ha nos Estados-Unidos mais de 4,500 mulheres que exercem a medicina, e seguramente 300, que exercem a advocacia, e um dos jornaes juridicos de mais nomeada n'aquella republica, é redigido e publicado em Chicago exclusivamente por mulheres.

Grande numero de mulheres são professoras em diversas universidades, e muitas dedicam-se á astronomia e á litteratura, e poderia-se apontar grande numero d'ellas que são jornalistas ; só em New-York ha mais de 200 empregadas em jornaes.

As escolas publicas são quasi todas dirigidas por mulheres, e o seu numero eleva-se a *cem mil*.

Nas casas commerciaes encontram-se guarda-livros femininos, e, nos estabelecimentos fabris, são ellas preferidas.

Nos differentes ministerios em Washington, ha mais de mil mulheres empregadas, principalmente na administração dos correios e telegraphos são admittidas de preferencia.

Estas senhoras ganham até 6:000$ por anno approximadamente. O menos que uma mulher ganha é 700$.

Em dois territorios e em um estado da União, as mulheres teem o direito do voto (voto eleitoral geral) e em muitos estados têm o direito do voto nas eleições municipaes.

Na maior parte dos estados da União, as mulheres têm direito activo e passivo do voto na administração das escolas publicas.

SECÇÃO ALEGRE

Olha, Clara, já que queres algumas palavras no teu album de virgem, vou dar-te um conselho.

Tem um espelho sempre ao pé de ti, colhe todos os dias uma flôr e põe-a em frente do espelho: no cabo de tres dias, olha para ti e para as flôres. Has de vêr uma murcha, outra triste e a desse dia viçosa. A primeira symbolisa o futuro, a segunda o passado saudoso, a terceira o presente de rosas. Queres conservar eternamente viçosa a terceira ?

Não macules nunca a tua consciencia.

O Joãosinho está fallando com a mãe, emquanto esta se veste :

—Diga-me cá mamã, o que é Deus? Tem olhos, bôca e nariz, como nós ?

A mãe, cheia de gravidade :

—Meu filho: Deus é tudo; é o céu, a immensidade, o infinito... é tudo o que tu não pódes comprehender.

—N'esse caso, replica o Joãosinho, Deus é inglez; porque lá no collegio ha uns pequenos, que são inglezes, e que eu não entendo.

Um individuo, sentindo-se incommodado, foi consultar um velho amigo da sua familia, doutor em medecina, mas que havia muito renunciara ao exercito da sua profissão.

Depois de ter examinado e interrogado o doente, o doutor disse-lhe :

—Não te inquietes, é uma febre mucosa. Se fôr bem tratada não dura tres semanas.

—E se não fôr ?

—Se não fôr é negocio para quinze dias.

TYP. UNIÃO— S PAULO

ANNO I — S. Paulo, 2 de Fevereiro de 1889. — NUM. 10

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Durante a viagem ao Norte, da redactora desta folha, fica a gerencia da mesma a cargo do Sr. Francisco Dias de Barros.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia UNIÃO, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 2 DE FEVEREIRO DE 1889.

Mães e mestras

(Continuação)

E' bastante perigoso a mestra lembrar-se de apontar os defeitos, extravagancias, ou ridiculos que até ali se tiverem passado desapercebidos na familia e porque causa ; porque será muito de receiar que as suas advertencias ouvidas com duvida, incredulidade e indifferença, lhe não provoquem o recentimento do amor proprio, e os incommodos, que d'ahi se seguem.

Muito mais tarde, as circumstancias da posição, a marcha das cousas impede que appareça a verdade e rompa a luz ; e ahi está como acontece ficarem manias, sestros, habitos e gostos que desfiguram em muitas mulheres um composto de boas qualidades. Que seria se alguma cousa dissessemos das perigosas desordens que tambem são produzidas pela illusão pessoal ou pelo ignorancia de si mesmo ?

De todos os meritos da educação commum parece que o do estimulo é o mais geralmente conhecido. Os paes interessados nos resultados sensiveis que delle podem fruir, folgam de o propalar na razão da ambição que conceberam por seus filhos ; e nós tambem não podemos deixar de reconhecer a força e bons resultados de uma rivalidade muito louvavel até certo ponto, por estar perfeitamente reconhecido que fomenta n'alma um calor fecundo, que aguilhôa a preguiça e o desleixo, e faz andar a alumna rapidamente no caminho do progresso.

Applicado ao bem, o estimulo com referencia aos successos da mocidade, é o mesmo que o influxo do sol nas producções da terra.

Seguindo, porém, os conselhos da grande pratica, faremos notar ás mães e mestras que é essencialmente preciso não se illudirem ácerca da natureza deste movel. O estimulo tão capaz de grandes utilidades quando incolume em seu começo e dirigido a fim louvavel, pode tambem servir de capa ao egoismo, á vaidade e á inveja, de sorte que se trabalharmos para provocal-o e animal-o na mocidade sem desconfiança e sem discernimento, nos arriscamos a dar á educação de muitas alumnas um caracter incompativel com a moralidade que deve ser a sua baze, desenvolvimento e consequencias necessarias.

Pede pois a prudencia, que tratemos estes auxiliares com a mesma reserva de que nos servimos com relação a um amigo, que por sua volubilidade e imprudencia se vê facilmente arrastado a lesar-nos por melhor que seja aliás sua natureza.

Quando a mola do estimulo fôr aperfeiçoada e melhor empregada, a educação commum das meninas deixará de apresentar extravagante e deploravel imitação da educação dos homens, pela cultura privilegiada da intelligencia, á custa da do coração e da razão ; o desejo das educandas em lugar de se voltar para um lado frivolo, abraçará d'ahi em diante a *sciencia* e a *virtude* com o mesmo ardor ; e o pudor, unido a todas as qualidades inherentes ás mulheres, concluirá congraçando-se então com aquella ardente rivalidade e aquellas glorias que, até aqui têm sido na arena de nossas escolas, infeliz fonte de rochedos em relação moral.

O que julgamos digno de particular interesse na agremiação das educandas, são as sympathias que apparecem n'esses corações juvenis, quaes flores que brotam nos prados, por movimento todo natural, e cujas relações simples e verdadeiras testemunham aquella harmonia que devera reinar no mundo entre seres semelhantes, feitas para se amarem ajudarem-se e fazerem-se felizes uma por outra.

Que quadro mais sublime que essas amisades puras e generosas que crescem e fortificam-se com o tempo e que se tornam a encontrar com tão viva alegria no correr da vida, depois de terem passado pelas diversas modificações do destino.

Reparaes para essas meninas que se procuram por instincto conforme sua idade, gostos e caracter, fazerem outras tantas familiasinhas em que tudo é posto em commum, boa ou má fortuna, prazeres e penas ; onde cada lagrima vertida faz correr tantas outras, onde o riso provoca o riso, onde a franquesa e a cordialidade conservam as almas em completo accordo ? Essas meninas preparam-se nas virtudes, qualidades, graças e talentos que terão de marcar a sua carreira ; comprehendem uma pela outra o que lhes fica bem, o que as fazem agradaveis ; evitam reciprocamente as dificuldades do estudo, e na mesma fonte a descripção, o saber, a saude e regosijo ; feliz composto de idéas e affeições ! Sublime época da vida, em que algumas nuvens bem transparentes encobrem apenas por

um momento o alegre aspecto do firmamento.

Porque triste fatalidade hão de apparecer sempre as sombras que offusquem o brilho deste soberbo quadro?... A mãe que estabelece sua filha n'um collegio, deve sem receio de errar, ter mais de um motivo de temor e cuidado quando pensar n'essa aglomeração de genios imperfeitos, de exemplos malignos e de perigosas insinuações, cuja impressão se mistura, por assim dizer, com o ar que respiram as meninas n'aquelle estabelecimento, onde forçoso é confessal-o, os espiritos vulgares, falsos e obstinados, as almas acanhadas e pouco superiores, são sempre em numero muito elevado.

Quando mesmo se admittissem em todas as pessoas que governam os collegios, todo o zelo, capacidade e vigilancia, de que a maior parte dão provas, não era isso razão de esperar para cada alumna uma educação apropriada ás suas faculdades, necessidades particulares, n'uma palavra, direcção especial para contrabalançar os muitos inconvenientes que temos mostrado.

A alumna não acceita senão o que lhe agrada acceitar das regras geraes endereçadas á massa de que ella faz parte, e excepto quando determinações bem patentes para o bem ou para o mal chamam sobre sua pessoa a attenção das mestras, ella segue bruscamente o caminho pisado, sem mesmo tratar muito da explicação das cousas, ou antes acommoda-se por instincto de imitação a um modelo recebido d'entre as companheiras a gosto de seu capricho, modelo bom ou máo, segundo o resultado do acaso, e que bastantes occasiões decide de todo o seu porvir.

Nao se pode tambem duvidar que essas mesmas intimidades entre as educandas, intimidades cujos proveitos a principio tanto exaltamos, não sejam sufficientes para cauzar grandes prejuizos. Não ha quem desconheça que *as más cabeças* procuram *suas iguaes* de muito melhor grado do que aquellas cujo caracter serio, não deixaria de ser para ellas motivo de melhorarem: é igualmente sabido que se relações de amisade entre *fortes* e *fracos* são o motivo de fazer apparecer, de uma parte a franqueza, e da outra a gratidão, essas relações, quando são de natureza diversa, emprestam erros muito perniciosos a todas essas cabeças.

Continúa.

Onze annos depois

No dia em que ao seu destino
Outro destino prendeu
O nosso amôr cristalino
Morreu.
E ás ondas do mar indomito
Da minha alma atribulada
Cahiam, soltas, as perolas
D'esse amôr d'essa alvorada!
N'aquella noite de festa
Em que, de novo, o encontrei,
Na minha sorte funesta
Pensei...
Era longe a quadra fiórida,
Em ruinas a ventura;
Volvêra-se a aurora limpida
Nos crepes da noite escura!...
Não é desamôr—mas scismo
Que vale mais resistir..
Quero á vertigem do abysmo
Fugir...
Quero, da minha existencia
Nos tristes despenhadeiros,
Vêr o sol da consciencia
Sem sombras ou nevoeiros.
Porque, dês que ao destino
Outro destino prendeu,
O nosso amôr crystalino
Morreu...

AMELIA JANNY.

A mulher forte

PRIMEIRA CONFERENCIA

Quem encontrará a mulher forte? Ella é mais preciosa que as perolas que veem das extremidades do mundo. O coração de seu marido põe n'ella inteira confiança e não terá necessidade de riquezas estranhas. Ella dar-lhe-ha o bem e não o mal durante os dias da sua vida.

SENHORAS.

«Qualquer escripto divinamente inspirado, é util para instruir e para ensinar, a fim de que nos façamos perfeitos, e proprios para todas as boas acções.»

A Sagrada Escriptura, dizem os Santos Padres, é como um vasto prado, esmaltado de fiôres, onde as plantas mais formosas, mais variadas, de mais admiravel matiz, crescem e se desenvolvem para agrado da vista, preparando para os dias do outono, saborosissimos fructos. Com effeito, nada ha mais profundo que o ensino das Divinas Escripturas, nada mais bello, mais simples, e, ao mesmo tempo, mais gracioso. As palavras dos livros santos teem um sabor particular, uma luz que lhes é propria, uma claridade e um calor, que penetram de certo modo, que attrahem o coração por um movimento, tão dôce quanto energico. Nunca as obras dos homens produziram resultado tão maravilhoso. Uma unica palavra da Biblia converte-se em semente que produz centuplicados fructos e desenvolve na alma uma farta seara de virtudes, quando encontra o terreno bem preparado. Vêde esse grãosinho que a briza suspende no ar: se o examinardes de perto, achal-o-heis munido d'um apparelho, alternativamente solido e delicado, semelhante a umas azas. Como elle ondula ligeira e graciosamente! Segue á mercê da Providencia, cujo olho maternal o acompanha sempre; e quando lhe chega a hora de germinar, dir-se-hia que uma mimosa e previdente mão o abate sobre um fragmento de terra. Cahe, penetra a, desenvolve-se, cresce e carrega-se de numerosos e fecundos fructos. Assim vão as palavras da Escriptura Sagrada: graças á predicação evangelica, o ar está cheio d'esses germens divinos, e as sementes aladas volteiam por toda a parte; e quando uma alma está preparada, o sopro da graça leva-lhe um d'estes maravilhosos atomos, que veem não se sabe d'onde, e que póde produzir com o tempo uma floresta de alentadas arvores:—*Et terra gignet germen suum, et pomis arbores replebuntur.*

Eu já por varias vezes, senhoras, nas nossas conferencias mensaes, tive occasião de apresentar ás vossas meditações algumas phrases da Biblia, sobre os vossos principaes deveres, e muito feliz me julgo por fazervos a justiça de crêr que a semente divina cahiu sempre em terras excellentes, o que não é, de certo, a menor consolação, nem a menor recompensa do vosso pastor. Havia muito tempo que alimentava a idéa de commentar um admiravel capitulo do livro dos Proverbios, sobre a mulher forte; parecia-me, até, ter antecipadamente visto n'elle numerosas e interessantes conclusões para a pratica da vossa vida, porque a Biblia que falla muitas vezes da mulher e dos deveres que lhe cumprem, parece ter resumido, em tal capitulo, a substancia do seu ensino.

Começamos, pois, agora, e proseguiremos successivamente, a par e passo dos desenvolvimentos que se apresentarão no meu espirito.

—

Quem encontrará a mulher forte? —*Mulierem fortem quis inveniet?* O Senhor estabelece as suas obras duas a duas, diz a Sagrada Escriptura, e o contraste é uma lei da creação: *Intuere in omnia opera Altissimi: duo et duo et unam contra unum.*

Este contraste é frisantissimo na creação do homem e da mulher, e na distribuição das suas qualidades differentes. Ao homem, d'um modo mais especial, conferiu a intelligencia, o conselho e a força; á mulher, a intelligencia do coração, a flexibilidade e o instincto mysterioso de mil cousas, que escapam ao homem. E' certo que as riquezas d'uma d'estas duas maravilhosas creaturas não são completamente recusadas á outra: designo sómente as qualidades que, segundo as leis ordinarias, dominam n'uma mistura, em que os dous são continuamente variaveis. Assim, a força não é geralmente tida como caracter proprio e predominante da mulher, o que, por sem duvida, não é affirmar que a mulher não possa ser forte e corajosa, nem tão pouco que o homem em muitas circumstancias não seja mais fraco que a mulher. Trata-se unicamente do que mais habitualmente se apresenta, do que resulta da constituição primitiva, dos dous especiaes concedidos á mulher e da sua missão n'este mundo.

Diremos ainda que, ao lado de cada uma das nossas boas qualidades, se acha um defeito opposto, e que em consequencia das enfermidades da natureza e das miserias do peccado, a flexibilidade de caracter, a agilidade de constituição facilmente degeneram em fraqueza e inconstancia.

Foi isto o que fez dizer a S. Thomaz que as imperfeições do temperamento entram por muito na fraqueza censurada ás mulheres—*propter imperfectionem corporalis naturæ.*

Tambem o sabio responde ao pensamento dos seculos e ao julgamento da experiencia, quando exclama:—*Quem encontrará a mulher forte?*

Talvez que a resposta fosse mais facil se se perguntasse: Quem encontrará a mulher voluvel, inconstante, successivamente ardente e fria?

Quem encontrará esses caracteres enthusiastas, que passam com extrema rapidez d'uma a outra convicção, cheios de indolencia e inconsistencia, e semelhantes aos sêres gelatinosos, que se decompõem sobre a arêa, na praia, junto ao mar? Quem encontrará as naturezas moveis como o vento, que mudam de opinião conforme as variações do tempo, ou os caprichos da multidão insensata?

A taes interrogações seriam immediatas as respostas e numerosas as applicações.

(Continúa.)

As filhas do mal

Quando essas peccadoras elegantes passam formosas, radiantes pizando o asphalto com os hombros nús constellados de perolas e diamantes, ou surgem do rico estofo de velludo e setim das carroagens, ostentando um luxo deslumbrante, desdenhosas e indifferentes, sempre que as vejo sinto que se me apodera d'alma um mixto de inexprimivel tristeza, e de profunda commiseração ante esses destinos de mulher tão desgraçados. E ellas parecem alegres, risonhas, dir-se-hia que o coração enregelado pelos duros attrictos do mundo, adormecera para sempre no egoismo feliz que o absorve.

Mas atravez dos sorrisos ephemeros, atravez da mascara hypocrita que afivelam, advinha-se o pelago revolto e indomito das paixões e dos soffrimentos que lhes dilaceram a alma.

Quem nas horas silenciosas e difficeis do triste isolamento penetrasse no mais recondito do coração d'uma d'essas infelizes, vel-a-hia convulsionada pelos soluços, debater-se em angustias mais pungentes que as dores de Laocoon. O esquecimento dos preceitos austeros e intransigiveis da virtude, a inexoravel voz da consciencia accusadora, a constante revolta contra o bem, e contra essa sociedade implacavel, que a avilta e despreza, que a cobre de baldões e vilipendios condemnando-a irremissivelmente ao permanente exilio da felicidade, da honra, do amor e da virtude, infligem-lhe despiedosamente todos os supplicios do inferno dantesco. No meio porém d'esse soffrimento constante em que dia a dia mais se afunda, quantas vezes ella não vê surgir-lhe o seu passado descuidoso e feliz?

Com o olhar impregnado de indescriptivel saudade, segue tristemente a miragem dourada e encantadora de sua innocente e risonha infancia, que se lhe apresenta ao de leve velada pela bruma do passado, d'esse passado que é agora para elle qual a columna luminosa que nos aridos desertos de Arabia-Petréa, dirigia a marcha do povo hebreu. Nascera no aconchego e blandicias de um lar feliz, vivera cercada de affectuosos carinhos. Na sua adolescencia n'essa epocha em que o coração se abre a tudo quanto é bello e risonho, que mixto de sensações ignotas e agradaveis experimentara então?

O horisonte do porvir desdobrava-se-lhe entre risos e festas, promettendo-lhe uma aurora esplendida de alegrias eternas, de felicidades infindas.

Nunca sequer imaginara a existencia da fome, da miseria, do abandono, do crime e do remorso, reproduzidas tantas vezes na immensa tela que se chama mundo. Mas triste condição das vicissitudes humanas! O sonho breve desfez-se.... e por um instante de problematica felicidade, por um simples capricho da adversidade, resvalou de subito, esmagada sob o peso de tremenda realidade, para esse abysmo de ignorancia e miseria, onde se acha fatalmente algemada. Na sua anciosa perplexidade, entre o passado e o futuro, entre a fé e a descrença, vê perpassar-lhe pela mente apavorada, espectros medonhos que a cingem e apertam nos braços descarnados enchendo-a de sustos e de terror. E sente que cada vez se despenha em um novo abysmo, onde sacianda de amarguras e humilhações, debalde estendem os braços supplices; nenhuma mão se baixará piedosa a levantal-a da fatal queda. Nenhum dos de *Marsays*, que percorrem com ella as veredas ignobeis do vicio, poderá amortecer-lhe n'alma o penetrante e implacavel olhar da consciencia, nem arrancar-lhe o pungentivo espinho dos eternos remorsos. E ha creaturas tão cynicas e impiedosas, que depois de terem descido com ellas ao tremedal do vicio, com uma soberba altivez, arrogando-se uns ares de ridicula supremacia, parecem comprazerem-se em escarnecer e insultar a desgraçada, a quem talvez attrahiram por meio de ciladas abjectas, para arrojal-a depois á voragem, onde rastejam os reprobos.

Vejam o procedimento de Christo, diz um escriptor, perante a creança, ou perante a mulher perdida, essa outra especie de creança a quem a sociedade, que aliaz tanto se occupa hoje de resolver os mais humatarios problemas não prestou ainda a devida attenção... E desde Maria de Magdalena até Margarida Gauthier,—desde a primeira mulher que se vio triste-

mente obrigada a vender o seu segundo beijo porque lhe roubaram aleivosamente o primeiro, — desde essa até á que constituir no começo das civilisações futuras o ultimo élo de tal cadeia de infortunios, - Deus ha de sempre estendendo braços misericordiosos áquellas sobre quem cospe humilhações a sociedade ainda não bem compenetrada do verdadeiro espirito do Christianismo, Deus ha de sempre justificar aquelle conhecido verseto do poetico conto de Maria: *Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles*. »

Quantas senhoras ha, que deslembradas de religião de amor e de inexhaurivel doçura ensinada pelo Nazareno, e dos imprescritiveis deveres que ellas nos impõe, julgam-se com direito de vibrar com uma severidade esmagadora os mais acerados epigrammas de fel e ironia sobre a infeliz que succumbe: ellas que talvez só escaparam a maiores faltas, porque sem duvida não foram impellidas por instigações eguaes.

E vós, ó mães imprevidentes, que inoculaes no coração de vossas filhas a vaidade, a sede ardente de brilhar pelo luxo espantoso; a ambição irriquieta e devoradora que tudo avassalla, e que para cumulo do infortunio lhes dais uma educação que parece desvial-as do seu caminho natural, pervertendo na sua origem tudo quanto é verdadeiro e justo, nem imaginaes sequer a aresta do abysmo para onde as conduzis!

Um só passo irreflectido e mal seguro, é quanto basta ás vezes, para precipital-as inconscientes, ou allucinadas n'esse oceano de miserias onde pollulam as Marions. Oh! não olvideis um só instante que se a credulidade, a inexperiencia e a miseria teem despenhado avultado numero de victimas, muito maior é ainda o das que succumbem impellidas pelas suggestões nefastas da vaidade!

Taubaté, 2 de Janeiro de 1889.

ANALIA FRANCO.

O amor anda sempre em busca do desconhecido. A grande arte consiste em ser impenetravel. Quando caem as mascaras cessa o carnaval.

ARSÉNE HOUSSAYE.

Criados e amos

(Continuação)

Entremos nas casas burguezas, que constituem hoje a maioria.

Vive-se com pouco, ha uma ou duas criadas, a pobreza traz comsigo uma certa promiscuidade que abala o espirito.

Já aqui os criados não são automatos que se movam ao impulso d'uma vontade superior

Não são mudos não tem a fria apparencia aristocratica que revela a opulencia da casa em que servem.

Pelo contrario; as criadas estão iniciadas nos pequenos segredos da familia, mas como a vida de hoje, toda de expedientes, toda no ar, desiquilibrada, impostora, não tem aquella dignidade da vida antiga, as criadas com o seu malicioso intento plebeu penetram esse viver, julgam-no e escarnecem-o.

Podia-se viver decentemente com o pouco que ha. Chega mesmo para uma alimentação sadia, para a satisfação das necessidades indispensaveis; se a dona da casa desenvolver os seus recursos de economia, conseguir-se-ha sem muito trabalho, no fim do anno, *joindre les deux bouts* como expressivamente dizem os francezes.

O pae é um funcionario bem collocado, o rendimento se não é grande pelo menos é sufficiente para uma vida mediocre e laboriosa.

Diante d'este quadro parece-nos que não ha brecha por onde possa penetrar a malicia interesseira da criadagem.

Pois ha minhas senhoras!

O dono da casa tem um emprego bom, é verdade, mas aspira a subir de posto, quer de mais a mais a carta de conselho, leva isto *em capricho* por causa das *picuinhas* do seu collega da secretaria, o conselheiro Fulano, logo, para attingir este fim desejado é preciso antes de tudo *figurar*.

Tem de ir aos *chás* do seu amigo deputado, ás *soirées* do barão de tal *que é muito influente*, tem de dar de jantar de vez em quando ao seu amigo *cicrano* que é parente do primo da mulher do secretario particular do ministro, tem de gastar muito em apparato ridiculo, em luxo variado, em pompa feita de remendinhos.

A mulher, já se entende não lhe fica atraz. Podera!

E ella então que tem de se vingar d'uns chascos que as sras. Silvas fizeram ha tres annos a um vestido de seda um tanto usado que ella trazia; e que tem de fazer rebentar de inveja a *D. Leocadia* que é mulher d'um commendador seu conhecido; e de *quebrar os olhos* á prima Ausenda que anda a dizer pelas casas do seu conhecimento «que não sabe onde ella vae buscar para tanto luxo!»

Filhas d'estes paes o que serão as meninas?

Querem vestidos de seda, embora os comprem em *segunda mão*, querem joias embora sejam falsas, querem botinas de tacão alto, porque as teem visto ás pequenas da viscondessa de M. e da baroneza de S. e da marqueza de V.; querem apparecer no theatro, querem ir ao *Club*, querem tomar banhos quando não seja em praia elegante, ao menos na Ericeira; querem *reunir á noute* uma vez por semana, umas visitas que nunca vão, querem fazer emfim o que por ahi faz *toda a gente*.

Resultado d'isto, resultado inevitavel.

Deve-se na tenda, deve-se ao carvoeiro, deve-se na modista, deve-se na loja de fazendas, deve-se ás criadas.

A falta de seriedade na vida, acarreta comsigo um milhar de pequeninas humilhações insupportaveis.

As criadas vão á porta receber os credores, e trazem dentro os recados com um sorriso maganão que escapa a todas as reprehensões e a todos os castigos.

Se estão de máo humor resmungam, fazem causa commum com o *inimigo*, que é no fim de contas o *confrade*; se estão bem dispostas dão alvitres, inventam e lembram desculpas, lamentam a senhora, etc., etc..

De qualquer dos modos amesquinham os amos, estabelece-se entre elles e ellas uma intimidade funesta.

Destroe-se assim o respeito, disciplina, a obediencia, aquella hierarchia que tem de existir n'uma familia para que essa familia esteja bem organisada.

Um dia, as *meninas*, que teem recebido a educação mais perniciosa e mais falsa, fartam-se d'aquella vida de privações intimas, de balofas apparencias e querem fugir d'ellas. Veem só uma porta: o casamento.

Nas familias pobres da burguezia, o casamento é julgado a porta por onde se sahe da miseria!

Quantas vezes não é elle a porta por onde se entra na desgraça!

Começam então a namorar. A namorar seja quem fôr. O alferes que passa, o *dandy* pelintra que encontram nos seus passeios, o *litterato* pallido e fatal que olhou para ellas da platéa.

Quem é o confidente natural d'este namoro, a auxiliar forçada d'esta intriga ridicula? A criada!

E' ella quem espia a mãe, e quem ajuda a enganal-a; é ella quem se *farta de rir* com a menina, ouvindo contar o que elle lhe tornou!

Quantos perigos, quantas humilhações, quantas vergonhas n'este facto que é hoje trivial e repetidissimo!

A criada só tem a ganhar na execução d'estes misteres.

Ganha indulgencia para as suas proprias faltas, uma advogada que ou por medo ou por sympathia defende a sua causa e até se tanto fôr preciso se revolta por amor d'ella contra a autoridade maternal. Ganha quem a ajude no trabalho!

Ganha a possibilidade de ser insolente e atrevida, de se vingar da sua posição inferior, de desafogar o máo genio, e isto sem perigo de qualidade alguma.

—

Quando se não dão estes casos que ahi deixamos apontados dão-se outros identicos ou outros semelhantes.

Da parte dos superiores indifferença profunda, desejo de explorar de todos os modos e feitios os dependentes, rudeza, orgulho, egoismo, desapego.

E a parte dos inferiores, a mesma indifferença creada a pouco e pouco pela incerteza á cerca do dia de amanhã; desaffeição pronunciada, despeito, inveja, e desejo de trabalhar o menos possivel, em troca do maior salario que poderem alcançar, separação de vida, de interesses, de alegrias, de affectos.

Se entra em casa a doença com todo o seu cortejo de lugubres tristezas, de vigilias e de lagrimas, nunca a criada saberá ser enfermeira. Fará o serviço, resmungando, furiosa, desattenta, fazendo esperar um caldo para ir á janella *ver quem passa*; deixando apagar o lume de noite porque adormecerá inteiramente esquecida dos que soffrem e velam.

E que lhe importa a ella no fim de contas que elles morram ou se salvem. Hoje está aqui, amanhã estará n'outra parte! Se adoecer vem uma maca e leva-a para o hospital abandonada, sósinha como um cão! Nada dá porque não recebe.

Entre os criados e os amos os interesses são absolutamente oppostos.

A unica circumstancia que póde alterar esta situação reciproca: a cumplicidade.

Que admira, pois, que todos os dias se observe maior e mais profunda immoralidade nos criados das grandes cidades? que admira que as excepções se vão tornando dia a dia mais raras?

A culpa é de uns e d'outros, mas o mal tem ainda remedio.

Procuremos apontal-o.

No que respeita aos amos cumpre.

Que sejam benevolos para que a humildade dos nossos inferiores nunca seja para elles uma humilhação. Que tenhamos no interior das nossas casas a maxima dignidade e o maior respeito de nós mesmos e outros, para que o nosso exemplo levante ainda os que estão mais baixo.

Que vivamos de modo que nunca receiemos o escarneo, ou a censura de alguem, para que sobre nós nunca possam exercer-se influencias funestas.

Que não exploremos a actividade dos pobres, para que os pobres não tenham interesse em explorar as nossas fraquezas, e já que é indispensavel crear-se e educar-se a classe dos criados, juntemos todos os recursos da nossa experiencia e do nosso bom senso, para dar prompto e efficaz remedio a todos os males que são por assim dizer o previlegio especial d'essa classe.

(Continúa.)

Maria A. Vaz de Carvalho.

A virtude é como a grammatica, aprende-se pela pratica e conserva-se pelo exemplo.

P. Gerfant.

A mulher perante a sociedade

Em todas as epocas a mulher tem influido sempre nas diversas phases da vida social, e algumas se teem tornado celebres pelos seus escriptos litterarios e scientificos, pelos seus discursos, e mesmo pelas suas obras de arte sendo que não poucas teem legado seu nome á historia das nações, tornando-se lembradas até nossos dias pelos actos de coragem abnegação e braveza, chegando a praticar actos taes que muitos homens não seriam capazes de fazer attentas as circumstancias especiaes que se offereciam. Innumeros factos historicos são atribuidos ás mulheres e todos bem gloriosos. E' pois verdade que a mulher pela sua capacidade intellectual é capaz de exercer qualquer profissão, arte ou sciencia destinada aos homens e que se coadune em o seu luxo e com mais paciencia e solicitude desempenhar o encargo que tomar a si, fasendo-se sobresahir pela constancia assiduidade e calma, sempre que se offerece occasião de mostrar publicamente os seus recursos; quer fasendo a propaganda de suas ideias, quer destruindo todos os obstaculos que se levantem ante o desenvolvimento de uma doutrina que tende a colocar-nos a nós fracas mulheres de outro tempo no logar de ha muito distinado na geração moderna; logar que de direito nos pertence e que a inepcia e desanimo das nossas antepassadas tem deixado á revelia, o qual não podemos por mais tempo deixar de occupar. Por isso a propagação da immancipação da mulher se torna uma necessidade, e a mulher exercendo diversos misteres e cargos no seculo actual é de um grande desenvolvimento progressivo como passarei a demonstrar nos proximos numeros.

São Paulo, 1 de Fevereiro de 89.

Paulina A. da Silva.

Historia de um bohemio

Chamava-se Fernando. Rapaz espirituoso, intelligente. Typo louro, claro, de olhar vivo, com a particular expressão que revela o verdadeiro talento.

Contava vinte e poucos annos e era dotado de um genio folgazão e doudivano.

Sempre de bom humor, andava a rir, a gracejar, alegre, satisfeito da vida.

Si passava bem quando tinha dinheiro; philosophava, passava muito melhor quando o não tinha ..

Era deste quilate.

Oh! Fernando, obtemperava-lhe ás vezes o tio; um bom velho que o creara por morte dos paes e que o estimava como se fosse seu filho; tu não paras, meu rapaz, andas d'aqui para alli, d'alli para acolá, n'uma dobadoura eterna... Não canças, por ventura?

Não, meu tio... Os bohemios não cançam.

Tenho a natureza dos nomades.

E sahia sorrindo, depois de abraçar o tio ; revirando a bengalinha entre os dedos.

O tio seguia-o com os olhos cheios de amorosa ternura.

E'um estouvado, murmurava entre dentes... Entretanto, uma nobre alma vai alli ! Sahiu á mãe, a minha pobre irmã...

E continuava mudando de tom :

Que diabo vem a ser bohemio ! Elle, bohemio... Afinal, é o mesmo ! Seja o que Deus quizer : eu não entendo... Fernando fôra se reunir aos amigos, uma sucia de *viveurs* que o estimava menos pelas bellas qualidades, que pela franqueza do seu genio... O bom rapaz gastava dinheiro com a indifferença de um nababo. Olá, Fernando, indagavam ás vezes, os companheiros de alegrias, que é lá isso ? Já te morreu o tio ? tiraste a sorte grande ? Nada, nada disso, illustres pandegos. O meu honrado tio gosa a mais perfeita saude, e não fui feliz na ultima loteria. O caso é que acabo de receber a minha mesada... de que resta-me, neste momento, apenas...uma pallida recordação.

Os estroinas gargalhavam.

Deus te conserve, filho ! Estivesses tu no lugar de primeiro *Ministro* e levavas a banca á gloria. E's o cumulo da economia !

Não, *per Bacco !* confesso não ter o menor geito para financeiro, oh ! estremecidos filhos da Bohemia ! Sou homem de lettras, com pretenções a poeta, e conseguintemente, aborreço o dinheiro ! Tenho uma ambição—a gloria, em geral, e uma outra, em particular — viajar ! Viajar muito, muito e sempre !

Mas... assim ? Gastando quanto ganhas, juntaras um dia o necessario capital ?

Capital ? De nada me serviriam essas migalhas. Quero uma fortuna, meus amigos, uma fortuna ! Porque eu tenho grandes aspirações... Quero viajar assim ; variando sempre, em tudo e por tudo...

Até no amor perguntavam uns. E principalmente nelle... Pois que ! Não é preciso ser assim o bohemio ? Está no nosso programma não prendermos o pensamento a cousa alguma, quanto mais o coração ! Devemos idealisar muitas cousas, amar a muitas mulheres, jurar amor eterno a uma no mesmo instante em que pensarmos jurar a outra um eterno amor... ! Ah ! mas o viajar, para mim, é a felicidade, é a gloria... E' o verbo que me acalenta os sonhos do porvir... e que, infelizmente...

Pas d'argent, pas de suisses ! bradavam os amigos do meu heróe, entre gargalhadas.

. . . . . .

Foi assim que eu conheci o Fernando.

Depois, passaram-se tempos sem que eu o visse.

Uma vez encontrei-o. Estava outro. Pallido o semblante, e um circulo arroxeado sombreava-lhe os grandes olhos tão vivos de outr'ora.

Pareceu-me grave e abatido. Era quasi uma sombra do que havia sido dous annos antes.

Fallei-lhe com pezar.

Que tens Fernando ? que te aconteceu para ficares assim tão mudado ? Oh ! tu não me conheceste tal qual eu era, respondeu-me com voz soturna e lugubre ; enganaste-te como todos os outros. Eu era o prazer, não vias ? Entretanto Deus sabe o que sentia no intimo ! Procurava affogar-me em doudos contentamentos, porém nada fazia-me esquecer as magoas que me devoravam o coração... Eis-me aqui alquebrado, velho... Foi um vulcão que irrompeu, furioso, depois de ter occulto por muito tempo as lavas incandescente. Não devo suffocar as dores E' preciso chorar. A expansão pelas lagrimas consola.

O soffer que se concentra surge depois inesperadamente e forte, como a cratêra do Vesuvio... Ah ! se eu tivesse chorado naquelle tempo... estaria consolado hoje, talvez ! Tudo passa no mundo ; não é assim ? No emtanto eu tive medo... Sabes de quem ? Da sociedade. Se visse-m chorar o rei das festas, o estroina por excellencia, a alegria do Club dos Bohemios... rir-se-hiam de mim, tomariam as minhas lagrimas por um gracejo espirituoso... A sociedade ! a sociedade !... maldita seja ella.

Fernando fallava com os labios crispados e os olhos chammejantes. A voz tremia-lhe de commoção Passou a mão pela fronte, e continuou com expressão de profunda tristeza.

Soffri muito, meu amigo, soffri tanto que nem sei como resisti !

Eu te conto. E' uma historia banal e conhecida ; um desses factos que se dão todos os dias e que se veem representados todas as noites nos dramas e nas comedias dos nossos theatros. Amei e amei como um desgraçado, como um doudo. O amor ! sempre elle ! Aquillo que Michelet sacrilegamente chamou o mediador dos mundos e o redemptor de todas as raças humanas, não é mais de que uma tentação do inferno e a perdição de toda a humanidade. Sim ! foi elle a causa de todas as minhas desgraças... Quando me conheceste, meu amigo, eu já estava com esta vibora aninhada no coração... Como vias, eu engolfava-me em toda a sorte de prazeres para ver se com a espuma do champagne e o fumo dos regalias esquecia-me de todo, do que me feria no intimo d'alma... Impossivel ! Empreguei todos os esforços e mais e mais recrudescia o pungir de minhas amarguras... Até que um dia... não pude supportar, faltaram-me as forças ; abandonei os prazeres e atirei-me de uma vez no abysmo de dôr a que estava condemnado. Depois disso veio a pobreza... Não tive meios de procurar distracções... Mais forte do que nunca cresceu-me a paixão no peito ardente e dolorido. Era demais tamanha agonia... Implorei a Deus a morte, a dor suffocava-me.

N'este ponto de suas confidencias, Fernando olhou-me ; duas lagrimas me corriam pelas faces.

Elle fitou-me de novo e soltou uma gargalhada.

Tremi de susto. Estaria louco o rapaz !

Riste, Fernando ?

Ora, pois ainda o perguntas ? replicou-me continuando em estrepitosa hilaridade.

Mas ? !...

Salve ! Talento de artista que o céu me concedeu ! Vivam as glorias theatraes ! Mais um heróe vai figurar em suas explendidas galerias ! *Ego sum* !

Amanhã, soberbo e impavido, hei de transpor orgulhosamente os magestosos humbraes dos porticos da immortalidade ! Estava escripto no livro do destino...Obrigado, oh ! meu amigo... Obrigado ! Mas... tu enloqueceste, murmurei deveras assustado, ou estás brincando, Fernando ? Explica-te, por Deus...

Oh ! immenso, oh ! formidavel Calino ! pois tu... e nova gargalhada interrompeu o endiabrado estroina.

Vamos, Fernando, falla serio, tu...

Ah ! queres mesmo explicação ?

Pois nao advinhaste ? Acreditaste em tudo o que te disse ha pouco ?

Pois não havia de acreditar, homem ?

Muito bem ! Já sei que vou magnificamente, explendidamente no meu papel. Ora, graças ! Com tresentos milhões de sogras ! Sou, realmente,

um homem aproveitavel. Ouve lá, grandioso credulo, e comprehende agora o estupendo mysterio: Meu tio morreu e fiquei pobre... até ahi, valha a verdade; pobre, mas bohemio sempre...Hoje, sou artista dramatico, vê o que fez a pobreza... O caso é que tenho geito para a cousa. Recitei-te quasi todo o meu papel de galã no drama que amanhã levamos á scena. Por vida minha! Saúda na minha pessoa, oh! antipoda de S. Thomé, o futuro Kean, que muito breve extasiará as turbas desde o Amazonas ao Prata do Rio Grande ao Pará.

Decididamente estou um actor consummado. Pois tu me acreditares soffrendo dessas pieguices ridiculas dos menestreis maricas, eu? Esta minha pallidez? Pergunta ao coguac, á cerveja, ás noites de orgia; pergunta a essa boa gente o que fizeram de minhas bellas cores... Eu querer abandonar a vida?.. Esta vida de prazeres ineffaveis e doçuras indizi-veis? Impossivel!...

E's então o mesmo?

Sempre o mesmo... e *per omnia secula seculorum* acrescentou a rir.

Conversámos mais algum tempo e separámo-nos.

Foi assim que o deixei pela segunda vez . . . . . .

. . . . . .

Poucos dias antes de mudar-me de P...., onde morei algum tempo, recebi uma carta de Fernando. Chamava-me. Fui vel-o, Estava a morte.

Quiz dizer te adeus antes de morrer, disse-me sorrindo tristemente.

Deixa-te de ideias funebres, repliquei, procurando tambem sorrir; a gloria espera-te, meo artista, não é possivel morrer ainda!.

Bem sabes que não sou homem de infundados temores. Daqui ha trez horas deixarei de existir. Mas,olha... quero te ser ainda uma vez franco .. Aquillo que eu te contei um dia... lembras-te? que eu soffria, e tinha um inferno de dôres no seio .. era verdade. Fui desgraçado no meu primeiro amor... E sabes porque? porque era pobre!..' Quando desejei abrir-me comtigo percebi que entristecia-te com as minhas confidencias. Não quiz que soffresses por minha causa, procurei distrahir-te...e menti! porque eu padecia muito, meo amigo, tanto que... vou morrer, não ves? Perdoa-me. Se zombei contigo, foi para teo bem, comprehendes? Esqueçamos, porém, tudo isso. Tens pena de mim? Conforma-te. Eu já me conformei; são as predestinações.

Adeus!

A emoção, a dor profunda que me opprimiam naquelle momento, roubaram-me a voz.

Estreitei entre as minhas as mãos pallidas de Fernando, que d'ahi a um momento, tomou a rigidez dos cadaveres.

B.

Devemos procurar uma mulher antes com os ouvidos do que com os olhos.

A Corcundinha

Se ós supersticiosa, leitora, vem ler-me. E' um sacrificio que te peço. Não enrugues a fronte ao ler o titulo que escolhi. O meu desejo é concorrer para que d'ora avante, nunca ella se te enrugue quando avistares no teu caminho uma d'essas desgraçadas, victimas da deformidade, que muitas vezes occultam, sob um aspecto repugnante, uma alma formosissima como a que Eugenio Sue soube idealisar no typo sublime da *Corcundinha* . . . . . .

. . . . . .

No relogio da freguezia batem compassadamente as doze badaladas da meia noite. Na rua, ninguem... Apenas de longe a longe um transeunte, que recolhe apressadamente ao seu lar. . Ao tempo recorta-se na sombra um vulto andrajoso de mulher, que vae furtivamente depôr no vão de uma escada um pequeno volume. Comprehende-se o que é. Mais uma desgraçada que, talvez sem remorsos, perdeu o direito ao bello e sacratissimo nome de mulher e de mãe! mais uma mulher que, levianamente, se subtrahiu aos sagrados deveres que Deus lhe impoz!

D'ahi a instantes, a criança solta uns vagidos. Tinha cahido do degrau frigidissimo que lhe servira de berço. E quando, depois d'um indifferente qualquer a ter entregue á Misericordia, onde a amamentou outra indifferente, que só vê no pequenino ser um objecto de negocio, a pobresinha começa a desenvolver-se, apparece-lhe então o rachitismo, a corcunda, triste resultado da deshumanidade irritante com que a tratou esse mundo, que ella mal conheceu e que, instintivamente começa a odiar!

E aquelle coração, que poderia ser adoravel, só sabe nutrir despeito e odio pelo mundo que o despresa!

Eis a historia de uma e de todas. Essas deformidades provém, quasi sempre, da incuria que presidiu ao seu tratamento na infancia.

E's gentil, és formosa, rica talvez e relativamente feliz. Quando vires uma corcundinha, que nunca a fronte se te enrugue, que nunca a vista te repugne! Em vez de um motejo, dá-lhe uma esmola, se d'ella carecer; senão envia-lhe um olhar de compaixão. Esse nunca será demais para os pobres, desprotegidos dos favores e das caricias do acaso.

Idalina Tavares.

A louca de amor

Si pudesses fazer uma idéa do meu amor por ti!... dizia elle passando os seus delgados e brancos dedos pelos cabellos da joven e fitando-a com o seu meigo olhar.

—Então amas-me muito?

—Oh! Margarida, ainda duvidas do teu Paulo? Para quem ambiciono eu um futuro de glorias e felicidades? Por quem corro eu em busca dessas duas divindades tão ciosas de si mesmo? Não será por ti meu querido anjo?

A moça não respondeu.

—Diz-me, Margarida, tu já não me tens amor?...

—Talvez mais do que tu a mim, disse ella distraidamente...

E á noute, parodiemos Victor Hugo, aquelles dous seres elevavão-se da terra ao céu, como n'uma nuvem, no seu terno colloquio d'amor...

E amavão-se muito? Talvez!...

Para que estarião destinadas aquellas duas creanças sobre a terra?

Paulo, um moço de vinte annos, chegava ao ponto em que o coração, desperto deste longo e doce somno infantil, pronuncia com toda a espontaneidade a palavra magica do — amor!

Assim foi bastante que elle visse Margarida para que a adorasse de todo o coração.

Margarida, que sahira do collegio havia pouco tempo, sentiu por elle uma dessas paixões que embriagão

si são correspondidas e fulminão si são despresadas.

Paulo era homem e o homem é inconstante e vario !... Como a mariposa toda a chama o seduz, todos os bellos olhos o extasião.

Filho de pais abastados. Paulo via um dia por occasião de férias, uma linda moça de negro e brilhante olhar e disse-lhe que a amava. Teria elle no coração esse sentimento ?...

Paulo foi porém chamado aos estudos e teve de partir para Paris.

A' hora da partida Paulo jurou não esquecer a sua amada e o primeiro beijo, o beijo santo e puro, sellou aquelle juramento de amôr.

Quando despedia-se a bordo do vapor que devia conduzil-o, elle notou que no caes, a alguma distancia, accenava-lhe um pequeno e alvo lenço. Era Margarida.

Elle correspondeu ao adeus. Margarida chorava. Mas Paulo...

O vapor levantou o ferro e Paulo acompanhou com os olhos a vaporosa imagem de Margarida.

E o astro rei, como o gigante Golias vencido, deixou que a noite envolvesse em seu escuro manto o vapor que conduzia Paulo.

—Vae mancebo ! entra no labyrintho das ruas de Paris ; immergi nesse grande mundo que vae talvez fazer-te esquecer a singela Margarida !

Assim não devia ser, mas assim foi. Homem inconstante e vario !... Chegado a Pariz abandonou elle a imagem de Margarida.

Casemiro de Abreu pintou assim em tres versos apenas a inconstancia do coração :

> ... depois outros olhos nos captivão,
> E loucos vamos em delirios novos
> Arder n'outra paixão.

. . . . . .

E Margarida ?

Oh ! ella não podia esquecel-o porque tinha um coração terno e leal, onde o nome de Paulo estava gravado como se fôra em marmore Julgando que elle ainda a amava a pobre moça esperava-o. Mas em vão ! Paulo já a havia esquecido.

Um dia soube ella que Paulo escrevera ao pae pedindo-lhe que consentisse no seu casamento com uma rica viuva parisiense.

Ella estremeceu, tornou-se livida e dando uma estridola gargalhada, exclamou :

—Não ! Paulo não me esqueceu. Querem enganar-me. Não ! Eu não posso crel-o.

E ria-se convulsivamente.

Tinha enlouquecido a pobre moça.

São assim as grandes paixões : quando desprezadas fazem enlouquecer as victimas que abençoam em seu delirio o nome do algoz de suas crenças.

Nos campos e nas mattas circumvisinhas á casa da louca ouvia-se ás vezes, á noute, uma tristissima canção tão suave, e até tão doce que parecia descer lá do céu. Era Margarida que recordava seus tempos felizes.

A canção era interrompida de tempos em tempos para pronunciar o nome do seu Paulo querido.

. . . . . .

Alguns mezes depois, Paulo veio apresentar a seus pais a esposa que elles não conhecião

No trajecto encontrarão uma mulher maltrapilha que parecia louca, mas de uma formosura esplendida.

Trazia algumas flôres na mão e insistiu para que ellas, os felizes as acceitassem.

A mulher de Paulo quiz fazer-lhe a vontade ; porém seu marido interpondo-se-lhe disse á louca com ar de enfado :

—Afasta-te mulher.

Ella fitou-o num olhar vago, proprio dos alienados e balbuciou com voz muito meiga :

—Não quer acceital-as ? Leve-as ao meu Paulo e diga-lhe que o amo ainda.

Paulo estremeceu e procurou affastar-se. Fazia-lhe mal o olhar da louca... Custava-lhe supportal-o.

Affastou-se o par e a louca Margarida deitou a correr em direcção diversa, exclamando :

—Paulo, meu Paulo, eu ainda te amo !...

A esposa do amado de Margarida dirigiu um olhar entristecido á pobre louca.

Paulo seguia indifferente... homem inconstante e vario que era.

—

Muito tempo depois, por um dia ardente e calmo, via-se um ajuntamento de camponezes em uma das estradas que conduziam á casa do casal.

Uma mulher estava estendida no sólo e quem a examinasse bem, reconheceria nella Margarida.

Tinha uma das mãos sobre os labios e nella uma phothographia estragada pelas lagrimas. Era o retrato do seu amado.

Alguns dos bondosos camponezes instavão para que a misera Margarida fosse enterrada assim como estava.

Pouco depois ella baixava á sepultura levando comsigo a lembrança do seu querido Paulo. Louca de amor !

Informado dos promenores daquelle triste acontecimento elle sorrio com indifferença !

Homem ! que inconstante e vario que tu és !...

ERNESTINA RICHARD.

NOVIDADES

Acha-se n'esta capital a distincta e festejada actriz paulista d. Adelina Castro, que tomará parte no espectaculo de hoje no theatro S. José, em beneficio das victimas da sêcca do Ceará.

Folgamos de comprimentar a lauriada paulista, que tanto honra a sua provincia.

SECÇÃO ALEGRE

Dois gatunos perante o subdelegado :

—Onde mora o senhor ?

—Não tenho domicilio.

—E o senhor ? pergunta ao outro.

—Eu... eu moro com elle, porém no 2°. andar.

Andava El-rei D. Sebastião em uma caçada, quando lhe appareceram dois corregedores, que precisavam fallar-lhe. Disse-lhes o monarcha que o acompanhassem na caçada, ao que os dois magistrados, homens graves e sisudos, responderam :

—Dispense-nos Vossa Magestade ; nós só sabemos correr atraz de ladrões.

Pois bem, replicou o principe sorrindo ; em todo caso vinde commigo : correreis um atraz do outro.

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 9 de Fevereiro de 1889. — NUM. 11

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia UNIÃO, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 9 DE FEVEREIRO DE 1889.

Mães e mestras

(*Continuação*)

A pensionista acha-se collocada a meu vêr em uma alternativa perigosa : ou ella se junta a uma companheira com aquelle fogo da mocidade em seus primeiros affectos, e a preciosa actividade do coração se derrama além do seio de sua familia, a qual desde então já não lhe parece necessaria á sua felicidade ; ou então vive na indifferença no meio das pessôas extranhas que a rodeiam, e passa o egoismo a ser o unico e seu principal movel.

As moças que forem educadas por sua mãe, ás suas vistas e aos seus cuidados, notar-se-ha que teem affectos filial quasi exclusivos. E' este sentimento de estima, gratidão e respeito, fortificado pelo habito que não deixa cimentar laços alheios como faz a todos os outros.

A educação commum com a privada, parece-nos que se reuniriam de modo perfeito evitando os inconvenientes que acompanham a uma, e os obstaculos que se encontram n'outra, si se formassem para as meninas, casas especiaes do genero das que ha em Paris para os rapazes que não se querem utilisar dos estabelecimentos publicos.

Seria muito limitado o numero de pessôas nessas casas. As cinco ou seis alumnas que para ellas entrassem deveriam ser approvadas reciprocamente pelos paes, isto é, admittidas ao sabor de sua decencia.

N'essas casas viver-se-hia como no centro da familia. A mestra que presidisse a este circulosinho empregaria em cada uma das alumnas aquella direcção individual sem a qual não ha educação firme, e em virtude de uma acção tão continuada, seria completa a obra confiada aos seus cuidados.

Todas as condicções de moralidade, trabalho, competencia, bons modos, saude, praser e contentamento, d'esta forma reunidos, para algumas meninas, só por effeito da *boa vontade* dos paes, formariam uma empreza que julgamos digna de interessar a quem toca esta educação previlegiada, e para quem a fortuna não sirva de obstaculo.

CAPITULO IV

DISCIPLINA

O constrangimento a violencia, são cousas que as crianças menos querem comprehender. Julgam que vieram a este mundo só para se divertirem e gosarem. Ora como a vida é um perfeito contraste com essa presumpção que tem o cunho da ignorancia e da ingenuidade, é por isso mais que necessario sujeitar com tempo a mocidade á disciplina, tel-a na obediencia, conserval-a moralmente fallando, sempre em exercicio.

Os avós não approvam este systema, muito pelo contrario, acham que se devem deixar desfructar em liberdade os seus melhores annos ; porque quando menos pensarem, dizem elles, virão os tormentos da existencia.

Tem este raciocinio o seu lado plausivel, e com certeza grato ao coração da mãe e da mestra fazer delle applicação, se as crianças trouxessem uma indole boa, sã, e mais inclinado ao bem do que ao mal ; emquanto porém a realidade mostrar o contrario, será mais prudente combater na infancia as inclinações más para acautelar as consequencias dos habitos que ellas promovem.

Que succede no caso opposto ? Que as crianças perdendo á medida que vão crescendo a seductora gentileza dos tenros annos, não mostrem mais que o lado mão de seus deffeitos, que os paes que já não podem fazer d'ellas agradavel passatempo, acabem achando-as importunas, teimosas, rabugentas e mal ensinadas ; que nessa época critica, pensam as mães em confiar as filhas a uma mestra, esses entes tão estimados, livres até ali de todo o jugo, estão tão mal dispostos a soffrer as provações que os esperam, quanto essas provações destinadas a remediar inteiramente o defeito da primeira educação, lhes vão parecer extranhas e rigorosas.

E ainda se o mal, á força de ser combatido, se deixasse vencer e extirpar ! Mas a mór parte das vezes só cede em parte e os germens que delle ficão no coração, lá para mais tarde vingam em fructos amargosos ; pois que costumam ser as inevitaveis consequencias da absurda fraqueza de se não querer *contrariar a infancia*.

Todos os maiores mestres na arte de educação, são de opinião sobre a necessidade de constranger as crianças, porque dizem elles, produz sempre a disciplina e a obediencia, suppre n'elles a falta de juizo e os leva com segurança até ao tempo em que a intelligencia se lhes tem plenamente desenvolvido ; porque subordinados a este jugo accommodam-se depois mais facilmente a toda necessidade, e em qualquer posição em que se possam achar no decorrer do tempo, terão que sujeitar-se ás paixões dos seus semelhantes, pela differença dos genios e dos males inherentes á condicção humana.

A maior parte das mães que procuram poupar lagrimas aos filhos satisfazendo-os a todas as horas á custa do seu proprio socego, são levadas, não só pela cega ternura, mas tambem por uma causa occulta que nem sempre conhecem, o que é a fraqueza.

Ellas cedem ao capricho, importunação e á colera, antes do que manifestarem energia continua e calculada que exige imperio sobre si propria, e mais que tudo acurada perseverança.

Concordemos mesmo que tenha a mestra da menina as qualidades precisas para bem desempenhar a sua missão, não é isso o sufficiente ; é mister que todas as pessôas de que se compõe o interior de uma casa a ajudem ; os paes investindo-a de sua confiança, os domesticos respeitando-lhe a vontade.

De que servirá por exemplo, seu systema de educação, sua experiencia e capacidade, se quando ella fôr severa com a educanda, quando tiver negado alguma cousa a seus desejos, outras por detraz mostrem ter pena da menina, tomar parte no seu descontentamento, procural-a satisfazel-a sem que quem a dirige o saiba ?

Continúa.

A mulher forte

PRIMEIRA CONFERENCIA

Quem encontrará a mulher forte? Essa mulher que sabe beber n'uma quotidiana coragem a energia necessaria para fazer face a todas as difficuldades da sua posição, aos enfados diarios, ás preoccupações de todas as horas e ás contrariedades incessantes ? A mulher forte que resiste aos numerosissimos embates da vida, ás tristezas da familia, aos attritos da vida interna e a todos os intimos pezares, que, semelhantes ás legiões de insectos do outono, de continuo cercam o coração da mulher ?

A mulher forte, que preside com imperturbavel sabedoria aos trabalhos da sua casa, ás minudencias da vida do lar, ao cuidado dos filhos, á vigilancia dos criados, e á ordenança d'essa multidão de pequenos serviços, que, na familia, se succedem tão rapidamente como as nuvens do céo ? Quem encontrará a mulher forte, mais forte que a desgraça, que os lances da fortuna,, que as calumnias, que a maldade humana, e que, após a passagem de todas as ondas, permanece como a columna do pharol, em pleno mar, para illuminar e fortalecer os pobres naufragos ? *Mulierem fortem quis inveniet ?*

Mais tarde, na explicação dos versiculos seguintes, teremos occasião, senhoras, de voltar mais minuciosamente a este importante assumpto. Limitemo-nos, hoje, a algumas rapidas reflexões.

A razão, a firmeza de caracter e um conjuncto de qualidades naturaes, podem contribuir muitissimo para edificar esse temperamento moral, essa natureza perfeita que a Escriptura appellida de mulher forte ; e o que admiro em todos os Santos Padres da Igreja é a maravilhosa arte com a qual sabiam cultivar o sólo da natureza, explorando-lhe com divina habilidade as menores riquezas, para lhe lançarem a sementeira do Evangelho e a regarem com a graça de Jesus Christo. Mas só a religião poderá dar ao vosso caracter a fixidez, a superioridade de energia e a perseverança que corôam o uso das nossas mais esplendidas faculdades. Fóra de Deus e da sua assistencia sobrenatural, a natureza é muito fraca e demasiado miseravel para fructificar e sobretudo amadurecer o fructo da virtude, essa exquisita producção d'uma arvore divina, que o Espirito Santo procura por toda a parte sob o nome de mulher forte : *Mulierem fortem quis inveniet ?*

Séde verdadeiras christãs, sêde profunda e sinceramente piedosas, fazei de Deus o alimento habitual de vossa vida, e só então vos podereis aproximar do ideal da força e do vigor, de que as heroinas christãs nos deram sobejos exemplos, e que fazia exclamar aos philosophos pagãos :— Que admiraveis mulheres não são as christãs! *Papæ! quales mulieres apud christianos sunt !*

A' força de provar Deus, de o saborear e de o constituir como amigo e confidente de vossos pezares e alegrias, identificar-vos-heis com elle, pois esse contacto superior será o cimento invisivel dos vossos pensamentos, dos vossos desejos, das vossas resoluções e sentimentos. As pedras da vossa vida, isto é as vossas acções, serão conjuntamente unidas e consolidadas, como nos edificios do povo romano, de que tantas vezes reza a historia e que affrontaram a injuria das idades, porque um cimento tão duro como o bronze as converteu em momentos impereciveis.

Foi assim que se formaram todas as mulheres christãs que deram tão admiraveis exemplos á posteridade : foi em tal escóla que beberam o seu heroismo as virgens e as mulheres martyres, as Ignezes, as Perpetuas, as Appollonias : foi n'essa escóla que outras mulheres, cuja força se desenvolveu n'uma esphera menos brilhante, tomaram a energia que soffre o martyrio lentamente, o martyrio da vida diaria, o martyrio em que a natureza se immola e arde sobre o altar do dever, immolação sublime de que Santo Ambrosio dizia :—«Que desconhecido numero de martyres de Christo, na secreta obscuridade da vida quotidiana !» e S. Gregorio o Grande :—«Se conservamos a verdadeira paciencia no meio dos pezares da existencia somos martyres, sem necessidade de algozes e cutelos !»

E' ainda alli, e em consequencia d'uma infiltração divina, que se exercem e crescem a paciencia cheia de doçura e o espantoso vigor d'essas virgens consagradas a Deus, nas escólas dos pobres, nos orphelinatos, nos hospitaes e nas visitas aos desgraçados de toda a especie. Nada menos é preciso do que a força que criava os martyres, para multiplicar todos os dias semelhantes prodigios No christianismo não deve, pois, ser tão difficil responder a esta interrogação :—*Quem encontrará a mulher forte ?* O sangue de Christo fez a sementeira e ella germinou por toda a parte. Possa a graça multiplicar-lhe os fructos na nossa Associação ! E se houver embaraços em encontrar uma solução ás palavras da Biblia, que facilmente se passa vir procural-a entre vós, e entre vós se encontrem sempre os exemplos d'uma rara virtude: —*Mulierem fortem quis inveniet ?* Não foi a uma mulher christã que S. Chrysostomo dirigiu este magnifico elogio ?—«Vós possuis uma sciencia superior a todas as tempestades ; tendes a energia d'um espirito superior, que é mais poderoso que numeraveis exercitos, e mais seguro que as altas muralhas e elevadas torres.»

Difficilmente poderemos acreditar que a raça de caracteres tão bellosse extingue entre as mulheres christãs.

A Sagrada Escriptura ajunta, que *a mulher forte é mais preciosa que as perolas que vem das extremidades do mundo.* – «Nada é melhor que uma excellente mulher, diz S. Gregorio Nazianzo, e nada peor do que uma mulher má.

A mulher excellente é um preciosissimo thesouro para uma casa ; é a

vida do lar, a luz com os seus mil reflexos graciosos, a alma que tudo penetra, e em toda a parte deixa o vestigio dos seus contactos deliciosos. O Espirito Santo tratando este assumpto, não receia empregar um termo de comparação, que ordinariamente é o reservado para descrever a acção benefica e misericordiosa da Divindade: «Asssim como o sol derrama das alturas a luz e o calor e parece vivificar a natureza inteira, assim o rosto d'uma mulher virtuosa é o ornamento da sua casa.» E como se temesse não dizer o bastante continúa o seu progressivo elogio, e compara a physionomia d'essa mulher á luz brilhante que scintillava no candelabro d'ouro do templo de Jerusalem: —*Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonæ speciosum ornamentum domus ejus: lucerna splendens super candelabrum sanctum.*

Continúa.

Só aquelles que muito perderam avaliam quanto o coração tem necessidade de esperar.

GEORGE SAND.

Criados e amos

(Continuação)

No capitulo anterior, tratamos d'esta questão, tentamos apresentar as causas que determinam e aggravam a decadencia e desmoralisação dos criados modernos.

Essas causas teem um resultado fatal que vem a ser o seguinte:

E' tão precaria, tão falta de garantias, tão exposta a continuas alterações a sorte dos criados, que para ella só descem os que n'outra esphera não poderiam achar collocação que lhes dê a subsistencia.

Os bons, que por acaso ou circumstancias fortuitas acceitam esse modo de vida, são ainda mais desgraçados do que os máos, porque não são mais explorados.

Portanto, ou fogem d'elle, ou se corrompem fatalmente.

Estamos pois, em face d'este dilemma. Ou havemos de não ter criados, ou havemos de os ter máos.

E' verdade que fomos nós que voluntaria ou involuntariamente os corrompemos e estragámos. Concedo. Agora, porém, não se trata d'isso.

Achamos o resultado das nossas proprias culpas e procuramos os meios de o modificar.

Primeira necessidade imprecindivel: é preciso educarmos os nossos futuros criados.

Mas como?

Creando para isso instituições especiaes, ou modificando a indole das que já existem.

Tractemos antes de tudo das mulheres.

Estão por todo o reino espalhadas, e ainda bem que assim é, as instituições de caridade, tanto de iniciativa dos particulares, como de iniciativa do Estado.

O que é que n'esses asylos se aprende, salvo excepções possiveis, mas que não chegaram ainda ao nosso conhecimento?

Aprende-se em primeiro lugar o que hoje é indispensavel para toda e qualquer situação, por mais humilde que seja: aprende-se a ler, escrever, contar, coser e marcar.

Aprende-se em segundo lugar a bordar de branco, de missanga, a fazer crochet, a tocar orgão ou *Harmonium*; ha alguns onde se aprende grammatica, historia, geographia, etc., etc.

Muito bem.

Em cada cem raparigas, admittamos que haja dez, cuja intelligencia superior possa mais tarde aproveitar-se d'este genero de estudos.

Serão mestras regias, serão talvez caixeiras de alguma pequena loja, serão mesma professoras particulares se houverem progredido no estudo e adquirido uma instrucção mais solida e mais segura.

Que fazemos das outras noventas?

Imaginemos que cincoenta casaram muito moças. Acham um artista, um carpinteiro, um chapeleiro, um entalhador, um pedreiro, um operario de fabrica, que rouba á desamparada solidão que estava á espera d'ellas e que as leva para o seu pobre albergue desguarnecido e miseravel.

Dos conhecimentos que adquiriram na educação dada pelo asylo quaes aproveitarão, quaes applicarão á sua felicidade, ao seu bem estar domestico?

Com que trabalho poderão auxiliar o trabalho do marido, insufficiente para accudir a todas as necessidades do *ménage*?

Que officio aprenderam a exercer?

Dão as voltas de casa, varrem, limpam o pó, cosinham, mas fazem tudo isto mal.

Nunca ninguem se compenetrou bem da importancia altissima d'estes misteres tão humildes.

Ter a roupa do marido bem desencardida, bem engommada, com os seus remendos bem deitados, ter a casa aceiada e fresca, ter comida pobre mas saborosa bem temperada, ter a alegria, a abnegação, a boa vontade, e em muitas das horas que ficam vagas, exercer qualquer pequena industria que ajude o marido, banir de casa a tagarelice das visinhas, viver só com o seu homem, com os seus filhos, no trabalho continuo, no trabalho fecundo, isso que é de certo o ideal, quem é que lh'o ensinou a praticar?

Deixemos, porém, essas cujo destino agora não precisamos de apreciar e voltemos para as que ficam.

Sahem do asylo, vão umas servir, outras vão ser costureiras, vendedeiras, etc., etc.

Umas são pobres creaturas roucas e aguardentadas que ahi vemos atravessar as ruas, apregoando hortaliças, ou fructa, outras as pallidas e anemicas crianças, de *cuia* postiça, chapeu de aba revirada, polonaise phenomenal, bota de tacão alto e cambadas que encontramos á noutinha ou de manhã cedo, indo para casa das modistas, ou voltando de lá.

As outras quem as não conhece, ao menos por ter ouvido fallar d'ellas?

São as criadas de hoje, ou serão as criadas de amanhã.

A educação que lhes deram está em contraposição perfeita com a tarefa que teem de cumprir.

Uma que foi apresentada para cosinheira, não tem as minimas noções culinarias, mas em compensação lê correctamente os jornaes que veem de manhã. Outra, cuja obrigação é engommar, não tem geito senão para bordar de matiz.

Algumas, menos favorecidas da intelligencia, não sabem o que aprenderam, nem aprenderam aquillo que fasem.

São as mais vulgares!

—

Porque é pois que se não dá ás raparigas do povo, ao menos ás que são educadas nos asylos de beneficiencia, uma educação em harmonia com o seu futuro papel?

Não reprovamos de certo a leitura, a ortographia, uns elementos de arithmetica, mas o que reprovamos é que haja uma uniformidade absoluta na educação que se ministra a tantas e tantas creanças de indoles diversas, de intelligencias diversissimas.

Aquellas que tivessem disposições para um genero de trabalhos mais levantados deveriam encontral-o n'uma casa especialmente destinada para as filhas do povo que até aos 12 annos tivessem dado manifestações inequivocas de claro e perspicaz entendimento.

Ahi formar-se-hiam futuras professoras, ou futuras artistas.

Haveria nesse estabelecimento mestras ou mestres que a cada uma conforme a sua vocação ensinassem as linguas, a musica a pintura em porcellana, a grammatica, a geographia a contabilidade, etc., etc.

A essa casa, que devia ser subsidiada pelo governo e auxiliada pela bolsa particular, iriam as mães de familia procurar professoras portuguezas para as suas filhas, professoras cuja educação fosse completa, e cuja moralidade podesse ser affiançada.

Mais tarde os chefes de casas de commercio, mais capazes de comprehenderem o grande alcance d'esta innovação, iriam tambem buscar a essa casa, raparigas honestas, que elles podessem sentar á meza ao lado de suas filhas, e a quem confiassem a contabilidade e os livros do seu estabelecimento.

Os fabricantes de louça e outros industriaes achariam na intelligencia e na prompta comprehensão feminina grande auxilio, mais economico.

A baixo logo d'essa cathegoria mais elevada de intelligencia, haveria n'outra casa, as que tivessem especial tendencia para os trabalhos que requerem não só engenho, mas tambem habilidade manual.

Costureiras de vestidos, modistas de chapeus, raparigas que soubessem fazer rendas, fazer franjas, etc. etc., e que o asylo logo que lhe houvesse completado a aprendizagem, podia empregar convenientemente.

Seriam estas, preferidas de certo a raparigas avulsas que entram para qualquer officio completamente ignorantes do trabalho que teem a fazer.

A disciplina escolar, a instrucção elementar recebida, a aprendizagem methodica, affirmava-lhes a sua superioridade enorme sobre as outras.

(Continúa.)

Maria A. Vaz de Carvalho.

A amisade é a unica paixão que o gelo da idade não faz arrefecer.

Mme. Dudefant.

A Virgem morta

Dorme placidamente em seu esquife,
A' luz dos cyrios, pallida donzella:
Tem entre as mãos a palma viridente,
Cruna-lhe a fronte virginal capella.

Impresso tem nos labios o sorriso
Com que exhalára o alento enfebrecida;
E' no seio da morte um brilho excelso,
Talvez lembrança que levou da vida...

Estrella que tão cedo vaes sumir-te,
Flôr que na meiga aurora te murchaste,
Não encontraste um só pezar no mundo,
Calmo foram teus dias, nunca amaste.

Ah! se amaste tiveras e o ciume.
Com seu horrendo sopro ennegrecesse
A chamma do teu peito, não guardaras
Esse sorrir que tanto te embellece!

. . . . . .

Porque tu choras, pobre mãe afflicta?
Não vês? ella vem ao goso eterno.
Feliz! ao ceu subiu com azas de anjo,
Sem ter da vida conhecido o inferno!

Eliza A.

O lar feliz

Aquelles que no meio das tristes accidentes da vida, teem gosado sempre a paz inalteravel d'um lar ameno e tranquillo, onde sentem o coração expandir-se suavemente como a flôr aos raios do sol matinal, podem julgar-se felizes.

Incontestavelmente é no lar que a mulher exerce em toda a plenitude a sua preponderancia, a qual benefica, ou perneciosa resultará a paz a concordia e a felicidade da familia ou as calamidades e miserias que são a consequencia inevitavel das dissenções domesticas.

A mulher que ama o pacifico remanso da vida intima e serena, e que ambiciona a paz do coração, tem sempre predilecção pelo lar, que torna-se o seu constante e grato enlevo.

Para ella cuja imaginação é mais viva, cuja sensibilidade é mais delicada e impressionavel, não é preciso uma intelligencia tão viva, tão elevada, nem tão penetrante para descobrir, ou mesmo advinhar o segredo de todas as attenções e cuidados que deve dispensar a esses pequeninos nadas deliciosos, que constituem o principal encanto da vida domestica. No seu lar desde o mais insignificante movel até os passarinhos que chilream alegremente empoleirados nas gaiolas: desde as flores mais vulgares que cultivadas com esmero crescem junto ás janellas transbordando de seiva e viço em toda a opulencia da mais ridente vegetação, até as trepadeiras que formam espessas cortinas, engrinaldando-as com festões de variados matizes, e exhalando a fragrancia que perfuma, tudo alli respira a simplicidade, o aceio, o conforto, a amenidade e vida.

A mulher que soube transformar o seu lar n'um sanctuario de abnegações silenciosas, e que aprendeu a sacrificar-se resignada, subjugando as paixões e as dores que tantas vezes lhe fasem deluir o coração em lagrimas, essa quer viva ainda na plena irradiação da mocidade, quer no inverno da vida, rodeada de numerosa prole, ha de sentir sempre o enthusiasmo, a benevolencia e a alegria imprimirem-lhe na fronte uma serenidade olympica inalteravel, especie de reverberação intima, que é o pacifico triumpho do espirito sobre a materia.

Mas os suppostos felizes do mundo, aquelles que teem o coração despido de crenças saciadas de ephemeros prazeres, ou contaminados pelas paginas soporiferas de Holbach, de Diderot ou Schopenhauer, certamente mui pouco influenciaveis pelo enthusiasmo febril d'abnegações, nem um só instante sequer imaginam que existem almas de semelhante tempera, as quaes prestando ouvidos á voz sincera consoladora e sancta da consciencia, ignoradas e esquecidas sacrificam-se serenas, resignadas nas azas do eterno dever. Nunca o sopro gelado da incredulidade apagou-lhes a fé religiosa a caridade christã, e com elles a paz do espirito, e contentamento do coração.

Tendo a idéa do bem d'uma, fórma superior indestructivel, sabem comprehender e por em pratica a verdadeira lei do progresso moral—a caridade.

A mulher que nunca transige com o dever, que sabe empregar toda a solicitude e meiguice para illuminar as castas alegrias do lar, sabe tambem o segredo de fazer desapparecer até a derradeira nuvem que obscurece a fronte contrahida pelas angustias que laceram o coração do pobre.

E Deus sanctifica o lar, onde a desgraça encontra sempre a esperança e o conforto.

N'essa mansão pacifica, serena e limpida a nossa alma parece despir-se das mesquinhas agitações mundanas, para respirar em toda a plenitude o

sentimento do bem e do bello, elevando-se no que ha de mais sublime nas aspirações do espirito, e fazendo-nos ouvir a voz da religião, refugiada n'esse doce sanctuario como se alli nos aproximassemos mais da divindade.

Em summa a mulher que circumscreveu todas as suas aspirações em proporcionar o conforto e bem estar a todos que a cercam, inspirando-lhes o gosto para tudo quanto lhes pode desenvolver e elevar o coração, tudo quanto lhes pode vigorar e enriquecer a intelligencia, accendendo-lhes ao mesmo tempo n'alma a dourada messe d'esperanças que os eleve ás lucidas espheras da vida futura, ha de receber por certo as bençãos d'essa divindade omnisciente que a recompença com o incontestado prestigio que exerce no seu lar. N'esse lar que com a sua doçura attractiva, a sua bondade profunda soube converter n'uma mansão sancta, formosa, idéal ; onde no meio de ineffaveis delicias, gosa do respeito publico, dos affectos, da confiança e da veneração de todos que a rodeiam.

Taubaté, 2 de Fevereiro de 1889.

ANALIA FRANCO.

O romance

Muitos fallam contra os romances como leitura prejudicial á mocidade e pouco proveitosa como fonte de conhecimentos. Porém, apezar de quanto se tem dito, continuam elles a ser lidos ainda pela maior parte d'aquelles que reconhecem sua pouca importancia, e formam quasi exclusivamente a bibliotheca das senhoras que dedicam algumas horas á leitura, não se contentando em cuidar somente de modas e enfeites.

Bem se vê que não me refiro áquelles, que cahindo do circulo em que outr'ora se encerrava a vida da mulher, tentam correr páreo com os homens nas investigações scientificas, ganhando louros só a elles até agora concebidos.

Longe de mim querer arguil-as em tão nobre empenho, principalmente as que se dedicam á medicina. A missão de medico, excepto na parte cirurgica, muito se coaduna com a indole da mulher, dando-lhe os meios de exercer a caridade, essa virtude sublime, que em todos os tempos tem achado echo no sexo em que predomina o sentimento. Relativamente, porém, será sempre mui pequeno este numero, principalmente nos paizes como o nosso onde o ardôr do clima desenvolve tão cedo na maior parte das mulheres o sentimento predominante do seu sexo — o amor, — que virá muitas vezes arrancal-as ao dominio da sciencia e reconduzil-as ao seio pacifico do lar, onde os cuidados de esposa e de mãe lhes absorverão todo o tempo, e onde, a fallar a verdade, ellas estarão mais naturalmente collocadas.

Fallo, portanto, do grande numero, d'aquellas, que do dominio do pae passam ao do esposo, e ás quaes não se deve negar a instrucção que indubitavelmente reverterá em beneficio da familia.

Em geral, estas não podem dispôr de muitas horas para a leitura. Quando solteiras, têem os imprescendiveis cuidados da *toilette*, e algumas são obrigadas a auxiliar as mães no pesado encargo da familia.

Demais, é bem curto o tempo que medeia entre o terminar da educação das moças e a idade em que costumam casar.

Casadas, os cuidados do esposo e dos filhos absorvem-lhes quasi todo o tempo : e por mais que se preze a leitura, e se sinta esta sêde de saber innata a certas naturezas, não é possivel empregar-se uma hora, em que o corpo cançado precisa de repouso, e o espirito fatigado procura um deleite facil, em serios estudos philosophicos e em pesquizas scientificas.

Seria exigir muito da nossa fraca natureza.

O que fazem portanto aquellas que não querem restringir-se á vida insipida e material de donas de casa ?

Pegam em um romance e procuram uma agradavel distracção emquanto o corpo descança.

Infelizmente porém o que ellas muitas vezes ahi encontram, são perigosas theorias que matam os sãos principios de moral que beberam nas sabias lições maternas ; terriveis paradoxos, confirmados por factos imaginarios, que apresentando-se com os arrebiques dados por habeis pinceis, e vistos á luz phantastica de uma imaginação exaltada, facilmente seduzem um espirito inexperiente.

Para a mulher moça, dotada de imaginação viva, existe verdadeiro perigo em certas leituras. Por isso alguns severos paes de familia ainda se lembram de prohibil-as ás suas filhas, conseguindo apenas dar-lhes o sabor do fructo prohibido.

Examinemos as obras de alguns romancistas mais populares.

Alexandre Dumas apresenta-nos em algumas de suas obras as grandes damas da antiga côrte de França, de costumes tão livres que quasi se aproximam das mulheres publicas ; mas ao mesmo tempo dá a seus actos escandalosos tal colorido de nobreza, e por assim dizer de cavalheirismo que lhes disfarça muitas vezes a hediondez.

Exalta, engrandece a vingança, e admitte o suicidio, este acto de extrema covardia, apresentando-o como a honradez e o heroismo levados ao ultimo auge.

E. Sue vai ainda mais longe :

Determina em uma estranha theoria os casos em que o suicidio é permittido, e tambem inculca muitas idéas perniciosas contra a religião e a ordem social.

Ponson du Terrail, que tanto agrada pela fertilidade do enredo, apresenta-nos romanticamente ataviados certos typos que nunca deverão servir de modelo a uma joven de quem se pretende fazer uma virtuosa mãe de familia.

Uma, por exemplo, que ella nos mostra nos « Bastidores do mundo » como typo de generosa abnegação, e que tendo a desdita de ter um pae deshonrado, diz ao mancebo que pretende a sua mão :

—Não deve dar o seu nome á filha de um homem deshonrado como meu pae, mas póde sem escrupulo fazer d'ella sua amante...

Diante de um espirito reflectido, será execrando semelhante acto, em que a mulher desconhecendo o preço da sua virtude se rebaixa a tal ponto ; o romancista porém achou côres para pintal-a como um anjo de virtude e dedicação.

Montepin e outros romancistas francezes erguem certas cortinas, levam-nos a certos logares, onde jámais deverá entrar, mesmo pelo pensamento, uma menina recatada.

Os romances de Julio Verne, que a principio tanto agradaram pela originalidade, e que em nada offendem a moral, hoje já não são lidos com o mesmo interesse, talvez porque os ultimos são uma imitação dos primeiros. Tambem lhes falta o enredo amoroso, que é incontestavelmente o que mais disperta o interesse á mocidade.

Alencar o nosso ameno romancista, que com sua poetica linguagem tem patenteado a nossos olhos as bellezas e magnificencias das plagas brazileiras á luz de sua fecunda imaginação é em geral um escriptor decen-

te; porém quando descreve a vida selvagem faz-nos presenccar certas scenas um pouco desnudadas, e tambem cria alguns perfis de mulheres altivas e caprichosas, adornadas com a aureola do espirito, que podem seduzir a uma joven inexperiente, levando-a a querer imitar esses typos inconvenientes na vida real.

Alexandre Herculano, cujas obras são o modelo de rica linguagem, tem idéas sãs, e a moral é por elle religiosamente respeitada. Torna-se porém prejudicial pela vehemencia das paixões que empresta aos seus personagens, e leva a vingança e o ciume ao mais alto grão.

Coração ferido pelas injustiças do mundo, parece verter o fel de que está repleto, e dir-se-ia que seus escriptos estão d'elle impregnados. Tem sempre o azorrague alçado contra a Egreja e seus ministros, e embora se deprehenda que elle só tem em mira criticar os abusos e não as proprias instituições, a sua linguagem, que tem tanto de severa como de accurada, póde desviar as idéas.

Não se deve exaltar as paixões da mocidade: seria dar excitantes ao que soffre os ardores da febre.

Eguaes inconvenientes apresentam muitos outros, que seria longo enumerar, chegando alguns até a pretenderem que a união do sexo promovida sómente pelo amor, seja tão santa e pura como a que a religião e a sociedade consagra. Ainda mais, levam o desvario ao ponto de desculpar o adulterio da mulher, crime tão grave, que se viesse a multiplicar-se, traria a disolução da familia, e por consequencia a da sociedade; e censurando a opinião publica que lança o anathema sobre o desvio da honra.

Ninguem mais do que eu se revolta em vista do escarneo que fere a infeliz que, em um momento de desvario se affasta do caminho da honestidade principalmente quando arrependida, n'elle de novo tenta marchar. Porém não confundamos o vicio com a virtude; porque em tal caso, que seria da moralidade e do bem estar das familias?

Compete, portanto, ás mães, encarregadas quasi exclusivamente da educação das filhas; a ellas, que com suas mãos habeis e carinhosas moldam estes seres teuros, e moralmente fallando, malleaveis como a cera, velar na escolha dos romances que as jovens gostam de lêr.

Ahi porém está a difficuldade.

Os romances moraes e religiosos são pela maior parte escassos de enredo e peripecias, e não agradam á mocidade a vida de fortes comoções. Haja vista, as obras do Abbade Bayle, de Ville-franche, do cardeal Wiseman, e outros, aliaz mui proveitosas por tratarem de historia romana tão necessaria a todo aquelle que não quer ser taxado de completa ignorancia. Demais estes auctores preconisam o despreso do luxo e das honras mundanas, e consideram a vida religiosa como a verdadeira perfeição.

Taes idéas estão deslocadas na epocha actual

Temos Escrich, e talvez outros, que podem ser lidos sem perigo; e comquanto alguns o accusem de falta de imaginação, entendo que suas obras podem servir de passatempo moral e proveitoso ás jovens senhoras.

E' porém muito pouco, e querendo qualquer mãe de familia proceder a uma escolha rigorosa, ficaria a bibliotheca de suas filhas reduzida a bem poucos romances que ellas possam lêr com gosto e proveito.

Cumpre, portanto, ás mulheres, que conhecem mais do que os homens o coração feminino, fazer composições que não se resintam dos inconvenientes que acima indiquei.

A educação que em geral recebe hoje a mulher, já não é tão mesquinha como em outros tempos, e não lhe falta a imaginação e a perspicacia que para isso é mister

E' verdade que a muitas falta o tempo; aquellas porém a quem este sobra, em vez de gastal-o em futeis passatempos em que muitas vezes lhe morre, ou se atrophia o sentimento, esta flôr odorifera que é o principal perfume da alma, escrevam romances moraes que fallem ao espirito e ao coração para que sejam lidos com interesse.

Podem entremeal-os de reflexões moraes e philosophicas, ajuntar-lhes alguma coisa de historia e mesmo de outras sciencias.

Quaesquer noções d'estas materias encontradas em um romance que agrade, grava-se naturalmente e de um modo indelevel na memoria

Assim, aquellas a quem Deus conceder a chama divina da intelligencia, e que não podem applicar-se a estudos serios, terão d'esta sorte ingresso no grande tabernaculo dos conhecimentos humanos, que a todos deve ser franqueado.

E' verdade que muitas mulheres teem escripto romances bastante applaudidos quando este genero de litteratura tinha grande acceitação; é porém incontestavel que não tinham em mira instruir nem moralisar a mocidade de seu sexo, e sim grangear um nome na litteratura.

Escrevendo *A filha de Jephte* e *O Anjo do Perdão* procurei dar um impulso a este genero de romance. Faltando-me porém as habilitações e o tempo, faço um apello ás minhas companheiras para que trilhem esta senda honrosa, onde terão a gloria de concorrer para o engrandecimento do nosso sexo, ampliando-lhe a instrucção e moralidade, principaes motores da sua completa rehabilitação.

ANNA BITTENCOURT.

Rio-me de tudo: não ha melhor systema.

JEANNE SAMARY.

A mulher e a sua instrucção

Penas tangidas por espiritos finos illustrados, muito tem escripto sobre a mulher, pintando com as bellas côres da verdade suas virtudes. Outros ha, que para humilhal-a dizem que, ainda mesmo ella recebendo o gráu de instrucção do homem, tendo a mesma liberdade, não póde como elle dirigir os grandes movimentos politicos e scientificos.

Estes laboram em um erro deploravel, porque, como o homem, a mulher é intelligente e energica; e quasi sempre, mais do que elle dotada de um espirito perspicaz.

Outros fallam da mulher com tanta leviandade que chegam a dizer, que ella deve ser tratada como escrava do homem e não como amiga e companheira. Não é para estes que escrevemos. Folheemos a historia e vejamos nas suas paginas brilhantes, quão nobre, santa e sublime tem sido a existencia da mulher. Deus podia nascer de um pensamento; de uma palavra; de um desejo, mas quiz nascer de mulher, sendo Deus, amou-a e respeitou-a.

A mulher é para o homem, o que o orvalho e o favonio da aurora são para a flôr; o que o alimento é para o corpo, o que o coração é para a alma.

E que seria do homem, desde o berço até á sepultura, sem a mulher?

Em todas as phases da vida a mulher tem desempenhado um papel importante e necessario.

Como filha, é a consolação de seus paes; como esposa, ella é tudo; santa, anjo e as mais das vezes, martyr.

E' em seu regaço, depois da luta do trabalho pela gloria, que o esposo reclina a fronte ; seus labios são a taça de delicias em que elle bebe o nectar que lhe dá forças para novas luctas.

Ella soffre com os seus males, gosa com os seus prazeres, e procura consolal-o em suas afflicções. Si elle soffre physicamente, ella constitue-se enfermeira desvellada, e daria sua propria vida para suavisar-lhe as dôres.

Como mãe ella vela dia e noite ao lado do berço de seu filhinho recem-nascido ; sorrir por seus labios, chora com suas lagrimas e alimenta-o com seu proprio sangue. Ella que de sua linguagem desconhecida traduz a primeira phrase : é ainda ella que guia seus primeiros passos e o ensina a orar e amar a Deus.

A mulher quando não degenera, é toda amor e dedicação. A instrucção é tão necessaria ao homem como á mulher ; não para ella exercer cargos fóra do lar domestico, porque ; o que seria dos filhos ainda na aurora da vida, privados dias inteiros dos cuidados maternaes ?

E que seria da ordem e economia do lar, se a mulher fosse discutir nas assembléas e nos tribunaes ! A casa se tornaria umá verdadeira anarchia, o esposo veria com rapidez desapparecer o fructo do seu trabalho.

A instrucção da mulher é necessaria para ser ella propria a preceptora de seus filhos, e não confiar a outrem o cuidado de educal-os moralmente.

Ninguem mais habilitada do que uma mãe, para innocular a luz do saber nesse espirito ainda em embrião. Kant dizia que havia sido sua mãe que lhe lançara n'alma o germen do bem e lhe inspirava o amôr ao Creador, explicando-lhe o que sabia das maravilhas da natureza. A mulher é como as plantas, que só dão bons fructos quando são cultivadas.

Instruam bem a mulher, eduquem-a com esmero, e será menor o numero das victimas que vemos cahir todos os dias no abysmo da perdição. O ignorante não distingue o bem do mal não se póde ser bom quando se tem consciencia do mal. Do espirito da mulher instruida emana effluvios de virtudes Instrui vossas filhas, ensinae-as a conhecer o bem e o mal. e serão verdadeiros thesouros que offereceis á sociedade.

O maior bem que podeis fazer a humanidade é derramar em seu espirito a luz da instrucção.

BELMIRA COSTA.

A' minha mãe

Quando contemplo teu cabello branco
Onde meus olhos pairam como caricia,
Da minha lyra vibrações arranco,
Do coração em filial blandicia!

Como os regatos que admiro ao vêl-os,
Pintam-me ao vivo a luz do firmamento,
Esses fios de prata, esses cabellos,
Revelam muita luz de sentimento!

Retratam muito amor, muita doçura
Do coração de mãe, que é todo affago
E que tem a ductissima brandura
Do luar a dormir n'um manso lago!

E como a folha debil e franzina,
Sobre as aguas tranquillas vae boiar,
A minha musa pobre e pequenina
A tua doce fronte vem beijar.

Pouso Alegre, 24 de Janeiro de 1889.

PRESCILIANA DUARTE

A amisade é um sentimento que nasce comnosco : o primeiro movimento do coração foi o de se unir a outro coração. Nós fruimos nos gosos da amisade tudo o que o amor tem de mais agradavel :—o prazer da confiança, a satisfação de abrir o peito a seu amigo, e de lêr em seu coração ; de vêr sua alma a descoberto e de patentear suas proprias fraquezas: porquanto nada se deve occultar a um verdadeiro amigo.

Só os que têm gosado os doces prazeres da amisade é que sabem avaliar o que ha de encantos em passar o tempo na intima confiança daquelle a quem tudo se diz, e em quem de sobejo se dedica confiança.

Como correm ligeiras as horas passadas na companhia do objecto que se estima.

Mme. DE LAUSBERY.

Os albuns

E' hoje moda, na melhor sociedade, possuir-se um album de authographos, e pouco vulgar é encontrar-se quem não tenha o seu.

Eu approvo muito essa idéa e confesso que muito estimaria que todas as cousas que a caprichosa moda introduz na sociedade fossem tão boas como os albuns, que além de agradaveis são uteis. Sim, são uteis, porque como hoje é moda apresentar-se repentinamente um album para se escrever qualquer pensamento. muitas pessôas tratarão de estudar ao menos o portuguez, para não passarem pelo desapontamento de regeitar uma honra, que eu muito considero.

Na minha opinião, um album só deve ser apresentado a duas sortes de pessoas : ás de intima amisade e ás de reconhecida intelligencia.

Quanto aos escriptos, ficará á descrição de cada um, podendo ser em prosa ou verso, conforme o gosto.

Só não me conformo com os taes elogios, que em falta de assumpto costumam a fazer ao dono ou dona do album. Si fossem acceitaveis os elogios, isto é,si se admittissem como principios, esse modo de escrever, nada a meu ver mais ridiculo do que um album de autographos. E seria bastante isso para dar-se o diploma de boccio a quem apresentasse ou fallasse de seu album.

Assim como não aprecio quem offerece o seu album, a torto e a direito, assim tambem não gosto da frieza egoistica de certos individuos que o reservam inteiramente para quatro ou cinco pessoas. A virtude está sempre no meio termo.

Um conselho aos leitores : quando tiverdes que escrever em um album qualquer, não te façaes esperar. Um escripto muito demorado perde cincoenta por cento do seu valor.

Pouso Alegre—Minas, 24 de Janeiro de 89

MARIA CLARA VILHENNA DA CUNHA.

Zézé

Tem-se dado este nome a homens e a mulheres ; mas é de uma linda menina que pretendo fallar.

Tinha eu só quatro annos, quando a vi pela primeira vez, e ella apenas um.

Morava sua familia em uma pobre choupana, nos arredores da fazenda de meus paes, e á beira de um regato muito piscoso, d'onde tirava os escassos meios de sua subsistencia.

Ainda me lembro do primeiro domingo em que, muito cedo, por alli passámos com tenção de assistirmos á missa, no povoado visinho.

Eu ia em um troly com minha ama ; as bestas espantaram-se com o barulho que os pescadores faziam no rio, ao puxarem para fóra grande quantidade de peixes, que tinham apanhado em um arrastão.

Aquella bôa gente saltou para fóra da canôa e sahindo á dianteira dos nossos animaes os fizeram parar ; levaram-me ao collo para a sua pobre choça, onde perdi o susto que levava,

com uma boa chicara de excellente café.

Zézé estava brincando com a boneca; e, ou porque com ella me parecesse eu, ou porque o susto me tornasse mais bonita e rosada, o corte é que estendeu para mim os bracinhos roliços e alvissimos, e ficámos amigas como se tivessemos vivido sempre juntas.

Na occasião da partida, despedime com saudades d'aquella familia simples e honesta; e pedi-lhes que me levassem Zézé no domingo seguinte.

Deus não o quiz assim; pois vindo por ali uma *maligna*, matou muitas crianças, e entre ellas a minha interessante Zézé.

CUSTODIA LEITE.

A consciencia

CHATEAUBRIAND

A consciencia fornece uma segunda prova da immortalidade de nossa alma.

Cada homem tem no imo do coração um tribunal no qual elle começa por julgar-se a si mesmo, emquanto que o soberano arbitro confirma a sentença.

Se o vicio não é mais que a consequencia physica de nossa organisação, d'onde vem esse pavor que turba osdias de uma prosperidade culpavel?

Porque sendo o remorso tão terrivel, não se prefere antes submetter à pobresa e a todo o rigor da virtude, a apossarmo-nos dos bens alheios?

Porque não tem a mesma voz para os entes insensiveis?

O tigre despedaça sua presa e dorme, o homem torna-se homicida e véla.

Elle busca os logares desertos e no entanto tem medo dos tumulos.

Seu olhar é inserto e inquieto, elle não ousa entrar na sala do festim, receiando levar em sua fronte o estigma funesto.

Procurando melhorar suas dôres, seus proprios pensamentos o atormentam e elle vaga no meio das noites nos clarões ameaçadores, e sempre rodeado do cheiro da carnificina.

Descobre o gosto do veneno, no proprio alimento por elle preparado; seu ouvido d'uma subtileza estranha, percebe o ruido aonde o mundo inteiro só descobre o silencio; e sob as vestes do amigo que o abraça, elle julga sentir o occulto punhal!

JULIETA MONTEIRO.

A mulher medica

Até que emfim a sociedade moderna vae banindo o antigo regimen de collocar a mulher no logar unico, que exercia, de velar por sua casa tratando dos arranjos domesticos; para lhe dar o valor que merece, facilitando os meios com que possa ser considerada pelo seu talento illustração e tino em dirigir qualquer arte ou sciencia afecta unicamente aos homens. E senão vejamos quem melhor do que a mulher pode exercer a medicina? E não estarão as leitoras e os leitores mesmo de acordo comigo?

Se tendes mãe, irmã ou esposa não será mais agradavel confiar os seus cuidados a pessoa de seu sexo, do que confial-os a um homem para quem devem ser vedados todos os segredos de uma senhora honesta? E vossa esposa, irmã ou mãe não dirá à mulher-medica com mais desembaraço e sangue frio, que esta ou aquella dôr é proveniente d'isto ou aquillo, que este ou aquelle achaque foi occasionado por um ou outro incidente?

Decerto que sim Por isso as vantagens da medicina exercida pela mulher são de grande utilidade. E quem mais carinho pode ter que a mulher para o tratamento de uma criança, pois que sendo as unicas a quem é dado o tratamento de seus filhos com o afago e solicitude que requerem, são tambem as unicas possiveis para reconhecer com interesse maternal, que de todo o coração devem tratar com o maximo cuidado, as creanças que lhes são confiadas porque só ellas são capazes de avaliar quanto custa em lagrimas e saudades a perda de um filho que se estima.

Eu bem sei que a carreira medica exercida pela mulher lhe vae trazer alguns desgostos e dissabores porque infelizmente a nossa sociedade não tem ainda a educação precisa para respeitar e fazer respeitar como lhe cumpre as mulheres, nisto me refiro aquellas que são dignas de respeito, que mesmo um ou outro pouco escrupuloso não porá duvida em mandar chamar uma doutora a pretexto de qualquer doença só para ter à cabeceira do leito uma mulher a quem digam umas tantas sandices, mas por isso mesmo as medicas devem limitar-se unicamente ao tratamento de molestias que affectam o seu sexo ou no tratamento de creanças.

S. Paulo.

PAULINO A. DA SILVA.

RECEITAS DOMESTICAS

Um cosinheiro francez ensina a seguinte receita para se fazer bolo ou torta de batatas: Assam-se as batatas debaixo da cinza, e depois de assadas descascam-se e reduzem-se a massa. A esta massa, juntam-se seis gemas de ovos para meio kilo de massa e 130 grammas de assucar, e passa-se tudo bem sob o rolo. Tempera-se a massa com cascas e summo de limão e clara de ovos batidas. Vae à fôrma, untada de manteiga, para ser cozido em forno pouco quente.

Os tecidos de algodão, chitas, percales e outros, de côres incertas, que desbotam, não devem ser lavados em agua fria, para não perderem as tintas. Lavam-se esses tecidos com uma solução quente de sabão, e sem esfregal-os, passem-os d'essa solução para uma mistura de agua quente e farelo Esfregue-se então o tecido com o farelo, que actua como absorvente. Se as côres tiverem desmerecido, torne a enxaguar-se em uma solução aquosa, tepida e contendo algumas gottas de vinagre.

Para a lavagem das flanelas brancas, o processo mais facil, prompto e economico é juntar a uma lixivia de sabão, um pouco de amoniaco liquido. O amoniaco aviva a brancura da flanela e tira as nodoas que tenha a roupa. Para que a flanela não encolha, deve-se ter o cuidado de enxugal-a bem entre dois pannos, sem a torcer. As flanelas, assim como todos os tecidos de lã, não devem seccar ao sol, e sim á sombra, em logar pouco ventilado.

SECÇÃO ALEGRE

N'uma escola de instrucção primaria: O *mestre*. — Parece impossivel que o menino não faça nenhum progresso na leitura! Eu, quando tinha a sua idade já lia correctamente.

O *discipulo*.—Não admira. Provavelmente tinha melhor mestre do que eu.

O

N'um hospital:

—Quantos obitos houve?

—Dez, sr. doutor...

—Diabo... A quantos receitei eu hontem?

—A onze, mas um não quiz tomar o remedio.

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 16 de Fevereiro de 1889. — NUM. 12

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia UNIÃO, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 16 DE FEVEREIRO DE 1889.

Mães e mestras

(Continuação)

Certamente a criança, mui pouco adeantada para julgar o procedimento de sua educadora, procedimento no qual ella não vê mais do que motivo de contrariedade, gosta das perniciosas condescendencias dos que a lisongeiam e se entrega a uma irritação mais que prejudicial ao seu temperamento.

As amas mais que ninguem são na educação privada um grande obstaculo ao adiantamento da alumna, pela influencia que exerce no espirito d'esta, influencia fundada em disvellos e provas d'affeição as mais das vezes verdadeira. Se encontrar-mos uma mulher n'esta condição que mostre bom senso e bem entendido zelo, contaremos com que a deitarão a perder com sua fraqueza, ignorancia e deffeitos naturaes.

A maior parte das amas, invejosas por vêrem de um momento para outro passar a sua autoridade de directoras a mãos superiores, aproveitam todas as occasiões de fazerem surdas hostilidades á professora. Esta guerra além de prejudicar a mestra no affecto da discipula, perturba a harmonia de uma casa, e faz com que a criança perca o precioso tempo de seus primeiros annos.

Não ha que hesitar, e em taes casos, cumpre aos paes cortar o mal pela raiz. Procurarão dar a ama uma obrigação que a conserve affastada da menina, ou a despidirão para a substituirem por outra mulher que não tendo os mesmos titulos á familiaridade da criança, saiba conformar-se com as instrucções que lhe derem.

O receio de serem taxados de ingratos em paga de longos serviços não os deve embaraçar nesta circumstancia; pois do contrario verão o risco que corre a futura felicidade de suas filhas; tanto mais que em geral pouco se hesita, segundo certa descendencia que nos abstemos de citar, em agradecer mais do que convem a pessoa cujo ensino não póde durar muito, e que só admittem motivos plausiveis para separar qualquer discipula da mestra, com mais razão para expulsar a uma subalterna que serve de empecilhos á sua educação.

A discipula abrange diversos pontos que é necessario attender. Depois que se houver excluido da esphera da alumna a lisonja e o servilismo, evitar-se deve condescender com os seus caprichos inuteis, habitual-a-hão a vencer-se, despol-a-hão a duvidar por si mesma, e fugirão de discorrer com ella. Mas está mais que claro que habitos taes não se formam senão com auxilio de flexibilidade de orgãos, isto é, na mais tenra idade.

Quando a criança chora ou bate com os pés, impaciente, por lhe haverem negado alguma cousa que lhe não querem dar, cumpre teimar na negativa com toda a calma e não mudar. Aquella que, para aplacar qualquer contrariedade ou para evitar as lagrimas que não tem forças para vêr correr, fingindo-se indifferente, dá outro objecto em lugar do pedido, peca contra o bom senso e contra a prudencia.

A criança que cada vez se sente mais forte na sua violencia, nunca deixa de ser tyranna no interior da casa; e como suas vontades acabam depois do incontro com o impossivel, raro é que ella faça seu proprio tormento e o das pessoas com quem vive.

Quanto melhor não é pelo contrario ir obrigando cedo as crianças em vencer o habito de desejar, visto que a felicidade só existe nos desejos limitados! D'outra parte, conservando-lhe as inclinações enfreadas, reprimindo-lhes os appetites, se lhes fará o espirito agil e vigoroso, e como a gymnastica serve para endurecer o corpo, assim uma direcção firme as forteficaria no moral.

No systema de nos vencermos e dominarmos é que consiste a prudencia e a descripção. Este imperio pessoal tem feito a gloria de todos quantos se tem illustrado por um longo combate entre a materia e o pensamento; e é indicio da superioridade de nosso ser, sobre todas as creaturas, principio da virtude e regulador de nosso destino.

Como á vista de tudo isto despresaremos este imperio n'uma criança a quem estimamos, sem nos fazermos culpadas d'um erro ou d'uma falta eminentemente grave?

Devemos procurar fazer persuadir a infancia da *necessidade do incommodo* inseparavel de nossa condição, e em vez de a ajudarmos a fugir a esse incommodo, mostremos-lhe com nosso exemplo que nos cumpre tudo acceitar com resignação.

A criança bem educada deve tambem duvidar por si mesma. Possuirá ella então aquelle timido pejo que tão bem essenta á falta de experiencia; fallará pouco, ascutará muito, conhecerá a necessidade d'outrem e será por essa fórma, despida da presumpção que se nota nessas numero-

sas figurinhas de mulheres e homens que infestam os salões.

O meio de conservar a criança n'esta reserva é não conversar muito com ella; se bem que em certa idade da alumna o commando deve ser ministrado pela razão sensivel das cousas, não convém todavia que uma mestra dê muitas vezes conta á menina dos motivos que a dirigem, porque esta folga em descutir, porque seu respeito aos superiores logo se evapora, e augmentando a confiança em si, affecta então um ar de ridicula importancia querendo decidir muitas questões que excedem sua comprehensão.

Uma menina a quem sua nobre avó havia criado pelo systema de *racciocinar*, e que era dotada de grandes recursos, mostrava demasiado orgulho de si mesma, A mestra que foi chamada para a instruir portou-se com ella de modo muito diverso do que até ahi fôra praticado; ella comprimiu as faculdades d'aquella cabeça activa e moderando-lhe os vôos, ou antes dirigio-se-lhe ao juiso, á razão e aos sentimentos de preferencia á memoria, que, até então dominante, tinha produzido grandes successos ao amor proprio e singularmente lisongiado a vaidade; ella fez sobresahir em todos os estudos o lado *sério*; afim de provar aquelle espirito de vinte annos que elle não tinha mais de dez, exigio uma obediencia passiva, e passados poucos mezes estava consummada a mudança; já a menina não se mettia na conversação, já a sua voz não era a voz dominante do circulo, ouvia com attenção, e o rosto d'antes com o cunho de franca audacia, se corava de modo encantador quando ella respondia á mais simples pergunta.

(Continúa.)

A mulher forte

PRIMEIRA CONFERENCIA

Bem vêdes, senhoras, que se a Biblia tem palavras severas a respeito das mulheres, ella as redime com usura, prodigalisando louvores ás que pelas suas virtudes e eminentes qualidades fazem a gloria do vosso sexo. Como ordinariamente nada ha de mediocre na vossa natureza, entrai para o numero das mulheres excellentes, a fim de que se possa dizer de vós, com inteira verdade, que valeis mais do que as perolas compradas por alto preço nos paizes longiquos, e para que, nem mesmo de leve, se vos possa applicar a outra phrase dos livros santos: «A malicia da mulher má encerra e excede todas as outras malicias:—*Omnis malitia nequitia mulieris... brevis omnis malitii malitia superam mulieris.*»

«O coração de seu marido, continúa o sabio, põe n'ella inteira confiança, e não terá necessidade de riquezas estranhas.»

A confiança, senhoras, é a alma da vida, a ventura da existencia, o encanto das relações e o laço dos corações. A confiança é tudo na vida. Onde não ha confiança existe a morte, ealguma cousa peior ainda do que ella, que é uma existencia que nao tem os seus elementos e cuja respiração é continuamente oppressa.

Se eu tivesse de prégar a vossos maridos, dir-lhes-hia:— Fazei por merecer a confiança de vossas esposas, porque a intima confiança do coração é uma cousa que se não dá, nem se impõe, mas que é necessario conquistar pela virtude. De tão elevadas cousas depende a confiança, que Deus não a quiz pôr á livre disposição do homem, e eu devo agradecer-lh'o, porque elle não podia proteger mais victoriosamente o mais nobre patrimonio da humanidade:—o respeito das grandes e das bellas cousas. Eu perguntaria ainda a vossos esposos:—Quando perdeis o respeito e a confiança de vossas mulheres, não sois vós os que, principalmente, me receis a accusação?

Mas é a vós, senhoras, que me dirijo, a vós que eu intento fazer boas, excellentes, perfeitas, quaesquer que possam ser os defeitos que vos rodeiam. Merecei sempre a confiança de vossos maridos, e marecel-a-heis infalivelmente por uma vida exemplar, por uma dôce virtude, paciente, constante invariavel, mesmo no meio de tudo quanto possa ferir-vos. Um homem póde ter grandes defeitos, vicios graves; póde ter as suas horas de irritação, em que tratará a sua companheira com termos tão duros quão injustos. Não importa: se a mulher fôr o que deve ser, respeital-a-ha, apesar de tudo, porá n'ella inteira confiança, e a despeito das palavras violentas, nas quaes, muitas vezes, a paixão finge crêr, quando a colera as profere, o coração permanecerá fiel, o coração curvar-se-ha perante a virtude, o coração terá confiança, porque um outro privilegio da verdade é que, não é permittido no homem desprezar muito tempo e seriamente uma virtude que nada abala, e que persiste no meio de durissimas experiencias

Mas quanto mais feliz não é o lar onde o coração dos dous esposos é attrahido por uma confiança reciproca, onde existe a fusão das almas, onde ellas se inclinam naturalmente uma para a outra, como dous vasos, um dos quaes encerra o licôr necessario ao outro! As iguaes uniões são uma das mais preciosas bençãos do céo; são a riqueza e a felicidade da existencia, como lhe chama S. Chrysostomo, são o paraiso na terra; são depois das alegrias celestes e dos jubilos da fe, n'este exilio da terra, o ante-gosto de melhor vida, de vida em que tudo quanto o coração póde sonhar será o objecto da nossa intima possessão:—o respeito, a confiança, o amor puro e a ternidade.

O marido, n'esta vida de confiança mutua, derrama na alma da mulher a intelligencia, a luz, o vigor e o conselho; a mulher, pelo seu lado, entretece para o esposo uma corôa de flôres graciosas; ella dá-lhe, como arvore fecunda, a frescura e os fructos da alma affectuosa, recompensa-o das fadigas da vida, bebe-lhe as lagrimas e infiltra-lhe nas vêas um oleo de alegria e de felicidade. «A mulher forte diz o Espirito Santo, é o jubilo de seu esposo, porque lhe fará viver em paz todos os annos da existencia. Introduzir-lhe-ha o vigor nos ossos. *impinguabit ossa illius.*»

Ditoso o homem que possue uma companheira assim! Não terá necessidade de riquezas estranhas: *spoliis non indigebit.* Terá no lar o thesouro do seu coração, e não lhe produzirá attrativos tudo quanto fôr exterior. A graça, a virtude, a affeição da esposa, serão um laço preparado pela Providencia para o conservar na linha do dever. Poderia dizer-se ainda, tomando as expressões em outro sentido, que o marido não terá necessidade de riquezas estranhas, porque a mulher, como mais tarde a explicaremos, se tornará pelos cuidados e attenção, a sua previdencia e a sua economia, uma fonte de riquezas no santuario da familia, que o despirá da necessidade de recorrer a esses meios de fortuna, cuja industria fraudulosa, unida á agiotagem, ocorrem a todas as despezas: *et spoliis non indigebit.*

«A mulher forte dará a seu marido o bem e não o mal, durante os dias da sua vida: *reddet ei bonum et non malum, omnibus diebus vitæ suæ.*»

Nobre herança que a Providencia concede á mulher! Fazer constante-

mente o bem e nunca o mal! Fazer o bem, sobretudo a seu marido, porque se identifica com elle; fazer o bem em todas as circumstancias e por toda a especie de meios, pelas palavras, pelas acções, pelos conselhos e mesmo até pelo silencio! Fazer o bem prevenindo os embustes e os pezares que podem ferir o homem, e trabalhando para os desviar! Fazer o bem quando elle é feliz, gozando-o conjuntamente com elle, quinhoando-lhe a ventura; fazer o bem, sobretudo quando é desgraçado e martyr, compartilhando das penas, alliviando-as pelas mil delicadas attenções que tão engenhosamente sabe encontrar a mulher quando tem boa vontade! Fazer sempre o bem e nunca o mal: *reddet ei bonum et non malum.* Não! nunca o mal! E insisto sobre este ponto, porque sei que a mulher tem muitissimos meios para o praticar quando quer; porque sei que ella tem immensos recursos para se vingar, alastrando de espinhos todas as vias, quando tem o coração ulcerado! Eu peço-vos, senhoras, que não useis semelhantes processos, ainda mesmo que vossos maridos sejam colericos, vingativos e egoistas, ainda mesmo que sintaes o coração ferido no que elle tem de mais intimo! Peço-vos em nome de Deus, dos vossos mais caros interesses, da vossa familia, e do vosso sangue! Mas eu engano-me; tendes, é verdade, um excellente meio de vingança:—fazendo o bem, oppondo um acto de abnegação e de renunciamento a cada acto de egoismo; a cada palavra aspera uma palavra meiga, ou pelo menos o silencio, não o silencio provocador, mas o do amor e da paciencia, e no dia seguinte, ou na propria noite, como continuação de tão nobre vingança, dai mais verdade á vossa affeição, mais attenção e mais engenho á vossa ternura! Ah se vós soubesseis vingar-vos assim, que de victorias não alcançarieis! Que luctas magnanimas! Que triumphos completos e pacificos!

(Continúa.)

Idilio Agreste

I

A alguns kilometros da fóz do Sapucahy-mirim, para o lado oriental, junto a uma bella propriedade rural graciosamente emmoldurada em um circulo de montanhas, via-se a caminhar pelo macadam da simosa estrada que conduzia á rustica vivenda, um moço vestido a paisana com elegancia, mas sem affectação.

O caminho desdobrava-se até uma estensão interminavel, ora por entre as avelludadas alfombras, que orlavam a margem do rio, ora a separar por sobre o dorso de montanhas cobertas da mais opulenta e exuberante vegetação. Começava o horisonte a tingir-se com todos os aureos cambiantes de luz crepuscular, quando elle conseguiu galgar o cume, algum tanto agudo de uma collina de consideravel altura, o que tornava-a mais proeminente do que as outras circunjacentes. N'esse aprasivel local parecia reinar uma eterna primavera luminosa. Alli os festões verdes esmaltados por mimosas flores de variegado matiz formavam doceis delicadamente rendilhados á sombra das arvores collossaes que as abrigavam.

Nada, porém, era comparavel á vista grandiosa e imponente da aprazivel paisagem alpestre que d'alli se gosava n'um ambiente saturado dos mais suaves e deliciosos perfumes.

No espaço comprehendido entre as montanhas e os varzeados distendiam-se florestas dilatadas em ondulações gradativas por montes, por valles e por altas ribanceiras, até perderem-se no ponto em que a vista já não podia abranger.

Chrystallinas cascatas se despenhavam dos montes e iam espraiar as suas aguas, ora suavemente pelas campinas em alceas de finas areias, orladas de tufos de verdura; ora revoltas, rolavam impetuosas pelos penhascos sussurrantes na sua impotente furia até sumirem-se nos intimos reccessos de grotas mysteriosas e profundas. E lá ao longe, muito longe, alvejante por entre o verde lustroso das larangeiras e dos limoeiros, destacava-se em uma amenissima situação, a graciosa habitação d'onde o moço parecia ter vindo. O sol já quasi occulto dourava com os seus ultimos fulgores, de um ouro pallido as proeminencias das serras, ao pano que soergue-se do fundo dos varzeados allumiados por luz esbatida, uma sombra demasiado intensa que lentamente ia invadindo toda a paisagem.

O moço que parecia ter-se esquecido de prosseguir o seu caminho detevese extatico, como se realmente o deslumbrasse o panorama esplendido que tinha ante os olhos, o qual entretanto elle não via, tão absorto estava nas suas tristes cogitações.

Genesio, era o seu nome, em extremo fatigado sentou-se sobre uma pequena pedra musgosa, collocando junto ao tronco de vigorosa palmeira a sua espingarda de caça, da qual ainda se não tinha servido, e antes pelo contrario d'ella se esquecera completamente, sem embargo de tel-a comsigo toda aquella tarde. Elle era alto, magro, tinha os cabellos e o bigode pretos, a fronte elevada, pensativa e sulcada por signaes quasi imperceptiveis que parecia rugas. Nos seus labios assaz descoloridos, pairava um constante sorriso algum tanto desdenhoso que á primeira vista tornava-o pouco sympathico e attrahente.

Quem o observasse porém detidamente, veria na vaga expressão dos seus grandes olhos negros scintillantes, o quer que seja de suave e de mysterioso que prendia e captivava a attenção.

Nas feições desfeitas e sombrias do moço, divisava-se uma estranha expressão de profundo desgosto.

Com a cabeça curvada sobre o peito meditava tristemente, em quanto a suavissima melodia d'um sabiá pousado sobre a palmeira visinha eccoava-lhe aos ouvidos como uma harmonia extranha; parecendo-lhe que as vibrações d'aquelle canto dulcissimo, reveviam-lhe n'alma todas as angustias.

II

Genesio era orphão, nunca gozara das santas affeições da familia, e nem mesmo conhecera os seus pais. Desde muito creança foi entregue a um tio fazendeiro opulento, a quem tudo devia.

O tio Vasconcellos tendo em mira faser do sobrinho, a quem sinceramente estimava, o esposo de sua unica filha, bem depressa o enviou a um collegio distante, e pouco tempo depois a Coimbra, onde elle recebeu o gráo de bacharel.

Seggregado da convivencia dos parentes, acostumado a viver sempre só, a concentrar em si todas as suas impressões, Genesio adquirira o habito da solidão e do isolamento o que tornara-o um pouco selvatico.

Mas atravez da timidez desconfiado do seu caracter excentrico e concentrado, o tio Vasconcellos reconhecera a nobresa e lealdade da alma generosa, e boa do sobrinho, e sentia-se feliz á lembrança de vel-o brevemente ligado á sua querida Olivia. Desde que lhe morrera nos braços a esposa, todo o seu af-

fecto concentrou-se exclusivamente na filha que resumia em si o seu universo. Essa graciosa creança de olhos negros, labios nacarados, que desabrochava livremente com toda a exuberante florescencia de sua mocidade; aos quinze annos revoluteava ainda pela casa alegre, travessa, a sorrir, a sorrir sempre com a angelica e ineffavel candura de um cherubim de Guido. Nem a perspectiva do seu proximo casamento, nem a presença do primo bacharel a quem desde a infancia habituaram-n'a a reconhecer por noivo, nada emfim impedia-lhe de brincar descuidosa pelo jardim ou pelos prados correndo apóz as borboletas multicores.

O tio Vasconcellos desejava vel-a um pouco mais grave e séria ao pé do noivo; mas ella é que não estava disposta a desfazer-se dos seus habitos de creança.

Muitas vezes a passeio em volta das plantações, esquecia-se de repente dos ademanes de senhora, que affectava em presença do noivo para agradar ao pae, e pelo mais insignificante insecto, pela mais simples flôr sylvestre galgava destimida as gargantas dos despenhadeiros, soltando uma gargalhada argentina e doce ao ver os sustos do pae e a solicitude do noivo que apressava-se em estender-lhe a mão, como se receiasse a sua quéda. A alma ingenua e bondosa da menina desenvolvia se com todas as bellas qualidades, apesar dos mimos e da excessiva indulgencia do pae, obdiente a todos os seus caprichos.

E cousa singular, aquella menina acostumada a atmosphera do luxo rodeiada da admiração e lisonjas de todos que a cercavam, jámais se lembrara de assumir esse ar desdenhoso e superior, tão commum áquelles que veem sempre advinhados e satisfeitos todos os seus desejos.

O noivo julgava amal-a, e considerava-se feliz a contemplar a suavidade tranquilla da graciosa menina, em cujo semblante irradiava a alegria descuidosa da idade dos sonhos e das illusões.

III

Estavam as cousas n'este ponto quando um amigo de Vasconcellos, residente na cidade da Campanha, ficou viuvo, e sendo-lhe preciso emprehender uma longa viagem foi obrigado a confiar-lhe a sua filha Evangelina até o seu regresso. A moça era afilhada do pae de Olivia e trez annos mais velha do que ella.

As duas orphãas apezar da diversidade da idade e temperamentos, não tardaram a unir-se estreitamente ligadas pelos doces vinculos de irresistivel sympathia. Airosa, flexcivel e aerea como as virgens de Schiler, Evangelina era d'uma consistencia debil e nervosa. E se o destino collocara-a em situação diversa da amiga quanto aos bens de fortuna, em compensação dotou-a amplamente com todos os dons de belleza e graças do espirito.

O rosto d'um oval fino, era puro como o lyrio, emmolduravam-n'o os anneis abundantes dos seus cabellos louros e sedosos. No limpido fulgor dos seus grandes olhos azues e scismadores, reflectia-se a adoravel candura, a simplicidade despretenciosa e ingenua de sua alma pura como as candidas rosas de Corintho.

Quando Genesio a viu pela primeira vez, ella executava no piano, uma d'essas tristes melodias de Pergolese

A sua organisação nimiamente debil como a da sensitiva, parecia soffrer então uma forte emoção. E' que os sons harmoniosos do instrumento, trasiam-lhe á lembrança saudades da mãe que acabava de perder, e por quem ainda vestia lucto pesado.

A notavel bellesa da moça produziu em Genesio uma profunda impressão uma d'essas impressões que se recebe uma unica vez na vida—e nunca mais se apaga.

Quando Evangelina ergueu-se do piano com os olhos marejados de lagrimas, encontrou-se com Genesio. O olhar de ambos crusou-se como um relampago, e n'aquellas duas almas que se encontravam pela vez primeira na vida, passou o quer que era de mysterioso; porque instinctivamente estremeceram e abaixaram os olhos.

Evangelina por uma d'essas intuições que Deus concede a certos espiritos privilegiados, tudo advinhara, sentindo-se ao mesmo tempo ferida por uma apprehensão.

«O coração da mulher. diz Octavio Feuilet, é um orgão infinitamente mais delicado que o do homem. Parece que a sua sensibilidade sempre destendida e vibrante é avisada por fluidos mysteriosos, fasendo-a advinhar antes de terem comprehendido.»

Quanto a Genesio, lembrando-se da palavra que dera ao tio, e incapaz de transigir com as promessas feitas á noiva, resolveu á todo o custo suffocar os germens da sua recente inclinação.

Sentindo instinctivamente a imperiosa necessidade da solidão, fugia sempre da casa do tio, evitando-o o mais que lhe era possivel, mostrando-se em extremo frio e reservado para com Evangelina, e repellindo tacitamente toda a occasião que se lhe offerecia de fallar-lhe nos curtos instantes em que ficava a sós com ella. Muitas vezes mesmo no meio da conversação animada e alegre da noiva, que na sua gentil garridice e quasi infantil loquacidade lhe ia descobrindo todos os bellos predicados que tanto distinguiam a amiga, elle arrastado por uma indifinivel melancolia, ficava longo tempo em silencio, a fitar tristemente as formosas nuvens que esmaltavam a cupula celeste, a interrogar sem duvida os arcanos das regiões ignotas do infinito.

A ingenua menina acostumada ás excentricidades do noivo, sempre tão calado, tão frio, nem de leve suspeitava a mudança d'aquelle coração que já lhe não pertencia.

ANALIA FRANCO.

(Continúa.)

Criados e amos

(Conclusão)

Collocadas assim as mais destras e as mais intelligentes, ficariam aquellas cujo espirito menos desenvolvido se recusava a uma applicação difficil.

Estas seriam educadas expressamente para criadas de servir.

Mas que educação precisa uma criada?

Ora essa!

Uma criada precisa educação tão cuidadosa como uma duqueza.

A differença consiste unicamente n'isto:

Uma tem de educar-se para criada, e outra tem de educar-se para duqueza.

No asylo destinado a formar criadas, haveria o mesmo escrupulo na escolha das mestras.

Antes de tudo uma moralidade austera.

Depois no que toca á parte technica da educação, officinas distinctas onde cada uma das discipulas fosse alternativamente aprender os serviços que mais tarde tivesse de cumprir.

Officinas onde se aprendesse a cosinhar segundo as regras da hygiene. Officinas onde se aprendesse a engommar segundo os processos mais

adiantados. Outras onde se lavasse roupa de lã, e roupa de linho e algodão. Outras onde se talhasse roupa branca, fatos de criança, e fatos de senhora.

Não se attenderia aqui como no *atelier* das modistas do asylo superior, aos caprichos da moda, mas unicamente á commodidade, ao bom gosto e á hygiene.

Outras ainda onde se cozesse á machina.

Haveria mulheres especialmente encarregadas de ensinarem as discipulas a varrer, a limpar o pó, a esfregar o sobrado, ou a cuceral-o á moda franceza, a deitar bem *rêdes*, a fazer meias, a cerzir panno, etc,, etc.

Haveria n'este estabelecimento um requinte de aceio hollandez

As mestras escolhidas primeiro nos paizes estrangeiros, e depois educadas pelo mesmo asylo, ensinariam com o maior cuidado ás suas discipulas, que as criadas destinadas pelo seu trabalho a penetrarem no seio de familias inteiramente estranhas a viverem em contacto com gente de muita qualidade eram forçadas a ter, além da honestidade commum a todas as mulheres honestas, uma honestidade particular da sua classe, uma honestidade composta de elementos muito variados.

Dir-lhe-hiam que uma criada boa tem de ser leal, tem de ser digna, de resistir ás más tentações, de ser fiel, de ser boa companheira, de ser laboriosa e de ter o escrupulo mais exagerado no cumprimento das suas obrigações.

N'este asylo ainda haveria subdivisões necessarias.

As mais geitosas para um certo e determinado trabalho applicar-se-hiam a elle de preferencia, não despresando porém os outros.

Aquella que fosse destra para tudo, aproveitaria igualmente todos os elementos que houvessem de constituirem a sua educação.

Ser criada não é—entenda-se bem—nem uma vergonha nem um *pis aller*; ser criada é um officio, ás vezes mais complicado que os outros, porque comprehende muitos.

A unica differença é que se póde ser uma boa criada não sendo excessivamente intelligente, e que as qualidades aqui indispensaveis são robustez, destreza de mãos, fidelidade, amor ao trabalho.

—

Não se diga que isto é uma utopia impossivel.

No estado de adiantamento a que chegou entre nós o principio de associação applicado á beneficencia, nada mais facil do que organisar por este modo os asylos do paiz, ou pelo menos de uma cidade do paiz.

Não augmentaria de modo algum a despeza, mas progrediria necessariamente a educação popular.

Reunidas debaixo de uma direcção geral, todas as casas de beneficencia de uma cidade, passaria esta não a crear asylos novos, mas a modificar a indole dos que existem.

Estabelecer-se-hia uma especie de gradação natural.

Em baixo a casa que recebesse sem distincção todas as creanças de 1 a 10 annos que estivessem no caso de serem admittidas.

Alli, sob a direcção de professores intelligentes, e de directoras de espirito cultivado, far-se-hia aos 12 annos de idade a escolha.

Umas seriam enviadas para o asylo profissional de 1ª classe, outras para o asylo profissional de 2ª classe, a terceira para o asylo das criadas futuras.

Aquellas que estivessem mais adiantadas trabalhariam logo, de modo que grangeassem um salario por mesquinho que fosse. Este salario entraria como elemento de receita na caixa central.

Este plano como se vê, não é mais que um plano embryonario, o germen de uma idéa que nos afigura util e praticavel.

Outros melhor do que nós o estudem e desenvolvam, se entenderem que o merece.

—

Quanto a nós, acreditamos piamente que só então começariamos a ter criadas.

As que sahissem do asylo com 20 annos de idade ficariam sujeitas a uma certa e determinada vigilencia, cujo systema e cujas bases nos não compete agora explicar.

Com estas garantias de moralidade, e de bom serviço, seriam preferidas a todas as que as não tivessem, e pelo menos fariam uma util concurrencia ás criadas indisciplinadas e ignorantes que hoje temos.

As casas dignas e honestas teriam criadas cujo comportamento as não deslustrasse.

As outras ficariam com as que teem hoje.

Não merecem mais.

—

Nos asylos dos rapazes, seguir-se-hia uma norma igual ou parecida.

Esses como teem campo muito mais vasto para exercerem as suas actividades complexas, dariam decerto, bem educados e bem dirigidos, um pequeno contigente para a classe dos criados.

Seria um bem.

Uma criada representa sempre uma necessidade, um criado representa sempre um luxo!

Para que ha de haver criados de mesa ociosos e insolentes, cosinheiros envenenadores e infieis?

Estes serviços tão faceis não podem ser feitos por mulheres?

Logo que este uso se propagasse entre os ricos, deixaria de ser indicio de pobreza, ou de habitos plebeus.

No fim de contas tudo isto não passa de convenção!

—

Já que o Estado julga descer occupando-se d'estas *pequeninas* questões de moralidade domestica, que a iniciativa individual o substitua.

Ninguem mais do que nós tem applaudido o engrandecimento progressivo, o rapido desenvolvimento das instituições de caridade.

Não é o dinheiro que falta, porque entre nós quando se falla na miseria, a caridade nunca faltou; o que falta é uma direcção boa.

A rotina n'isto como em tudo é funestissima.

A nossa caridade official dá pão e vestuario ás creanças, mas que faz em favor das mulheres?

Dando-lhes uma educação que não está em harmonia com os seus meios futuros, condemna-as a miseria, á desgraça, quantas vezes á ociosidade e á ignominia!

A educação deve fazer-se pratica e positiva, deve tornar-se um preventivo efficaz contra os máos conselhos da pobreza ou da preguiça!

Os que pensarem n'isto farão um bem á familia, e á sociedade.

Maria A. Vaz de Carvalho.

A saudade

Entre todos os sentimentos que a noss'alma experimenta, o mais terno, mais doce, mais delicado e ao mesmo tempo mais dilacerante—é a saudade. Uma flôr emmurchecida, uma alma sem crenças e um coração sem amor, são pallidos espectros da saudade.

Que ha de mais doloroso e tocante, que um pensamento inteiro entregue a uma santa recordação e um coração sensivel abrazado nas dôres d'esse soffrer cruciante, que se chama saudade?

Oh! sentimento magestoso e terrivel! O que ha que possa dar uma ideia approximada de ti!

A lagrima—emblema puro do coração—nada exprime comparada a enormidade de tua dôr! Ha tanta differença da lagrima para o sentimento, como da gotta de orvalho para o oceano.

O suspiro—murmurio queixoso das brisas do coração—acaso póde conter esse perfume indefinivel de uma alma saudosa e apaixonada?

Oh! a saudade é um mixto de gozos e dôres, de lagrimas e sorrisos, de trevas e luzes, emfim, como disse Garret, é um gosto amargo de infelizes.

Ponso-Alegre, 24 de Janeiro de 1889.

PRESCILIANA DUARTE.

A espera

Pallida, triste, sentada junto á janella fronteira á praia, a mimosa Celina contempla o oceano, ora raivoso e sombrio, ora azul, immenso em espumosas ondulações.

***

Ha dez annos que o seu olhar, annuviado, pelo pranto, viu, d'aquella mesma janella, o escolhido do seu coração embarcar para longinquas paragens, acenando lhe com o lenço.

O vapor desapparecera no horisonte e a pobre alma enlutada ali ficára, saudosa, inquieta e melancolica.

Durante todo aquelle tempo, acordara ao romper da aurora, abria a vidraça, mirava o oceano, orando pelo amado ausente e velara a avó, enferma e cega, tratando-a com desvello. Sua existencia dividia-se em cuidar na velhinha e a fazer bordados de inexcidivel delicadeza, cujo producto accumulava religiosamente, para augmentar o proprio dote.

Depois de vestir a cega e de acouduzir a uma poltrona, sentava-se junto á janella para trabalhar.

Emquanto a avó resava machinalmente no seu rosario, a moça bordava pensando no noivo, revendo-o na sua pungente saudade e aspirava o cheiro activo da maresia.

Amava aquella immensidade liquida, cheia de perfidias e encantos; sorria meigamente ao marulho das vagas e chorava, supplice, quando a tempestade agitava e ennegrecia as aguas azuladas, que lhe embalavam os pezares.

As cantigas dos marujos, as canôas e botes, presos ás amarras, formavam um todo que a encantava.

Aspirava, extasiada, a briza salira, empregnada de cordame, alcatrão e linho, e seu olfato, fortemente excitado, causava-lhe uma ardente volupia, feita de saudades e indefiniveis desejos.

O olhar aprofundava-se, a commessura dos labios estremecia de emoções, e o coração sedento de mocidade e amor, paralysava-se n'aquelle seio de virgem, casto, sorpreso, ignorando o objectivo dos seus suspiros e do seu louco ancear!

***

A uniformidade do seu viver era apenas alterada pela agitação que sentia ao receber cartas do noivo.

Tremula, mais pallida que de ordinario, tomava-as da mão do carteiro, e longos minutos, palpitante, fixava o enveloppe, sem corage m de o abrir.

Já era feliz em vêr o adorado envolucro e a leitura da carta não augmentaria a sua alegria.

Eram d'elle aquellas linhas espaçadas, traçadas pela sua mão nervosa, banhadas pelo seu olhar saudoso, impregnadas de carinhos!

Lentamente abria o papel e lia, com avidez, as palavras ternas e affectuosas, que lhe minoravam a saudade e encurtavam a distancia.

Acabava a leitura de joelhos, o corpo seguia o impulso da alma e adorava a Deus na creatura.

***

Um dia, á tardinha, fatigada pelo trabalho e pelo calor, apoiara-se ao peitoril da janella e perdera o olhar no horizonte, azul, sombreado pelas serras, onde as velas desappareciam uma á uma.

As aves aquaticas passavam para o sul, frisando a vaga com a aza e elevando-se em célere vôo. A moça suspirava invejando a vela e a ave, que podiam ir longe, muito além, até onde *elle* estava, emquanto ella alli ficava, triste, presa e só!

De repente, a areia rangeu sob grossos sapatos, e Celina viu passar uma joven pelo braço de um marujo, bronzeado pelo sol!

Chegaram á praia, abraçaram-se e beijaram-se na bocca, com muito ruido: um beijo acre, plebeu, sincero, repleto de sadio sensualismo!

O marmanjo saltou na falúa, que desappareceu em breve como faceira gaivota e a rapariga lentamente voltou á sua habitação.

Celina, ouvindo aquelle beijo, vendo a força magnetica d'aquelles abraços, sentira o sangue invadir sua pallida face e a emoção apertar-lhe a garganta, em contracção espasmodica.

Então, o amor tinha d'essas demonstrações para ella desconhecidas?

As suas entrevistas com o noivo passavam-se sempre junto á avó e as maiores expansões, que ambos haviam tido, limitavam-se a furtivos apertos de mão.

A vista d'aquelles afagos, trocados francamente, ao ar livre, causava-lhe um atordoamento, semelhante ao começo da embreaguez, e a ingenua donzella teve a intuição do seu vago ancear.

Suspirou convulsamente e tapou o rosto abrazado com as mãosinhas tremulas, humidas e frias.

N'essa noite mais um fantasma adejou á cabeceira do seu leito!

Era a filha de amante que gemia em brando queixume?

Em um domingo, voltando da missa, encontrára um bando de crianças, alegres, risonhas, roseas, como fructos animados.

Celina tomara nos braços a menor d'ellas, e mais lourinha, apertara-a ao seio, em febril carinho, e ao pousal-a no chão, uma lagrima resvalou pela sua face e orvalhou a fronte da menina.

Durante todo o dia esteve triste, scismarenta e seus ouvidos repercutiam sómente argentinas gargalhadas e a doce cadencia de uns pés pequeninos.

Ouvindo o dobre da Ave Maria, a misera donzella ajoelhou-se, uniu as mãos sobre o peito, e soluçando, murmurou:

—Meu Deus!

Era a fibra materna, dolorosamente vibrada, chorando a sua inutilidade!

***

Esperara quinze annos, alimentada pela saudade, pela esperança e pelas cartas do ente a quem votara a alma.

No fim d'esse tempo, a avó morrera, vencida pela enfermidade e pela velhice, amargurada pela idéa de

que deixava Celina a esperar sosinha n'aquelle mudo desespero, em que ella, como mais fraca, havia succumbido!

A moça piedosamente lhe fechou os olhos e, pallida, resignada, com attitude de madona, a acompanhou ao cemiterio.

* * *

Voltou á casinha, silenciosa, erma, mas para ella povoada de lembranças, aquecida pelo seu affecto e das suas saudades!

Alli, estava a poltrona da avó e o banquinho, onde ella descançava os pés.

Além, a gaiola que o noivo lhe dera e o canario, empalhado, immovel no poleiro, como vencido pela longa espera!

No quarto, o leito da velhinha cuidadosamente feito, a lamparina sobre a meza e o copo com o calmante.

Na sala, a patente do noivo, sob a redoma cercada de flôres e o livro de orações que elle lhe dera, pelas festas do Natal

Tudo alli estava e ella, sempre amante, meiga e resignada, ainda esperava, no meio d'aquelles destroços e d'aquelle passado!

Tudo se fanara, tudo perdêra a côr primitiva, só o seu coração se conservava o mesmo, inalteravel!

O mais fragil de todos fôra o mais forte!

* * *

Ao principio, recebera frequentes cartas, mas, pouco e pouco escasseáram e, por fim, cessaram de todo.

Nem um fanal, nem um linitivo n'aquella existencia morbida, verdadeira anticipação da morte!

Ella viu completarem-se vinte annos de espera; já não era moça e mostrava o meigo encanto da donzella.

Sua carnação perdera o viço mas o peregrino semblante ganhara toda a expressão.

Se o noivo surgisse ante ella, abrir-lhe-ia os braços, reconhecendo-a pela gentil menina, a quem jurara amar e proteger!

Quem sabe onde andaria elle; morto em desconhecida plaga, ou infiel e perjuro, fruindo criminosa ventura?

Ella esperára vinte annos, contados dia a dia, passados lentamente, cheios de esperanças e decepções, e se desfizera em saudade e pranto, morrendo a todas as horas, sem têr vivido um só momento.

* * *

Todas as noites, extatica, serena, pensava no trajecto que elle fazia para voltar; acariciava a idéa do proximo e risonho futuro e sorria á adocada lembrança.

E, quando o somno lhe serrava as palpebras, sonhava com cantigas de marinheiros e via despontar ao longe um navio de ouro, com velas côr de rosa.

Dormia sempre assim e tinha o mesmo sonho, até que emfim, não acordou mais e continuou a sonhar na eternidade.

* * *

Vestiram-n'a de branco, cobriram-n'a de rosas e desceram-n'a á sepultura: passara pela vida como a nuvem e a aragem, subindo ao céo, como um perfume.

DÉLIA.

Delineamento

(A' EXMA. SRA. D. THEREZA RODRIGUES)

Descia a tarde, vagarosamente ..
Da eschola, a saltitar alvoroçada.
N'um vozear alegre e turbulento,
Sahia a infancia, a rir, em debandada ..

A beira da azinhaga que contorna
A povoação agreste, o velho cura
Quedára-se um momento, contemplando
A limpidez do céo, tranquilla e pura...

Ao seu encontrô, céleres, voando—
—Astros de amor da vida na amplidão!—
Chegaram as creanças, se inclinando
Para beijar-lhe a protectora mão: —

Ergueu-se lentamente o velho cura,
A encanecida fronte descobrindo,
Cruzou as mãos sobre as cabeças loiras
E as creancinhas abençoou sorrindo...

ZALINA ROLIM.

O remorso da viscondessa

A viscondessa era tida como uma senhora de espirito. Apezar de myope nada escapava á sua perspicacia e fina observação. Era mesmo o que se póde chamar: uma mulher superior.

Casára por despeito, logo o amor não tivera o trabalho de intervir nessa alliança. De resto, uma esposa que ama, affiançava ella, torna-se uma escrava do marido, emquanto que a que se casou por... por casar-se emfim, conserva sempre a sua independencia.

O visconde era homem politico, passava horas inteiras no seu escriptorio inventando todas as possibilidades de vir a ser ministro.

Tinham uma filha, morena, viva, alegre, espelho onde inteira se reflectia a alma da mãe. Apontando essa menina buliçosa perguntou um dia á viscondessa uma velha amiga sua:

«—O que tencionas fazer da tua Judith?»

—Que pergunta! uma senhora adoravel, alegre, gentil, feliz.

—Isso por força: o que pergunto é se lhe darás agora uma educadora estrangeira ou se a metterás n'um collegio, ella já tem quasi 10 annos e. . .

—E não lhe dou nem uma nem outra cousa.

—Oh! viscondessa!

—Escuta, Eugenia: convence-te de que a mulher não deve ser venturosa. Foste sempre muito romanesca, eu tenho o espirito mais pratico e fallo, portanto, com toda a authoridade. Estou com quarenta annos quasi; tenho pensado, visto muito, e cré, as poucas mulheres verdadeiramente felizes que encontrei, não são intelligentes. Nota bem; uma menina talentosa será invejada pelas outras e e soffrerá as consequencias de mil rivalidades que mesmo por serem rasteiras e pequeninas fal-a-hão perder a paciencia um dia, será timida por uns e ridicularisada por muitos. Se eu ampliar o espirito da minha Judith instruindo-a, ella não abafará com certeza os seus pensamentos, procurará manifestal-os, e terei assim o desgosto de vel-a. . . escriptora, por exemplo.

—Desgosto?!

—Sim. Ha um pronunciado horror pelas *bas bleu*, bem sabes. Eu por mim detesto-as.

—Não tanto como os homens. Se minha filha fosse escriptora, quem se lembraria de casar com ella? Ninguem; e não ignoras que é no casamento que está o verdadeiro futuro da mulher. Se eu podesse viver sempre e ter sempre commigo o meu thesouro, concluiu a viscondessa, passando os dedos por entre os negros cabellos de sua amada Judith.

—Mas, tornou-lhe a amiga, se ella manifestar talento para as artes, a musica, a pintura . . .

—Ta, ta ta! nada disso!

Os artistas não são felizes.

Sempre ouvi dizer que as melhores

inspirações são as que brotam da tristeza.

E eu, entre um quadro ruim e uma valsa, não vacillo.

—Não entendo.

—Eu me explico. Se minha filha fôr como eu quero, feliz, terá o seu pensamento, absorto na propria felicidade e trabalhará por mêro capricho, muito imperfeitamente portanto; porém, se se enthusiasmar, perderá horas de somno e de alegria, será ambiciosa, sedenta de glorias, e, como isso não se alcança com facilidade terá que chorar amargos desenganos. Não, não.

—Pensas erradamente. Sou pobre, melhor do que ninguem o sabes, pois juro-te que hei de luctar todas as luctas para instruir minha filha. Santo Deus! quanta mulher ignorante vive isolada e arrepelando se por não ter a compensação do saber! Não faças tão máo conceito dos homens! E antes de tudo, imagina que a mulher instruida não vacillará, não succumbirá se um dia se ver só! Depois a tua Judith está n'uma posição muito elevada para não ser sensurada caso for ignorante.

— Oh! mas Judith será attrahente, vestirá bem, montará bem, cantará romances... que mal faz! apparentará educação brilhante que tem espirito para isso, brilhará nas salas que é afinal o que mais seduz as mulheres.

—Bem, não fallemos mais nisso. E não fallaram. Eugenia, viuva de um advogado pobre retirou-se o mais que pôde da sociedade, tendo o cuidado extremoso de ensinar á sua loira Amelia tudo o que podia. O tempo passou rapido para viscondessa que, entretendo espirituosamente relações não perdia bailes, concertos saráos, tudo onde se distrahisse. A sua Judith acompanhava-a sempre. O trato da sociedade é o melhor mestre, dizia ella á filha que aprovava contente estas palavras. Judith crescêu. Era a imagem da mãe: baixinha, trigueira, mimosa, olhos avelludados, bocca pequena. Um encanto. Por isso não se admiram quando um dia a foram pedir em casamento. Era um rapaz rico e elegante... excellente! Judith casou.

Foi o primeiro dia de dôr para a viscondessa. Via a filha tão alegre no seu vestido de noivado, tão despreoccupada, tão bem, e sentia o coração apertar-se-lhe a mais e mais e fugia da sala para que não lhe notassem a commoção.

Eugenia e Amelia procuravam consolal-a um pouco. Finda a ceremonia, a noiva partiu e a viscondessa desatou a chorar.

* * *

Haviam decorrido 4 annos. Amelia perdera a sua terna mãe, dias depois do casamento e pedio invocando toda a sua coragem, uma recommendação da viscondessa. Via-se só, desejava entrar como educadora para a casa de alguma boa familia. Foi satisfeito o pedido. A *mestra* tinha-se habituado já ao placido viver da provincia, era da provincia a familia que a tinha acolhido, quando recebeu um dia este bilhete:

« Boa Amelia.—Em vez de ensinar creanças, venha consolar uma velha Estou só demais. Judith tem tantas preoccupações que me não póde dispensar o seu tempo. Conversaremos aqui. Sua amiga —*Mathilde*».

A viscondessa assignava com o seu nome proprio. Amelia entristeceu-se lendo aquella carta. Ia responder que não tendo concluido ainda a educação das discipulas, não sahiria da casa, onde tantas attenções lhe eram dadas Mas reflectiu: « a viscondessa era amiga de minha mãe... vou! »

E foi. A viscondessa estava doente, nervosa, triste. Amelia procurava amenisar-lhe o espirito; ora tocava uma musica que trouxesse uma recordação agradavel, ora lia, ora obrigava-a a fazer um pequenino passeio dando-lhe carinhosamente o braço

Uma noite, sentadas ambas ao pé da mesa, conversavam. A luz batia sobre a cabeça de Amelia, pondo uns reflexos fugitivos nos seus cabellos loiros. A viscondessa sorria, ouvindo pela milessima vez fallar a sua companheira de maneira deliciosa porque passava os serões no tempo da mamã.

—Olhe, senhora viscondessa, dizia, ficavamos as duas bem juntinhas: A minha mãe bordava, eu lia alto e estudava, era tão bom! com que paciencia me ensinou! que santa que ella era!... se ha cousa que me pareça impossivel é não ter eu morrido quando morreu a sua amiga.

E assim levou a tecer elogios á finada, emquanto a viscondessa dizia para si: « como deve ser feliz a mãe que é amada assim! »

Uns passos ligeiros interromperam as palavras saudosas de Amelia; a porta do corredor impellida com força abriu-se de par em par, e a figurinha nervosa de Judith appareceu no salão, vinha pallida, os olhos brilhantes, os labios tremulos.

—Que é isso?! perguntou a viscondessa admirada.

— Briguei com meu marido: respondeu Judith atirando para longe de si a manta de rendas pretas.

—Tú?!... Porque!?... oh! filha, dize!

—Por uma ninharia, minha mãe... por causa de um vestido! E' ridiculo? não sei, é isto!

—Oh! mas teu marido está a rir-se de ti, creança! Acalma-te, eu vou escrever-lhe para que venha fallar-me.

E' inutil. Não nos veremos mais.

—Isto dizes agora...

—E disse-me elle ha pouco...

—O que??

—Luiz accusou-me de perdularia, superflua, voluvel; que brinquei com a fortuna deixando-a cahir por entre os dedos. Que sou caprichosa e que o fiz muito desgraçado. Enganaste-me, tu não me amavas, casaste por casar e não me fazes feliz! Oh! elle disse tudo isto e calei-me, mamã porque elle tem razão!

A viscondessa gelada sentia uma dôr aguda no peito, como se lhe fincassem um punhal.

Indignada, subiu-lhe o sangue ás faces e um tremor abalou-lhe o corpo enfraquecido. Amelia comprehendeu e, querendo attenuar aquella agitação, beijou-a pensando: «em nome de minha mãe »

A'quelle beijo terno a viscondessa pareceu sentir a invocação da alma da amiga, cujos conselhos despresara sempre; todo o sangue affluiu-lhe pesadamente ao coração, e, estendendo os braços á chorosa Judith, murmurou n'um soluço:

—Perdoa-me!

JULIA LOPES.

SECÇÃO ALEGRE

Um sujeito, que só tinha uma camisa, costumava, quando a mandava lavar, ficar na cama. Um dia entra-lhe pela porta a lavadeira, muito afflicta.

—Que tem você?

—Ah! senhor, perdi-lhe a camisa.

—Pobre mulher!

—Pobre do senhor que ficou sem ella.

—Não, porque eu só perdi a camisa, e você perdeu o freguez.

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 23 de Fevereiro de 1889. — NUM. 13

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia UNIÃO, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 23 DE FEVEREIRO DE 1889.

Ha muita gente que falla de — Educação da mulher—sem o preciso criterio, sem mesmo medir qual o alcance de uma proposição tão importante.

Essa educação, resume-se n'isto—preparar a mulher para ornamento de sala, ensinar-lhe duas ou tres sciencias superficialmente, desenvolver o gosto pelas modas e pelo luxo, e depois... depois... a escravidão dourada de todos os tempos.

Os conhecimentos positivos, a educação solida e desenvolvida que unicamente convém, é que não passam pelo espirito da maior parte dos pensadores. De modo que a tal *educação*, que devera ter por fim forticar-nos para a vida positiva das sociedades modernas, em vez de melhorar não faz senão desviar a mulher de seu destino, de suas aptidões.

E' deveras contristador, o systema por que é feito a tal decantada educação.

Entre os escriptores contemporaneos, póde-se dizer que só um — o Sr. Dumas Filho,—tem escripto alguma cousa ; mas isso mesmo detestavelmente. Os seus livros, notaveis pelo talento e erudição de grande dramaturgo, recentem-se da falta de seriedade de um pensador equilibrado.

Alimentam-se de paradoxos, originam-se da duvida : as opiniões não tem a firmeza de um argumento, apparecem ao acaso : tomadas de um facto isolado, e analysado á luz de um criterioso falso.

A mulher n'esses livros é um monstro, ao mesmo tempo que é uma pomba ; é um demonio ao mesmo tempo que é um anjo : mas tudo isso é da natureza, a phantastica natureza dos phenomenos, seguramente aquella mesmo que dá typos extraordinariamente exquesitos ás suas producções theatraes.

Este grande escriptor, que com a sua poderosa penna, tanto poderia ter feito pela nossa emancipação, tem sido um verdadeiro algoz das pessoas do nosso sexo.

Felizmente, lá mesmo na França, encontra o Sr. Dumas Filho, senhoras cujo espirito e merecimento não estão dentro da maravilhosa phantasia de um escriptor de grande talento.

Descura-se completamente a nossa educação, como ella deve ser, preparando-nos para todos os mysteres da vida, como dignas e leaes companheiras do homem, tão capazes de desempenhar altas funcções do estado, como as segundarias obrigações que lhe competem na familia.

De S. Paulo a Santos

Uff ! que calor ! !

E' completamente alagada em suor, que lanço mão da penna, afim de fazer a descripção da minha rapida viagem a esta cidade.

Rapida sendo ella, rapida tambem será sua descripção.

Instalei-me no *Grande Hotel de França*, e com franqueza, se gostei de umas cousas, desgostei-me de outras. A minha imbirração começou pela taboleta do mesmo hotel Não achei aquillo proprio, pareceu-me mesmo uma falta de consideração ao paiz em que se vive, hastear-se a bandeira franceza no centro do estabelecimento ; em compensação gostei da cosinha que é excellente, da sua proprietaria que é amavel e delicada como todas as francezas.

A casa onde funcciona o correio é acanhadissima, e com franqueza, indecente para uma cidade como a de Santos.

A Alfandega é regular, e d'ella me occuparei com mais vagar, quando ahi voltar novamente.

O methodo de ensino applicado ás meninas, é o mesmo do da capital, isto é, difficiente e acanhado.

O commercio é forte e prospero.

Ha dous jardins regularmente tratados e bem arborisados.

O theatro parece ser explendido, não o garantindo porém, pois só lhe pude ver a parte exterior.

A Barra é incontestavelmente o logar mais pittoresco de Santos, ahi estive de passeio e consegui passar duas horas bem agradaveis.

O acolhimento que a minha revista

encontrou nesta cidade, foi mais que lisongeiro, e veio mais uma vez provar que a sociedade santista é uma sociedade escolhida, composta de cavalheiros distinctissimos e amantes do progresso da terra em que nasceram ou em que vivem.

As manifestações que recibi são imperduraveis na minha memoria e d'elles jámais me esquecerei.

A imprensa d'esta cidade é composta de trez jornaes diarios, habilmente redigidos por amestradas pennas do nosso jornalismo.

A maneira honrosa e brilhante por que fui recibida pelos meus collegas de imprensa, é um estimulo que mais me obriga a prosseguir na santa causa da educação da mulher.

A tão dedicados e sinceros apostolos das lettras, o meu eterno reconhecimento.

Guardando para quando poder dispensar mais algum tempo em observar tudo o que existe de bom e bello na cidade de Santos termino, agradecendo em geral, a toda sociedade santista, as provas de consideração que me tributaram durante a minha curta estada ahi.

De S. Paulo a Petropolis

Depois de percorrer algumas cidades do Norte de S. Paulo, cheguei á Côrte, indo hospedar-me na casa de pensão dos srs. Teixeira de Macedo & Comp., estabelecidos á rua do Areal nº 8.

E' uma bella casa dispondo de accommodações excellentes.

Assisti á representação de varias revistas e a uma magnifica comedia representada pela companhia do provecto actor Guilherme da Silveira, a qual tem por titulo: *Minha mulher não tem chic*. Das revistas a que está fazendo successo é o *Bendegó*, sem haver para isso um motivo plausivel. A *D. Sebastiana* é sem duvida alguma a melhor revista deste anno. Escripta em estylo fluente e alegre, consegue prender a attenção do espectador, contribuindo tambem o bello desempenho dado aos diversos personagens que representam os actores Vasques, Mattos, Colás e Peixoto, que com inexcedivel graça reproduz um papel aqui feito por uma atriz.

No fim de uma demora de trez dias, segui para Petropolis.

No dia immediato ao da minha chegada tive a honra de ser recebida por S. M. o Imperador, o qual depois de conversar commigo a respeito de meu fallecido primo o poeta Alvares de Azevedo, declarou-se protector da minha revista e louvou-me pela missão que tomei sobre meus hombros.

D'ahi dirigi-me ao palacio de S. A. Princeza Imperial a qual tomou um regular numero de assignaturas, com que protegeria a minha publicação.

Foi pequena a minha demora em Petropolis, devida a falta de accommodações, pois os hoteis achavam-se todos replectos.

Assim mesmo tive occasião de estar com as Exmas. Sras. Viscondessa do Cruzeiro, Maria Viard, Carolina Land, Augusta das Chagas Justiniana, Baroneza de Muritiba, Maria Duque Estrada, e os Exmos. Srs. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Ministro do Chile, Conselheiro Nogueira Soares, Padre José Benedicto Moreira, A. A Azara de Oliveira, Commendador Carlos de Aguiar, Urbano de Faria, Tabelião Moret, Professor José Lopes de Castro, M. M. de Araujo Castro, Manoel Gomes Coelho e João Guilherme Pinto de Souza.

A todas as Exmas. Sras. e aos distinctos cavalheiros, meus sinceros agradecimentos pela maneira brilhante com que se dignaram receber-me.

Termino esta apresentando a S. M. o Imperador, o protesto da minha sincera gratidão pela maneira honrosa com que se dignou acolher-me, e pelas palavras de animação com que mimoseou-me.

Josephina Alvares de Azevedo.

A amisade é um sentimento preferivel a tudo.

Mme Coralie.

No lar

O pae, que é grave, serio e pensativo,
Lê, sentado, um jornal americano.
A filha — um anjo louro, um lyrio humano,
Faces de rosas, olhar vibrante e vivo,

Delidha, tremulando, em gesto altivo,
Uma inspirada walsa no piano.
Tendo, alegre, na mente um grande plano.
Plano de amor talvez definitivo!

O moço, alto, robusto e satisfeito,
Pensa na Academia de Direito
Onde em breve o seu gráu irá tomar

Se passa isto na sala perfumada,
Emquanto a mãe feliz e descuidada,
Sorri, vendo o filhinho gatinhar!

Ponso-Alegre — Minas.

Presciliana Duarte

A mulher forte

PRIMEIRA CONFERENCIA

Foi assim que Santa Monica soube combater seu marido, que era violento, arrebatado e entregue a desordens dolorissimas para um coração de esposa. Ella evitava discussões que irritariam ainda chagas muito abertas e esperava o dia da misericordia divina. Oppunha a todos os arrebatamentos a serenidade e o silencio sómente, e quando julgava conveniente dar-lhe conta do seu procedimento, esperava que elle se acalmasse. Foi isto, continua Santo Agostinho, o que fez com que ella ganhasse a admiração e o respeitoso amor de seu marido; *reverenter amabilem atque mirabilem viro* e o que preparou a conversão d'aquelle que ella havia supportado com tanta paciencia. A quantas mulheres vinham queixar-se-lhe das dissenções internas respondia ella accusando-lhes as linguas e dando-lhes conselhos, com modos de amavel gracejo. E quando estas mulheres, conhecendo o violento amor do pae de Santo Agostinho, não podiam admirar-se muito por não terem nunca ouvido dizer que elle tivesse batido em sua esposa, ou que a sua perfeita harmonia houvesse soffrido um unico dia de interrupção, perguntavam a Santa Monica o motivo de tal cousa e ella ensinava-lhes o seu modo de proceder. As que o ensaiavam felicitavam-se, as que o abandonavam continuavam a viver n'uma dura escravidão. A propria avó da santa havia-se deixado prevenir contra ella por perfidas insinuações, mas desarmada por uma paciencia infatigavel, por um soffrimento cheio de respeito e de doçura, cahiu em si e denunciou o seu filho ás linguas viperinas que perturbavam a paz do lar, e d'ahi em diante viveram juntas e no encanto da mais affectuosa benevolencia: *Vullaque jam audente, memorabili inter se benevolentiæ suavitate vivebant.*

Imitai, senhoras, este esplendido modêlo: será a melhor resposta a muitas objecções, o meio mais seguro de evitar numerosos escolhos e de fazer desapparecer uma grande parte de obstaculos que se oppõem á paz das familias. Imitai esta santa alma, de que Santo Agostinho dizia, que ainda entre os dissentimentos e as animosidades, intervinha sómente para pacificar, e a qual, muitas vezes, confidente de propositos cheios de fel e azedume, não dava ás pessoas inte-

ressadas senão as palavras que podiam servir para as aproximar umas das outras: *Nisi quod ad eos reconciliandos valeret.*

Terminemos este entretenimento com as ultimas palavras do versiculo: Ella lhe dará o bem e não o mal todos os dias da vida! *Omnibus diebus vitæ suæ!* Sim, todos os dias da sua existencia. Quando o marido é novo, elegante, e conserva os traços de alguns encantos da mocidade, é talvez facil fazer-lhe bem. Mas chegam mais tarde as rugas da velhice; as enfermidades com o seu cortejo triste batem á porta; o caracter torna-se algumas algumas vezes sombrio, difficil e susceptivel em razão da fraqueza. E' este o momento da experiencia para a verdadeira dedicação; é então que se torna preciso uma duplicação de cuidados, de attenções, de serviços e, sobretudo, de cordial affeição.

Diz-se que o vinho é o leite dos velhos: esta phrase é ainda mais verdadeira para o vinho dos affectos. Deveis ter no coração algumas gottas d'este licôr; deveis tel-o até em abundancia para o pouco que conservaes o da juventude e o da virilidade. Ministrai a vosso marido, diariamente, uma taça d'elle, tão cheia que desborde, a vosso marido que já succumbe, e em cuja fronte ha já os traços dos ultimos dias do outono e o sello dos primeiros do inverno. Dai vinho aos que tem o coração triste, diz o Espirito Santo: *Date vinum his qui amaro sunt animo.* E o melhor liquido, o que mais aquece o sangue da alma, quando elle podesse ser gelado ao sopro da indifferença, é o vinho de affeição.

A natureza, senhoras, desfalleceria muitas vezes n'esta penosa tarefa: mas é a mulheres christãs que eu me dirijo para lhes dizer que a piedade acabará por alliviar o que nem sempre seria agradavel á pobre humanidade, n'uma vida de sacrificios.

Só a religião póde formar as mulheres verdadeiramente fortes em todas as circumstancias da vida, as mulheres verdadeiramente superiores, que dominam os accidentes, as desgraças da existencia, as repugnancias da natureza, os defeitos do caracter e os attritos continuos em que a alma é como que triturada no meio de pesadas mós, ou, o que não é menos doloroso, lacerada entre mil afiados espinhos.

Só uma piedade profunda e séria poderá desenvolver, entre as mulheres, o temperamento moral que resiste ás difficuldades, e tornal-as semelhantes ás aves, para se elevarem acima das nuvens e das tempestades, e melhor cumprirem os seus deveres, na serenidade d'uma paz inteiramente celeste. Mas para se ser semelhante á ave é necessario ter azas, e Deus só póde dar á alma as azas divinas, tão solidas como leves, com as quaes se sobe e desce, como para disputar o premio da força e da agilidade aos principes do ar, segundo a comparação do Propheta, *qui in avibus cœli ludunt.* A força consiste, muitas vezes, no emprego d'essas azas da alma, sobretudo, quando são animadas por um espirito de intelligencia: *A spiritu sin alis earum.*

Possa o Senhor dar-vos duas como á mulher de que reza a Biblia, pois não vos serão inuteis para cumprirdes com energia e perseverança a vossa missão de mulheres fortes: *Date sunt mulieri alæ duæ.*

Conselho

Já vistes o mar furioso
Bramindo como um leão,
Querendo que as ondas bravas
Se affastem todas do chão?

Depois, passado o instante
Dessa raiva furibunda,
Não vistes que o mar tranquillo
De beijos a praia inunda?

Assim sou eu, somos nós,
Após a colera immensa,
Ficamos como creança
Que já na raiva não pensa.

Mas, se o riso á dôr succede
E o pranto ao riso tambem,
Levemos a vida em festa,
Seguindo os passos do bem.

Pouso Alegre, 24 de Janeiro de 89.

Maria Clara Vilhena da Cunha.

A ordem social, que admitte a igualdade de todos os nossos semelhantes perante a lei, como diante de Deus, está tão de accordo com a religião christã como com a verdadeira liberdade; uma e outra, em espheras differentes, devem seguir os seus principios.

Mmê. Staël.

Idilio Agreste

(Conclusão)

IV

Apesar porem da simulada indifferença do moço, Evangelina que aprendera a ler no semblante grave e triste de Genesio, todas as suas impressões, bem via a lucta do sentimento que se lhe travara no peito. Ella via-o instinctivamente expandir-se n'um sorriso imperceptivel de intima satisfação se por ventura a via alegre, e tornar-se mais sombrio e triste se a encontrava pensativa.

Não raras vezes ella o tinha sorprehendido a fital-a em silencio, demoradamente como se procurasse descobrir no seu semblante uma scentelha de luz que lhe illuminasse o porvir.

Uma tal situação porém não podia durar muito tempo, e o infeliz Genesio sentia exhaurir-lhe lentamente toda a energia no rude combate em que se empenhara.

Quanto mais elle tentava recalcar nos recessos d'alma a paixão abrasadora que o dominava, tanto mais ella revevia como a lava ardente d'um volcão. Embalde no seu impotente desespero apertava a cabeça entre as mãos, como se quisesse arrancal-a á força do espirito; mas a memoria sempre importuna, sempre insistente trasia-lhe á lembrança a suave visão da moça que elle julgava vêr a todo o momento. N'um relance medio as suas forças e tremeu pela grandesa da lucta que a si impuzera

E realmente como fugir a esse iman irresistivel que attrahe duas naturezas irmans, uma para outra?

E como resistir a essa sympathia e affinidades robustecidas pelo convivio de todos os dias?

Elle já não duvidava do amor que inspirara a Evangelina, mas essa certesa só contribuia para augmentar o seu martyrio; sim, elle que tudo daria, tudo quanto podesse dispor na vida, afim de poupar-lhe um desgosto; via-a perder as vividas cores das faces, sempre triste, sempre recolhida n'um mutismo concentrado, como uma alma sonhadora condemnada a eterno soffrimento.

O embate de tantos desgostos não podia deixar de affectar-lhe o physico, Genesio tornou-se pallido, abatido, tendo no semblante a expressão do pezar, as palpebras vermelhas, as olheiras roxas e as faces encovadas.

Era só pela projécção de uma po-

derosa força de vontade que elle dominava-se ao pé da noiva, sem deixar transparecer a desordem que lhe ia n'alma.

V

Genesio cedendo por fim á força omnipotente do amor tyranno, a cuja pressão já não lhe era possivel subtrahir-se, com o desespero dos que procuram a todo transe uma idéa salvadora, resolveu explicar-se a Evangelina. Estava heroicamente resolvido a romper com o passado, se por ventura ella acceitasse a sua mão.

No dia immediato a esta resolução, no jardim depois do jantar, unica hora em que ficava sempre a sós com ella, emquanto Olivia corria ao longo das avenidas apóz as borboletas, elle pallido e tremulo de commoção declarou-lhe o partido que havia tomado.

Ao ouvir pela primeira vez as confidencias do homem a quem amava, um sorriso de intima alegria expandio o semblante de Evangelina, onde a expressão habitual de tristesa desvaneceu-se completamente.

Mas a esperança que por um instante illuminou-lhe a existencia, desfez-se á voz do dever, e toda a sua alegria apagou-se de subito como um meteoro que passa.

Genesio que a observava, sem que um só momento desprendesse os olhos d'ella vio-a tremer e vascillar, sem ousar responder-lhe.

—Não me respondes Evangelina! murmurou elle com uma inflexão triste. Será possivel que me não ames??

—Oh! se o amo! volveu a moça dominando a custo a sua extraordinaria comoção; mas sinto que devo obdecer á voz imperiosa da consciencia que aponta-me o caminho do dever.

—E achas que devo consummar o mais doloroso dos sacrificios, perdendo para sempre a esperança da felicidade?

—Bem sabes Genesio, que entre nós interpõe-se a imagem de Olivia. E triste felicidade a que só se podesse obter á custa de alheia desgraça, calcando aos pés o dever, a amisade e a lealdade. Felicidade só nos póde dar os affectos que Deus abençôa.

—Oh!... soluçou Genesio com expressão dilacerante, quando á vóz imperiosa, exigente, incoercivel da paixão, oppõe-se os ditames da razão, é que não existe por certo o verdadeiro amor.

E depois de um breve silencio acrescentou.—Quem pode subjugar os impulsos do coração, e submettel-o ás inflexiveis exigencias do dever, sem condoer-se do infeliz a quem despedaçou para sempre a esperança de ventura, não sabe amar.

Evangelina escutava-o silenciosa e resignada.

—Sei que me é impossivel luctar, visto que nem sequer posso fugir a este fatal amor sem que o coração me fique esmagado e a vida extincta.

Pois bem, concluio elle com um gesto febril de sombrio desespero, em breve tudo se acabará para mim... e sahiu com passos rapidos.

A moça n'esse lance supremo mal pudéra conter a dor immensa que a torturava, e ao ouvir extinguir-se os passos de Genesio, apertou a cabeça entre as mãos em um frenetico ardor, tentando em vão reprimir os soluços que lhe irrompiam convulsos do peito.

N'aquelle momento de pungente angustia, que separava talvez para sempre duas existencias, alguem occulto por entre o arvoredo chorava em silencio.

VI

Pela primeira vez Olivia aguilhoada por uma dolorosa suspeita, ouvindo a voz exaltada do noivo, se tinha occultado na sombra do espesso arvoredo, e não perdera uma só palavra de tudo quanto se dissera. Como que pregada no local onde vira bater as azas todas as suas illusões, já não era a creança alegre e risonha; uma nuvem escura perpassou-lhe ante os olhos, obscurecendo-lhe a alma. Qual a estatua da dor por alguns instantes permaneceu n'uma especie de angustioso torpor. Mas a doce e bondosa alma da creança, a quem a dor de subito transformara em mulher, bem depressa comprehendeu a extensão dos soffrimentos dos dous jovens, cuja felicidade ella sem o saber esmagara. Arrancando-se ao pezar que a entristecia para só occupar-se d'elles, juron tacitamente devotar-se á ventura de ambos.

Como se fosse repentinamente ferida por uma idéa subita, sem procurar consolar a amiga e nem sequer deter-se a interrogal-a, passou junto d'ella como o raio, e desappareceu do jardim.

E' que ella lembrava-se de ter visto Genesio partir com a expressão do desespero no semblante, e o receio de que elle não attentasse contra a vida, fel-a enviar em seu seguimento um rapazito com ordem de chamal-o em nome do tio.

Em seguida foi ter com o pae, a quem tudo refiriu, instando-lhe ao mesmo tempo, para que empregasse toda a sua influencia em favor do enlace dos dous jovens.

Vasconcellos ouvio a algum tanto surpreso; e cheio de admiração pela filha abraçou-a commovido, promettendo-lhe fazer a vontade que era para elle a suprema lei.

Quando Genesio veio ao conhecimento de tudo por intermedio do tio, surprehendido e admirado, passou sem transição da angustia mais pungente á mais inesperada felicidade. No meio porém do intimo jubilo que lhe inundava o coração, sentia amesquinhar-se ante a generosa e boa creança que com o sorriso nos labios, parecia feliz na grandesa de sua abnegação.

O ditoso par envolvendo-a n'um olhar demorado e affectuoso, com a mais viva effusão agradeciam-lhe a sua immensa felicidade, e nem ao de leve suspeitavam, atravez da tranquilla e suavissima apparencia da moça, o soffrimento intimo que lhe obscurecia a alma . . . . . .

. . . . . .

Alguns mezes depois Evangelina acompanhada pelo pae e por Genesio partia para a cidade da Campanha, onde devia effectuar-se o consorcio de ambos.

E quinze dias mais tarde, Vasconcellos e a filha embarcavam-se para a Europa. Quando o vapor levantou ferro, ambos em completa immobilidade achavam-se de pé na amurada junto á popa. O pae voltado para o ponto d'onde partira o vapor, olhava tristemente a patria que ao longe ia desapparecendo lentamente. Quanto a Olivia, de costas a curta distancia seguia com o olhar distrahido a immensa extensão d'agua que a rodeiava como se não quizesse vêr o afastamento da terra, que sem duvida trasia-lhe á lembrança o peso d'uma saudade infinita.

Taubaté, 3 de Fevereiro de 1889.

ANALIA FRANCO.

O coração das mulheres é como esses paizes desconhecidos, a cujo porto se chega, mas onde não se desembarca.

Mme. DE RECORDONI.

Ingratidão

Entendeu um cigano indolente ganhar a vida á custa de um pobre urso, grande e immundo.

Arrastava-o nas ruas, fazia-o dansar, mover-se servilmente á sua vóz, deleitar a turba dos garotos, que se ria muito, mas que acabava sempre por apedrejal-o.

Uma noite, deixou-se o bohemio cahir na estrada. Com a cabeça deitada nos braços entrançados, a barriga para o ar, a bocca aberta e as pernas estiradas, dormia a somno solto.

O urso contemplava-o silencioso. Na propria sombra destacava-se o seu grande vulto escuro. Elle estava ali como uma sentinella conscenciosa e firme.

Ouvindo o rumor surdo davegetação, respirando o acre aroma das plantas, sentia saudades infinitas do seu tempo de outr'ora, e lembrava-se, talvez, o bruto, do dia em que esse, que ahi dormia a seus pés, o arrancára do seu paiz, rasgando-lhe as carnes nos mais rudes tratos!

E continuava a velar o somno do seu algoz, de quem podia livrar-se, readiquirindo de um instante para outro a felicidade perdida.. Sim, voltaria ás grotas sombrias sem penar, nem cuidados, dormiria as sestas sob arvores nodosas, cheias de ninhos e de flôres, rolaria pelos grammados das suas bellas planicies, constituiria uma familia sua, zelando ao redor do rochedo os filhos que lá dentro sorvessem sequiosos o leite materno...

Pensava em tudo isso e quedou-se immovel, absorto ao pé do dono, que ao acordar, já ao romper da aurora, bateu-lhe porque elle, o maldito arrebentára a corda que o prendia!

Então, ás dores da pancada, o pobre urso, fixando no bohemio um olhar vasio de expressão, disse comsigo:

—O mais ingrato dos animaes é com certeza o homem!

JULIA LOPES.

O coração é alma considerada por sua faculdade de sentir, é a séde de todos os sentimentos: sobre o amor e o odio se estende sem imperio principalmente, sobre o pezar e o prazer, emfim sobre tudo a que toca a mola das paixões.

Mme. THOVILLON.

Tiradentes

Sonhou plantar na terra abençoada
Que fôra berço seu, bello e florente,
A bandeira por elle idolatrada,
Ao vento desfraldando-se fremente

Sonhou a liberdade aos sons festivos
Dos hymnos triumphaes e dilirantes,
Que despertam os miseros captivos
P'ra mostrar-lhes veredas deslumbrantes!

Mas acordou, e em vez da *Marselheza*,
Do vermelho pendão, além se erguia
Um monumento pleno de tristeza!

Pobre martyr! Não viu que era utopia
A crença em que su'alma estava presa,
E que teve o viver tão só de um dia!

JULIETA MONTEIRO.

Saudades e amor de mãe

Nós, que fomos embalada por um anjo que verdadeiramente comprehendia a sublime e difficil missão de mãe, que buscou insuflar-nos os preceitos de immaculada virtude com um carinho extremo, uma abnegação sem limites, como deixar de vivamente prantear sua desapparição?

Nunca. Seus conselhos, suas proveitosas lições e exemplos, onde patenteavam-se os mais generosos sentimentos, emfim sua respeitavel e veneranda imagem jámais deixarão de acompanhar-nos, presentes aos olhos d'alma, suavisando-nos o insano labutar do espirito.

Oh! doce mãe! escuta-nos, recebe como em felizes tempos as nossas intimas revelações, aguarda-nos com esse amôr que importa uma epopéa o hymno comprehendido pelo coração da humanidade—amôr de mãe.

Deixa que banhemos teu querido tumulo com as pungentes expressões de nossa incomparavel dôr.

O de seu pensamento ha de sempre despertar-nos um doloroso poema de lagrimas, ha de reflectir luctuosa, scenas de saudade amargurada indifinivel de dôr só comprehendida pelos infelizes orphãos cujo viver é alterado pelo soffrer de uma chaga que constantemente sangra.

REVOCATA DE MELLO.

O melhor expediente para nos transformar o curso das idéas é pedirem-nos a subita explicação de uma só.

SOPHIA GROIZETTE.

O trabalho das mulheres

O preconceito mais funesto, que ainda nasceu e medrou neste mundo, é o que considera o trabalho uma escravidão deshonrosa.

Começa hoje a irradiar os seus primeiros clarões rubros a aurora do dia que ha de ver o trabalho santificado, que ha de assistir á divina apotheose d'esse bemfeitor supremo da humanidade, desse amigo de todas as horas, que conforta os animos abatidos, que distrahe de todos os tedios, que luta contra todas as inercias.

Por emquanto, sobretudo entre nós, é rara a mulher bastante superior para confessar que trabalha, e o que é peior de tudo, é rara a mulher que trabalha sem absoluta e incontestavel precisão.

Mais d'uma vez temos visto senhoras, que pela sua educação mais apurada e mais completa diviam estar acima de tão profunda ignorancia dos seus deveres, confessarem que não gostam de fazer nada, que são preguiçosas que não teem com que se distrahir, que os dias lhes parecem seculos, etc., etc.

E no entanto qual será a creatura bastante desfavorecida de Deus, para não poder aproveitar proficuamente as horas do dia, sempre curtas para quem as sabe empregar bem?

Fallemos primeiramente das meninas solteiras de pouca idade; para essas, logo que queiram tornar-se dignas do alto destino que as espera, pouco será sempre o tempo para se instruirem para adquirirem os varios e complexos conhecimentos de que carecem antes de exercerem a sua missão complexa.

Não são sómente os futeis ornamentos superficiaes em que ellas devem pôr a mira; a par d'esses, que tambem são indispensaveis, ha todo um mundo, que a mulher ignora, e cuja exploração lhe enriqueceria o espirito de thesouros incomparaveis.

E depois, mesmo os frivolos adornos, que constituem uma alta educação mundana, podem ter uma significação elevada, um sentido occulto, uma *alma* emfim, logo que se não considerem um *todo*, mas uma parte insignificante do mais alto e perfeito conjuncto; logo que occupem o lugar que lhes compete, na classificação harmoniosa e bem graduada das varias riquezas que formam um espirito.

Saber cantar, saber tocar piano, saber fallar as linguas, saber desenho e pintura, que vale tudo isso

quando se não tenha uma idéa elevada e synthetica, que ligue entre si estas diversas acquisições intellectuaes e que por assim dizer as vivifique ?

O que é preciso antes de tudo, é comprehender a musica e a influencia poderosa nas almas e nos organismos ; é saber usar com aproveitamento esses instrumentos que se chamam linguas, as quaes por si, só, tomadas abstractamente, nada significam e para nada servem : é estudar a natureza sob os seus multiplos aspectos e transportal-a para a tella ou para o papel ; é ter emfim um idéal, que sobredoire todas estas prendas, que superficialmente entendidas e superficialmente executadas, não teem valor nem tem utilidade alguma na vida pratica.

Basta a qualquer espirito feminino entrar n'este caminho que imperfeitamente acabamos de apontar, e sem que elle mesmo tenha a consciencia d'isso, as suas idéas hão de dilatar-se e encadeiar-se por uma successão logica, e dar á vida um novo e imprevisto aspecto.

As meninas bem educadas das nossas altas classes sociaes, teem todas uma grande facilidade em fallar varias linguas : aproveitam porém essa facilidade... conversando com os diplomatas.

Não leem Schiller, nem Goeth, nem Shackespeare, nem Macaulay, nem Pascal, nem Montaigne ; não entram no genio das differentes nacionalidades e das differentes litteraturas ; não comparam entre si as civilisações, chegando por esta comparação a conhecerem de um modo mais ou menos perfeito a humanidade, não senhor ! conversam com os *gommeux* da deplomacia estrangeira e contentam-se com isso !

Na musica que, mais do que nenhuma arte, lhes revelaria o coração do homem no coração de tantos homens de genio, o que ellas veem sómente é o modo de executarem mais difficuldades e de desesperarem de inveja mais rivaes ! . . .

Na pintura, copia da natureza que as podia fazer penetrar no seio carinhoso e fecundo da grande mãe, são tão frivolas, tão superficiaes, como em todas as outras cousas.

As mais das vezes não teem animo de colherem uma flôr do jardim e de a copiarem com o pincel ou com o lapis ! Copiam copias, amesquinhando a natureza, e atrophiando a propria imaginação ! São estes defeitos, que todas nós as que pensamos um pouco, devemos combater com todas as nossas forças !

Longe de mim o aconselhar á mulher que se emancipe dos seus graves e obscuros deveres, que tente luctar com o homem, e arrancar-lhe a palma das grandes descobertas e das grandes conquistas !

O que eu pretendo é provar-lhe que é divina entre todas, a missão a que o futuro a convida.

A mulher de sala tem por força de morrer ; surja pois a mulher da familia, ser complexo, grande e nobre ser que as gerações vindouras hão de admirar fervorosamente.

A mulher da familia não é de certo a matrona desgeitosa, deselegante, só occupada em dar a vida, o leite e o alimento aos filhos de um affecto, despido de todas as flôres e de todas as poesias.

Não, ella deve ser instruida, profundamente instruida, tendo ao mesmo tempo a consciencia de que essa instrucção a não aparta do cumprimento religioso dos mais humildes deveres do amanho da casa e da maternidade.

O homem deve achar n'ella não só a enfermeira desvelada das suas doenças ; não só a distribuidora sensata e economica do seu alimento ; não só a dona da casa asseiada, vigilante, infatigavel ; não só a mãe carinhosa, dedicada, capaz dos maximos e dos mais perseverantes sacrificios, senão tambem a companheira do seu espirito ; a socia das suas aspirações ; a intelligencia que comprehenda e partilhe as suas legitimas ambições e as suas chimericas phantasias ; o animo viril que saiba amparal-o nas horas de desalento ; a mão firme e branda, que saiba guial-o nos momentos escuros da luta e da tentação ; o seio terno que lhe acolha a cabeça cançada na hora sinistra das derrotas ; o bello e enthusiastico espirito que applauda a suprema embriaguez das suas victorias ; n'uma palavra, a mulher digna de ser mãe e de educar uma geração de fortes.

(Continúa.)

Maria A. Vaz de Carvalho.

A verdade, dizia um grande philosopho, é uma luz : mas uma luz tão grande e resplandecente que de ordinario os homens, ao passar junto della, fecham os olhos com medo que o reflexo os cegue.

O lar

Tu és o abrigo da paz do amor e da felicidade sonhada em noites placidas de verdadeira poesia ! E's o remanso de harmonia, a fonte perenne de carinhos, e onde as almas sensiveis que se comprehendem vivendo de uma só vida, respirando o mesmo ar, e partilhando das alegrias e prazeres intimos, se entregam ligados em estreito abraço ás tuas doçuras e caricias. O vicio jámais poderá aninhar-se em teu seio, porque a virtude essa mimosa filha da verdade, com o riso nos labios, estende sobre teu collo suas niveas azas, puras como a açucena, occultando o que póde haver de mais sublime e nobre sobre a terra, oh ! sanctuario augusto da familia !

De que nos serviria a vida sem os clarões resplandescentes das amenidades que nos reserva o lar ? O que seria o mundo sem suas caricias ? A mulher que papel representaria perante a sociedade ?

A vida tocada pela aza negra da descrença se tornaria indifferente e triste !

O mundo seria ermo de felicidades, e a mulher essa entidade sublime sahida das mãos do Eterno, como primor da creação desconheceria esse mysterio que encerra nossas nobres ambições «o amor da familia» em que se resume a nossa verdadeira gloria.

Aos primeiros alvores da innocencia, na quadra infantil, quando apenas balbuciamos o doce nome de mãe, é no lar que é colhido o nosso primeiro sorriso ao som dos beijos maternos ; é alli que a mão paterna nos ensina os primeiros passos na senda tortuosa da vida a primeira oração dos nossos labios de creança é alli mesmo, dentro desse cofre precioso que aprendemos repetindo o santo nome de Deus !

Na primavera da vida, quando a nossa imaginação ardente descobre os novos horisontes que nos aponta a esperança, dilecta filha do céu, faz o nosso coração palpitar replecto de doces emoções, são-nos essas sensações todas desconhecidas, nascidas e robustecidas á sombra do lar bemdito, uma fonte perenne de infinitas doçuras ! No declinar da vida, quando o destino e o tempo varreram do coração do homem essas illusões que lhe devoravam a existencia ; quando elle com passos tremulos e incertos caminha buscando alento para recuperar as forças de outr'ora, onde fixa a vista e sorri, encontrando conforto e repouzo ás suas penosas fadigas ? No re-

condito do lar. E' no lar que a mulher mostra a grandeza de sua alma e a nobreza dos sentimentos e que orna o que o destino lhe tem confiado ; eil-a radiante e magestosa, ora afagando o esposo por quem tudo sacrifica, ora apertando em seus braços a fibra mais sensivel do coracão humano,um filho por quem a todo instante estremece e se entrega com desvelado carinho.

Oh ! doce abrigo da paz, do amor e felicidade sonhada em noites placidas de verdadeira poesia ! Desgraçado aquelle que vive desterrado de teus carinhos e doçuras ! maldicto o que ousar profanar com o bafo pestilento da discordia o teu sagrado recinto !

Felizes aquelles que te comprehendem, os que te sabem votar inteira veneração, porque é de teu seio que brota o amor, sublime endeixa do poeta, a felicidade que torna a vida resplandecente e bella, a harmonia, suave melodia que encanta os sentidos e arrebata nossa alma.

EMILIANA DE MORAES.

O coração de uma esposa infiel é como uma rosa, de que cada um tira uma folha, não ficando ao marido senão a haste. E' a maior infamia que a mulher póde commetter, depois d'aquella de ser má como mãe.

Mme. SOPHIA ARNOULD.

Na roça

O dia despede-se como que saudoso...

Por sobre a encosta dos montes, vêem-se uns lenções dourados, coloridos pelos avermelhados reflexos do sol, que lentamente morre nos braços do ocaso !

Ao longe, onde termina uma campina enorme, e verdejante, vê-se a manada das brancas ovelhinhas, que veem balando compassadamente ao eccо das rusticas canções do pastorsinho...

* * *

A noite vem cahindo...

E a lua n'um despontar prateado, vem surgindo dentre as nuvens, estendendo sobre a terra, sua luz pallidamente reflectida...

* * *

No terreiro caprichosamente varrido, entrega-se ao picolé, um bando de criancinhas, semelhando uma alluvião de borboletas multicores.

Das sala, pelas janellas, sahe uns sons artisticamente vibrados no piano, pelas delicadas mãos de uma encantadora joven de 15 annos...

* * *

Cecy é o seu nome.

E ama, ama com a cegueira de um primeiro amor : porém, a distancia, essa ingrata, separa-a do amante, offerecendo as mais crueis contrariedades.

Ella scisma ; seu peito n'um appêgo cheio de attribulações, só acha conforto no piano—*seu bondoso companheiro*...

Seu repertorio musical é cheio de composições sentimentaes, mas, a de sua predilecção é o *Canto do Boabdil*.

NATALINA D'ALVA.

O francez escuta a musica.—O allemão ouve-a.—O italiano sente-a.—O inglez presencei-a.—O portuguez finge comprehendel-a.

GUIOMAR TORRESÃO.

Ao lusco fusco

Quando a noite se approxima
Quando a lua a sós suspira
E na fonte da campina
Se reflete—se admira...

Quando a rôla na giesta
Terno arrulho deixa ouvir
Quando a virgem da floresta
Volta á cabana a sorrir...

Quando as estrellas scintillam
Quando os passaros desfilam
Procurando o ninho seu :

Nem tu sabes quem delira
E n'este instante suspira
Murmurando o nome teu !!.

Mogy 10 de Fevereiro de 89

M. RAMOS.

A unica rosa sem espinhos neste mundo, é a—amisade !

MME. DE RICORBONI.

NOVIDADES

(ZALINA ROLIM)

O *Jornal da Manhã*, de Lisboa, em o seu numero de 21 de Janeiro, transcreveu a bellissima poesia *Adormecida*, da talentosa poetisa d. Zalina Rolim, nossa distincta companheira de trabalho.

Alguns jornaes da Europa annunciam que sentaram praça nas fileiras do jornalismo, duas rainhas.

Com o pseudonymo de madame Reyer, a rainha Maria Henriqueta da Belgica fundou um periodico, mensal ou annual, escripto em francez e dedicado ás moças.

A redactora principal é a rainha, e sua cunhada a condessa de Flandres, cujo marido é o herdeiro presumptivo da corôa, aceitou o titulo de protectora.

São collaboradoras a princeza Clementina da Belgica, sob o nome de Martha d'Orcy : a rainha da Roumania, a qual, segundo o costume, se assigna Carmen Sylva ; Mme. de Witt-Guizot, e outras damas de não menor estirpe.

A correspondente em Paris é a condessa Leticia.

O jornal é gratuito e as redactoras o enviaram ás amigas e conhecidas, como presente de Anno Bom.

A *Familia* envia ás Reaes collegas, as mais enthusiasticas saudações.

Até ao dia 12 de Março estará entre nós, a companhia de opera-comica e operetas, da qual é empresario o honrado commendador Jacintho Heller.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

N. 12.

E' um jornal litterario que aos domingos proporciona aos seus numerosos leitores oito paginas de magnifica e excellente prosa salpicada aqui e alli de um scintillante punhado de rimas.

D. Josephina Alvares de Azevedo, que incontestavelmente é uma escri-

ptora de provadas aptidões para o jornalismo, tem conseguido um verdadeiro milagre no meio provinciano em que vivemos, pois, que, pontualissima como uma ingleza, a *Familia* tem-nos visitado todos os domingos.

O presente numero insere escriptos de não vulgar merecimento. Começa pelo artigo intitulado *Mães e mestras* (continuação); segue-se a *Mulher forte* outro interessante escripto; vem depois o *Idyllio agreste*, de Analia Franco, e fecha este numero com o *Remorso da viscondessa*, de Julia Lopes, a festejada auctora dos *Quadros e illuminuras*.

Na parte poetica estampa uma mimosa composição da talentosa poetisa D. Zalina Rolim.

Com a devida venia da brilhante redactora d'*A Familia* trasladamos para as nossas columnas aquella delicada joia.

Correio Paulistano.

«A Familia»

Recebemos e agradecemos:— Os numeros 5 e 9 d'*A Familia*, hebdomadario dedicado á educação da mãe de familia, que se publica em S. Paulo aos sabbados, do qual é redactora a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo e gerente o nosso amigo Francisco Dias Barros.

Ocioso é dizer que os dois numeros que temos á vista, em nada são inferiores aos transactos, e que *A Familia* é collaborada pelas melhores escriptoras brazileiras.

(D'*O Carmense*.

«A Familia»

Numeros 5 e 7. E' a primeira vez que temos a honra de ser visitados por esta nossa distincta collega da capital.

Dedicado á educação da mãe de familia, occupa um lugar recommendavel qual seja de preceptora cuidadosa d'aquellas que tem a alta missão de legar ao paiz bons cidadãos.

Portanto, educando a mãe de familia educa aos futuros sustentaculos da patria brazileira.

E' com veneração que nos curvamos perante mais essa manifestação do quanto vale a vontade da mulher.

Correio da Limeira.

«A Familia»

Recebemos esta excellente revista semanal que vê a luz em S. Paulo.

A Familia é um periodico litterario, dedicado á educação da mãe de familia e dirigida pela intelligente escriptora D. Josephina Alvares de Azevedo, contando com a collaboração de muitas escriptoras distinctas.

Desejando que o sympathico periodico encontre da parte do publico illustrado o acolhimento que merece, fazemos votos para que lhe seja reservado o mais brilhante futuro.

Gazeta de Piracicaba.

RECEITAS DOMESTICAS

Eis uma receita para se fazer excellente omelette de pão e leite:

Embebam miolo de pão, de vespera, em leite a ferver em uma tigella ou terrina, e logo que esfriar deite-se 100 grammas de assucar, sal e uma colher d'agua, mechendo-se em cima seis ovos e bata-se. Leve-se depois a massa a uma frigideira em que esteja já derretida a manteiga e aprompte-se a OMELETTE. Serve-se polvilhado de assucar, se quizerem.

DOCE DE UVAS

Toma-se uma libra de uvas maduras e frescas, as quaes soffrem antes de entrar para a calda uma ligeira fervura. Com uma libra de assucar aprompta-se de antemão a calda, na qual se lançam as uvas, retirando-se tudo do fogo, quando se tem alcançado o ponto de espelho. Póde-se juntar cravo e vae á mesa em compoteiras.

ALZIRA DIAS DA SILVA.

PODIM Á BRAZILEIRA

Tomem-se 800 grammas de abobora enxuta cosida e, depois de passal-as por uma peneira fina, juntem-se-lhes um copo de leite, seis gemmas de ovos bem batidos, assucar quanto adoce, um calice de vinho branco, 60 grammas de manteiga, noz moscada e canella e em pó quanto baste, e, depois de tudo bem ligado, junte-se lentamente e mechendo, farinha de trigo quanto seja preciso para dar consistencia á massa, feito o que encham-se as formas bem untadas de manteiga, juntando-se neste momento passas e pedaços de cidrão.

Leva-se a forno para coser e corar.

ALZIRA DIAS DA SILVA.

SECÇÃO ALEGRE

N'um restaurant:

—Rapaz, traze-me erros orthographicos.

O rapaz, muito espantado:

—Senhor, nós não temos isso!

—Então, se não teem, para que os metteram na lista?

A bordo de um navio havia um medico, que para todas as doenças receitava sempre a agua do mar.

Uma noite o medico cahiu ao mar. O commandante do navio, dando pela falta d'elle, perguntou a um marinheiro:—Aonde está o doutor?

—Cahiu na pharmacia

Por occasião de um enterro surprehenderam um amigo da casa do fallecido a metter na algibeira um relogio e uns aneis.

—Como? E' possivel que o sr. não respeite a dôr desta familia?

—Pelo contrario. Se levo estes objectos, é para evitar que a presença d'elles avive a recordação do finado.

Um caipira vae assistir á representação de uma opereta. Logo ao primeiro côro diz elle ao companheiro:

—Você já viu uma ladroeira igual?

Porque?

—Pois não estás vendo que elles cantam todos ao mesmo tempo, que é para acabar mais depressa?

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 2 de Março de 1889. — NUM. 14

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção : Travessa da Sé, 1 (sobrado.)

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Temos o agradavel prazer de communicar aos assignantes de nossa folha, que faz parte da collaboração d'*A Familia*, a illustre escriptora, oradora e poetisa pernambucana, Exma. Sra. D. Maria Amelia de Queiroz.

Congratulamo-nos com as nossas leitoras, pela sublime acquisição que tivemos a ventura de fazer.

A correspondencia desta folha póde ser dirigida para o Largo 7 de Setembro, typographia UNIÃO, ou para a Travessa da Sé, n. 1 (sobrado.)

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 2 DE MARÇO DE 1889.

As senhoras brazileiras geralmente entendem que a educação da mulher não deve ir além de saber o francez, piano e trabalhos de agulha, considerando a vaidade e ostentação como ornamento social.

Demonstrar a falsidade d'esses erroneos principios é o que convém: é essa nossa tarefa apoiando as nossas asserções com opiniões de notaveis escriptores, principalmente de Aimé Martin, que é uma fonte de reflexão sobre a educação da mulher.

Quero a mulher brazileira instruida, mas sobre certo ponto de vista diverso do que se tem seguido até o presente.

Devemos comprehender que a nossa missão é por de mais importante para não nos deixarmos mover por pequenas fatuidades, fatuidades estas que produzem o entorpecimento da alma.

Não é tocando piano que havemos de educar nossos filhos.

Não é ostentando ricos vestidos que havemos de guial-os n'esta escabrosa estrada da vida.

E de que servem as amas ? perguntarão as mulheres sem consciencia. Aquella que entrega a outras aquillo que deveria merecer-lhe toda a ternura, todo o seu desvanecimento, não é uma verdadeira mãe.

Qual é a ama que póde substituir a uma mãe ?

Mãe ?! palavra que só pronunciando sentimos um prazer infindo.

Mãe !—nome doce e suave que penetra até o fundo de nosso coração.

Mãe! quem considerar bem o sentido d'essa palavra julgará de summa utilidade a educação da mulher.

Diz Aimé Martin :

«A mulher deixa a casa paterna : é esposa e mãe, a sua solicitude não lhe deixa mais repouso : eil-a lendo e relendo Fenélon, Jacques Rosseau, Mme de Beaumont, de Gestin, de Remussat, e procurando por toda a parte instrucção e conselhos para o tratamento de seu filho, um intuito secreto lhe revela que para se tornar digna de educar seus filhos deve recomeçar a sua educação.»

E porque não vai ella já preparada, pergunto eu ?

Pelo descuido que até hoje tem havido, n'um ponto tão importante e tão util a sociedade como é a educação da mulher.

E' uma vergonha o termos de confessar que a maior parte das mulheres brazileiras, nem sabem ler !

Mais adiante diz o mesmo escriptor :

«A primeira cousa que deve lembrar-lhe é que se occupe mais do que deve ensinar a seus filhos, e mais ainda do que deve inspirar-lhe, muitos outros o farão sabio mas só ella (a Mãe) o pode tornar virtuoso. Boa mãe:—Lança mão da alma para dirigires um dia a intelligencia.

«Eis o ponto principal ou para melhor dizer, o resumo da educação das Mães de familias : trata-se com effeito de fazer sahir as mulheres do circulo acanhado, em que a sociedade as encerra, e de estender os seus conhecimentos, atodos os objectos que nos póde tornar melhores e mais felizes.»

Porque razão a mulher brazileira não se dedica aos estudos ?

Por falta de intelligencia de comprehensão, não ! porque se ha povo que se possa chamar intelligente é certamente o brazileiro.

O brazileiro é por natureza intelligente, tanto como é tambem preguiçoso.

Não me póde querer mal por essas verdades, sou brazileira e orgulho-me quando vejo uma patricia minha laureada pelo seu talento e merecimento.

Assim é, que sem conhecer pessoalmente, respeito os nomes de Analia Franco, Zalina Rolim, Revocata de Mello, Julia Lopes, Emiliana de Moraes, Maria Lucia Romariz, Ignez Sabino de Pinho Maia, Carolina Von Koseritz, e outras, tantos talentos femininos, que de vez em quando brilham em suas publicações.

O meu desejo é unicamente incitar as minhas patricias para o estudo, se tiver esse prazer será para mim uma gloria, se pelo contrario me encontrar só, na escabrosa estrada do jornalismo, e ver que as minhas palavras não produzem effeito, será mais uma desillusão para juntar ás muitas que tenho tido.

E' para mim essa missão um pouco ardua.

Os meus conhecimentos litterarios, quero crer, que não sejam sufficientes para a propaganda que ora faço.

Mas as minhas asserções são basiadas pelas luzes dos mestres, que irei sempre citando.

Ha poucos dias, diz Aimé Martin, uma moça garrida e voluvel, absorvida por seus momentos na dôr, que

lhe causára a morte de seu esposo, dizia-me:—Por favor, senhor, aponte-me alguns bons livros, que tratem da immortalidade da alma; não por que eu duvide d'isso mas porque desde que elle perdeu a vida, desde que me faltou, preciso da mais profunda convicção d'essa idéa.

Depois accrescentou ella com um suspiro profundo e murmurou tristemente :— «Muito felizes são os homens por se poderem dedicar a taes estudos, que tanto custam e como se tivesse feito um esforço para vencer a sua timidez : O senhor comprehende-me, accrescentou, perdendo um pouco a sua extrema pallidez, é o que se chama se não me engano—philosophar».

A mulher forte

SEGUNDA CONFERENCIA

Ella procurou a lã e linho e trabalhou-os com mãos sabias e engenhosas.

SENHORAS :

Começamos no passado entretenimento a copiar o retrato da mulher forte, tal como o Espirito Santo o traçou no livro dos Proverbios : a mulher forte, de caracter simultaneamente dôce e energico, comprehendendo os seus deveres e cumprindo-os com uma perseverança que nada abala; a mulher forte, superior ás miserias d'este mundo, á malicia dos homens, e á injustiça da opinião ; a mulher forte, presidindo com nobre dignidade a todas as minudencias da sua casa, semelhante ao sol que illumina e aquece o universo : *Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei.*

A mulher forte é uma cousa rara, e tão preciosa como as perolas que veem das extremidades do mundo. Depende isto da delicadeza da constituição, que tivesse grandissima influencia sobre a moral e communicasse ás idéas, as resoluções, aos projectos, alguma cousa de menos energico e mais mobilidade ?

S. Thomaz, e Alberto, o Grande, não receiam dar esta primeira razão. Depende da indolencia da educação, da enervação dos habitos, da ausencia dos principios religiosos, perfeitamente conservados, que encadeam a vida intima ?

Eu creio que todas estas causas podem contribuir para isso, e ajuntarei, tomando as cousas pelo melhor lado, que o Creador derramou os seus dons, d'um modo desigual, sobre as obras de suas mãos, e que em face d'uma creatura que possue uma qualidade predominante, se acha outra, em a qual ou não existe essa qualidade, ou existe em differente grau.

Os dous versiculos seguintes forneceram-nos um resumo muito exacto dos principaes deveres da mulher, com respeito a seu marido : deve ella merecer-lhe a confiança pela virtude e conjunto de qualidades preciosas ; deve consagrar a vida a embellezar a d'elle por uma constante benevolencia : *Reddet ei bonum et non malum, omnibus diebus vitæ suæ.*

O sabio prosegue : *A mulher forte procurou a lã e o linho e trabalhou-os com mãos sabias e engenhosas.*

Este versiculo leva-nos a fallar dos trabalhos das mulheres ; e para que nada fique incompleto n'este assumpto, trataremos hoje dos vossos trabalhos manuaes e na seguinte conferencia dos intellectuaes.

Uma das principaes occupações da mulher deve ser o cuidado do lar domestico. Ao homem os trabalhos exteriores, o movimento dos negocios, o manejo das funcções civis e militares, o fôro, a medicina, as preoccupações scientificas. A' mulher, um papel mais modesto, o dominio da sua casa, o imperio do interior, cujos vassallos são as pessoas e as cousas que teem relação com as minudencias da vida domestica : *Sicut vir publicis officiis*, diz Santo Ambrosio, *ita mulier domesticis ministeriis habilior æstimatur.*

A missão da mulher, como a do homem tem suas vantagens e inconvenientes ; em todos os jardins da terra, pertençam á mulher ou ao homem, se ha flôres ha tambem espinhos ; e, muitas vezes, a ventura depende da maneira mais ou menos habil e prudente com a qual se colhem as rosas, deixando os espinhos de parte.

Ha caracteres que teem o desgraçado talento de não encontrarem um espinho sem se aproximarem d'elle com uma especie de desastrada complacencia ; d'este modo as feridas não podem faltar-lhes, e tanto mais quanto elles sabem—aonde os não ha—fixar os espinhos da propria natureza, que não são os menos numerosos nem os menos pungitivos.

Aceitai, pois, senhoras, a posição que Deus vos deu n'este mundo ; aceitai a esphera d'acção que vos foi imposta pela divina Providencia. Sêde rainhas no vosso imperio, mas pela vossa felidade, pela vossa tranquillidade e pelo bom exito nos vossos serviços, não procureis ser rainhas em outra parte. Aconselhai, insinuai, dirigi pela affeição, se a prudencia vol-o permitte, se a sabedoria vol-o aconselha ; mas sereis tanto mais fortes, quanto mais fôrdes, principalmente, o que deveis ser, o que Deos vos fez. Fazer o bem dentro da devida esphera d'acção, sem procurar sahir d'ella, a menos que vol-o supplliquem, é, muitas vezes, a melhor prédica e o meio mais activo para regular indirectamente o que não marcha ao vosso lado.

(Continúa.)

MINHAS SENHORAS.

Encarregou-me o Illm. Snr. Dr. Joaquim Thiago da Fonseca, digníssimo redactor d'O Recife Illustrado, por sua demasiada bondade e excessiva grandeza de sentimentos generosos, que o caracterisam, da honrosa e difficultosissima missão, de gravar o meu humilde nome nas paginas aurifulgentes de vossa linda e mui bem elaborada revista *A Familia*.

Elle talvez, não avaliasse as minhas escrupulosas circumstancias em semelhante occasião, mas, o certo é, que sujeitou-me a uma condição bem difficil e espinhosa. Depois de ter lido —*A Familia* e apreciado a gentileza e talento de sua illustre redactora e distinctissimas collaboradoras, estacase-me a penna sobre o papel, de modo a não poder mesmo em termos rudes e vulgares, voar a esse verdadeiro Parnazo, para mostrar-lhes o jubilo, que irradia minh'alma, por vêr, que, em uma parte d'este colôsso denominado *Brazil*, existe presentemente um primoroso bijou litterario, escripto exclusivamente, por senhoras, que, segundo sua excellente redacção e bem collaborados artigos, são ellas pujantes e denodadas cultoras das nossas lettras.

Que mixto de dôr e alegria eu sinto borbulhar-me o coração, tendo mais esta prova do progresso da emancipação da *mulher*, essa grandiosa porção da humanidade, que vivia agrilhoada ao poste do despotismo e ambição de uma grande parte, que, (salvo suas bem honrosas excepções) talvez em sua quasi totalidade, não se podesse aproveitar nem uma só.

Minhas Senhoras.— Eu, que sem duvida sou a mais obscura de vossas admiradoras, que reconheço a fraqueza de minha pobre individualidade e

a inaptidão intellectual de que disponho ; não pude todavia conter-me diante d'esse grupo ingente. animador scientifico de senhoras, que compõe a revista intitulada *A Familia*, e associando-me a ellas sómente, como devotada apreciadora, peço-lhes que desculpem a ousadia de uma pernambucana, que desprezando todos os preconceitos caminha sem fazer curvaturas, recalcando impavida todas as estultices, que ainda hoje existem infelizmente no meio social em que vivemos.

Eu vos disse a pouco, que sentia em minh'alma, um mixto de dôr e alegria,e, portanto, é preciso demonstrar-vos a razão, pela qual assim me exprimi. Eu sinto no meio do prazer, que experimento, alimentar-me ainda a esperança de que o Brazil em breve, ha de banquetear-se na mesa das mais civilisadas nações. porquanto já está completamente extincta a revoltante lei da escravidão ; mas, ao mesmo tempo, vejo, com pesar, que continúa a reinar entre nós, uma certa apathia e pouco desenvolvimento sexual, mesmo n'aquellas, cujos titulos scientificos lhes dão direitos a provarem exhuberantemente os seus meritos e a fecundidade de suas intelligencias.

Ainda permanece entre nós,minhas senhoras e não muito raramente ; mas, com especialidade na classe aristocratica, aquelle desbragado carrancismo, que nos deixaram como herança nossos atrazados avós, cuja lembrança cala muito no animo da maior parte da nossa sociedade.

Quando, porém, apparece alguma que revestindo-se da mais estoica resignação, para resistir os embates dos *Zoilos*, prosegue desassombradamente depreciando toda a sorte de estolidez, que está envolvida entre a civilisação e o carrancismo ; essa lucta com os maiores horrôres da calumnia, da inveja e afinal é olhada com despeito.

E assim é minhas illustres redactoras d'*A Familia*, que Pernambuco não se pode agigantar na senda gloriosa das lettras, porque a mulher, que estuda, que pensa, que sente, e que escreve, não póde ser peada, por uma sociedade, cujo desenvolvimento é limitadissimo e a intimida com o seu modo de pensar.

Pernambuco a mais heroica de todas as provincias do Imperio e incontestavelmente a mais aspiradora, porquanto, bem assignaladas são, as luminosas paginas de sua historia ; labora continuamente em um atrazoextraordinario no que diz respeito a emancipação da *mulher*, o que não acontesse nas demais Provincias.

Em Pernambuco até hoje, ainda não houve uma senhora, que tendo desejos de enriquecer a classe fluente do jornalismo da Provincia, encontrasse outras, que a quizessem auxiliar afim de fazer valer tambem o nome de algumas Pernambucanas, que sem duvida estariam no caso de levar a effeito, tão ardua quanto honrosa tarefa.

Eis, portanto, a razão, pela qual manifestei-me d'aquelle modo, dizendo-vos, que sentia em minh'alma um mixto de dôr e alegria.

Agora que estou deslumbrada pelo apparecimento d'*A Familia*, e que a tenho sobre a minha banca de estudo, quero dizer-vos, que é muitissimo fraco o apoio de uma pernambucana sem titulos, sem talento, sem illustração, para competir comvosco verdadeiras heroinas das lettras, entretanto, se assim mesmo, depois de ter confessado sua insufficiencia, quizerdes honral-a alguma vez, inscrevendo seu nome nas faustosas folhas de vossa delicada revista, podereis, dispor com a maior franqueza e sincera cordialidade de vossa extremosa admiradora.

Pernambuco, 13 — 2 — 89.

MARIA AMELIA DE QUEIROZ.

O homem deve vêr na mulher, o centro inicial dos grandes commettimentos, o Deus da familia, a educadora dos filhos, que preparando os espiritos condensa, para as evoluções futuras, as forças latentes e vitaes da humanidade.

Mães e mestras

CAPITULO V

FIRMEZA E INDULGENCIA

A ser severo obriga a firmeza na educação quando assim é preciso : a firmeza combate a influencia que procura exercitar a alumna com demora calculada no desempenho d'alguma obrigação ou com actos de motim e desobediencia ; ella nos põe de prevenção contra as meiguices que se derivam do desejo de escapar á pena e não de boa disposição para o futuro ; é finalmente o remedio unico da obstinação, que em algumas crianças se parece com uma enfermidade de espirito.

E' conveniente não confundir firmeza com severidade : uma é especie de vontade discreta e permanente sempre consequente comsigo mesma e que attrahe dos pequenos e dos grandes a estima e attenção, ao mesmo tempo que a outra é uma sorte de rigorosa exigencia n'aquillo que se manda,tanto mais sujeita a erroquanto ás vezes mais participa do caracter do que da razão.

Mães ha, que se regosijam por serem temidas por suas filhas, segundo que aquellas dizem.— Mas não calculam o risco que correram de abafarem no coração das filhas a ternura e a confiança.

Porque devemos notar que esse sentimento de terror é tão pouco acompanhado de respeito que vêmos meninas sahirem de repente de sua força-da submissão e passarem a temerarias a ponto de se atreverem a dirigir a seus páes observações desagradaveis, censuras e isto em termos pouco respeitosos, ao passo que as que forem dirigidas com o poder moral da firmeza nunca se afastam dos deveres impostos pelo decôro e pela natureza.

A indulgencia sempre tão suave de mostrar se ostenta no perdão e esquecimento das faltas commetidas com *circumstancias attenuantes*.

Julgar d'essas circumstancias só pertence áquella que dirige constantemente a criança, que lhe acompanha todos os movimentos, e que já adquirio o habito de lhe advinhar todos os pensamentos.

A justiça e a perspicacia da mestra não poderão deixar de produzir profunda impressão n'um espirito recto.

Quando a menina vir que mais se lhe attende á intenção do que ao facto, e que a reprehendem muito menos por uma falta praticada por inadvertencia, estouvamento ou pouca destreza do que por outra premeditada, conhecerá pouco a pouco a prudencia de tal comportamento e não deixará de se commover. Por quanto a que é reprehendida com arrebatamento e castigada fóra de termo por lançar uma nodoa no vestido ou quebrar qualquer objecto, ao mesmo tempo que se lhe toleram actos de desobediencia ou malicia, sabe tanto melhor avaliar esta differença, quanto nunca se engana acerca dos movimentos de quem a governa.

Por malicia ou por curiosidade, estão todas as suas faculdades applicadas a vêr, espiar e observar, as pes-

soas com quem vive, e como ella é doctada de tacto e esperteza, nada lhe pode escapar, nem um gesto, nem um volver d'olhos.

A severidade ministrada a tempo a enche de temor saudavel, tanto a injustiça, a colera, avareza e condicção despotica ou caprichosa lhe irritam o caracter e inspiram despreso.

As mães devem entender que o castigo e o perdão se não devem succeder com desmasiada promptidão e facilidade, se quizerem evitar que as crianças façam disso brinquedo.

Circumstancia particular ha em que a indulgencia é de neccessaria applicação; e é nos momentos em que a intelligencia parece estar adormecida, que cada qual mais ou menos conhece, e em que nossa imperfeita natureza, incapaz de supportar continuo progresso, se entrega á inercia para descançar

A verdade é que o trabalho dos estudos e artes de prazer, se póde dividir em bons e máus dias. Em uns a alumna bem disposta, tudo faz bem; n'outros nada lhe sae bom: differença que cumpre sem duvida attribuir o seu estado physico ou o impedimento accidental nas idéas.

N'essas semanas ingratas e aridas ella está como parada; em vez de ir para diante parece voltar atraz; a mestra n'essas occasiões tem desejos de desanimar e considerar perdido o trabalho que teve. A's vezes reprehende o discipulo e este nem por isso deixa de ir peior.

Em tal caso é melhor evocar a memoria de provações iguaes que se já hajam atravessado, para se convencerem de que não ha desta vez mais do que da outras perigo em estacionar, recordarem-se tambem do velho adagio: «Os dias succedem-se mas não se parecem uns com os outros;» e finalmente fazerem trabalhar a menina sem exigencia, por forma de tranzição para melhores dias, ou deixarem-n'a suspender por emquanto o genero de occupação que a fatiga.

Não haja duvida que ao sahir desta crise intellectual, animada a rapariga pela indulgencia que se houver mostrado tanto a tempo, se não encha de novo vigor para o trabalho, e que não recobre com todas as forças o tempo em apparencia perdido.

Em resumo, quem desejar evitar na educação dous extremos igualmente perigosos, deve empregar firmeza e indulgencia e fazer com que estas se conservem em perfeito equilibrio com o caracter da criança que pretende formar.

A mulher na medicina

Uma das mais bellas paginas de Edouarde La Boulay, no seu esperituoso *Pariz en Amerique*, é a em que prova a estultice do preconceito que tem afastado as mulheres do exercicio da medicina.

Quando philosophicamente consideramos os homens e as couzas do tal seculo, que nossa infantil vaidade cognominou das *luzes*, não podemos deixar de concluir que somos ainda escravos de um milhar de prejuizos e preconceitos cada qual mais tolo do que outro.

Temos ainda muito de D. *Quichote* e *Sancho Pança*, apenas somos um pouco menos ridiculas do que os homens de rabicho e de calções curtos dos tempos da Regencia e de Luiz XV.

A todo o momento estamos sacrificando á vaidade assumptos importantes de conforto, de hygiene, da segurança e até de propria vida.

Ninguem sabe quantas victimas ha feito este preconceito que tem impedido que as mulheres exerçam a medicina, principalmente no tratamento de crianças e moças.

São frequentes os exemplos de meninas educadas em principios severos, que, por excesso de pudicicia, deixam-se morrer de preferencia a soffrer o exame de um medico.

Tambem são rarissimos os medicos, dotados de delicadeza de sentimentos e de paciencia necessaria para o tratamento de moças e crianças.

Só as mães sabem interpretrar a muda linguagem das crianças só ellas têm a devotação necessaria para estudarem, horas e horas, a interpretação dos gostos e dos monossylabos infantis.

Os medicos, principalmente as notabilidades, sempre de relogio na mão, com os minutos contados para cada doente, commetem erros gravissimos sómente por falta de paciencia.

Além do tratamento das moças e das crianças, que exclusivamente devia ser reservado às mulheres formadas em medicina, julgamos que, no futuro prestarão importantes serviços á humanidade como oculistas.

Todos sabem que o tratamento das molestias de olhos e suas operações exigem uma paciencia e uma delicadeza que rarissimas vezes os homens possuem. Em geral, os orgãos da vista e do tacto são mais delicados nas mulheres do que nos homens; estas condicções naturaes lhes dariam extraordinarias vantagens nas operações dos olhos.

Tambem na obstetricia a delicadeza das mãos das mulheres e a perfeição do tacto lhes darão grande superioridade sobre os medicos parteiros.

Sob a pressão dos preconceitos actuaes, quando a parturição é feliz recorre-se á mulher mais ou menos habilitada; mas logo que apresenta difficuldades, recorre-se a um ou mais medicos, em risco de matar de emoção, de medo e de vergonha a parturiente.

Infeliz a coitadinha se valer a pena que os taes doutores levem para as academias ou para os jornaes a discussão do caso, como elles dizem!

Então terá de morrer de vergonha, vendo descriptos nas folhas diarias segredos do seu corpo que ella mesma ignorava.

Este mesmo caso deu-se na capital do Brazil.

Todos lembram-se da imprudencia e do despojo que infamaram de de uma cynica discussão de um máu successo da Princeza Imperial.

Digamos francamente todo nosso pensar. Escrevemos para reformar os principios e preconceitos actuaes e preparar um mundo melhor para as gerações vindouras e não para agradar a quem quer que seja.

A estatistica universal denuncia que é enorme a mortalidade das crianças em todos os paizes do mundo, sem exceptuar aquelles que presumem-se mais avançados em medicina e hygiene, como a França, a Inglaterra, a Allemanha e a Italia.

Não é sómente a miseria, a fome, o frio, os vicios dos paes, os erros de alimentação, que matam tantas crianças; muitas e muitas são victimas da ignorancia e da impaciencia dos medicos.

Estes motivos e muitos outros que seria interminavel enumerar, aconselham a propaganda para facultar-se livremente o ensino da medicina ao ao sexo feminino.

(Continúa.)

O espirito gasta-se mas a linguagem do coração dura toda a vida.

THEREZA ORGE.

O futuro é como as nuvens, vê'n'ellas tudo o que se quer.

Mlle. DE TANCIN.

Silente

Das flôres de larangeira
Sentindo o suave olôr,
Na primavera faceira
Vendo um brilho multicôr.

As musas vão bonançosas,
Como os canarios trinando,
Buscar idéas formosas
No azul do céu se inspirando !

E' que no mar da poesia
Scintillam astros de luz,
Como os prantos de Maria
Cahindo nos pés da cruz !

Quando choramos saudades,
Quando cantamos venturas,
Temos essas f'licidades :
Deus, amôr, e crenças puras !

No abysmo dos pensamentos
Em que brinca a phantasia,
Ha creações, ha portentos,
Ha palacios de utopia ! !

Ha muita dôr que se cala,
Muito prazer que se occulta !
Mas tudo o que não se falla
No imo d'alma se avulta !

Por isso adoro o silente
Suspiro d'alma sincera,
Como a natura contente
Ama o vir da primavera !

PRESCILIANA DUARTE.

O estio

(TRADUCÇÃO)

Aonde vaes viajante peregrino,
por esses abrasados areiaes,
incansavel seguindo teu caminho,
internando-te em densos matagaes?

Fixas as vistas no Zenith divino
absorvendo os raios estivaes
abrazando vaes sem piedade,
até as pobres flores virginaes.

Voltas ao sol, os olhos impavidos,
Com orgulho satanico e bravio,
audaz bebendo de seus raios avidos

o vulcanico ardor com desvario,
Quem és? diz, porque tanto queimas.
Fogo sou, responde; meu nome ESTIO.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

A prece

Quando o impio blasphema desgraçado
Contra os santos mysterios da trindade,
Secreta voz nascendo do imo peito
Fal-o crer nos sendaes da eternidade.

— Essa voz, o infante a balbucia —
Aos primeiros alvores da innocencia,
E' a prece que ao mortal conduz á gloria
Ao desprender-se da vida a pura essencia.

Filhos da caridade ! irmãos da fé !
No mundo quem revela a viva crença ?
E' a prece que o infeliz murmura á medo
Ao sopro glacial da indifferença.

Orvalho do coração, bendita prece,
Sobre nós desce, ó luz vivificante ;
Nos sorrisos da vida, além na campa
Serás sempre em nossa alma edificante.

EMILIANA DE MORAES.

Ausente

Quando longe de ti minh'alma se escrucia
Na dor que lhe devora, e traz-lhe o desalento,
Vai saudosa meu Deus ! buscando o esquecimento....
Tanger na pobre lyra uns cantos de agonia.

Desfinha o coração no triste isolamento...
E lavra mais e mais as chammas da saudade
Esquecer-te não posso ! ó terna divindade...
Eu lembro-me de ti, no proprio esquecimento !

Eu lembro-me de ti... dos sonhos na bonança
Na escala de meus ais, na lyra suspirosa
Neste acerbo penar, na dor que não descança !

E da saudade atróz a lagrima nascida,
Desliza-me no rosto, ardente, vagarosa,
E a lyra treme, arqueja e tomba enfraquecida.

26—2—89.

ADELIA BARROS.

Eu e a morte

Quem és tú ?—Eu sou a morte.
O que queres ?—Consolar-te.
Mas porque ?—vi teu tormento.
Onde, quando ?—Em toda parte.

N'elles crês ?—Si choras tanto !...
Porque soffro ?— Já supponho...
O que ?—Temor da miseria,
D'ambição desfeita sonho...

A perda de um ente choro...
—Illudes-te ! nada d'isso...
Seja o que fôr, o descanço
Garanto-te, é meu serviço.

—Mas si eu gemo inconsolavel,
No mais puro amor trahida !
—Então, não ! para taes dores.
Perdura na campa a vida !

ELIZA A.

Uma verdade

(A' MINHA AMIGA *Zinha*)

O' mimosa borboleta
Que adejas de flôr em flôr,
Deixa essa violeta,
Não lhe roubes o odôr.

Vai pousar antes na rosa,
Que apezar de ter espinhos,
E' mais linda e mais formosa,
Merece mais teus carinhos.

Não me attendes, és teimosa :
Pois satisfaz teu desejo.
Porém, dá antes na rosa.
Um beijo só, um só beijo.

Não dou me, me responde a bella,
Gosto mais da violeta
Eu sou constante com ella
Apezar de borboleta.

—Se tu como aquelle insecto,
Me fosses assim constante,
Verias tu, quanto affecto,
Pode ter um peito amante.

Mas não és, que se conhece,
Tens coração de estalagem,
A quanto amôr te offerece
A todos dás hospedagem.—

Março de 1889.

FABIA D. BARROSO.

Os teus olhos

No dia em que meu olhar
Se confundiu com o teu,
Logo a ti o meu destino
Para sempre se prendeu.

Sim, foi só n'esse momento
Que prendi meu coração,
Consagrando-te este culto
De extremosa adoração !

Mas que terá teu olhar
Que agrilhôa e que fascina,
Que me attrahe, que me arrebata,
E com meiguice domina ?

Não sei ! só sei que teus olhos
Tão vivos, da côr dos céos,
Não tem rivaes, acredita,
Não ha outros como os taes.

Pois no dia em que este olhar
Se crusou com este teu,
A ti, para todo o sempre
meu destino se prendeu,

AMELIA DE AZEVEDO.

O trabalho das mulheres

(Conclusão)

E' preciso, que se compenetrem bem d'esta idéa fundamental; o trabalho, seja de que especie fôr não desdoira uma mulher nem deixa de ser compativel com as mais delicadas distracções de um espirito culto.

Trabalhar não é fazer *crochet*, não é coser durante seis mezes na mesma camisa, que ha de ser offerecida a um pobre romantico, a um pobre de *opera-comica*: não é bordar umas eternas *babouches*, que se começam no dia seguinte ao do casamento, e que se acabam dez annos depois.

Trabalhar é ser util, é occupar o seu espirito, é adquirir conhecimentos ou espalhal-os em torno de si, é concorrer para o bem-estar dos outros e para o seu aperfeiçoamento proprio.

A mulher que trabalha levanta-se cedo, não conhece as scimas voluptuosas, os languores morbidos, as *flânezies* sem motivo e sem fim.

E' activa, por isso não tem aquellas horas de tédio profundo, que descobrem diante de um olhar os horisontes sinistros esbraseados do suicidio; tem saude porque o tempo bem applicado e bem dividido não lhe deixa intervallo para *se escutar*, se sondar, para analysar as suas pequenas dôres, os seus pequenos incommodos, e os aggravar tomando remedios nocivos, e entregando-se á molleza que a pouco e pouco destroe a robustez do corpo; gosa de tudo com alegria, com vitalidade, com expanção, não desdenha nenhum dever, nenhuma occupação, nenhum trabalho porque o amor e a intelligencia prendem-se a tudo que ella faz.

Porque sabe conversar na sala com facilidade e chiste, nem por isso deixa de saber estar na cosinha, observar um por um todos os utensilios, vêr se estão limpos, inventar um *menú* que reune as condições da economia e da variedade, ensinar a sua cosinheira, fazer mesmo por suas mãos um prato predilecto, que á mesa o marido e os filhos hão de saudar com alegria e saborear com appetite.

Desejo que ella saiba bordar, mas exijo que saiba serzir panno, dar redes com perfeição, coser a roupa da casa e a roupa dos filhos, cortar e fazer os seus vestidos, dando assim mais que um exemplo de economia, um exemplo de moralidade! protestando até onde chegam os seus limites, contra a torrente impetuosa e funesta, que arrasta as familias desde o luxo até á infamia, desde a impostura até á quebra de todas as dignidades e de todos os pudores.

Quero mais, que ella se não envergonhe de confessar que trabalha, e que não diga que o seu facto é feito por uma qualquer modista estrangeira, quando é ao seu laborioso serão que ella deve a elegancia que deste modo é duplamente preciosa e sympathica.

Não imagine a mulher, que entre os deveres que acceitou ha uns que a deslustram, e outros que lhe ficam bem.

Debaixo do ponto de vista da razão todos os deveres são iguaes e estão presos entre si por uma cadeia invisivel.

Da alegria da mesa depende a alegria do lar; da economia de todos os instantes, depende o bom humor das festas de familia; da elegancia e primoroso aceio da mulher depende a ternura inexgotavel do marido; do modo porque ella rege e domina o seu pequeno imperio domestico, depende a educação dos filhos, a moralidade do interior, harmonia intima da vida, e até a graça, o espirito, a liberdade com que ella conversa e ri na sala.

Todas as mulheres se queixam dos maridos; e nenhuma ainda percebeu o seguinte, são ellas que preparam e determinam o seu destino; é a ellas que a familia em geral deve a sua desordem, a sua dissolução, ou a sua felicidade.

Não basta ter todas as graças, é preciso ser util, e no fardo que se acceita em commum tomar a parte que mais custa a supportar.

Não basta ser util, prestadia, arranjada, economica; é preciso ter a intelligencia que idealisa um pouco os tristes e aridos encargos da vida.

Toda ou quasi toda a mulher se sente amesquinhada pelo seu destino, e protesta contra as leis, contra os usos, contra as instituições, que a auxiliaram dos altos cargos da republica, que lhe tolheram os passo para todas as eminencias sociaes, e que a condemnam á obscuridade e á lhaneza do viver do domestico.

Oh! abençoados sejam os costumes, as leis, as instituições que deram ao homem tudo que é ruido, pompa, ostentação, orgulho e vaidade, e que nos deram a nós a dôce missão de encaminhar-nos o futuro, de guiar-nos a humanidade no caminho do bello e do bom!

Se até agora temos trahido essa missão a que fomos destinadas, a culpa é nossa e não de quem constituiu sob uma fórma tão racional e tão justa a sociedade.

O tempo que passamos no barulho vasio das festas mundanas, colhendo decepções e rancores, excitando invejas, provocando sensuaes applausos, porque o não gastamos a ler, a estudar, a penetrar no mundo da naturesa e no mundo da sciencia em todos os seus aspectos tão varios, em todas as suas manifestações tão sympaticas; porque não dirigimos a poder de trabalho e de esforço a primeira educação de nossos filhos, e deixamos que as mães mercenarias lhe arranquem aquella doce penugem da alma que é a ignorancia dos pequeninos?

Porque não fazemos da nossa casa, um ninho alegre e fôfo, que o nosso marido prefira ao botequim, ao Gremio, ao Club, ao restaurante, á casa dos seus amigos, e onde elle esteja certo de encontrar o alimento mais saboroso e mais hygienico, o ar mais puro e lavado, a poltrona mas commoda, a conversação mais animada, mais substancial, mais chistosa e menos pedante?

Pouco a pouco á regeneração da mulher, seguir-se-hia a regeneração do homem, deixariamos de ser a ruina, para nos tornar-mos o conforto; deixaria-mos de ser o tédio para nos tornarmos a alegria.

Talvez não houvesse tantos bailes e saraus, talvez Offenbach, Dumas Filho, Sardou, tivessem menos espectadores, talvez as salas de bilahr perdessem um pouco de sua popularidade; talvez os ourives e as modistas fechassem algumas das suas lojas, mas em compensação quebravam menos negociantes, perdiam-se menos mulheres, a calumnia renunciava a uma grande porção do seu alimento diario, o falso luxo que mata de fome os filhos e que arrasta sedas pelas ruas enlameidas da cidade, ou se reclina voluptuosamente nos coxins flascidos d'um coupé de oito molas, o falso luxo deixaria de ostentar com tão descarada altivez as suas lentejoulas compradas com moeda vil, e esta nossa sociedade, que parodia tão ridicula e tão desgraçadamente a sociedade cosmopolita, opulenta e artificial da França, tomava diverso rumo, assumia a dignidade que lhe falta, e descobriria no futuro o ideal, que não tem o que procura nas trevas.

O primeiro passo para que este deploravel estado de cousas melhore um pouco, é que as mulheres comecem a trabalhar.

As ricas instruam-se; as pobres

ajudem seu marido sem se envergonharem da sua honesta pobreza, e todas sem exceptuar qualquer posição social, occupem o tempo para não darem logar ás tentações da vaidade, nos sonhos morbidos que enfranquecem o corpo e o espirito, ás negras horas dissolventes do tédio, em que tudo se concebe e se admitte como possivel, até o esquecimento de todos os deveres, até o proprio crime com o seu romantico cortejo de sensações e de terrores.

Maria A. Vaz de Carvalho.

Eu creio que ha dous amores: um que é um menino impertinente, despeitado e insoffrivel, que chora sempre sem nunca saber o que quer; e outro que é um rapaz travesso e folgazão, que ri-se, dança e está sempre de folia, ferindo com suas flexas a todos os corações com que brinca.

Do primeiro não ha quem se não aborreça, mais tarde ou mais cedo; do segundo não ha quem se enfastie por muito que elle dure.

Mlle. Scudéry.

A emancipação da mulher

As grandes idéas, uma vez lançadas na téla da discussão, em todos os tempos da humanidade tiverão seus desaffectos, entretanto mesmo assim, combatido como tem sido com enorme encarniçamento por parte dos adversarios nos melhoramentos sociaes, ellas se hão tornado em realidade e o mundo inteiro vae gosando o doce fructo que ellas vão produzindo no caminho dos seculos.

Temos inteira certeza de que não agradamos á todos, e na especie humana ha sempre uma procella que se encarrega de rebaixar tudo quanto é nobre e grande; mas que importa isso, caminharemos sempre e o futuro será o grande juiz que ha de decidir de que lado está a verdade. Essa revolução pacifica de que nos occupamos agora é obra mesmo do futuro, e é bem possivel que ella se faça.

Não é uma utopia o que visamos, e a emancipação da mulher não é uma cousa filha do interesse ou do egoismo; mas não sabemos porque não ha de ella tambem intervir nos negocios publicos, que tanto dizem respeito á familia, precioso deposito de que ella é guarda.

De parte fiquem os incredulos, e os que se fazem censores de tudo e caminhemos, os amigos do progresso social estarão sempre a nosso lado e a victoria será certa.

Por mais tratos que damos á intelligencia de que nos dotou Deus, não podemos descobrir quaes os motivos de alto interesse social que nos tem affastado dos negocios publicos, obrigando a mulher a atrophiar seus nobres instinctos e quantas vezes tambem a capacidade e aptidão que possa desenvolver no desempenho de altos deveres sociaes. A mulher não é um ente que a natureza tenha produzido com igual intelligencia á do homem, para entregar-se só as lides domesticas; estas ennobrecem é verdade, e o coração da mulher expande-se em mar de jubilo quando é esposa e amã e comprehende sua missão no seio da familia; mas por ventura devem chegar até aqui as suas aspirações?

Esta nossa interrogação precisa de uma resposta séria, mas não d'essas que em vez de trazer convicção antes se fazem incovenientes. Não póde a mulher tomar parte nessas occupações a que o homem se entrega no actual estado de civilisação, dizem os refractarios do progresso humano. Pois bem, que se reviva a lei salica, essa que affastava a mulher da alta direcção dos estados; como póde uma mulher guiar os destinos de um paiz inteiro, e não pode desempenhar a menor particula administrativa, judiciaria ou de outra qualquer ordem?

Não vemos no throno de Inglaterra uma mulher, cujo governo é tão respeitado pelo mundo inteiro? Agora mesmo em Hespanha, não dirige a nau do estado uma mulher?

Serão por ventura phenomenos, ou antes predestinados para cousas gigantescas?

Não por certo, a contigencia d'essas mulheres é igual a todos os entes de igual sexo, é por isso que havemos de clamar que não é uma utopia, e nem um absurdo que a mulher intervenha nos negocios publicos, e o progresso social, e o futuro nos ha de levantar desta especie de abatimento a que nos condemnão. Nossa revolução é pacifica; começamos pela propaganda que ha de ir conquistando adeptos, e a verdade um dia soará, convencidas como estamos de que ao lado d'esta idéa se hão de collocar espiritos fortes e cheios de esperanças como alguns que já vão nos auxiliando com a palavra e com a penna.

Entretanto uma triste verdade nos assoma aos labios e é preciso proferil-a.

«A mulher entre nós sume nas alegrias que trazem a familia, até hoje sua unica occupação.»

Esperemos que os descrentes se hão de convencer; não queremos a revolução senão como a pregamos. Um edificio não se póde elevar em alicerces falsos; depende previamente de um plano bem combinado, e outros agentes que o consolidem e offereçam garantias para sua estabilidade e no caso de que nos occupamos, o primeiro que deverá ser objecto de nossa attenção é a educação da mulher; não nos cançaremos em repetir esta triste verdade.

Agora mais uma palavra.

Dissemos que as grandes concepções sempre tiveram adversarios tenazes; mas se volvemos a historia veremos que Collombo passou por um visionario, e a America é hoje uma bôa parte do mundo que o repelio; Guttemberg só com um esforço tytanico fez da imprensa uma enorme alavanca da civilisação. A electricidade, o vapor e outras idéas, tiveram seus inimigos; entretanto que deliciosos fructos colhe hoje a civilisação moderna d'esses melhoramentos que pareceram sonhos.

Unamo-nos todas com energia neste empenho e teremos conseguido tudo; nos eduquemos, nos preparemos para o desempenho de mais elevados deveres e ahi a victoria será certa, e teremos chegado á terra da promissão que o futuro nos ha de mostrar. N'isto consiste nossa propaganda, e alimentamos a fé de que se fará a revolução que pregamos.

Emiliana de Moraes.

O homem intelligente eleva o egoismo á cathegoria de virtude, o que nunca passará de um vicio em relação do imbecil.

Sarah Bernhardt.

A verdadeira grandeza da creatura está no coração, é preciso que elle se eleve para aspirar a grandes cousas, e mesmo que ouse, julgando-se digno d'ellas.

Mme. Lambert.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Assim denomina-se um excellente periodico litterario, dedicado á defesa dos interesses do bello sexo, que acaba de apparecer na capital, sob a redacção e direcção da habil e brilhante escriptora, Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Em longo e bem traçado editorial justifica a distincta jornalista o apparecimento do seu jornal e o programma que adoptou.

Saudamos o novo collega desejando-lhe vida longa e cheia de triumphos.

Da *Gazeta do Amparo*.

«A Familia»

Como noticiamos, começou-se a publicar na capital esta interessante revista, de que é directora a Exma. Sra. D Josephina Alvares de Azevedo, dedicada á educação das mães de familia. E' publicada na capital em oito paginas e semanalmente.

Farta de conceitos preciosos sobre a mulher, com os quaes concordamos com prazer, e de leitura variada, o primeiro numero vem mostrar que é essa publicação uma necessidade para aperfeiçoar o espirito da mulher paulista, propondo-lhe uma leitura doutrinaria e amena.

Respeitosamente saudamos á Exma Sra. Redactora e desejamos á sua publicação uma carreira brilhante.

Do *Diario de Soroçaba*.

«A Familia»

Fez a fineza de honrar a nossa officina com uma visita a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo, nossa distincta collega d' *A Familia*, que está nesta cidade, a serviço da empresa de seu bem redigido jornal.

Agradecendo a amavel visita, cumprimentamos a illustrada escriptora.

Do *Norte de S. Paulo*.

RECEITAS DOMESTICAS

MULTIPLICAÇÃO DE CAMELIAS

Eis um processo efficaz para obter mudas desta apreciada flôr.

Escolhido o terreno, humido e sombrio, faz-se uma excavação em fórma de valla, tendo de profundidade 25 centimetros mais ou menos.

Deita-se no fundo da valla uma camada de sal commum.

Isto feito, collocam-se as mudas equidistantes 30 centimetros umas das outras. Enche-se a valla de terra e comprime-se de modo a ficarem as mudas bem apertadas, e não poderem receber no logar da raiz o contacto do ar.

De tres em tres dias, conforme a humidade do terreno, regam-se as mudas, á tarde, com agua fresca.

Em quatro mezes todos os galhos terão raizes e poderão ser transplantados para os jardins, tendo se o cuidado de preservul-os do sol por oito dias.

Para se ter um *bom cozido*, isto é carne cozida que guarde as substancias nutritivas da carne de vacca, deve-se deitar a carne crua na agua assim que esta principiar a ferver.

Depois de 15 minutos de fervura tira-se a panella do fogo e passa-se para o canto da chapa do fogão, de maneira que a temperatura do caldo mantenha-se a 80° cent.

Por esse processo a albumia coagulada fórma como que uma crosta na carne, deixando-lhe toda a substancia nutritiva. O caldo desse *cozido*, porém, é inspirado e não serve para sopa.

Limpam-se bem luvas enxovalhadas, estendendo-as em uma taboa e esfregando-as com uma solução de sabão branco e leite, por meio de uma esponja fria.

Para as luvas de *peau de Suède* procede-se do mesmo modo, com differença apenas de se esfregar com uma flanela branca em vez de esponja.

SECÇÃO ALEGRE

Maria, vai a casa do carniceiro e vê se elle tem pés de porco.

A criada sahio e voltando pouco depois, respondeu:

—Senhora, não pude vêr o que me ordenou.

Porque?

Porque o carniceiro estava de botas.

Toda a população de uma aldeia se achava reunida na egreja parochial, onde o abbade pregava o sermão da Paixão, em sexta-feira-maior.

O bom do padreco batia nos peitos, e soltava exclamações capazes de fazer chorar as pedras; em todos os olhos se viam lagrimas de commoção. Havia apenas um camponez, que estava mais enxuto, e parecia indifferente á eloquencia sentimentalista do prégador.

—Porque não choras tu, alma de pedra? lhe perguntou um outro que se achava junto d'elle

O empedernido respondeu:

—Eu não sou d'aqui; já chorei hoje na minha freguezia.

No jury.

O reu.— E' como digo a V Exc., Sr. juiz. Eu roubo, é verdade, mas não é por minha culpa. Torna-se-me completamente impossivel resistir á idéa de subtrahir qualquer objecto que encontre desacautelado..

O juiz —E' tal qual como eu! Por mais que queira não posso deixar de mandar para o degredo ou para a cadeia todo e qualquer ladrão que venha parar a este tribunal!

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 9 de Março de 1889. — NUM. 15

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

AVISO

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

Faz parte da collaboração de nossa folha a talentosa senhora d. Luiza Thienpont, residente na cidade de Campos

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 9 DE MARÇO DE 1889.

Mães e mestras

CAPITULO VI

CASTIGOS — REPREHENSÕES — PREMIOS

A criança póde comparar-se com o instrumento, que em mãos habeis, dá todos os sons que se quer, e produz uma harmonia cheia de riqueza e delicias, em razão do numero das cordas postas em vibração.

Assim na educação devem todos os affectos bons e máus da discipula, quando bem os saibam manejar, concorrer para seu bem moral e adiantamento.

Não se trata mais do que dar vôo a uns e conter outros com o exemplo, preceito e castigo.

O primeiro fim que se deve têr no castigo é inspirar á discipula vergonha e sentimento de sua falta. Quando estes dois pezares não fazem impressão no caracter, impõe-se-lhe privação d'algum prazer ou distracção, de objecto preferido, para lhe gravar no espirito lembrança tal de sua falta, que d'ahi por diante não trate de n'ella recahir sem que logo se recorde dos tormentos que padeceu; de forma que o instincto de seu interesse conservando-a em guarda contra si propria, se tornem mais raras as recahidas.

Para memorias ingratas e cabeças estonteadas, a quem não bastam advertencias, o castigo é meio quasi infallivel de as reduzir.

A melhor regra para não nos apartarmos da justiça a respeito da criança, será a de nunca a punir-mos immediatamente depois da falta commettida: porque a emoção e a sensação que ás vezes sentimos póde impellir-nos a excessivo rigor e dar assim motivo a que nos arrependamos de havermos decidido com tanta promptidão ou de havermos proferido palavras mui fortes.

Evitaremos estes dous escollios se nos contivermos nestas palavras: Sra. F. a senhora tem de ser castigada,» e não declarando a pena merecida senão depois de tomado o tempo preciso para nos tranquillisarmos interiormente.

E' esta suspensão do castigo além d'isso, de grande effeito depois d'uma falta grave.

Incerteza misturada de temor pesa então no espirito da menina e a leva muitas vezes a reflectir de modo mais sensato do que o fariam longos discursos.

Mães ha que n'estas occasiões se recusam a receber o beijo das filhas ao deitarem-se e adiam sua decisão para o dia seguinte. Parece-nos muito boa esta medida, porque opera sobre a razão e a sensibilidade.

Graças ao progresso, já hoje entre os meios de correcção, se não conta o da força brutal.

Acabaram por comprehender que quando as pancadas não fazem bem causam muito damno; que independente da irritação e da paixão que provocam nos espiritos de certa tempera, embrutecem aos da natureza mais fraca, e que o melhor é uzar das penas que a razão approva.

Entre outras citaremos a obrigação imposta á alumna de copiar, traduzir ou recitar na hora do recreio, um pedaço ou fragmento da litteratura franceza ou estrangeira cujo assumpto tenha analogia com a falta commettida ou com o affecto reprehensivel que a domina.

Seu espirito ganha vigor n'este trabalho, a memoria somma de conhecimentos, e quanto ao fastio que ella experimenta por effeito do amôr natural do descanso e brinquedo, esse mesmo fastio a dispõe para melhor se comportar para o futuro.

O uso de dar por *penitencia* cem e muitas centenas de vezes o mesmo verso para escrever não tem dado resultado mais do que gastar tempo precioso, deitar a perder a boa fórma de lettra, e fazer a menina obtusa pela repetição monotona dos mesmos caracteres. Só será util esta repetição no caso em que se applique a alguma regra de grammatica ou preceito qualquer, cuja lembrança fique com mais segurança estampada na memoria. Fóra d'isso semelhante uso é uma pratica absurda.

Nestas especies de penitencias succede ás vezes que a menina, já de si maliciosa procure exercitar leve ressentimento. Ella diz por exemplo que sabe a licção e pede que lh'a oiçam, mas ao dal-a gagueja e mostra que não sabe; mandão-n'a estudar novamente, e continúa n'este jogo por horas inteiras para fatigar a mestra e tel-a á *sua disposição*. Mas esta então para malograr a astucia, fará muito bem, se depois da primeira prova marcar tempo fixo em que a menina volte a dar lição (eu aqui supponho a menina só no gabinete d'estudo), sob ameaça de lhe dobrar a lição, e de assim o executar.

Esta firmeza previne muitas vezes murmurações, reprehenções, e por consequencia, uma triste serie de sem-razões e de castigos. Por quanto em principio quando a rapariga aggrava a falta com murmurações, a mãe se não póde *tapar os ouvidos*, deve augmentar o castigo, e uma das duas acaba vencendo, e convém a todos os respeitos que não seja a filha.

Quando o amor do brinquedo e do jogo dominar a criança a ponto de a desviar do trabalho e de prejudicar o seu adeantamento, podem cural-a d'essa paixão pela mesma forma de que uzou certo pai para com o filho. Só gostava este de cartas, e exclusivamente se entregava a este prazer, disse-lhe então o pai: «Visto que tens decidida enclinação ao jogo, e que é mixter saber o que fazemos, quero dar-te mestre de Wist, de voltarete, etc.»

Foram com effeito chamados os professores que se succederam com tanta assuidade, que o rapaz cancado das lições aborreceu as cartas e pediu perdão.

Bastaria dizer á menina um dia, com frieza, que ella podia dedicar o dia todo ao divertimento de que tem tanto gosto, e obrigal-a a isso desde manhã até á noite.

A mãe pode ficar certa de que esses dois ou tres dias, empregados ociosamente na apparencia, não serão sem fructo, e que a filha pedirá por favor licença para continuar nas variadas occupações do seu trabalho.

(Continúa.)

A mulher forte

SEGUNDA CONFERENCIA

S. Gregorio de Nazianzo diz, fallando de sua mãi:—«Praticava perfeitamente os conselhos encerrados no livro dos Proverbios: de tal modo fez prosperar os negocios domesticos, que dir-se-hia que nem tempo tinha para se occupar das cousas do céo. E, todavia, era tão piedosa que até parecia estranha aos serviços do lar. Nenhuma d'estas duas obrigações era prejudicial á outra: bem pelo contrario mostravam fortificar-se e aperfeiçoar-se reciprocamente: *Quin potius utrumque alterius ope fulcivit et confirmavit.*

Estas palavras, senhoras, são a evidentissima confirmação de varias verdades muito pouco conhecidas, e que muitas vezes tenho tentado desenvolver nas nossas piedosas reuniões. Nada prejudica a piedade quando é verdadeira, antes melhora tudo, mesmo até os cuidados dos negocios temporaes. Duplica as forças do espirito e do coração, e dá uma actividade maravilhosa; e o que se consede a Deus, muito longe de ser nocivo aos nossos negocios, antes nos multiplica a attenção por elles, a dedicação e os faz produzir melhor resultado. A piedade e os deveres religiosos, semelham-se então ao alimento e á bebida que se dá ao ceifador, no meio do trabalho e durante as grandes calmas do estio. Evidentemente, sob o ponto de vista mathematico, este ceifador perde algum tempo a tomar a refeição e a beber o vinho e a dar descanço ao corpo. No entretanto, quem ousaria dizer que perde o seu tempo? Da-se o mesmo com a piedade: se é esclarecida e bem entendida, em nada prejudicará o cuidado do lar e a attenção que se deve aos negocios domesticos.

Eu desejo, senhoras, que cada uma de vós possa merecer o elogio que S. Gregorio fez a sua mãi; e se todas as mulheres comprehendessem assim a piedade, essa filha do céo seria menos maltratada no mundo. Quereria que se podesse dizer de cada uma de vós: Esta mulher encontra o meio de trabalhar tão bem e tão productivamente para os interesses da sua familia, que parece não reservar nenhum tempo para Deus e para os interesses de sua alma; e, todavia, é tão piedosa que mostra viver independente das cousas externas. E' difficil de operar esta divina mistura, convenho; mas porque não tental-a, se seria tão bella, tão util para os vossos interesses e para a honra da religião?

Após estas considerações preliminares voltemos á explicação do nosso versiculo:—«Ella procurou a lã e o linho e trabalhou-os com mãos sabias e engenhosas»; ao que a escriptura ajunta mais adiante:—A mulher forte tomou o fuso: *Et digiti ejus apprehenderunt fusum.*

Uma das grandes calamidades de muitas mulheres é a de não saberem occupar-se, e occuparem-se de trabalhos de intelligencia, e em breve vos fallarei d'elles. Mas, senhoras, não se ferem impunemente as leis da Providencia, e se ha casos excepcionaes, a regra geral nem por isso subsiste menos. Deus fez-vos para as occupações do lar, para o regulamento dos negocios do interior, para o cuidado das minimas particularidades. Para isto tendes uma certa somma de actividade que a Providencia vos repartiu; se a não empregaes ella poderá voltar-se contra vós, mudar-se em veneno ou talvez em vicio. Que ha mais commum na nossa época do que a mulher incomprehensivel? Não quero dizer demasiado mal d'essas imaginações, muitas vezes doentias, e que, sob este ponto de vista, tanto são para lamentar, como para censurar; mas não trabalham ellas proprias em tornar o seu mal incuravel? E se a sua alma é incomprehensivel, não vem isso de ser o seu genero de vida tambem alguma cousa incomprehensivel? Em vez de se occuparem de cousas que convenham ao seu sexo, gastam o tempo a sonhar; tem o cerebro em constante trabalho phantastico; levantam castellos no ar.

As mulheres sérias preferem o terreno das realidades e naturalmente não comprehendem aquellas quando as encontram. Nada ha mais proprio para o desenvolvimento de vapores illusorios do que o genero de existencia mais ou menos chimico; os nervos continuamente destendidos fatigam-se e acabam por se irritarem, tomando uma tenção doentia; a doença torna-se chronica, e deste modo nascem as existencias inclassificaveis, que são, no meio das realidades da vida, como verdadeiras sensitivas que tudo retrahe e que tudo irrita, e das quaes a primeira causa de irritação está no proprio interior sem que ellas o pensem.

Recordo-me de ter outr'ora encontrado nas montanhas de Morvan mulheres que viviam n'uma especie de covis; I vantando-se ao romper da manhã, e passeando por toda a parte uma saude florescente e um rosto sempre radioso, posso assegurar-vos que ellas não tinham illusões, porque lhes fallecia o tempo para as alimentarem.

Se quereis, senhoras, passar bem de corpo e espirito, evitai, com extremo cuidado, os estados scismadores, os habitos dos passeios aéreos, em que a intelligencia e o coração se esgotam no vacuo.

Eu gostaria mais, se não tivesseis outra occupação, que fosseis passear ao Mail; ao menos a briza do mar faz bem e dilata o peito, em quanto que a atmosphera de certos devaneios estiola a existencia physica e moral, sobretudo quando se junta a isto a desgraça das leituras de romances mais ou menos sensuaes, que são para a alma o que são para o corpo o

opio e certas plantas narcoticas do Oriente. Devaneios indolentes, pezarosos, e, algumas vezes, voluptuosos! Devaneios acompanhados de leituras romanescas, vós tendes matado mais mulheres do que as enfermidades!

(Continúa.)

Rosa

Quando a vi a vez primeira, foi na longa avenida que conduz ao logarejo denominado Wetteren, acompanhada de algumas amigas, que com ella iam assistir os officios religiosos que se celebram á tarde, aos domingos, em todas as igrejas das nossas aldeolas,

Affectava no meio das outras uma certa distincção que necessariamente devia atirar a attenção de todos. Rosa era filha d'um dos maiorães da aldeia e herdára o caracter jovial de seu pai e a distincção e elegancia de sua mãi.

Trajava esplendidamente n'aquella tarde de verão, um vestido côr de creme de *toile de Vichy*; as vivas cores das fitas amarantinas que o enfeitavam, e que com esmero gosto atára aos cabellos, contrastavam nimiamente com os pallores da sua tez delicada e de seu vestuario, ao mesmo tempo que lhe davam toda aquella graça que caracterisam as jovens pensionistas sahidas ha p o u c o de d'uma casa de educação.

Ao regressar para a casa paterna viemos conversando sobre os rigores do sermão que o vigario pregára, e nessa mesma tarde, sentindo reciproca sympathia, estreitos liames de amizade prenderam nossos jovens corações.

Ella expandia uma alegria para mim ainda incomprehensivel, quando voltando-se para as outras que em caminho se haviam demorado, chamou-as com impaciencia e disse-me com toda meiguice: «hoje, *elle* vai á nossa casa.»

Elle? quem podia ser sinão o eleito do seu coração, a illusão de todas as jovens: elle! Elle... seu amor, sua vida, seu todo!

Então amas? perguntei-lhe.

«Amo, sou amada... amo loucamente!» e pronunciando estas palavras com exaltação, acompanhou-as d'um gesto lyrico e levantou seus grandes olhos romanticos para a vasta cupula celeste.

Como parecia feliz! como devia sel-o! Oh! Rosa, como eras bella assim... Divinamente bella! ainda mais bella que as mais bellas rosas.

* * *

Mais tarde, na estação invernosa do mesmo anno recebi uma carta com beiradas de luto e da qual desconheci a calligraphia regular do endereço; abri-a com um sentimento mixto de curiosidade e de receio. Participavam-me a morte de Rosa, da minha inditosa amiga, que não podendo resistir ao golpe horrivel que a ferira tres dias antes roubando-lhe o esposo, que idolatrava, morrera d'uma febre cerebral das mais intensas gritando arquejante nos atrozes momentos de agonia:

«Meu idolatrado, meu venerado esposo! para onde foste tambem desejo ir!»

* * *

Por occasião do anniversario de seu passamento, suas amigas sobre sua campa iam levar um quadro allegorico representando a vida por uma joven romantica, enfeitada de grinaldas feitas de rosas, e estendendo uma das mãos para o amor e a outra para a morte, fechando assim o circulo fatal da existencia.

Todas as vezes que narro a triste historia d'essa amiga, nunca esquecida, sempre findo-a dizendo:

«E rosa ella viveu o que vivem as rosas:
«O espaço d'uma manhã!

Campos—Fevereiro—1889.

Luiza Thienpont.

Catastrophe

(NA FLORESTA)

«Espera aqui, meu anjo; vou ligeira
«Ao paesinho chamar para comer;
«Na relva bate a sombra da mangueira;
«Espera um pouco, filha, sem temer.»

Dizendo, corre a joven n'um instante
A convidar o esposo, e volta já
Mas ah! n'um grito agudo, lacerante,
Vem vêr horrorisada o que se dá!

Avista a filha n'um dorido anceio
Com feia serpa que tragal-a veio.
Que a morde e lucta e a engulir não póde!

O pae afflicto ao desespero acóde!
E vendo o corpo que o reptil sacóde,
Louco, da esposa parte a fronte ao meio!!

Candida Fortes.

A nossa apathia intellectual

A providencia impoz-nos como lei o aperfeiçoarmo-nos, e sendo o homem um ser eminente perfectivel, é claro que a sua carreira terreal, deve ser um incessante progredir.

Este seculo nos faz conceber as mais bellas esperanças, quando contemplamos cheios de admiração e enthusiasmo, o desenvolvimento extraordinario, a superioridade incontestada da intelligencia humana que parece marchar com progressos rapidos á conquista dos seus lisongeiros destinos. O gosto pela leitura tornou-se uma das feições caracteristicas do presente seculo, e assim a sciencia que em outros tempos era apenas a partilha das classes previlegiadas é hoje commum e accessivel a todos.

Mas á medida que a intelligencia humana se depura e engrandece ao derredor do homem, nós com pequenas restricções nos conservamos estacionarias e resistentes á marcha do progresso, que dia a dia mais nos impõe o imprescendivel dever de despertarmos da nossa lethargia intellectual. Que aprendemos alguma cousa mais que nas epochas medianas já é sabido; mas temos sempre muita pressa, passamos rapidamente pelos estudos, como se receiassemos que o futuro se nos escape e forcejámos por apanhal-o. Se como se diz nada perdura, senão o que é fundado com vagar, esses conhecimentos superficiaes que não conseguiram aperfeiçoar, avigorar e enriquecer a nossa intelligencia, educando-nos ao mesmo tempo o coração, vascillam ao mais leve sopro deixando-nos n'esse estado incerto e nebuloso, que é o caracteristico da nossa instrucção tão contraria ás idéias do seculo, e ás grandiosas conquistas operadas pelo progresso.

E devo confessar aqui uma cousa bem humilhante para nós, a leitura que podia tornar-se-nos um instrumento de educação, de bem perduravel e solido, a fonte dos nossos mais puros gozos, infelismente não está generalisada entre nós, sempre habituadas a entretermo-nos nas horas de descanço com sensações e não com idéias, não sentimos nenhuma affeição pelos livros. Os prazeres elevados que a leitura proporciona, não póde luctar vantajosamente contra os enganosos attractivos que nos dão a posse immediata de alguns gozos frivolos.

A mãe de familia responde-nos logo que os multiplos e successivos affazeres do lar, absorvem-lhe todo o

tempo, sem que lhe reste um só instante de repouso.

A filha tambem dirá que as difficeis licções do professor de piano e os cuidados da sua toilette, não deixam-lhe tempo algum para a leitura.

D'este modo abismadas na nossa ignorancia e indifferença, parece que nada inspira-nos gosto pela cultura do coração, nem desperta-nos um nobre orgulho pelo bello e pela supremacia intellectual. Se a perfeição é intangivel n'este mundo, diz um escriptor, nem por isso devemos deixar de aspiral-a, se não quizermos descrêr da nobreza d'alma. No outro dia li um bem elaborado artigo assignado por mão feminina, no qual a talentosa escriptora animada dos mais generosos intuitos, fazia um appello ás senhoras que se dedicam ás lettras, afim de escreverem romances moraes e scientificos, avivando-nos n'alma o suave e ineffavel influxo de virtude e de bondade.

Como todos sabem a litteratura presentemente tem assumido proporções deploraveis. O romance diz G. Torresão tornou-se o que é hoje o theatro de Sardou e Dumas Filho, e a Madame Bovary de G. Flaubert, isto é, um transumpto de realidades hediondas, uma especie de fiel resenha do que se passa, de peior (de melhor nunca!) em cada *ménage* dissolvente mordida pela lepra do adulterio.»

O seculo XIX com todos seus visiveis progressos, multiplicando indefinidamente as conquistas do homem, e facilitando-lhe a acquisição de todos os gozos sociaes, impelle-o allucinado por um pendor irresistivel, por uma especie de nevrose cerebral á desordenada furia dos prazeres materiaes, que endurecem-lhe o coração e atrophiam-lhe a sensibilidade. E embora o contestem, porém o que é certo, é que os costumes d'uma epocha, a sua influencia e seu influxo persistente accentuam-se logo nas instituições, nas idéas e sobre tudo nas obras de arte de uma geração inteira. E por isso a litteratura é o que vemos, porque quanto mais são mesquinhos os costumes da epocha, tanto mais se patenteia a ausencia de sentimento e de verdadeira aspiração.

Mas desviando-nos prudentemente d'estas reflexões, limitemo-nos apenas a fallar ainda que ao de leve, sobre as impressões que nos foram suggeridas pelo bello artigo da auctora da Filha de Jephet, a qual com o seu fino criterio, revela mais ou menos o pensamento de um distincto escriptor, quando diz o romance que merece este nome, é um incitamento á virtude, e á propria moral em acção.

Com rarissimas excepções, o pathetico o sentimental e o idéal predominam em todas as obras de arte assinadas por mão feminina, e se como diz Fontenelle, o romance é a historia do coração, não poderá ser escripto de outro modo, a menos que a escriptora queira renunciar a terna e delicada sensibilidade de mulher.

Antigamente diz uma escriptora que temos presente, a sensibilidade, essa preciosa e rara flor que desabrocha no coração humano, perfumando-o, engrandecendo-o, dulcificando-lhe as angulosas imperfeições era uma virtude celebrada na vida real em cultos de enthusiastica adoração, divinisada no mundo ficticio da arte pelos poetas, sacerdotes inspirados da religião do amor.

Hoje, no ultimo quartel do seculo XIX, em pleno regimem de Zola e de Darwin, a sensibilidade é quasi um crime!

Como todos sabem, o processo das novas escholas tende a fazer desapparecer a personalidade do escriptor por detraz de sua obra; essa impersonalidade que para attingil-a ao homem basta apenas uma pequena força de vontade, para a mulher seria preciso esforços quasi sobrehumanos, o mais doloroso dos sacrificios.

Entre as raras senhoras que no Brazil se dedicam ás lettras, algumas ha que affrontando os preconceitos da sociedade, a indifferença e o desdem esmagador que votamos ás obras de arte, especialmente das nossas patricias; teem ensaiado a poesia, o romance e o drama, mas á vista da frieza com que as acolhemos, podemos dizer que a escriptora muita vez terá de contentar-se com uma unica e silenciosa leitora—a propria auctora.

E não exageramos (pelo menos quanto ao circulo em que vivo) onde já tivemos uma bem dura experiencia.

Ante uma tal perspectiva, creio mesmo que até os mais arrojados talentos, as mais decididas vocações, sentir-se-hiam esmorecer, quanto mais escriptoras noveis que ainda precisam de muita animação e estimulo para os seus primeiros e hesitantes passos.

O que acontece é que qualquer d'estas vocações apenas despontam, feridas por tanta indifferença, por tanto desamor, estiolam ou morrem, sem legarem cousa alguma que deveras nos honre e á patria.

Estamos porém convencidas que provem tudo isto da negligencia dos nossos educadores que nunca souberam incutir-nos o gosto pela leitura, uns pelo infundado receio de que a intelligencia esclarecida nos induza ao erro, como se o cego pendido em um terreno alcantilado, tivesse menos probabilidade de cahir do que o individuo de vista clara e segura, outros por descuido, e além disso são tantas as futilidades que nos preoccupam, que jámais resta-nos tempo para consagrar-mos á leitura.

Em um paiz estrangeiro, cujo nome me não occorre agora, as operarias das fabricas, não querendo perder o ensejo de se instruirem, dividem entre si o trabalho de qualquer das companheiras que lêem bem, e emquanto as suas mãos occupam-se nos mais rudes misteres das officinas, os seus ouvidos seguem attentamente a leitura, e assim sem perderem um só minuto de trabalho, nem por isso deixam de cultivar o seu espirito.

Ouçamos porém a voz auctorisada d'um illustre escriptor em referencia aos filhos da famoza Albion.

Na Inglaterra o viajante no seu wagon, o cocheiro na sua almofada, o operario na sua officina, o criado de servir na sua cozinha, a mãe de familia no interior de sua casa, a criança nas suas horas de recreio, todos elles teem o seu livro especial, familiar, querido que os acompanha em todos os trabalhos e distracções.

A instrucção da mocidade e das classes laboriosas, merece particularmente os desvelos da imprensa ingleza. Os principios elementares das sciencias são diariamente expostos debaixo das formas mais comprehensiveis no *The Popular Educater*. Pequenos folhetos e jornaes com suas historias e figuras, deleitam tambem a imaginação das crianças despertando-lhes desde os primeiros annos o proveitoso gosto da leitura.»

Em conclusão diremos que emquanto a nossa instrucção for concedida n'essa especie de molde fatal, que nos atrophia o desenvolvimento da personalidade, emquanto não tivermos uma comprehensão mais nitida e mais real do dever, nunca renunciaremos ás futilidades que presentemente nos preoccupam, e nem a litteratura entre nós conseguirá jámais despertar-se da apathia que a enlanguece e adormenta.

Taubaté, 3 de Março de 1889.

ANALIA FRANCO.

Ecce homo!

«Eis aqui o homem!» — disse o proconsul Pilatos ás turbas, apresentando-lhes na varanda do pretorio o joven de Nazareth todo chagado!... E as turbas responderam vociferando: «Crucifica-o! crucifica-o!»

Quão dolorosa não deveria será sua naturesa de homem aquella atroz ingratidão do populacho! Elle, que, em todo o seu transito pela terra, tinha disseminado o amor, a paz e o perdão!... E quando o odio dos escribas e dos phariseus o entrega á justiça da terra, todos o abandonam!

Todos, não! Pedro, a quem para exemplo de humildade lavára os pés, ousa negal-o; elle e os mais discipulos fogem; só fica um... um para representante de toda a humanidade: as mulheres não fugiram... ellas, sim... pois se eram mulheres!... ellas lá vão arrostando com os insultos da plebe, com as ancias do espectaculo, e uma d'ellas era a mãe! E' que nos corações feminis não se aninha a cobardia... ahi ha valor para os transes da agonia; ha despreso para as barbaras affrontas; ha sempre energia na manifestação dos sentimentos. E como o divino agonisante se não esqueceu de formular o seu intimo pensamento!

«Mulher, eis-ahi o teu filho!» como se dissesse: — «Mãe do Redemptor, acolhe em teu regaço amoroso os filhos que geraste na dôr do meu supplico!» «Filho, eis-ahi tua mãe!» Homem, sujeito ás miserias da vida, recorre áquella que, formada ao sopro das misericordias divinas, tem de ser, perante o throno, um vaso de propiciação.

O covarde proconsul poderia dizer ás turbas:—Sim, eis aqui o homem que, em suas visões tradicinaes, descreveram os prophetas! Eis aqui o homem no qual se resumem todas as glorias do céo, todas as angustias da terra! O homem que, ha trinta e tres annos, soltou infante os primeiros vagidos no desamparo de um estábulo, e que logo depois recebe no regaço gracioso da joven mãe as homenagens de sabios e anciãos que lhe tragem offertas symbolicas!

Sim; eis aqui o homem que vem derribar a sinagoga, essa rainha de quarenta seculos! O homem que vem abater o polytheismo, esse tyrano orgulhoso da imbecilidade popular! O homem que vem dizer á philosophia: —«fecha os teus livros, porque as suas maximas são erradas; as verdadeiras são estas: as do Evangelho.» O homem, finalmente, que vem dizer ás paixões humanas; — «Emmudecei perante o meu exemplo! E vós, irmãos, amai-vos uns aos outros e sereis bons e justos, como nosso Pai quer que sejam.»

Salve, Cordeiro immaculado, martyr das nações; amigo incomparavel de toda a humanidade; a tua moral sublime e santa ha de prevalecer sobre todas as obras da philosophia terrena como prevalece a luz do sol sobre todos os luzeiros da immensa arcada dos céos.

Maria J. Canuto.

A mulher dá-nos a vida, acompanha-nos na terra e fecha-nos os olhos. Santa e doce trindade: mãe, esposa, filha, a mulher é sempre o nosso anjo da guarda.

Oscar de Poli.

A sempre-viva

Tenho guardada n'um cofre
Aquella flôr que me deste
A sempreviva florsinha
Minha cativa fizeste.

Coitadinha já não vê
A luz do sol que a criou
Já não recebe da briza
A aragem que a bafejou.

Já não recebe do orvalho
As gottas vivificantes
Que aos raios do sol brilhavam
Fulgentes quaes diamantes.

Perdoa-me ó sempre viva
O dar-te tão dura sorte
E sempre viva, em minh'alma
Vivirás até á morte.

Por sol terás os meus olhos
Não deixarei de te ver
Es sempre viva em minh'alma
Não poderás fenecer.

Por briza teras mil beijos
Que de continuo hei de dar-te
Meu pranto será o orvalho
De lagrimas hei de orvalhar-te.

E's sempre viva em minh'alma
Bem dentro do peito meu
Perdoa-me sempre viva
Perdoa a quem te colheu.

Côrte, 28 de Fevereiro de 89.

Virginia Vieira da Costa.

Phantasia

Era um dia, um amanhecer sombrio e pesado.

As nuvens corriam vertiginosamente, tomando fórmas extranhas, medonhas, atterradoras.

As aves fugiam espavoridas d'arvore para arvore, d'abrigo para abrigo.

A atmosphera era quente e abafadiça: a escuridão cada vez mais profunda.

De repente ouviu-se um ruido enorme, precedido de um clarão vivissimo e instantaneo.

Parecia um desmoronamento. O ruido augmentava, os relampagos succediam-se, as avesinhas cahiam mortas e as flores tombavam no chão abrasador.

A' luz d'um relampago pude ver um vulto caminhando apressadamente pela parte mais arida, mais pedregosa da montanha em que eu me achava.

Corri para elle.

Era um velho de longas barbas brancas de neve. Na fronte, crestada pela ardentia do sol, sulcada de rugas, brilhavam uns olhos d'extranho fulgor.

Levava na mão um bordão, que lhe amparava o corpo, curvado ao peso dos annos e, talvez do soffrimento...

Assustada e tremente pedi-lhe soccorro.

Olhou para mim, sorriu tristemente e disse-me:

«Deixa-me seguir creança! Não posso ficar: sou o Ashaverus de fenda. Caminho, caminho sempre! Vês aquella luz ao longe?—Heide alcançal-a. Tu não tens força para seguir-me. Vês?— Estou velho, cansado, levo os pés feridos e estou ainda longe tão longe!... Deixa-me seguir...

E caminhou, caminhou!... dentro em breve desappareceu.

O estreito e aspero carreiro que elle seguia ficava salpicado com o sangue que lhe corria dos pés.

N'um momento tudo se desfez. O sol erguia-se magestoso n'um céo formosissimo; a brisa brincava mansamente com os meus cabellos; as aves chilreavam uns cantos mais melodiosos que nunca.

Então ouvi uma voz serena e meiga que dizia: «Aquelle velho é a *humanidade*; o bordão a que se encosta é a *esperança*: o caminho que percorre é a *vida*; a estrella que elle procura attingir é a *felicidade!*

Elvira Tovin.

A Cigana

Extraordinaria raça !...

Forte, dotada de arcabouços amplos, de musculatura rija, de sangue, de fogo e de pelle de aço, como os velhos Titans mithologicos que tiveram um dia o insolente capricho de esbofetear o céo... n'uma metaphora de pedra e cal. Pueril, esquiva, supersticiosa, ignorante, como a recemnascida das civilisações !...

Extraordinaria raça !...

« Extraordinaria e feliz », pensa-se, instinctivamente, ao vel-os chegar de longe, estreitamente unidos, formando uma só familia, para não dizer uma dymnastia, viajando juntos, como as andorinhas, amando-se, com o doido exclusivismo que anticipa os gosos celestiaes, no desdem absoluto de todas as leis divinas e humanas, de todas as theocracias e autocracias, atravessando ao cair da tarde, a gandara poeirenta e escalvada mergulhada na atonia do crepusculo, e abrindo de subito no tom pesado e uniforme da paisagem, um traço de um colorido pittoresco e unico: ou subindo,—ao amanhecer por entre as pompas gloriosas da madrugada, quando as folhas das arvores scintillam como esmeraldas e as gottas do orvalho tremeluzem, soltando-se das petalas das flores, como um fio de aljofares que se desata, a collina arborisada, afogada em luz, impregnada dos cheiros acres dos fenos que ondulam no fundo da planicie, (como um lago verde encrespado pela viração) perfumada pelo tomilho e pela madresilva, vibrante do pipitar dos pintasilgos que esvoaçam doidamente, e descançando por fim á sombra dos choupos e das oliveiras, bebados de sol, de musica, de perfumes, de todo esse festim uberrimo offerecido pelo grande amphitryão—a natureza—aos passaros e aos vegetaes em geral e em particular aos ciganos, — passaros tambem, aves nomades que vôam sem destino e sem norte, amando, cantando talvez, e lendo nos astros, nas plantas, nas linhas que se cruzam na palma da mão, a palavra mysteriosa do destino...

E todavia sobre essa raça vigorosa e robusta, sobre essa tribu independente e altiva, que é como que um desafio atirado ao nosso organismo depauperado, á nossa civilisação submettida á tyrannia do preconceito, pésa uma melancolia, perfeitamente typica, que não se parece com o tedio moderno inseparavel das peccadoras cobertas de diamantes e dos dandys gafos de divida.

Será, á semelhança do que succede aos israelitas e aos polacos, a nostalgia do berço ? Devoral-os-hão, instinctivamente, as saudades da patria, debuxando-lhe, em paineis invisiveis, os palmares, os templos de Brahma, a floresta sagrada, a mogreira florida, o Ganges, desdobrando-se magestoso, todos os esplendores d'essa querida India de que foram expulsos ?... Recordar-se-hão, herdando de pais para filhos as tradições adstrictas á sua casta, da Ethiopia, do Egypto, d'onde trouxeram o nome de *gangui* correspondente ao de uma provincia ethiopica convertida, mais tarde pelos inglezes no de *gipsies* ?

Serão ainda essas visões retrospectivas que absorvem, communicando-lhe uma tristeza insondavel, o olhar da formosa cigana, objecto especial do meu artigo ?... Quem póde arrancar o segredo que se occulta no fundo d'esses grandes olhos negros, velludosos, illuminados de um fogo estranho, em torno dos quaes brincam, como uma florescencia dos tropicos, os cabellos escuros, crespos, torcidos em espiras, que se lhe desenrolam nos hombros ?... Se é verdade, como disse um poeta, que o coração da mulher é um abysmo no fundo do qual existe um perdão, resta saber o que existirá no intimo do coração de uma leitora da *buena-dicha*.

GUIOMAR TORREZÃO.

O coração de uma mãe é um abysmo, em cujo fundo ha sempre um perdão.

Caridade

Caridade, meiga virgem,
Volvei teu olhar piedoso
Para o pobre desditoso
Que não tem pão, nem calor ;
Aquece em teu seio puro,
E afaga com teu carinho,
O desherdado orphãosinho
Que por mãe só tem a dôr.

Das virtudes a mais nobre,
Mas bella, santa e querida,
Em ti encontra guarida
Da sorte o desprotegido ;
Espinhos mudando em flôres
Sê bem vinda caridade,
Meiga virgem da piedade
Conforto do desvalido.

MARIA FEIO.

A mulher

O artigo que se segue, uma das joias litterarias do notavel escriptor Emilio Castelar, é sem duvida uma das paginas mais brilhantes da litteratura moderna.

A MULHER

Filha ou mãe, mulher ou amante irmã ou esposa, nós nunca lhe disputamos nem o primeiro affecto em nosso coração, nem o primeiro lugar em nossa casa, nem o primeiro dominio em nossa alma.

Nunca ouvireis em nossas conversações essas contendas sobre a superioridade de um sexo ou a inferioridade de outro, que em tantas circumstancias tem agitado a litteratura moderna.

As qualidades exclusivas do homem são necessarias para o trabalho e para a lucta, mas as qualidades da mulher são necessarias para a poesia e para o amor.

Entre nós, que creámos as virgens sem mancha de Murillo calçadas pela lua e cingindas pelas estrellas, com as plantas sobre a terra e a fronte no ether, o sexo formoso vê reconhecidas por todas as qualidade da inspiração, da virtude, de affecto, de caridade, muito superiores sem duvida ás necessarias, mas rudes as qualidades do homem.

Entre nós é um dogma a idéa do amor, talvez, de todos os nossos poetas, a idéa calderoniana, de que si o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céo desse mundo.

A mulher reserva sempre para si a primeira e a mais fundamental educação do genero humano, a educação do sentimento, porque a mulher recebeu na sociedade o sacerdocio mais divino e mais sublime da natureza, o sacerdocio de mãe.

De mim direi que, quando me contemplo, quando me examino e, sobre tudo, quando contemplo e examino com os olhos da consciencia os meus defeitos ; quanto em mim se enclina para a terra e seus abysmos, quanto dentro em mim aborrece e combate, quanto é sombra e lucta e egoismo e soberba e orgulho, a mim o devo exclusivamente ; emquanto que tudo aquillo que póde haver em mim de bom, as cordas mais delicadas do meu coração, os affectos mais bellos da minha vida, a compaixão affectuosa, a caridade ardente, o olvido e o perdão das injurias, o amor do bem e da honra dos meus semelhantes o culto das idéas, tudo quanto pode

elevar-me, engrandecer-me, converter-me, de um ser tão fraco e debil em um desses seres privilegiados, cuja passagem deixa uma esteira luminosa e inextinguivel na historia, tudo quanto ha em mim de elevado e de grande, tudo eu devo a minha mãe.

Para onde quer que volvaes os olhos onde quer que penetreis com o pensamento, no oriente, no occasso das civilisações, no berço e no sepulchro dos povos, nos paramos do idéal e nas tristezas da realidade fluctuando como uma estrella sobre os campos de batalha, e apparecendo como uma luz divina sobre os céos da arte, a mulher dá sempre a vida o seu mel mais saboroso, a poesia o seu matiz mais delicado, ao coração toda a magia do seu encanto, á dôr o seu balsamo mais reparador e ao enthusiasmo o seu fogo.

Vede-as: Exa, no crepusculo matutino da vida, no berço do genero humano; a sacerdotisa chamada estrella dos mares no cume do Sinai com o cantico da liberdade de Israel nos labios perfumados pelo incenso dos desertos: Helena sobre o sepulchro de Troia ou Ephigenia sobre o berço da Grecia, inspirando aos sacerdotes que fundam Roma a idéa do direito; Lucrecia a idéa da igualdade, no pé da cruz, onde as revela o novo Deus, Magdalena representando a humanidade regenerada pelo arrependimento; e ao pé do sepulchro, onde se dissolvem os antigos deuses, Hypathia repetindo os queixumes da alma da natureza, que se evapora nos ares: entre as sombras da idade media, os olhos de Beatriz, que levão o céo da esperança ao inferno do feudalismo e entre os horrores da guerra universal e implacavel amor de Heloisa.

Na renascença: junto de Petrarcha, Laura; junto de Raphael a Fornarina junto do grande solitario, parecido no seu isolamento ao deus dos semitos; junto de Miguel Angelo, austero como os prophetas, o amor platonico e idéal da Victoria Colloua; e em nossos dias, desde a pobre Margarida, de Fausto, que passa de innocencia ao peccado pelo amor e do peccado ao céo pela oração até á pobre senhora que passa dos sonhos da revolução aos horrores da guilhotina, todas representam o idéal que tortura, o amor que desassocega e eleva a perpetuidade de suas dôres, a fórma eterna de nossas artes, o coro immortal de nossas idéas, coro divino daquellas que, com os pés rasgados pelos espinhos colhidos nos caminhos escabrosos da vida e com as perdidas nos esplendores do céo, recolhem as lagrimas do genero humano, e lhe enviam em troca, o fogo da fé a luz da inspiração e da esperança.

A' minha mãe

(Traducção)

Mãe do coração!... tão doce nome,
illumina a historia de minha vida,
que Deus em sua celestial bondade
cede, qual de amor, do ceu cahida.

Outras s' ufanam ao pronunciar seu nome
e verem no todo sua ambição cumprida,
e eu desejo para ti maior ventura
e um esplendor q' assombre, ó mãe querida

Mostraste, qual nenhuma, carinhosa,
os thesouros d'amor q' tua alma abriga,
e foi teu eterno afan ver-me ditosa

Pelo carinho immenso que nos liga,
em minhas orações peço fervorosa,
que o Rei do ceu e da terra te bemdiga.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

O verdadeiro orgulho de uma mulher deve medir-se pela intensidade dos sentimentos que ella inspira.

As mulheres na medicina

(CONTINUAÇÃO)

Nesta especialidade, como em muitas outras, a republica dos Estados-Unidos marcha na vanguarda do progresso.

O estudo da medicina, theorico e pratico, pelas moças é ahi feito com um desenvolvimento desconhecido em qualquer outro paiz do velho mundo.

Ainda ultimamente, 48 moças alumnas da Universidade de Washington, partiram para a Europa, acompanhadas pelo professor Leonis para visitarem os principaes hospitaes.

Comprehendem os leitores as vantagens de um curso pratico e itinerante na companhia de um professor capaz de guiar as suas alumnas em seus estudos e observações.

Recommendamos constantemente estas vantagens de instrucção a todas as universidades e academias.

No Brazil, pelas informações que temos, só ha viagens semelhantes nos programmas das escolas de marinha e polytechnica, estas nos limites do paiz quando muito mais vantagosas seriam se comprehendessem a Europa, e principalmente os Estados-Unidos.

As discipulas de medicina da universidade de Washington estenderam sua excursão scientifica até a Italia, visitando muito especialmente os hospitaes e estabelecimentos sanitarios de Veneza, do jugo austriaco e que foi depois exercer sua profissão em Roma.

Nas escolas de medicina desta republica estudam muitas estrangeiras; sabem nossos leitores que ha mesmo uma brazileira. D'entre as discipulas estrangeiras tem adquirido certo renome á doutrina italiana D. Maria Velleda Turné, natural da Bahia.

A patria desta doutora traz á lembrança mulheres celebres que foram professoras em sua antiquissima universidade, fundada no principio do seculo XII, em 1119, isto é ha 759 annos.

Effectivamente, no seculo XIV, ahi liccionou Novella de Andréa, a qual, dizem os chronistas, era ao mesmo tempo de tanto talento e de tanta belleza que era obrigada a liccionar coberta por um véu, para que os discipulos não se distrahissem na contemplação de sua peregrina formosura.

Professou, posteriormente, physica e mathematicas, nessa mesma celebre universidade, onde em 1789 Joseph Colvani tinha de realizar a sua immortal descoberta, a Sra. Loura Bassi; citam ainda as doutoras Manzolina, que professou mathematicas, e Clotilde Tramboni, que ensinou a bella lingua grega de 1794 a 1817.

Por outro lado, o monopolio das profissões importantes e lucrativas pelo sexo masculino constitue hoje um grave obstaculo á constituição da familia.

Os progressos industriaes têm criado um sem numero de necessidades, umas reaes, muito ficticias, que tornam a vida muito cara.

A vaidade do sexo feminino faz hoje da mantenção de uma senhora de boa sociedade pesados encargos; só vencimentos extraordinarios, ou fortunas herdadas podem chegar para a toilette de senhoras, mesmos das que se dizem modestas no vestir.

Prescindindo mesmo de extravagancias em compras de perolas e diamantes, o vestir das mulheres na

actualidade custa sommas importantissimas.

Todos os moços de juizo, antes de cederem ao amôr, fazem o balanço entre seus vencimentos e a despeza que lhe vae trazer a familia, a mulher, filhos, filhas e quasi sempre os parentes da mulher.

O resultado deste triste balanço é, a fatal abstenção do casamento, em prejuizo do corpo e da alma dos amantes.

Os casamentos serão muito mais faceis quando os nubentes forem ambos capazes de trabalhar e de concorrer para a sustentação e bem estar da familia; a economia domestica fará então progressos reaes; findará o primeiro motivo das rixas conjugaes; o prurido de gastar das mulheres em futilidade, a despeito dos deminutos haveres dos maridos dehonra e de vergonha.

Quantas vantagens não resultarão do casamento entre dous amantes, que se dediquem á mesma profissão.

Imaginae marido e mulher exercendo a medicina; o marido tratando dos homens e a mulher das crianças e das moças: quanto não ganhariam em sciencia a experiencia, communicando-se, intima e cordialmente, seus estudos e suas observações?

Em vosso egoismo vós dizeis que basta á mulher saber curar as erysipelas e os rheumatismos creados pela gula e pela incontinencia no corpo dos maridos; pois bem com certeza a mulher instruida na medicina saberá melhor curar, e principalmente, prevenir as molestias consequentes a uma vida brutal e desregrada; não arruinará a saude dos filhinhos dando-lhes gulodices insalubres; não atrophiará os corpos das filhas, comprimindo-os entre vergas de aço para satifazer aos caprichos de modas estupidas.

Abri as portas das academias de medicina, franca e generosamente, a todas as mulheres de talento e de boa vontade.

A mulher foi creada medica dos corpos e das almas. São ellas as consoladoras por excellencia; tem phrases singelas, mas eloquentissimas, que sabem só as mães e as irmãs.

Sabeis porque a sagaz theocracia organisou esse immenso exercito de irmãs de caridade?

E' porque ella aprendeu, antes de de vós, que a mulher tem muito mais aptidão do que o homem para a medicina.

Educae a mulher para anjos de caridade e não para odaliscas e bacchantes; aproveitae os immensos thesouros de paciencia, de caridade e devotação, que o bom Deus encerrou em seu coração, se quereis ter esposas verdadeiramente boas e uteis; mães sabiamente extremas; com isso anhelaes, em uma só palavra, melhorar a sorte de toda a humanidade nos seculos futuros.

As pessôas que se divertem muito, aborrecem-se por força.

CHRISTINA DA SUECIA.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Com este sublime titulo acaba de sahir á luz na capital desta provincia uma revista semanal, sob a direcção da exma. sra. d. Josephina A. de Azevedo, professora.

D'esta importante publicação só recebemos os numeros 3 e 4, que,collaborada pelas mais illustradas senhoras, torna-se um cofre de muito bonitas joias litterarias.

Agradecendo a agradavel visita da contemporanea, retribuimos com o nosso modesto *Bouquet de Flores*; e, oxalá sejamos sempre dignos de receber tão amavel collega de imprensa.

«A Familia»

Pelo ultimo vapar, veiu-nos de S. Paulo o segundo numero d' *A Familia*, uma revista em oito paginas, dirigida pela Exma. Sra. professora D. Josephina Alvares de Azevedo.

A Familia tem uma nobre missão na sociedade: Educar a mulher.

Este objectivo e a sympathia do nome da sua directora, que recorda uma das maiores glorias da poesia brazileira, predispõem em favor da revista que, seja dito em seu abono, offerece leitura amena e variada.

Da *Federação*.

RECEITAS DOMESTICAS

A SALADA DO PRINCIPE DE GALLES

Offerecemos a receita da salada, inseparavel do *menu* de Marborouyh-House, residencia do principe de Galles.

Depois de separar uma porção de sardinhas fritas, limpam-se ligeiramente, tira-se-lhe a espinha do centro e cortam-se em pequenos bocados. Em seguida junta-se-lhes olhos de alface, agriões, cerefolio, alcaparras picadas, e depõe-se tudo na saladeira. Depois misturam-se duas gemmas de ovo com sal, pimenta, mostarda e pimentão de Cayena; tempera-se gradualmente com tres colheres de azeite e duas de sumo de limão. Mexe-se bem. Por ultimo, guarnece-se a salada com rodas de limão e chagas de escabeche.

AOS CONSTIPADOS

Transcrevemos o remedio infallivel para curar constipações, segundo dá testemunho o sr. João de Paris, do *Figaro*.

Torrem-se duzentas gramas de farinha de trigo pizem-se, deite-se-lhe em cima um litro de agua a ferver. Logo que a infusão esteja feita, junte-se-lhe duas porções de leite, uma colher de xarope gommoso e bastante assucar. Beba-se um copo d'esta tisana d'hora em hora. O defluxo desapparecerá no fim de dois ou trez dias.

SECÇÃO ALEGRE

Entre um capitão hespanhol, que se apresentava como aereonauta e um curioso:

—Diga-me capitão, você sóbe muito alto com o seu balão?

Si subo? respondeu com vivacidade o filho da terra de Cid. *Una vez subi tan alto que hé oido los canticos celestes...*

—Que me diz?

La puerta del paraiso debia estar abierta!

E porque não entrou? interroguei para ver se o desconcertava.

—*Porque*? respondeu-me com arrogancia. *Onde ponia io el balon?*

Scena de familia:

—Isto são horas de vir para casa?!

—São apenas dez e meia!

—Olhe para o relorio; são tres horas da manhã.

—Admiro-me que a senhora acredite mais no relogio do que em seu marido.

TYP. UNIÃO—S PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 16 de Março de 1889. — NUM. 16

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Aviso

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. PAULO, 16 DE MARÇO DE 1889.

«As mulheres é que dão ser ás gerações; eduquemol-as e nós seremos melhores.»

Essa profunda verdade proferida por um sabio philosopho, era já nos tempos heroicos da Grecia, tão conhecida, que uma rival das Espartanas dizia á esposa de Leonidas. «Só as Espartanas sabem educar homens.»

Effectivamente, o homem não passa de um producto da carne e do espirito da mulher; e o seu reflexo n'alma e no corpo, e só a mulher sádia e instruida póde dar vida e educar o bom cidadão.

Assim, a educação feminina é um problema de incontestavel alcance para a felicidade das sociedades em geral.

Como que pode-se considerar esse facto consummado na ordem dos factores de todas as civilisações.

Ao grão de progresso intellectual das mulheres em uma sociedade, corresponde o que dão testemunho os maiores vultos da humanidade agrupados no pantheon da historia.

E nós sabemos pela lição de historia, que a Grecia produziu tantas mulheres celebres pelas artes e pelas letras, que para cada um d'aquelles admiraveis athletas da civilisação helenica, podemos apresentar uma mulher que lhe corresponda. Exemplo:—Pindaro e Corina, Pericles e Aspasia.

Com o correr dos tempos, encontraremos sempre o vulto da mulher instruida, concorrendo com o seu contingente de luzes para a civilisação, concentrando em si um principio de energia e elevação moral, capaz de envaredar pelos mais difficeis tentamens, arcando com todos os preconceitos de seus contemporaneos, vencendo todas as forças contrarias, superando todos os obstaculos, firmando a sua individualidade e até offerecendo ao homem (a constancia e a timidez) o exemplo da ousadia alliado ao saber:—Hipathia no Egypto.

Se a instrucção da mulher póde por vezes affastal-a do lar para as agitações sociaes em que a sollicitam o seu caracter e as suas aptidões, a humanidade prende-a em laço mais estreito, em que as contigencias da occasião fallam mais forte, do que a simples noção da natureza implacavelmente bruta, que nivela a mulher no macaco, em cujo gremio tambem a funcção da maternidade compõe esse poema admiravel de dedicação e do amor até ao sacrificio, pelo qual os homens nos escravisam devinisando.

Porque é que nas modernas sociedades, ditas civilisadas, negam-nos os homens a liberdade de procurar para nós o aperfeiçoamento a obra adoptavel da natureza providencial? Porque somos mães. Pois bem, os homens são paes. E entretanto, nem por essa funcção correlativa elles se julgam no dever de ficar ao lado da mulher, de braços abertos para seus filhos na doce insensatez da ignorancia primitiva, sob a influencia das mutações astronomicas, quasi selvagem, pedindo calor ao sol, agua ás tempestades e saudando em hosannas gutturaes e toscas a natureza—que é Deus?!

Não! O homem, que é a expressão do egoismo na sua concentração mais forte, fez um dia da amorosa docilidade da mulher, a vulnerabilidade do direito de igualdade que em tudo a natureza estava indicando entre os dois seres que se completam na ordem da creação.

Desde então, elle—o semelhante superior, o homem fez-se um simideus, e tomando aquella, que é a fonte inexgotavel de seus prazeres e venturas disse:—Tem-te escrava, dos meus caprinhos, tu me pertences, mas não és digna de mim.

Ser inferior é o que desde então ficou sendo a mulher.

Mães e mestras

(CONTINUAÇÃO)

Os castigos corporaes, como privação de alimentos, pão secco, etc., não são bons, applicados indistinctamente a todos os casos, pelo contrario, fazem a creança gulotona. Assim a privação de bons vestidos só é proprio para desenvolver na menina a inclinação natural para a casquilheria e vaidade. Estes castigos só são uteis quando servem para punir a menina *por onde ella peccou*.

Por exemplo: se a menina tiver furtado gulodices, comido frutas verdes ou qualquer outra couza nociva; será justissimo que a privem de comida. Se tiver manchado, rasgado ou perdido, por desordem ou estovamento, algum vestido, será mais que conveniente que a privem de se vestir com aceio; mas não podem ambas estas penas ter effeito moral, applicadas á mentira, preguiça, etc.

Seguindo o mesmo principio, far-se-ha sensivel á criança certas faltas que ella houver commettido procedendo com ella por fórma de represalia.

Se espancou alguem, espancal-a-hão do mesmo modo (caso unico que a razão admitte); se se apoderou d'alguma cousa por astucia, força ou violencia, tirar-lhe-hão além d'esse objecto aquelle dos seus que ella mais gostar e se dará á sua victima: se ella maltratar a seus inferiores obrigal-a-hão a emendar-se privando-a por algum tempo do serviço d'esses inferiores, para lhe dar a conhecer o valor d'elles e combater-lhe a altivez

Para a pessoa que dirige a criança só haveria uma *via de facto*, que devesse ser excluida d'essa pena de talião, para que não pudesse a menina attribuir o seu castigo a espirito de vingança ou de odio.

Por motivos particulares não quer ás vezes a mestra usar de severidade physica.

Fôra então importante dar a conhecer á criança o sentimento de generosidade e humanidade que para com ella usa.

Este procedimento seguindo-se constantemente não só se reprimirão todas as inclinações más da discipula, mas tambem se lhe indicará o preceito da justiça, a respeito á propriedade, e o sentimento d'aquelle dever que abrange todos os mais:

«Não faças a outrem o que não queres que elle te faça.»

A mestra, porém, que encontrar na menina confiada a seus cuidados, um d'aquelles thesouros de razões e sensibilidade para quem só basta a influencia das palavras, deverá julgar-se mil vezes feliz; e fará muito bem se lhe pagar com affectos as alegrias que d'ella receber.

Em geral as crianças que cedo forem bem disciplinadas não incorrem em castigos na idade de doze annos.

A mór parte, excepto quando são de caracter muito difficil, tornam-se doceis á linguagem do raciocinio, de sorte que com facilidade se podem dirigir

A menina chegada a este ponto merece toda a circumspecção. Convém por exemplo, reprehendel-a em particular e louval-a perante testemunhas. Este generoso procedimento lhe excita a gratidão, e faz com que envergonhada de suas fraquezas, que tratam de encobrir, tornar-se sensivel á estima, precioso penhor de seu futuro comportamento.

Nas admoestações como no ensino, as mestras que desejarem produzir effeito nas meninas só o conseguirão evitando a prolixidade, que causa e enfastia.

O preceito dado em forma laconica e brilhante imprime-se no espirito. As pessoas de viveza comprehendem a agudeza da sentença, e as imaginações lentas ganham n'isso mais facilidade em conceber.

Tambem é neste caso de grande vantagem para expressar o pensamento usar de comparações e apólogos. Formam as primeiras o juizo em comprehender com sagacidade as relações das couzas; e divertem ou instruem os segundos; não ha circumstancias em que se não possa applicar com utilidade a Moral das Fabulas de La Fontaine.

Fazer suave e facil a tarefa da discipula é finalmente o ponto fundamental da educação. Desde que a menina se mostrar aborrecida pela subjeição no trabalho, deve-se empregar todos os meios engenhosos, dando-lhe ao principio tarefas pequenas que se irão augmentando pouco a pouco. No dia em que ella melhor a desempenhar, dar-se-hão elogios, em logar de não ver no seu procedimento mais do que cumprimento de obrigação, e haverá cuidado em recompensal-a.

Em attenção á sua boa vontade algumas vezes allivial-a-hão d'uma parte da tarefa. Estes procedimentos a obrigação ao trabalho, e a satisfação interior que ella não deixará de sentir a estimularão cada vez mais nesta nova fórma de actividade.

E' por outro lado operar com justiça o contrabalançar por meio de premios legitimamente ganhos o castigo infligido ás faltas. Se na educação se julgou a *pena* meio de correção, não deve o prazer por sua doce influencia deixar de ser avaliado menos util e vantajoso á discipula.

A escolha e applicação dos premios requerem tambem grande discernimento; porque se a educação tende a reprimir as inclinações más, fôra falta de senso castigal-as com uma mão e affagal-as com a outra. Assim pois, dinheiro, objectos de enfeite e fantasia, só com prudencia devem ser dados, pois é claro que uma moeda de ouro offerecida a qualquer menina avarenta a fará cubiçosa, e o presente de um vestido á que só sonha com adornos lhe fomentará a vaidade.

A's mães toca julgarem do temperamento de suas filhas, administrar-lhes as recompensas e castigos de modo judicioso.

Embalde nos objectos que deve-se aproveitar as fragilidades do caracter para obrigal-a a vencer os obstaculos, e que só quando a promessa é do gosto da criança é que esta se esforçará por vel-a realisada.

A menina *bem educada* é sensivel ao attrativo de um premio, por isso mesmo que este é uma prova de satisfação pelo seu bom proceder, uma approvação lisongeira e um incitamento.

Quem collocasse em primeira linha de consideração o *objecto* promettido mostraria alma pouco elevada, e melhor fôra neste ponto nunca pol-a em prova.

A mulher forte

SEGUNDA CONFERENCIA

A occupação é um dos principaes remedios contra esse mal, mais grave do que se julga, e eu fallo primeiro da occupação exterior, do trabalho manual.

Escreveu Clemente de Alexandria: —«Os trabalhos do corpo convêm ás mulheres: todas as obras d'agulha e bordado, todos os diversos cuidados, que d'ellas reclama o bem estar interior da familia, de que são as protectoras naturaes e obrigadas. Cumpre-lhes velar pelos objectos de que hão necessidade seus maridos, e de lh'os

darem ellas proprias; conservar e entreter em bom estado os vestidos necessarios ás suas familias; arranjar por suas proprias mãos, em caso de necessidade, o beber e o comer, e apresental-os a seus maridos com a graça d'uma affectuosa amenidade... Actuando assim, a saude fortifica-se n'um sabio equilibrio, e Nosso Senhor ama as mulheres d'este caracter; gosta de as vêr sempre occupadas em trabalhos uteis, tocando o fuso e a agulha... e não córando por darem, como Sára, aos viandantes fatigados, todos os cuidados d'uma benevola hospitalidade.»

As mulheres mais distinctas da antiguidade, senhoras, as princezas e as rainhas, entregavam-se aos trabalhos da agulha; faziam vestuarios de lã, e não desdenhavam nenhum dos trabalhos que outras talvez considerassem em nossos dias como uma deshonra.

O historiador latino conta que depois de ter feito prisioneiras a mãi de Dario e uma parte da familia real, Alexandre, o Grande, lhes enviou vestidos feitos na Macedonia, com os proprios alfaiates, afim de que a familia de Dario podesse tirar os modêlos e fazel-os iguaes. A rainha-mãi poz-se a soluçar, considerando esta proposição como uma injuria, e realmente os persas, nação afeminada e abastardada, tinham tal serviço como indigno de mulheres bem educadas. Alexandre, sabendo-o, julgou-se na obrigação de lhes pedir desculpa:—«Eu enganei-me—lhes disse elle—tratando-vos conforme os usos da Grecia, pois este vestuario que trago é não só um presente de minhas irmãs, mas um trabalho das mãos d'ellas.»

Plutarco diz, na vida de Augusto, que este imperador romano não usava senão os vestidos feitos por sua esposa, sua irmã, sua filha e pelos membros da familia.

Forçoso é confessarmos que estamos muito distanciados d'estes habitos passados. Valemos mais por isso? Floresce mais a saude? São mais serenas as imaginações? Os usos mais verdadeiros e mais em harmonia com a sã natureza?

Seja, ao menos, permittido duvidal-o.

Desejaes authoridades christãs sobre o mesmo assumpto? Temol-as de sobra.

S. Jeronymo aconselha ás mulheres os trabalhos em lã, o exercicio do fuso, e tudo quanto se relaciona a este genero de occupações, e chama ás cousas pelos seus verdadeiros nomes, não receando designar o fio, o fuso, a trama, a roca, o acafate, sem contar o pollegar que faz habilmente manobrar o que se lhe confia: *Discat et lanam facere, tenere colum, ponere in gremio colathum, rotare fusum, stamina pollice ducere.*

Carlos Magno mandava ensinar a suas filhas todo o trabalho manual, e perguntando-se-lhe a razão respondeu: —«E', primeiro, para lhes evitar a curiosidade, e depois, como não podemos garantir-nos contra os golpes da sorte, se alguma vez a adversidade as ferir, terão um meio de proverem ás suas necessidades.»

As razões de Carlos Magno são sérias e profundas; meditai-as alguns instantes commigo.

Primeiramente é essencial evitar á mulher a ociosidade, porque é a mãi de todos os vicios. A mulher ociosa experimenta a necessidade de sahir de sua casa e de passear por toda a parte a sua inacção; se n'este cuidado, que se lhe torna uma necessidade desgraçada, abafaria em casa. Mas, sahindo, fere a caridade, cria inimigos, divulga os segredos da familia e commette uma multidão de imprudencias pelas palavras e acções, e quando se recolhe vai mais doente do que quando sahira.

E' a ociosidade a que, arrancando a mulher ao seu centro e creando-lhe urgencias externas, introduz no lar a mais completa desordem, a mais deploravel negligencia. Tudo se entrega aos criados—serviços e crianças; tudo se deteriora physica e moralmente; o marido descontenta-se; nada avança, vai tudo em debandada, e o interior da familia, que deveria ser um ninho d'amor e de repouso, torna-se insupportavel para todos!

Os maus pensamentos tambem tomam facilimo nascimento n'uma alma entregue á ociosidade, e esta semente perigosa espalha-se e pullula em breve como as parasitas n'um jardim abandonado. Um momento chega em que a mulher cahe: ignora-se como, e nem ella propria o sabe. A queda foi tão rapida como uma escorregadella no gelo. A primeira e a principal causa foi a ociosidade. Foi ella que insensivelmente e á maneira de recreio, conduziu a alma ao canteiro verdejante, o canteiro tinha em alguns pontos inclinação para os precipicios; um passo bastou, e, uma vez no declive, rola-se, e não ha parar.

(Continúa).

As mulheres do seculo XVIII

FRANÇA

Não ha seculo cujos mysterios fossem mais desvendados, cujas aspirações fossem amplamente definidas, cuja litteratura fosse mais estudada e comprehendida, cuja sociedade fosse mais minudamente descripta pelos chronistas elegantes da galanteria e do bom gosto, do que o seculo que teve em França Voltaire por Deus, por ideal a philosophia, por divisa o amor da humanidade.

Não caberia, nem mesmo em um livro, analyse desse tempo singular, que tinha em si, a paz suprema austeridade dos que apostolisam; a ironia cortante dos que não crêem, a par das lagrimas apaixonadas dos que padecem, a frivolidade pueril dos que de tudo riem; desse tempo que sonhava com a perfeição submergindo-se no vicio, como Bosseau, o seu fiel prototypo, sonhava uma paternidade ideal, engeitando seus filhos: desse tempo de transição e vigorosos contrastes, de philosophia e de utopias realisaveis, de «sensibilidade» e de sarcasmo, de morte e de renascimento!

Não é, pois, desse tempo que vou fallar, mas sim das mulheres que sobre elle tanto influiram: porque é preciso que se saiba que as mulheres fôram as primeiras potencias desse seculo, que despedaçou todos os jugos para se escravisar pelo jugo da intelligencia. Em Portugal não se comprehende bem o que era em França a sociedade elegante, perfumada, instruida, a um tempo leviana e philosopha, que ria e declamava, que fazia espirito e litteratura nas cinco ou seis salas illustres d'aquella época. A' nossa vida social não se coadunam taes costumes, nem sobem tão alto as aspirações das poucas mulheres superiores do nosso paiz; mas os que tem folheado as «chronicas e as memorias» do seculo XVIII, conhecem a influencia profunda que durante elle as mulheres exerceram sobre as letras e as salas exerceram sobre as academias.

As principaes celebridades litterarias sujeitavam as suas mais queridas e mais elevadas producções á critica, sempre superficial, e raras vezes justa dos «bellos espiritos» da sociedade. Voltaire, o talento mais independente, Rosseau, o caracter mais orgulhoso, Mosesquieu, o pensamento mais profundo, prestaram homenagem a grande realesa social,

e abdicaram ante ella: o nome de Bernardin de Saint-Piérre não ligou a alcançar a celebridade e a sympathia, emquanto Paulo e Virginia não impressionou os nervos delicados da « coterie » feminina, que então dominava a opinião da França.

Os convidados de Madame Geoffrin, que foi quasi uma instituição do seculo, faziam e desfaziam reputações litterarias com a facilidade com que uma das nossas mais modestas formosuras do seu crochet, e isto entre a viva fusilaria dos olhares maliciosos, dos conceitos alambicados e dos epigrammas finissimos.

Madame du Chatelêt, a sabia Marqueza que estudava os astros, traduzia Newton e namorava Voltaire, e criticava as obras de seu amante, e trazia atraz de si, orgulhada pela admiração e pelo affecto, essa aguia que tanta vez a colera e o despeito converteram em abutre.

Mademoiselle de Sespinasse, feia, plebéa e pobre alcançou a celebridade pelo espirito, e o imperio pela sua influencia sobre um dos mais illustrados collaboradores de Encyclopedia, d'Alembert, o filho abandonado dessa outra illustração feminina, que se chamou Madame du Tencin.

A sua sala, se não foi a mais regular, foi um dos mais illustres centros da litteratura e do espirito, centro a que ella presidia com as inimitaveis graças do seu talento encantador.

Destacava-se a figura desta mulher dentre as que a rodeiavam e lhe brilhavam ao pé pelo vigor apaixonado da sua natureza incontestavelmente superior.

Perdeu-se, e ainda bem que se perdeu no fim de contas, o modelo da mulher desse tempo, mixto de leviandade quasi immovel, e de profundesa quasi pedante, preso por um lado ás recordações da regencia, e pelo outro ás aspirações da philosophia; Madaimoiselle Sespinasse, porém, se sacrificou alguma cousa ás exigencias da época, conserva-se ainda aos nossos olhos sympathica, espontanea e original.

Resta-nos della um volume de cartas ao homem que amou, com o arrojo febril com que souberam amar as heroinas pagãs da tragedia antiga.

E se não fora um outro toque, que revela a admiradora de Rosseau, ninguem ao ler estas cartas conheceria que foram escriptas por uma contemporanea—o sentimentalismo pedante, da declamação philosophica, da sensibilidade convencional, e tudo isso reinava então, porque se roubarmos o catalogo do seculo XVIII a—Maron Lescante e Paulo e Verginia—não acharemos outro livro em que a paixão se revelle profunda e verdadeira.

Ao lado de Mlle. de Sespinasse, de quem foi amiga e depois rival, acha-se Mme. du Deffaud, um dos classicos mais puros do seu tempo no dizer de Saint-Beuf, que pela nitidez e firmesa do estylo a põe no lado de Voltaire.

Era temivel o seu espirito, corrosiva a sua ironia, respeitada por inimigos e amigos a lucidez do seu espirito, e a firmesa da critica.

Além destas de que fallamos e em uma plana menos elevada, temos Mme. de Grafigni, a authora das Cartas Peruvianas e de outros livros igualmente esquecidos hoje, Mme. de La Tour Franqueville, a admiradora apaixonada de Rosseau, e muitas mais, cujo nome individual não nos foi transmittido, mas que formavam collectivamente uma potencia temida e adorada pelos philosophos mundanos e pelos homens do mundo, philosophos d'aquelle seculo essencialmente litterario, como todos os seculos da decadencia.

Não citei Mme. de Stael Delunay, a sarcastica e espirituosa creada da Duquesa de Maine, por dois motivos, ambos justos; o primeiro é porque ella não pertenceu nunca a pleiade illustre de que eu tracei aqui: o segundo é porque as suas memorias, escriptas em delicado e finissimo estylo, mereceram a Fontenelle esta justa apreciação—*Cela est bien écrit, mais cela ne valait pas la paine d'etre écrit.*

Eu por mim declaro-o francamente que a nova geração tem calumniado, sem se lembrar do muito que lhe deve, sympathiso com essas mulheres que a litteratura nos apresenta muitas vezes sob um aspecto revoltante, sem se lembrar do enthusiasmo apaixonado com que ellas levantaram a altura de uma instituição sagrada.

São ellas as graciosas Marquezas do velho regimen, empoadas, almiscaradas risonhas e ironicas, que saudam com o phrenesi de uma admiração sublime o velho poeta de Ferney, que vem cheio de annos e de louros, receber na representação da sua ultima tragedia, a explosão febril do seu ultimo e supremo triumpho: são ellas que consolam a grande alma entristecida de Rosseau, da brutalidade systematica de uma perseguição absurda, porque nem tinha a convicção do mais: são ellas que sonham na liberdade em um mytho esplendido e que morrem depois na guilhotina animosas e activas, sem comprehenderem talvez que ajudado a crear o monstro que a devorava, mas redemindo as fraquezas de sua vida com a força, com a suprema resignação, com o estricismo elegante de sua morte.

Maria A. Vaz de Carvalho.

O canoeiro

Era a hora em que o sol tocava no horisonte, annunciando a apparição do crepusculo, e na deserta planicie, já espalhavam-se sombras fluctuantes.

O dia que correra bastante calmoso sob um sol implacavel tornára-se á tarde d'uma frescura deliciosa. N'uma das curvas graciosas do rio Parahyba, via-se deslizando suavemente sobre a superficie calma e espelhada, uma canôa fina e esguia, seguida por uma estensa fila d'agua levemente ondulada. No seio azul da corrente em cada ondulação d'agua, em cada bolha de ar desfasendo-se á superficie, rutilavam como palhetas de ouro, os ultimos reflexos do sol que começava a esconder no alto da collina tingindo as nuvens de listrões enrubecidos.

Conduzia os remos um rapaz gentil e musculoso

Era uma d'essas organisações um tanto selvagens, mas dotadas de grandes qualidades de coração á par d'um nobre caracter. Quasi ninguem o conhecia, nem invejava a sua existencia triste e solitaria, e elle era feliz a percorrer por entre as sinuosidades dos montes da provincia de S. Paulo, a tortuosa corrente do caudalloso Parahyba, o qual depois de receber o ribeiro aurifero do Jaguary, se encaminha alardeando a esplendida belleza das suas aguas claras, sobre um alveo de finissimas arêas, entre margens verdejantes, admiravelmente pittorescas. Sempre só no fundo do deserto, julgalva-se o homem mais feliz da creação quando guiando a sua canôa, unico bem que possuia, levava horas e horas, com uma canna de pesca, ou com as suas redes, enlevado nas peripecias da pesca. O seu natural timido e pouco sociavel não era proprio para inspirar sympathias, além de que elle mesmo

parecia insensivel e indifferente ao amor.

Andava por esse mundo sem attentar em ninguem, sem reparar em cousa alguma, como se tivesse o coração desflorido e gasto, ou a concepção de um sonho intangivel na terra

Mas apezar de tudo deveria casar-se em breve com uma prima, que apenas entrevira em casa do padrinho, uma unica vez.

Ha muito que elle perdera os seus paes, todo o seu affecto resumia-se no velho padrinho, que o adoptara por filho e o presava immensamente.

O bom velho que só aspirava a felicidade do afilhado, arranjara-lhe esse casamento de pura conveniencia para o moço, o qual acceitara-o unicamente para não desgostar ao padrinho.

Completamente indifferente á perspectiva do seu proximo enlace, o moço canôeiro passava os dias engolphado nos prazeres da pesca, a percorrer como de costume o rio em todas as suas direcções.

Nenhum mortal conhecia melhor do que elle todas as veredas tortuosas, todos os complicados meandus, e insondaveis abysmos do Parahyba, desde a sua junecção com o Jaguary até uma consideravel distancia. No meio d'aquella solidão, a suavidade incomparavel do clima e o doce perfume das brizas frescas que alli respirava, derramavam-lhe uma sensação de vida intensa e plena.

A's vezes adormecia pela margem do rio, deitando-se sobre a frescura das relvas, ouvindo o continuado e monotono ruido das aguas, que lhe fallavam tão suave e brandamente, como se o seu marulhar semelhasse para elle um murmurio, uma consolação.

O que sobre tudo o encantava e enamorava mais, era vêr o rio soberbo na expansão da cheia instantanea minaz, violenta, o qual com um bramido formidavel, estendia-se a grande distancia, ameaçando tudo innundar e estrangular na sua impetuosa e desordenada colera.

Era de vêr então o gesto altivo e garboso com que elle na sua fragil canôa affrontava a furia do rio, sempre remando com incrivel destresa, a cantar a sua canção predilecta.

Vamos minha canôa, voguemos
Ao remanso tranquillo das aguas:
Que n'este rio nunca seremos,
O ludibrio constante das magoas.

Sou feliz qual vice-rei de Gôa,
Aqui, ninguem jamais eu temo,
Sou rei, tenho por throno a canôa,
E por sceptro meu tosco remo.

Quer o astro formozo dô dia
Lá no ceu esteja a brilhar;
Quer volva a noite sombria,
Na canôa vou sempre a remar.

Ora eu vago no rio atôa,
Ora deito as redes á corrente:
E ao suave vai vem da canôa,
Adormeço feliz e contente.

Se durmo á luz opalina
Das noites de ameno luar,
Vejo uma bella e gentil ondina,
Minha fronte sorrindo affagar.

Se desperto ouço as harmonias,
Das aves no seu doce gorgeiar,
E das aguas tantas melodias,
No brando e suave murmurar.

Jamais prendeu-me um só affecto
A' choupana, ou á cidade,
Aqui contemplo a Deus de perto,
No vasto altar da immensidade!

Entretanto a tarde corria serena, no horisonte que parecia estar em chamma de violento incendio, o sol sumia-se dardejando grandes raios de fogo; e lá na profunda extensão do valle havia já sombra—uma sombra muito prolongada que ia subindo até o flanco das collinas, lenta vagaroza. E muito longe para o lado da floresta solitaria adormecida, ouvia-se com intervallos longos, o gemer de alguma ave nocturna que interrompia o silencio e socego d'aquelle extenso deserto.

Todas as magnificencias e esplendores d'essa bellissima tarde alli n'aquelle uberrimo e delicioso valle, não conseguiram attrahir as vistas do canôeiro que entretido immenso com a sua pesca, quasi não olhava para tudo o mais.

Acabava porém de recolher as redes, quando ouvio que alguem o chamava na margem opposta.

Ergueu os olhos e reconheceu logo o velho Taquary e sua filha, duas pessoas que elle raramente via, mas ás quaes sempre consagrara muita estima. Sem hesitar um só momento, começou a remar com incrivel destresa para aquelle lado.

O velho Taquary, como era conhecido no bairro, tinha uma d'essas physionomias que á primeira vista revelam a bondosa alma dos que as possuem.

Vivia solitario em uma pequena vivenda ha pouca distancia d'alli com a sua unica filha Ercilia, a qual constituia para elle o seu mais grato enlevo.

Ercilia era graciosa e delicada como uma virgem de Ticiano.

O seu todo debil e frauzino revelava a extrema delicadesa e candura de sua alma.

Trazia um singelo vestido branco sem um unico adorno, e que mais contribuia para realçar a belleza da sua tez excessivamente pallida.

Havia algumas semanas que o velho Taquary, começara a notar uma singular mudança no genio e nos habitos da filha. Ella de ordinario tão alegre, tão viva tornara-se de subito pallida, triste e tacitu na, como se uma cruel enfermidade, ou um desgosto profundo, minassem lentamente, essa existencia que apenas desabrochava-se em toda a florescencia dos seus dezesseis annos.

O pobre velho sentia o seu coração como que envolto n'um crepe funerario, á vista d'uma tal mudança, que elle não sabia a que attribuisse, e por mais que a interrogasse as suas respostas concisas e laconicas eram que nada soffria.

O que porém o velho não atinara, era o ter começado a sombria tristeza da filha justamente no dia em que elle annunciara-lhe o proximo casamento do moço canôeiro.

(Continúa.)

ANALIA FRANCO.

Saudades

Saudade, oh luz bemdita do coração, suave enlevo d'alma, tu és o perfume inebriante e doce dos favorecidos da sorte, e és tambem o conforto santo, o balsamo consolador dos infelizes! Quem ha, que te não conheça, que te não sinta, desde a primavera até o inverno da vida?!

Ora tão suave, tão doce como os primeiros sorrisos da aurora de uma manhã serena e pura, ora tão triste e consternadora como o sibillar do vento impectuoso de uma noite de tempestade!

Ninguem!

Subamos ao vasto e sumptuoso palacio do rico, e ahi por entre o luzir dos diamantes e o brilho das sedas offuscantes, te veremos «saudade» sombria como a hora do crespusculo,

tristonha como gemido da rola perdida na solidão!

Desçamos pelas verdejantes campinas tapetadas de flôres, penetramos por entre as paredes empoadas da choupana do rude e humilde pescador e ahi te veremos «saudade» dolorosa como a imagem da tristeza pungente como a ultima nota de uma harpa desditosa!

Lancemos a vista pelas diversas condicções sociaes; fixemos a vista no mais desgraçado dos homens, o misero escravo e ahi mesmo, nesse coração repleto de torturas te veremos «saudade» amarga como o soffrimento do condemnado mortuaria como o dobre do sineiro!

. . . . . .

Quando min'alma sequiosa respira pelos entes que me deram o ser, nossa lagrima que dos olhos vae fugindo, eu te bemdigo, saudade! quer nos enlevos do amor, quer nas angustias e exacerbações de um peito attribulado.

Oh! suave consolação do poeta, acre doce pungir d'alma sensivel, és imagem viva do passado e a lembrança constante da ausencia!

No silencio do mausoléo, quando rendemos o ultimo tributo ao ente que veneramos, com a face banhada de copioso pranto e o coração traspassado de dores, um nome que suavisa o nosso acerbo pungir balbuciamos com a voz cortada de soluços, esse nome que revela o peso da nossa dôr intima, e que aquilata o nosso soffrimento em toda sua extenção profunda é «saudade»!

Para logo o pranto secca em nossos olhos, e cala-se no coração a magoa e o duro padecer.

Quando mares e serranias nos separam de um pae amoroso e uma mãi carinhosa, e irmãos que adoramos é só a saudade que traz conforto ao coração que aspira a posse desses entes que amamos pelos sagrados laços que nos prendem... saudade, só tu trazes a recordação de scenas intimas que nos deleitam o espirito e que o passado varreu com a mão do tempo.

A flôr que brilha no prado morre e nada deixa após si; mas, a lembrança do amigo ausente, do filho querido, e dos pais que veneramos essa tem saudade constante que minora o nosso pungente soffrimento.

Nas horas de contemplação, quando o espirito erra nas azas do pensamento em busca das regiões desconhecidas, é a saudade que relembrando imagens que nos são tão caras, traz doce lenitivo á dor que opprime o peito. Em todas as epochas da vida, em todas as condições da sociedade humana, desde o nobre ao plebéu, do potentado ao mais humilde proletario, a voz da saudade é conhecida e venerada como a luz bemdita do coração, imagem do passado, lembrança dos entes que adoramos em quanto vivos e ainda mesmo depois descem ao tumulo para dormirem o somno da eternidade.

EMILIANA DE MORAES.

A cruz

E' noite! Surgem fantasmas
Das densas trevas do espaço,
A brisa d'entre a folhagem
Trava luta braço a braço,
Na espessura do bosque
Se ouvem pios d'horror,
São aves amedrontadas
Da tempestade ao furor.

Ruge a lutada e rebomba
Na immensidade o trovão;
Partem cedros, treme a terra
Ao rugir do furacão.
Voam estilhaços nos ares,
Fulge na sombra um luzeiro,
Que veloz crava-se ás brenhas
Como a lança de um guerreiro

Rolam pedras das montanhas,
Descem torrentes do ceo,
Anceia o valle deserto
Maldizendo o escarceo.
E como á sombria estrada
A agua invade o campo...
Tudo deserto... só vagam
Nas veigas os pyrilampos.

E nesse vai-vem terrivel
Nesse combate dos astros,
Que o atheu treme e vacilla.
Como tremem á nau os mastros!
Acalma a furia dos ventos,
Das trevas ergue-se a luz;
E o atheu, panthera insana
Sorri, escarnecendo a Cruz!!

SERVULA NUNES.

O sineiro

Repicava alegremente o sino com um som limpido, vibrante como se em vez de bronze fosse de crystal. As vibrações echoavam nitidas pelo espaço azul semeado aqui e além de pequenas flócos de nuvem sinhas brancas.

Voavam da torre da egreja, espavoridas, as andorinhas mansas.

Era dia santo. Cruzavam-se na rua os vendedores apregoando as fructas e as hortaliças ainda orvalhadas do relento da noite.

Mas a pouco e pouco foram diminuindo os alegres rumores da manhã.

O sol recrudesceu de calor, os transeuntes escassearam, o alegre sino emmudeceu, e as andorinhas voltaram para o cimo da torre n'um silencio ameno, no conchego doce e brando das almas satisfeitas.

O sino emmudeceu! mas lá no alto, sentado preguiçosamente no parapeito da torre, o sineiro faz ainda um cigarro entre os dedos callosos, para descer depois.

O sol ia aquecendo, é certo, mas ali havia viração e sombra. Via-se a pequena cidade com as suas ruas cortadas em xadrez, os seus quintaes, immundos uns, ajardinados outros, as suas casas devassadas até ao interior, as officinas rumorejantes e alegres, os seus albergues glorioso,—os hospitaes e as escolas — e esse antro de vergonha e miseria—a prisão.

Naquelle grande livro aberto não sabia ler o sineiro, dormia-lhe, ás escuras o espirito, não tinha temperamento afinado para apreciar aquillo; olhava para a payzagem, não para admiral-a, mas porque emfim era natural que olhasse para alguma cousa.

Em qual d'aquellas ruas, em qual d'aquellas casas teria nascido elle o engeitado?

Seria além, n'um daquelles casebres arruinados denunciadores de uma miseria enorme, ou n'um d'esses predios com cortinas pezadas, jardineiras floridas, terraços de mosaico?

Pensando n'isso o sineiro indifferente abria a bocca e espreguiçava-se á vontade.

De repente sentiu bulha de carros; curvou-se e viu entrar na egreja um casamento,— a noiva alva, loira, e timida parecia uma nuvem, e outro fosse o sineiro que procuraria ver se a torre mudara de posição.

— E' bonita, resmungou elle, e quem sabe! talvez seja minha irmã.

Os noivos sahiram e ainda o sineiro lá ficou em cima gosando o frescor e estendendo machinalmente a vista pelo horisonte.

Ia descer quando lhe gritaram de baixo que tocasse finados; entrava o esquife de uma senhora idosa; o sineiro obedeceu.

Os sons do sino pesaram lugubres no espaço, tristes como os ais de quem soffre muito! muito! e a cada badalada pensava comsigo o sineiro:

—Quem sabe? talvez seja minha mãe!

Por fim tudo recahiu no silencio.

O sineiro accendeu um phosphoro, resguardando com a mão, poz lume ao cigarro, vestiu o casaco de diagonal havana, enrolou mais no pescoço o lenço de lã cinzeta, tossio estrondosamente e prompto, desceu rapido a escada, batendo os grossos sapatos acalcanhados nos degráus estreitos.

Quando chegou abaixo, a egreja estava vazia.

O sachristão raspava com a unha rente do pollegar a cêra pingada na sua roupa preta murmurando coisas que não eram com certeza orações.

—Olá, pequeno, bradou-lhe o sineiro, o sr. vigario já foi?

—Já sim, respondeu com máu modo o sacrista.

—Bem. E voltando costas, o sineiro sahiu.

Morava perto, n'uma casa humida, baixa, escura, deitando sobre uma área infecta.

Esperava-o um companheiro antigo; sentaram-se a conversar perto da meza de pinho coberta de nodoas escuras, mal equilibrada num caixote velho.

Acommodou-se um d'elles n'um moxo, outro n'uma cadeira desconjuntada.

Pela porta aberta entrava obliquamente uma columna de sol polvilhando de oiro o espaço illuminado.

No meio de uns trapos amontoados a um canto revolvia-se um cão malhado tentando apanhar moscas com os dentes, e mais adeante um gato magro dava pinotes, esforçando-se para apanhar a ponta de um *cachenez* que estava pendurado aos pés da cama.

O sineiro e o amigo bebiam um vinho negro, espesso, pesado, insalubre e contavam, rindo a historias, até que adormeceram sobre a meza.

Que importa? Só às Ave-Marias elle teria de subir á torre para tanger o sino n'essas badaladas que derramam uma melancolia vaga, doce, cheia de unção religiosa nas almas que escutam, que fazem o aldeão honesto e crente tirar respeitoso o chapéo, as mães offerecem aos filhos o collo agazalhador e terno.

Então como que se aniquilla a natureza, é a hora da paz, do socego, da mans dão das cousas e dos seres.

Por isso essas badaladas não nos parecem dadas por mão humana, nem produzidas pelo contacto do metal.

São como que uns suspiros do declinar do dia...

JULIA LOPES.

Amisade

Se é doce em linda tarde a viração
Que traz nas brancas azas a frescura;
Se é doce ouvir a fonte que murmura
E das aves canoras a canção;

Se é doce o meditar na solidão,
Ou das virgens floresta na espessura;
Se é bello ver a lua em noite pura
Derramando no rio alvo clarão!

E' mais doce, é mais bello o sentimento
Que amisade se chama: pura affecto,
Nos abranda d'alma o soffrimento

Mesmo em grande distancia, o objecto
De tão grato sentir nos dá alento,
E de ventura o peito faz replecto.

MINERVINA GUIMARÃES.

Uma separação

(EXCERPTO)

....Era no Partheon, onde elles tinham vindo passear a sua ultima noite, vilida debaixo do céo grego.

Tomaram ambos della aspera e pedregosa vereda do antigo arrabalde turco. De subito, quedaram-se em face do pedestal d'Agripa, contemplando, á claridade argentada do luar, a cidade branca, silenciosa surgindo por detraz dos grandes macusos d'aloes de compridas folhas, reluzentes e afiadas como espadas, o campo adormecido, guardado pelas gigantescas montanhas e pelas collinas sagradas. Subiram juntas a campina d'Acropole, toda inundada de luz e como que illuminada, no mysterio d'essa bella noite pagã, por alguma festa em que Minerva, de capacete ornado de chimeras e lança de oiro, invocasse do alto todos os deuses exilados.

Magdalena tremia, não de medo, mas de uma especie de terror religioso, vaga apprehensão das cousas vivas que julgamos sentir nos grandes silencios e nas grandes solidões das noites. Desejava dizer a Alberto: «Não estamos sós». Mas immudecia, como elle, com a alma e os olhos abertos no grandioso espectaculo que tinham vindo ambos procurar a sua hora, n'esse momento da sua vida, para enthezourar-lhe a indelevel recordação.

O ar era vivo, ligeiro e puro, o ar das grandes eminencias que afina e purifica o pensamento e o predispõe ás impressões subtis. As suas sensações adquiriam assim uma delicadeza singular. Nunca elles tinham sentido tão intensamente a influencia penetrante e doce d'esses logares, onde parecem residir estreitamente fundidas toda a belleza, arte, sciencia e poezia que a natureza e o homem crearam juntos para realizarem a obra immortal.

Alberto e Magdalena tocaram respeitosos nos marmores sagrados, nos fragmentos dos truncados frontões que jazem no chão coberto da poeira de todos esses marmores,— cinza divina de tantos mortos gloriosos,— atravessaram os Propyleos e subiram os degraus do Parthenon.

Logo á entrada do perystillo, experimentaram o intimo deslumbramento transmittido pela magnificencia d'essas ruinas inundadas, como complemento da sua serena harmonia, do radioso esplendor de uma lua fulgurante, suspensa da abobada dos céos para illuminar o sanctuario. E' n'esse sanctuario devastado, onde jazem columnas mutiladas, enormes despojos de fustes e capiteis lascados, como se o raio houvesse ferido um bosque de marmores. Magdalena entrou lentamente, sósinha, precedendo Alberto, olhos fitos nas pedras, como se procurasse um traço na poeira scintilante. Procurava uma lembrança fugitiva e fragil como as suas alegrias, uma planta, uma folha, uma flôr

E quando se approximou de Alberto levava nas mãos um molho de tulipas, cujas petalas fechadas dormiam. E elle vendo-a, engrandecida pela tranparencia da atmosphera nocturna e prolongada pela sombra seguia o seu passo lento, teve um sobresalto como se houvesse esquecido Magdalena pela Pallas atheniense amorosamente evocada, e a visse abeirar-se, trazendo flôres em symbolo de festa, ella, a Glaukopis, a deusa de olhos côr de violetas.

MADAME GEORGES

A primavera

A primavera é a estação do anno que envolve a terra com a sua mais rica e ostentosa magnificencia

E' na primavera que as flôres tornam-se a imagem da belleza, a linguagem do sentimento e a fonte de amaveis e preciosas recordações.

O variadissimo matiz das flôres, suas côres e o suave aroma que exhalam de seu seio, são outros tantos attractivos que nos encantam e seduzem, fazendo com que as amemos, procuremos e cultivemos tornando-as para nós gratos recreios e amigas fidas.

MARIA CANDIDA M. E SILVA.

NOVIDADES

Fallecimento

A 8 do corrente falleceu em Nictheroy, onde era socio da grande fabrica de tecidos Guanabara, o distincto e prestante cidadão Gaspar Dias de Barros, engenheiro industrial, pai do sr. Francisco Dias de Barros, gerente desta folha.

O finado foi victima de uma operação a que se sujeitou a fim de se curar de uma molestia que o affligia.

A sua morte foi muito sentida por todos aquelles que o conheciam e estimavam, pelo seu coração bondoso e caracter integerrimo.

Ao nosso distincto companheiro de trabalho Francisco Dias de Barros e á sua exma. familia, nossos sentidissimos pezames.

Theatro S. José

Realisou-se quarta-feira, com grande concorrencia a estréa da Companhia do artista Heller.

A peça escolhida para a estréa foi a já muito conhecida lenda phantastica, de Eduardo Garrido—*As mil e uma noites*.

Devido aos esforços dos artistas Vasques, Lisboa, Mesquita, Massart e Blanche Grau teve a peça interpretação muito regular, sendo todos calorosamente applaudidos.

O incansavel emprezario guarda-se para mais tarde mostrar o seu gosto e capricho na *mise-en-scène* que possue, nas peças de maior movimento e ensenação.

A julgar pela grande concorrencia de espectadores que enchia litteralmente a vasta sala do S. José, asseguramos ao estimavel emprezario uma bôa temporada nesta nossa paulicéa.

—Na quinta-feira subiu á scena, com grande concorrencia a velha opereta *Princeza dos Cajueiros*, musica de Sá Noronha e letra do fallecido escriptor brazileiro Arthur Azevedo.

Debutaram nesta peça os estimaveis artistas Peixoto, Colás, e a gentil sra. Lopiccolo.

O actor Peixoto desempenhou com geral agrado o papel d'El-Rei Tatú, mas, entretanto, ainda nos fez lembrar o seu primitivo interprete, o nosso velho artista Guilherme de Aguiar.

A sra. Lopiccolo, se bem que não possua uma voz volumosa, tem-n'a sem duvida para a bôa interpretação que conseguiu dar ao papel de *Princeza dos Cajueiros*.

O Vasques esteve felicissimo no papel de medico do paço, conseguindo como sempre, provocar espontaneas e ruidosas gargalhadas na platéa.

A peça está escripta ao sabor das platéas do Rio de Janeiro, o que não quer dizer que deixe de agradar na nossa, como ficou provado na noite de quinta-feira.

Os demais artistas, Colás, Massart, Blanche e Izabel Porto, interpretaram perfeitamente os seus papeis, sendo todos merecidamente applaudidos nos finaes dos actos.

O corpo de córos, como sempre, bom.

—Para hoje está annunciada a grande magica.—*O Annel de Salomão*, peça em que estreia a intelligente e sympathica actriz Edelvira Lima.

RECEITAS DOMESTICAS

Offerecemos ás nossas leitoras uma serie de receitas excellentes para obstar á queda do cabello.

1° Agua de alecrim distillada, 4 litros.

Espirito volatil de ammoniaco, 28 grammas.

Tintura de cantharidas, 10 grammas.

Glycerina, 110 grammas.

Emprega-se duas vezes por dia, embebendo uma esponja no liquido e esfregando o casco da cabeça.

2° *Agua para limpar a cabeça.*

Agua commum, 4 litros.

Alcool, 1|2 litro.

Pau de sassafraz, 125 grammas.

Pau de Panamá, 130 grammas.

Ferve-se os paus em agua, juntando-lhe depois o alcool e algumas gottas da essencia que se queira. Ainda assim é preferivel a esta agua a quina, misturada com vinho branco de boa qualidade. Deita-se esta mistura em um frasco e humedece-se com ella a cabeça de manhã e á noite.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

E' este o titulo da REVISTA SEMANAL, publicada em S. Paulo sob a direcção da Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo, com a collaboração de illustres escriptoras, entre as quaes figuram as Exmas. D. Analia Franco, D. Izabel Dillon, D. Honoria de Campos, D. Amelia Valle, D. Maria da Piedade Pinto, D. Margarida de Siqueira, D. Anna de Albuquerque, D. Maria L. Romaiz, D. Maria J. Canuto e a marqueza d' Alorna.

Jornal litterario, contem escriptos primorosos; mas o seu programma especial é—A EMANCIPAÇÃO DA MULHER.

N'este empenho a illustrada directora apresentou um editorial de grande importancia philosophica, fechando-o com as seguintes palavras: «E' preciso ter fé e esperança no futuro, que ha de amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral.

«E' preciso estudar muito, banhar o espirito na luz da sciencia; mergulhar o pensamento na historia; fazel-o surgir no direito.

«E' esse enthusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brazil, que me viu nascer e que eu desejo vêr engrandecido ao apogêo de todas as glorias e em cujo seio a mulher seja nobre, instruida e livre.»

Louvavel é a aspiração de quem trabalha para o progresso da patria, influindo directamente para esse fim.

Extremamente gratos á distincta collega, retribuimos a sua honrosa visita com a nossa *A Verdade*; e quanto ás dignissimas e eruditas collaboradoras d' *A Familia*, sem expressões proprias para cortejal-as condignamente, servimo-nos para isso das palavras de Victor Hugo:—«Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!»

Da *Verdade*.

ANNO I — S. Paulo, 23 de Março de 1889. — NUM. 17

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Aviso

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. Paulo, 23 de Março de 1889.

Mães e mestras

CAPITULO VII

OBSERVAR A CAUSA DAS LAGRIMAS NAS CRIANÇAS

Um escriptor disse que: «A dôr nas crianças era como essas gottas de orvalho que vemos pela manhã sobre as flôres ; e que um só raio de sol basta para enxugal-as, e um sopro para as desvanecer.»

Pintada esta dôr tão poeticamente, manifesta-se todavia por lagrimas que muito enternecem, e acontece a mór parte das vezes que as crianças conhecendo o offeito d'ellas as empregam com facilidade para dominar as pessoas que com ellas tratam. E' necessario por isso que a mãe ou a mestra seja munida de grande sagacidade para descobrir a causa d'essas lagrimas.

Lagrimas ha de condição teimosa e voluntaria, outras que procedem do despeito, algumas de soffrimentos physicos e outras afinal mostram verdadeira ~~sensibilidade~~ arrependimento.

Aparte estas duas ultimas causas, que facilmente se conhecem pelo ar, pela vista, e sobretudo pelo tom da voz, devem as duas primeiras ser tratadas como terriveis disposições, porque as lagrimas que ellas excitam equivalem a palavras e actos reprehensiveis.

Ha meninas, cuja excessiva sensibilidade pende d'uma organisação nervosa, e nas quaes por quasi nada correm lagrimas em abundancia.

O melhor remedio para este mal é fingir que se não vê e desprezar por alguns instantes a alumna para que ella tenha occasião de se acalmar Porque se a procurarmos consolal-a não faremos mais do que movel-a ainda mais e augmentaremos-lhe a fraqueza ; se a reprehendermos procederemos com injustiça.

E' muito provavel que estas cautelas junta á acção dos annos, produzam n'esses temperamentos fracos, melhora sensivel, e que se não vejam nunca em meninas bem ensinadas essas affectadas sensibilidades tão communs no mundo, por causa d'um gato, d'um cãosinho, e que de ordinario são indicios do egoismo, secura e humanidade do coração.

As lagrimas que nascem das exigencias forçadas da educação, merecem em todo o sentido grande circumspecção e indulgencia.

As mães e paes que só consultam sua ambição a respeito dos filhos, queixam-se muitas vezes sem razão. Vendo que o adiantamento não corresponde a seus cuidados julgam que o apressam usando de rigor e d'aqui amargo choro na menina, quando um methodo applicado com moderação e paciencia, infallivelmente produziria bons resultados.

A facilidade de aprender não é afinal tão preciosa nem tão indispensavel que a ausencia desta faculdade se deva reputar obstaculo ao adeantamento.

Ella é muitas vezes prejudicial á criança, cujo cerebro liso e polido reflecte como espelho os objectos que se lhe apresentam, mas em que nada permanece e nada se entranha.

A criança conserva as palavras ; as idéas escapam pela reflexão ; os que a escutam entendem, só ellas as não comprehende.

Todavia, por ser lento e difficultoso o trabalho, nem por isso deixa de ser mais solido ; e a memoria se póde por circumstancia supprir o talento, logo deixa perceber a fraqueza da intelligencia.

Ha alguns deffeitos do engenho como os ha de estatura e conformação do corpo : podem ser disfarçados, minorados, mas nunca trocados em qualidades contrarias.

Assim tambem, um caracter violento e arrebatado poderá modificar-se pela moderação sem que todavia brilhe em paciencia ; um caracter frouxo e negligente nunca se distingue em ardor de trabalho.

Se todas as mães estivessem persuadidas desta verdade, ellas melhor attenderiam aos progressos e esforços das filhas e collocando o alvo de sua ambição em justo alcance, chegariam a elle de modo sempre seguro.

Depois de havermos regrado e conhecido a indole da menina, cumpre que muito esperemos da natureza que com a idade traz as suas reformas.

Não vemos na adolescencia desapparecerem os gostos da infancia ? Os sentimentos de pejo e acanhamento trazerem após si o desejo de agradar, a necessidade de amar e de ser util ?

Não nos assustemos pois em vão pelo pouco proveito que em alguns pontos obtivermos, e continuemos a desempenhar a nossa obrigação com coragem superior a toda a prova.

A mulher forte

SEGUNDA CONFERENCIA

Um outro inconveniente da ociosidade é o enfado que ella passeia como um véu funebre sobre a existencia inteira. O trabalho, que é um peso, é tambem, uma felicidade. Substitue a existencia, fecunda-a, e a gente sente que vive e é feliz na plenitude d'esta força vital. Mas o homem ocioso está no vacuo, abafa, estiolam-se-lhe as faculdades, e enervam-se, e ao estiolarem-se fazem soffrer uma agonia cruel á alma que se envenena lentamente. Um homem riquissimo, cuja familia conheci, passava uma parte de cada dia a dizer : Como me aborreço ! Sou rico e sempre aborrecido ! Teria sido muito mais feliz com a pobreza por patrimonio e o trabalho por thesouro !

A causa principal era uma vida sem occupações, vazia e recahindo sobre si propria como os ramos de um chorão.

A segunda razão dada por Carlos Magno é verdadeiramente admiravel na bocca d'este imperador. Receava que suas filhas empobrecessem um dia, e, queria que estivessem prevenidas contra a miseria.

Concebia-se que as testas coroadas da nossa época tivessem esta linguagem, mas que Carlos Magno, á frente d'um vasto imperio, em que as idéas revolucionarias eram desconhecidas, exprima semelhantes temores, eis o que, pelo menos á primeira vista, póde parecer bem extraordinario. Mas este monarcha tinha o olhar perspicaz e desconfiado do genio ; como os homens superiores, elevados acima dos outros, sentia mais o vacuo das cousas humanas, tinha pouca confiança na mobilidade das cousas passageiras.

Seja como fôr, o seu conselho é de excesssiva utilidade para as gerações actuas. Vivemos n'uma epoca de tal modo atormentada, que uns por um motivo, outros por outro, se podem achar em graves embaraços, e bom é sempre ter varias cordas para o seu arco ..

Quantas familias não conheço eu que têm abençoado a Providencia, por lhes ter inspirado o gosto do trabalho, mesmo em dias de prosperidade ! Uma hora soou na existencia e a familia inteira pôde assentar-se á sombra d'um talento exercido de ha muito, e d'uma honesta abundancia procurada por antigos e preciosos habitos. Ninguem podia ter maior certeza no futuro do que Carlos Magno, e uma vez que este poderoso imperador receava pelo futuro de seus filhos, não vos deixeis adormecer por modo algum ; sem que sejaes pessimistas, não vos entregueis a uma confiança illimitada ; respeitai para vós para vossos filhos o trabalho como uma cousa santa, e, ao menos, altamente util, e inspirai sempre em volta de vós o amor das occupações sérias.

Ha uma objecção a que quero responder e então terei occasião de tirar d'ella um conselho salutar para vossas almas. Notou-se que os trabalhos d'agulha, em particular, tinham um grande inconveniente para as mulheres, e era que a cabeça caminhava ainda mais depressa que o instrumento ; a cada golpe da agulha a imaginação effervescente andava varios kilometros, e, muitas vezes em paizes aridos, doentios, ou sob uma atmosphera abafadiça ; o cerebro excita-se, os nervos sobem, e, d'este modo, o trabalho manual apresenta uma dupla fadiga. Outr'ora, quando a piedade reinava nas almas e as faculdades estavam equilibradas pela tranquilidade da fé, o trabalho das mulheres não tinha este perigo, ou pelo menos não o tinha em tão elevado gráu ; as almas abertas tinham sempre sitios verdejantes para descansarem ; as penetrações da agulha apenas fatigavam a mão, e em consequencia d'um exercicio prolongado. Hoje, que as imaginações são exaltadas por mil creações das cabeças em movimento, e, muitas vezes, pelas leituras de obras, em que se poderia dizer, que os autores depozeram granulos de polvora, que esperam a hora da explosão, entre os espiritos ardentes ; hoje, que nem as idéas, nem os sentimentos, nem as convicções estão assentes em certas almas, concebo que uma occupação puramente manual fatigue e opere reações perigosas n'um cerebro já encandecente. E para mal tão sério apenas vejo um remedio. Sêde verdadeiramente christãs, e não tereis a cada instante a cabeça e o coração como leite sobre o lume ; assentai os pensamentos e as affeições na serenidade d'uma consciencia tranquilla, e podeis crêr que o trabalho das mãos não será, d'este modo, occasião e origem de vertigens moraes, nem de febres da idéa que atormentam a nossa epoca. Imitae mesmo os nossos bons antepassados. Se a decencia e o logar o permittirem cantai, trabalhando ; não receeis os canticos alegres e as ingenuas expressões d'uma alma feliz. O canto parece ter azas que arrebatam a tristeza e tudo harmonisam, mesmo as cabeças desconcertadas.

Na proxima instrucção, senhoras, afim de que este assumpto não fique incompleto, tratarei dos trabalhos intellectuaes da mulher.

Hoje termino por expôr ainda alguns pensamentos.—Occupai-vos sériamente no interior do vosso lar ; é certo que não podeis fazer tudo, mas fazei, ao menos, alguma cousa, e quando não façaes tudo, lançai a tudo os vossos olhos Não tenhaes como indigno o descer á tulha, ao celleiro, á adega : avigilancia é sempre util. Fazei comprehender aos vossos criados que irradiaes luz em toda a casa, que não desconheceis a minima cousa, que não vos escapa um recanto, que em qualquer occasião podereis dizer que tal objecto falta em determinado lugar, e que podeis dar-lhes lições praticas ás suas differentes funcções. Nada põe tanto álerta os criados, como esta convicção e supponho até que, d'este modo, tudo se faz sem embaraço, com prudencia e caridade. E' ainda para se notar, que, quando a dona da casa exerce vigilancia e actividade, embora não toque n'um objecto, ha sempre uma circulação de vida, reina sempre um ardor e uma avidez alegre que outra qualquer cousa não poderia produzir. E' que a mulher forte, segundo a esplendida imagem dos livros santos, é em verdade, um como sol no interior da casa. Supponde um instante que o astro desapparece subitamente ; os objectos da natureza permaneceriam do mesmo modo, mas ainda assim em breve se extinguiriam, seccariam e morreriam ; faça-se com que o astro reponte no horisonte e tudo renascerá logo, tudo se aquecerá, animará e desenvolverá.

Do mesmo modo, a mulher activa e boa, é o sol que reponta nas alturas, projectando pelo rosto a luz em todo o lar : — *Sicut sol oriens mundo in altissimis Dei, sic mulieris bonæ species in ornamentum domus ejus.*

A duvida é um mar agitado cujo unico porto é a religião.

O superfluo dos ricos, deveria servir para o necessario dos pobres; mas infelizmente é o contrario, o necessario dos pobres é que serve para o superfluo dos ricos.

As dactas d'uma vida

A IDA PARA O COLLEGIO

—Então achaste o que procuravas?

—Achei. Eu tinha consultado a este respeito a baroneza de S., que tem, como sabes, immenso juizo. Indicou-me o collegio de Mme. Maubry.

Uma franceza elegantissima.

Parece-me que fiquei muito bem servida.

—Tu é que foste ao collegio fallar com a directora?

—Pois a quem havia eu de confiar semelhante encargo? Fui, vi, julguei por meus proprios olhos e fiquei satisfeita.

—O collegio está bem situado?

—Sim. Está n'um sitio muito central, muito concorrido, tudo muito á mão. Um constante vai-vem de carruagens, que nas horas de recreação ha de distrahir immenso as creanças

—E a respeito de jardim para ellas correrem?

—Tem um jardim pequeno, mas muito bonito, muito bem tratado, á ingleza. Conhece-se á primeira vista a obediencia e a docilidade das discipulas, olhando para o jardim. Nem um vestigio de travessuras infantis. Uma limpeza ideal nas pequenas ruas arêadas.

Fui lá na hora do recreio da tarde; andavam as meninas passeando e conversando com uma gravidade! uma compostura!... pareciam senhoras em miniatura!... Achei engraçadissima aquella parodia de uma das nossas salas

—Ainda bem que me contas isso tudo, Mathilde. Ando com vontade de metter as minhas pequenas em um collegio, porque estão de uma maldade!... Não pára nada com ellas! Importunam-me extraordinariamente. Tu sabes. Nem eu nem o pae gostamos de barulho, e dous diabretes em uma casa pequena, é de se morrer. Decido-me pelo teu collegio. Perguntaste o que lá ensinam?

—Oh! a esse respeito podes estar descansadissima. Uma perfeita educação de senhora. Mme. Maubry é o typo da parisiense delicada e graciosa.

Tem um cuidado inexcedivel com as maneiras das discipulas, com o seu modo de se apresentarem, com a sua *toilette*.

Disse-me ella que tinha por systema dar-lhes desde muito cedo o gosto de agradarem na sociedade, de excitarem em torno de si uma sensação agradavel... impregnal-as d'aquella graça especial que constitue a mulher do mundo!... Approvo immenso aquella maneira superior de entender a vida social.

—Mas não me fallaste ainda da instrucção que recebem as discipulas...

—Oh! já se vê correspondente ao resto. Linguas... nas linguas Mme. Maubry tem um apuro especial. Piano, canto, um pouco de historia, de geographia, dança, desenho, varios bordados, etc., Creio que é o sufficiente para brilhar entre as primeiras.

Mme. Maubry segue o systema moderno no que elle tem de muito aproveitavel. Ministra a instrucção brincando por assim dizer. Ha concertos semanaes em que figuram as melhores discipulas; ha cursos de conversação; ha noutes em que se lê alto, se recita ou se representa. N'uma palavra, o fim d'ella é tornar deleitoso o estudo, e desenvolver a emulação entre as discipulas. Como verdadeira franceza, percebeu que a vaidade é o motor principal da mulher e...

—Minha querida interrompeu n'este momento o marido da oradora; faze o que quizeres, visto que tive a imprudencia de te jurar que educarias tua filha conforme te approuvesse e sem que eu nunca entrasse n'isso; mas o que desde já te affirmo é que a tua Mme. Maubry é uma corruptora inconsciente da mocidade, e que a tua filha nunca passará de uma boneca!

—

DURANTE AS FERIAS

—Mamã, eu antes quero o laço côr de rosa ..

—Pois faz a Lili muito mal. O azul fica-lhe muito melhor. Olha que no *baile infantil* hão de estar muitas companheiras tuas do collegio. Que alegria para ellas se te virem feia!

—Alegria, mamã? Alegria porque? As meninas do meu collegio são todas minhas amigas, hão de gostar muito de me ver bonita e bem vestida.

—Assim será, minha filha, mas as *mamãs* d'ellas é que com certeza hão de ter inveja de mim se tu fores a mais linda, a mais bem vestida, a que dançar melhor! Chega-te aqui Lili! Deixa-me annellar os teus cabellos. Assim é que ficas bonita, ouviste? Levanta os teus olhos para mim, são tão bonitos os teus olhos!...

—A mamã quer que eu levante os olhos? Mme. Maubry ralha commigo por eu os levantar de mais. Diz ella que uma menina deve andar sempre de olhos baixos, deve córar de vez em quando... nunca se deve rir com vontade.

—Mme. Maubry diz-te isso?...

—Diz, mamã, e que assim é que as senhoras agradam e se tornam amaveis.

—

—Então, minha Lili, tu e a mamã divertiram-se muito no tal *baile infantil*?

—Ah! papá, não imagina! Dancei muito, e todos me disseram que eu era a menina mais bonita que lá estava.

—E' verdade! a Lili estava encantadora. Não imaginas como a elogiaram! Todas me perguntaram onde ella aprendeu a dançar.

—E a mim tambem, mamã.

As outras meninas perguntaram-me onde era o meu collegio.

—Vês! dizias tu, meu maridinho ralhador, que Mme. Maubry era uma professora má. Vê o triumpho que teve a nossa filha no primeiro dia em que appareceu em publico!

Lili, corada de alegria, foi dar uma pirueta defronte do espelho.

—

A PRIMEIRA COMMUNHÃO

Acabou agora mesmo de vestir-se. Branca, branca que parece uma pomba.

O véu de gaze cahe em prégas soltas e ondeantes por sobre aquelle corpo esbelto e franzino de 14 annos; a corôa de rosas emmoldura-lhe deliciosamente a fronte eburnea e levemente sombreada por uns toques de infantil melancolia.

Acha-se linda, e sente que todos que a virem hão de achal-a assim!

Dentro da sua alma resôa como que um cantico de orgulho!

Vae ser noiva do senhor, vae receber pela primeira vez no puro tabernaculo do seu coração a visita mysteriosa do Esposo!

O seu director espiritual, um moço sacerdote francez, fino, louro, delicado, com uma voz branda e persuasiva, com umas mãos brancas, de cardeal, com uns gestos lentos e graves de irreprehensivel bom gosto, acabou hontem de a conduzir até aos umbraes d'essa nova vida, em que ella vae penetrar já consciente do que é e do que vale.

Que doçura mystica tinham as palavras d'aquelle padre! Eram ter-

nas, unctuosas, de uma graça desconhecida!

Até ali para ella a religião fôra um não sei quê de vago, triste e indefinivel, mais para assombro e terror do que para delicioso extasi...

O Christo macilento e ensanguentado, com a fronte coroada de espinhos, e o corpo cravejado de pregos, dera-lhe a idéa de uma angustia desoladora e desesperada, que ás vezes enchera de lagrimas a sua pequenina alma de dez annos.

Porque seria que á voz do moço confessor, o Martyr do Calvario como que se tinha transfigurado aos olhos d'ella?

O padre pintara-o bello, radiante de mocidade, prodigo de ineffaveis esperanças, chamando a si as almas virginaes, e promettendo-lhe a eternidade no amor, a radiosa alegria das nupcias celestiaes.

Era uma nova musica, a que elle fizera vibrar aos ouvidos da gentil neophyta, que sentia, sem saber como, inundal-a uma alegria anciosa, um pungitivo arrebatamento, inteiramente desconhecido ao seu passado!

E olhava para o espelho e sentia-se bella, moça, radiosa de vida e de esperanças, com um profano desejo de alegrias novas, de triumphos ignorados a alvoraçar-lhe o seio juvenil.

E agitando em torno de si as prégas fluctuantes do véu de noiva do Christo, baixou os olhos languidos sobre o livro das orações e bem em voz baixa e palpitantes as palavras sagradas, na lingua melodiosa em que se habituara, por um requinte de aristocracia a fallar em Deus.

«Oh! venez le bien-aimé de mon coeur! venez, Agneau de Dieu, chair adorable, venez servir de nourriture à mon âme! Que je te voie, ô le Dieu de mon coeur, ma joie, mes délices, mon amour, mon tout!

«Qui me donera des ailes pour voler vers toi! Mon âme éloignée de toi, impatiente d'être remplié de toi, languit, te sonhaite avec ardeur te soupire après toi, ô mon Dieu, ô mon unique bien, ma consolation! Embrase moi, mon Dieu, brule, consume mon coeur de ton amour... Mon bien—aimé et à moi.»

O que traduzido na nossa lingua, decididamente reputada impropria para fallar com a Divindade, significa pouco mais ou menos a seguinte edificante declaração de amor:

«Vem, amado da minh'alma! cordeiro de Deus! carne que eu adoro! vem servir-me de alimento ao coração! Quero ver-te, oh Deus amado, minha alegria, minha delicia, meu amor, meu tudo! Quem me dera azas com que voasse para ti!

«Minh'alma afastada da tua presença almeja por se impregnar de ti, enlanguece, deseja-te com ardor, e suspira por ti, oh meu Deus, oh meu unico bem, minha consolação!

«Abraza-me oh Deus! queima, consome o meu coração com as chammas do teu amor!...

«E's meu, oh bem amado, pertences-me!»

Maria A. Vaz de Carvalho.

(Continúa.)

O canôeiro

(Conclusão)

Ha muito que Ercilia habituara-se a amar esse moço calmo e indifferente, que via sempre passar na sua canôa, a cantar alegremente, sem jámais suspeitar que na sombra alguem o espreitava escondida por entre a follhagem do vivente arvoredo.

Aquelle amor pueril e timorato que ella já nais ousava confiar a ninguem, occultava no fundo de sua alma, e com a timidez da sensitiva, fugia encontrar-se com o canôeiro receiando sem duvida trahir-se na sua presença; mas desde a fatal nova, vendo tristemente baquear uma a uma todas as esperanças fulgurantes que havia acariciado com tanto enlevo, sentiu uma dor profunda lacerar-lhe o coração.

Os seus dias tornaram-se desde então tristes, longos e tédiosos; já não esperando cousa alguma, deixou-se abysmar na sua inconsolavel tristeza.

O pai sollicito em promover todos os meios de distrahil-a inventara um passeio ao ar livre, esperando que a suavidade do clima, as amenidades do rio, que outr'ora tanto a divertiam, contribuissem de algum modo para tonificar-lhe a vida.

Animado por essa doce esperança, assim que o canôeiro chegou, depois de o ter saudado deu-lhe parte do seu projecto. O moço por unica resposta estendeu-lhes a mão, e fel-os entrar na sua canôa, tomando immediatamente os remos, mas com uma bem visivel agitação.

Acontecera, porém, que Ercilia ao dar-lhe a mão, involuntariamente detivera-se ante elle tremula e confusa, fitando-o ao mesmo tempo com os seus negros olhos velados de lagrimas; e aquelle olhar em que parecia coar-se a alma toda da moça, fora para o canôeiro como que um mundo de revelações.

Volton a cabeça e começou a remar com incrivel rapidez, como se quizesse disfarçar a violenta commoção que acabava de experimentar.

O seu movimento tinha sido tão rapido, que a moça não prestara-lhe attenção; indo sentar-se no fundo da canôa, a olhar tristemente a corrente tranquilla do rio.

* * *

A natureza um tanto rude do canôeiro, tinha uns instinctos de delicadezas superiores á sua condição, e por uma d'essas singulares intuições de certos espiritos excepcionaes, advinhara no rapido olhar da moça, o segredo dos seus mais intimos pensamentos, e sentira pela vez primeira que esse olhar como se fosse um raio de luz lhe penetrara o coração e o incendiára.

Além d'isso as feições extraordinariamente pallidas de Ercilia, transluziam n'aquella tarde uma tão extranha expressão de melancolia e de desgostos, que elle á medida que a contemplava, sentia-se arrastado por uma irresistivel sympathia.

Jámais ella lhe apparecera em tão plena irradiação de mocidade e belleza.

A dor transformando o seu alegre rosto de criança, imprimira-lhe na physionomia uma expressão encantadora e poetica, especie de estygma mysterioso, que é como que um reflexo da alma que ama e que soffre.

O moço sob a impressão produzida por essa dor muda, porém expressiva, sentia-se fortemente attrahido por singular fascinação.

Entretanto a canôa vogava serenamente sobre a superficie espelhada do rio, no fundo da qual se reflectia o azul purissimo do firmamento.

Ercilia e o pae achavam-se de pé; este fazia observar á filha a belleza da paysagem que se desenrolava aos seus olhos, a qual illuminada pela luz esbatida do crepusculo, tinha n'aquelle momento um aspecto deveras pittoresco.

A moça olhava sem nada vêr, dizia-lhe que a subjugava alguma idéa sinistra, porque se a corrente tranquilla do rio tinha sobre ella o poder de a attrahir e fascinar.

O pobre velho se empenhava em dissipar a funda tristeza da filha, fallava com extrema volubilidade, muito embora ficassem sem respostas a mór parte das suas perguntas.

De repente voltou-se para o canôeiro que parecia alheiado e dis-

trahido inquirin-lhe sobre o seu projectado casamento. Acabavam de chegar ao meio do rio, justamente n'um ponto em que a corrente é excessivamente forte.

N'esse instante o canôeiro ergueu timidamente os olhos e encontrou os da moça que se fixavam sobre elle com uma expressão tão singular que fel-o estremecer.

Balbuciou apenas algumas palavras intelligiveis que ninguem ouvio, porque de subito todas as attenções convergiam-se para a moça, que n'um impeto decisivo se arrojara ao rio.

Por um irreflectido impulso do coração o canôeiro, estendeu os braços e correu para ella, como se a quisesse amparar, mas fôra tão rapido e instantaneo o movimento de Ercilia, que elle não pode prevenil-o.

O seu corpo vaporoso e diaphano oscilou um momento, desappareceu completamente no profundo seio das aguas.

Dous gritos de suprema angustia repercutiram-se unisonos, era o moço que veloz como o raio lançara-se em seu seguimento, e o pobre velho que quasi desfallecido deixara-se cahir no fundo da canôa prorompendo em soluços.

Ao cabo de alguns minutos que foram para o infeliz pae, seculos de pungentissimas angustias, o canôeiro ufano e feliz, regressava depondo-lhe nos braços a filha semi-morta, mas salva.

Quando Ercilia abriu os seus bellos olhos depois de algumas fricções applicadas pelo pae, encontrou o olhar profundo e ardente do moço; estremeceu e não ousou dirigir-lhe uma unica palavra de gratidão, mas a vista demorada e agradecida que lançou-lhe foi mais eloquente e expressiva do que tudo quanto poderia dizer-lhe.

E' de crêr que fascinado pelos formosos olhos da filha do Taquary, o canôeiro se esquecesse totalmente da sua canôa e das suas redes.

O que é certo porém, é que algumas semanas depois das scenas que acabamos de descrever, justamente no dia em que elle devia casar-se com a prima, esposava a gentil Ercilia, julgando-se o homem mais feliz d'este mundo.

E' muito provavel que desde então nunca mais cantasse, pelo menos as ultimas estrophes de sua canção favorita.

Taubaté, 2 de Março de 1889.

ANALIA FRANCO.

Uma saudade

Nas horas tristes da noite,
E sósinha a meditar
Nas azas da fantasia
Sempre, sempre a recordar,
Essa quadra descuidosa
Da minha infancia saudosa.

Ah! como eu sinto saudades
Das virações do arrebol!
E das manhãs tão serenas
Ali ao erguer do sol,
Ouvindo endeixas suaves
No meigo trinar das aves!

Inda me lembra a campina,
Lá no extremo do terreiro,
Onde d'entre as brancas pedras
Corre brando ribeiro;
Ora nas urzes s'escondendo,
Ora no prado apparecendo.

Os galhos curvos, frondosos,
D'uma silvestre figueira,
Pendidos do tronco annoso
Sobre o riacho, na beira.
Deixando ao sopro d'aragem,
Espargir linda folhagem.

Ali no alto da figueira,
Um pequeno sino pendia,
A annunciar aos escravos
A hora da—AVE MARIA;
Hora em que o labor deixavam
E para casa voltavam.

Sobre o ribeiro, as raizes,
Formavam ponte natural,
Sem que d'arte revelasse
O mais ligeiro signal;
As aguas ahi s'occultavam
E queixosas murmuravam.

Quantas vezes tão contente,
Essa hora eu esperava?
E sobre a ponte correndo,
O riacho atravessava,
Ouvindo com alegria
Tocar a—AVE MARIA!

E logo após avistava,
Pobres negros caminhando,
Vergados ao peso das messes;
Mas felizes e cantando,
Não sei que melodia,
Que tanto me commovia!

As arvores do vergel
Embaladas docemente,
Desprendiam-se em mil flôres,
Que perfumam o ambiente;
E ás auras harmoniosas
Dizião queixas mysteriosas.

O sol já despedindo-se
O ultimo adeus dizia,
Com o rosto afogueado
No poente s'escondia,
E n'essa hora os passarinhos,
Chilriando buscam—ninhos.

Já pelas sombras da noite
Ouvia-se terna melodia,
Que entoava o sabiá,
Com as saudades do dia,
Emquanto a gente cansada
Ia chegando á morada.

Oh! que tardes tão amenas!
Oh! que brisas tão fagueiras!
Como então tenho saudades,
D'essas horas tão ligeiras,
D'essa aurora tão querida,
Da minha infancia perdida!

ANALIA FRANCO.

Maria Antonieta

E' ella! a formosa, a fascinadora, a legendaria rainha!... E' ella, a intrepida amazona do bosque de Bolonha e Fontainebleau, que emquanto o duque de Berry, caçava a monte, galopava ao lado do conde de Artois, ebria de luxo e festas, alegre como uma grisette, pueril como uma criança, orgulhosa como leôa, seguida pelos olhares ardentes e curiosos dos parisienses, cuja estranha admiração ia depois expandir-se em dithyrambos e satiras!...

E' ella, a singularissima princeza, que na hora suprema em que as flores de liz lhe coroavam a fronte eburnea, ajoelhava coberta de lagrimas, á beira do cadaver de Luiz XV e escrevia a sua mãe:

«Deus tenha piedade de nós, o rei cessou de existir! Meu Deus, que vae succeder nos?... O' minha boa mãe não poupe conselhos aos seus desgraçados filhos.» (10 de Maio de 1774).

E' ella, a brilhante Maria Antonieta de Trianon, que sem descortinar as ciladas que se urdiam na sombra, os perigos que a ameaçavam as mãos sinistras, que distillavam no coração do povo venenos lentos, seguia risonha e incauta pelo braço do Judas, crivando de epigrammas amigos leaes e arrojando ao vertice do casamento de Figaro, cavado pelo braço demolidor de Beaumarchais, os prestigios da realeza!...

E' ella, a mesma orgulhosa austriaca que exacrava Lafayete, o bello archanjo trigueiro de azas tricolores que em Versailles a arrancou se gar-

ras dos populares ; desprezava Mirabeau, a sonora voz vibrante e apaixonada, que respondeu uma vez ao fidalgo que ouzou censural-o ; «*Je ne me juge pas, monsieur. je me compare*» ;escarnecia Malesherbes, o fiel amigo, e não duvidava embrenhar-se nos tortuosos dedallos da politica estrangeira, arrastando comsigo o pusillanime monarcha, ateando as paixões partidarias e avisinhando assim o tremendo desenlace !

E' tambem ella que, com a temeridade sublime das consciencias immaculadas, ordena que abram as portas das Tulherias ao povo enfurecido commandado por Santerre, e lhe dirige essas eloquentes e sensibilisadoras palavras que deveriam prostar-lh'o aos pés, se no bronze eterno das idades não houvesse soado a hora decisiva em que a revolução, lentamente elaborada atravez dos seculos, houvesse afinal de irromper como lava de um vulcão, immergindo de subito das entranhas de um mundo convulsionado.

E' ella que no Templo e mais tarde na Conciergerie, realisa o sonhado ideal da melhor das esposas e da mais terna das mães ; tragando, uma após outra, todas as dôres, vergonhas e ultrages que a um ente humano podem infligir-se e curvando resignada, como a ultima das mulheres, a fronte onde pousava a corôa de França.

E' ella, finalmente, que no instante supremo que precede o derradeiro supplicio escreve á princeza Izabel a carta que pela estranha eloquencia dominadora parece reflectir a grande luz serena e mysteriosa da eternidade e que é considerada como um dos primeiros autographos do mundo.

D'este conjuncto de tão opppostos sentimentos, desta synthese de grandes qualidades e de graves erros, desta aureola de romantismo que envolve o vulto excepcional da filha de Maria Theresa, resulta ser ella uma das mais prestigiosas figuras de rainha que o passado offerece ao nosso captivo olhar e á nossa ingenua admiração.

Maria Antonieta, formosa e espirituosa rainha e martyr, conforme a tradição a pinta, é a segunda Sybilla de Delphos que o irriquieto meridional e o pacifico indigena collocaram diante da sua investigadora analyse, da sua arrojada phantasia ou da sua perpetua curiosidade...

GUIOMAR TORREZÃO.

O botão de larangeira

Concedeu-te a natureza
Floreo botão innocente
Grato perfume attrahente
—E o emblema da pureza,
—E's da belleza o primor,
—Oh ! linda prenda de amor.

Se a tarde a brisa de leve
No laranjal sussurrando
Por entre as ramas brincando
Vem beijar-te ó flôr de neve
Murmura cheia de olor :
E's linda prenda de amor.—

E quando a virgem desperta
Do seu sonhar innocente
Perpassando em sua mente
O temor da sorte incerta,
Em ti encontra o valor
Oh ! linda prenda de amor !—

—E's do sonhar a esperança,
Floreo botão innocente,
O teu perfume attrahente
—E' o penhor da alliança ;
Serás sempre oh ! linda flôr
—Perpetua prenda de amor

EMILIANA DE MORAES.

Depois do baile

(Realisação d'uma promessa carnavalesca)

Caprichos vãos, e sonhos mil e mil,
rapidos, leves, como a leve aragem!...
. . . . . .

Queres uns versos, dominó gentil,
em que eu retrate tua doce imagem?!...

Queres uns versos?.. Se te não conheço!
mas imagino o que tu deves ser.
Eu quero ver-te, novamente, peço,
quero o teu rosto sem viseira vêr.

Eu quero vêr-te, deves ser formosa,
qual uma flôr das regiões do sul !
deves ser linda como é linda a rosa,
eu quero vêr-te, dominó azul.

Eu quero vêr-te. Deve o rosto teu,
ter a expressão d'um juvenil pensar,
devem teus olhos ser da côr do céo,
ou então negros, d'um feliz scismar.

Eis pois os versos ; eu t'os offereço,
são pobres cardos d'invernal paúl,
em recompensa, novamente peço,
dize quem és, ó dominó azul.

ALICE MODERNO.

Religião catholica

Nasceram os tempos, nasceu com elles esse par humano, que á voz do omnipotente surgiu do limo da terra; desse par se virou a familia ; e della tantas, tantissimas que o globo terraqueo povoaram.

Esses homens, que os elementos juvenis alimentavam, aproximavam-se da perfeição nas proporções plasticas, na robustez phisica, na elevação da lucidez do espirito, na energia da vontade e na sensibilidade do coração.

Esses homens primitivos acharam na sua grande e poderosa alma, como um aviso que os affectos humanos não encheram, uma aspiração que não comprehendiam, uma voz intima que lhes era desconhecida. Os gemidos de seu peito perdiam-se no espaço ; o limite de seu futuro não tinha esperança ; as trévas que os rodeavam eram compactas e espessas.

A alma d'esses homens vagueou nas regiões aéreas e nos páramos desconhecidos em demanda de um ser ignoto, que se lhe afigurava dever existir. Não encontrando o que procuravam, voltaram os olhos do espirito para a natureza com o mesmo fim, e nesse intuito inquiriram quanto os rodeava, inquiriram tudo.

Amanhã offereceu-se-lhes deslumbrante, com suas mimosas cores rosadas, seus véos transparentes, e suas bellezas seductoras.

O dia abriu-se-lhes repleto de luz pelas irradiações do grande astro, a tarde meiga e vascillante entre suas mysteriosas sombras, suas purpuras e meias tintas ; a noite sombria, envolvida nas prégas de seu longo manto, com sua cupula de saphira constellada de diamantes.

Na terra, seus olhos viram o brotar e crescer das plantas desde o pequenino pé da relva até o roble da floresta ; nas aguas mysterioso fluir á refluir, á imitação de sangue humano, em cujo giro consiste a vida, e no meio de todas estas maravilhas achou-se o homem rei da creação e a mais admiravel das suas feituras.

Esses privilegiados meditando em tudo quanto viam comprehenderam que a materia por si só não podia produzir esses phenomenos que devia haver um ente omnisciente, de sabedoria, omnipotente no poder, autor e coordenmador de todos esses prodigios; e na falsa intuição desse mysterioso ser a sua imaginação produziu as mais absurdas concepções e

ptil, o animal domestico, a forma monstruosa, a mulher impudica e o homem ébrio tiveram altares!

As sociedades mal constituidas e sem fundamentos de moralidade acabaram por se corromper, e os costumes depravaram-se; as torpezas, as crueldades, a cubiça e a rapina reinaram desassombradamente sobre a terra.

Mas o tempo prescripto chegou e n'esse cahos de trévas e horrores fez-se uma grande luz; e essa luz irradiou sobre o genero humano. O ente creador revelou-se, a aboboda celeste era seu solio, a sua mão apontava o caminho do sol e da lua, e a natureza enchia-se da sua immensidade. Esse ente teve na lingua humana o nome de Deus!

No meio dos reflexos d'essa luz, um codigo de leis foi dado ao homem, esse codigo tinha por base a justiça e por attributos o amor e a caridade. A mulher, escrava até ali, foi levantada á dignidade daquelle de quem ella era osso de seu osso, a carne de sua carne, e os nomes de ambos unidos passaram para além do tumulo.

As tres virtudes.—a fé, a esperança e a caridade foram dadas ao homem para seu soccorro e felicidade — a fé para seu escudo, a esperança para seu norte, a caridade para seu laço.

A fraternidade, filha mais velha da religião, hasteou o seu estandarte no centro da humanidade: em torno delle reuniram-se todas as raças, todas as crenças, todos os vicios e todas as virtudes.

A caridade completou a obra da fraternidade. As rainhas abriram seus regaços de brocado e derramaram as rosas, que as suas delicadas mãos tinham colhido sobre os pantanos infectos da miseria. Uma das mais bellas dessas rosas creou as misericordias, que deram nas casas chamadas hospitaes, enfermarias dos doentes, e deram tambem soccorros aos retidos nos calabouços: outros magnanimos coracões instituiram os asylos para a infancia, os confortos para a decrepitude, os refugios para o arrependimento, e os hospicios para as profugas do mundo. As jovens da mais alta sociedade deixaram as blandicias dos seus palacios dourados e foram velar á cabeceira dos doentes, curando com suas niveas mãos as mais ascorosas chagas e as miserias mais repugnantes.

Nada esqueceu á caridade; todas as dores acharam nella balsamo, todas as angustias consolação, todas as fraquezas animo, todos os desvalimentos auxilio.

Eis ahi um pallido esboço o que é a religião catholica trazida ao mundo pelo homem Deus, e por elle sellada no Calvario com o seu precioso sangue.

Agora dirijo-me a vós, homens de sciencia, a vós que á luz do raciocinio decifraes os mais difficeis problemas, a pedir-vos que pondereis o que seria da raça humana se esta crença não tivesse baixado ao mundo, e o que será ainda se as santas leis forem substituidas pela licença e pelo indifferentismo. Respeitai-lhes os mysterios e acatai-lhes os sabios e uteis preceitos.

D. Maria Pilar Bandeira Osorio.

Dioná

Em que scismavas alli? Porque triste
Baixaste a fronte qual pendido astro!
Porque ficaste ao som triste do orgam
Pallida e fria — estatua de alabastro?

Carlos Ferreira.

N'um salão que regorgitava de luz, perfume e harmonia, foi que a vi — a pallida Dioná —

Deixando-me transpor para as regiões ethereas do mundo da fantasia, em sonhos ideaes que sua fascinante belleza, no meio de muitas outras, em todo o meu ser incitava, embeveci-me toda n'um doce scismar: «Sonhava nos tempos remotos da antiguidade em que Atlante gemia debaixo do peso do céu cheio dos mil deoses da Fabula. Vi-a ao lado de Venus, sua irmã, filha de Jupiter e de Dioné. Loura, como a loura Céres, os pallidos cabellos caprichosamente seguros ao alto da cabeça por alfinetes mimosos e reluzentes, na transparencia das roseas gazes do seu vestuario que despregavam-se d'um corpete decotado de roseo setim, e vinham encontrar-se em correctas pregas por debaixo de um lindo collar de finas perolas, quando a vi levantar-se e dirigir-se ao camarim contiguo á sala, lembrei-me da Aurora, filha de Appollo, que chegando ás portas transparentes do Oriente, abriu-as com os seus dedos de rosas.

Executava-se a valsa Melpomene que dessa graciosa musa, filha de Jupiter e de Mnemosyma recebeu o nome.

Com um gesto de rainha afastou os cortinados da ante-camara e reappareceu: no seu andar donairoso, na sua estatura elegante, confundiam-se o mysticismo e o ideal das divindades mythologicas com a fidalguia e rigidez da grande Sarah Bernardt.

Vi-a passar rapidamente no fervor da valsa, entre a turba feliz. Sorria-se, e o seu cavalheiro solicito sorvia o doido lume dos seus olhos transparentes... Findou-se a valsa, fui sentar-me perto d'ella.

«Como sois feliz, disse, de ser tão bella!

Ella encarou-me de um modo estranho, parecendo não comprehender-me.

— «A rainha da festa, disse de novo, é sem duvida minha adoravel visinha.»

Respondendo-me por mimica, concluí emfim que ella não me entendia e suppunha ter ao meu lado alguma estrangeira chegada ha pouco na localidade, quando um moço, aquelle que com ella walsára, a mim dirigindo-se:

—«Esta senhora não ouve-a.

V. exc. nem póde responder-lhe, me disse.»

—«Porque?»

—«E' surda e muda.

. . . . . .

. . . . . .

Fitei alguns instantes... o que acaba de ouvir tinha-me causado uma sensação profunda, e um sentimento mimio de compaixão me fez chegar aos olhos lagrimas de infindo pezar...

Tão bella! tão formosa! tão joven! — (Surda e muda!!)

...minha pobre Dioná, a irmã de Venus, loura como a loura Céres, salientando-se no meio da luz, dos perfumes e harmonia da sala como a pallida aurora, filha de Appollo, detendo-se n'uma nuvem vaporosa no meio da harmonia das espheras celestes...

Pobre Dioná!!

Luiza Thienpont.

Campos — 1889.

Margarida

O robusto talento de Jacintho, seu elevado caracter, e sua alma que transbordava de bondade, foram alvos da paixão de Margarida, que era bella como um sonho de amor.

Ambos se amavam silenciosos desse amor casto e timido que só os poetas sabem descrever: Jacintho não achava uma só phrase digna de ser diri-

gida a Margarida que tambem evitava-o, porque assim exigia sua timidez.

Margarida gostava de musica e a ella contava suas tristezas e alegrias: em uma noite, em que cantava um romance de Mariani, sentiu que alguem se approximava, era Jacintho que veio dizer-lhe :—Margarida, amote como se ama a claridade da vida ; não és para mim a Margarida do Fausto, nem a Margarida de Gauthier, és a minha primeira flôr, a primeira Margarida do meu jardim ; sinto-me feliz em amar-te, e infeliz em não ser amado : o amor não gosta que se duvide d'elle, serei teu esposo.

Dias depois Margarida caminhava para o altar a entregar a seu esposo sua grinalda nupcial ornada de botões de pureza e innocencia.

Partiram para Séfa e ahi viveram felizes por muito tempo, mas Jacintho tinha um unico defeito, seu coração tornou-se um oceano de indifferença com ondas de volubilidade.

Margarida sabia, e sentia que seu marido não a amava, e consolava os soffrimentos de mulher despresada com os sorrisos da filhinha que depois lhe foi roubada pela morte.

E quando á tarde as aves voavam livremente no espaço, e pousavam nos galhos embalados pela brisa, quando o sol se occultava atraz das montanhas formando nas nuvens quadros doirados, quando as flôres exhalavam perfumes, e o sino batia Ave Maria, Margarida caminhava para o cemiterio como uma sombra que desapparece no crepusculo, ia depositar no tumulo da filhinha um ramo de saudades.

As horas passaram depressa e meia noite soava no aragão da igreja. Margarida olhou amedrontada e só via o silencio dos mortos ; de um lado parecia-lhe vêr o esqueleto de seu pai que lhe estendia a mão, do outro a mãe que lhe abria os braços, diante de si a filhinha, que, sorrindo, parecia pedir-lhe que ali ficasse ; a pobre moça com o coração ralado por amargas saudades, começou a caminhar e assim desceu uma planicie atapetada de relva, que se estendia até o Amazonas.

A noite que se conservara escura, tornou-se clara, a lua tinha descido sua escada de nuvens, e reflectia sua pallida luz fazendo ondular as aguas do rio.

Margarida lembrou-se que corria como certo que as folhas da *Victoria Régia* serviam algumas vezes de canôa para os indios, e sem hesitar cortou uma das folhas e n'ella embarcou, entregando-se á correnteza que a levou até uma ilha de pedras : ahi accordou do torpôr em que estava, e repetidas vezes chamou por Jacintho a quem amava com delirio de louca, e só teve em resposta o silencio que a cercava.

E como a estrella cadente que se apaga na amplidão do espaço, Margarida precipitou-se no fundo do rio a contar seus soffrimentos.

A Margarida desfolhou-se, imitando Sapho que morreu precipitando-se no Leucade.

Anna Brandão.

NOVIDADES

Theatro S. José

Levou á scena sabbado e domingo a excellente *troupe* do Heller, a interessante e espectaculosa magica—*O Annel de Salomão*.

Tanto na primeira noite como na segunda a concorrencia foi enorme.

As artistas Lapiccolo, Elelvira, Blanche e Olympia desempenharam satisfactoriamente os seus papeis.

Vasques, Lisboa, Mattos, Peixoto e Colás, fizeram como sempre, rir a bandeiras despregadas ao grande numero de espectadores que enchia a vasta sala do S. José.

Seriamos injustos se não fallassemos no novel artista Mesquita, que apezar de fazer um papel secundario mostrou ter conhecimentos da arte a que se dedica.

A peça está esplendidamente montada ; a musica é bellissima e o desempenho correctissimo.

—Na terça-feira, com grande concorrencia foram levadas á scena a comedia *Sorprezas do divorcio* e a opereta *Chateau Margaux*.

A interpretação dada á comedia pela companhia Heller foi muito bôa salientando-se entre os demais artistas o Vasques, que fez o principal papel da peça, sendo todos muito applaudidos.

Terminou o espectaculo com a chistosa opereta *Chateau Margaux* que agradou muito, devido á bôa interpretação que lhe deram, nos seus respectivos papeis os artistas Massart, Mattos, Lisboa, Colás e Montani.

Foi um espectaculo attrahente o de terça-feira, sendo ouvido com geral agrado por parte de todos os espectadores.

—Na quarta-feira representou-se o velho *Fausto*, que ha mais de 12 annos não era levado á scena no nosso theatro.

O desempenho com quanto não fosse correcto foi muito regular, andando notadamente bem o artista Lisboa, que apesar de já estar um pouco *pesadote* para papeis de galan, conseguio dar-nos um magnifico dr. Fausto

Dizendo que foi o Vasques que se encarregou da parte comica, acreditamos ter dito tudo.

Olympia Montani no papel de Margarida e Mesquita no de Miphestopheles, estiveram soberbos.

Os demais artistas portaram-se bem e foram com justiça applaudidos.

—Quinta-feira levou a companhia a opera-comica em 3 actos :—*O Amor Molhado*.

Desempenho bom, casa regular e bastantes applausos.

Para hoje está annunciada uma das boas pecas do vasto repertorio da companhia Heller.

RECEITAS DOMESTICAS

PÃES RECHEIADOS

Tomem-se pães dormidos e tirem-se-lhes com cuidado uma rodella na parte inferior, pela abertura retire-se todo o miolo do pão, feito o que deite-se de molho em agua por dez minutos, depois do que encha-se o espaço que foi occupado pelo miolo com qualquer recheio ; tape-se o orificio com a rodella pregando-a com palitos e em bandejas untadas de manteiga ou gordura, levem-se a forno brando.

—

RECHEIO DE PEIXE

Para recheiar pasteis, pães e outros preparados de massa faz-se o recheio seguinte :

Tome-se garopa, robalo, cavalla ou tainha salgadas ou frescas já cosidas e desfiadas, refoguem-se em bastante tomate, salsa, cebola e pimentas verdes, gordura e camarões frescos ou seccos, sem casca e picados, deixe-se cosinhar e quando se tenha de fazer o recheio, junte-se azeitonas e rodellas de ovos cosidos.

Alzira Dias da Silva.

TYP UNIÃO—S. PAULO.

ANNO 1 | S. Paulo, 30 de Março de 1889. | NUM. 18

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Aviso

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. Paulo, 30 de Março de 1889.

A educação das mulheres no Brazil é um problema de magno alcance para o futuro patrio. E' sem duvida o segredo inexplorado de todas as grandezas a que havemos de attingir, quando o velho e estalido preconceito de nossos maiores tiver de todo desapparecido de nossos costumes.

Como bem expende o Sr. Jorge Pinto:

«... emquanto a educação da mulher brazileira fôr a que até hoje tem sido, continuaremos a ser o que de ha muito somos, um paiz de indolentes e de preguiçosos, um paiz de hepaticos e de nevropathas, na valente phrase de José do Patrocinio.»

Certo, nada é mais triste do que fazer pelo pensamento a autopsia desta sociedade nova, em que a mocidade mirrada e fragil semelha uma planta que brotasse de sólo cansado, á mingua de luz e de calor. Mas ao pé desse phenomeno cruel, o que vemos? A precaria condição social da mulher, sem educação e sem estimulos, não tendo outro ideal além do que poderia servir a uma filha da Turquia.

E' no proprio interesse dos homens que está a vantagem do desenvolvimento intellectual das mulheres.

E' crassa a cegueira do que não vê que a ignorancia é um mal, que a educação é um bem, e que tudo o que concorre para que sejamos bôas, igualmente concorre para que os homens sejam felizes.

Infelizmente, porém, são taes os prejuizos, de que somos victimas que até hoje, quasi no fim do seculo das luzes, nós, as brazileiras, nos conservamos estacionarias e atrazadas, sem comprehendermos de que maravilhoso poder somos dotadas, quanto poderiamos influir no desenvolvimento intellectual e moral da nossa sociedade.

Ha nos brazileiros, em extremo supersticiosos, um prejuizo acerrimo, qual o de temerem a instrucção por perigosa; é isso tradiccional e se acha tão arraigada em todos os espiritos, que mesmo entre familias bem collocadas, se faz sentir de um modo lastimoso.

Teme-se pela vantagem de conhecer o perigo, como se a virtude fosse innata!

Disso resulta que, como muito bem observa o Sr. Jorge Pinto:

«Qualquer de nossas donzellas ou mãis de familia, qualquer d'ellas tem o coração cheio de bondade, é quasi sempre formosa, traja-se com elegancia e gosto, é polida e graciosa no trato, mas não passa disso,—attrativos exteriores, latão casquilhado de ouro—no fundo ella é de uma educação atrazadissima, ella é de uma ignorancia supina, em que tudo o que diz respeito a estudos de litteratura, de philosophia moral e religiosa, de hygiene privada e domestica, ella não sabe ser mulher e ser mãe, ella não sabe nada.»

Entretanto, essas mesmas é que hão de crear o homem para as lutas da vida, o homem, que tem diante de si a amplitude de um mundo, com as suas maravilhas a explorar, e que tem em roda de si a multidão de seus iguaes a amar e a distinguir.

Sahindo desse meio acanhado e futil, o que póde elle chegar a ser?

Timido e caprichoso, o reflexo de todas as fraquezas que herdou no berço, e que encontrou em sua educação.

Tempo é já de tratar-se de emendar o medonho erro de que todos temos sido victimas, proporcionando-nos uma educação solida, capaz de elevar-nos á altura de nossa missão na sociedade.

Não fazel-o é condemnar-nos todas a um estado de atrazo e apathia, que se traduz em decadencia precoce de um paiz ainda novo.

Assim o entende o Sr. Jorge Pinto:

«Por sua influencia directa e intima sobre os homens, quer como mãis, quer como esposas, as mulheres re-

presentam no progresso de um paiz um dos principaes factores. Como mãis ellas nos educam, formam o nosso caracter, a nossa indole, a imagem de que nós somos os reflectores; como esposas, são ellas que nos aconselham, que animam e applaudem as nossas lutas e as nossas glorias, que se confraternisam emfim á nossa obra. Ellas são a seiva que nos alimenta a nós, homens de lettras, industriaes, magistrados, estadistas, e emquanto a seiva fôr pouca e fôr ruim, havemos de viver para ahi a mirrar-nos, a estiolar-nos.»

Mãis e mestras

CAPITULO VIII

FAMILIARIDADE COM A DISCIPLINA

Com razão afastando-nos da severidade das formulas do antigo regimen da educação das crianças talvez que hoje cedamos demais com ellas á familiaridade. Damos occasião a temer, vendo o pouco respeito que geralmente reina nas familias em relação a suas cabeças, examinando o tom decidido da mocidade, sua presumpção, temeridade e gosto antecipado da independencia.

Não ha que duvidar, como já em outra parte dissemos, que o desenvolvimento das luzes postas ao alcance de todos *em prejuizo do ensino da moral que fica desprezada* não concorra muito para esta subversão da ordem social.

Os paes, de sua parte, parece que com alegria de coração trabalham em abdicar nos filhos seus direitos, pela especie de emancipação que lhes conferem em razão dos conhecimentos intellectuaes e dos talentos adquiridos pelos ultimos.

Desta fraqueza que resulta?

O orgulho da presente geração, orgulho que a faz rebelde a todos os poderes, intratavel ao commercio da vida, e que lhe deseca o coração como a arvore roida pelo bicho na raiz.

Pelo que toca ás raparigas, bom é que a mãe ou mestra busque captar-lhes a confiança e excitar n'ellas o amor com preferencia ao temor; mas tambem apresentando-se como sua amiga, companheira de estudo e emula, mais do que como superiora, deve sobre tudo evitar expôr-se a faltarem-lhe ao respeito e ás attenções.

As meninas espirituosas e alegres são especialmente mais sujeitas a passarem do gracejo á malicia, a aproveitarem o lado fraco e ridiculo que se lhes apresenta mais ou menos, para excederam ás raias do decôro: toca então a quem as dirige mantel-as com um lançar d'olhos ou com uma palavra, e isto por interesse reciproco, pois ha um rifão antigo muito certo que diz: «familiaridade gera desprezo,» e por ser tambem mui sabido que no dia em que a discipula não respeitar a mestra, perdendo esta a autoridade e respeito, perderá tambem toda a sua influencia saudavel.

Para que este commercio intimo, polido e suave entre mestra e discipula não degenere, é mister muito tacto d'uma e d'outra parte.

Todavia como a primeira possue as vantagens da experiencia e da autoridade, a ella pertence estabelecer e conservar essas relações em termos convenientes.

A menina posta em boa escola nunca deixará de portar-se com aquella reserva e delicadeza de maneiras que são indicios certos de bom nascimento e distincta educação.

Assim que, tendo cuidado de evitar extremos, inculcaremos ás crianças o sentimento de sua dependencia nativa assaz profundamente, para que ellas respeitem seus autores como seus mestres e abritros, conforme a lei de Deus e a da natureza, e excitarão n'ellas o amor e gratidão a seus paes pelos motivos os mais poderosos e mais proprios para movel-os.

Não se contarão porém no numero d'esses motivos os donativos que procedem da sollicitude do pae e mãi com o fim da *conservação* porque a criança guiada pelo seu instincto, julga com razão que esses cuidados desempenhados tambem pelos irracionaes para com sua prole de modo tão terno, são da natureza das cousas.

Muitas provas ha de affeição, de sacrificio e de generosidade que são faceis de fazer sobresahir a seus olhos, e que ella não as póde reputar como *cousas decidas* e que aprende a conhecer-lhes o valor.

D'esta sorte se esclarecerá o seu juizo em proveito da alma, e depois que bem convencida estiver dos deveres da obediencia, gratidão e ternura filiaes, n'esses mesmos sentimentos beberão os principios mais nobres e puros de seus progressos e melhoramentos. «E' a piedade filial aurora da piedade religiosa.»

A mulher forte

TERCEIRA CONFERENCIA

Uma mulher sensata gosta do silencio: nada comparavel a uma mulher instruida.

SENHORAS:

Parece-me que me não distancio do nosso programma, pedindo hoje o meu texto a um outro livro da Sagrada Escriptura, que completa o dos Proverbios, sobre as qualidades da mulher forte: e tanto mais, quanto, sendo constante o sopro inspirador da Biblia, se póde dizer, com verdade, que só se cita um autor.

Um dos principaes deveres da mulher é o cuidado do seu interior, o governo do lar, e tudo quanto se relaciona á economia domestica.

A mãe de S. Gregorio Nazianzo, é sob este ponto de vista um admiravel modêlo, porque praticava perfeitamente, diz este santo doutor, os conselhos contidos no livro dos Proverbios, fazendo de tal modo prosperar os negocios domesticos, que dir-se-hia não dispôr de tempo para tratar das cousas do céu, quando no entretanto, era tão piedosa que parecia estranha a todas as dependencias do lar. Estas duas obrigações não se prejudicavam uma á outra, antes pelo contrario reciprocamente se fortificavam e aperfeiçoavam.

Na passada conferencia tratamos especialmente do trabalho manual, dos cuidados no lar e da actividade que a mulher deve desenvolver n'elle para vigiar tudo, e sustentar todas as cousas n'uma ordem admiravel, e fixamos ás grandes vantagens d'estas occupações differentes, vantagens para a conservação da virtude e da saude, vantagens para fugir á ociosidade, e, muitas vezes, ha uma grande desordem em todos os serviços e interesses.

N'este mundo, senhoras, em qualquer parte se encontra o estreito de Messina: desculpai a comparação geographica, que só vem para melhor vos fazer comprehender a minha idéa.

Entre a Calabria e Sicilia ha um estreito de cerca de tres leguas de largo: dous mares, cada um d'elles em sentido inverso, estabelecem alli fortissimas correntes. Para o atravessar pelo centro é necessario que o piloto haja grande pericia.

Pois bem, o estreito de Messina representa magnificamente a maior parte das questões humanas: isto é, exagerações e correntes extremas de-

cada lado. Passar no centro nem sempre é facil, e tanto mais, quanto das duas margens oppostas partem muitas vezes balas ardentes, isto é, cóleras e contradicções, mais ou menos violentas.

Assim, senhoras, na questão que nos occupa, se se recommenda ás mulheres que tratem seriamente do seu interior, os partidarios da emancipação intellectual e moral d'ellas apresentam-se completamente armados, e exclamam: — Quereis atoleimar a mulher? A exageração póde vir tambem da dóse da bebida intellectual, da medida na applicação, da direcção dos estudos e das suas consequencias praticas; pois, como muito bem disse Fenelon: — «Tudo está perdido se a mulher para cuidador do seu espirito se desgosta dos cuidados domesticos.»

E realmente as mulheres estão tanto mais expostas—permitti ainda esta confidencia ao arcebispo de Cambray—«quanto correm o risco de tocarem os extremos em tudo.»

A linha do centro é a linha da sabedoria, diziam os antigos, e é essa a que desejo aconselhar-vos n'este instante.

Póde e deve a mulher occupar-se de estudos, em leituras, na poesia, na litteratura, nas artes, na musica?

Seria difficil responder á interrogação, posta assim, d'um modo geral. Ha mulheres que evidentemente não podem entregar-se a esta especie de estudos, umas porque lhes falleceo tempo, outras porque a natureza lhes recusou a devida capacidade. Assim, o bom senso, crea-nos o dever de eliminarmos logo uma certa categoria de mulheres, cuja pratica sabedoria, mais ainda que as theorias abstractas, deve determinar o numero.

Mas que resposta dar ás que dispõem de tempo, e têm em maior ou menor gráu a capacidade necessaria?

Antes de entrarmos no estreito e perigoso atalho d'uma resposta clara e precisa, será conveniente fixarmos tres condições essenciaes, que deverão sempre acompanhar o estudo na vida das mulheres. A direcção do lar não deverá nunca soffrer, e os negocios da familia serão sem pre regulados; o estudo não deve prejudicar os deveres principaes, e no dia em que elles lhes pozessem um obstaculo seria condemnado, não em si, mas sim pelo excesso. Si a Providencia vos reservou maior liberdade, se, por exemplo, não sois casadas, se não tendes filhos, se sois viuvas, se o trem de vossa casa não é consideravel, dai então mais algum tempo á vossa cultura intellectual, e isto será bom: mas uma segunda condicção; — consultareis a medida do vosso espirito e não excedereis a dóse que elle póde tomar.

(Continúa.)

Saudades

Tenho saudades das flôres
Que espargem gratos odôres
Em minha veiga natal:
De meus folguedos risonhos,
Que hoje passam, qual sonhos,
Nesses abysmos medonhos
Da negra ausencia fatal.

Como era sublime e lindo
Escoar-se a vida, sorrindo,
Sem o lucto do pezar!...
Mas dessa quadra enganosa
Resta minh'alma saudosa,
Infeliz, triste, chorosa,
Distante do terno lar!

Bem sei, mentida aventura,
Que esse calix de doçura,
O absinthio amargurou;
Se não tenho uma esperança,
Só me entristece a lembrança
De meu viver de creança,
Que tão depressa findou!...

Era bello quando a aragem
Soluçava entre a ramagem
De annoso e esguio chorão!...
Era a brisa perfumosa,
Embriagada, amorosa,
Uma virgem fabulosa,
Doudejante no sertão!...

Não póde meu peito triste
Dizer a dôr que resiste,
Sem pensamento, sem luz;
Mas póde a pobre descrente,
Contricta dizer que sente,
Um lenitivo, sómente,
Quando ora ao pé da cruz.

Traz, ó vento ao transitar,
Um bafejo de meu lar,
Nessas azas delicadas;
Pois outr'ora dei-te um canto,
N'aquella selva de encanto,
Agora offerto-te um pranto,
Com minhas scismas cançadas.

Maria de Andrade.

A caridade

Quando pensamos n'essa terrivel calamidade que tem assolado duas cidades ha pouco pujantes de vitalidade, sentimos confranger-se-nos o coração ao vel-as de subito transformadas em antros medonhos, frementes convulsos, onde centenares de victimas flageladas por uma enfermidade atróz estorcem-se nas vascas do desespero e da morte; ellas que ainda ha bem pouco tempo alegres na despreoccupação em que placidamente viviam, mal cuidavam talvez, na insolita doença que lhes ia converter a vida n'um desespero tremendo.

Mas á voz angustiosa da desgraça despertam-se as commiserações espontanea, o respeito condoido que se traduz na caridade.

A chamma celeste desse sentimento desinteressado, puro, constante, heroico, que s'inspira no amor divino, não menos prodigioso que a vara de Moysés, lavrando nos corações o incendio dos affectos evidencia-se agora admiravel, eloquente na grandeza dos sacrificios, da fraternidade e da abnegação. E aquelles que sentem vibrar mais fortemente o sentimento intenso de superior caridade sequestrando-se ao pacifico remanso da vida intima aggremiados em santa milicia, hasteam o symbolo da caridade—a cruz labaro do homem-Deus, como atalaia de protecção celestial, e vão espargir ás mãos cheias os beneficios e o conforto a esses corações dilacerados de amarguras e apavorados pelo exterminio, em lucta desigual, tremenda com a adversidade.

E' sem duvida um arrojo sublime de quasi incrivel sacrificio, o nobre proceder d'esses heróes, que calcando aos pés a estatua do individualismo dos modernos dias vão suavisar as angustias d'aquelles que se prostram nos braços da doença mortifera e contagiosa, levando ao mesmo tempo ao albergue humilde e esquecido do pobre, essa doce esperança, que para muitos será apenas a ultima consolação que lhes resta.

Que valem pois todas essas virtudes frias e infecundas, comparadas ás que se bazeiam na caridade, onde estão os segredos das mais maravilhosas dedicações?

A caridade, segundo a opinião de um escriptor, foi o manancial de prodigios que se desentranharam em instituições de beneficencia, pelas quaes muitas lagrimas foram enxu-

tas, e muitas chagas guarecidas, quando os barbaros escoltados pela fome e pela peste invadiram as regiões meridionaes.

Atravéz dos seculos e inaccessivel ao espirito perturbador das reformas, o sentimento da caridade é sempre o inalteravel inspirador de tudo que é sublime nas relações que prendem o homem com o seu semelhante e a humanidade com o seu creador.»

Oh! como é sublime o benefico pensamento que inspirou a quantos se acham alistados na bandeira da santa milicia, que não intenta conquistar com as armas de ferro a gloria dos campos da batalha, mas com os sacrificios e os exforços de fraternidade as unicas victorias dignas do genero humano; a conquista da verdade e do bem.

Aqui da penumbra obscura onde me prende o dever, ergo a minha voz fraca e humilde, para saudar com lagrimas de enthusiasmo, e de agradecido respeito a essa legião de benemeritos que tão bem souberam comprehender o divino preceito de Christo, de cujos labios só dimanavam palavras de caridade e de amor.

«Amor intenso indisivel que na phrase de Rebello Silva, tirou da natureza o symbolo, que assentou nos umbraes do tumulo a esperança que nunca morre na terra para trocar nas vestes candidas da pureza, o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha e brotar da aridez da amargura fontes de colsolação suprema.»

Honra pois a essa nobre phalange que impellida por um sentimento verdadeiramente enternecedor, verdadeiramente sympathico, soube por em pratica este pensamento de Bossuet, quando diz: «o fim da religião, a alma das virtudes, o compendio da fé, o resumo da lei—é a caridade.

Taubaté, 20 de Março de 89.

ANALIA FRANCO.

A mocidade é o manancial perenne das idéas grandes e generosas; é o obreiro incansavel, que irá um dia erguer os respeitos do porvir para arrancar delle flocos de luz, que irradiem por sobre a humanidade. E' o grande exercito, que o Eterno desfilou em marche-marche para a conquista do futuro.

A morte e a vida

Que fogo devorante! que cadeia
Me prende o coração sempre agitado?!
Errante o pensamento em vão receio
Sentir extranho jamais imaginado.

A rasão desvairada não domina
A paixão que supporta o coração,
A verdade se torna pequenina,
A mentira tem força em sua acção.

Para muitos é certo, mas... o lume
Que nos traz a innocencia em sua alvura
Faz de chofre cahir tredo ciume!

E o fogo devorante qu'inda dura
Cedendo como a flôr o seu perfume,
Revela d'affeição toda a ternura.

EMILIANA DE MORAIS.

Eu e tu

A' MINHA AMIGA H...

Tu és a imagem vaporosa aérea,
Toda banhada de fulgente luz:
Eu sou o vulto pensativo, triste,
Pallido, inerte, que s'abraça á cruz.

Tu és a pomba qu'em seu ninho bello
Gosa as caricias de materno amor;
Eu sou a pobre que sem gosos vive,
Vertendo prantos de infinita dôr.

Tu és ideal d'enamorado vate,
Que a sua mente fantasiára em sonho;
Eu sou a estatua que de pé erguida
Aponta a morte com sorrir medonho!

. . . . . .

Mas se um dia da sorte os vaevens
Te toldarem o céu tão ridente;
E tu vendo a procella eminente,
A descrença de ti s'abeirar,

Vôa então a meus braços, creança,
Deposita em minh'alma os teus prantos,
Por amargos que sejam e tantos
Em meu seio conforto has de achar.

ADELIA DE CARVALHAL.

As datas d'uma vida

NA VOLTA DO BAILE

(Conclusão)

Lili vem extraordinariamente pallida e pensativa! As brancuras opalisadas do alvorecer penetram atravez dos vidros da carruagem, e como que cingem de uma graça ideal os contornos delicados do seu rosto, que o capuz de baile emoldura em alvas rendas.

Dançou até ás seis da manhã; vem cansada, abatida, toda ennovellada nos fôfos coxins do seu *coupé*, mas vem pensando muito.

E' que o viu no baile, e lhe disseram que *elle* seria o seu marido.

O pae antes d'ella partir de casa—vestida de tulle e rendas, coroada de myosotis, e com um collar de perolas lacteas e iriadas, a affagar voluptuosamente a transparencia rosea do seu collo—o pae, antes d'ella partir, dissera-lhe gravemente, mas com uma gravidade em que havia muito affecto:

—*Elle* é moço, é nobre, é herdeiro de uma casa riquissima.

A familia deseja este enlace. Não te quero forçar Lili; mas, se gostares d'elle, approvarei com enthusiasmo essa affeição!

—E' moço e nobre, pensára Lili comsigo. Hei de amal-o por força. Terá maneiras distinctas, um porte correcto, um sorriso levemente desdenhoso. E dirá *amo-te*, com uma graça fina e superior!

Depois, á proporção que o baile se ia aproximando, com o esplendor prestigioso dos seus lustres, com o capitoso aroma das suas montanhas de flôres, com as prismaticas scintillações dos seus diamantes, com o ruge-ruge que fazem ouvir as serpentes e as sedas, Lili pensava que era positivamente uma cousa agradabilissima ser rica!

—Irei muitas vezes ao baile, ouvirei em torno de mim o murmurio discreto de admiração que enlouquece as mulheres, terei vestidos de velludo negro com diademas de brilhantes a morderem o ouro fulvo dos meus cabellos! Invejar-me-hão, e quando eu sahir acclamada e triumphante das salas em que fôr rainha, deixarei no meu caminho um rasto de admirações apaixonadas!

Vira-o no baile, fallára com elle, tinham dançado juntos.

Percebera que o noivo que lhe destinavam era um pobre rapaz, ignorante e enfatuado, muito feliz de ser

nobre, de ser rico, e de haver mulheres que em torno d'elle cobiçassem o seu titulo futuro e a sua riqueza presente.

Apezar d'isso, Lili estava contente.

Era ella que *elle* preferira, e visto que *elle* era rico, teria carruagens, daria bailes e festas, teria um modo original, severo e elegante de vestir-se, as suas amigas imitariam a mobilia das suas salas, e o feitio dos seus chapéos, seria uma das raras mulheres que sabem gozar, em toda a sua plenitude, a vida social no que ella tem de faustoso e brilhante!

Que importa que *elle* não saiba dizer *amo-te* com a voz que Lili tinha sonhado!

A troca do seu ouro, ouviria dos labios d'ella sem hesitação e sem lagrimas as palavras mysteriosas que a mulher pura só deve dizer ao eleito do seu coração, as palavras magicas;

—*Sou tua para sempre!*

—

DEZ ANNOS DEPOIS

Já não lhe chamam Lili. E' condessa.

Tem um palacio magestoso e severo, povoada com obras primas de todas as artes e de todas as civilisações.

As festas que ella dá são citadas pela sua pompa severa e artistica, pela sua graça principesca, pelos requintes de bom gosto que as singularisam entre todas.

Tem um povo de criados correctamente respeitosos, que obedessem a cada um dos seus acenos.

As suas carruagens quando passam ao trote largo dos finos cavallos inglezes excitam a admiração dos entendidos e a inveja dos profanos.

A condessa nunca está só.

Hoje uma recepção a que não póde faltar, amanhã um baile, no outro dia um jantar diplomatico, e as mil praticas da sua devoção aristocratica, e as pequenas *soirées* intimas que dá, e as festas a que preside em sua casa, e que o seu gosto escrupuloso e cultivado dirige desde os minimos accessorios.

Tudo isto lhe prende o tempo, a absorve e a distrae.

Tem duas filhas... que uma governante ingleza educa e acompanha.

Tem um filho... que está no collegio.

Tem marido... que anda sempre por fóra!

Será feliz? Quem ha que o possa dizer? Na sua pallida fronte marmorea não se reflecte senão uma sombra.

E' a mulher do mundo na sua accepção mais genuina.

Viveu e vive da monstruosa vaidade que desde a infancia lhe deram por exclusivo alimento.

Sabe que é bella, invejada, cubiçada, admirada, odiada até!

Isto basta-lhe, isso a sacia e satisfaz!

—

NA VELHICE

Está sentada ao fogão na vasta sala opulenta povoada como outr'ora por tudo que ha de mais bello e mais luxuoso!

Um grande candieiro espalha, atravez do seu globo fosco, uma luz discreta e tranquilla sobre a mesa oval cheia de bagatellas preciosas.

A condessa está só, e os seus olhos baços e amortecidos seguem as chammazinhas iriadas do fogão com uma insistencia pensativa.

Com a formosura perdeu a força dominadora que a tornava poderosa e querida.

Os amigos da hora dos triumphos povoam agora as salas illuminadas e festivas onde suas filhas já casadas segundo as conveniencias da alta posição que occupavam, continuam a vida de que sua mãe lhes déra o exemplo tentador.

O seu confessor começa a sentir-se cansado do escrupulo esmiuçador com que a condessa aproveita os longos ocios da solidão para esgravatar piedosamente nos mais escuros escaninhos da consciencia.

—Minha senhora, diz-lhe o bom do abbade, que já não era o moço almiscarado dos dias da mocidade, e que ganhára em abdomen o que perdera em mystica elegancia: minha senhora, não nos percamos em funestos exageros. Deus não quer a morte do peccador, senhora condessa.

Nem essa distracção ultima lhe ficára.

As praticas adocicadas do confessionario, aquelles extasis a um tempo deliciosos e pungitivos, as confidencias segredadas a meia voz, a analyse fina e delicada dos peccados mais subtis, tudo isso lhe falta para suprema distracção.

No fim de contas a sua vida não fôra mais do que um sonho frustado, a carreira impetuosa e desvairada atraz de uma sombra que fugia sempre!

Não tivera as livres e salutares expansões da alegria infantil, não tivera os sonhos cariciosos e ideaes da adolescencia, não fôra filha, nem amante, nem esposa, nem mãe!

Agora já não saberia ao menos ser avó!

E pelos recantos sombrios do aposento enorme, a condessa julgou vêr deslisar uma pequenina figura de cabeça annellada e loura, uma figurinha que dava pelo nome de Lili!

Era o phantasma saudoso de sua infancia que passara!

—Minhas filhas—murmurou baixinho a altiva senhora,—perdoae-me pelo amor de Deus, assim como n'este momento eu perdôo á minha mãe!

MARIA A. VAZ DE CARVALHO.

O orphãosinho

A' tardinha quando a esphera luminosa escondia a sua face afogueada por entre nuvens côr de purpura, allumiando com os ultimos reflexos, a estrada escabrosa e deserta, viam-n'o ao longe deslisar-se suavemente, e bem depressa desapparecer como uma visão intangivel e subtil.

—

Mas quem o seguisse pelas sinuosidades da larga estrada que conduzia ao cemiterio da villa de... veria o vulto suavissimo de uma creança delicada e franzina, a subir por aquelle asperrimo caminho sem importar se com a difficuldade da ascensão, com as fragosidades do solo, e nem com a escuridão da noite que começava a desenhar um negro sobre os braços dos arvoredos que marginava a estrada, fórmas de estranhos espetros quaes os da lenda de Burger.

—

O orphãosinho a quem uma pallida doença parecia ter predestinado para a sepultura, parava de quando em quando, tremulo e perplexo a prestar o ouvido attento até aos rumores vagos e indecisos da noite, que avisinhava-se lentamente.

Elle parecia temer o olhar indiscreto de alguem que se lembrasse de vir arrancar o véo mysterioso do segredo que sem duvida queria occultar na austera tranquillidade da noite.

—

Ao galgar a elevada eminencia, onde se achava situado o cemiterio da villa de... deteve-se longo tempo, lançando em volta de si um olhar triste, como a sua desolada orphan-

dade; depois hesitante e tremulo, poz-se nos bicos dos pés, e começou a caminhar devagarinho olhando para cima, em direcção ao muro.

Chegando a um dos angulos, onde a parede achava-se algum tanto derrocada, parou de novo pallido e vacillante como se praticasse um crime; em seguida recuperando toda a sua coragem, agarrou-se ás silvas que cobriam o muro. O seu corpinho oscillou alguns instantes no espaço e desappareceu rapidamente, deixando ouvir se um attrito de folhas seccas, e o estalido de um corpo que chegava ao chão.

Penetrando assim no vasto recinto dos mortos a creança foi ajoelhar-se junto á tosca pedra que cobria uma sepultura recente, adornada de flôres que começavam a estiolar-se. Com as mãos alcadas para o céo, e os olhos rasos de lagrimas, n'essa attitude supplice parecia orar com fervor.

Que poema fecundo de saudade não symbolisava aquella prece tão solemne, na mansão dos mortos, á hora em que o som compassado e longiquo do sino da villa dava trindades?

—

Havia o quer que seja de singular, e de profundamente triste n'aquella singella affeição de além tumulo, em uma idade em que a infancia expande-se naturalmente só entre brincos e risos: mas o que é certo porém, é que todas as alegrias, todas as esperanças do pobre orphãosinho, pareciam terse extinguido completamente, ficando para sempre sepultados no tumulo, que encerrava as cinzas de sua mãe, unico ente a quem amava na terra.

. . . . . .

São volvidos alguns dias, e ninguem mais soube o que foi feito do orphãosinho: mas, n'uma bella tarde em que o sol esplendia os seus raios luminosos sobre uma paysagem exhuberante de vegetação, viram-n'o passar deitado dentro de um caixãosinho aberto, forrado de metim côr de rosa, conduzido por quatro homens pobremente vestidos.

O frio da caliginosa morte tocara-lhe a fronte juvenil: mas no sorriso angelical que se lhe immobilisara nos labios, havia um não sei que de mysterioso, um como que reflexo da mansão bemdita, que sem duvida elle entrevera no seu derradeiro olhar.

Taubaté.

ANALIA FRANCO.

O cazamento das raparigas

(CONTO PORTUGUEZ)

Era a 12 de Junho de 187... a boa cidade de Lisboa estava alegre. Faziam-se preparativos para se festejar dignamente Santo Antonio de Lisboa padroeiro da cidade, apezar dos italianos teimarem em chamar Santo Antonio de Padua. Elle é com tudo, bom portuguez, visto que nascera em Lisboa em 1195.

Quantos engraçados altares levantados pelas creanças, juntos a todas as portas da rua! E' isso tambem um protexto para perseguirem aos transeuntes, de bandeja na mão, pedindo cinco réis que são mais tarde gastos em goloseimas. Mas o engraçado é observar as raparigas! A verem qual d'ellas porá mais flôres aos pés da santa imagem.

E' que este bom Santo Antonio casa as raparigas portuguezas com os seus namorados.

N'um quarto forrado de azul, duas meninas conversam, estendendo uma toalha, de uma brancura immaculada sobre a commoda que iam transformar em altar.

—Foste muito amavel em vir passar estes dias de festa commigo minha querida Maria, dizia uma d'ellas á companheira.

—O sacrificio não é grande, Antonia, aborreço-me tanto na minha provincia que é uma verdadeira felicidade em te vir abraçar e festejar os teus dezoito annos.

—E' a primeira vez que meu pai recebe, depois da morte da minha pobre mãe.

—Que pena que ella não esteja aqui para te vêr hoje!

Antonia suspirou, apontando para o céo.

— Olha como o nosso altar vai ficar bonito! exclamou Maria para affastar a tristeza de sua amiga. Dá-me as vellas e o Santo Antonio.

Antonia sahiu e entrou d'ahi a pouco trazendo uma magnifica estatueta de barro, representando Santo Antonio, com o menino Jesus ao collo.

— Como elle é bonito!

— E' uma sorpreza do papá; trouxe-m'a hontem.

— Agora é preciso allumiar-lhe, rodear de flôres este querido santo, para que nos case ainda este anno. Já fizeste a tua escolha, pequena? Qual é o eleito da tua alma?

Alguem ha a quem amo, e que me não ama, respondeu suspirando Antonia.

—Pois ha alguem que se atreva a não te amar, meu anjo? observou Maria, abraçando a sua amiga.

—Sim, alguem que me occupa o pensamento ha dois annos, e que tem o ar de quem não dá por isso.

—Quem é elle?

—Augusto de Carvalho, o afilhado de meu pai.

—Ora, quem sabe? E' talvez um timido! Tu és rica, elle menos; e isso é muitas vezes um obstaculo no nosso paiz, em que o amor não tem o primeiro logar no casamento.

—Não fallemos mais n'elle, disse Antonia, ficaria triste toda a noite e o papá mortificava-se com isso. Vamonos pôr janotas, para recebermos os convidados.

* * *

O Sr. Silva, pai de Antonia, deu neste dia uma festa bonita. Foi sobretudo admirado o altar de Antonia; depois dançou-se, tiraram-se á sorte nomes de homens e de senhoras: afim de conhecer cada um o nome do seu futuro marido e de sua futura esposa, e quando a sociedade se dispersou era já muitissimo tarde.

Depois de ter recebido a benção paterna (em Portugal mantem-se ainda o piedoso costume de pedir a benção aos paes antes de se ir deitar) Antonia entrou para o seu quarto com a sua amiga.

—E os nossos amores? Perguntou Maria sorrindo.

— Ora! importou-se lá commigo! exclamou dolorosamente Antonia.

—Cega! não vês que elle te adora! Eu bem observei esta noite; não tirava os olhos de ti?

—Dizes isto para me consolar!

—Ha de ser isto! vamos nós fazer as nossas rezas ao santo, e peçamos-lhe o milagre tão desejado.

—Tenho-lhe pedido tanto e elle não me tem ouvido.

Maria pegou na amiga pela cintura, e, beijando-a, disse-lhe baixinho:

—Na minha provincia costuma-se dizer que o Santo Antonio precisa ser maltratado para fazer os milagres.

—Maltratado!

—Sim, dizem que só cede á força.

Antonia, batendo o pé no chão correu para o altar, pegou na estatuêta do santo, e lançou-o pela janella, que ficara aberta.

Um grito doloroso echoou no silencio da noite.

— Santo Deus! O que fizeste? exclamou Maria, correndo á janella.

As duas amigas virão um homem estendido sobre o passeio.

Desvairada Antonia poz-se a chamar :

—Meu pai, meu pai, depressa ! matei alguem !

O Sr. Silva, que não estava ainda deitado, desceu immediatamente, seguido do seu criado.

Os dois homens transportaram o ferido para casa, onde as duas meninas os esperavam anciosas.

—Pobre rapaz ! tem a cabeça partida ! Mas como é que elle estava debaixo da janella ?

—Quem é então? exclamou Antonia

—E' Augusto, o meu afilhado.

Antonia soltou um grito e desmaiou nos braços de Maria. Quando voltou a si, seu pai segurava-lhe nas mãos, e o ferido estava deitado sobre a cama do Sr. Silva.

—Socega-te, minha querida filha, tenhamos esperança de que o rapaz se ha de salvar,

Antonia lançou-se ao pescoço do pai.

—Amo-o tanto ! murmurou ella.

—Estranha maneira de provar o seu amor partindo a cabeça ao homem a quem se ama ! A Maria contou-me tudo. Foi Santo Antonio o causador da desgraça.

O medico, tendo examinado a ferida, declarou que ella era grave, e levaria tempo a curar.

—Mas como se explica a presença de Augusto debaixo das nossas janellas ás duas horas da manhã, disse o Sr. Silva !

—Suspirava debaixo dos balcões da namorada ! murmurou Maria ao ouvido de Antonia.

O ferido voltou a si ; mas para cahir no delirio. Durante um mez Antonia não deixou a cabeceira de Augusto de Carvalho. Durante o delirio do rapaz pode ella conhecer o profundo amor que lhe havia inspirado, amor que se revelára por causa da differença de fortuna. Uma tarde, á luz uma lamparina, dirigia-se á sua enfermeira.

—E' um anjo do senhor que vela por mim ! murmurou elle, olhando-a com ternura.

Antonia levou-lhe aos labios a pequenina mão para lhe ordenar que se calasse.

O doente reteve a mãosinha querida, e cobriu-a de beijos.

—Oh ! querida Antonia se soubesse !...

—Sei tudo, interrompeu ella, inclinando-se sobre o seu doente, eu tambem o amo !

Seis mezes depois da quéda do Santo Antonio, o Silva convidava todos os seus amigos e pessoas das suas relações para o casamento de sua filha com Augusto de Carvalho.

Depois da ceremonia nupcial os convidados acompanharam os noivos até á casa d'elles, onde era offerecido um grande almoço.

Emquanto toda gente admirava os ricos presentes offerecidos á noiva, Augusto de Carvalho levou a sua querida Antonia para os seus aposentos.

—Eis o presente de noivado disse-lhe elle, entregando-lhe um bonito estojo.

Antonia abriu e soltou um grito de alegre serpresa :

—Um Santo ~~Antonio de prata~~ ! Mas esqueceste, Augusto de que elle por pouco que não te matou ! e escondeu a sua formosa cabeça no seio do marido.

—O que eu não é que me deu a felicidade ambicionada ! murmurou o feliz esposo apertando a sua mulher ao coração.

—Já vêem que eu tinha razão quando dizia que Santo Antonio precisa de ser maltratado, para fazer milagres ! disse uma voz zombateira atraz delles.

Voltaram-se e deram com Maria.

IGNOTA.

O despontar da aurora

(VERSÃO)

Que espectaculo para um amante da simples natureza ! Assentada no cimo dos rochedos, vejo sob meus pés uma infinidade de ilhasinhas que se formam ao capricho dos regatos ; vejo despenharem-se as aguas com fragor do alto das montanhas e, espedaçando-se em sua queda irem com a sua inconstancia passear pela planicie. Julgo-me a Deusa da fonte que corre a meu lado ; este banco revestido de musgo, parece ser o throno que a natureza permittiu-me gosar : ella quer sem duvida que eu reine nestes lugares para ser testemunha de seu triumpho.

Que ar fresco ! que aroma embalsamado das hervas que elevam-se em redor de mim, e que parecem rasgar o seio arido dos rochedos, para coroal-os depois com suas folhas !

O dia começa a misturar-se com as sombras da noite ; mas ellas elevam-se insensivelmente : dir-se-hia que o véu que cobre a natureza começa a desenrolar-se. Logo uma parte do céu clarêa : os astros que nelle estão suspensos, empallidecendo, parecem occultar-se com a approximação do dia, emquanto que, do lado do poente, a noite estende ainda debaixo das abobadas celestes um véu semeado de saphiras ; as brilhantes estrellas que esclareciam n'a parecem reanimar-se de todo o seu fogo para opporem-se ao despontar da aurora ; mas seus esforços são baldados ; todo o oriente tinge-se das mais ricas e bellas côres : a natureza annuncia á terra o seu dispertar pela voz de todos os animaes : um vento manso agita docemente as folhas das arvores ; e, das cabanas visinhas, vejo sahirem nuvens de fumaça, que indicam a cessação do repouso e o principio d'um trabalho penoso.

A estrella Venus disputa ainda á aurora o imperio da manhã ; mas, contente de ter combatido um momento, antecipa sua derrota por uma fugida lenta, que deixa a victoria indecisa.

Da aurora o triumpho é rapido. Não ha nada mais brilhante do que o alvorecer da aurora, a verdadeira imagem da natureza, porém nada é tão curto como a sua duração !

Um fogo mais vivo apaga as côres tão bellas que apresenta esse quadro.

O sol, o rei dos astros, parece elevar-se em linha recta do seio da terra, e seus primeiros raios sobem em feixes para o céu ; o cimo das montanhas, as mais distantes, deixam ver a metade de seu globo, que é composto de uma luz tremula e azulada na circumferencia, mas de um vermelho pallido no centro.

Aos poucos vai se elevando e começa a formar em sua marcha uma linha curva : seu globo diminue, sua luz purifica-se, e seus raios mais vivos e mais ardentes, vão logo com um calor moderado seccar a humanidade da terra e as ultimas gottas do orvalho da noite ; os brandos vapores que sobem da terra, vão formar nos ares nuvens ligeiras que, conduzidas pelas azas da inconstancia dos zephiros, não deixam de formar contrastes regulares no vasto quadro dos céus.

Será possivel que eu seja a unica neste momento a admirar este bello quadro ? Não será isto sufficiente para attrahir a curiosidade dos homens ?

JOSEPHINA SARMENTO.

NOVIDADES

Theatro S. José

Decididamente o artista Heller deixou a *macaca* na Côrte; cada espectaculo que annuncia é uma nova enchente.

As noites de sabbado, domingo e segunda-feira foram tres successos para bilheteiro.

Os artistas muito applaudidos.

Na quarta-feira levou a companhia á scena a *novissima* peça phantastica intitulada *Ali-Babá*.

O desempenho foi correcto por parte dos artistas Vasques, Lisbôa, Mesquita, Isabel Porto, Olympia e Germano.

A concurrencia foi regular.

Quinta-feira tivemos a segunda das *Sorpresas do divorcio*, *Minha Familia*, cançoneta pelo Mattos, e pela sra. Loppicolo as cançonetas *Caramello* e *C'est un Gaga*.

No proximo numero diremos alguma cousa a respeito.

Parte para a Côrte, onde vai tratar de negocios de seu inditoso pai, o Sr. Francisco Dias de Barros, gerente desta folha.

Desejamos-lhe feliz viagem e uma volta proxima.

RECEITAS DOMESTICAS

RECEITA PARA OMELETTE

Eis uma receita para se fazer excellente omelette de pão e leite:

Embebam miolo de pão de vespera em leite a ferver em uma tigella ou terrina, e logo que esfriar deite-se-lhe 100 grammas de assucar, sal e uma colher de agua, mechendo-se em cima seis ovos e bata-se.

Leve-se depois a massa a uma frigideira em que esteja já derretida a manteiga e aprompte-se a *omelette*.

Serve-se polvilhado de assucar, si quizerem.

Para fazer marmellada de laranjas, cortem-se as laranjas em quarto e tire-se-lhes toda a polpa, que se esprema dentro de um panno para coar e guardar á parte. Cose-se a polpa assim espremida, tirando-se do tacho com uma espumadeira. Pisa-se depois em um gral de pedra, e quando estiver na consistencia de massa ajunte-se-lhe o summo espremido. Leva-se tudo ao fogo deixando-se evaporar a agua lentamente e misturando-se com o dobro do seu peso em assucar e elevando ao «ponto» mais alto possivel. Quando a massa estiver quasi fria, aromatiza-se com agua de flôres de laranjeira.

Da mesma fórma se podem fazer «marmeladas de limões, limas, limões doces tangerinas e cidras.

—

Quando a côr de uma fazenda qualquer tiver sido destruida por um acido, esfregue se a mancha com ammoniaco dissolvido em agua que a côr reapparecerá. Essa solução ammonical póde ser usada em qualquer fazenda de lã, seda, algodão ou linho.

Para se tirar as manchas de vinho da roupa branca ou de côr, basta mergulhar a mancha ou nodoa em leite fervendo.

—

LAVAGEM DE RENDAS

Deve-se lavar as rendas de valor em agua fria, com sabão de Marselha muito branco, enxugal-as em seguida cuidadosamente, e estendel-as sobre uma taboa mantendo-as fixas por meio de alfinetes pregados em cada bico de renda.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Rebebemos:

O n. 17, anno 1º, d' *A Familia*, interessante e bem redigido periodico litterario, dedicado á educação da mãe de familia.

O presente numero traz bem redigidos artigos, que sobremodo recommendam o talento das Exmas. collaboradoras d' *A Familia*.

(Do *Mercantil*.)

«A Familia»

Recebemos o n. 16 da revista semanal que, com o titulo *supra* e sob a direcção da Exma Sra. D. Josephina de Azevedo, vê a luz nesta capital.

Em bem lançado artigo de fundo advoga a gentil redactora os direitos do seu sexo, consignando o grande principio de que educar a mulher é melhorar a sociedade.

Estamos de pleno accordo.

Com o acatamento devido saudamos a distincta collega, agradecendo-lhe a remessa de sua interessante revista.

(Da *Gazeta do Povo*.)

SECÇÃO ALEGRE

A uma esposa infeliz chegava o marido de quando em vez a roupa ao corpo.

Por fim queixou-se á policia.

—De que pretextos se serve seu marido para lhe bater? perguntaram lhe no interrogatorio.

—Não se serve de pretestos, responde a mulher a chorar, serve-se de um cabo de vassoura com que me moe os ossos.

Um dono de um armazem chama um pintor e manda fazer uma tabuleta com o seguinte distico:

—«A fama desta casa não anda, —vôa».

O pintor, que não sabia orthographia e por um vicio patrio, escreveu assim o annuncio:

—«A fama desta casa não anda bôa.

Em uma subdelegacia:

—Porque rasão maltratou com pancadas ao guarda que o conduzia para o xadrez?

—Sr. subdelegado eu estava tão embriagado que pensei que era minha sogra.

TYP. UNIÃO—S. PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 6 de Abril de 1889. — NUM. 19

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Assumiu de novo a direcção do jornal *A Familia* a Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo que se achava em excursão pela provincia de Minas.

Aviso

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. Paulo, 6 de Abril de 1889.

DOLOROSO!

Como me contrista a horrivel situação a que estão reduzidas algumas cidades desta provincia !

Ha pouco ridentes e festivas deslumbrando pelo explendor do seu interminavel progresso, foram, em um apice, como que tocadas pela mão da fatalidade ; e, onde se viam risos, vê-se hoje lagrimas ; onde se ostentavam galas, só se encontra o pesado luto ; onde deveriam brotar as mais frescas rosas, divisam-se apenas lacrimejantes goivos !

E foi a Providencia Divina quem o decretou ! E foram os ditames do inevitavel destino que assim o ordenaram !

Como fugir ao destino ? Se a humanidade é sempre sugeita ao soffrimento, não ha remedio senão consolar-nos com os proprios pezares ; darmos como alivio ás nossas dôres a resignação com a propria dôr !

Ah ! mas se o Omnipotente assim determina a dôr, tambem soe dar a muitos corações o meio de mettigar as lagrimas dos que soffrem !

Implantou no coração do povo paulista a primeira de todas as virtudes, a doce bonança que com a maxima presteza debella as mais atrozes tempestades da vida ; e essa virtude, esse balsamo consolador, chama-se — CARIDADE !

A mão treme-me, os olhos se me empanam de lagrimas, ao lembrar-me das victimas que tem feito em Santos e Campinas essa terrivel epidemia, derramando por toda a parte a lagrima, a desolação !

Ao mesmo tempo, sinto como que um jubilo orgulhoso, de mais uma vez ter podido apreciar a magnanimidade do hospitaleiro povo paulista.

E' nas grandes occasiões que se podem conhecer os grandes corações ; foi portanto agora que tive ainda mais provas de quanto é sublimemente apreciavel este povo ; já concorrendo com o seu obulo expontaneo para empregal-o no tratamento dos enfermos ; já deixando as suas commodidades, o seu lar, para correr ao lado daquelles que soffriam, para consolal-os, para de alguma fórma mettigar-lhes as cruciantes dôres ; e ainda assim, alguns houve, que foram fatalmente victimas da sua dedicação : lá, onde foram enxugar lagrimas, encontraram o contagioso mal que tambem os abateu !

E' contristador !

Em viagem pela provincia de Minas, chegava-me aos ouvidos a calamitosa contingencia em que se achava esta provincia que adoptei e da qual me considero como filha. De longe, elevava a Deus meu coração, rogando por esses infelizes, bem dignos de uma sorte melhor.

De volta ás plagas paulistas, para o seio desse povo uberrimo de bondade, foi então que pude medir com os olhos da alma tudo que se passa de horrivelmente triste nas visinhas cidades !

Mas ainda assim a attitude tomada pela imprensa, pelas diversas corporações sociaes, pelo povo em geral, derrama-me na alma a consolação, porque associo-me na dôr como se ella fosse sómente minha.

Como póde uma pobre penna externar sentimentos que só o coração sente ?

Offerto uma lagrima sentida aos que soffrem ; um bravo jubiloso aos que mettigam o soffrimento.

JOSEPHINA DE AZEVEDO.

A alma de seus filhos é o campo que a mãi deve cultivar com o suor de sua fronte.

Mães e mestras

CAPITULO IX

HABITUAR A DISCIPULA A EXERCITAR O SEU LIVRE ARBITRIO

Quando a menina chega aos doze annos, tendo sido bem guiada, começa-se a dar-lhe a consistencia, o desenvolvimento da sua razão e a cultura do seu espirito.

Então tem ella já adquerido direitos a uma certa consideração da parte da mestra.

Esta, ainda que se não desfaça da autoridade que lhe é necessaria por muito tempo ainda, abrandará pouco a pouco a severidade da disciplina, e, para fortalecer na pupilla o elevado instincto da dignidade pessoal, leval-a-ha a exercitar, com prudencia, o seu livre arbitrio.

A mestra começará por deixar á escolha da discipula cousas de pouca importancia, e irá depois alargando esse circulo de provas.

Usará, além disso, em vez de ordens, de formulas de convites, como por exemplo:

—A minha amiga, quando tiver tempo, hoje, tirará esta cópia atrazada, sim?

—Eu sei que a minha amiguinha não gosta deste livro, mas a sua leitura é util e instructiva, portanto não seria máu que lessemos um pouco nelle.

—Porque não me dá o gosto de tornar a vêr esta musica que não sei porque lhe desagrada, sendo ella tão bonita? Dá-me com isso muito prazer.

Tornando-se muito habituaes estas formulas de linguagem, nunca deixarão de produzir effeito.

A menina, ou por condescendencia, ou por vêr que lhe fica livre deixar de fazer o que se lhe pede, quando póde para isso allegar motivo attendivel, não se negará a um convite feito com tão bom modo e tanto mais porque esse convite a lisongeará, mesmo porque a mocidade gosta de gozar do privilegio da idade adiantada.

Quando se tratar de acção essencial, a mãe ou mestra não terá mais do que dar conselhos, mostrar sua opinião com ar indifferente, para deixar á discipula a faculdade de resolver e póde ficar certa de que a menina, costumada a guiar-se pelos conselhos da mestra, seguirá exactamente a que lhe foi suggerida por meios indirectos.

Se acontecer o contrario terá sempre a mestra tempo para obstar o mal.

Estes meios fazem parte de uma tatica habil.

Para empregar com proveito esses meios, convem fazel-o pelo affecto profundo e illustrado o que importa em simular a emancipação de uma menina de treze annos, como se fôra uma mulher já feita, uso adoptado logo depois da primeira comunhão.

Dir-se-hia que esse acto religioso, pela sua solemnidade é uma inicinção em todos os segredos da vida, visto querer-se que a menina já nessa epocha seja grave e sensata e que comece o seu aperfeiçoamento: como, se até a idade de quinze annos que é a convencionada para largar os gostos e brinquedos pueris, se não encontrassem algumas com restos da ingenuidade dos primeiros annos, conforme o caracter e constituição physica de cada uma!

Não, nada de mudança na ordem progressiva estabelecida pela natureza quanto ao desenvolvimento da adolescencia; e, pela mesma razão, não tratemos a moça de dezoito annos como se tivesse sómente quatorze, porque esses modos infantis de que algumas mães se podem as vezes comprazer, são tão fóra de razão como o são na mulher feita as reminiscencias da mocidade.

O exercicio do livre arbitrio bem dirigido, em uma menina, muito se assemelha ao artificio de que usam algumas mulheres para reduzirem os maridos ás suas idéas, desejos e vontades.

E' de influencia para toda a vida.

Facilmente se verá que a moça costumada a praticar por sua propria vontade, nunca terá, quando estiver só, desejos de exprimentar se é livre e senhora de suas acções o que evitará que faça muitos despropositos.

Milhares de exemplos podiamos aqui apontar para mostrarmos que os obstaculos nas cousas mais simples despertam a inclinação para a desobediencia, e que são quasi sempre as moças que foram mais reprimidas e sugeitas a privações, as que menos segurança moral e menos solidez de principios têm offerecido em seu procedimento.

Ao contrario, a mulher que se costumou a usar discretamente da sua liberdade, prova, quando senhora de si que essa liberdade serve simultaneamente de impulso e de sancção á virtude.

Fóra deste meio, digamol-o com verdade, a maior parte dos actos da vida não são mais que um tributo pago á cêga trilha, á violencia, ao respeito humano, e milhares de considerações deste teor.

Condenamos, por exemplo, salvo quando qualquer mãe tenha motivos particulares para proceder de outro modo, o exame da correspondencia de sua filha quando esta é uma moça de juizo.

Como ella não ha de escrever senão a parentas ou amigas cujas relações *seguras* houverem sido approvadas por autoridade superior, este commercio epistolar perderia para ella muito do seu encanto se a obrigassem a mostrar todas as cartas que escrevesse ou recebesse.

Ha nesse sagrado respeito ao sello privado uma lição de discrição mais poderosa do que todas as palavras.

A mulher curiosa por sua natureza é facil de se approveitar dos direitos concedidos pela affeição, deve tambem aprender a respeitar as cartas de outrem, de modo que nunca falte a esta lei a respeito de seu esposo.

Não fallamos aqui daquillo que é effeito de mutua confiança.

Cada nação tem os seus usos e costumes particulares.

Ha cousas que parecem estimaveis em um paiz porque estão em harmonia com o caracter dos habitantes, com as crenças, leis e clima e que seriam impraticaveis em outra parte por falta desses auxiliares.

Assim, a educação das meninas, a liberdade que lhes concedem até ao tempo de se casarem, offerecem na Inglaterra, Allemanha e Suissa, vantagens que estamos bem longe de possuir na França.

Julgarão nesses paizes que as moças entregues até certo ponto á sua propria guarda, deveriam ou manifestar em seu procedimento uma sagacidade anticipada ou esbarrar inconsideradamente em escolhos, o que era a unica prova capaz de mostrar ao homem o que devia temer ou esperar em sua vida domestica.

Em verdade, se os prazeres da sociedade, se as vantagens de uma prudente liberdade occuparam agradavelmente a primeira parte da existencia da mulher, não se sujeita esta ao vinculo do matrimonio senão com sentimento brando e grave, com a idéa da abnegação da sua propria pessoa e é este o melhor penhor moral do novo estado que ella abraça.

Entre nós podemos classificar as moças em tres ordens:

Abrange a primeira as que apenas ousam olhar para qualquer homem e

responder ao seu par no baile ; que parecem não ter vontade nem desejo ou opinião sobre cousa alguma ; aquellas em que uma grande timidez é signal ajustado de innocencia e pudor e cujos esforços são todos dirigidos para esta *apparencia*.

Bem tolo será quem nellas se fie !

No dia seguinte ao do casamento, pergunta-se onde adquiriram ellas tanto desembaraço, onde foram buscar verbo tão subito e accentuado, como com tanta promptidão adoptaram todos os gostos ao prazer e á dessipação ! E a explicação está em haverem ellas representado a parodia do bastão de Sixto Quinto.

As de segunda ordem são casquilhas estonteadas ; olham para o effeito em suas conversações, nos seus gestos, em todo o vaidoso apparato de suas pessoas.

Sabem dizer cousas mais ou menos convenientes em todas as linguas ; tem modos folgazões ás vezes estrepitosos.

E' raro que não sejam escarnecedoras e insolentes para com as suas companheiras de quem se fazem detestar, divertem os homens com fallatorios, mas não excitam nelles estima.

Todavia, se são formosas e com bom dote, acham casamento e o marido que as *leva com pleno conhecimento*, raras vezes deixa de as sujeitar ao seu genio, aos seus gostos e caracter, em virtude do seu poder.

Compõe a terceira ordem o pequeno numero de moças que têm a fortuna de serem bem dirigidas e de receberem completa educação.

Estas fazem as delicias de sua familia, são o ornamento precioso da sociedade e são conhecidas por todos os caracteres que nesta obra temos apontado.

A mulher forte

TERCEIRA CONFERENCIA

Continuação

Todo o espirito tem os seus limites e a sua energia, como cada vaso tem a sua grandeza e a sua força de resistencia.

Tentarieis debalde lançar em um pequeno frasco o licôr que encerra uma garrafa, nem fazer passar ondas de vapor, em temperatura elevada, em um tubo de minimo diametro e muito fragil. Consultai igualmente a força do vosso espirito, segundo o conselho de Horacio :—«Experimentai, dizia elle, e vêde o que podem os vossos hombros.» Se uma gotta é bastante, tomai uma gotta só ; a sciencia sobe ao cerebro como o vinho e embriaga, e produz vertigens. Desgraçadamente, entre os homens como entre as mulheres, o orgulho cega a muitos, sob este ponto de vista.

Muitas vezes os espiritos, ao passo que são mais fracos e mais acanhados, têm-se como mais capazes, semelhando os individuos cujo cerebro quanto mais suceptivel, tanto mais se crê em estado de affrontar impunemente os perigos d'um licôr perfido. Meditai, pois, sobre este ponto, altamente essencial para vós : vai nelle o vosso bom senso, e algumas vezes a vossa virtude, pois a cabeça uma vez partida, ninguem sabe o que será do coração.

A dóse em tudo ! Muitas vezes o vicio não é mais que a infracção desta grande regra. A dóse ! A sabedoria na combinação dos elementos physicos e moraes. Se esta maxima se observasse bem, em toda a parte veriamos a ordem tomando lugar á desordem, e renovar-se o prodigio de que reza o poeta :

Aos accentos d'Amphião as pedras se moviam
E de Thebas no muro em ordem se mettiam.

A terceira condicção, que me parece indispensavel, é a modestia, é a timida reserva, é o que Fenelon chamava «o pudor da sciencia » Tal pudor vos dirá o que deveis ignorar ; elle vos ensinará a evitar nas conversações o modo affectado, e o ar sentencioso, que mais tem contribuido talvez para desconsiderar o estudo na vida das mulheres. Em vós, até a sciencia deve ser simples, graciosa, flexivel, cheia de amenidade e de modestia.

Depois de postas estas tres condições de medida, de tempo e de reserva, para regulamento dos estudos, temos mais liberdade para espormos a verdadeira doutrina, e não devereis esquecer que taes condições são presupostas nos conselhos que vos vamos dar.

Podem convenientemente, e devem as mulheres occupar-se de questões importantes, intellectuaes, fóra dos seus deveres da familia ?

M. de Tocqueville, na sua *Correspondencia*, faz uma excellente descripção da vida intima, e eu recommendo-a ás pessoas que são inimigas do estudo e do desenvolvimento intellectual entre as mulheres.

«O nosso excellente amigo *** pede-te o meu parecer a respeito de Mlle. ***. Eis o que sei della e o que della penso. E' filha de um homem de espirito muito egoista e de uma devota muito acanhada e tola... Tem, creio, quando muito dezeseis ou dezesete annos. E' uma encantadora menina quanto ao physico, mas julgo-a uma nullidade completa e muito chata. E' timida, boudosa, doce e limitada : — eis o retrato que, pelo menos, me ficou della no espirito. Não creio que alli haja, até ao presente, alguma cousa com que fazer mais do que uma mulher estrictamente honesta, e não conheço nella ponto que indique menos lados maiores.

«E', como te disse, muito formosa ; gosta do luxo no meio da simplicidade sufficientemente estupida da vida que leva, e manifestou em verdes annos a arte de tirar todo o partido das menores cousas, das menores ninharias para se adornar e adornar as irmãs. Nunca ouvi attribuir-lhe sinão esta capacidade, a qual reunida á pouca extensão do seu espirito, ameaça convertel-a em um pequeno sêr muito lindo e muito insignificante. A chateza do espirito é a atmosphera de toda aquelle casa... Grandes virtudes burguezas, envoltas em idéas infinitamente pequenas.»

Este esboçosinho foi como que dirigido aos que pretendiam fazer da chateza uma boa qualidade da mulher, e uma virtude da ignorancia e da tolice. Nós não consideramos nunca a pessoa de que M. de Tocqueville nos deixou o retrato, como o modêlo da mulher christã. O Deus que adoramos é o Deus da sciencia, e se os ignorantes entram no reino do céu isso não é regra.

Por outro lado achamos um escolho opposto, que assignalava Madame de Maintenon : — «As mulheres, dizia ella e talvez com alguma exageração; só sabem metade e o pouco que sabem torna-as geralmente altivas, desdenhosas, questionadoras, e cheias de desgostos pelas cousas solidas.»

O poeta latino tambem pedia um larzinho, um tecto singelo e sem fumo, uma fonte de agua limpida, a selva do prado e uma mulher que não fosse muito sábia, *non doctissima conjux*. Fenelon temia, sobretudo, as mulheres muito lidas em theologia e approvando completamente o verdadeiro e solido conhecimento da religião, desconfiava da arrogancia doutoral que estava em voga nessa época : — «Gosto mais, dizia elle, que a mulher se instrua nas contas que lhe dá o seu

criado, do que nas disputas de theologos sobre a graça.

Eu creio, senhoras, que é facil evitar todos os excessos. Uma mulher, depois de ter cumprido todos os outros deveres, póde muito bem occupar-se com as sciencias elementares, com a litteratura, com a philosophia até; e aperfeiçoar-se em todos estes contactos cheios de encantos e de luz. As sciencias têm differentes regiões e se nem sempre se chega ao seu cume, póde-se ao menos subir um pouco a encosta para o gozo de um admiravel panorama. Nada ha tão bello como a philosophia christã quando é convenientemente apresentada.

(Continúa.)

A esmola

A esmola quando constitue *emprestimo a Deus*, deve ser orvalhada pelas bençãos do céu.

O evangelho recommenda que não veja a esquerda o que a direita dá, e quem divulga o acto de caridade certo é que quer o applauso popular; mas é forçoso que se abra uma excepção.

O facto, que abaixo relatamos, foi-nos transmitido pela pessoa que se tornou nelle verdadeiramente heroina; não nol-o referiu, porém, na esperança de ser coroada pelas ovações, nem de inscrever-se no Grande Livro dos bemfeitores. Só quem a conhece intimamente e tem traduzido os impulsos d'aquelle coração puro e magnanimo, sabe que a manifestação desse acto só tem por fim dar expanção a uma alma candida, que se extravasava de jubilo pelo bem que praticou.

O beneficio é pequeno mas junto a Deus tem valor.

Relatemos o facto:

Um dos filhos do fallecido engenheiro architecto Sallemandt organisou em casa uns pequenos e singellos ramos de flôres, para vendel-os a 100 réis. Chegando a uma janella, onde se achava uma senhora, pediu-lhe com a ingenuidade propria da sua idade, pois apenas conta dez annos, que lhe comprasse um ramo de *amores perfeitos*. A senhora, compadecida, recolheu-se voltando logo depois com uma moeda de 200 réis, dizendo:

—Tome lá 100 réis pelas flôres, e 100 réis para comprar doces.

O pequeno reconhecido, voltou:

—Você me dá 100 réis para comprar doces? Pois aqui está outro ramo que te dou; obrigado.

LUIZA ADELAIDE.

A mãe de ouro

LEGENDA

Nas margens amenas do Parahyba,
Junto a um prado verdejante,
Ha uma paisagem tão linda,
Que a vista enleva ao viajante.

Entre os primores qu'ali esparge,
A prodiga mão da natureza,
Avista-se ao longe uma floresta,
Da mais explendida belleza!

E qual niveo sendal de prata
Atravez do bosque estendido,
Corre um limpido regato,
Entre as arvores, meio escondido.

As crystalinas aguas deslisando-se
Por sobre mimosa relva,
Soltam brandos murmurios,
E além s'escondem na selva.

Lá, no extremo do bosque,
Entre avenidas de palmeiras,
Vê-se uma branca casinha,
Circulada por larangeiras.

E ali, bem perto da porta,
Cresce uma roseira entrelaçada
Da qual formára a natureza,
Sombria e bella latada.

E á sombra, em banco musgoso,
Sentava-se um pobre ancião,
C'o o olhar vago, esquecido,
E a face pendida na mão.

Dos passarinhos, os alegres trinos
Não despertam o seu scismar,
E ao lindo quadro da natura
Nem se quer volve um olhar...

Mas vêde-o... ergue-se emfim,
E caminha silencioso,
Dirigindo os tremulos passos
Para o rio cantaloso.

Ali chegando, na margem,
Pára, e olha fito nas aguas
Como se nellas existisse
A causa das suas maguas.

« E' aqui, diz com voz commovida,
« Foi neste escuro lugar,
« Onde o rio é mais profundo,
« Que eu a vi expirar.

« Ah! como ainda me lembro!
« Era uma noite de luar.
« Quando ella tão léda veio
« Nestas aguas se banhar!

« Como era gentil minha filha!...
« Era minha unica alegria;
« No mundo eu tinha só ella.
« Em que pensava noite e dia!

« Suas alegrias eram as minhas,
« Até nos folguedos puoris!
« E como me revia tão feliz,
« Nas suas graças infantis?!

« Para ellas quantas venturas,
« Na mente eu sonhava?
« Queria-a feliz, rica, adorada,
« Era tudo quanto aspirava!

« Ah! n'aquella noite fatal!
« Ella aqui desceu tão contente!
« A banhar-se descuidosa,
« Ali no meio da corrente!

« Ora nada, ora ella mergulha,
« Ora a tona apparece risonha,
« E no perigo que a ameaça,
« Nem sequer ella sonha!

« Mas, eis que as aguas s'agitam
« E gemem furiosas!
« Erguendo-se em cachopas
« Se despenham espumosas.

« No seu medonho revolutear
« Tornam terrivel furacão,
« D'onde s'escapa um ruido,
« Qual o de longinquo trovão!

« De repente, por um encanto,
« Acalma-se o rio furioso!
« E os echos maviosos repetem,
« Ao longe, um canto saudoso!

« Envolta no véo dos cabellos,
« D'um formosissimo louro,
« A' luz da lua, surge
« Nas aguas, a Mãe de Ouro!

« Tinha tão seductora belleza,
« E tão fascinante o olhar,
« Que o proprio rio me pareceu
« Em extatico enlevo ficar!

« Ao remanso das aguas s'embala,
« Com graça que não vi igual,
« Cantando aquella canção
« De magia sem rival!

« Depois, com sorriso encantador,
« Para minha filha se voltou,
« E cingindo-a nos braços,
« N'um amplexo a levou!

« Dei um grito, quiz seguil-a;
« Mas preso ao solo fiquei,
« Sem avaliar o tempo,
« Que n'aquelle estado levei!

« Fiz esforços supremos, corri
« E fui naquelle lugar,
« Onde o rio é mais profundo
« E ainda a vi expirar!

—Findando a triste historia,
Elle sobre uma pedra se sentou,
E curvando a cabeça encanecida,
Ali, amargamente chorou.

Por fim ergue-se n'um impeto,
Os cabellos arranca ao vento!
E desvairado, com passos incertos,
P'ra casa caminha lento!

Aquella filha tão querida,
Que elle assim lamentava,
Fôra submergida pelo rio,
Quando na margem brincava.

A sua dôr foi tão intensa,
Qu'a razão se lhe offuscára,
Crendo ver a Mãe de Ouro,
Na corrente qu'a levára.

O viajor que ali passar,
Inda que seja em hora morta;
Se fôr noite de luar,
Verá o louco na porta!

Taubaté.

ANALIA FRANCO.

Confidencias maternais

Minha querida amiga:

Ha quasi quatro mezes que te não escrevo, e supponho que não estarás por isso mal comigo.

Não sei bem dizer-te como se passam os meus dias, e quando ás onze horas da noite adormeço, um pouco cansada e deixando sempre para o dia seguinte parte da tarefa daquelle dia, metto a mão na consciencia e sinto que não commetti o delicto de desperdiçar um só instante.

Ouve-me tu, e julga.

Fez hontem um anno o meu querido *Bébé*.

E' louro, é rosado, tem uma cabelleira revolta e crespa que lembra uma aureola de anjo, ou uma juba de leão pequenino, tem um corpo roliço, mimoso, redondinho que parece feito por uma fada muito habilidosa, no seu torno de marfim.

Começa a andar, e os passos delle, desastrados e timidos enchem-me a alma de um susto, de uma inquietação, de uma delicia, de um *não sei quê* profundamente novo na minha vida que eu não encontro palavras que exprimam bem!

Até aqui parecia-me que *elle* era *eu*, que fazia parte de mim, que nós ambos formavamos um todo.

Agora percebo e com uma surpreza que ás vezes chega a ser dolorosa! que me enganára, e que cada um daquelles passinhos hoje tão miudos e tão vacillantes amanhã apressados e firmes, o irá afastando de mim na vida, se eu o não souber seguir, fazendo-me como elle pequena, como elle infantil, penetrando intimamente na sua alma e ao mesmo tempo compenetrando-me bem de todas as doces claridades matutinas que ha dentro daquelle espirito que vae desacrochar.

Não comprehendes bem esta iniciação lenta, que no momento em que o corpo da mãe e o corpo do filho deixam de ser um só, faz uma só das duas almas de ambos?

Visto que elle já não póde ser *eu*, é preciso que eu seja *elle*; só assim lhe poderei ir inoculando na alma e no entendimento, tudo que no meu entendimento e na minha alma houver de bom; só assim me poderei ir lentamente transformando sob a influencia regeneradora e purificante daquella immaculada innocencia!

Oh! divina transmissão mutua de virtudes e de forças, que constitue o laço moral e inquebrantavel que une a mãe ao filho das suas doloridas entranhas!

Por ora nada tenho que ensinar ao meu louro *Bébé*.

Tenho só de escutar o que diz no silencio, aquella pequenina alma em embrião, e de aprender a ler naquelle mysterioso livro que é indecifravel para todos e que é tão eloquente para mim.

Bébé tem uns grandes olhos; uns dizem que são azues, outros dizem que não. Por ora não têm côr; ou para melhor dizer, ha n'a sua limpidez de crystal todos os cambiantes e todos os reflexos. Os olhos de *Bébé* são como a alma delle, têm a doçura do leite que bebe, têm a suavidade dos beijos com que o visto noite e dia.

Scisma ás vezes vagamente... longamente... Em que? Não ha ninguem que o saiba dizer, visto que um coração de mãe o não advinha. Scisma no céu donde veiu? Talvez. Ha mysterio de luz na alma profunda das crianças.

Gosta da claridade dos dias limpidos, das arvores, das côres vivas, e tambem da opalina tristeza do luar. Gosta dos sons, dos risos, das caricias, é uma alma que vive em pleno azul.

Nenhuma sombra naquella tela transparente onde a mão de sua mãe vae escrever as primeiras palavras.

Muita gente imagina que ser mãe custa apenas as dôres dilacerantes de algumas horas, os incommodos mais ou menos crueis de um certo periodo, e depois os cuidados de doze ou treze mezes.

Quem pensa assim não sabe o que é ser mãe!

Pois tu não ouviste que elle espera, e que a primeira palavra definida e clara que ha de vibrar na sua alma, sou eu que heide dizel-a, é a minha mão tremula, fraca enexperiente que ha de tornar-se firme para a gravar indelevelmente?

E se a voz esmorecer? e se a mão vacillar?

Quem me disse, a mim, que acertarei? quem me deu forças para encaminhar um sêr que só de mim ha de receber na terra o santo e a senha?

E depois quando o vejo tão lindo, querendo já esboçar o primeiro capricho, querendo experimentar a primeira vontade, querendo vencer o primeiro obstaculo, pergunto a mim mesma se terei valor sufficiente para lhe fazer perceber que a vida é uma lucta, para, se tanto fôr preciso, ser eu propria que lucte com elle, e que o ensine a ser vencido!

De quantas coragens precisa de compor-se a fraqueza maternal!

. . . . . .

Mas nenhum destes vagos pensamentos que eu deixo aqui tão mal expressos te diz quaes são as occupações em que levo os meus dias!

Meu Deus! e olha que acordo cedo!

Ainda bem a cotovia não deixa ouvir a sua alegre voz matinal, ainda bem o gallo não atrôa os campos com o seu grito estridulo de combate, que é um convite impetuoso para o trabalho, já a voz do meu filho me acorda tambem.

Que penna póde contar as delicias daquelle despertar! Os risos, as negaças, os beijos, e o modo malicioso com que elle deitado nos meus braços e depois de fartar as exigencias do pequenino estomago, larga o seio para me sorrir com os beicinhos tintos de leite, e torna de novo a pegar-lhe para saborear voluptuosamente, lentamente o que já não tem vontade de engolir com a avidez deliciosamente glutona da infancia.

Vem depois o banho, o banho que é um poema!

Está ali a grande bacia de agua tepida, e emquanto o dispo, elle salta e ri, e deita-se para traz e namora a transparencia da agua, até ao instante em que mergulha emfim entre risadas de crystal que me echoam no coração.

Tu sabes lá os cuidados, as manhas, as idéas engenhosas que é necessario pôr em pratica para illudir a impaciencia destes seres adorados! O banho dura meia hora, e acabo dali encharcada, despenteada, cançada, triumphante.

E' uma victoria de todos os dias.

O resto do dia pertence-lhe a elle quasi exclusimente.

E' um tyranno o meu *Bébé*.

Tenho de o passear, e de lhe dar de comer, porque é preciso que saibas que o doutor vendo que elle já tem oito dentes—carnivora creatura! —me deu licença emfim para lhe dar tres vezes ao dia a sua competente papinha; tenho sobretudo de o entreter porque a imaginação infantil que desperta tem exigencias de que tu não podes fazer idéa!

E' *spleenetico* como um velho *lord* o meu seraphim de palmo e meio de altura.

Dá-se-lhe um brinquedo agora, recebe-o com uma apparencia de enthusiasmo que illude os inexperientes: dali a um instante põe-n'o de parte desdenhoso, enfastiado, insaciavel...

Quer ver sempre cousas novas, quer que o emballem, e lhe cantem e o levantem ao ar e o façam rir.

Por óra trata-se simplesmente de enganar aquella actividade graciosa e irrequieta, mas quando chegar o momento de a applicar?

Sabes uma cousa? sou felicissima e tenho muito medo..

. . . . . .

. . . . . .

QUATRO ANNOS DEPOIS

. . . . . .

Cinco annos! Sabes lá! Um homem, positivamente um homem!

E' mau.

Deixa lá dizer que são boas as crianças. Olha que é uma perfeita illusão, minha querida.

Que bem se conhece nelle já, o bravio animal que todos nós somos!

Bébé é um monstro!

No outro dia levei-o comigo a casa de uma senhora minha amiga.

Pois imagina que elle matou com a sua espada de pau, a boneca de pellica e semeas de Julia, uma pequenita de 3 annos, a filha mais nova da dona da casa!

E como ella chorasse muito humilde, muito medrosa diante daquella sanha terrivel, chegou a ameaçal-a—o desgraçado!—com a mesma espada de pau que já fizera tamanhos maleficios.

Chorei de pena de o vêr tão mau, tão irascivel, tão colerico, e elle o leão pequenino, ajoelhou-se com as mãosinhas postas aos meus pés, e gago, cheio de lagrimas, com os grandes olhos espavoridos, disse-me:—Perdão mamã!

O' Magdalena, imagina tu a força de que eu precisei para o não devorar de beijos! Pois não o fiz!

Mostrei-lhe uma cara séria, magoada, cheia de consternação e não o abracei em todo o dia.

Ha de ser colerico, já vês.

Quem me ensinará a corrigil-o?

Já sei o que me respondes.—Faze queixa ao pai. O pai que lhe ralhe.

Deus me defenda de tal!

Em primeiro lugar o medo não corrige, humilha; não modifica, rebaixa. Depois eu não quero recorrer a ninguem para influenciar a alma de meu filho.

O pai ha de intervir sim senhor, porém mais tarde. Por ora é elle meu, só meu.

Toda a criança tem defeitos, e ai daquella que os não tem! Arrenego das *crianças-modelos*. Transformar esses defeitos—que são indicios caracteriscos do temperamento, da organisação, de qualidades muitas vezes herdadas—em forças activas e fecundas, eis o grande problema da educação.

E talvez tu cuides, minha pobre amiga, que as *gracinhas* de *Bébé* ficam por aqui?

—Pois ainda ha mais? exclamas tu assustada.

Sim, ha muito mais. Ha cousas que eu com a ajuda de Deus tenciono aproveitar e dirigir para o futuro bem delle.

Bébé roubou!... imagina!

No outro dia desappareceram-me de cima de uma *etagère* da saleta umas bugigangas de marfim que me tinham trazido de Macáu; advinha onde fui dar com ellas?

No seu quarto dos *bonitos*.

Não estavam escondidas, valha a verdade! estavam impudicamente espalhadas ao sol, com uma ostentação de cynismo deveras aterradora.

Não posso explicar bem o trabalho que tive para, sem polluir aquella innocencia sagrada, lhe explicar que neste mundo ha *meu* e *teu*, e que a propriedade é um direito inviolavel.

Como não ha nada mais difficil—para não dizer impossivel—do que introduzir uma idéa abstracta na cabeça de uma criança, não imaginas de quantos artificios e quantas manhas me vali.

Cheguei a *roubar-lhe* tambem eu propria, parte dos seus *bonitos*.

Então é que era vel-o, sem se atrever a condemnar-me, e no entanto sentindo revoltados, lá dentro da sua alminha de cinco annos, todos os instinctos de justiça que sempre, mais tarde ou mais cedo, ali tinham de manifestar-se.

MARIA A. VAZ DE CARVALHO.

(Continúa)

O amor é não sei o que; envia-o não sei quem; sente-se e não sei quando; contenta-se e não sei com que; finalmente mata, e não sei porque.

O perfume da alma é a lembrança.

E' a parte mais suave do coração, que se desprende para abraçar outro coração, e seguil-o por toda a parte.

GEORGE SAND.

A fatalidade

Elle tinha dezoito annos e ella, apenas doze! Amavam-se loucamente! Os paes sabiam, mas nunca levaram a sério aquella inclinação, porque emfim... tinham sido criados juntos, e, segundo o pae de Ruth, rico e velho proprietario, aquillo era tudo criançada.

* * *

Mas não havia noite que os dous não fossem encontrados juntos. Ella á janella do seu quarto e elle, mesmo da rua, contemplando-a, e fallando-lhe de um futuro que a ambos deslumbrava.

* * *

Um dia o pae de Ruth julgou acertado pôr um paradeiro áquellas amizades. Mudou o quarto della para o interior da casa e despediu bruscamente o pobre Mario.

* * *

Elles, como era de esperar, lançaram mão do unico recurso—as cartas. Um dia, após muitos mezes, ella participou ao pae que queria casar com o dr. V. Elle ficou desanimado, mas... confiava em Ruth e por isso ficou calmo e esperou.

* * *

Mario sabia que Ruth era maltratada e resolvido a todos os sacrificios, escreveu a sua amada, aconselhando-a a que casasse porque elle renunciando a todos os prazeres, já tinha obtido licença de seu pae para seguir para a Europa, onde, logo que chegasse entraria para um convento.

* * *

Ella casou-se, realmente, e delle nunca mais pessoa alguma soube.

* * *

Ruth foi sempre muito infeliz com o marido. Até era por elle esbordoada quando, alta noite, elle voltava das casas de jogo onde sacrificava a fortuna de sua mulher.

* * *

Alguns annos depois quando Ruth não tinha mais pae nem mãe, o marido obrigou-a a seguir com elle para uma cidade do interior, onde dizia, esperava encontrar fortuna. Alguns amigos deram-lhe cartas recommen-

dando-o a conhecidos do lugar ; e entre ellas, uma, para um missionario, que, dias antes, para lá havia ido.

* * *

O marido de Ruth, baldo de recursos, conseguiu ainda com o auxilio das cartas o credito preciso para o aluguel de uma casa, mas o que elle não conseguiu foi a clinica que imaginára encontrar.

* * *

Não tendo o que jogar deu em beber. Ella em vão pedia trabalho para obter o necessario para sua manutenção. Apanhava pancadas, quando o marido não encontrava o que comer. Quem mais lhe valia era a caridade dos pobres missionarios que muitas vezes lhe mataram a fome.

* * *

Uma noite o marido de Ruth entrava carregado por uns homens que o encontraram cahido na estrada. Tinha o rosto ensanguentado e um grande lanho na testa. O infeliz tinha-se embriagado e cahiu do animal que montava.

* * *

Chamado o medico do lugar, considerou-o um homem morto. E assim foi; pelo amanhecer o infeliz agonisava e Ruth mandava pedir aos missionarios seus visinhos os soccorros da religião.

* * *

Poucos minutos depois, junto ao leito do marido de Ruth, um dos missionarios, moço ainda, depois de ter soccorrido o desgraçado, cerrava-lhe para sempre os olhos.

* * *

Como o enfermo tinha fallecido, o missionario fazendo retirar aquelles que o acompanharam, ficou no quarto e dirigiu-se á infeliz que ajoelhada junto do leito, recommendava em sua oração aquelle que tanto a martyrisára.

* * *

Disperta pela palavra do sacerdote, Ruth, ao olhar para elle, ergueu-se como que allucinada e abraçando-o fortemente gritou como uma louca : Mario ! Mario ! achei-te finalmente !

EMILIA RIBEIRO.

O estudo

O estudo tem sido o principal motor da civilisação humana. Pelo estudo muitos homens têm sahido do nada para se elevarem ás alturas onde jámais attingiram muitos outros que o destino fez nascer illustres. Foi pelo estudo que a sociedade conseguiu sahir do cahos da ignorancia em que jazia nos seculos mais atrazados.

De que serviria mesmo o talento se não fosse cultivado pelo estudo ? Se esses homens, para quem a natureza foi prodiga, concedendo-lhes em subido gráu esse sublime dote que se chama intelligencia, não tivessem desenvolvido as vastas idéas com um longo e aturado estudo, teriam porventura dimanado delles as luzes, para o mundo que hoje os divinisa ?

Estudar ! sublime verbo, cuja conjugação tantas vezes se despreza, mas que devia ser uma das principaes occupações da humanidade.

Que suprema felicidade a desses sabios, cujo talento, auxiliado pelo proprio trabalho, tem conseguido penetrar os grandiosos mysterios, que a mão do Omnipotente formou, e que o homem pouco a pouco vae profundando !

Porém, como o conseguiram elles ? Estudando, lendo, compondo, analysando e, finalmente, extractando a mais preciosa porção deste longo trabalho, para lhe juntar a innata sabedoria com que a natureza os dotára. Estudemos, pois !

Não nos importe que o demasiado estudo nos faça encanecer o cabello ou sulcar de rugas a fronte, pois ao passo que isso fôr succedendo, o nosso espirito vae haurindo profundos conhecimentos, os quaes nos farão vêr que acima da belleza physica se eleva uma tanto mais preferivel quanto mais proveitosa :—o saber.

MARIA LUIZA DE FREITAS.

Na Flandre

(ANECDOTA FLAMENGA)

I

Uma historia vulgar... estavam para casar-se... faltavam doze dias.

Elle era rico... ella possuia uma fortuna regular.

A' hora vespertina todos estavam promptos para ir ao cartorio do tabellião, como lá é o uso, assignar o grande contrato dos esponsaes.

Estava-se sómente á espera delle...

Bateram successivamente d u a s, tres, quatro e cinco horas da tarde e elle não apparecera !

Pobre noiva ! Pobre Prudencia !! chorava que causava penna... não haviam conselhos, não haviam palavras por mais doces que fossem que a consolassem.

No dia seguinte foram ás indagações... nada... ninguem delle sabia noticias.

Ella escapou de enloquecer... que terrivel tempestade veio destruir a rosa ao desabrochar, a flôrinha ao irromper da haste !... dezoito primaveras apenas, typo gentil, gracioso, menina delicada e franzina, de olhos azues, cabellos negros annelados e boquinha concisa como um mimoso botão de rosea camelia.

II

Haviam cinco annos que se amavam.

O ingrato fôra causa della adoecer e o desgosto que a accometteu fel-a cahir de cama. Os medicos muito receiavam pela sua vida, estava realmente em perigo.

Um dia, uma amiga que já tinha soffrido males identicos, foi visital-a.

Ella recebeu suas confidencias e consolaram-se ambas, felizes, embora disilludidas, por serem irmãs no infortunio.

Desde então, com os doces conselhos de sua amiga Alice que nunca mais a deixára, Prudencia reviveu, reanimou-se : vivia materialmente, sem coração que ella dizia ter-lhe fogido, e affirmava tudo fazer como uma machina que trabalha ou se move pela rotina.

No mundo que atravessava, indifferente, abstracta, ella assemelhava-se á Margarida do Fausto que no rochedo movediço Satan faz apparecer pela ultima vez a Fausto.

Recebia muitas declarações e muitas cartas amorosas, mas ás declarações respondia com uma risada satanica—verdadeira expressão da ironia e de desillusão — e das cartas, sem lêl-as servia-se para fazer papelotes á noite. No meio do rumor das festas ou no isolamento da campanha, em casa, ou em passeio, trazia sempre ao peito, seguro por um alfinete de rubis, um raminho de cypreste, a planta emblematica dos pezares eternos, da tristeza e do luto.

Chamavam-na, a mulher de gelo.

III

Mais tarde, soubera-se que o objectivo da recusa do moço foi a fortuna que ella possuia e que elle julgava maiorque a sua.

Quando, com suas amigas conversava sobre o assumpto melindroso do amor nunca deixava de dizer-lhes:

O amor paga-se com o amor: qualquer outra moeda é falsa.

LEIZA THIENPONT.

Campos—1889.

NOVIDADES

Theatro S. José

A empreza Heller deu esta semana, além da revista *D. Sebastiana*, a comedia *Fechamento das Portas*.

Sobre o desempenho das peças que alli se representam, é sediço externar opinião, porque todos os artistas que fazem parte desta companhia, são bem conhecidos do publico paulista.

No dia 2 do corrente completou-se o 20º anniversario da empreza Heller, por cujo motivo todos os empregados da mesma receberam o seu emprezario nesse dia entre vivas e flôres, sendo tocada, pela orchestra do theatro, uma marcha expressamente escripta para este acto e que intitula-se—*Jacintho Heller*.

Nova doutora

A Republica Argentina contará em breve a sua primeira doutora.

E' a Sra. Cecilia Griesson, nascida em Entre-Rios em 1871, que acaba de terminar o curso medico e breve apresentará a sua these.

E' a prova de que o amor pela sciencia já começa a imperar no espirito femenil.

RECEITAS DOMESTICAS

O chocolate é a mistura da amendoa do *cacaoeiro* grelhada com assucar e canella ou outra qualquer substancia aromatica.

Com baunilha é delicioso e merece a todos os respeitos a denominação que lhe deu Linneu: *Theobroma* (manjar dos deuses).

Sendo de *boa qualidade* e preparado com cuidado, é muito nutritivo e não tem para as senhoras e crianças os inconvenientes do café com leite.

O chocolate póde ser preparado com leite ou com agua, conforme o gosto ou as condições de saude da pessoa que delle fizer uso.

—

Sendo a baunilha um dos aromaticos e estimulantes mais usados nos doces, confeitos, cremes, etc., ha vantagem em ter-se certa quantidade de assucar já aromatisado e prompto a ser usado. Por este methodo, além de vantagem ha economia.

Em um vidro ou pote de louça com um ou dous kilos de assucar, plantem-se até o fundo tres ou cinco vagens de baunilha. Guarde-se o vaso com o seu conteúdo por trinta ou quarenta dias, tendo-se o cuidado de mexer de quando em vez o assucar para deslocar as vagens. No fim desse tempo o assucar está bem aromatisado.

As vagens podem servir para aromatisar, pelo mesmo processo, nova porção de assucar.

—

Os condimentos ou *temperos*, taes como o sal, pimenta verde e da India, mostarda, vinagre, alho, cebola, cerefolio, etc., em proporções convenientes, activam a digestão, provocando a salivação, secreção do succo gastrico e outras secreções intestinaes, e estimula o appetite, dando melhor sabor aos alimentos.

Entre os temperos occupa o *sal* o primeiro lugar: é o mais util e o mais usado.

O *sal* é indispensavel á digestão, porque favorece a dissolução das substancias albuminosas e a absorpção de quasi todas as materias alimenticias.

Depois do *sal* segue-se em importancia o *vinagre* que, misturado com os alimentos insipidos e mucilaginosos (vegetaes) torna-os mais rapidos e mais digeriveis. E' o que torna o *vinagre* imprescindivel nas saladas.

O abuso do vinagre é, entretanto, prejudicial á saude, assim como o da noz-moscada, da pimenta da India, do cravo, da canela, da mostarda e do azeite.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Recebemos os dois primeiros numeros da revista semanal *A Familia*, que acaba de apparecer na cidade de S. Paulo, sob a direcção da illustre professora, a Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo.

Escrevem para esta revista, uma das mais brilhantemente redigidas que conhecemos, além daquella exma. senhora, redactora principal, muitas das mais habeis e illustradas senhoras da sociedade brazileira.

A divisa d'*A Familia* é a seguinte celebre phrase de Victor Hugo—*Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!*

Agradecemos de coração a honrosa visita de tão perfeito collega.

Da *Gazeta de Botucatú*.

«A Familia»

Começou a publicar-se, pontualmente em S. Paulo, um jornal litterario sob o titulo acima, dedicado á educação da mãe de familia.

A Familia, collaborada por escriptoras conhecidas na nossa litteratura, promette uma carreira brilhante.

A Exma. Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo é a sua proprietaria.

Enviamos-lhe os parabens e agradecemos os exemplares que temos recebido.

Da *Gazeta de Rezende*.

SECÇÃO ALEGRE

Em uma discussão um pouco azeda, chamaram a um fazedor de entremezes, sem talento, o emulo de Molière.

—Não, isso não sou, disse elle com ar modesto.

—E' tal!

—Não sou; Molière tinha o seu genero, eu tenho o meu.

UMA DE PROFESSOR

Em uma escola de aldeia; um professor ensina a operação de subtração aos seus alumnos:

—Vamos, dizia elle, se de um numero inteiro tirar um quarto, isto quatro vezes a seguir, o que fica?

Silencio profundo em todos os bancos.

—Não comprehendem? torna o mestre, sentindo cahir o suor pelas faces; vamos então explicar melhor (tira um pecego da algibeira), aqui está um pecego: corto-o em quatro quartos (os pequenos abrem muito os olhos, cheios de cobiça), como um, como dous, como tres, como quatro; (murmurio em todos os bancos). Prompto! Então o que fica?

As crianças em côro:

—O caroço!

TYP. UNIÃO—S. PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 13 de Abril de 1889. — NUM. 20

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 10$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mão de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher ! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a !

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Assumiu de novo a direcção do jornal *A Familia* a Sra. D. Josephina Alvares de Azevedo que se achava em excursão pela provincia de Minas.

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

COLLABORAÇÃO

Franqueia *A Familia* as suas columnas a todas as senhoras que a queiram honrar com a sua collaboração.

A FAMILIA

S. Paulo, 13 de Abril de 1889.

Mães e mestras

CAPITULO X

O ESTOVAMENTO

O estovamento é talvez de todos os defeitos aquelle que merece mais desculpa, ainda que por causa dos inconvenientes que traz comsigo, nos dê mais motivos de desgostos. Primeiro, porque são travessuras sem fim, segundo porque é o constante esquecimento de todas as cousas uteis e essenciaes, dando sempre motivos a advertencias, cujo pouco fructo nos faria descoroçoar, se não pensassemos, e com razão, que cada dia que se vae passando deve trazer um remedio a este mal, como as gottas de orvalho acabam por acalmar pouco a pouco os cerebros mais agitados.

Com tudo seria perigoso desprezar o estovamento, porque se não se juntar a educação ao soccorro do tempo, bem póde ser que essa disposição fique permanente na idade em que possa ser prejudicial ás importantes funcções da vida e ás relações da sociedade e, porque não ha ente mais inutil do que aquelle a quem não se póde confiar nenhum dever a cumprir, nem um recado, com receio de que seja divulgado ou esquecido.

Por isso só, basta este defeito para empanar o brilho de mulheres de boas qualidades.

Consistindo o estovamento na falta de reflexão, o melhor meio de preencher este vacuo, é obrigar a criança a refletir e a lembrar-se, ligando a este acto mental a satifação dos seus mais ardentes desejos.

Por exemplo : todas as vezes que a ella apetecer alguma cousa do seu agrado, promette-se que obterá deixando o estovamento por uns, dois ou tres dias, ao mesmo tempo que se lhe negará com firmeza o objecto ou recompensa promettida caso ella não satisfaça a condição do ajuste.

Logo que a creença tem o cuidado em conter-se por tres dias, póde fazel-o por uma semana e assim virá a contrahir este habito.

A arte da educação consiste em procurar os melhores correctivos e os remedios mais appropriadas aos defeitos e applical-os com perseverança.

Ha porém uma consideração que deve alentar : as meninas travessas, cheias de fogo e vivacidade, fazem-se depois mulheres distinctas, porque, de futuro, no interior do seu lar as almas langorosas, são sempre propensas ao egoismo, apathia e baixeza.

Os paes que alegram-se de vêr os filhos quietos e, sérios e que desta indole anguram uma discrição prematura, correm o risco de se enganarem muitas vezes.

Cumpre desconfiar destas *almas dormentes* e temer que o moral ou o physico não esteja em seu estado natural nos individuos destes caracteres.

CAPITULO XI

INCLINAÇÃO PARA DESTRUIR

Aquelles que têm inclinação para abater a natureza, humana, nunca deixam de clamar quando observam os effeitos do impeto destruidor que têm as crianças:

«Eis ahi como o homem é mau desde que nasce ! Estas crianças só se julgam satisfeitas quando podem quebrar ou estragar tudo quanto lhes cae nas mãos.»

A esses rabugentos podiamos responder :

«E' esta a prova da actividade que abraza este menino e o excesso de vida que nelle transborda !

«Elle está em perpetuo movimento, sente-se com tanto vigor que póde animar tudo quanto tem a roda de si, e si com tanto prazer destróe, é muito menos por maldade do que por ser essa acção mais prompta do que a de constituir e por isso convém á extrema vivacidade que lhe outorgou a natureza.»

A influencia da disciplina, do trabalho e da razão, fazem desapparecer pouco a pouco essa propensão.

Se ella resistir á sua acção, haverá *vicio* na criança e será conveniente combatel-o com perseverança ; porque não se póde esquecer que esse germen quando desprezado em principio e fortalecido com a idade, não venha depois a ser uma das principaes causas dos actos de crueldade ou para com os homens, ou para com os animaes, o que póde, algumas vezes levar até ao homicidio, segundo o fatal concurso das circumstancias.

O ensino complementar e profissional da mulher

Quando consideramos, os colossaes e titanicos commettimentos do seculo XIX, que anniquilou todas as escravidões, e cuja adiantada civilisação repelle todas as tyranias; nós que temos a felicidade incomparavel de nos inspirarmos e aquecermos á luz radiosa deste seculo, nos sentimos cheias de um nobre orgulho.

Até a mulher, com quanto seja um ser fraco e vulneravel, uma doente, como lhe chamou Michelet, nas sociedades modernas e emancipadas de antigos preconceitos, acha-se tambem na mesma plana que o homem, e vem como elle collocar-se na moderna arena do trabalho usando da actividade mental do seu cerebro, e do vigor do seu braço, para preparar a renovação e augmento dos recursos que a natureza fornece.

Em uma civilisação adiantada, onde o goso social está espalhado por todos os cidadãos, vê-se porém, que as necessidades crescem e multiplicam-se indefinidamente, de modo que muita vez só o trabalho do homem não basta para proporcionar á familia todas as commodidades, ou antes todas as superfluidades que um luxo requintado vai introduzindo nos nossos costumes. Dahi provém a necessidade da existencia do trabalho para a mulher, a quem é indispensavel arrancar-se a todo o custo dessa educação mystica, tão nociva á sua organisação, mesmo pela reciprocidade dos deveres que ella tem a preencher no aspero conflicto da vida.

Muito embora o contestem o que é certo porém, é que a eterna evolução dos acontecimentos, a feição dos tempos alterando e modificando o modo de ver da sociedade actual, nos demonstram dia a dia, que a mulher pobre, já não póde limitar a sua existencia, exclusivamente á doce e tranquilla beatitude do lar, vendo-se as mais das vezes obrigada na vida moderna e lançar-se na vertigem do trabalho, e a tomar o posto de soldado razo, na aspera batalha quotidiana, onde cada individuo seja qual for o seu sexo, é um combatente.

Todas sabemos que no geral a mulher entre nós, não está preparada para a nobre e elevada missão que a espera na familia e na sociedade, que não tem a minima idéa das responsabilidades que lhe incumbem, nem dos altos deveres que precisa cumprir; mas deixando de parte esta questão já tantas vezes debatida, limitamo-nos a fallar sobre a educação das filhas dos proletarios, daquellas emfim que frequentam as nossas escolas publicas.

Na ha nadamais difficil do que vencer-se a obstinação e a indifferença de aquelles que tendo crescido na ignorancia, suppõem que a instrucção é uma cousa inutil ás suas filhas, e que se as enviam á escola, é tão sómente por ser moda assim o fazer.

—Nossas mães, dizem muitas, não precisavam de nada disso para viver, toda a vida se arranjaram muito bem sem nada saberem: nós havemos de viver tambem.

E assim mal as filhas começam a ler, são logo retiradas da escola ao mais futil pretexto, afim de se empregarem nos misteres que competem a mulher, eis em pouco tempo perdido todo o fructo de alguns mezes, ou mesmo annos, de tão arduo quão improficuo trabalho.

Pobres, ou sem meios de vida, se as habilitam para algum trabalho, este é quasi sempre tão vulgar e tão rotineiro, que não serve para promover os recursos da sua subsistencia.

Que tristeza profunda nos aperta e confrange o coração, quando vemos as tristes consequencias que resultam desse deploravel descuido de tantos paes! Descuido que desde logo converte a existencia da mulher em um espinhoso problema, se as contingencias da vida obrigam-a a fazer o seu proprio destino, independente de qualquer auxilio, de qualquer protecção.

Condemnadas á eterna dependencia, esses seres passivos, inhabeis e inconscientes e por isso mesmo tanta vez incoherentes no seu proceder, do ordinario tornam-se victimas daquelles, que não hesitam em especular diabolicamente com os espiritos debeis, ou com as desgraças alheias.

Atravez de todos os grandiosos emprehendimentos do nosso seculo, é forçoso reconhecer-se no cyclo em que vivemos, que são muitos os que pelejam desesperados contra o mau exito das suas emprezas, e que o profundo caracter da sociedade actual é a miseria de muitos confrontada com as accumulações prodigiosas de alguns. E a mulher nestas circumstancias vendo-se constrangida á lucta incessante para conquistar o pão quotidiano, ou a abastança do dia seguinte, para si ou para a familia se a tem, que heroicos esforços não é preciso empregar? Ella que não tem como o homem a intelligencia desenvolvida, o senso moral formado, e o coração bem constituido, nem possue o habito do trabalho, desse trabalho que para elle transforma-se insensivelmente em um estado de actividade continua, que é uma especie de segunda natureza.

De ordinario, a mulher honesta e laboriosa, só tem para viver o escasso producto do trabalho dos seus braços; mas quando, as pobres, as isoladas, as desgraçadas que tentam ganhar o pão de cada dia sentem paralysados os braços por doença, e se vêm abandonadas á desventura nos solitarios desconfortos da pobreza?

Oh! é então que comprehendemos a triste condicção da mulher, e as prescripções verdadeiramente terriveis, impostas contra ella, em uma sociedade que apezar de humana e tolerante, como é, só para a mulher parece ter, as leis gravadas no gladio!

Defronte deste misero estado, nos parece a proposito transcrevermos aqui algumas considerações de um erudito orador, em referencia á associação de protecção e instrucção do sexo feminino, fundada na cidade do Funchal, por D. Maria de Atouguia e Almeida, e auxiliada por algumas distinctas senhoras.

«Entre nós, diz elle, a mulher popular não recebe o ensino profissional.

«E, todavia, o que é o ensino profissional?

«A palavra o está dizendo: é o ensino de uma profissão.

«Mas, o não receber a mulher o ensino de uma profissão é não ter carreira, é estar ás bordas do abysmo mais tremendo, é não descortinar futuro, é não possuir o verdadeiro lar, é não ser verdadeira esposa, verdadeira mãe, verdadeira creatura humana, é não concorrer para a existencia da sociedade, é ser peior que um animal—porque ao animal dá-se-lhe o ensino necessario para preencher a sua missão - é ser monstro, auxiliado de mais a mais com a intelligencia, e aggravado com perspicacia feminina.

«Que se diria de uma nação que não tivesse universidades, polytechnicas, lyceus, institutos agricolas, industriaes, commerciaes, que não formasse jurisconsultos, medicos, theologos, naturalistas, mathematicos, pharmaceuticos, officiaes para o seu exercito, mariuheiros para a sua esquadra! Direis que uma tal nação seria uma tribu selvagem.

«Pois bem. Aquellas formaturas nos variados ramos das sciencias, devem

corresponder outras tantas variadas formaturas no sexo feminino, conforme as especialidades das carreiras a que a mulher se possa destinar ; e então dizemos ou haveis de confessar que a nação que não as possue está selvagem, ou desconhecereis os principios mais triviaes da questão fundamental dos povos.

«A nação portugueza, naquelle ponto, está selvagem, porque a sua organisação official de ensino não ministra á mulher o ensino profissional, se não chamardes ensino profissional do reino e seus dominios a umas aulas de musica no conservatorio e outras improprias de instrucção popular nos recolhimentos do Calvario e da rua da Rosa, estabelecimentos, ou antes verdadeiros carceres inquisitoriaes de educação assassina, onde os poderes publicos têm deixado definhar a juventude, em vez de a melhorarem.

«Déstes a liberdade a este povo, ha meio seculo, e tendes a mulher no estado da primitiva deseducação.

«A liberdade, santo Deus ! a liberdade ! mas a liberdade é porventura só um nome ? um fim ?

«A liberdade é um meio : o meio para a realisação dos direitos e deveres.

«Temos o direito e o dever de desenvolvermos as nossas faculdades para o exercicio das nossas occupações no intento de preencher cada um a sua missão. Se o homem não foi criado para o acaso, tambem para o acaso não foi criada a mulher. A quem pertence o dever de educar a mulher popular ? Em principio, á familia, como á familia cabe o dever de lhe dar o pão quotidiano. Mas emquanto a familia não estiver educada ? emquanto o lar não for uma realidade a todos os respeitos ? emquanto a caixa economica não figurar como uma instituição *viva* em cada freguezia, como a igreja, a padaria e o cemiterio ?

«Até esse tempo só o estado ou a associação o poderá fazer. A liberdade sem a instrucção profissional, consideramol-a uma falsidade mais injustificavel do que o absolutismo. O absolutismo ao menos é franco e logico, mas a liberdade sem o ensino profissional principia por ser hypocrita e acaba por faltar ao seu mais rigoroso e mais sério dever : — a educação do povo. Quando, ha poucos annos, os Estados-Unidos concederam a liberdade aos negros, em acto continuo surgiram tantas centenas de escolas, quantas eram necessarias para os educar e instruir.

«Que triumpho para a civilisadora nação que o realisou ! que pagina para a historia da liberdade ! que vergonha para nós !

«Brancos, livres, invejamos a sorte dos negros e dos escravos. Lá está a França com as suas escolas profissionaes, de que a escola Chapital é um dos exemplos formosos ; lá está a Inglaterra com as suas escolas industriaes, manufactoras, e do desenho applicado a todas as profissões populares : lá está a organisação, já notavel, das escolas profissionaes para o sexo feminino na Italia e onde as de Milão e de Turim se têm erguido ao nivel das da Allemanha. Nas da Suissa e da Suecia nem fallemos.

«De entre as dos Estados-Unidos apontaremos ao acaso uma das principaes, o collegio Vasar, profissional para as filhas do povo ; palacio cuja fundação custou 175:000$000, edificado, segundo o modelo das Tulherias ; não nos consentindo a estreiteza do espaço lançar aqui sinão considerações a fugir.

«Assim a liberdade que entre nós plantastes, não a realisastes ainda, e pelo correr de meio seculo, tendes falseado no alicerce da sociedade ; o grande principio da lei divina, do leve social e da civilisação portugueza. Não vos importa ? A historia vos pedirá restrictissimas contas pelos resultados deste crime governativo, e a consciencia dos seculos vos lavrará a sentença.»

Taubaté, 7 de Abril de 89.

ANALIA FRANCO.

(Continúa.)

Quando o amor é infeliz arrefece todas as outras affeições ; ninguem pode explicar a si mesmo o que se passa em sua alma ; tudo o que se havia ganho em prazer, perde-se em desgosto. O augmento de vida que produz o sentimento, que faz que se gose a natureza inteira, está dependente em tudo e por tudo da vida e da sociedade ; mas a nossa existencia é tão fraca que, logo que as grandes esperanças se dissipam, torna-se incapaz de um movimento expontaneo. E' por isso mesmo que, deveres sagrados recommendam, tanto ás mulheres como aos homens, que respeitem e temam o amor, que elles proprios inspiram, porquanto esse indomavel sentimento tanto devasta o espirito como o coração.

MME. DE STAEL.

A mulher forte

TERCEIRA CONFERENCIA

Tendes o coração triste ?

Depois da oração não conheço melhor remedio para tal soffrimento do que algumas horas de leitura nos escriptores, cuja nobreza de sentimento e sublimidade de estylo vos transportam ás regiões serenas, onde se esquecem os homens e as cousas mundanas. Muitas vezes, em um sonho do espirito, no momento em que é suffocante a atmosphera que nos cerca, diz-se :—Meu Deus ! Se eu pudesse refugiar-me em uma alta montanha, descansar ahi alguns dias e permanecer sósinho na vossa presença, diante do sol e dos esplendores da natureza, que felicidade não seria a minha ! Que vida e que alegria para o corpo e para a alma !

Para que sonhar assim ?

Vós podeis encontrar a desejada felicidade sem que deis um passo fóra do vosso gabinete. A leitura e a meditação criam azas : o espirito subtrahe-se á materia, e sobe, e vôa, e equilibra-se sobre as montanhas intellectuaes, em cuja altura se encontra a paz e a serenidade.

O estudo tem grandes vantagens : — Eleva o espirito ; influe secretamente na mulher fazendo com que ella não viva no meio das ninharias, como diz M. de Tocqueville, e fazendo com que não conserve mais a pequena personalidade que se envolve em pensamentos infinitamente mesquinhos.

A alma engrandece-se ao contacto das idéas ; o estudo da litteratura dá-lhe um tom gracioso, torna-a flexivel e communica-lhe, simultaneamente, a finura e a firmeza ; a poesia inflamma-a e inspira-lhe alentos divinos ; a musica põe-lhe a alma em equilibrio e dá-lhe o sentido exquisito da harmonia em tudo.

A cultura das bellas-artes desenvolve-lhe o sentimento do bello e dá ao pensamento horisontes completamente desconhecidos.

Supponde uma bella alma, uma intelligencia distincta em uma organisação de mulher, dê-se-lhe uma educação dirigida sob estes principios, faça-se com que as Musas e as Graças se congreguem para lhe formarem o espirito e fazerem desabrochal-a no meio de uma doce harmonia de faculdades, consegui que ella conserve sempre como guardas da sua casa, a virtude e a sabedoria, e eu ousarei apresentar tal creatura como o ideal que eu gostaria de sonhar em uma

mulher christã. Bom seria imitar esse ideal, mesmo de longe.

A mulher desenvolvida deste modo será o ornamento de sua casa ; saberá fallar á cosinheira e entender-se com ella a respeito das minudencias de um excellente jantar ; mas ao subir ao salão, ainda melhor saberá sustentar uma conversação deliciosa, sem gastar o seu espirito em volta dos objectos de toilette, reservando-o para entretenimentos sérios e interessantes, semeados de notas tão solidas quanto delicadas.

Chego mesmo a não excluir o latim dessa educação completa, e se alguem me censurasse pelas muitas concessões á mulher sábia eu invocaria duas autoridades cuja competencia ninguem contestará — a de Fenelon e a de Madame Swetchine. Citarei esta ultima : — «O vosso latim, escreve ella a uma das suas amigas, causa-me, pelo menos, tanto prazer como o resto. A lingua da fé não devia ser excluida de nenhuma educação religiosa, e muito menos da que se dá na vossa idade em que se aprende ainda tudo quanto se deseja. O pedantismo não está no que se sabe, está em querer mostrar o que se não sabe.» Uma mulher formada deste modo não aborrecerá o seu marido, e entre as qualidades do sexo fragil não ponho na ultima linha a de não enfadarem as mulheres os seus maridos. Ora de todas as fontes do aborrecimento eu não conheço nenhuma, sobretudo para um marido que não fez voto de paciencia, mais abundante e perenne do que uma virtude acanhada e muito tola, para repetir a phrase de M. de Tocqueville. A tolice, sobretudo quando se tem o talento desgraçado de a dobrar com piedade mal comprehendida, tem o previlegio de estragar todas as cousas, mesmo as melhores. Insisto neste assumpto porque é essencialissimo sob o ponto de vista da paz de vossas familias e da virtude de vossos maridos.

As qualidades physicas, quando subsistem só têm uma influencia temporaria e que facilmente se gasta.

Depois da virtude nada conheço mais proprio para conservardes a estima e o coração de vossos maridos que as qualidades de um espirito culto, apanhando em todas as cousas o ponto de vista elevado, amavel, gracioso e divino. Para se conseguir isto não é absolutamente necessario ser-se um genio ; neste caso seria difficil acreditar com que facilidade esta maneira de encarar as cousas se desenvolve naturalmente, instinctivamente, nas naturezas em que a virtude e uma instrucção conveniente se dão as mãos para caminharem conjuntamente. E' como o solo constituido de terra, pela qual os jardineiros têm grande veneração : — as flôres brotam nelle espontaneamente.

O numero de mulheres que perderam o coração e mais tarde a virtude de seus maridos, aborrecendo-os, é talvez muito consideravel. Vejo, porém, que parecendo dar-vos sómente conselhos litterarios, tive tambem o pensamento e o desejo de attingir outro alvo, e realmente, dou-vos conselhos religiosos.

(Continúa)

Sadness

Still visit my nights for you reserved,
And mouth my soaring south to tou-
ghtshke Jours.

JAMES THOMSON.

Meu anjo inspirador não tem nas faces
As tintas coralineas da manhã ;
Não tem nos labios as canções vivaces
Da cabocla pagã !

Não lhe pega na fronte deslumbrante
Corôa de esplendor e maravilhas,
Nem roupa ao nevoeiro fluctuante
As nitidas mantilhas.

Meu anjo inspirador é frio e triste
Como o sol que enrubesce o céu polar !
Trahe-lhe o semblante pallido — do anthiste
O acerbo meditar !

Traz na cabeça o estemma de saudades,
Tem no langaido olhar a morbidéza,
Vem a clamyde eril das tempestades.
E chama-se — tristeza.

NARCISA-AMALIA.

A confissão de um amor que se partilha, é um raio de luz que traz um novo dia a nossas idéas, um encanto desconhecido que se espalha sobre tudo o que nos cerca ; os objectos se transformam a nossos olhos, tornando-se mais risonhos e mais risonhos e mais amaveis : em uma palavra, quando sabemos que somos amados, vemos a cada instante a natureza embelezar-se ao redor de nós.

MME. DE RICOPBONI.

Confidencias maternaes

(Conclusão)

— Tiveste muita pena de te tirarem os bonitos ?

— Tive muita, sim, mamã, respondeu todo sobresaltado e ainda mal restabelecido do susto.

— Ora, ainda bem ! O *Bébé* agora nunca mais tira nada a ninguem, ouviu ?

— Ah ! sim, e ficou-se instantes como que seguindo um trabalho que sem elle mesmo querer se lhe ia fazendo lá dentro. Ah ! sim, é muito mal feito tirar ás pessoas o que ellas têm *Bébé* nunca mais tira...

No outro dia a Guilhermina, a minha velha ama que tu conheces perfeitamente, dizia-me consternadissima :

— Ninguem faz idéa de como o menino é mentiroso. Inventa cousas que é de fazer tremer uma pessoa.

De feito, não ha nada mais prodigioso do que a phantasia de *Bébé*.

Conta os factos mais extraordinarios que nunca se deram, como se tivesse assistido a elles. Da mais pequenina cousa deduz uma longa historia falsa. Umas vezes encontrou na rua um homem muito feio que o quiz levar comsigo ; outras vezes mordeu-lhe um bicho, que elle parece ter visto e que descreve com as cores mais vivas. Quando está um pedaço longe de mim vem narrar-me assombrosos acontecimentos que se deram com elle, do mesmo modo quando me deixa instantes, conta á Guilhermina uma infinidade de pormenores que só existiram na sua imaginação.

Como é que eu hei de conseguir subordinar a um principio de exactidão e de verdade aquelle espirito iriado e phantastico, para o qual todas as cousas tomam uma fórma differente da realidade ?

Crear uma alma ! que missão difficil, que missão esmagadora !

No fim de contas as forças da natureza não são boas nem más ; da applicação dellas é que tudo depende.

Do meu anjinho, impetuoso, cheio de ambições, de curiosidades, de irrequieta alegria, de cabiças intuitivas, de energia vital, póde uma direcção boa fazer um carater nobre, viril, pertinaz, capaz de todas as luctas, prompto para todos os combates, investigador, inventivo, cheio das beneficas curiosidades do bem, e das ambições generosas que levantam e enebrecem.

E pensar, meu Deus, que mal dirigidas, todas estas qualidades, todas estas forças, todas estas manifestações de vida intensa, podem leva-lo á perdição, á infamia, ao crime !

Oh ! meu Deus, dai-me vida e entendimento para que só eu amolde e affeiçoe a querida alma de meu filho !

. . . . . .

. . . . . .

O Luiz faz hoje o seu primeiro exame no Lyceu ; já se não chama *Bébé*, já não tem aquelles annelados cabellos de ouro que eram o meu orgulho e as minhas unicas joias, os seus bellos olhos escuros já não têm a doçura pensativa, o pasmo encantador da alma que se busca e que se ignora ; usa jaquetinha e calças, e hontem dei a uma visinha pobre uma blusa que era delle, a sua ultima blusa de ha dous annos.

Que tolice ! Sabes que lh'a dei a chorar ?

O meu Luiz é quasi um homem.

E' bom, é meigo, é de uma deliciosa innocencia, de uma espansão de vida que assombra !

Não é meditativo nem poeta ; nada disso. E' de uma alegria impetuosa ; de uma actividade sem limites.

Gosta de estudar para me satisfazer, mas tenho a certeza que gosta de brincar para satisfazera si.

Não sabe muito ; ao pé dos nossos *sabichões inhos* em miniatura, creio mesmo que passará por um ignorante ; mas a verdade é que está apto e preparado para aprender tudo.

Suppõe tu um lavrador que fizesse as suas sementeiras antes de preparar a terra com os convenientes adubos, e aqui tens parte dos educadores de hoje.

No meu filho—perdoa-me este santo orgulho—nenhuma qualidade foi atrophiada, todas estão no pleno desenvolvimento que lhe é proprio, naquella florescencia opulenta no fim da qual já se antevê sasonado e saboroso o promettido fructo.

Tem o corpo de um pequeno athleta. Capaz de resistir ás longas viagens, aos estudos complicados da sciencia moderna, aos trabalhos complexos do luctador deste seculo extranho e poderoso.

Até os seus recreios e distracções foram dirigidos com desvello.

Desenvolvem-lhe o corpo dia a dia, a natação, a gymnastica, a equitação, todos os exercicios physicos que tendem a duplicar e desenvolver o vigor natural do homem, a crea-lo mesmo se elle originariamente não existe.

Vivemos muito no campo, durante a sua risonha infancia. O amor e o conhecimento intimo da natureza, das plantas e dos bichos, das cousas inanimadas e das cousas mudas, o espectaculo grandioso ou suave dos campos e das montanhas, dos tempestuosos mares, ou das placidas e fartas lezirias, entra como um elemento fortalecedor, vivificante, cheio de ensinamentos praticos na educação das crianças. Nunca uma arvore ensinou uma acção má ; nunca uma flor ou um ninho de aves crearam um pensamento abjecto.

Não poz nunca o pé em um collegio. Não conhece nem as alegrias nem as lastimas dessa intimidade que tem decididamente mais resultados funestos do que vantagens conhecidas.

Aprendi quanto me foi possivel, não para lhe ensinar, mas para estudar com elle, e comprehender antes delle o que era preciso que elle comprehendesse.

Diante dos seus bellos olhos limpidos e curiosos não consenti nunca que passassem os abjectos quadros que polluem tanta imaginação infantil.

Não me cancei inultilmente a pregar-lhe sermões de moralidade abstrata ; pratiquei o bem para que elle o praticasse ; em minha casa só tem visto exemplos diguos.

Mais tarde, quando os maus, rindo lugubremente, lhe disserem que o bem não existe, elle não acreditará nessa blasphemia porque pensará em mim !

Não é ainda um homem, mas promette vir a se-lo !

Está quasi cumprida a minha tarefa.

Hoje, quando elle voltar contente de haver sido premiado — porque estou certa que o será—acceitarei ainda os seus beijos como uma recompensa.

Daqui ávante é a seu pae que pertence a direcção suprema daquelle espirito que desabrocha para todas as altas curiosidades da vida.

Choro porque as mães são fracas, Magdalena, mas para que choro eu ? Já nada, nada na terra nem mesmo a minha morte nos póde separar.

Todas as virtudes que elle tiver serão simplesmente o fructo das flores que eu tenho cuidado com tanto amor, assim como essas flores vêm dos germens que eu semeei cheia de susto, de delicias, de ambições, de louco anceio !

Fui eu que o conduzi pela mão, ao mesmo tempo tremula e confiante, até ao limiar da sua pura adolescencia.

Sinto orgulho, é verdade, mas tambem sinto saudades !

Saudades do tempo em que o embalava nos meus braços, em que elle só de mim vivia, como eu vivia só para elle.

Foram as minhas alegrias mais superiores e mais completas.

De ora ávante é preciso que elle se emancipe um pouco da minha tutella extremosa, que elle se vá robustecendo ao contacto rude dos homens e das cousas.

Fui eu que o formei, sinto que pertencerá ao numero dos fortes e que não succumbirá na luta da vida.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Como estou velha, minha querida amiga, de outros dias !

Lembrei-me tanto de ti, hoje, na igreja onde fui assistir ao casamento do meu Luiz !

Tem 24 annos, realisou as doce promessas que eu sonhara e sahiu hoje de casa de seus paes para outra casa que vae ser delle.

Tu não sabes a nuvem de tristeza que obumbra a minha alma, não sabes como todos os egoismos humanos se revoltam em mim, e ameaçam fazer-me naufragar na sua formidavel tempestade !

Oh ! deixa-me desabafar comtigo !

Quem é que ainda revelou ao mundo o martyrio que crucifica as mães !

Foi para outra que eu andei formando aquelle divino thesouro com todas as riquezas que pude juntar dentro da minha alma !

Tantas noites que velei a pensar, a estudar, a pedir á voz intima da consciencia que esclarecesse, fortalecesse e guiasse o meu fragil coração de mulher !

Tantos annos de abnegação profunda, de abnegação sem nome, de todas as horas, de todos os instantes, esquecida de tudo que não fosse aquella alma pequenina que andava a crear e a robustecer.

Nesse empenho me fugiu a mocidade. Por elle, pelo meu adorado ingrato me esqueci de tudo que fôra meu !

E hoje elle partiu ; partiu risonho, triumphante, orgulhoso como um rei, sem se lembrar que onde vira até ali

sua mãe, deixava uma triste condemnada !...

E ha quem falle por ahi em ciumes romanescos, em ciumes ephemeros, em ciumes de um instante ! Qual ciume poderá comparar-se a este que me está dilacerando o peito ?

Oh ! Luiz ! oh ! meu amor ! oh ! minha solidão !...

. . . . . .

. . . . . .

Na ultima vez que te escrevi estava louca, minha velha amiga.

Nunca está só quem ama, e espera, e crê em Deus, e semeou o bem no seu caminho.

Veio lembrar-me tudo isso nessa hora de amargura revolta que passou, o querido companheiro de toda a minha vida, o meu honesto guia, aquelle que partilhou commigo todas as sublimes responsabilidades que ha no amor dos paes.

Já sou avó, minha amiga, o meu Luiz é já pae.

Nas alegrias delle vejo reflectidas as alegrias extinctas, cujo aroma vago perfuma a minha alma de uma saudade ineffavel.

Não se esqueceu de mim, o meu querido filho ; tem presentes todas as minhas lições, o laço mysterioso que um dia nos uniu conserva-se inquebrantavel, e hoje não deixa ainda de vir consultar-me a cada instante como nos dias em que a sua alma e a minha trocavam incessantemente confidencias mutuas.

Estou consolada !

Vejo descer a velhice sobre mim como uma noite calma, tranquilla e cheia de estrellas !

Não é nunca infructifera a obra das mães.

O meu sacrificio, se o foi, será continuado, e desatar-se-ha em flores benditas de geração em geração.

Felizes todas as que puderem adormecer como eu no seio de um filho a quem deram tudo que tinham de melhor, de quem receberam tudo que neste momento levanta a minha alma para além da vida terrestre, e me faz antever o somno tranquillo e doce das consciencias justas !

. . . . . .

. . . . . .

MARIA A. VAZ DE CARVALHO.

O futuro de um filho, é sempre obra de sua mãe.

NAPOLEÃO I

Mudança

Eu julguei que minh'alma opprimida,
Tão affeita aos transportes da dôr,
Não podesse gosar n'esta vida
As suaves doçuras do amor

Eu julguei que do braço fadado
Para dor carpir sem cessar,
Minha lyra plangente, magoada,
Não soubesse outro canto soltar.

Eu julguei... era engano ! em minh'alma,
Devastada por agro soffrer,
D'entre ruina—uma flôr doce e calma
Surge aos poucos, e a faz reviver !

Esta flôr—violeta discreta—
Que recria o perfume espargir,
E' o enlêvo !... é a chamma secreta
Que me faz inda crêr no porvir.

Dos effluvios que grata derrama
Brotam vida... esperanças a flux
Respirando—a minh'alma s'inflamma,
E se eleva a uma esphera de luz !...

LUIZA AMELIA.

A...

Feliz mais feliz igual nos immortaes
Quem junto de ti se passa na ventura.
. . . . . .

SAPHO.

Feliz—Feliz quem teve do azulino
De teus lindos olhos um lampejo !
Feliz quem pode um longo beijo,
Pousar em tua face alabastrina ! !...

Feliz—Feliz quem pode ouvir-te
E ver te até que o dia se desmaie,
Puro orvalho das manhãs do mez de Maio,
Feliz...quem pode ao longe em vão seguir-te!...

Quem no niveo collo repousar ....
Quem nos labios corollinos for libar,
O germen embriagante e virginal ! ! !

Quem de opala um altar te construir,
E... uma prece só te possa dirigir,
E' feliz... mais feliz que o immortal ! !...

4—3—89.

MARIA RAMOS.

Todos os amores—incluindo o amor maternal—têm as suas angustias e as suas convulsões. E' que Deus creou uma dôr para cada goso. A porta do Paraizo abre sobre o inferno. Mas o amor maternal é que nunca escreve no seu inferno as palavras desesperadas do Dante.

ARSÈNE HOUSSAYE.

Uma scena commum

I

São doze horas da noite.

A lua, que estendera-se bella e magestosa em seu throno infinito—o céu—sacudindo indolentemente seus raios pallidos e agradaveis, desapparecera rapidamente deixando seus vassalos, os astros, queixosos e tristes da sua brusca retirada. No firmamento já não brilham as mimosas perolas da noite, as estrellas.

Forte tempestade ameaça a terra adormecida. Tudo é silencio...

Somente as agourentas aves das trevas atirando aos ares os seus sinistros gritos, se occultam medrosas em seus retiros. Tetrico é o silencio que reina...

De repente rigido trovão se fez ouvir e copiosa chuva banha e alaga a terra !

De bella que estava a noite, torna-se medonha.

São tão voluveis as cousas da natureza.

II

Emquanto a voz dos elementos atroadora se faz ouvir omnipotente, uma scena tremenda desenvolve-se na rua de...

Um destes que, nos grandes salões, são chamados, como diz Montepin *estroinas*, e na baixa classe, *pandegos* ; um destes nobres *de gravata branca e luva de pellica*, acabava de penetrar no recinto o mais sagrado para uma donzella, aquelle que guarda o seu leito, o recinto onde se respira o ether puro da innocencia !

O *nobre*, com palavras mentirosas, com suspiros fingidos, com promessas enganadoras, apoderara-se do coração de uma destas filhas do povo, cuja riqueza é a honra, cuja vida o trabalho, e, de ardil em ardil, chegara a persuadir a infeliz para acompanha-lo.

E' mais uma victima que vae ser lançada no lodaçal do vicio e talvez do crime !

III

Ella cede... e ei-los que se approximam da porta da mesquinha aguafurtada.

A triste ao transpor o limiar do misero casebre onde, por muitas vezes lhe sorriu a felicidade, onde deixava as suas azas de anjo, não poude fugir de volver os olhos e insensivelmente sahiu-lhe do fundo da alma um suspiro e as palavras :—Oh ! minha mãe !

Mal as pronuncia, um brado : — *Infames!*—se ouve...

Ambos recuam...

Era o pae da infeliz, curvado ao peso dos annos, coberto de veneraveis cãs !

A desgraçada filha lança-se-lhe aos pés, e, entre soluços e gritos penetrantes, pede-lhe perdão !

A colera e a vergonha apoderam-se do velho que brada :—não és minha filha ! sê maldita !

Uma gargalhada convulsa e horripilante echôa de envolta com a luz vivissima do relampago, ao bramir furioso do trovão !

A malfadada enlouquecera !

O elegante com toda a fleugma separa-se do grupo, dizendo com ar de mofa :—*como são fracas as mulheres !* E continúa a caminhar sem se importar com a colera da natureza, entoando por entre dentes um trecho da *Mascotte*...

. . . . . .

Hoje a desgraçada pisa o carcere dos doudos e o seductor os salões da aristocracia !

Scenas da actualidade !

ANNA DE MENEZES.

A mulher e o poeta

(EXCERPTO)

Se, como diz Pindaro : « a vida é o sonho de uma só hora », que importa viver só de sonhos e illusões seductoras ?

Arrancar á alma as suas illusões, é mais descaroavel do que cortar as azas a um bando de andorinhas. Para que se hão de submetter as mais formosas cousas a uma fria analyse que nos desencanta e gela ?

O botanico destróe a rosa ao examina-la.

O poeta não pede á rosa sinão o perfume ; contempla-a, dominado pelo sentimento esthetico, goza-a sem a annuiquilar, tributa-lhe admiração, amor, enthusiasmo e respeita-a como o egypcio á flor do loto.

O astronomo, postado no seu observatorio, quer averiguar o numero das constellações e seguir, ajudado do telescopio, a rotação dos astros ; o poeta não alimenta esse orgulho : humilha-se ante os corpos celestes, e nada mais lhes pede do que um raio de luz para afugentar as sombras das suas melancolicas noites.

O naturalista, armado do escalpelo anatomico, decompõe o corpo do pyrilampo e reduz a brilhante mariposa a um mistero esqueleto ; o poeta segue com as azas da fantasia a alada borboleta, canta as suas bellas cores, os seus caprichosos vôos e exhibe-a no esplendor da formosura.

O poeta é o photographo do coração, o apostolo enviado pela Providencia.

Um poeta e uma mulher atheistas afiguram-se-me tão impossiveis como as irradiações da luz na alma do reprobo. Não, mil vezes não ! O atheu póde ser um grande versificador, mas nunca um poeta. O poeta contempla Deus com os immateriaes olhos da alma ; a mulher com a fé do seu coração enthusiasta.

O poeta, como a mulher, crê, ama e espera, e por isso canta a virtude. A mulher é poeta, a maior parte das vezes sem consciencia do que o é.

Porque ha de, pois, ser censurada com tanto rigor, quando brotam de seus labios melodias suaves e ternas que affluem instinctivamente, despretenciosamente ? Acaso é responsavel o rouxinol pelos seus gorgeios ?

A mulher poeta é um rouxinol sem azas, o rouxinol do jardim da vida. Ao poeta e á mulher confiou Deus o encargo de aformosear a existencia. A mulher e o poeta devem cumprir essa ideal missão. Gloria immortal ao poeta que canta a virtude ! Louvores á mulher que lhe incute fé para canta-la !

MARIA CONCEPCION G. FLAQUER.

A espada e a penna

Contam lendas antigas que uma espada
Que pertencera outr'ora a um brigadeiro
Quando o valentissimo guerreiro,
Contava a sua historia enthusiasmada.

Uma penna tambem glorificada
Pela historia do seu passado inteiro,
Levantou-se dizendo : é lisongeiro
O que penso de ti, oh ! cara espada :

No entanto não te invejo, eu te lamento
A gloriosa vida que tiveste
Quando os brios de um povo tu vingaste !

—Amo mais do que a força o sentimento !
Prefiro o bem que fiz, ao que fizeste —
Quando o solo da patria ensanguentaste !

MARIA CLARA VILHENHA DA CUNHA.

Notas a lapis

Laboremus.

AMAI-VOS, DISSE DEUS, CREANDO O MUNDO

Se o trabalho é quem governa o mundo, o amor é quem o inspira.

Arrancai do coração esse nobre e divino sentimento e vereis a lyra dos poetas sem inspiração, a mulher sem graça, o homem sem estimulo, a philosophia sem sciencia, e quasi que digo Deus sem a gloria de ter enobrecido a humanidade.

O amor da mulher por quem se chora, na phrase do poeta ; o amor da gloria ; o amor de mãe ; o amor de si e dos outros e sobretudo o de Deus é a fonte perenne de inspiração.

Elle produz Paulo e Virginia, nadando na ternura de nobre e candida affeição ; Magdalena, lavando erros em lagrimas ardentes de arrependimento ; Santa Thereza no doce misticismo de um paraizo sonhado pela alma santa de poeta ; Socrates, Platão, Alcebiades, Alexandre, Cezar, Napolão, Newton, Lincoln, Fulton, que accenderam a sua sciencia, ou o seu patriotismo, ou no amor da patria ou da gloria.

* * *

Mas o amor que na sociedade é o mais variavel, sendo santo e que mais malês ou beneficios faz á humanidade, é o conjugal.

Semelhante a um excellente nectar, elle se modifica, se altera e mata sinão reprime os impetos da alma, bem formada, mas mal impressionada.

Se a sympathia é a chave de ouro que abre os corações, a estima, a verdadeira estima, que nasce dos bons sentimentos, é o cimento que liga os caros esposos.

A affeição passageira, a leviandade de nossas idéas e fraqueza de sentimentos, póde fazer namorados de um dia ; não faz esposos felizes para a longa e pesada jornada da vida.

Para a vida domestica e de familia, é preciso que a mulher seja (*Smiles*) o genio que domine no lar, onde crêa uma atmosphera de serenidade e contentamento para o caracter do seu companheiro ; deve ser *suave*, *compassiva*, *paciente* e advinhar o balsamo para mitigar as tristes e escuras dores, que elle nem sempre lhe confia ; deve reanimal-o, consolal-o, nos revezes e fazer a sua alegria. E' a sua mais santa missão.

J. Herbert diz que a felicidade do lar nasce do juizo de marido e da

brandura da mulher; e é pelo regimen domestico que o coração do homem se fórma e regula bem.

Nelle governa a mulher *pelo amor, bondade e mansidão.*

***

Patrik que defende o encantado reino de que a mulher é soberana rainha, isto é o lar; que venera e consagra homenagem á verdadeira esposa, lembra, entretanto, que para sel-o não basta viverem juntos; comerem juntos, andarem juntos; não ha verdadeira esposa sem a mansidão, de coração, dedicação e funda estima pelo marido; estas não se turvam por pequenos ventos; aquella é um bordão forte para o tempo das provanças e o sol que doura os dias felizes da vida.

Não merece este nome aquella que não sabe fazer de sua casa um lugar de reposo para o marido.

Ella deve agradar *aos olhos e gosto deste.*

O descanço do cerebro e do espirito só se obtem por meio da doçura das affeições; a paz do coração vem dellas.

E' por isso que, em uma manifestação que o povo guerreiro da Allemanha fazia ao *chanceller de ferro*, homem, que na Europa é respeitado e temido pelos reis, *Bismarck*, respondendo-a, commovido, apresentou-lhe sua esposa e disse ás massas enthusiasmadas: *eis aqui a quem devo tudo que sou: ella reparte comigo os thesouros de sua cabeça e do seu coração.*

Felizes dos que podem dizer a mesma cousa com *Bismarck*, aliás, chanceller de um glorioso soldado, Guilherme I, imperador da poderosa Allemanha, que morrendo aos 90 annos, não gozou durante tão longa existencia da paz celeste que todos buscam no casamento.

Contraste desta vida, cujo enygma só conhece o Deus, que tudo levantou do nada.

***

Não basta que a esposa seja honesta, economica e deligente.

Estas são tres virtudes, que não se completam nella, si não enflora a existencia do marido com o doce perfume da candura, paciencia e brandura de coração.

A economia, deligencia e honestidade, sem isso, representam tres graças encarnadas em uma fortaleza, a cuja entrada montam guarda o coração duro, o orgulho ou a inflexibilidade de um genio irascivel.

Tres valentes inimigos.

Tres virtudes annulladas por um subtil veneno, que faz amargar a vida.

Felizes, pois, os que, de coração cheio, pódem parodiar *Bismarck*.

Para os que na dureza da vida encontram com um coração sensivel, honestidade e honradez e soffrem os revezes da sorte implacavel, resistindo com animo calmo e sobranceiro as injustiças e torpezas dos inimigos, a boa, a santa esposa é o anjo tutellar que abriga e fortalece debaixo de suas candidas e niveas azas o infeliz mortal, que lhe confiou inteiro o seu destino.

Felizes, tres vezes felizes, os que afogam nas brandas e doces aguas do amor as pesadas magoas, que enlutam sua alma.

Se é rico, na opinião de *Mariedi, aquelle que possue grande capital de desenganos e verdades, é rico e feliz* quem possue o thesouro de um anjo domestico, que com o encanto de suas virtudes levanta nos seus penates um paraiso para a pequena tribu de sua familia.

Feliz, tres vezes feliz.

Os infelizes que não gozam desse dom celeste e possuindo um coração bem formado, vêm este, depois de annos de dissabores murchar dia a dia e não sentem que daquelle sacrario volatisa-se o amor, como de vaso mal fechado escapa-se para sempre o perfume nelle contido.

A esses *Tantalos* do amor, accorrentados ao inferno do destino o doirado conselho de Casemiro de Abreu, nestes inspicados versos:

Amai-vos! disse Deus creando o mundo,
Amai-vos! disse Adão no paraiso!
Amor! murmura o mar em seus queixumes
Amor! repete a terra n'um sorriso!

Amemos! tudo vive e tudo canta...
Cantemos! seja a vida—hymnos e flores;
De azul se veste o céu... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

PATRIK.

NOVIDADES

Theatro S. José

Durante a semana:

Peças já vistas que o publico paulista acceitou pelas honras do seu merito, não pela novidade; excepção feita da *Guerra em tempo de paz*, que além de novidade mereceu os sinceros applausos que lhe dispensou a platéa.

Foi esta primorosa comedia representada duas vezes.

E os artistas, quantas vezes exhibidos?

Annuncia-se *Tricoche e Cacolet*. Fallaremos do successo.

—

Uma festa altamente commovedora se nos offereceu na quinta-feira 11.

O apreciado artista Heller achava-se livre do maior perigo de uma enfermidade que o acommettera a alguns dias

Todos os seus contractados, que lhe dedicam affeição, fizeram celebrar uma missa, na igreja de S. Pedro á qual, assistiram religiosamente, sendo o festejado emprezario recebido com flores e fogos artificiaes.

A orchestra do theatro tocou durante a missa.

A redacção desta folha, por meio do seu gerente, felicitou o convalescente.

RECEITAS DOMESTICAS

A agua dentrificia conhecida vulgarmente por *Agua de Botot* é assim preparada:

Herva doce verde 32 grammas, canella de Ceylão 8 grammas, cravo da India meia gramma, cochonilha 2 grammas.

Deve ser tudo bem moido em um gral e levado a macerar em 1.000 grammas de alcool de 40 gráos.

No fim de 15 dias de maceração filtra-se e ajuntem-se-lhe 2 grammas de hortelã pimenta.

COMO NOS TRATAM

«A Familia»

Recebemos o numero programma desta importante revista semanal que acaba de apparecer na capital do Imperio.

Redigida pela insigne escriptora D. Josephina Alvares de Azevedo e collaborada pelas melhores escriptoras fluminenses, *A Familia* offerece uma distracção para um bom quarto de hora. Traz lindas poesias e variados artigos.

Agradecendo a amavel visita, desejamos longa e prospera existencia.

Do *Treze de Maio*.

TYP. UNIÃO—S. PAULO.

ANNO I — S. Paulo, 20 de Abril de 1889. — NUM. 21

A FAMILIA

ASSIGNATURAS
CAPITAL
Anno. . . . . 12$000
Pagamento adiantado
Redacção: Typ. UNIÃO—Largo 7 de Setembro

JORNAL LITTERARIO
Dedicado á educação da mãe de familia
PROPRIEDADE DE
Josephina Alvares de Azevedo

ASSIGNATURAS
INTERIOR
Anno. . . . . 15$000
Pagamento adiantado
Typographia UNIÃO—Largo 7 de Setembro

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

VICTOR HUGO.

EXPEDIENTE

Reassumiu de novo a gerencia do jornal *A Familia*, o Sr. Francisco Dias de Barros, que por alguns dias esteve na Côrte.

A correspondencia desta folha deve ser dirigida para o Largo 7 de Setembro typographia UNIÃO.

A FAMILIA

S. Paulo, 20 de Abril de 1889.

Mães e mestras

CAPITULO XII

AVAREZA E PRODIGALIDADE

As crianças são inclinadas á avareza ou propensas á prodigalidade, não tem um meio termo entre esses dois extremos; comprehende-se que é por não terem a razão precisa para estabelecerem o equilibrio.

Cumpre pois, supprir esse calculo com prudente direcção.

A avareza na tenra idade tem mais connexão com o receio de sentir falta, de não ter quanto lhe baste para satisfazer a sua cubiça; é mais egoismo que amor ao dinheiro.

E cousa singular! N'aquelles cujos desejos são satisfeitos pela generosidade dos paes, a avareza se manifesta mais vezes do que nos pobres. Será talvez porque o soffrimento da necessidade e das privações predisponha o coração para sympatisar com os outros, ao mesmo tempo que o gozo embota os sentimentos da humanidade, faz nascer de continuo novos appetites e dirige a vontade para a possibilidade de saciai-os.

O exemplo da mutua beneficencia nas classes pouco ricas parece que confirma esta observação.

Partindo deste ponto, o melhor meio de combater a avareza será, a meu vêr, começar desde cedo a applicar a attenção dos meninos para a desgraça dos pobres, velhos, enfermos e orphãos; fazel-os sentir as dores de todos quantos elles conhecem, principalmente as dos seus inferiores; mostrar-lhes que a providencia não permittiu esta disigualdade na sorte dos homens senão para que estes se ajudassem uns aos outros e que os ricos não são os depositarios dos bens da terra, senão com a obrigação de acudirem a todos os infortunios.

Costuma-se deste modo ás crianças desviarem de si proprios o pensamento, para só o empregarem em praticar a caridade.

E' provavel que o egoismo que os dominava ceda pouco a pouco á influencia de emoções tão suaves e sensiveis.

Porque emquanto a alma está isenpta de paixões, n'ella tem facil entrada a piedade com todos os sentimentos generosos; as molas da natureza e da moral jogam facilmente, sem obstaculo: só se trata de as por em movimento; e se o não fizermos, avulta a avareza nesta alma, absorve-a e espera-a de tudo quanto é bom e elevado.

A avareza contribue mais do que pensavamos para a trapaça no jogo, onde se combina com a velhacaria e o roubo.

Quasi todas as crianças, ainda as melhores são inclinadas a trapacear.

E' de presumir que na mór parte destas, o fogo da acção as leve além da sua vontade.

Todavia é necessario observal-as para obstar a que este defeito progrida e sobrevenham serias consequencias.

Quando se observa uma bem entendida liberalidade, nota-se que ella communica aos que a exercem indubitavel caracter de grandeza e superioridade que attrae e fixa em volta delles affeições proprias para os consolar do desgosto de criar ingratos, o que é fonte e vida de muitos interesses.

A fortuna sem liberalidade é uma irrisão, um facto escandaloso e o poder é uma palavra vã; porquanto não devemos confundir essa disposição permanente para fazer bem com a ostentação da caridade mundana, capricho do luxo e necessidade passageira de uma emoção de beneficencia.

A liberalidade sendo o dote de algumas almas bem formadas, não pode implantar-se no coração se não fôr semeada pela mão de Deus.

Apezar disso a educação essa segunda natureza suppre em muitos sentidos o que nos fallece e póde desabrochar em nós o germen dessa virtude pela elevação do pensamento e bôa direcção dos nossos sentimentos.

Mas se nem todos podem exercer a liberalidade conforme desejam por causa da differença das posições sociaes e da fortuna, póde cada um ser generoso nos impulsos de sua alma, segundo os meios de que dispõe, pois é bem sabido o preço do obulo no Evangelho e muitas vezes succede ao pobre dar mais do que um obulo.

Pode, portanto a liberalidade manifertar-se de dois modos:— por donativos materiaes e por actos desinteressados de bom coração, taes como os de humanidade e de sacrificio.

Por consequencia, os meninos devem ser habituados, não só a fazer esmolas, como a repartir de boa vontade o seu superfluo com os camaradas, a offerecer as suas goludices e bonecos e a dar signaes de interesse a seus semelhantes a custa de suas privações reaes.

Brincava um dia o filho de um Lord com um camponiosinho de sua idade; vieram chamal-o para jantar. Disse o menino do campo ao fidalguinho:

—Vá que eu fico esperando.

—E tu não vais jantar tambem? perguntou o menino nobre.

—Hoje em nossa casa não ha nada que comer, respondeu a pobre criança.

—Pois então, vem comigo á casa de papae que te daremos de comer.

O pequeno camponio recusou discretamente.

Logo que chegou á casa perguntou o menino nobre:

—Papá, quanto custaram as fivellas de prata que me deu esta manhã?

Seis schellings, meu filho.

—Pois então papá, dê-me seis schellings que eu lhe restituirei as fivellas.

O pae conveio, e já sabe o destino que teve o dinheiro.

A generosidade d'alma ou o desinteresse de um coração nobre deve ser particularmente qualidade da mulher, a qual mais do que o homem parece fadada a trazer ao seio da familia uma vida cheia de abnegação e de sacrificios de toda a especie,

E' inconstestavelmente esta generosidade uma das primeiras virtudes que ella deve aprender.

Entre as innumeras occasiões de a praticar, notaremos o caso em que uma menina se visse forçada a denunciar as faltas de algum criado, irmão, irmã ou companheira.

Esta inclinação é tão odiosa, demonstra tanta baixeza, que á pouco todo o rigor para combatel-a.

Nos estabelecimentos publicos isto é tão abominavel que a alumna garrula acaba sempre attrahindo sobre si a animadversão de todas como acontece ao traidor em um exercito.

Regeitada por todas, ella se vê como um pariá, e é raro que os paes não a mudem de collegio obrigados pela necessidade.

Ao passo que a que sabe encobrir nas occasiões precisas as faltas das outras com generoso silencio, a que sabe sacrificar-se em uma empreza de travessura para poupar suas cumplices, essa é o idolo de suas companheiras porque é apregoada boa entre todas.

Quando a falta denunciada merece castigo, é bom modifical-o para melhor fazer sobresahir o descontentamento que inspira a tagarella e convém punir esta com a expressão do despreso.

Da generosidade para a prodigalide ha uma distancia que cumpre que se não despreze; tão nobre, estimavel e sensata é uma, como vil e despresivel a outra.

Deve-se observar os prodigos nas accões ordinarias de sua vida, para nelles reconhecermos invensivel egoismo em seus caprichos, louca imprevidencia do futuro, evidente desordem nas idéas, vaidade e ostentação ridiculas.

E como estas causas trazem forçosamente ruina, miseria e despreso, podemos por esse exemplo convencernos como a prodigalidade é contraria e funesta á razão, á virtude e á felicidade.

Mesmo *applicada* a boas obras, não pode a prodigalidade obter o fim a que se propõe, porque o sentimento de justiça gravado no coração dos homens lhes tólhe agradecerem *beneficios feitos com ostentação*.

O prodigo para satisfazer o seu gosto de dissipar recorre além disso a meios poucos licitos.

E' raro que em proporção do luxo e da riqueza que elle alardea aos olhos do mundo, a mesquinhez, a baixeza e a sordida avareza o não atormentem no interior e não lhe regulem as relações com seus servos, trabalhadores, e quantos delle dependam.

Por isso o publico o não poupa ao opprobrio e ao despreso; e quando elle se persuade que aturde as turbas, e senso commum destas sabe reduzir a nada suas vãs e absurdas pretenções

E' esse o fortissimo motivo que nos obriga a desviar a mocidade do tenebroso escolho da prodigalidade.

E' facil de conhecer esta disposição no menino pelo uso que elle faz do dinheiro que lhe dão. Se o discipar em cousas futeis, sem discernimento, só pelo gosto de o gastar, sem previdencia; se o não applicar si não *a si*, sem se lembrar nunca de fazer o mais futil presente ás pessoas que delle tratam, a seus paes e amigos, estes tristes indicios denunciam o prodigo tal qual o havemos pintado. E' obrigação da mãe ou da mestra combater esta funesta propensão.

Será facil restabelecer esses defeitos acostumando-se a alumna ás boas obras conforme dissemos ácima.

A bondade deve ser activa.

A pratica nesse caso vale mais do que todos os preceitos.

Só se trata de fazer a menina adquirir habitos bons, para que as impressões que ella recebe na infancia se lhe consolidem com os tenros orgãos como acontece com um cunho feito em branda e flexivel cêra.

O ensino complementar e profissional da mulher

II

«Dous são os grandes fins desta associação do sexo feminino para utilidade de si proprio. Primeiro o soccorro mutuo; as socias tem direito a facultativo, medicamentos e subsidio pecuniario nas doenças e na temporaria impossibilidade de trabalhar; a um subsidio pecuniario na impossibilidade de trabalhar por doença chronica, ou na velhice, e quando estiverem presas.

São tambem soccorridas, na doença, as pessoas de sua familia (do sexo feminino) que habitarem com ellas, maiores de cincoenta annos e menores de doze.

Quando alargar-se mais, a associação dá tambem para o asylo da mendicidade do Funchal a decima parte do seu rendimento annual.

Ainda é mais sympathico porém, o segundo fim a educação. Não ha felicitações sufficientes neste ponto, para o pensamento que preside ao instituto.

Entre os dous principios, o de ministrar ás filhas familias o ensino meramente primario, ou o de lhes ministrar o ensino *complementar e profissional*, preferio este ultimo (o complementar e profissional) e foi uma innovação providentissima que fez. Reparo causou a alguem o não ter a associação instituido escola elementar do ensino primario.

Infundado foi o reparo. A associação pensou—e pensou muito bem—que, havendo no conselho 40 escolas de instrucção primaria elementar, e nenhuma complementar nem profissional, seria preferivel e de maxima importancia fundar uma escola d'esta superior cathegoria Parabens lhe sejam pela preferencia.

E, ainda assim, nobremente ambiciosa de estender os seus beneficios ao ensino elementar, lançou nos estatutos a regra: «de subsidiar no conselho o ensino primario do sexo feminino, em harmonia com as circumstancias do cofre» Temos, pois, fundado pela associação funchalense o grande principio da educação *complementar e profissional*, para as filhas das associadas. E e que não nos soffre o animo demorar em referir, o que além de importante achamos gracioso, é nada menos do que o regenerador principio da instrucção *obrigatoria* que a sociedade impoz; no que deu, até um exemplo á organisação

official, que na lei consigna aquelle preceito, mas não por modo efficaz nem serio. Assim (e para este ponto pedimos festiva attenção) todas as socias são *obrigadas* a mandar ás escolas primarias as filhas menores, que estiverem debaixo de sua direcção de seis a nove annos de idade; e á escola profissional da associação, dos nove aos doze annos, sob pena de perderem pelo espaço de dous mezes todos os direitos de socias por cada mez que deixarem de cumprir esses preceitos. Não ha elogio sufficiente para este principio, grande, civilisador.

Alem das meninas, as proprias socias têm jus a frequentar as escolas da sociedade.

***

Conhecidas, como bases de ensino da associação funchalense, a instrucção complementar e profissional, vejamol-a agora, resumidamente, nos pontos principaes.

Na parte *complementar* do ensino primario, ministra a educação moral e religiosa. Não o faz com o pagamento usual das escolas portuguezas, mas trata de infiltrar successivamente nos corações os preceitos e conselhos por meio dos actos diversos da vida, e segundo a opportunidade das circumstancias. E' o systema intuitivo natural e progressista Neste proposito ha tambem conferencias, feitas pelos associadas ou por pessoas extranhas que para este fim se offerecem, sobre assumptos em harmonia com as idéas da instituição e tendentes a formar boas donas de casa, esposas e mães.

Igualmente está em organisação uma bibliotheca para auxilio do ensino complementar e do profissional. Os livros, por meio da leitura nos domicilios, levarão ao lar domestico, ao centro mesmo das classes populares os principios da educação e da instrucção.

Não podia esquecer ao pensamento harmonico a educação physica.

Sobre a doutrinação dos preceitos hygienicos, applicam-se ás alumnas exercicios gymnasticos, apropriados aos sexos e ás idades, completados com a recitação e canto coral.

E' um complexo de organisação que se recommenda por si proprio e que se ha de ir aperfeiçoando com os progressos da sciencia e os resultados da pratica.

Segue-se como ponto fundamental desta excellente instituição funchalense, o redemptor ensino profissional.

Está dividido o ensino profissional da escola em seis classes. Cursos praticos os poderemos appellidar.

1ª Classe :—Criar o bicho de seda, fazer trança e chapéus de palha, lavar, engommar, fiar, tecer, mysteres de cozinheira e de criada.

2ª Classe :—Cozer, marcar de agulha, pontear, remendar, fazer meia, crochet, redes, frioleira.

3ª Classe :—Dezenho linear com applicação ao ornato, ao bordado e ás flôres, bordar em branco, trabalhar por medida e fazer roupa branca, espartilhos.

4ª Classe :—Costura e mecanica.

5ª Classe :—Talhar por medida e fazer vestidos, mantelettes, capas, etc.

6ª Classe :—Fazer toucas, touca-los, enfeites, flôres, rendas, bordados não comprehendidos na 3ª classe, chapéus de tecido de seda ou lã, obras de cabello, etc.

As noções theoricas precedem ou acompanham a pratica por meio do material necessario.

III

Essa associação de protecção e instrucção do sexo feminino, cujo grandissimo exemplo bem desejariamos que se seguisse entre nós, é uma prova cabal do quanto póde o esforço da mulher.

«As mulheres nos Estados-Unidos, diz um escriptor notavel, fallando da instrucção no Chile; têm para isso trabalhado tanto como os homens.

«Quem nos déra que ellas aqui fizessem o mesmo!

«As mulheres podem muito quando desejam, tudo quanto querem.

«Si ellas desejassem, poucos ignorantes haveria; si ellas quizessem não haveria um só!»

Mas qualquer idéa civilisadora e de grande alcance para a humanidade, onde se apresente, precisa de uma unidade social para se desenvolver e realisar. Assim o tem pensado as nações cultas, que animadas por fervoroso patriotismo não descançam no louvavel empenho de augmentar as conquistas do progresso para a verdade do bem, auxiliando-se da collaboração efficaz da iniciativa industrial e do esforço collectivo incessantemente renovado de muitos.

Além de que um povo intelligente e instruido tem sempre recursos para tudo.

Entre nós, porém, collocando-se de parte as excepções, a educação moral e intellectual do sexo feminino ainda está por formar-se, é tristissimo o vasto estendal da nossa ignorancia, que nos tira a um tempo a firmeza do caracter, a independencia e a liberdade de acção, e por isso não sabemos encarar a vida pelo seu verdadeiro aspecto de seriedade e de justiça; e nem a nossa inhabilidade e incompetencia nos permittem qualquer trabalho seguido.

São acanhados os nossos pensamentos, não temos livre iniciativa, o que conjunctamente com a timidez da intelligencia nos reduz a vida a uma importancia real; sem attingirmos a plenitude da existencia, seremos os que os outros quizerem, bôas ou más segundo as circumstancias.

A' vista de um tal estado, onde buscar heroico remedio para tão profundo mal?

Como encontrar ecco, uma voz tão debil; tão humilde como a nossa?

Oh! quem nos déra que no conflicto da existencia das sociedades e dos individuos, vibrando as fibras mais intimas dos corações, conseguissemos accender a sagrada chamma do enthusiasmo, para a realisação de todas as idéas uteis da humanidade! Desse enthusiasmo que mesmo quando toca a raia do fanatismo é uma força motora util talvez indispensavel, segundo a phrase de Spencer.

A falta de educação profissional influe mais do que se suppõe nos costumes e na propriedade do paiz. Assim, todas que sentirem esse enthusiasmo santo que se chama amor da patria que é o mais seguro fiador da independencia e civilisação, em vez de perderem a coragem, em vez de cruzarem os braços inativas e indifferentes aos triumphos do mal, tornando se pela inercia semelhantes ao penhasco hirto de puas, devem trazer cada uma o seu contingente, pequeno, embora, mas fecundo, para que pondo-se em pratica o salutar principio de associação, possamos combater com vantagem a ignorancia que nos quebranta e esterilisa.

Não nos esqueçamos tambem das palavras de um grande pensador, quando diz com toda a justiça:

«Si a christandade está hoje tão decahida, é por não se ter importado com a infancia; é por esta que se deve recomeçar.»

E por isso, como um dever sagrado contribuamos com toda a nossa energia, com toda a nossa abnegação, com todo o amor do nosso coração para guiarmos com mais carinho a nova geração á conquista dos seus li-

songeiros destinos, pois que os esforços efficazes convenientemente empregados, serão sufficientes estimulos para avivar os indifferentes e para convencer os abstinados e hostis á marcha triumphante do progresso. Só assim cada uma de nós se habilita para preencher dignamente o seu destino, quer na familia, quer na sociedade, tendo ante si a perspectiva do futuro a que lhe derem direito, o seu talento, os seus estudos e o seu amor ao trabalho.

Taubaté, 14 de Abril de 89.

ANALIA FRANCO.

A mulher é uma força activa na sociedade

Il y a dans l'âme une force qui, la portant hors d'elle même vers l'ideal, en la l'unica.

BERNARDIN DE ST. PIERRE.

Hoje, que a instrucção principia a espalhar-se mais geralmente; que se fazem estudos mais profundos; que o espirito, este agente livre, occupa-se tanto da sciencia, do movimento e das forças que o produzem, o homem ainda, devido á razões que não se explicam, descuida de uma força que elle tem sob a sua mão—esta força é a mulher.

Se na linguagem da mecanica definimos «a força» a causa que determina o movimento ou as suas modificações, podemos dizer que a mulher é o agente que impelle a uma geração os movimentos ou tendencias para bem ou para o mal. Debaixo da acção continua de sua mãe a criança segue naturalmente a direcção que esta lhe traça ou impõe, e necessariamente o filho move-se na direcção da força unica á qual elle está submettido.

Quando eu digo: o corpo submettido á uma força unica move-se na direcção desta força, não pretendo negar a acção do pai nem excluil-o ou dispensal-o do dever de cuidar da educação de seus filhos, não; mas sim, mencionar este facto quasi geral que, ao pai incumbindo a tarefa de subministrar ás necessidades da familia, não lhe é possivel, muitas vezes, por causa de ausencia forçada ou outras razões, ter constantemente seus filhos debaixo de seus olhos; portanto é sobre a mãe que recahe este dever.

Consequentemente é ella que dirige, que implanta, imprime as primeiras impressões, os primeiros sentimentos no coração dos filhos

Queremos que esta acção que ella opéra sobre as jovens creaturas seja proveitosa, util á humanidade? Devemos trabalhar para que o espirito da mulher seja esclarecido; para que sua intelligencia seja cultivada, afim de que ella saiba distinguir o bem do mal, o falso do justo, a verdade da mentira e da superstição; afim que ella esteja capaz de formar o caracter de seus filhos volvendo, encaminhando os seus pensamentos para o bello, o bom e o real; é necessario emfim dar á mulher *o pão da vida que é a instrucção baseada sobre o fundamento de uma moral sã*. Com esta arma que vence sem espalhar sangue, que conquista sem devastar ou assolar, a mulher torna-se forte, e é então que se pode dizer com Legouvé:

«O femmes! c'est a tort qu'on vous nomme timides
A' la voix de vous cœur vous êtes intrépides.»

. . . . . .

—Se a intensidade de uma força se aprecia comparando ou referindo-a á uma outra força de igual natureza tomada por unidade pode-se facilmente avaliar a superioridade da mulher educada (no verdadeiro sentido) sobre a ignorante, considerando o que pode, em uma casa, a prudencia da mulher, para sustental-a, para nella fazer nascer ou manter o confortavel, o bem estar, para no lar fazer reinar apaz, a harmonia, a união.

Justo é pois, chamar força motriz ou motora (se eu assim posso me exprimir) a mulher instruida, aquella que actua no sentido do movimento ou adiantamento, contribuindo total ou parcialmente na acceleração ou producção deste movimento, e força de resistencia ou ignorante aquella que actua do sentido contrario; isto, é diminuindo ou *extinguindo* o movimento ou progresso.

Instruindo a mulher, o homem acha nella não somente uma companheira, mais ainda um auxilio; não unicamente uma ama para seus filhos, mas sim, uma verdadeira mãe capaz, no caso da morte do chefe de defender os interesses da familia e os bens dos orphãos. Da cultura do espirito da mulher resultará que, entre as suas idéas e as do marido haverá afinidade e desta combinação ou união dos espiritos, surgirá a força; a força resultante de dois agentes ou componentes que não neutralisarão seus esforços, mas sim accelerarão o movimento, a marcha do progresso.

Piracicaba, Abril—1889.

Mlle. RENNOTTE.

D MARIA AMALIA DE MATTOS

Mais uma vez a terra abriu-se para acolher em seu seio uma vida preciosa, esquecendo-se na sua voracidade, das lagrimas de saudade que fazia derramar!

Foi esta vida a da exma. sra. D. Maria Amalia de Mattos, esposa do actor Mattos, tão conhecido e estimado do nosso publico.

Depois de atroz soffrimento, durante longos mezes, partiu para a patria dos justos, deixando desolados neste mundo o seu caro esposo e todas aquellas pessoas que tiveram a ventura de conhecel-a: esse modelo de bondade e de virtudes.

A lucta travada pela sciencia nada conseguiu para a conservação de tão preciosa existencia e no dia 13 do corrente, houve o Creador em sua omnipotente vontade, chamal-a a si.

E o que resta hoje dessa querida senhora?

Uma pouca de terra ainda palpitante de jubilo pela victima que tragára e a pungente saudade nos corações de todos que a estimavam.

Juntamos tambem a sincera expressão do nosso sentimento e derramamos uma lagrima sobre o tumulo que encerra um ente tão querido.

No fim da columna

II

Vemos d'aqui descontentes
A nossa amavel leitora,
Mas não culpe a redactora,
Culpe ao vadio gerente:

Quiz deitar vadiação,
Sahir a pintar a manta
Durante a semana santa,
Até á ressurreição.

Não foi só elle, a flanar:
Tambem os compositores,
Largaram componidores
Para conctrictos rezar!

Por tal desculpa que peço,
Se sae menor o jornal,
Bem se vê, não é por mal,
Vossa bondade mereço.

ZEFA.

TYP. UNIÃO—S. PAULO